VAGA, LEMBRANÇA

(Memórias não ortodoxas...)

Flavio A de Andrade Goulart

Brasília, 2020

Para Sophia e Flavinho
e também para Francisco, Martim e Gonçalo,
que me mostraram
que escrever sobre a vida só faz sentido
quando a vida, ela mesma,
passa a ter sentido.

INDICE

TÍTULO		PAG
PROLOGO		5
(I) GENESIS		
1.	FAMÍLIA	10
2.	MAIS FAMÍLIA	11
3.	UM MOÇO-DE-FORA EM ITABIRA	14
4.	ANOS 50	18
5.	UMA CASA	31
6.	UM ANJO LOURO	35
7.	CHEIRO DE TANGERINAS	37
8.	ÉRAMOS CINCO	38
9.	MINHA CIDADE	39
10.	O COLÉGIO DA ELITE MINEIRA (E MEU TAMBÉM)	40
11.	FAZENDA DAS AREIAS	41
12.	NÓS QUE AMÁVAMOS A REVOLUÇÃO	43
13.	MEU CLUBE DA ESQUINA	44
14.	UMA ESCOLA QUE ME ABRIU A CUCA	46
15.	EU FUI BOY	47
16.	ANOS DE CHUMBO	49
17.	*AMARCORD* DE SABORES	51
18.	MINHA INICIAÇÃO ESPIRITUAL	53
19.	MINHA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA	56
20.	FALTOU CUMPRIR-SE O JORNALISTA	60
(II) NOVICIADO		
1.	LIÇÃO DE ANATOMIA	64
2.	UM RONDON ÀS ESQUERDAS	67
3.	UM ENORME PASSO PARA A HUMANIDADE	68
4.	VALDEMAR, O BARBEIRO	70
5.	NEM TUDO SÃO FLORES NA VIDA DE UM NOVIÇO	71
6.	HOSPITAL AMÉLIA LINS: MINHA SEGUNDA ESCOLA	72
7.	EU CONFESSO: FUI PROFESSOR AOS 21 ANOS	73
8.	UMA VIRADA DO DESTINO	74
9.	MÉDICO E DIABÉTICO: UM DEPOIMENTO	75
10.	E A MEDICINA, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?	76
11.	APONTAMENTOS PARA UMA SOCIOLOGIA DA VIDA ESTUDANTIL DOS ANOS 60	78
12.	O CASO MACRINO	80
13.	AS SETE VIDAS DE SEU JOAQUIM	82
14.	INCOMPATIBILIDADE DE GÊNIOS	83
(III) VITA ACTIVA		
1.	COMEÇANDO	89
2.	NA CALIFÓRNIA BRASILEIRA	90
3.	TRAÇADO	94
4.	NÓS JÁ RESOLVEMOS TUDO, DOUTOR	96
5.	A GENTE ÀS VEZES SE ESQUECE DO NARIZ...	97
6.	QUEM? EU?	99
7.	UM KAMA-SUTRA PECULIAR	100
8.	MEMÓRIAS DE UM PRONTO-SOCORRISTA	102
9.	BREAKING BAD NEWS	107
10.	DOIS PACIENTES QUERIDOS E UMA VACA	109
11.	PELOS GERAIS DO TRIÂNGULO	112
12.	UM VISITANTE ILUSTRE EM UBERLÂNDIA	115
13.	DA MALDADE HUMANA	116
14.	EU, QUASE POLÍTICO	117
15.	A CURA DA DOENÇA DE CHAGAS	119
16.	COMO DEIXAR DE SER HOMENAGEADO PELOS ALUNOS	120
17.	CENAS DA VIDA DE PROFESSOR	123
18.	MINHA CHEGADA À UNB	126
19.	FEITIÇO X FEITICEIRO	128

20. BACK TO BERLÂNDIA	130
21. CARGO PÚBLICO NUNCA MAIS	134
22. SOB AS LUZES DA RIBALTA	132
23. BOAS VINDAS	137
(IV) MAR ABERTO	
1. DE COMO EU VIREI A CASACA: CLÍNICO, SANITARISTA, GESTOR, (QUASE) POLÍTICO	142
2. OITAVA	144
3. A IMORREDOURA INSTITUIÇÃO	146
4. MALES QUE VÊM PARA O BEM	149
5. DE COMO EU VIREI DOUTOR DE VERDADE	150
6. TANAJURAS NO VERÃO	152
7. ALGUM MÉDICO A BORDO?	158
8. DE COMO PRODUZIR UM ÓTIMO RELATÓRIO	160
9. ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA	161
10. PREFEITURAS...	163
(V) PERSONAE	
1. O DIREITO DE SER DIFERENTE	170
2. O JOVEM QUE CONHECIA ET's	172
3. ISSO NÃO SERIA LEPRA?	174
4. TER SAÚDE É TER PROJETOS	176
5. BONS ALUNOS	177
6. O MORTO QUE ESTAVA VIVO	180
7. COLEGAS	181
8. ENCONTROS COM PROFESSORES NOTÁVEIS	183
9. UM ENCONTRO MUITO ESPECIAL	187
10. GENTE DA SAÚDE PÚBLICA	188
11. PEQUENOS GRANDES HOMENS	192
12. MAIS GENTE NOTÁVEL	198
13. MEUS TIOS	199
14. AMIGOS PELA VIDA	213
15. ELAS	233
16. FILHOS MEUS	242
(VI) TORRE DE VIGIA	
(A) PANORAMA VISTO DA TORRE	255
1. GAUCHE NA VIDA	255
2. IDEIAS BIZARRAS	255
3. CINQUENTA ANOS EM CINCO MINUTOS	262
4. E A MEDICINA: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?	264
(B) E A GENTE ACHOU QUE ESTAVA CHEGANDO LÁ...	266
1. A SENHORA VANA E SEU AMIGO MIGUEL	266
2. A SERPENTE E SEU OVO	267
3. TEMPOS PROBLEMÁTICOS E FEBRÍS	268
4. POLITICA E POLÍTICOS: O TRIUNFO DE JERÔNIMO FOGUETEIRO	270
5. MEU VOTO NO PT	272
6. PERPLEXIDAES E INCERTEZAS	274
7. IDEOLOGIA: EU QUERO UMA PRA VIVER	277
8. POESIA? NUMA HORA DESSAS?	280
9. MUNDO QUE NÃO MUDA, SÓ VAI FICANDO PIORZINHO...	286
10. TEMPOS PARTIDOS	288
(C) O SUS E EU	295
1. MEU QUERIDO SUS	*295*
2. DE COMO POR QUE COMO CHEGUEI AO SUS	295
3. ABAIXO (TODA) A UNANIMIDADE	300
4. O SUS: ENTRE O SONHADO, O REAL E O POSSÍVEL	303
5. UM DECÁLOGO DE APOSTASIAS SOBRE O SUS	305
(D) VIAJANDO	307
1. VIAJAR É BOM?	307
2. ENTRE A ESPADA E A CRUZ	308
3. DO PLANALTO CENTRAL AO RIO SÃO FRANCISCO	314
4. OUTRAS (POUCAS E BOAS) JORNADAS	320

5. PELO SERTÃO	323
6. VIAGENS AO BRASIL-REAL	324
7. DE VOLTA A PORTUGAL	326
8. VOYAGE AU CANADA	329
9. NA VELHA INGLATERRA	334
10. CONHECENDO O MAR	338
11. APENAS UMA FOTOGRAFIA NA PAREDE	339
12. ME IN USA	340
13. O DIA EM QUE CONHECI BRASÍLIA	343
14. UM GAROTO FORA DA PROVINCIA	344
15. PEQUENA HISTÓRIA CUBANA	346
(E) EPÍLOGO: É O FIM DA HISTÓRIA?	348

PRÓLOGO: CASUÍSTICA E "*CAUSUÍSTICA*"

"Casuística" é palavra muito apreciada pelos médicos. Quando querem demonstrar sabedoria e, principalmente, exibir uma trajetória profissional marcada pela experiência, inflam o peito e logo proferem uma frase manjada: *pois na minha casuística...*

Não nos deixemos enganar, vamos logo ao dicionário. Mestre Houaiss, por exemplo, sentencia que este é um termo que tem suas aplicações principais nos campos da ética, da religião e da teologia, o que nos faz suspeitar que talvez os doutores estejam usando a tal palavra sem as devidas licenças. Assim, se vê a seguinte definição para sua acepção principal: "exame minucioso de casos particulares e cotidianos em que se apresentam dilemas morais, nascidos da contraposição entre regras e leis universais prescritas por doutrinas filosóficas ou religiosas, e as inúmeras circunstâncias concretas que cercam a aplicação prática destes princípios. É termo comum a culturas e circunstâncias históricas heterogêneas, manifesta-se na filosofia estóica e confuciana, no talmudismo hebraico, nos comentários do Corão, na filosofia escolástica, na teologia católica".

Mas vemos também que o termo se oferece a outros significados. Por exemplo, por extensão de sentido, em Pascal e nos chamados jansenistas, refere-se a "reflexão moral oportunista e enganosa por abdicar dos princípios fundamentais da moralidade cristã em função de circunstâncias empíricas e cotidianas", crítica esta voltada em especial contra o domínio dos Jesuítas, de influências muito secularizadas na ocasião. Pode ser também "argumentação que utiliza a simulação para justificar ou legitimar qualquer ato ou circunstância"; ou ainda "discussão e análise de problemas filosóficos, morais ou sociais por meio de sutilezas especiosas e artifícios sofísticos". No Direito, pode ser a "aceitação passiva e acrítica de solução anteriormente dada para um caso jurídico semelhante ao que se busca atualmente analisar, em detrimento de uma análise acurada do texto legal", o mesmo que "jurisprudência", talvez.

Finalmente, na Medicina, embora seja considerado um regionalismo brasileiro, representa o registro pormenorizado de casos clínicos das doenças. Ponto.

Minha implicância com a tal "casuística" médica vem de longa data. Aprofundou-se ainda mais depois que aprendi certas noções de estatística e lógica, que me informaram que as possibilidades de generalizações a partir de dados isolados ou não controlados formalmente podem ser fonte de enganos, muito, muito mais do que de certezas.

Passo a duas histórias ilustrativas.

Quando fui trabalhar na Faculdade de Medicina de Uberlândia, em 1975, fiz como a maioria dos médicos, lá e em toda parte, na ocasião e ainda agora: arranjei um segundo emprego. Nada irregular nem indigno, embora na faculdade eu tivesse um contrato de "tempo integral", mas não de dedicação exclusiva. Mas com aquele salário, eu, que já era pai, não conseguiria sobreviver. E isso valia para os demias colegas, também. Assim, fui trabalhar como supervisor da rede de serviços da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, lotado no recém-criado Centro (depois Diretoria) Regional de Saúde do Triangulo Mineiro (depois só de Uberlândia e região).

Na referida repartição, uma das minhas tarefas iniciais foi organizar a coleta de informações sobre as doenças de notificação obrigatória legal na cidade. Aliás, ninguém havia feito isso antes.

De posse dos primeiros dados, ainda muito precários e seguramente sub-notificados e pouco valorizados pelos médicos em geral, organizei-os em gráficos e tabelas e fui mostrá-los a seletas platéias de homens de branco. Estes, de maneira geral, me cumprimentavam e elogiavam, porém sem deixarem de me olhar como se eu fosse um marciano recém ingressado na atmosfera terrestre. Na ocasião, cheguei a ouvir alguns dizerem que aqueles casos de difteria expostos em meu material não deveriam ser verdadeiros, pois "a casuística" de alguém indicava que tal doença nunca tinha grassado em Uberlândia.

Tive que me calar, porque os dados eram pouco confiáveis mesmo, pelo menos naquele momento, mas a palavrinha me fazia cócegas... O mínimo que eu desejava era perguntar: como é que o digno colega organizava a tal "casuística' e que comparação ele poderia fazer com aquela dos demais pares na profissão? Mas deixei passar.

Mais adiante, houve mudanças no esquema nacional de imunizações, já não me lembro se acrescentando ou retirando vacinas tradicionais, ou alterando o número de doses. Desta vez, além de reuniões, fui procurar diretamente alguns dos principais pediatras da cidade em seus consultórios. Hoje eles se contam às centenas, mas naquele tempo, meados dos anos setenta, talvez fossem apenas pouco mais de duas dúzias. De modo geral, eu era bem recebido e ouvido atentamente, todos demonstrando real interesse na novidade que eu trazia.

Até que um dia a palavra surgiu de novo. Eu falava com outro docente da Faculdade de Medicina, um sujeito formado em Ribeirão Preto. A referência a tal cidade não é preconceituosa, mas o fato é que todos sabíamos, em Uberlândia, que a "turma de Ribeirão", formada por egressos da famosa escola de medicina da USP lá existente, era, para dizer tudo em uma única palavra, um tanto arrogante. Foi aí que o tal sujeito me sapecou esta pérola: *minha casuística revela que estas mudanças no calendário de vacinas são desnecessárias.*

Foi assim que fiquei irremediavelmente implicado com tal palavra.

Então, resumindo. O que vocês lerão agora – atenção! – não é, definitivamente, uma "casuística", em qualquer das conotações que tal termo possui, mesmo aquela vulgarizada pelos médicos. Por isso – e para fazer um trocadilho que espero não seja considerado infame – é que resolvi considerar a presente série de escritos com o neologismo de "*causuística*", porque o que apresento aqui são apenas vivências, reflexões, impressões ou, se quiserem, *causos*, que a vida me mostrou, com a dor e a beleza com que a criança, o estudante, o médico, o sanitarista, o gestor, ou o homem que observa o mundo simplesmente, foram obrigados a conviver.

Vamos combinar: esta não é uma obra de ficção, embora às vezes tenha tido a tentação de que assim fosse. Algumas das histórias que conto – todas verdadeiras, diga-se de passagem – terminam às vezes explicitamente com uma "moral da história". Mas isso não se aplica a todas as narrativas. Em algumas delas, confesso, não sei até hoje se possuem alguma "moral" ou até mesmo algum sentido ou explicação. Mas como estou bem acompanhado por você, gentil leitor, lhe convido o refletir e tentar descobrir algo sobre isso, reunindo clarividência e alguma distância crítica que me escapam.

Em suma não disponho de casuística, no sentido que os médicos dão ao termo, ou seja, aquele "registro pormenorizado de casos clínicos das doenças". Mas em compensação pude colecionar muitas histórias – os tais *causos* – em minha vida, nos vários caminhos que percorri, com maior foco naqueles momentos em que lidei com gente individualmente e deitada em camas de hospital ou em salas de ambulatório, em "colóquio singular" comigo, ou nas salas de aula que tive que enfrentar, frente a alunos variavelmente atentos ou ausentes em espírito,mas também

nas várias frentes e instituições ligadas à saúde pública em que militei, onde as pessoas se contam aos milhares ou milhões e cabe, principalmente, evitar que se deitem ou se desgastem por motivo de doença.

E encerrarei, em seção que intitulei *Torre de Vigia*, com reflexões que a idade e a experiência me permitiram expor, talvez com alguma falta de pudor também.

Boa leitura. Abraços a todos. Obrigado pela generosidade de me lerem!

(I) GENESIS

FAMÍLIA
MAIS FAMÍLIA
UM MOÇO-DE-FORA EM ITABIRA
ANOS 50
UMA CASA
UM ANJO LOURO
CHEIRO DE TANGERINA
ÉRAMOS CINCO
MINHA CIDADE
. **O COLÉGIO DA ELITE MINEIRA (E MEU TAMBÉM)**
. **A FAZENDA DAS AREIAS**
. **NÓS QUE AMÁVAMOS A REVOLUÇÃO**
. **MEU CLUBE DA ESQUINA**
. **UMA ESCOLA QUE ME ABRIU A CUCA**
. **EU FUI BOY**
. **ANOS DE CHUMBO**
. ***AMARCORD* DE SABORES**
. **MINHA INICIAÇÃO ESPIRITUAL**
. **MINHA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA**
. **FALTOU CUMPRIR-SE O JORNALISTA**

Nasci em Itabira, e pelo menos por um ano vivi nesta cidade. Na infância e na adolescência estive por lá algumas vezes, em férias inesquecíveis, sempre tentando me fazer parte do famoso poema de Drummond, aquel que fala em um "retrato na parede". Logo vi, porém, que eu não era tão ferreamente triste ou orgulhoso, embora aquelas noites brancas e frias de minhas férias de julho combinassem bem com meus hormônios nascentes e me trouxessem boas sensações, por exemplo, que havia garotas interessantes naquele corredor de footing que corre entre a Praça de Batistinha e o Clube Atlético Itabirano. Com uma tosca câmera "120", presente de minha tia Darcy, documentei alguns daqueles casarões com a paisagem escavada ao fundo e orgulhosamente coloquei a fotografia em meu quarto, com a devida menção ao poema de CDA: "mas como dói". Mas em verdade nem doía nada, era puro gênero... Belzonte, esta sim, é a minha verdadeira aldeia. E eu a palmilhei por inteiro, do Prado à Lagoinha; do Calafate ao Carlos Prates; da Barroca ao Sion; da Nova Suíça a Serra, passando pela rua Guaicurus e pelo Mercado Central. Ali cresci, brinquei, descobri, sofri, namorei, festei, conheci, além de ter praticado outros verbos com os quais se compõe a condição humana. Duas alegrias me traz hoje esta cidade: a de partir e a de ir embora. Mas o que ali vivi foi um genesis perfeito para ser quem eu sou, como todos os meus defeitos e talvez algumas qualidades. Nada mais, nada menos.

FAMÍLIA

É um velho livro, este *Horas Sephicas do Officio de N. Senhora Rainha dos Anjos Maria Santíssima*, encapado em couro e com as páginas amareladas pela ação do tempo. Por si só, é uma curiosidade rara, tirado que foi em uma *quarta impressão mais acrescentada*, em Lisboa, na Oficina de certo Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Ofício, no ano de 1764.

Mais do que seu valor de relíquia, de história certamente acidentada, com as *licenças necessarias do Santo Offício*, como consta de seu frontispício, o que me toca mais no pequeno breviário é a humilde crônica da vida de uma família do interior de Minas, contada em sua contra-capa, a lápis e pena de ganso, com a tinta frequentemente esmaecida pela ação do tempo ou, quem sabe, de algumas lágrimas. Vejamos algumas passagens.

«Cazei-me com a Sra. Theresa Maria de Jesus Paixão aos 30 de julho de 1859».

«Aos 16 dias do mez de junho do anno de 1860 nasceu meu filho Florindo, que foi baptizado aos 26 do mesmo mez. Forão padrinhos Antonio Teixeira da Paixão e Theresa Maria de Jesus. O sacramento foi ministrado pelo Vigário Ignácio J. Nogueira».

«Aos 13 de julho de 1861 falleceo meu sogro faltando 4 dias para completar 82 annos, sendo sepultado no dia 14».

«*Aos 7 de dezembro de 1861 nasceo meu filho Antonio, que foi baptizado aos 15 de janeiro de 1862 pelo Vigário Ignácio Joaquim Nogueira.*

«*Das 2 as 3 da madrugada de 9 de abril de 1863 tremeo a terra».*

«*A meia noite do dia 16 para 17 de fevereiro de 1864 nasceo meu filho João, foi baptizado aos 19 do mesmo pelo Vigário Ignácio. Aos 18 de abril de 1866 nasceo meu filho Galdino e foi baptizado aos 16 de junho do mesmo anno pelo Vigário Ignácio.*

«*Aos 10 de maio de 1868 nasceo minha filha Pascoa e foi baptizada pelo Pe. Ignácio aos 9 de junho do mesmo. Na quarta feira 19 de maio falleceo minha mãe deixando 5 filhos».*

«*Em 17 de agosto de 1878 nasceu minha filha Theresa e foi baptizada aos 6 de outubro do mesmo ano pelo Vigário Cônego João Alves Coelho.*

«*Aos 26 de abril de 1873 falleceo meu filho João a 11 e ½ horas da manhã e como foi de bexigas enterrou-se as 2 da tarde do mesmo dia, tendo de idade 9 annos, 8 mezes e 10 dias».*

«*Em 18 de janeiro de 1874 falleceo meu irmão João na Cidade de Ouro Preto e foi sepultado em S. Francisco de Paula a 19 do mesmo mez».*

«*O Benjamim foi para o Collegio de Congonhas do Campo a 14 de junho de 1890».*

Não é pouca coisa: trinta anos de vida, morte, sustos, partidas, celebrações e tudo mais que faz da condição humana este caldo fascinante de dor, alegria e mistério.

MAIS FAMÍLIA

O livro de orações referido na história acima me foi dado de presente pela minha avó materna, Dodora, ainda em vida. É realmente uma relíquia de família que, pelo que fiquei sabendo muitos anos depois, por minha mãe, continuava reivindicado por primas distantes dela. Mas minha avó era legítima proprietária ou, pelo menos, guardiã dele, condição que se estendeu à minha pessoa. Sendo assim, não devo nada a ninguém...

Aquela Theresa, nascida em agosto de 1878, era minha bisavó, mãe de Dodora e com ela convivi, de perto, até 1965, quando ela faleceu. De repente me dou conta de que, ter convivido tão proximamente com alguém que nasceu antes da libertação dos escravos, da Proclamação da República, do advento do automóvel e da luz elétrica, isso me torna, de certa forma, embora indiretamente, também uma testemunha da história.

Não tenho muitos detalhes sobre a vida de Theresa, conhecida entre as crianças da família como *Vodinha*, mas o que sei já faz dela uma personagem notável. Casou-se com um filho de portugueses, Marcos de Oliveira Santos, advogado que concluiu seu curso de direito em Ouro Preto, já pai de três ou quatro filhos e foi ser promotor no Sul de Minas, mais exatamente em Varginha. O nome dos pimpolhos era um primor de latinismo e cultura: Ennius, Publio e Duilio, além das duas moças, de nome mais cristão: Ligia e Maria Auxiliadora.

Em Varginha, pouco tempo depois de instalado, Marcus adoeceu gravemente, com uma provável lesão valvular cardíaca. Um médico foi preciso no prognóstico: *senhora, seu marido viverá por no máximo seis meses*. E assim aconteceu. Theresa fez a trouxa e carregou os cinco filhos para Belo Horizonte, onde já viviam algumas pessoas de sua família, inclusive aquele Galdino citado nos relatos do livrinho, que lá já tinha se estabelecido como farmacêutico. Para ganhar a vida, abriu pensão e passou a fabricar petiscos para festas. Suas empadas de *massa podre* ficaram famosas. A vida de quituteira não lhe trouxe fortuna, mas sim algo mais essencial: boas amizades. Minha avó foi estudar interna no tradicional Colégio Santa Maria, que ainda existe no bairro da Floresta, e ali, para ficar dispensada de pagamento dos estudos, ajudava as freiras a tomar conta das demais internas, tendo que se submeter, ainda, a trabalhos pouco adequados, em termos de responsabilidade e peso, à criança que ela ainda era.

Na pensão de dona Theresa apareceu um dia um jovem advogado, iniciando sua carreira na Capital. Este veio a ser meu avô, que se enamorou de Dodora, logo a pediu em casamento e, uma vez casado, rumou para sua terra, Itabira, onde certamente ganhar o pão de cada dia era mais fácil. Vieram daí onze filhos, sendo minha mãe, Favita, a quarta entre eles.

Um dia escrevi sobre meu avô Altivo o seguinte.

<<Do irmão se fala muito, até hoje, mais de 20 anos depois de sua morte. Ele, CDA, por sua vez falou pouco sobre Altivo, mas o bastante para reconhecê-lo como sua grande influência na carreira das letras. Eis sua apresentação na voz do próprio Poeta, conforme se vê em "A Mesa": *Este outro aqui é doutor, / o bacharel da família, / mas suas letras mais doutas, / são as escritas no sangue, / ou sobre a casca das árvores. / Sabe o nome da florzinha / e não esquece o da fruta / mais rara que se prepara / num casamento genético. / Mora nele a nostalgia, / citadino, do ar agreste, / e, camponês, do letrado. / Então vira patriarca*.

Nestas linhas quero trazer aos leitores algumas informações sobre tal personagem, ao mesmo tempo agreste, citadino, bacharel e camponês: Altivo Drummond de Andrade, meu avô, que

apesar de ser nome de rua em Itabira, continua a ser, meio século depois de sua morte, o que se costuma chamar de “ilustre desconhecido” – não só em Itabira, aliás.

Altivo nasceu em Itabira aos 19 de novembro de 1895, filho de Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Teixeira Drummond, de tradicionais famílias locais. Fez seus estudos iniciais na terra natal e em Ferros, cidade cujo nome por si só indica proximidade e identidade com Itabira. O pai, pouco estudado, mas muito bem-sucedido na vida e nos negócios, queria os filhos doutores. E lá se foi o jovem Altivo estudar medicina na capital. Sentiu-se mal nas primeiras aulas de anatomia e, com a devida licença do pai, mudou-se para o curso de direito, formando-se em 1918, no Rio de Janeiro. De volta a Minas, casou-se com Dodora, que foi sua companheira até a morte. Do casamento nasceram nada menos do que onze filhos.

Em Itabira, sua vida se dividiu entre a advocacia, o magistério, a política e aquilo que seria sua maior paixão: o trato com as plantas, os bichos e a natureza. Herdou do pai, juntamente com o irmão Carlos, a Fazenda do Pontal, ou dos Doze Vinténs, hoje monumento em Itabira, embora fora de sua locação original. Assumiu sua administração na década de 40 e fez com que a antiga propriedade se transformasse em verdadeira fazenda-modelo, repleta de fruteiras raras, com suas terras sabiamente aproveitadas e seu notável casarão sempre muito bem conservado. Sem dúvida, Altivo deixou marcas em Itabira, fundador que foi, junto com outros ilustres conterrâneos, do antigo Ginásio Sul Americano e também da Associação Comercial.

Na década de 30 havia se mudado com a família para Belo Horizonte, para possibilitar maiores oportunidades para os filhos adolescentes. Assumiu, então, o posto de redator no jornal Diário de Minas, que lhe fora oferecido pelo irmão escritor, então de mudança para o Rio. O ímã da política, da terra e das amizades, entretanto, logo o atrairia de volta a Itabira, para onde retorna em 1938. Contam que, por este tempo, ao discursar numa cerimônia de recepção ao ditador Getúlio Vargas, que fora a Itabira lançar a pedra fundamental da Vale, fez um discurso elegante, mas no qual não deixou de cobrar a redemocratização do país. Altivo, com seu perfil intelectual e militante, era amigo pessoal de Milton Campos e de outros líderes que viriam a constituir a antiga UDN, comungando com eles ideais de elitização e moralização da política, junto com a modernização e o anseio de progresso material para o Brasil.

Com mais alguns anos na terra natal, já com a família criada, muda-se definitivamente para Belo Horizonte em 1952, onde se estabelece em um grande casarão da Rua do Ouro, no bairro da Serra, de agradáveis lembranças para seus netos mais velhos. Adquire então uma chácara em Contagem, retomando ali a obra interrompida no Pontal. Divide-se, agora, entre a função de inspetor escolar, o trato com a chácara e os netos, que passam a nascer em sequência anual. A política e a advocacia se transformariam, então, em páginas viradas. Altivo faleceu em junho de 1961, cercado pela legião de amigos e familiares, entre os quais se incluem, hoje, trinta e cinco netos e incontáveis bisnetos.

Foi um homem de seu tempo, acima de tudo. A literatura lhe fez tentações, que afinal cederam, mas que vigoraram o bastante para contagiar o irmão mais novo, que atribuía a ele, sete anos mais velho, sua iniciação literária, inclusive graças a livros que Altivo lhe mandava direto do Rio de Janeiro, onde fazia o curso de Direito. Pouca coisa conhecemos de sua lavra; raro exemplo é uma refinada “Baladilha” simbolista, que saiu no número 12 da Revista Vita, publicação auto-referida como “consagrada á propaganda moral e material do Estado de Minas Geraes”, no longínquo cinco de maio de 1914. O texto chegou às minhas mãos graças a Humberto Werneck – a quem agradeço – que certamente deve tê-lo encontrada em suas pesquisas sobre aquela “rapaziada desatinada” de BH nas primeiras décadas do século 20. Ouçamos Altivo, ou melhor, “Altyvo”, que é como ele assina o texto, no mais puro maneirismo simbolista, cheio de

reticências, e no português esquisito da época: "*Imagino-te fria, esgalga, velada em mortalha ... Faces engelhadas, o corpo escarnado num elance juncal, cabelos limalhados de nimbus argenteos: na fronte – um mysterio de brumas cinereas, nos labios – um rictus funebre de caveira nova...Crépes negros, como azas fatidicas, escondem as tuas formas esqueleticas, o esboço perdido dos teus seios murchos... Os teus olhos são círios azues a arder lagrimas. Andam semi-envoltos em esbatidos de violeta, da côr amarga do martyrio pisado, a avivar tuas olheiras ecchymoticas, rôxas... Julgo-te moça, creio-te octogenaria... Idealizo-te uma virgem, nublada num véo d'espumas de luar, pallida, expectral... a beijar na noite esponsalicia o cadaver do noivo, na alcova de lyrios, no thalamo de núpcias [...] E sonho-te mais triste que és, ó monja do claustro d'alma, a desfiar o rosario sem fim da Magua e da Saudade...".*

Uma síntese dessa vida simples, mas de grandeza humana e cidadã nos é dada por Carlos, em uma crônica intitulada "Uma vida", publicada no livro "A Bolsa e a Vida": *Anos e anos escoados na cidadezinha natal, entre problemas pequenos e grandes que nunca se resolviam. Tentou ajudar a resolvê-los na oposição. No governo era impossível; não tinha paixão bastante para ser injusto ou odioso. Outros disputassem esse ou aquele posto importante, ele nem vereador quis ser. Mudou de terra e de vida. No fim, espectador enjoado, dizia aos políticos: seria melhor que fizessem como eu, indo plantar, tirar formiga, limpar galinheiro*.

***

Por parte de meu pai, Joao Ferreira Goulart, minhas raízes vêm de outra direção, do Oeste de Minas. A cidade é Pains e foi fundada por membros de uma família Paim-Goulart, com origem provável em São João Del Rey. Sei, por leituras, que em princípios do século XIX houve uma enorme migração de pessoas a partir da região das minas, já esgotadas ou abandonadas, em direção ao Oeste da Província, em busca de uma vida melhor. Imagino que talvez tenha sido esta a história do clã que me deu origem, por parte de pai.

Em relação a este nome supostamente francês, ainda não me foi possível verificar sua origem real. Minha irmã Myriam, francófila assumida, com muitas passagens por Paris e pela Europa em geral, me relatou que tal nome não se encontra presente nos catálogos telefônicos da Cidade Luz, mas apenas sua forma aproximada *Goulard*, que significa *guloso* – coisa bem apropriada para nos descrever, aliás. Conversei, certa vez, com outro Goulart, este nascido e morador na Guatemala, tendo o mesmo me contado que, para ele e sua família, a origem real do nome era Portugal. Pano para manga de historiadores e genealogistas.

Meu avô José Goulart Neto, conhecido como *Zezé,* ou *Ieieca* entre seus familiares mais próximos, tinha origem rural e sangue de comerciante. Foi fazendeiro e empresário, mas a principal característica de sua personalidade talvez fosse a inquietação. Casou-se com Ermelinda, uma jovem de Guia Lopes (hoje São Roque, terra do queijo canastra) e com ela teve uma dezena de filhos. Meu pai foi o primogênito.

Convivi com minha avó Ermelinda só até os meus nove anos, quando ela faleceu. Talvez um pouco de sangue indígena corresse em suas veias. Lembro-me de uma mulher pequena, discreta e suave, talvez muito submissa também. Sua cidade de nascença era também a terra do famoso Guia Lopes da Guerra do Paraguai e ela própria tinha o sobrenome Lopes Ferreira. Com isso me sinto autorizado a me afirmar descendente de tal herói brasileiro. Não posso provar, mas provas contrárias também não existem.

Meu avô Ieieca: um homem alto, altaneiro e autoritário; opinioso como ele só. História famosa sua é a de que costumava anunciar à pobre Ermelinda suas mudanças de plano (às vezes de casa

e de cidade também) bem às vésperas do prazo fatal – e a coitada tinha que se virar. Para pagar contas grupais corria a lenda que sua mão procurava o dinheiro no longo bolso das calças de linho e jamais o encontrava. Era carinhoso com os netos, mas à sua maneira. Lembro-me, especialmente, da maneira como conduzia, eu e meu irmão Eugênio, ao nosso Jardim de Infância, em pleno centro de Belo Horizonte, caminhando vários passos à nossa frente, enquanto, abismados, tentávamos segui-lo. Mas ninguém matou, ninguém morreu disso.

Ieieca, o intrépido. No final dos anos quarenta, vendeu suas terras e outros negócios no Oeste de Minas e veio para a Capital. Abriu logo um comércio de cereais e em seguida caiu em um ramo onde jamais tinha estado, o de transporte coletivo, se associando a três de seus filhos. Foi por força disso que meu pai, minha mãe e eu, que tinha apenas um ano de idade na ocasião, viemos parar em Belo Horizonte

Ieieca ficou viúvo com menos de sessenta anos (Ermelinda morreu de complicações de esquistossomose, coisa comum naquele tempo e na região) e, na sua inquietação proverbial, tratou logo de arranjar noiva e se casar de novo. É aí que entra em minha história Marina Narciso, filha de imigrantes libaneses, segunda avó que trouxe para mim e para a família em geral, além de muita doçura, um traço árabe que muito prezamos, principalmente na culinária.

Ele viveu até os 87 anos, com relativa saúde, comendo, para espanto de algumas pessoas, carne de porco bem gordurosa na refeição da noite, sem maiores problemas gástricos ou biliares. Mudou-se com Marina para um pequeno apartamento na rua dos Carijós, bem no centro de BH, sendo tal imóvel tudo o que lhe sobrara dos inúmeros negócios em que se meteu pela vida a afora. Ali o casal passou os últimos anos de sua vida, em paz, e provavelmente bastante feliz. Não poucas vezes estive com ele na portaria do prédio, na verdade uma galeria comercial, onde ele passava horas a fio, sentado em uma cadeira emprestada pelos porteiros, apreciando o movimento da rua e puxando assunto com os passantes.

Ao reler os textos acima, dedicados a meus dois avôs, percebo que tem muito mais tinta (ou *bites*) naquele dedicado a Altivo. Porém, devo dizer, não há nenhum desdouro a José Goulart Neto. Reconheço que minha personalidade se moldou a partir de características de ambos. De um puxei o gosto pelas letras, pelas plantas, pela terra, por certa visão conservadora. Do outro me veio – mas eu gostaria de ter herdado ainda mais – certa intrepidez e inquietação com as coisas da vida, embora meu talento comercial seja nulo. Acho que isso nos homenageia a todos.

UM MOÇO-DE-FORA EM ITABIRA

Os anos 40 raiavam e tudo começava a ser diferente de antes. No Brasil e no mundo.

Na Europa uma guerra monumental cobrava alto preço em vidas e destruição material. Do lado de cá do Oceano Atlântico as coisas bem ou mal se moviam. Os Estados Unidos tinham abandonado sua neutralidade (relativa...) depois do atentado dos japoneses a Pearl Harbour e se lançavam, finalmente, à maratona que iria mudar de vez o mundo, do jeito que era até então conhecido. Ou, pelo menos, apressar tais mudanças.

O Brasil, entre a contingência de ficar recostado a seu berço esplêndido ou entrar de vez naquea ordem mundial em gestação, optou por esta segunda vertente, porém cobrando seu preço em dólares de investimento, em cessão de território para bases americanas, em ruptura com o Reich, na abertura de mercados para borracha e minério de ferro.

E através deste último quesito se abriram as oportunidades para que eu viesse ao mundo.

Mas antes é preciso dizer que já na década anterior à Grande Guerra, nosso berço nacional era sacudido, através de uma tríade fatal anunciadora de modernidade: urbanização, industrialização, a modernização tecnológica. Entre outras aplicações desta última, as tecnologias agrícolas.

E minha história passa por aí também, dado que o jovem João Ferreira Goulart, criado nas roças de Pains, município de Formiga, teve a chance, improvável em outras circunstâncias, de ir estudar em Viçosa, àquela altura um templo das novas tecnologias na agricultura. Abriu as portas para ele um conterrâneo, pertencente a um estrato mais bem situado naquela sua aldeia pobre e esquecida, e que galgara degraus na escada social, virando professor na Universidade Rural em Viçosa, criada por Arthur Bernardes alguns anos antes.

Por que Viçosa, na Zona da Mata mineira? Outra razão não haveria, além de tal cidade pertencer a uma região onde Bernardes tinha origem e grande influência política. Aliás, se fosse para contemplar uma região de real vocação agrícola, a chamada mata dos Pains, padrão nacional em matéria de terras férteis, teria mais razões para ser escolhida. Mas foi no Brasil que isso ocorreu, e se tudo estava em mudança no país, muita coisa mudava apenas para tudo continuar como dantes, conforme o dito da literatura.

E completada sua formação em técnico agrícola, o jovem João Goulart, sobredito João *do Ieieca*, em alusão ao apelido familiar do pai, indicado pelo mesmo conterrâneo que o encaminhou para Viçosa, vai fazer uma entrevista, em busca de emprego, na recém fundada Companhia Vale do Rio Doce, empreendimento escorado pelo "esforço de guerra" articulado pelos norte-americanos com a ditadura Vargas. Corria o ano de 1942. Na Vale ele foi atendido pelo presidente da companhia em pessoa, Israel Pinheiro, depois lugar-tenente de JK na construção de Brasília e governador de Minas. Em rito deveras sumário, Israel indagou se ele tinha experiência em horticultura, pois o projeto das instalações de mineração em Itabira incluía a produção de verduras para alimentação dos operários, que já então eram contratados aos milhares, vindos de todas as partes do Brasil. Ele disse que sim e foi contratado na hora.

Poucos dias depois JFG pegava o trem da Central do Brasil rumo a Nova Era e dali, em carona por caminhão, acabaria de chegar a Itabira. Susto maior ele não poderia sofrer. Ao invés dos campos espraiados de seu Oeste natal, o que ele via ali era uma sucessão de montanhas encavaladas, encostas cobertas por Mata Atlântica, não mais aquele cerrado que lhe era tão familiar. E mais frio, chuva, além de nevoeiro, que duravam dias e até semanas. Tudo muito diferente do que ele conhecia.

Só não voltou para o Oeste porque já não tinha jeito.

Mas com tudo o homem se acostuma. Principalmente quando no final do mês se lhe pinga no bolso o sagrado dinheirinho do salário, coisa até então praticamente inédita para ele. De tal forma que do limão que encontrou na chegada ao Mato Dentro de Itabira, talvez não tenha sido difícil fazer um bom refresco.

Naquele ambiente de forasteiros não parecia difícil fazer amizades, pois todos talvez aspirassem um mínimo de camaradagem para suportarem aquele exílio de muita poeira, frio e trabalho pesado. Mas não é que o nosso herói, que de casmurro não tinha nada, acaba se aproximando mesmo é de pessoas da terra. Mesmo que por parte desses nativos houvesse razões, facilmente confirmáveis, aliás, para se desconfiar e até rejeitar os adventícios.

Coisa boa fez João, talvez não de forma consciente, indo morar em uma pensão improvisada em casa de família itabirana legítima. Isso, aliás, deveria ser um evento rotineiro na vida da cidade, pouco acostumada a novas oportunidades de faturar algum dinheiro extra. O fato é que tal ato, associado, sem dúvida, a um temperamento comunicativo por parte do nosso herói, acabou por lhe abrir portas amigáveis naquela cidade tão fechada.

E assim, através de filhos coetâneos daquela família, João acaba se aproximando e ampliando suas amizades com a rapaziada nativa. E, é claro, com abertura também para as primeiras paqueras, que mesmo vistas com alguma desconfiança pelas famílias, representavam algo novo e tentador para as mocinhas-alvo, certamente enfastiadas com o ambiente endogâmico e repressivo que dominava o cenário de Itabira.

E foi sendo incorporado e também incorporando os hábitos da cidade, os quais, com o passar do tempo, talvez lhes tenham parecido familiares, afinal também incluídos no pequeno (e ao mesmo tempo vasto) mundo do Brasil interiorano, do qual faziam parte as suas Formiga e Pains. E entre os costumes comuns certamente a essas comunas, estava o *footing* das noites em finais de semana. E a chegada das levas de rapazes propiciada pela Cia. Vale certamente deve ter trazido variedade e densidade àquela atividade tão celebrada e, por que não dizer, tão necessária à boa vida social das comunidades. Diferença possível é que enquanto em Formiga e Pains havia praças amplas para a passeata da moçada, a exiguidade montanhosa de Itabira fazia com que isso se desse ao longo de uma única rua, estreita por sinal, exigindo dos praticantes não mais um percurso em largos "círculos" (ou retângulos), como nas praças interioranas tradicionais, mas agora linear e curto, com pontos convencionados de meia volta-volver.

E assim, entre o Largo (que de largo não tinha nada) do Batistinha e o Clube Atlético Itabirano, numa extensão que talvez não chegasse a 300 metros, entre casarões centenários, nas tortas ruas calçadas em minério de ferro, dentro da neblina das *noites brancas* e *sem horizontes* que então escondiam o finado Pico do Cauê, a mocidade itabirana, fosse nativa ou adventícia, perfazia o ritual do *footing* nas noites de sábados e domingos, com as devidas restrições, não apenas as geográficas da terra, mas também as derivadas da vigilância estreita da família mineira, principalmente em relação às donzelas.

Numa dessas jornadas, olhares se cruzaram e o ferro das calçadas não empatou, botou ferrugem ou bloqueou certa curiosidade, talvez simpatia, depois amor, a acometer mais de um forasteiro e uma nativa.

Nesta ocasião JFG já estava enturmado em Itabira e um de seus melhores amigos era Heraldo (dos Santos Andrade), filho de Altivo Drummond de Andrade, membro de tradicionalíssima família e um dos reservatórios morais e intelectuais da cidade, na qual, em verdade, do ponto de vista material e financeiro, a posse de numerário em dinheiro e bens já estivesse em outras mãos.

Num daqueles cruzamentos fugidios de olhares, ele resolveu consultar Heraldo sobre quem era a dona daqueles olhos tímidos, mas muito promissores. A resposta surpreendeu a João: *é minha irmã!* E nisso não parecia haver muita receptividade. Afinal, companheiros de farra que eram, o provável é que tivessem intimidade suficiente para que soubessem de trampolinagens impublicáveis recíprocas. Coisa mais ou menos do tipo: *este serve para ser meu bom amigo, mas para cunhado são outros quinhentos*. Trocando em miúdos: *que não se aproxime de minha irmã*! A etiqueta farrista deve ter prevalecido e João resolveu certamente não insistir. Por enquanto.

Ou talvez fosse hora exibir algumas qualidades das quais o amigo Itabirano até então não havia se apercebido. Sair *melhor na foto* deveria ser o primeiro passo, depois se veria o que fazer.

Mas tudo se acertou, sem muita conversa, mas com algumas atitudes, como convém à boa índole mineira. O fato é que com algumas intermediações de amigos, talvez até com a participação de Heraldo, foi possível o namoro com Favita começar. Com todo respeito, como convinha. Dr. Altivo deve ter sido o último a saber, mas não chegou a causar problemas ao pretendente, pois ele não era disso e certamente deve ter estimado haver boas intenções no moço forasteiro.

Com a futura sogra, teve menos sorte. Quando já havia se tornado mais íntimo da família, já na era do noivado, foi buscar dona Dodora na Fazenda do Pontal, em sua camionete de funcionário da Vale. Um pouco por estar prestando atenção na estrada, mas talvez também por lhe faltar assunto, por assim dizer, "se distraiu" da presença da futura sogra na boleia e quando se deu por achado, simplesmente reparou que ela não estava mais ali e que a porta da direita do veículo abria e fechava no vazio. A pequena roceira que vinha de carona no assento ao lado murmurava, assustada: *seu João, dona Dodora, caiu lá atrás...* Pelo retrovisor pôde enxergar a enrascada em que estava metido. Lá longe, a senhora futura sogra sacudia a poeira e já vinha caminhando, claudicante e contrafeita, em direção ao carro. Mas se raiva houve, foi só no momento, acabou logo. E tudo não passou de um susto. Mais do que isso, rendeu boas risadas na família por muitos anos.

Aos poucos, assim, acabou João muito bem assimilado pela família, seja por Heraldo, Dr. Altivo, dona Dodora, demais irmãos – e por Favita, naturalmente.

Assim, nada mais natural, interromperam-se os estudos da moça, antes mesmo dos 18 anos e foram, a mãe e ela, nesta ordem, cuidar do enxoval. Para pedi-la em casamento ao Dr. Altivo, imperou a formalidade da época e quem na verdade representou a JFG foi o respeitado engenheiro Pedro Guerra, amigo do futuro sogro e conhecido também – além de simpatizante – do forasteiro. Em outubro de 1947 casaram-se na Igreja Matriz de Itabira e em julho de 48, dentro da marca regulamentar dos nove meses – nunca menos do que isso! – eu nasci.

Nossa vida em Itabira, contudo, durou pouco. Meu pai era manobrado pela sanha da família, com meu avô Ieieca na dianteira, em *fazer negócios*, com certo desapreço pelo trabalho assalariado comum. Assim, eu com pouco mais de um ano e meu irmão Eugênio já querendo sair da barriga de Favita, mudamos para Belo Horizonte, para cumprir a citada sina.

E por algum tempo os tais negócios foram a compra e venda de cereais e porcos vivos, nas regiões produtoras, geralmente do Norte do Estado e sua entrega aos mercados consumidores, na Capital e até mesmo em cidades maiores, como São Paulo. A JFG cabia pilotar um destemido caminhão Chevrolet Gigante, recebendo uma percentagem nos negócios realizados. Depois veio a fase do transporte urbano, na qual se envolveram além de Ieieca e meu pai, meus tios Lauro e Agnelo. Os dois últimos se deram até bem em tal ramo, embora tenham trabalhado como mouros, até mesmo saindo da cama às cinco da manhã muitas vezes para pegarem, diretamente, o volante dos coletivos. Já meu pai e meu avô logo se enjoaram daquilo – ou acharam demasiadamente trabalhoso – e foram tentar outras atividades. E nunca enriqueceram de verdade. Mas em compensação, Lauro e Agnelo não passaram dos 60 anos, mas meu avô morreu com bem mais de 80 e meu pai conta atualmente com invencíveis 101.

É Belo Horizonte, na prática, minha *terra mater*, de onde trago minhas melhores lembranças, onde aprendi a ler, a ter gostos, a namorar, a apreciar a vida em família, a ser pai, sendo também

o lugar no qual fui menino, adolescente, membro de clube da esquina, acadêmico de medicina e finalmente, médico.

ANOS 50

É provável que alguma coisa do que está sendo contada aqui não tenha acontecido nem no local, nem no tempo ou com as pessoas a que me refiro. Não importa. Vamos combinar: falo do que me lembro e como me lembro, tendo como ponto forte as coisas boas ocorridas. Permitam-me organizá-las e contá-las do meu jeito.

Nada é mentira; ou pode ser que seja... O que não é mentira pode ser também invenção, como dizia Manoel de Barros. Reconstituir a infância é tarefa doce, mas complexa, para a qual é preciso liberdade não só de narrativa como de criação.

Aqui, assim, eu narro e crio. Para me redimir, apelo a vocês como minhas testemunhas, que não seja para atestar veracidade, mas para se alegrar e curtir comigo os tempos de infância comigo. Recordo Camões "Do mal ficam as mágoas na lembrança, e do bem (se algum houve) as saudades". Mas nessa minha história o bem predomina, se impõe, deixa saudades. É nisso que estou interessado.

É tempo, ainda, de lembrar que o que escrevo vai em memória dos personagens dos anos cinquenta que já se foram, mas me esperam em algum lugar: avós Terezinha, Ermelinda, Altivo, Dodora, Zezé e Marina; tios José Marcos, Duílio, Clarinha, Virgílio, Lauro, Waldir, Agnelo, Ricardo, Roberto, Aucélia, Edgard; primos Mateus, Marcos e Débora.

***

Acho que minhas primeiras lembranças na vida são do bairro do Prado, em Belo Horizonte, onde moramos, entre 1949, quando viemos de Itabira para a Capital, até 1953 ou 54. Foram várias casas habitadas pela família e a lembrança que tenho talvez inclua partes de uma delas misturada com partes de outras, formando uma espécie de quimera residencial.

Antes disso morei em Itabira, não por "alguns anos", mas apenas um, do qual, naturalmente não tenho a mínima lembrança. Só sei que minha primeira moradia foi a casa dos meus avôs, na Rua dos Padres, logo que nasci; depois, a Fazenda do Pontal – endereço histórico! – e em seguida a Chácara da Conceição, da Cia. Vale do Rio Doce, onde meu pai dava expediente. Em 1949 a família veio para Belo Horizonte e então perdi para sempre meu estatuto de filho único, com o nascimento de Eugênio.

Chegamos ao Prado pela rua Pedra Bonita, depois na rua Hipódromo (hoje Cura D'ars) e a seguir Turfa. Tenho poucas lembranças dessa época, pois vivi ali ainda na primeira infância, de um a cinco anos. Mas por exemplo, retive a imagem de aviões despejando panfletos de propaganda política – isso mesmo – naquele tempo a panfletagem era aérea. Desses panfletos tenho uma lembrança vaga: a presença do ícone da foice e do martelo. Não sei se eram contra ou a favor dos comunistas, mas só sei a que a marca estava lá. De toda forma, eram anos em que o antigo PCB já estava proscrito do cenário da política brasileira.

No Prado talvez meus pais tenham encontrado uma realidade urbana muito próxima de suas origens interioranas, em Itabira e Pains. Ruas quase desertas de carros, cobertas no intervalo dos paralelepípedos por uma grama rala. Muitos lotes vagos, casas modestas. O Prado era abrigo de uma classe média que já não cabia nos setores destinados aos "Funcionários", mas afortunados o bastante para não precisarem morar no Mato da Lenha ou no Barreiro... Eu disse paralelepípedos, mas talvez fossem "pés de moleque"; o fato é que ainda não havia asfalto naquele tempo. Nem assaltos.

No Prado morava também um importante personagem de minha infância: o Juca, de quem falarei mais adiante. Por ora basta dizer que ele era primo em segundo grau de meu pai e era farmacêutico, mas daquele tipo antigo, prático de farmácia que revalidou sua situação para se ajustar às normas do novo mundo regulado e urbano que nos anos 50 começava a se impor no Brasil. Juca era dono de uma farmacinha na rua então chamada Hipódromo, hoje Cura D'ars, bem em frente à grande igreja que lá está, construída lentamente justo naqueles anos que morávamos ali perto. Na verdade, ele era uma espécie de Dr. Jekill e Mr. Hyde para eu e meus irmãos, temido, por um lado, pelas dolorosas injeções que nos aplicava; estimado, por outro, por nos trazer da farmácia as famosas "caixinhas", embalagens de remédios, já vazias, com as quais fazíamos carros, casas, edifícios – devem ter sido os primeiros brinquedos que conhecemos de verdade, numa época em que o plástico era raro e caro – e o consumo da classe média bastante limitado.

No Prado, ainda, tive a minha primeira experiência como motorista, muito mal-sucedida, por sinal. Foi assim: morávamos na rua Turquesa esquina com Turfa e meu pai tinha um caminhão Chevrolet Gigante, com o qual ganhava a vida na ocasião. A rua Turquesa tinha uma pequena inclinação e por uma daquelas manias infantis (eu devia ter no máximo quatro ou cinco anos), devidamente assessorado por meu tio Willer, mexe daqui, mexe dali, quando me dei conta o caminhãozinho tinha ganhado movimento, e descia a rua de ré. Por sorte, a direção virou, o veículo fez uma trajetória de meia lua e foi de encontro ao muro do vizinho, posto ao chão de imediato. Felizmente as maiores conseqüências foram essas, certamente corrigidas pela cobertura do prejuízo por meu pai. Eu, tão garoto, fui absolvido – mas não sei se meu tio também. Um dia ainda pergunto isso para ele.

***

Depois de morar no Prado, fomos para o Calafate, logo ao lado; depois no Carlos Prates, mais adiante e ainda depois, para horror de minha mãe, na Lagoinha, que ela ainda prefere chamar de São Cristóvão, na verdade um nome que não pegou, por ser apenas uma artimanha para afugentar o fantasma que assombrava aquela família de classe média ainda saudosa de tempos mais risonhos. A Lagoinha era o fim da picada, então, lugar de boêmios, de prostituição, de comércio de segunda categoria, de oficinas mecânicas. Era preciso fazer exorcismos para espantar o mal que o nome "Lagoinha" trazia. Isso, entretanto, acabou muitos anos depois, quando ninguém mais usava o nome do santo para, em troca, dizer com orgulho algo como: "eu nasci, cresci e vivi na Lagoinha". Que este bairro já deu até livro!

***

Uma palavra sobre o Carlos Prates, bairro mais tradicional do que a embalagem de Maizena. Tivemos ali pelo menos dois endereços, rua Manga e rua Sabinópolis, fora a casa da rua Três Pontas em que meus avós paternos moraram por alguns anos e onde eu e meus irmãos éramos, naturalmente, muito bem recebidos. O Carlos Prates, naquela época, já era um bairro densamente povoado. Sua origem fora como colônia agrícola, com foco certamente nas terras

baixas e úmidas da grande baixada que hoje é a avenida Pedro II. Mas guardava algumas relíquias de sua condição de periferia no passado, por exemplo, o Cemitério do Bonfim, do outro lado da baixada, mas dominando a paisagem ao Norte, além da clínica da família Bizotto, destinada ao tratamento da tuberculose. Não esquecer que a Belo Horizonte do início do século era a meca da cura da tal moléstia, pelos seus famosos "ares". Noel Rosa e muitos outros que o digam. Que falta faziam a hidrazida e a estreptomicina.

O Cemitério do Bonfim, longe de assustar, nos divertia, pois nas noites da Três Pontas sua visão, como mancha escura, fatalmente puxava, por parte dos adultos, as famosas histórias de assombração, que se por um lado metiam medo, por outro eram esperadas com alegre ansiedade. Era possível ver de longe também, se é que não fui enganado ou sugestionado pelos adultos, as emanações do "fogo fátuo", que era traduzido cientificamente para nós como "o pum dos defuntos". Já a clínica de tuberculose assustava mais, evitávamos mesmo de passar por suas calçadas nos passeios com as tias, por medo de contágio. Além do mais, o folclore que nos transmitiam era terrível, uma doença que fazia as pessoas perderem partes do corpo e sentir calor em vez de frio e frio em vez de calor, numa evidente confusão semiológica, além de estigmatizante, com a lepra - ambas as condições sendo terríveis flagelos à época.

***

Na Lagoinha tivemos dois endereços: Avenida Antônio Carlos – artéria principal do bairro – e rua Juazeiro. A Antônio Carlos, hoje, se for comparada a um vaso sanguíneo virou aorta, ou, quem sabe, um enorme aneurisma sacular, levando carros, caminhões e enormes ônibus articulados – os BRT – desde o centro da cidade até os confins da Pampulha e Venda Nova, e mesmo além. Nosso antigo endereço hoje é um ponto abstrato ou extinto, inteiramente ocupado pelo concreto da pista ou por algum dos muitos viadutos que sobrepassam o aneurisma. Para horror de minha mãe, certamente revoltada com a perda de status que a Lagoinha democraticamente conferia a todos os que nela habitavam, fomos morar em uma casa construída sobre um barranco, com uma longa escada de acesso e vizinhos realmente classe baixa, embora fossem excelentes pessoas, solidárias e atenciosas, pelo que me lembro, particularmente Dona Mercedes, que tinha um batalhão de filhos e aderentes em sua casa, no mesmo barranco que a nossa.

Da escadaria da dita casa no barranco desceu, certa vez, um pneu desgovernado. Mas antes tenho que explicar que o barracão dos fundos servia de almoxarifado auxiliar da empresa de ônibus da família de meu pai, cuja garagem ficava no mesmo quarteirão. O tal pneu estava sendo removido para assumir seu posto quando escapou das mãos do auxiliar de mecânico que o levava e desceu aquela escadaria desabaladamente. O problema é que meu irmão Eugênio, que na época não passava dos seis anos de idade, começava a subir a tal escada. E foi atropelado! Ficou ali, entre dois ou três degraus, desmaiado, com um fio de sangue saindo das narinas, uma cena patética. Para mim, ele tinha morrido. Mas tal não foi o caso: foi logo socorrido e levado para cima, onde foi estirado na mesa da sala. Alguém pediu água para jogar-lhe no rosto e assim, supostamente, "acordar" o desacordado. Minha mãe, na afobação natural de mãe que vê seu filho em tal apuro, passou a mão na primeira vasilha que lhe estava ao alcance. Era uma chaleira realmente cheia d'água, mas quase fervente, deixada assim para completar o preparo do arroz que já estava no fogão. Uma daquelas coisas das quais depois se ri, mas na hora é puro horror. Mas o fato é que o desacordado acordou e no final deu tudo certo, até porque o verdadeiro predestinado a acidentes na família não era bem ele, mas sim o irmão seguinte, João Mauricio, de quem se falará mais tarde e em momento adequado.

***

Em frente ao barranco, do outro lado da avenida Antonio Carlos, morava Dona Francelina Pires. Era uma casa imensa, um sobrado que algum dia deve ter abrigado algum tipo de comércio, pois tinha várias portas altas no nível da rua. Dona Francelina tinha alguma ligação com minha família, em Itabira, não sei bem qual. De toda forma, naquele purgatório de gente pobre ela era uma espécie de refúgio, alguns degraus acima da rua e do patamar das classes sociais. Ela era artista plástica, ou artesã especializada em esculturas e máscaras mortuárias. Tinha amigos ilustres, entre eles JK, que um dia a visitou, criando um engarrafamento inédito naquela Antônio Carlos tão pacata. Meu pai foi convidado a estar com ele, mas às crianças não foi oferecido tal privilégio. Mas não posso me queixar: anos mais tarde foi a minha vez de estar com Juscelino, pessoalmente – mas isso é história que fica para depois.

Dona Francelina, parece, havia "ganhado" uma indiazinha vinda de Goiás, como presente de seus amigos influentes, para lhe servir como doméstica ou dama de companhia. Coisas daquele tempo, em que a libertação dos escravos tinha pouco mais de meio século de vigência. Da indiazinha me lembro do modo engraçado com que falava a língua dos brancos, não pronunciando devidamente o "ão", como em "pom" e "macarrom", por exemplo. Parece que gostava de comer "pom" com estrato de tomate (que em Belzonte, como se sabe, é tratado como "mas'tomate"). É tudo que me lembro dela, mas bem que gostaria de saber mais: teria voltado para Goiás? Ficou na civilização branca? Prosseguiu na carreira de neo escrava? Quem o sabe...

Dona Francelina tinha uma neta, Sandra, que mais tarde foi minha colega na Faculdade de Medicina da UFMG, com quem eu devo ter trocado uma ou duas palavras durante os anos que passamos quase lado a lado, na idade adulta. Na infância, brincamos bastante. O mundo é realmente pequeno, mas ganha foros de galáxia quando nele se instala da incomunicabilidade humana. Como demonstrou Antonioni.

Foi no cômodo comercial no andar de baixo da casa de Dona Francelina, onde funcionava um escritório da empresa de meu pai, que tomei conhecimento da morte de Getúlio, naquele fatídico agosto de 1954. Até então, o que eu sabia do presidente era uma brincadeira escolar que dizia: *você se lembra daquele embrulho*? Aos incautos que queriam saber a natureza de tal pacote era respondido: *das cuecas do Getúlio*. Mas naquele dia 24 não se estava para brincadeiras. Lembro-me, especialmente, de um homem negro, corpulento, que caminhava pela Antônio Carlos a fora, chorando e dando a todo mundo a infausta notícia: *morreu nosso pai*! Mas para mim foi uma morte sem velório e sem mais choro, a única imagem que guardei foi daquele homem em prantos pela rua. Em tempos sem televisão a memória da gente acaba sendo menos ativada. Ainda naquele tempo, às vezes, escutava no Repórter Esso, ouvido religiosamente em minha casa, o locutor falar de um tal de "Café Filho" e achava muito engraçado alguém ter este nome e também a revelação de que o café tinha um filho.

***

Naquela época, meu irmão Eugênio começou a revelar certa tendência que levou meu avô materno, Altivo, a proferir o vaticínio de que o neto iria ser médico. Isto porque era ele um emérito estripador de passarinhos, que ele caçava ou de alguma forma conseguia capturar. Gostava de dizer que tinha curiosidade em saber o que eles tinham por debaixo das penas. Suas inclinações anatômicas e mórbidas iam um pouco além: quando havia acidentes na Antônio Carlos (menos frequentes, certamente, do que hoje, mas ainda assim presentes) ele corria para ver a extensão dos danos e nos fornecia relatos pormenorizados, provavelmente exagerados do que vira no asfalto. Coisas como sangue, membros decepados, miolos e ossos expostos – para

meu horror, que desmaiava algumas vezes diante de cenas mais impressionantes, mesmo uma simples narina a sangrar. Curioso é que acabamos virando médicos, eu e Eugênio.

Ainda na Lagoinha, na garagem dos ônibus da Viação Iapam, (sigla que englobava os diversos itinerários percorridos: Iapi, Aeroporto, Pampulha...), propriedade de meu pai, tios e avô Zezé, trabalhavam diversos mecânicos e auxiliares, abrigando também o movimento dos motoristas e cobradores. Naquele tempo, em que as roletas ainda não existiam, os cobradores faziam seus acertos diários de contas mediante a contagem das fichas de plástico entregues aos passageiros no ato do pagamento da passagem e apuradas em um "cofre" de recolhimento ao lado do banco de motorista. Era uma turma meio barra pesada, principalmente para os padrões de um garoto de família certinha de classe média como eu. Mas a verdade é que eu me divertia com essa gente, que me trazia uma amostra daquele mundo em que vivia, tão diferente e mais interessante do que o meu. Alguns deles provavelmente residiam na Favela Prado Lopes, logo ali ao lado da Antônio Carlos. Do primeiro palavrão a gente nunca se esquece e foi com eles que aprendi (e registrei em papel) uma rajada de impropérios, pelo que fui devidamente castigado por minha mãe.

Um desses trabalhadores, creio que mecânico, mais velho que os demais companheiros de trabalho, muito engraçado na fala, falava certa vez de um animal que conhecera no Zoológico de BH, ao qual ele denominava "cocota". Um bicho muito grande, quase um elefante, só que mais baixo, de pele lisa e brilhante e olhos esbugalhados "assim". Fiquei curioso com um animal tão impressionante e gostaria de conhecê-lo também. Um dos meus tios me esclareceu: o nome verdadeiro do bicho era hipopótamo, que o nosso mecânico entendera como "cocota" – ou talvez dissesse isso para fazer graça mesmo.

Só quem conviveu de perto com uma garagem é que sabe as maravilhas que se escondem ali. Primeiro porque podíamos brincar ao vivo dentro dos ônibus, porque havia sempre veículos encostados, de tipos e marcas diferentes, nos quais encontrávamos diversões a que nossos amigos não tinham acesso. Tinha também os trabalhadores com seus casos e vidas diferentes da nossa. O monturo de peças usadas e descartadas era outra diversão, ali encontrávamos os cobiçados rolimãs, para montar aqueles carrinhos que fizeram história em uma era de brinquedos não industrializados. Aliás, lembro-me até mesmo de utilizar na confecção de um desses bólidos, rolimãs novinhos, ainda em suas caixas originais, da marca SKF – não sei como vinham parar em nossas mãos. Meu irmão João era um experiente garimpeiro nesses montes de preciosidades, dali retirando objetos diversos, que na criatividade infantil própria de nossa época se transformavam em brinquedos os mais diversos. Até armas havia... Lembro-me de um dia que um dos mecânicos, para me chatear, me ameaçava de cortar aquela parte do corpo que é tão cara aos machos em geral. Era uma brincadeira sem graça, mas repetida, até que um dia achei no chão um objeto circular, provavelmente um disco de embreagem, e o atirei no engraçadinho, à moda de um discóbolo olímpico. A pontaria foi boa e lembro que provoquei um belo risco no pescoço do sujeito, vejam só. Acho que ele foi reclamar com meu pai, mas não obteve nenhum sucesso em conseguir uma punição para mim – pelo menos dessa vez.

A avenida Antônio Carlos ainda tinha em sua volta muitas áreas baldias. Em um terreirão, resultado de um corte irregular num barranco mais adiante, no local onde hoje se ergue o Hospital Belo Horizonte, antes chamado Santa Mônica, havia um campo de futebol. Sem grama, com traves meio tortas, sem demarcações. As arquibancadas eram formadas pelo próprio barranco, deixado de propósito como um plano inclinado pelos tratores que um dia fizeram a terraplanagem, quem sabe para outra finalidade. Mas ali se disputavam renhidas partidas nos domingos – o futebol de várzea, tão tradicional em BH, nos seus dias de glória. E para ali íamos, geralmente em companhia de um de nossos tios mais jovens para assistir as pelejas. O estoque

de palavrões nos ia aumentando a cada dia, mas agora certamente mais contidos já não os registrávamos explicitamente, evitando a repressão familiar. Em um desses jogos, Eugênio, ainda em má fase de sorte, com certeza, recebeu uma bolada na cara que o fez desmaiar – de novo. Mas na verdade não me lembro bem do que veio primeiro, se o pneu ou aquela bola bem chutada. Por via das dúvidas fomos proibidos de frequentar aquela arena tão perigosa.

A favela da Pedreira Prado Lopes ficava a poucos metros de onde morávamos, Poucos metros, literalmente. O muro de trás de nossa casa já era limite da favela. Mas lá nunca fomos, terreno absolutamente proibido e perigoso que era. A Pedreira, eu soube depois, era um sítio remanescente do período de construção da cidade, meio século antes. Depois foi abandonada, não sei se por ter se inviabilizado a extração da matéria prima ou porque a pressão populacional dos recém-chegados pobres e desempregados, vindos dos quatro cantos das Minas Gerais, começara a aumentar radicalmente. E a favela se fez, crescendo como uma infecção pelos paredões de pedra, ao ponto de praticamente escondê-los. De fato devia ser perigosa a Prado Lopes, com seus botequins, suas mesas de sinuca, suas rodinhas de jogo de palitos. Lá a polícia talvez nem entrasse, porque a marginalidade era totalmente circunscrita a seus limites pedregosos. Mas o certo é que nada, mas nada mesmo, se compararia ao que ela deve ser hoje, com o tráfico, a polícia corrupta, as gangs. Ali talvez se aplicasse o dito do sambista: *ali se abraça o inimigo* – coisas passadas, de um tempo em que Ubaldo era o goleiro do Atlético Mineiro e o Vila Nova campeão estadual...

***

Rua Juazeiro, 153, ainda na velha Lagoinha. Essa uma despencava a pique dos altos que dividiam o nosso território da Concórdia e da Renascença e jogava suas enxurradas na artéria da Antônio Carlos. A casa agora era melhorzinha, um sobrado na verdade, no qual moravam duas famílias; nós no segundo andar. Esta moradia, ao contrário daquela outra da "artéria", está lá até hoje. Já levei meus filhos pequenos para conhecê-la externamente e a impressão que tive do olhar que me concederam foi: *puxa, mas você já foi pobre, hein papai?* Morávamos no segundo andar, mas havia uma escada nos fundos, que nos dava acesso a um pequeno quintal. Acho que ali só o capim crescia, nós pouco o frequentávamos. O que me parece ter sido a lavoura mais produtiva ali foi uma planta em rama, formando bela touceira dentro de uma bacia, que ficou abandonada por várias semanas em um canto, durante uma fase que minha mãe ficou doente e fomos morar na casa de minha avó. Ao voltar, descobrimos aquela moita de folhas largas e avermelhadas, como um vaso ornamental. Era batata doce e descobrimos que a semeadura tinha sido obra de nossa babá, Maria da Consolação, talvez nostálgica de suas origens rurais, em Santa Maria de Itabira.

Na rua Juazeiro, mais familiar do que a avenida mais abaixo, descobrimos o que é ter amigos, pois havia crianças de nossa idade por todo lado. Lembro-me especialmente de dois: Wander, que apanhava da mãe como um desesperado, sem gritar e Lívia, uma baianinha faceira que morava no andar de baixo.

Na Lagoinha, iniciei minha vida escolar, mais precisamente em um finado Instituto Rex de Educação, que ocupava humildemente um ou dois apartamentos térreos do famoso "Conjunto do IAPI", sobre o qual pretendo divagar um pouco, mais adiante. Dona Maria Alves Ribeiro foi minha primeira professora. Ela não era propriamente um daqueles anjos de beleza que costumam marcar as crianças recém ingressadas na escola. Mas, ao que me lembro, era simpática, sorridente e muito carinhosa com seus pequenos discípulos. Mas, malgrado meu, Dona Maria Primeira, a Queridíssima, teve um problema de saúde e teve que se afastar, deixando em seu lugar uma coitada que logo recebeu, gratuitamente, meu desprezo. Afinal, a

entrada na escola é um rito de passagem dos mais significativos na vida de uma pessoa, como o casamento e a entrada no mercado de trabalho, talvez, e qualquer perturbação pode ser fatal. Foi o meu caso. Fiquei completamente desinteressado em aprender alguma coisa, além de revoltado, e dei para fugir da escola e circular a esmo pelas vias do IAPI. Fui levado a algum psicólogo, terapeuta ou orientador? Claro que não! Estávamos nos anos 50 e no inconsciente coletivo talvez reinasse a impressão de que tudo, mas tudo mesmo, era melhor do que um campo de concentração ou uma guerra. De maneira que tive que voltar ao Rex e, a duras penas, ser alfabetizado, além de domesticado.

A nova professora atendia por Dona Diva, moça nova e muito empetecada. Dela me lembro de apenas detalhes: que nos ensinou gloriosamente a fórmula da pasta de dente (que na época se chamava dentifrício...) e do terrorismo que fazia a respeito dos segredos de Fátima e da guerra civil que se ameaçava na vizinha Argentina (um golpe militar contra Peron), que poderia também chegar ao Brasil. Cruzes! Dona Maria Alves Ribeiro fez falta, realmente.

***

Ah, o popular Conjunto do IAPI. Era um projeto habitacional, verticalizado, destinado aos trabalhadores segurados do antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. Vi certa vez em Porto Alegre um conjunto habitacional também conhecido como IAPI – igualzinho ao sobredito belorizontino. Certamente uma tendência da era do Estado Novo, com uma arquitetura que, pelo jeito, tinha inspiração fascista. Naquele tempo a classe média melhor situada não fazia diferença entre "favela" e "IAPI", resultado de uma atitude de bastante má vontade e preconceito. Piadinha da época: *se peito buzinasse ninguém conseguiria dormir no conjunto do IAPI*, afirmativa também eivada de preconceito contra as pobres moças operárias da indústria que ali residiam. O IAPI não deixava de ser um projeto original e até mesmo revolucionário. Os prédios eram rigorosamente iguais na altura e nas fachadas, embora tivessem apartamentos de diferentes dimensões, proporcionais ao tamanho das famílias. Não havia elevadores, mas os prédios eram unidos por passarelas entre eles, em diferentes andares, algumas delas dando direto para a rua, aproveitando o forte desnível do terreno no entorno. Isso possibilitava que alguém poderia entrar diretamente no quarto ou no quinto andar, sem subir escadas, e se locomover pelo alto até chegar a seu bloco e aí, então, como um movimento de pernas bem menor, chegar até seu apartamento.

O IAPI, para quem o conhece hoje, já não é mais a selva de concreto detonada e sem paisagismo dos anos 50; foi todo reformado, os prédios mostram fachadas pintadas em cores diferentes e equilibradas, as esquadrias foram trocadas por alumínio e a classe média que ali habita provavelmente não trocaria por nada o conforto de morar perto do centro da cidade e a facilidade de acesso produzida pelos BRT da Antônio Carlos. Quem conhece a área sabe do que estou falando.

***

Na mesma época, minha formação católica se impôs e eu me tornei coroinha na Igreja de São Cristóvão, ainda em construção dentro da área do IAPI. O pároco era o Padre Carlos Vaz de Mello, de tradicional família não só da própria Lagoinha como de Belo Horizonte. Vaz de Mello era durão e meio grosseiro também. Fuzilava com os olhos e depois com doloridos "coques" os pobres coadjuvantes que não respondiam adequadamente àqueles *sursum corda* e *dominus vobiscum*. Porque era em latim que a missa era rezada – e ajudada! Certa vez, em uma sessão de cinema promovida pela Paróquia, o terrível Padre sentou-se do meu lado no escuro e começou a perguntar coisas que eu não entendia bem, como se me cobrasse confissão. Por sorte

a fita cortou-se ou o filme acabou e eu penso que acabei escapando de algum tipo de assédio, embora não possa afirmar que tenha sido daquele que se denuncia com frequência hoje, em toda parte, envolvendo representantes da Santa Madre.

O IAPI continha em si o mundo da espiritualidade, com a igreja de São Cristóvão e o da carnalidade, para levar a sério aquela história do buzinaço noturno. Mas do lado de lá da via principal, a emblemática Antônio Carlos, morava a cultura. Ou o que mais nos aproximava dela, o Cine São Cristóvão. Era enorme o cinema, parte da maior rede de cinemas da cidade, propriedade de um notório Antônio Luciano, que talvez possa ser redimido de seus pecados financeiros e carnais por ter oferecido à cidade, em doses maciças, por sinal, a magia do cinematógrafo. E fazer parte da maior rede de cines da capital dava ao São Cristóvão o status de sempre trazer bons filmes. Notas de redação: uma, cinema, naquela época não ficava nos shoppings; duas, muita igreja universal que se vê por aí já foi cinema, inclusive aquela que fica (ou ficava?) defronte ao Conjunto do IAPI, que já teve outro padroeiro – o meu querido São Cristóvão. Naquele ambiente distante do conforto acondicionado e aveludado dos cinemas de hoje, naquelas cadeiras toscas de madeira curva, eu vi filmes que me marcaram. Desde Fantasia de Disney até os incontáveis seriados de bang-bang e ação (com muitíssimo menos sangue e ação igualmente proporcionada em relação aos filmes de hoje). E assim, num natal dos anos 50, ganhamos de presente, eu e meus irmãos homens, um verdadeiro *kit faroeste*, constituído de revolver, coldre, cinturão, estrela de xerife e outros apetrechos, o que nos credenciou a frequentar as matinês de domingo no cinema assim *pilchados*, como dizem os gaúchos. E a saída das tais sessões dominicais se dava como um tropel desatinado ou o estouro de uma boiada, de uma tropa de hunos, com caubóis e peles vermelhas encarnados na molecada, aos gritos, silvados de balas e palavras em inglês recém aprendidas, embora de significado ignorado. *Camonibói* era uma delas...

***

Ainda nos tempos da Juazeiro uma cena memorável. Certo dia eu e meus irmãos homens capturamos um cigarro Luiz XV de meu pai, sem que ele visse. Feito isso, esperamos que os adultos saíssem ou se concentrassem em suas atividades normais e fomos desfrutar da maravilha no saguão, no andar de baixo do sobrado, onde haveria mais privacidade. O que não esperávamos é que nossa irmã Myriam, então caçula, e das mais típicas, insistisse em nos acompanhar. Como fazia parte de nossas tarefas tomar conta dela, principalmente por causa das escadas, logo percebemos que era impossível nos livramos da criatura. A solução foi pedir-lhe sigilo a respeito do que iria presenciar – ou já estava presenciando. *Certo assim, Myrinha? Certo*... O compromisso durou até que minha mãe veio dar uma olhada, como de hábito, naquele conciliábulo silencioso e suspeitoso. Dona Favita nem teve tempo de sentir o cheiro da fumaça do Luiz XV, já devidamente sovertido. A caçulinha prontamente avisou: *eles fumou*. Palmadas e outros castigos sobrevieram, com a caçula promovida, agora, de vigiada a vigia.

No novo universo da Juazeiro meu raio de ação ampliou. É que eu já havia feito oito ou nove anos e ganhara permissão para sair sozinho, para comprar pão, por exemplo, mas também para dar uma circulada por conta própria. De alguma forma meus roteiros passavam sempre pela rua Manoel Macedo, que fazia esquina com a Juazeiro logo abaixo de onde morávamos. Esta já era uma rua, digamos, bem formada, com poucos lotes vagos e casarões até apresentáveis. Em uma esquina mais adiante, em direção à rua Formiga, havia o Restaurante Lanterna Azul, que me impressionava muito, com suas mesas que me pareciam muito elegantes, cobertas por toalhas azuis, com imitações de lampiões pelas paredes e cortinas nas janelas com evidente propósito de dar privacidade a seus frequentadores. Muito romance clandestino deve ter rolado ali. Era certamente um recanto da velha Lagoinha boêmia, mas talvez um pouco mais refinado do que

o restante dos estabelecimentos da área. Falar nisso, não é a toa que aquele copo comum, com frisos verticais, é chamado de “copo Lagoinha” em BH – e nele se bebe tanto cerveja como cachaça, pelo menos naquelas paragens.

O Lanterna Azul me impressionava, também, por me lembrar o ambiente de um livro, talvez uma adaptação, que eu lera recentemente, o Moby Dick. Aquilo ali me parecia uma daquelas tavernas onde se reuniam marinheiros, com o Capitão Ahab pontificando numa mesa ao fundo, arregimentando a tripulação para a caça à terrível baleia branca. Anos mais tarde fui aos Estados Unidos e visitei a região da cidade personagem do romance de Melville, Nantuckett. Em New Bedford, que fica nas proximidades e é também uma cidade portuária e baleeira, realmente pude ver alguns estabelecimentos parecidos com aquele que me marcou a infância.

Se o tasl passeio avulso me levava um pouco mais longe eu chegava até o Mercado Popular da Lagoinha, situado do outro lado da Antônio Carlos, em direção ao Centro, mas ainda dentro do território que me era permitido circunvagar. Às vezes também ia pela obrigação de fazer compras para o almoço da família. Confesso que nunca vi um lugar tão sujo e descuidado como aquele, ganhando, em tal quesito, até mesmo do velho Mercado Central, sempre lembrado com romantismo (inclusive por mim), mas que não era nenhum paradigma de asseio e organização à época. Havia ali um tipo de verdura da qual nunca mais ouvi falar e nem tampouco esqueci: *maria gomes*. Será que ainda existe; alguém conhece?

Voltei ao tal Mercado Popular faz poucos anos, guiado por meu filho Mauricio, especialista em Lagoinha e em Patrimônio Histórico e mal o reconheci. Aliás, com a recuperação da fachada e do pátio interno descobri nele um belo exemplar arquitetônico, não sei de que tendência ou modismo. O *google*, sempre ele, me informa que o Mercado Popular foi inaugurado em 1949, que é verdadeira referência na história da economia e da cultura local, tendo adquirido, nos anos 2000, nova vocação. Ali funcionam hoje uma padaria escola e uma cozinha pedagógica, iniciativas voltadas para a qualificação e a formação de mão-de-obra.

Um pouco mais tarde meus domínios se expandiram mais ainda. É que foi exonerado o Instituto Rex e eu passei a estudar no Grupo Escolar Silviano Brandão, na rua Itapecerica, uma via paralela à na Antônio Carlos, alguns quarteirões adiante do Mercado Popular, que até então era meu limite de andança solo. Era 1957 e o mundo começava a mudar, com Elvis Presley, Nikita Kruschev, JK, Buddy Holly, Jacques Brel, Fernando Sabino e outros. Em Liverpool novos acordes de guitarras a *fender* os ares. Na verdade, eu pouco ou nada sabia disso, mas a mudança que eu vivia já era o bastante. No início meu pai me levava, junto com Eugênio, à aula no Silviano Brandão a bordo de seu valente Chevrolet Fleetmaster. Mas tal mordomia logo acabou e a partir de então íamos os dois, eu na condição de guia, por ser mais velho. De quebra levava às vezes João Maurício a seu Jardim de Infância, na Antônio Carlos, que funcionava em um sobrado de esquina, próximo ao SENAC, local mais tarde transformado em hotel fuleiro, suspeitíssimo.

Neste mesmo ano nasceu Claudia, minha irmã mais nova e minha mãe teve complicações graves decorrentes de sua primeira e única cesariana. Por alguns meses o endereço da rua Juazeiro foi abandonado e passamos a viver, eu e meus irmãos, na casa de meus avós maternos, na Serra. Minhas funções de guia escolar não só se mantiveram como se ampliaram, em termos geográficos. Agora eu juntava a citada tropa e os levava e trazia diariamente no trajeto Lagoinha – Serra. Nada menos do que três conduções se faziam necessárias: ônibus até o Centro, descida na Feira de Amostras (onde fica a atual rodoviária de BH); novo ônibus, o Avenida, até a altura da Prefeitura Municipal, na Afonso Pena e daí o ônibus Serra, que nos deixava na altura do número 750 da rua do Ouro. Às vezes o trajeto do Avenida era trocado pelo bonde, aventura

completa! Deu tudo certo, não tanto pelos meus méritos de guia, mas pela tranquilidade e pela bonomia da Belzonte daqueles tempos. Que nunca mais voltaram.

Mas a rua Itapecerica merece mais. Ela era o centro de uma Lagoinha mais profunda e tradicional, diferente daquela periférica e "industriária" da Juazeiro e adjacências. Bonita não era, com seus muitos prédios desajeitados e as portas de ferro de um comércio meio marginal, de móveis usados, roupas baratas, ferro velhos, peças de automóveis. Segundo soube depois, alguns prostíbulos também. Um casarão me marcou na ocasião e me pergunto se estaria de pé até hoje. Quem sabe? Ele tinha sobre seu frontão uma escultura representando uma loba e duas crianças, referência clara a Roma e à Itália. Aliás, esta era uma característica daquela rua e seus arredores, ser local de residência de família italianas, judias e talvez de outras nacionalidades e etnias. Os italianos nos seus ofícios de artesãos, com suas oficinas anexas às próprias residências. Meus colegas Scarpelli e Vanucci, no Silviano Brandão, tinham tal extração, com certeza. Os judeus, soube depois, dominavam os brechós e comércio de móveis usados da Itapecerica, principalmente em seus quarteirões iniciais. Uma dessas portas de comércio me deixava curioso, uma oficina ou marcenaria cujo proprietário colocara seu próprio nome como designativo do estabelecimento: "C. Aníbal Branco", que eu para sempre entendi como *canibal branco*.

A rua Itapecerica tinha outro atrativo: era o caminho do bonde, de longo itinerário, pois perpassava toda a Lagoinha e ia se perder nos longes dos bairros Bonfim e Santo André, talvez mais além. Assim como os times do Vila Nova de Nova Lima, do Siderúrgica de Sabará e do Valério de Itabira, os bondes acabaram, não passam mais. Muitas vezes fui para a escola neles, pagando uma mixaria de tostões, apreciando de verdade aquele transporte barato e divertido, depois substituído pelos fumacentos ônibus movidos a diesel. A Iapam fazia o mesmo trajeto deles e certamente levava a melhor, pois apesar de serem baratos eram inconstantes e provavelmente muito mal administrados. Figura notável no bonde era o cobrador (que em BH era chamado de trocador), sempre se equilibrando nos estribos laterais, eternos pingentes, espertos como ninguém diante da proximidade de um poste. O cobrador tinha uma função adicional: recolocar a alça de contato elétrico no fio, quando ela escapava – acontecimento frequente, diga-se de passagem. Passageiros também eram transportados nos estribos; para quem não conheceu tais geringonças vai a informação: boa parte dos bondes eram abertos nas laterais e os estribos eram considerados lugares apropriados de se viajar. Quem já esteve em Santa Tereza, no Rio, sabe do que estou falando. Diversão meio besta, mas sempre apreciada pela molecada, era colocar filas de pedrinhas na canaleta dos trilhos e vê-las transformadas em pó com a passagem do bólido elétrico.

***

A década de 50 chegou ao final e com isso fomos embora da Lagoinha. Para felicidade de minha mãe, o novo bairro agora tinha mais "classe". Mas isso, é claro, dependia do ponto de vista... E assim fomos morar no Prado, de novo, mais exatamente na rua Chapecó, no quarteirão entre Cuiabá e Turquesa, agora em apartamento próprio, térreo e com um enorme (para a visão infantil das dimensões) quintal cimentado.

Mas não devo ainda falar dessa nova etapa no Prado sem deixar a memória flutuar pela geografia que se impregnou em mim. E entre a Lagoinha e o Prado (meio de ladinho, é verdade) havia a Floresta, lugar em que, na verdade, também tenho algumas raízes. Minha mãe morou no bairro, quando adolescente, na década de 30 e narrou suas peripécias de então, de modo muito bacaninha, aliás, no seu "Conversando com a Saudade". Meu avô Altivo veio de Itabira para tratar de "um problema do pulmão" (os arquivos familiares se calam quanto a detalhes) e a enorme família de uma dezena de filhos ficou morando em uma casa da rua Silva Jardim, ao

lado da Igreja, casa construída pelo meu bisavô, Carlos de Paula Andrade. Minha mãe estudou na escola que fica atrás desta rua, de frente para uma pracinha, junto à Av. Assis Chateaubriand, melhor dizendo Tocantins, prefiro não me acostumar com estes nomes novos de ruas em BH. Anos depois, voltou para Itabira, namorou, casou e *me teve*, o que me faz sentir um pouco *da Floresta* também.

Mas como tudo tem a ver com tudo e assunto puxa assunto, me lembro de uma piadinha politicamente incorreta dos anos 50, contada na TV Itacolomi por um cidadão chamado Rômulo Paes, uma personalidade da BH daqueles tempos, uma espécie local de Stanislaw Ponte Preta e autor de frase famosa: “a vida é boa, a vida é esta: descer Bahia, subir Floresta”, numa alusão ao contraditório da juventude belzontina, sempre em trânsito entre o que era *society* (a rua da Bahia) e o que era *bas fond* (as ruas vizinhas da Floresta). Sem mais prolixidade vamos à tal estorinha: certo candidato a vereador pelo simpático bairro pichava nos muros o slogan: "*nasceu na Floresta, viveu na Floresta, fará tudo pela Floresta*...". Até que um gaiato adversário começou a completar "...*pode matar que é bicho*". Ecologicamente incorreta, não? E politicamente incorretíssima, sem dúvida. Mas isto são apenas histórias de uma BH que já acabou. Saudosismo a parte, porque nasceu outra BH muito interessante também, talvez até mais sedutora, em alguns aspectos – na moda e no futebol por exemplo. Violência urbana não entra na equação, pois passou a existir em toda parte deste país.

Belo Horizonte é cidade personagem em minha vida, sem dúvida. Lagoinha, Carlos Prates, Floresta, Prado formam partes de um caleidoscópio que ainda me ativa as emoções. Hoje percebo, um pouco assustado, que vivi na cidade apenas a terça parte de minha vida, o resto fora dali, em Uberlândia, Rio de Janeiro e, principalmente, Brasília. Mas há muitas lembranças vivas, registradas nessa minha crônica dos anos 90.

***

Mas voltando ao bairro do Prado, nesta nova etapa vivi grandes acontecimentos, antecedidos por verdadeiro rito de passagem. Em uma das minhas primeiras incursões pelo quarteirão, na rua Chapecó, me vi rodeado pela garotada local, que era numerosa, boa parte regulando comigo na idade. Não deu outra, me olharam de banda, foram retribuídos com a mesma mirada e aí, nem sei como começou, a pancadaria comeu solta. A mim foi dado encarar o líder, de nome Paulo Ernesto, um garoto boa pinta, de olhos verdes e cabelos pretos como as asas da graúna. O cara era mais escolado do que eu (que, aliás, nunca tinha brigado na rua...) e aí, devo confessar, apanhei feio... Bons tempos que isso não era chamado de *bullying*, mas considerado apenas como um ritual necessário para ser aceito e compartilhar o status de membro do grupo ao qual se chegava.

E foi assim: Paulo Ernesto se transformou, dias depois, em um dos meus melhores amigos e, na sequência, todos os demais membros do bando, os Barroca Marinho, os Alves do Valle, os Dilly, os Froes, os Tonucci e mais uns outros de cujo sobrenome não me lembro, como o Zé Reinaldo e o Curuca. Do primeiro (e definitivo) Clube da Esquina a gente não se esquece. E nosso clube tinha por sede um lote vago defronte ao prédio emque morávamos na Chapecó, de modo que era só atravessar a rua para se chegar ao “escritório”, abrigado debaixo de um frondoso pé de mamona, que nos fornecia também munição espinhenta para os combates (alegóricos ou nem tanto) que travávamos amiúde. Doutra forma não seria possível aliviar o extravasamento de tanto hormônio adolescente. Ali, na sombra de tal arbusto, rolaram as primeiras conversas que fizeram a mim e a meus irmãos deixar para trás, definitivamente, a inocência que a pecaminosa e plebeia Lagoinha não tinha conseguido retirar. Eu já havia aceitado o final do Papai Noel alguns anos antes, mas confesso que deixei de acreditar na Cegonha somente a partir deste momento.

Mas o fato é que eu era agora membro da matilha e estava muito feliz por isso. As porradas que recebi ficaram inteiramente esquecidas, não deixaram mágoas nem cicatrizes.

***

O grande acontecimento da década foi a Copa de 58, a primeira em que eu me liguei e torci, de fato. Jogos ouvidos pelo rádio, claro, com a porção masculina da família, meu pai inclusive, ali coladinhos ao aparelho, como se este fosse uma espécie de altar. E que ninguém falasse ou de alguma forma alterasse o estado de unção necessário à boa torcida. Podia ser punido com a expulsão do cenário. Além disso, já bastava aquele rádio velho que saia da sintonia a todo momento. Só pude ver os gols espetaculares de Pelé, os passes de Didi, as corridas espantosas de Zagalo e as "dibras" miraculosas de Garrincha alguns dias depois. À noite, na TV, só as famigeradas "radiofotos UPI", que mais pareciam retratos de tempestades, cheios de riscos e sombras cinzentas, onde mal e mal se via o que era gente, o que era bola, o que era torcida. Depois de cada jogo, cabia comemorar no quintal ou na rua. E desde então me tornei um pirotécnico apaixonado, pois o instrumento de delírio eram as famosas bombinhas "cabeça de negro", riscadas às dezenas, sem preocupação com qualquer risco ambiental ou pessoal, sendo que algumas até mesmo explodiam antes de serem jogadas no chão, sapecando nossas mãos. E tome bombas servindo como propelentes de latinhas de massa de tomate, que subiam aos céus gloriosamente, lembrando os Sputniks russos, surgidos na mesma era, voltando ao solo viradas pelo avesso. Era tudo festa!

A Copa de 58 se desdobrou em Maria Esther Bueno e Eder Jofre e assim todos os brasileiros passamos a acreditar que éramos mesmo os tais. E de quebra ainda tivemos o carisma de JK, os fuscas e as vemaguetes, seguidos da inauguração de Brasília e do bicampeonato no Chile, em 1962. Éramos todos felizes, sem saber. A década de 60 ainda não havia mostrado suas garras, abril de 64 ainda estava longe, Kennedy era uma promessa radiante e eu praticamente nunca estivera diante de perdas familiares, salvo a de minha avó Ermelinda.

A eleição de Jânio, em 1960, foi outro dos acontecimentos marcantes daquela temporada. Deu início, aliás, a importantes mudanças na política brasileira, que de certa forma deixaram sua marca no mundo infantil da Chapecó e do todo o país. Em 60 se inaugura Brasília e Jânio é eleito; em 61 o mesmo pega sua vassoura e vai embora; em seguida a reação conservadora, o parlamentarismo, a volta de Jango, o clima confuso cheio de marchas e comícios, contra e a favor. Em 1964 vem o que todo mundo já esperava.

A campanha Lott x Jânio empolgou a molecada da Chapecó. Catávamos panfletos e cartazes pelas ruas e montávamos nossos comitês eleitorais, rigorosamente divididos entre UDN e PSD. Eu era Jânio, tendendo pelo lado assumido por meus avós e tios maternos, que acreditavam realmente que o preço da liberdade era a eterna vigilância. Meu pai, juscelinista de carteirinha e homônimo do então candidato a vice-presidente, era Lott e creio que Eugênio e os demais o seguiram. Ainda me ecoam na mente os jingles eleitorais da época: *eleitor não vote, na urucubaca do Lott*, ou então *varre, varre, varre vassourinha*. Tinha também um *desta vez vamos com Adhemar*, mas quase não contava, sendo tal candidato solenemente ignorado nos comitês da Chapecó. Gente rolou pelo chão em disputas para ver quem tinha o melhor candidato. Veio a eleição de três de outubro, Jânio levou a melhor, com aqueles famosos seis milhões de votos e voltamos todos a ser os amigos de sempre, até que outra disputa nos separasse.

Disputas, aliás, não faltavam, principalmente de caráter esportivo. Ainda não estávamos em idade de desafios que envolviam o sexo oposto. O futebol de rua era uma dessas disputas, ds mais ardorosas, por sinal. Mas as peladas nem sempre ocorriam na rua, com aquele calçamento

horroroso de “pé de moleque”, que mais nos fazia tropeçar e desviar a bola. O palco das contendas frequentemente se deslocava para o quintal cimentado de nosso apartamento, um tanto em declive, mas mesmo assim adequado para a prática futebolística, pelo menos com tais atletas. O perigo era uma caixa dágua na linha de fundo, com seu meio metro de altura, tampada por uma chapa metálica que deixava arestas cortantes por fora. Logo aprendemos a driblá-la, também. Coisa que jamais me conformei foi o fato de que joguei as mesmas peladas do que Eugênio; a diferença é que ele virou craque, eu nunca passei de irremediável perna de pau.

Disputávamos com afinco, também, corridas de tobogã, na rua Cuiabá, na qual existia um marcante declive entre a Chapecó e a Francisco Sá. Curiosamente, voltei a tal cenário em idade adulta e não achei a descida tão acentuada assim, mas o que vale, aqui, são as lembranças da infância. Pois bem, em tal declive, devidamente forrado pelos indefectíveis pés de moleque, por incrível que pareça, conseguíamos deslizar velozmente em chapas de compensado ou papelão grosso, á moda do que se chama hoje *snowboard*. E desse modo competíamos em diversas modalidades, tais como velocidade, manobras e capacidade de se manter em cima da exígua superfície. Não havia disputa a respeito de quem se machucasse mais – ou menos – isso era totalmente irrelevante, ou melhor, fazia parte do esporte.

Esporte alternativo era o dos carrinhos de rolimã, modalidade em que nós, os Goulart, éramos uma espécie de Enzos Ferraris, pois dispúnhamos de um manancial tecnológico à nossa disposição, na garagem da Viação Ermelinda. Aqui me curvo à boa vontade e à cumplicidade incondicional de nosso tio Lauro Goulart, que sempre arranjava um jeito de nos suprir dos valorizados SKF, às vezes até retirados diretamente de suas embalagens originais.

***

Estávamos no final dos 50 e não poderíamos passar distantes de uma onda de globalização da época. *One two three four five: rock around the clock,* Bill Halley e seus cometas endiabrados. Tinha Elvis também, claro, além de muitos outros. No Brasil, Cely Campelo (*Estúpido Cupido*) e Ronnie Cord, com sua história do biquíni de bolinha amarelinha. Roberto Carlos dava seus primeiros vagidos e dele escorreu uma coisa grudenta que nos pegou a todos: *quero me casar contigo, não me abandone tenha compaixão*. Romântico, desde o começo e como sempre. Na época, meus primos Castilho Santos (Chico Marcos, Mani, Elisa e Cristina) assistiram no ginásio do Minas Tênis Clube a ninguém menos que uma outra grudenta da época, a americana Brenda Lee, com seu hit, não sei se único, *Jambalaya on the bayou*, cuja letra sempre foi sujeita a paródias meio escatológicas. Os supracitados primos tinham um pai abonado e liberal, meu grande padrinho Duílio, de modo que podiam surfar em todas as ondas, coisas a que nós do apê térreo da Chapecó não tínhamos acesso. Lembro-me que só *Rock around the clock,* no cinema, eles assistiram meia dúzia de vezes. Se inveja matasse... Mas tudo bem, éramos todos felizes por igual, mesmo apesar dessas diferenças no poder de consumo.

E por falar em consumo a era da Chapecó foi também de entrada da família neste mundo maravilhoso, pois passamos a dispor de TV e geladeira. Eletrola, não: só veio bem mais tarde. Não posso me esquecer do Natal em que a Frigidaire chegou em nosso lar, seu vulto quase solene na copa, o ar fresquinho que nos escorria pelas pernas quando parávamos extasiados diante dela aberta, como um oratório (*fecha a porta, menino, pra não gastar muita energia e perder o gelo!)* e, principalmente, o cheiro luxuoso de uvas Niágara que foram compradas especialmente para estrear o fabuloso eletrodoméstico – e também, certamente, porque era época de festas. Enfim, foi um Natal inesquecível.

Quanto à TV não posso afirmar com certeza se ela chegou quando morávamos no Prado ou ainda na Lagoinha. Só sei que foi em torno de 1957, quando ganhamos outro "objeto" na família, a nova caçulinha Claudia, conhecida intimamente como Cuíca. Objetozinho muito querido por sinal, embora aumentasse o trabalho de babás que os irmãos mais velhos faziam, sob minha coordenação, obviamente, por ser o primogênito. Claudia padecia de certas intolerâncias gastrointestinais que obrigavam minha mãe a produzir hectolitros mensais de água de arroz, remédio muito popular na ocasião, mesmo por recomendação médica. O resultado pior de tudo isso nem eram as dúzias de fraldas permanentemente dependuradas nos varais e nas janelas, mas a produção exuberante de arroz doce, subproduto da fabricação da tal fórmula mágica, o que me fez enjoar para sempre desta iguaria. Em suma, em casa onde raramente tínhamos sobremesa, esta passou a ser compulsória, mas sempre arroz doce. Cruzes! Cuíca nos deve esta...

Mas eu falava de televisão e de sua chegada em nossa casa. A principal lembrança é a de um indiozinho com cocar em formato de antena, o ícone da Itacolomi, canal quatro, emissora da rede Associada, que antecedeu a Globo no monopólio das comunicações no Brasil. O curumim ficava horas sendo exibido, sem movimento e sem música, em preto e branco. Isso queria dizer que havia problemas técnicos sendo resolvidos nos altos do Edifício Acaiaca, onde ficava a sede dessa única emissora de BH. Mas havia uns programas legais, todos produzido localmente e de forma meio amadora, mas digna. O *Circo Bom Bril*, nos sábados à tarde, tinha o palhaço Moleza e seu ajudante, o anão Meio Quilo, como atrações principais. Moleza era italiano, falava com certo sotaque e veio a ser pai de Toninho Cerezzo (e avô de Lea T., vejam só). Aliás, o futuro craque da seleção iniciou sua carreira, por assim dizer, pública, no Circo Bom Bril, como partner do pai. Outras atrações da Itacolomi eram um dramalhão semanal chamado *Esta é a sua vida*; um teleteatro de suspense, *A Garrafa do Diabo*; um quadro humorístico até bem sucedido em fazer rir, *Seu Encrenquinha*, além de outro, também de humor, no qual o futuro Zacarias, dos Trapalhões, fazia um advogado de defesa, meio abichalhado, num júri bem no estilo Zorra Total – em televisão nada se cria... Uma vez por semana Juca Chaves fazia um programa de música e piadas na TV; este era de agrado geral: *Brasil já vai à guerra, comprou um porta aviões* ou ainda *Por quem sonha Ana Maria nesta noite de luar* – eram os hits do momento.

UMA CASA

Lembrança forte dos anos 50: a casa de meus avós maternos na rua do Ouro 750, no Bairro da Serra, em Belo Horizonte. Ela está até hoje em meus sonhos e nem preciso estar dormindo para que ela venha me encantar. A rua era pacata e silenciosa, pelo menos no tempo que a conheci. Os poucos carros, trafegando em mão dupla não exigiam cuidados especiais em sua travessia a pé. O bairro, por sua vez, não era grande nem movimentado. A cidade, aliás, terminava logo ali, poucos quarteirões rua acima.

Esta é uma casa especial. É preciso conhecê-la em seu ambiente, antes de entrar. O terreno vai de uma rua a outra. A rua dos fundos, aliás, só apareceu depois. Havia, em seu lugar, um córrego encachoeirado, modesto em seu cotidiano, mas violento e ruidoso quando caiam chuvas no alto das montanhas, da Serra do Curral, que guarnece a cidade, de onde ele despencava, entre moitas de capim e matacões de minério de ferro. As casas vizinhas, coetâneas desta, têm, todas elas, grandes quintais, dispostos paralelamente, como capitanias hereditárias.

Entremos na casa, para percorrer seus cômodos e corredores, jardins e quintal. À frente um muro baixo, no máximo um metro de altura, fruto de um tempo que ninguém carecia ser barrado. Sua parte superior faz como um parapeito largo, onde se podia sentar, para apreciar a rua. Um portão nos dá entrada ao pequeno jardim, onde pontificam roseiras mais espinhentas

do que propriamente florosas. Chega-se, assim, ao alpendre, que é como, naquele tempo, esta parte se denominava. Subamos, então, a pequena escada à nossa frente.

No alpendre duas cadeiras baixas, quase espreguiçadeiras, de alto espaldar, em madeira pintada de cor creme, com almofadas azuis, dando a quem chega a medida da hospitalidade e da bonomia de tal habitação.

Minha casa se abre para o alpendre por duas portas, altas, também de cor creme, encimadas por "bandeiras" arqueadas, onde se encaixam vidros vermelhos e azuis, como também acontece com as janelas da casa. A porta da esquerda conduz a um quarto sem comunicação com o resto da casa, talvez originalmente um escritório, mas agora conhecido como quarto dos rapazes. Quem residiu ali, por um breve tempo, é um tio solteirão, que veio morar com a família quando lhe cansaram os muitos anos passados em hotel. A outra porta, à frente, é que se abre para o interior da casa e por ela entraremos.

Uma ampla sala logo se descortina, com seu assoalho de madeira, sempre bem encerado, que ecoa ao ser palmilhado. Os móveis são de madeira escura, sóbrios, entre eles um armário de portas envidraçadas, conhecido como "o bar", repleto de cristais azuis, vermelhos e em *bico de jaca*. Bebidas mesmo, muito poucas. Os donos não bebem e é preciso resguardar a abundância de espíritos de um morador eventual, menos virtuoso neste quesito. Uma dessas garrafas tem como tampa, uma rolha adornada com uma pequena escultura em madeira, representando o busto de um possível bêbado, que nos fita com olhar mortiço e riso debochado, com a boca entortada por um curto cachimbo.

Num lado, abre-se uma segunda sala, prolongamento desta onde estamos, dita "de visitas". Ali, entre cortinas diáfanas, impõem-se três sofás clássicos e encorpados, revestidos de tecido de cor pérola. A um canto a grande vitrola RCA, em madeira também escura, cujo luxo e solenidade conferem aparência de peça de museu, apesar de ser nova. No outro canto um piano Pleyel, vertical, de procedência francesa, negro e solene também, com seu teclado sustentado por volutas sinuosas, barrocas. Pleyel foi marca usada por ninguém menos que Chopin. Ao abrir-se-lhe o tampo, surge um odor capaz de se fixar na memória de alguém por muitas décadas, lembrando madeira e alcatrão, mas principalmente infância.

Tomemos agora o corredor, que parte da primeira sala. Ele é muito longo e tem altas paredes, com o forro em lambris pintados na cor creme que é apanágio da casa. Em seu lado esquerdo perfilam-se quartos, três ou quatro – é bem longo este corredor. O primeiro deles abre-se também para a sala, obra de uma arquitetura que não separava o íntimo do social. Eles se comunicam uns com os outros, também. São os quartos das moças, naturalmente mais protegidos e mais acessíveis à fiscalização rigorosa de horários, conversas, hábitos. Ainda é o tempo antigo, não nos esqueçamos...

A meio caminho no corredor, de lado oposto aos quartos, abre-se o chamado – este sim – escritório. É um cômodo pequeno, do qual se pode sair por uma porta lateral, que dá para um jardim suspenso, para aproveitar a declividade do terreno. O escritório, onde o dono da casa guarda seus livros e papéis de advogado, está abarrotado. Ali também repousa uma quilométrica Enciclopédia Jackson, além de muita literatura em capa dura. Acima das estantes dois retratos, ovais, de personagens circunspectos e até mesmo tristonhos: um homem calvo, de grossos bigodes e uma mulher clara, de maneira altiva, portando um xale. Em uma mesinha baixa o rádio, em madeira envernizada e tela de gorgorão a cobrir-lhe os alto falantes, com seu painel verde fosforescente, quando ligado. Sobre o aparelho a impressionante escultura

enegrecida de um índio, apoiado em um dos joelhos, imenso cocar à cabeça, prestes a disparar verossímil flecha.

Não saiamos da casa, por enquanto. Continuemos pelo corredor, que vai ter à sala de refeições, dando também entrada, pela esquerda, para a cozinha. Sala de refeições esta, mais exatamente uma copa, pequena, na verdade, face às dimensões da casa. A mesa ali colocada vem de outro ambiente, maior certamente, e foi colocada com um de seus lados encostado à parede, para facilitar a passagem das pessoas. Do outro lado da mesa o móvel que um dia se chamou *buffet*, também candidato a um museu olfativo. Seu cheiro de madeira doce, associado a cravo, canela, doces de laranja e de figo, de que a dona da casa é exímia fabricante, também mostra aquela propriedade de se fixar na memória de uma pessoa para sempre, ou, pelo menos, por décadas a fio.

Desta copa se alcança o que fora um dia o terraço, mas que depois veio a receber paredes e telhado, transformando-se em novos quartos da casa, aliás, os principais agora, onde dormem o casal de donos, além da filha caçula e temporã. Por outra porta, no extremo oposto da entrada dos quartos, se alcança o quintal, onde logo estaremos.

A cozinha acompanha a escala da casa, pela sua enormidade. Seu teto, à diferença dos outros cômodos, não tem o forro de lambri oleado, mas sim uma treliça de ripas diagonais, em verde claro. Por cima dos espaços losangulares de tal forro denotam-se vestígios de fuligem antiga, a demonstrar a existência pretérita de um fogão de lenha. Mas isso foi bem antes, com certeza, porque agora o que domina o ambiente é um fogão elétrico sólido, respeitável, de marca Gardini, com seis bocas, talvez – um luxo! A cozinha abriga ainda uma comprida pia de mármore, talvez um pouco desgastado pelo uso, com metais amarelos e bojudos. Um armário dos chamados “guarda-comida”, ao lado, não desperta lembranças olfativas muito agradáveis, pelo seu cheiro de polvilho azedo, que lembra também o cocô de gato. Prestem atenção na geladeira Norge, com seus cantos arredondados, que atravessou décadas em funcionamento perfeito. Já com sua brancura meio encardida, ela se assenta, atarracada, sobre um estrado, certamente para compensar sua estatura baixa; Debaixo desta espécie de palanque a gata da casa se aninha. Para as crianças, o ronronar da gata tinha algo a ver com o funcionamento do motor da geladeira, quem sabe um estranho e mágico caso de mimetismo.

Detenhamo-nos no banheiro, por um momento, pois ele merece nossa admiração, de tão espaçoso e acolhedor que é. Entremos nele por uma porta ao fim do corredor, antes da entrada da copa já visitada. Fácil saber se está ocupado, pela tranca dourada em posição horizontal ou vertical. Vamos por um vestíbulo alongado, espécie de corredor perpendicular ao outro, ao longo do qual se alinham estantes de madeira, também pintadas a óleo, nas cores básicas da casa. Aqui se guardam toalhas, sapatos, vassouras, material de limpeza, urinóis. Ao fundo, finalmente, se descortina o dito cômodo em seu esplendor, podendo ser denomindo, sem favor algum. de “sala de banho”. Aqui pontificam as louças e azulejos brancos, os metais bojudos dourados, as maçanetas também de louça, com seu rico filamento azul duplo. Chique demais! Bem no alto, quase se encostando no teto, um basculante com vidros foscos, através do qual ninguém jamais seria capaz de cometer indiscrições. É o único banheiro da casa e ocupá-lo solitariamente é quase um desperdício.

É hora de conhecer o exterior da casa. Voltemos ao portão da entrada principal. Agora não subiremos a escadinha do alpendre, mas sim vamos tomar o o caminho das roseiras, por seu lado direito, em suave declive. Por um piso de pedra, paralelo ao corpo da casa, se chega à entrada da garagem, situada mais aos fundos, debaixo do terraço e quartos, aqui já descritos. É uma via rodeada de plantas floridas, que também recobrem o intervalo deixado entre as

passagens dos pneus do carro. São mirabilis, bocas de lobo, hortênsias, gramíneas decorativas, algumas delas um pouco manchadas e tombadas pela passagem do Chevrolet 1937, negro e fosco, estacionado mais adiante. De um lado, um arbusto notável, em verde escuro e lustroso, exibe ao longo de todo ano suas pencas de perfumadas e elegantes camélias. Além destas, outro foco de admiração para quem passa na rua é a verdadeira touceira de flores de seda, plantada rente aos alicerces de pedra, que entre maio e junho exibe glamorosamente sua florada rosa e vermelha. Bem perto, a moita de pequenas palmeiras faz aquele canto de jardim lembrar um pequeno oásis.

Mas o jardim ainda nos reserva surpresas, como, mais adiante, o caramanchão. Podemos nos deter um pouco aqui, aproveitando o frescor. À primeira vista acreditamos que tudo tenha sido pintado de verde. Mas é engano! O que domina tudo é o limo verde, aveludado, em estado de luxúria vegetal. O teto, embora tendo uma camada seca por baixo, por cima é pura exuberância, como convém às graciosas trepadeiras de lágrimas de Nossa Senhora. Por toda parte, em disposição confusa e nada planejada, se amontoam as avencas, espadas de São Jorge, costelas de Adão, antúrios, copos de leite e begônias. Nos intervalos o beijo de frade é mais um a desorganizar o que não carece de ordem. Este nem precisa de vasos, cresce até sobre o veludo do musgo. Impaciente em seu mister de ocupar espaço, para fazer jus ao nome que lhe deu a botânica.

Logo atrás do caramanchão já se inicia uma zona mágica e sagrada: o quintal, ou *terreiro*, como se dizia então. Um pequeno muro separa os dois territórios, que se comunicam por um portãozinho de ripas, meio cai-não-cai. Duas laranjeiras avisam a chegada. Mais adiante a parreira, imensa, debaixo da qual há bancos para se assentar, para prosas em tardes calorentas e até um pequeno espelho dágua, no qual uma libélula mal pode se ver de corpo inteiro, mais exatamente um tanque antigo de cimento, nivelado com o piso. Aqui, por ocasião das festas de fim de ano é possível colher e saborear uvas generosas e sumarentas, em uma vindima suficiente para o consumo da casa e para o agrado natalino aos vizinhos.

Mais adiante da parreira, o jardim reincide, logo à frente da escada que vem da sala de refeições, já visitada, formando canteiros bem demarcados no pátio de cimento. Aqui, rosas variadas em cores e perfumes, às quais a dona da casa dedica especial atenção. Com freqüência, um jarro na sala de refeições, exibe orgulhosamente a produção de tal território, obtida à custa de muita adubação, em que pese a oposição das formigas e os arranhões nos braços e nas mãos. Neste outro recanto, ervas de farmácia e cozinha: hortelã, poejo, coentro, erva cidreira, funcho, losna. Não há como deixar de esmagá-las entre os dedos para sentir seus odores sadios, que nos acompanharão por todo o restante da visita. Ainda há outro canteiro, no qual o dono da casa escreve letras sofisticadas, enxertando cítricos, em busca da fruta mais rara e mais doce. As pequenas árvores assim operadas perfilam-se em cestos de taquara, qual em uma enfermaria botânica.

Chega-se, finalmente, ao galinheiro, fronteira última do terreno da casa. Logo na entrada, sua sentinela, a cachorrinha *Susy* - podemos passar sem sustos, que ela é das mais mansas. Aqui, na moita de bananeiras há uma que chega a dar dois cachos, resultado, com certeza, da curiosidade botânica do dono da casa. Ali, o pé da fruta do conde (ou *condessa*, como era ali conhecida), que domina quase toda a área do quintal. Ainda não é tempo da fruta e assim não se pode saborear suas doces vísceras translúcidas, cuspir à distância suas sementinhas escuras e lustrosas. Ao redor e mais abaixo os abacateiros, mangueiras, laranjeiras diversas, a lima, o limão vinagreiro e demais habitantes do terreiro. Aqui, no final da tarde, as cigarras chegam a ferir nossos ouvidos com seu zinido destemperado.

Paremos agora para apreciar o córrego, que fecha o terreno nos fundos. Se não é tempo de chuvas, ele é assim, manso, apenas murmurando através da pequena queda dágua logo abaixo. Quando, chove, porém, transforma-se em caudal ruidoso e espumante, capaz de arrastar, com fúria, troncos, moitas inteiras de capim e até mesmo galinhas surpreendidas nos quintais. Uma pequena trança de folhas e gravetos, a certa altura na cerca dos fundos, é a marca de uma enchente nas chuvas passadas. Parece um pouco sujo o córrego, vizinhos negligentes talvez atirem detritos em sua corrente. Até mesmo um cheiro pouco agradável se faz notar. Pensando bem, não é mais possível esconder: o córrego não traz mais apenas a água clara da serra. Ali embaixo, um pequeno vulto rápido, sinistro, quase nos confunde, não fosse a longa cauda. O surgimento de outro ser cinzento, nervoso, olhinhos brilhantes e desconfiados, bigodes perscrutadores, logo confirma nossa lúgubre suspeita. A cidade está crescendo, o córrego já não é o mesmo de poucos anos atrás.

Mudou o córrego, virou rua, já não é possível ouvir seu murmúrio e sentir o frescor úmido de suas margens. Domesticado, ele não extravasa mais. O bairro também mudou, cresceu, se transformou em formigueiro confuso de lojas, prédios de apartamento, ruas movimentadas e barulhentas. Casas, como esta que ainda chamo de *minha*, são agora raras e abrigam escritórios e lojas, não mais as famílias de antigamente. Feridas se abriram na serra para dar passagem à cidade voraz e à sede de extrair a alma da natureza. Minha casa, o que foi feito dela? Foi vendida, demoliram-na. Agora, em seu lugar, o que subsiste é um prédio de apartamentos, mais um, entre tantos. Aqui mesmo, onde agora estamos, é o estacionamento. As pessoas de antes envelheceram, se mudaram, morreram. Guardemos apenas as imagens da casa, do jardim e do terreiro, assim como lhes revelo, como num sonho. Um dia, tudo existiu, juro; agora só na lembrança. Dou meu testemunho de menino que viveu dias felizes naquelas paragens.

***

Pois é, estas são as imagens que me restaram da magnifica casa da rua do Ouro, numero 750, no bairro da Serra, em Belo Horizonte, onde moraram meus avós Altivo e Dodora, mais diversos filhos deles, meus tios. Ali passei dias felizes de minha infância. Eu diria mesmo que foram os mais felizes de todos que que vivi em toda minha vida.

UM ANJO LOURO

Corria o final dos anos 50, eu tinha nove ou dez anos e certo dia, ao chegar da escola, dei com o inesperado na sala da casa. Uma família inteira estava, por assim dizer, acampada ali, com malas, caixas e até mesmo sacos por toda parte. O pai havia saído para tomar providências, só o vi mais tarde e depois falo dele. A mãe era uma matrona loura e corpulenta, de um tipo físico completamente diferente do padrão brasileiro, que somente muito depois compreendi ser de natureza germânica ou eslava. Falavam outra língua, pelo menos entre eles. Mas as crianças...

Eram três. Um pequetito, talvez nos seus quatro anos, se muito, figurava doença aguda, a inspirar permanentes cuidados da matrona. Encatarradíssimo, febril, choraminguento, tinha um aspecto miserável, em que pesassem seus cabelos louros, quase brancos e as bochechas muito vermelhas. Vestia um pijaminha de flanela bastante puído e sujo, com marcas evidentes da longa viagem que o trouxera até ali.

A menina do meio talvez fosse da minha idade. Por alguma razão me marcou pouco, a não ser pelo linguajar incompreensível, que mantinha com a mãe e os dois irmãos. Se falou alguma coisa em português – pode ser que tenha falado – não me recordo mais. Lembro-me apenas que a

coitadinha tinha perebas por todo corpo, mas parecia não sofrer e nem mesmo se dar conta disso.

A filha mais velha, esta sim, era uma figura marcante. Loura, alta, esguia. Os cabelos lhe batiam na cintura. Gestos enérgicos de quem dispunha, na família, do estatuto de uma segunda mãe para os irmãos mais novos. Teria seus quinze anos, talvez. Vestia-se de chita, bem à brasileira, mas com aquele porte e o longo cabelo louro, lembrava uma camponesa europeia, se não uma personagem de contos de fadas. Melhor dizendo, parecia um anjo – e agia como tal, socorrendo e consolando os irmãos mais novos, adoentados. Foi por poucas horas, lamentavelmente, que a vi de perto, mas aquela imagem me marcou por muitos anos.

De onde vinha aquela gente, chegada assim tão de repente em nossa casa? Logo minha mãe esclareceu o fato inusitado. Era uma família estrangeira, cujo chefe era amigo de meu tio Ricardo; tinham trabalhado juntos no passado, em Itabira, e eles, vindos do Norte de Minas, agora rumavam para São Paulo, para tentar uma sorte melhor em outras bandas. Estiveram conosco não mais do que uma parte de manhã e uma tarde, depois seguiram seu destino, pegando o trem noturno da Central do Brasil, que ainda circulava entre BH e Sampa naquela época.

O pai, Jorge, de nome provavelmente aportuguesado, havia morado em Itabira por algum tempo, onde conheceu meu avô e outras pessoas da família. Eram imigrantes europeus, judeus, talvez; russos, depois se soube. Estariam fugindo do nazismo, do estalinismo ou da grande guerra – não sei dizer. Seu Jorge era agrônomo de profissão e foi nessa condição que arranjou colocação em Itabira, onde, como se sabe, havia diversidade econômica antes que a Vale tomasse conta de tudo e instaurasse a ditadura da mineração. Além de sua formação agrícola, o homem era muito culto, conhecia de tudo um pouco e tinha um lado empreendedor, inquieto, bastante marcante em sua personalidade e que influenciou bastante sua vida. Tanto que saiu de Itabira, foi para o norte, depois para São Paulo. Entre a Rússia e Itabira deve ter tido, certamente, outras tantas passagens.

Pois bem, resumindo a história, nunca mais os vi, pelo menos de perto e tive bem poucas notícias deles. Aqui minha narrativa entra numa espécie de ramificação, mas fiquem tranqüilos os leitores que mais adiante os caminhos se encontrarão.

Corriam agora os anos 60. Belo Horizonte começava a tomar ares de metrópole, mas arrastando ainda certos grilhões provincianos. Uma dessas coisas anacrônicas era uma espécie de concurso de beleza e simpatia (nada de misses de maiô!), ao qual se dava o colonizado apelido de *glamour girl*. Na época, eu talvez não me interessasse por colunas sociais, mas já apreciava, bastante, aliás, a visão de uma linda mulher. E em um daqueles anos dourados, ao som dos Beatles e da Bossa Nova, apareceu uma *girl* especialmente cheia de *glamour:* loiríssima, muito alta, esbelta, olhos azuis faiscantes, poliglota, intelectualmente muito articulada, determinada, cheia de personalidade. Não se falava em outra coisa na Belzonte provinciana de então.

Um belo dia, a revelação. Minha mãe, ao ver aquele anjo no jornal ou na TV, comentou: *mas esta é a filha de Seu Jorge; vocês se lembram, ela esteve conosco, junto com a família, aqui em casa há alguns anos atrás?* Caramba, eu que nunca havia visto uma *glamour girl*, ou qualquer outra celebridade tão de perto quase caí pra trás de susto. Então era ela!

Depois o anjo desapareceu, pelo menos para mim, que não acompanhava as notícias do mundo do *high society*. Já nos anos 80, vendo o programa do Chacrinha, minha mãe mais uma vez me

trouxe a revelação: *estão vendo aquela lá? Pois é, é a filha de Seu Jorge, aquele amigo da família, que esteve em nossa casa há muitos anjos atrás...*

O anjo louro, a adolescente encantada, a mulher de sonho tinha se metamorfoseado mais uma vez, ela era agora Elke Grunupp, dita Elke Maravilha, que todo mundo conhece. Mas eu digo com orgulho: eu a conheci antes de todos; melhor ainda, dentro da minha própria casa! E não me perguntem como é que uma pobre menina imigrante e depois migrante interna pôde chegar à alta burguesia mineira e depois atingir o estrelato na TV. Não tenho informações suficientes e nem sei onde encontrá-las. Como dizia o personagem de Suassuna: *só sei que foi assim*.

CHEIRO DE TANGERINA

Os dois garotos, pelo menos uma vez por mês, tinham permissão da mãe para acompanhar o avô nas idas ao sitio, em Contagem, que naquele tempo era outra cidade, para a qual, de fato, tinha de se viajar.

Depois de um dia de folguedos e travessuras, suportados, a maior parte das vezes com bonomia pelo avô, cumpriam, então, um ritual ansiosamente esperado: a fogueira de despedida, brincadeira vedada quando os garotos estavam sozinhos. A lenha recolhida debaixo das mangueiras, juntamente com o vasculho do pomar, era organizada por eles mesmos como uma pirâmide irregular, no local onde ainda jaziam cinzas de fogueiras anteriores. Varas do bambu fino, que formava vasta moita junto ao açude, já haviam sido trazidas, para serem queimadas e fazerem às vezes de foguetes, pelo estampido que provocavam ao romper com o calor das chamas. O avô lhes ensinara, também, a queimar os ramos de um pequeno arbusto, de folhas carnosas, que produzia estalidos e lançava fagulhas, fazendo grande efeito pirotécnico.

Terminavam assim o dia, à beira do fogo, agasalhados por recomendação da mãe, para evitar o frio pelas costas. O avô tomava suas últimas providências e não raramente tinha de ceder mais uns minutos aos meninos, que desejavam fazer a queima de uma vara recém encontrada ali por perto, que prometia tiros de arromba.

No caminho da volta, extenuados e calados, mas acima de tudo felizes, amontoavam-se no banco da frente do *Jeep*, cabeceando para lá e para cá, com o balanço do veículo. O avô, a esta altura, deixava-os quietos, sem puxar as tradicionais brincadeiras e adivinhas, parte obrigatória da viagem, pelo menos na vinda, quando estavam descansados os garotos. Deixava, então, os netos entregues ao sono e às recordações do dia.

No ar, impunham-se em estranha mistura, os odores da gasolina, da mexerica enredeira e do limão-cravo, das verduras recém colhidas, da terra fresca aderida às batatas doces e às mandiocas. Mal vedado pela capota de lona do veículo, um friozinho benfazejo fazia sua presença. Lá atrás, o sol se punha entre rosadas nuvens, como se o lençol de capim gordura dos morros tivesse se invertido e cobrisse, agora, o próprio céu.

Para aqueles dois, meu irmão Eugênio e eu, o cheiro de tangerinas, mostarda e terra fresca, o friozinho das tardes de maio, o sol num dossel colorido, o crepitar de lenha em fogueira, o capim gordura manchando os morros, mesmo passados mais de sessenta anos, ainda trazem magicamente as cores, os cheiros, os sons e os sabores de uma meninice luminosa. Quem teve infância por certo entenderá...

ÉRAMOS CINCO

Rua Niquelina, Belo Horizonte, domingo no final de tarde. Para a maioria são indicativos topográficos e temporais que nada sugerem. Para mim e para meus irmãos, aliás, para muito mais gente da família, era o retrato vivo de uma dor.

Aconteceu em 1961. Nós vínhamos, então, pela velha rua de Santa Efigênia, após a visita semanal a nossa mãe, internada no Hospital da Baleia, lá no final, além dos morros da Pompéia, depois mesmo do Cemitério da Saudade (triste augúrio), longe o bastante para provocar em nós a sensação de que ela agora vivia em outro mundo. Lá estava a pobre Favita, com o corpo quase todo paralisado pela Síndrome de Guillain Barrè, doença ainda hoje misteriosa e especialmente desconhecida naquele tempo. O que mais me impressionava, então, além de ver minha mãe em uma enfermaria, cercada de gente com problemas ainda piores que o dela, era saber que, entre outras torturas, lhe haviam feito vários exames do "líquido da espinha". Para o coração infantil, não podia haver nada pior!

É bem verdade, tudo tem sua compensação: tínhamos agora bem perto de nós algumas pessoas muito queridas. Além de nossas tias e tios, nossa avó Dodora, recém viúva de meu avô Altivo, cuja morte aumentava mais ainda o nosso desalento. Das tias que vieram cuidar de nós, duas iriam se transformar em figuras familiares essenciais, a quem até hoje dedicamos boas lembranças e carinho: Cicida e Angelita.

O Hospital da Baleia fica num agradável pé de Serra (*do Curral*), nos fundos do bairro Taquaril. Naquele tempo era mato – e mata atlântica, inclusive. O lado bom termina aí. Hoje, pelo que sei, a região demudou-se em favela e por ela ninguém mais se arrisca a passear. Éramos crianças e apesar do motivo da visita, que durava muito pouco para nossas expectativas filiais, encontrávamos um tempinho para brincar num parquinho, subir em árvores e aproveitarmos o clima de fazenda que ali dominava. Havia patos e carpas num açude. Enfim, como tudo na vida, o bom e o ruim se misturavam. E ali tínhamos contato com gente amputada, paraplégica, em coma. As cadeiras de rodas faziam estranho engarrafamento quando terminava a hora da visita familiar.

Tempos difíceis, agravados pela presença, em nossa casa, de forças do mal. No caso, personificadas numa empregada vinda de Itabira, chamada Dalva, a quem apelidamos *Darva*, um tanto para imitar sua caipirice, outro para expressar nosso desprezo por ela.

Dá para imaginar cinco crianças obrigadas a se preparar para a escola, se alimentar, tomar banho e tudo o mais sem uma mãe por perto? E o que pior, expropriadas em seu direito de ter alguém que lhes oferecesse, como só as mães sabem fazer, aquela puxadinha no cobertor até a altura do queixo, nas noites frias da BH daquele tempo.

Mas sobrevivemos.

Os anos sessenta assim começaram para os Andrade Goulart. Na sequência desses acontecimentos, quando nossa mãe voltou para casa, já parcialmente recuperada, mudamos para um apartamento térreo, para fugir da escadaria de onde até então morávamos. Nos primeiros tempos ela se locomovia em cima de uma cadeira comum, adaptada sobre uma plataforma de madeira, com rodízios de rolamentos – um verdadeiro carrinho de rolimã, com o

assento elevado. E assim era ela empurrada alegremente por nós, que até disputávamos a primazia de conduzir aquele estranho veículo.

De uma casa a outra; da mãe ativa que possuíamos até aquela de repente tão dependente; do abandono de uma velha turma de rua ao encontro de um vazio afetivo – uma coisa é certa: a gente se virou e amadureceu meio à força. Eu, pelo menos, chego a dizer que nem tive adolescência, pulei da infância a uma vida quase adulta naquele momento.

Muitos anos depois vi que minha vida nesses anos 60 foi contada no cinema. Acreditam? Podem duvidar, mas é como se fosse. Quem viu o filme sueco "Minha vida de cachorro" teve acesso a cenas completas de minha infância na Lagoinha e no Prado. O menino curioso, meio trapalhão, a mãe doente, a família separada por conta de sua hospitalização, as primeiras descobertas sexuais, o tio barra limpa, o mundo chato dos adultos e as janelas para escapar dele, o início da corrida espacial, com a cadelinha Laika. Está tudo lá, como na minha vida também. Só não fica bem claro quem é o tal cachorro que dá nome ao filme, pois o único animal desta espécie no filme é a cadelinha russa; na minha história houve apenas um Nero, nos tempos da Antonio Carlos, que nunca mordeu ninguém, mas também não chegou a deixar lembranças, nem más nem boas.

Sorte nossa que a rede familiar cuidou de tudo. Eu, com 13 anos, liderava (se é que esta palavra se aplica) uma escadinha de quatro menores; na outra ponta, Cuíca com três ou quatro anos. Mais uma vez, como havia acontecido no nascimento tumultuado de minha irmã mais nova, a tal rede familiar se abriu e nos abrigou. E eu e meus irmãos tivemos a sorte de não termos apenas um tio legal e camarada, mas uma tropa deles, com especial destaque para as irmãs de minha mãe Angelita e Cicida. Mas um singular tio legal estava também muito bem representado pela figura inesquecível do já citado Zé Marcos, um dos irmãos mais novos de minha mãe, que poucos anos depois nos deixou, de maneira trágica.

Foi uma época dura aquela, mas enfim, sobrevivemos.

MINHA CIDADE

Que tal um giro pela BH de meu tempo? E de sempre, porque o que vive na memória e não perece. Assim como os sonhos, naquela música que Milton canta.

A vida é essa: descer Bahia, subir Floresta... E já que subiu Floresta, aproveite e vá observar a cidade do alto do Colégio Batista. Velhas casas, velhas ruas, quintais pequenos mas de grandes frondes. À frente, a Serra do Curral, emoldurando o cenário de um gigantesco paliteiro. Bonito? Tem sua graça, sempre, esta *recem-tenária* cidade.

Desça agora por uma das ladeiras que vertem na Lagoinha as pessoas, os carros e as fortes enxurradas, quando é tempo delas. Antigo caminho da perdição, hoje apenas passagem de estudantes e comerciários, para a lida brava na metrópole. A Praça Vaz de Mello já não é do povo e sim dos carros, mas a Lagoinha está muito melhor. Quem duvidar que suba Antonio Carlos até a altura do antigo Mercadinho Popular, que reformado virou lugar dos mais ajeitados.

Prossigamos, de taxi, ônibus ou mesmo a pé. O Barro Preto é próximo e vale a pena conhecê-lo. Ali parece que se produz roupa para o mundo, tudo é luz, cor e *fashion*. Até oficinas mecânicas se travestiram de cinema, espaço cultural, restaurante. Mas, em fins de semana, as ruas

tranquilas e arborizadas do Barro Preto ainda permitem vislumbrar um restinho da BH de décadas passadas, nas diversas camadas arquitetônicas que os modismos foram depositando sobre a cidade. São bons exemplos os Grupos Escolares Francisco Sales e Caetano Azeredo, que faziam belo conjunto com o antigo Ginásio Mineiro, depois Colégio Militar, hoje o prédio-sede da Justiça, caído naquele pedaço neoclássico com a sutileza de mil toneladas de concreto. Mas não vale a pena maldizer, não faríamos outra coisa nesta cidade, que às vezes sossobra nos contrastes e injunções do lucro imobiliário.

Vamos em frente, pela Av. Barbacena, que até hoje parece instável, quase flutuante, com seu piso irregular, assentada como está sobre um brejo, quem sabe o antigo *barro preto.* Para os lados da Assembléia, a cidade mostrará sua face moderna quase por inteiro. Mas, procurando bem, vamos ver os belos casarões (alguns nem tanto) da burguesia do bairro de Lourdes, já virados em escritórios. O melhor aqui são as ruas e avenidas arborizadas - a Álvares Cabral é marcante - os nossos *boulevards*, que fazem deste canto da cidade algo sofisticado e cosmopolita. Mais uma vez a Serra do Curral se impõe, um tanto banguela, mas sem perder a majestade.

Pelo *Boulevard* da Alvares Cabral, subindo e descendo colinas suaves, vai-se ao Parque Municipal, o verdadeiro coração desta cidade. Aqui toda perda, toda delapidação, toda decadência parece ter passado longe. O Parque não, o Parque continua o mesmo. Aliás, o Parque está cada vez melhor.

Agora é subir Afonso Pena até a antiga Praça do Cruzeiro, nem é preciso ir mais acima. Ali, no sopé do Curral, junto às araucárias da caixa d'água, mirando o horizonte do poente, com as colinas do Santo Antônio e da Barroca ao fundo, é hora de confirmar com os olhos, mas principalmente com o coração, que nenhuma outra cidade é bela como esta BH que habita nossa memória.

O COLÉGIO DA ELITE MINEIRA (E MEU TAMBÉM)

Colégio Estadual de Minas Gerais, dito Central, nos altos do bairro de Lourdes – ou seria no Baixo Santo Antônio? Ali estudava a elite mineira. E também pobres e mortais, pequenos burgueses ou quase proletários, como eu e muitos outros. Além dos que vieram a ser governadores e ministros no futuro, nos seus bancos se sentou também a filha do governador da época, Ana Lucia (de Magalhães Pinto). E é claro, que não se esqueça a infeliz moçoila que veio a ser eleita, por duas vezes, Presidente da República. E mais um bando de gente passou por ali, uns maiores, outros menores, como diz o samba de Vanzolini.

O Estadual foi projetado por ninguém menos que Oscar Niemeyer. Falar nele é correr riscos. *Quem palreia em demasia estende saudações matinais a eqüinos*, já diziam os antigos. Mas dessa vez não resisto à vontade de *palrear* sobre um personagem que é detentor de verdadeira unanimidade nacional. Corro o risco, certeiro, de colocar minha colher de pau em mingau alheio, pois sou estranho aos quadros da profissão do homem.

Penso, sinceramente, que a unanimidade que sempre cercou o grande arquiteto não lhe faz justiça. Ou faz mais justiça do que a merecida por ele. Um pouco de contestação e debate não faria mal à sua obra, eis a verdade. Diante de casos assim, torna-se irresistível, lembrar da frase definitiva e já clássica de Nelson Rodrigues: *toda unanimidade é burra*. Além de burra, não ajuda em nada o progresso das ideias.

Reivindico para mim pelo menos uma razão importante para não apreciar a unanimidade em torno do mestre: eu estudei no Colégio Estadual, projetado por ele.

Ali, no Estadual, gerações e gerações de pessoas importantes na política, nas artes e em outras atividades tiveram assento. Bons tempos aqueles que o ensino público era sinônimo de qualidade. Até hoje quem estudou lá se sente honrado e menciona isso nas rodas de amigos com o maior orgulho, alguns até mesmo com certa empáfia. Mas se temos grandes lembranças de tudo o que nos rodeava, estas não eram exatamente do prédio, obra de ON feita por encomenda de JK. O Colégio Estadual era e ainda é realmente lindo por fora, com seus blocos imitando objetos escolares. Estudávamos, por exemplo, na régua... O auditório é uma verdadeira obra de arte, sem dúvida, com seu formato de mata-borrão, dos antigos, que já não se usava à época que o projeto foi concebido. Tudo isso de fora e de longe; de perto e por dentro a coisa mudava.

Alguns exemplos? As salas de aula eram quentes ao extremo, o sol nos batia de chapa durante as aulas do período da tarde, os banheiros tiveram que ser fechados porque empesteavam o ambiente com apenas meio dia de uso, dada sua localização junto ao corredor das salas de aula, além de problemas na exaustão de gases. Tais cômodos, além de excessivamente ensolarados e quentes, eram pequenos para o número de alunos nelas alocado, que, aliás, naquele tempo, talvez não passasse de trinta ou trinta e cinco. O belo auditório era insuportavelmente abafado nos dias de calor, além de possuir uma acústica de qualidade duvidosa. Os professores, coitados, nos intervalos das aulas tinham que se acotovelar em acomodações precárias, uma sala de aula, com todos seus defeitos, em desvio de função. No pátio era um sacrifício encontrar abrigo para o sol, não havendo uma única árvore, com exceção de um notável abacateiro, que não se sabe como escapou incólume ao concretismo árido e exacerbado do Mestre. É só olhar para o atual Museu da República, em Brasília, para ver que neste quesito, o "paisagismo" de Niemeyer continuou o mesmo...

Para concluir esta intrusão em seara alheia, devo dizer que é melhor desconfiar das unanimidades, sejam elas quais forem. Afinal, Niemeyer notabilizou-se em defender causas inglórias, como o finado comunismo do modelo soviético. Olha que ele resistiu incólume à *glasnost* e à *perestroika*, fazendo ainda muitos e muitos projetos e defendendo suas ideias anacrônicas. Mas Oscar Niemeyer já tem seu lugar na história, deixemo-lo de lado.

FAZENDA DAS AREIAS

A cena representa bem um ícone de parte da minha infância e adolescência, no final dos anos cinquenta e início dos sessenta. A família reunida em torno de fartas mesas, em ambiente campestre, conversas animadas por todo lado, parecendo estarmos dentro de um romance de Jane Austen. No centro de tudo o anfitrião, meu tio Roberto Andrade, figura fortemente simbólica em minha vida, a quem já dediquei outras linhas nestas memórias.

Ao mesmo tempo, no Brasil, inauguração de Brasília, vitórias no esporte, anos JK, trazendo a todos a sensação, logo frustrada, de que finalmente o país daria certo...

Fazenda das Areias. Ela ficava (e ainda fica, mas o que aconteceu comela é outra história) a menos de trinta km de BH e lá residiu, em mais de um período, meu tio e sua família. Ele não era o dono, mas sim empregado de João França Simões, o real proprietário, homem de dinheiro,

que semeava seu capital em atividades diversas, que iam do zebu à construção de estradas e obras públicas. Amigo de JK, isso já diz tudo.

Roberto já morara ali no início dos anos cinquenta, como simples gerente, adaptando sua formação de técnico agrícola à lida zebuzeira. Mas ao que parece, logo conquistou a confiança de Simões, que o enviou para fazendas de gado suas em Uberaba e Barretos e em seguida passou a designá-lo para comandar obras em vários cantos do país. Assim, ele esteve em Itabira, no Oeste do Paraná – e sabe-se lá aonde mais. Na época de nossos encontros familiares ele mantinha ali apenas a residência da mulher Tereza e dos dez filhos deles, passando a maior parte do tempo nas empreitadas de seu patrão.

Aqueles encontros debaixo dos eucaliptos, em torno da casa em que moravam meus tios e primos, ou então na mansão senhorial que era a sede da fazenda, eram realmente memoráveis. Ali se comia do bom e do melhor, particularmente os quitutes preparados por minha tia Terezinha, a melhor cozinheira que já conheci, inigualável, como também outras delícias preparadas por minha mãe e minhas tias suas irmãs, cada uma delas se esmerando em uma determinada especialidade. Roberto, nessas ocasiões, nos brindava com seus *mots d'esprit*, habilidade em que ele teve inúmeros seguidores na família, mas que nunca foram capazes de superá-lo, entretanto. A particularidade de repetir vezes incontáveis a mesma história nunca tirava o brilho delas, porque ele sabia como conduzir um caso com enorme maestria, dando sempre ao mesmo uma vestimenta inaugural.

Personagens também notáveis naqueles convescotes familiares eram meus tios Bruno e Danilo, maridos, respectivamente, de minhas tias Angelita e Clarinha. Cada um à sua maneira, mas nunca ameaçando o protagonismo robertiano, eles eram mestres nos chistes e piadas de improviso, mas sempre de maneira muito refinada e incapaz de ofender quem quer que fosse naquela família tão conservadora em matéria de gestos e palavras.

E aqueles almoços ao ar livre inevitavelmente evoluíam para brincadeiras entre primos e primas, à beira dos açudes da fazenda, nos currais, nos galpões de silagem. Muito namorico de ocasião deve ter rolado ali, mas lamentavelmente não aconteceu nada disso comigo, que até achava algumas daquelas primas, embora um tanto mais novas do que eu, bastante apetecíveis, como era o caso de Rosângela, filha de meu tio Virgílio (a qual, entretanto, não me concedia a mínima bola). E eu nem poderia ser acusado de pedofilia – aquilo seria apenas um simples namorico entre crianças.

Entre tantas alegrias, a Fazenda das Areias também nos ofereceu uma tragédia: o afogamento simultâneo de meu tio Zé Marcos e de meu primo Mateus em 1963, contado por mim aqui em outra parte (*Meus tios* em *Personae*). Aliás, este episódio veio a interromper, definitivamente, o circuito das nossas alegrias lá, mostrando a todos nós, particularmente às crianças e adolescentes, a face dura da vida.

Foi também duro o golpe de ter voltado às Areias mais de cinquenta anos depois, como fiz em 2016. A estrada, saindo de Venda Nova e passando pela antiga Campanhã (hoje Justinópolis), outrora bucólica e auspiciosa em relação ao que nos augurava mais adiante, transformou-se hoje em via estreita entre favelas, com esgoto correndo nas ruas e lixo atirado por todo lado. Nas estatísticas tal setor, situado no município de Ribeirão das Neves, é campeão absoluto na violência criminosa. A antiga fazenda ainda está lá, sobrevivendo em meio ao caos, mas as marcas de decadência são evidentes, com os pastos raspados e a antiga aléia de bambus totalmente extinta. Os açudes aparentemente secaram, como se pode depreender da visão do ribeirão das Areias que corta a estrada de acesso: um ralo e poluído fio d'água. O pequeno arraial

ainda está lá também, mas nada mais é do que apêndice do horrendo favelão que se estende de Venda Nova até ali.

É a vida... Devia ter ficado quieto em casa.

NÓS QUE AMÁVAMOS A REVOLUÇÃO

Eram dois na noite escura. Esta era a primeira frase do livro que eu ia escrever.

Na realidade, éramos dois que perambulávamos pelas ruas estreitas da Barroca, Prado e Calafate, em muitas noites escuras. Passamos a ser três quando um primo de meu amigo se juntou a nós. Saíamos todas as noites, pela hora da novela, que então já "entorpecia as massas" (nossa interpretação, é claro), filosofando, tramando obras literárias, tentando equacionar o futuro da humanidade e fazer a Revolução no Brasil.

Mário Alves Coutinho era mais intelectualizado, lia Schopenhauer e Nietszche. Tiago Veloso era ligado em ciência e em pleno ginásio nos explicava a fissão do átomo e a teoria da relatividade. Eu com a minha cultura de *Seleções*, ficava meio capenga entre eles. Mas nas artes da vida, me considerava melhor. Pelo menos já tinha tocado em mulher, embora só o bastante para um beijo furtivo.

Éramos três apaixonados! Tinha a morenona do ônibus, a loura da Igreja, a moreninha do *especial* do Santa Marcelina. Por elas, mataríamos e até, quem sabe, seríamos capazes de morrer. O único problema é que nenhuma delas fora avisada disso. Nem seus nomes sabíamos, para falar a verdade. Extremistas platônicos, eis o que éramos.

O cinema, certa época, povoou nossas noites. Era o tempo de *nouvelle vague*, cinema novo, neo-realismo. Ficamos sócios de cineclube, não perdíamos sessão. Nossos papos eram sobre a incomunicabilidade humana, o não-ser, o ridículo existencial. Intimidade total com Antonioni, Goddard e Fellini. Um dia caí na asneira de criticar o gênero *western*, por achá-lo "alienado" (palavra da época, acho que não se usa mais). Meus dois amigos caíram de pau em cima de mim, dizendo que alienado era eu que não conseguia perceber a "desconstrução do estereótipo americano" de Peckinpah, ou qualquer coisa que o valha.

Abril de 64 nos pegou de surpresa. Nós, que amávamos a Revolução, tínhamos a certeza de que ela viria através de Jango, da UNE e do CPC. Fizemos aproximação com uma célula do PC. Queríamos armas, dinamite, uniformes de campanha. Disseram que o importante no momento era agitação, propaganda. Aguardamos o momento, disciplinadamente. No dia, ou melhor, na noite, da agitação, nas ruas adjacentes ao Batalhão de Guardas (BG) de Santa Efigênia, mandaram para a gente um saco de mantimento com panfletos, uns poucos papéis amarelados e amarfanhados, que não deram para mais do que vinte minutos de trabalho. Nem uma dupla de policiais ou uma *rapa*, por longíngua que fosse, deram o ar da graça. A Revolução não tinha o charme nem o perigo que nós, seus amantes, esperávamos...

Éramos três na noite escura, perambulando, filosofando, discutindo, brigando, mentindo, acreditando na Revolução, fazendo literatura mental, nos iludindo, amando platonicamente. O que não percebíamos era a juventude fugindo de nós, tão depressa, para nunca mais.

MEU CLUBE DA ESQUINA

O bairro da Barroca e a "Turma da Barroca", à qual eu orgulhosamente passei a pertencer depois de 1965, merecem algumas palavras. Na verdade, não era uma única turma, mas sim "turmas". Elas se distinguiam pela idade e pelo ponto de encontro. Antes, seria preciso localizar a Barroca. Isso talvez se responda com precisão nos mapas de Belo Horizonte, mas naquele tempo e naquele mundo construído por nós, a tal Barroca era um vasto território que começava depois da Av. do Contorno, altura do Colégio Pio XII e ia até os altos do Cine Amazonas e talvez um pouco mais. O lado direito da Avenida já seria Prado, mas os primeiros quarteirões das ruas que vinham do Prado real, eram considerados como parte da Barroca. O polígono incluía o que já então se chamava de Gutierrez, sede de um Barroca Tênis Clube. Portanto não podia deixar de ser Barroca, também. No limite, este bairro mítico de minha juventude era um território mais ou menos vago entre os bairros do Prado, Santo Agostinho, Gutierrez e Nova Suíça e talvez Calafate. Resumindo e simplificando: a Barroca era um estado de espírito. E em 1965 eu fui admitido à confraria dos que comungavam tal deleite espiritual.

Havia a turma do Cine Amazonas (Aristóteles Caldeira com Amazonas); do Barroca Tênis Clube; do Alto da Barroca (Pedra Bonita com Campos Elísios) e também certamente outras. Curiosamente, havia alguma circulação entre os diversos grupos e também certo respeito entre eles, como nas alcateias. O que não havia era luta de classes, pelo menos explícita, pois a organização dos diversos estratos era bastante democrática. Tinha prestígio quem exibia certos atributos, entre os quais não obrigatoriamente se incluía o poder aquisitivo próprio ou da família. O que conferia admiração e poder, por exemplo, era ser destemido e saber brigar bem. A arte de conquistar garotas ("amarrar", como se dizia então) contava pontos numerosos. Ter vivido fora do Brasil, como aconteceu com alguns dos mais velhos, mesmo na condição de lavador de pratos ou entregador de pizzas em New York, conferia tremendo status ao portador, era realmente o máximo!

A miscigenação, contudo, esbarrava na faixa etária. Entre os mais velhos era gesto apenas magnânimo, embora não obrigatório, dar colher de chá aos mais novos. E não se deve esquecer que nesta idade, entre os 17 e os 25 anos, quaisquer dois ou três anos fazem muita diferença. Aos pixotes, como eu, ainda na faixa *teen*, cabia admirar e se babar com as histórias da geração, digamos, "sênior". Histórias de brigas, de conquistas, de valentias, de vivências em lugares estranhos (por exemplo, uma pizzaria no Harlem ou em Miami).

Dentre estes mais velhos e prestigiados, havia um sujeito especial, líder de todos os líderes, *capo de tutti capi*, morubixaba geral, pertencente às hostes do Barroca Tênis Clube. Ele tinha por apelido "Secretário" e se notabilizava em todos os quesitos qualificativos arrolados acima e mais alguns, aí incluída uma aparência de galã. Constava até mesmo que, tendo estudado em seminário, era capaz de se expressar em bom latim. Mais chique e completo, impossível! O dito cujo tinha ficha criminal, também, que mais ainda aumentava o respeito que lhe tinham. Algum tempo antes, com efeito, compareceu sem ser convidado a uma festa de debutante e aprontou tanto que o pai da moça, ao repreendê-lo, teve um infarto e morreu. Levou processo, pois já era "de maior".

Muito tempo depois vim a descobrir que o tal Secretário ninguém mais era que o funcionário da Câmara dos Deputados que foi o autor intelectual de todo o escândalo dos "Anões do Orçamento", nos anos 90. E de quebra ainda mandou matar a mulher, que descobrira, aparentemente, suas falcatruas. Com efeito, naquelas turmas da Barroca dava de tudo – até gente boa, como eu e muitos outros.

E tome figuras ímpares. Nas alturas do Cine Amazonas pontificava um fulano de alcunha *Paracatu*, da categoria sênior, famoso pela distância entre o que ostentava em termos de poderio material e o que, de fato, era e possuía. Andava com a cabeça tão erguida que um dia caiu num bueiro aberto na Avenida Amazonas.

Outro de extração social baixa era um *Bogó*, mulato de compleição avantajada, com uma voz que mais parecia uma trombeta, bom de briga e provocador como quê, capaz de chamar sozinho a torcida adversária, no Mineirão, para um quebra pau, mas que tinha um fraco: era gay. *Aimoré* era outro famoso de então. Ninguém sabe o que fazia e como ganhava a vida. Não sei dizer se pertencia ao time dos bons de briga ou dos pegadores. Mas tinha uma liderança fenomenal. Meu tio Willer pertencia a tal estrato e se destacava por ser proprietário (e assim ganhar vida) no volante de um taxi.

Ali na Barroca, o ano de 1965 foi o último de uma vida de esbórnia e irresponsabilidade. Em 1966 seria tudo diferente, como foi. Para despedir do velho regime resolvi passar um Carnaval em grande estilo. O local escolhido era meu velho conhecido, apresentado que foi por meu tio Willer em momento anterior: o Clube Orion, na rua Padre Eustáquio. E lá fomos em penca. Deste Carnaval me lembro muito bem dos hits: *Quero que vá tudo para o inferno*, de Roberto Carlos, em forma de marchinha; *se a canoa não virar, eu chego lá*; *passar o carnaval contigo, beijar a tua boca e depois morrer*... Músicas proféticas: mandei o passado para o inferno; fiz minha canoa navegar, sem naufrágios e, principalmente, beijei bocas sem fim naquele salão. E sem morrer, *cheguei lá*, algum tempo depois.

A quarta-feira de cinzas amanheceu em grande estilo, no jeito “barroca” de ser: na porta de uma padaria da rua Rio Negro, ainda de madrugada, sorvemos diretamente no gargalo de uma garrafa de vidro (não havia caixinhas e saquinhos, vejam só...) o leite Itambé que o caminhão da CCPL acabara de deixar na calçada, antes mesmo de abrir o estabelecimento – coisas daquele tempo.

Aqui introduzo um personagem barroquiano, o Messias. Chuva ou sol, lá estava ele, entre o açougue e o botequim da esquina, no bairro onde passei a juventude. Roupa encardida e rasgada, visivelmente de "defunto maior", botinas cambaias, gaforinha suja, sabe-se lá de que. Na boca, só uns caquinhos de dentes e uma língua brancacenta, que se projetava a todo momento para fora, como a de um batráquio. Tinha também um cavaquinho. Bêbado, o mais das vezes, gritava e esmurrava o peito: c*ê já foi ruim, Messias!*

A moçada de minha turma não perdoava: *ruim de quê, Messias?.* Ele dava de ombros e não se dignava a nenhuma explicação, seguindo adiante.

Diziam que fora importante e tivera bens. Antigo funcionário da prefeitura, ao que se dizia. Capturava animais soltos nas ruas: coisa de responsabilidade. Eu o conhecera já varrido, doidivanas, por vezes, agressivo. Dele, pouco se sabia. Dizia-se, também, ter ficado daquele jeito depois da morte estúpida de um filho. Tinha suas luas de cantar alto, choroso, tirando acordes toscos do cavaquinho, assustando mulheres no dia da feira, jogando chistes aos moradores das vilas distantes que passavam em ônibus. Sua cantiga predileta era mais ou menos assim: *caixa dágua pegou fogo, sapecou tamanduá, telefonei pros bombeiro, que não demora a chegá*.

Essa era a cantoria dos dias alegres, que não eram poucos. Havia também música para dias de dor. Então, com a mão fechada em concha sobre o ouvido, ou dedilhando o cavaquinho, ao qual faltavam cordas, lamentava-se: *tô doente, tô impertenente, tô com dor de dente, sei que vou morrer...*

E, às vezes, galante, era incansável no refrão: *na aldeia, oi, na aldeia, quero ver o teu vestido, se arrastando-se na areia.* Ou então: *abre a janela formosa donzela, venha ver quem te adora.*

Um dia, sumiu para sempre. Como acontecia com tudo que dizia respeito a ele, nossa turma apenas ouviu dizer que, bêbado, ao atravessar a grande avenida que cortava o bairro, certa noite, fora atropelado. Removido inconsciente para o Pronto Socorro, morreu poucos dias depois. Sozinho, dizem.

Sentimos sua falta. No coração ainda puro uma sombra passava e deixava sua marca. Ficou ecoando dentro da gente o som oco dos murros no peito frágil, aqueles gritos de dor. O mundo assim se mostrava a nós em sua crueza e contingência. Não seríamos os mesmos, depois.

***

Nesta mesma Barroca fiz amizades que me acompanharam pela vida a fora. Poucas e boas! Cabe registrar pelo menos três agora, mas é preciso falar desses amigos depois, com mais calma: Erix Curi Mafra, Mauro Marcio de Oliveira e Saulo da Matta Viana Barbosa.

UMA ESCOLA QUE ME ABRIU A CUCA

Em 1965 cometi uma das maiores ousadias de minha vida, que foi a de sair do Colégio Estadual, de tanta tradição, para experimentar um tal *Colégio Universitário*, que a UFMG havia inaugurado um ou dois anos antes. Lá era tudo novo para mim. Acostumado ao *laissez-faire* do Estadual eu tinha agora mais horas semanais de aula, muitas obrigações para casa, um ambiente marcado pela vontade coletiva de levar as coisas a sério. O estabelecimento tinha sido criado recentemente e não havia ainda demonstrado qualquer vantagem em relação ao sucesso de seus egressos no vestibular, que já naquela época era o que realmente importava.

Seu diretor e criador era um cidadão chamado Hélcio Lins Werneck, um professor de anatomia humana de temperamento difícil, mas certamente dotado de genialidade. Convivi com ele anos depois, em Uberlândia, mas neste último momento tal atributo tinha sido quase que completamente substituído pela geniosidade. O Colégio Universitário era a menina dos olhos do Reitor da UFMG, Aloisio Pimenta, que havia sido perseguido pelos militares e retirado da Reitoria. A sigla utilizada para o mesmo era "Coluni", dada a impublicabilidade de suas duas letras iniciais ou, como dizia uma paródia estudantil, inspirada na tabela periódica: *para diferenciá-lo do Cobre*.

No Coluni não acabou a arbitrária divisão entre os currículos de biologia, exatas e humanas, mas em compensação havia amplas alternativas de se frequentar disciplinas de outras áreas de forma cruzada. Eu, por exemplo, fiz disciplinas ou participei de seminários ligados à História da Arte e Música. Cheguei mesmo me matricular em Cálculo Diferencial e Integral, mas pedi arrego logo de saída. Isso era demais para um estudante até então medíocre e pouco embasado como eu, além do mais geneticamente indisposto com as matemáticas.

Mas a distração e o *laissez-faire* logo cederam e levar as coisas a sério não foi tão difícil como pareceria antes. Mais que um aluno esforçado, eu já percebia que podia ser competitivo para enfrentar aquilo que já naquele tempo representava o *horror* conradiano verdadeiro: o vestibular – e para Medicina! Foi assim que comecei a perseguir a ideia de seguir tal carreira. No início ainda achava que não daria conta de tal façanha, mas certo dia, lendo a *Realidade*, a

grande revista da época (que desaguou na *Veja*), entrei em contato com o que se fazia no Hospital das Clínicas da USP. O transplante de coração feito por Zerbini em João Boiadeiro era o top da temporada, além dos transplantes de rim que também começavam a se tornar frequentes. Pensei comigo: *é isso que eu quero!* E quis. E fui. E passei! Cheguei lá, conforme a marchinha do carnaval do ano anterior.

Devo ao Colégio Universitário muitas coisas. Além de ter possibilitado que eu entrasse para a Faculdade de Medicina – e em terceiro lugar no vestibular geral – penso que o ganho principal que ali obtive foi o de ter aprendido a estudar, com rigor e método. Nesta época eu morava na rua Selênio, ainda na Barroca e tive a sorte de dispor de um quartinho nos fundos do apartamento térreo em que morávamos, ao lado da garagem, coberto com telhas de amianto e um tanto desconfortável. Mas era só meu! Ali eu cumpria, com gosto, jornadas diárias de seis a oito horas de estudo, que se iniciavam após um breve descanso logo que almoçava, ao chegar das aulas no Universitário e se prolongavam até dez ou onze horas da noite. Mas devo dizer, com orgulho: nunca passei uma noite em claro estudando, nem naquela época e em nenhuma outra. Eu tinha método e força de vontade para executá-lo,no horário "comercial" mesmo. Minha mãe chegou a se preocupar com minha saúde. Afinal, nunca tinha visto um filho fazer aquilo.

Mas daí pra frente seria tudo (bem) diferente... Dez meses depois: vestibular!

Eu cheguei para fazer a prova escrita, no velho prédio da Escola de Engenharia da UFMG, beira do Arrudas, tranquilo como um monge tibetano. Seria a tranquilidade dos ignorantes ou dos que sabiam tudo? Quinze dias depois pude concluir: eu sabia demais!

O vestibular, naquele ano de 1967, foi cheio de novidades. Ele foi unificado para o currículo biológico (Medicina, Biologia, Enfermagem, Farmácia, Veterinária), antecedendo a unificação geral de alguns anos depois. As provas foram respondidas mediante cartões magnéticos – novidade total para nós – preenchidos obrigatoriamente a lápis, em pequenos traços, por uma questão de condução elétrica da máquina de leitura. Não suprimiram as provas práticas e foi nelas que nadei de braçada, pois me pareceram simplórias demais. Por exemplo, tive que identificar a classe de animal a que pertencia um aparelho digestivo dissecado em uma bandeja. Uma moela enorme e manjada já respondia a questão. E assim por diante.

O que me complicou a vida foi um vizinho de carteira, aliás, da mesa de trás, que me pedia desesperadamente cola. Achei que íamos acabar sendo expulsos, eu e ele. O colador desesperado é hoje um notável cirurgião vascular e creio que age agora por conta própria, sem precisar do tipo da ajuda que lhe fazia tanta falta nos anos sessenta.

EU FUI BOY

No início dos anos sessenta arranjei, ou melhor, meu pai me arranjou, dois empregos, em sequência – os primeiros que tive. O primeiro foi em uma construtora chamada Hiron, nome de seu proprietário, sobrenomeado de Oliveira Santos, onde eu tinha como missão datilografar contratos de venda ou aluguel. Sim d a t i l o g r a f a r! E sem herrar, digo erar, digo errar... Ainda não havia xerox e muito mesos impressoras digitais. Felizmente, foram poucos meses, pois nunca fui muito habilidoso em artes manuais ou mesmo digitais.

Episódio da época, que sempre me vem à lembrança, foi aquele dia em que a Avenida Afonso Pena parou. O escritório da Hiron ficavam nos altos do Edifício do Banco da Lavoura, em plena Praça Sete, cruzamento da Afonso Pena com a rua Rio de Janeiro. Pois bem, certo dia de

novembro de 1963, estávamos apreciando a paisagem da janela lateral quando – *o que é isso?!* – percebemos que o trânsito de pessoas na Avenida havia simplesmente "coagulado". Formavam-se pequenos grupos por toda parte e, especialmente no Café Pérola, em frente, onde todo mundo ia conversar fiado, já se formava uma verdadeira multidão, dado o fato que lá havia um aparelho de TV quase sempre ligado. Um boy que nos atendia (eu já entrei promovido a datilógrafo...) foi logo despachado para ver o que havia lá em baixo e voltou esbaforido anunciando: *mataram o Kennedy!*

Como se vê, já se era conectado na época, mas tinha que mandar um portador físico, a pé, verificar diretamente a natureza dos acontecimentos. Naquele dia fiquei livre de datilografar pelo menos uma meia dúzia de contratos, pois nossa cabeça e nossa disposição para o trabalho, que já não era grande, também entraram em estado de coagulação, no que fomos acompanhados do gerente, um tal de Zé Matipó.

Com meu primeiro salário comprei um relógio, um sonho de consumo para a época. Mas creio que o tal objeto de desejo não durou o bastante para marcar a hora de minha demissão de tal emprego, pois a firma mudara de ramo, passando a fabricar componentes óticos, mudando também de endereço, indo se estabelecer em Montes Claros, no distrito industrial que naquele momento começava a ser implantado ali.

O segundo emprego foi em 1965, ainda na época do Estadual, em um escritório de comércio de pedras semi preciosas de um meio amigo de meu pai chamado Josué Irffi, um libanês esperto pra caramba, que havia ficado rico com a construção civil e também se dedicada à compra, venda e lapidação das tais pedras. Eu trabalhava só à tarde, como na construtora, pois tinha aula pela manhã. Josué era um negociante rígido em seus princípios e na sua vocação de se endinheirar, mas parece que foi com a minha cara e me dava colheres de chá especiais, por exemplo, quando eu tinha provas no colégio. Eu tinha ali uma vaga função de "escriturário" e ele logo me pôs para cuidar da correspondência de uma instituição de caridade que ele dirigia, o Asilo Paulo de Tarso, sendo espírita fervoroso, assim como toda sua família.

Foi assim, que eu passei a redigir cartas de solicitação de doações a empresários e pessoas físicas diversas da cidade, me encarregando de agendar retornos de ligações e contatos. Mas os telefonemas de pedir donativos felizmente eram feitos por uma funcionária. Creio que minha voz ainda meio vacilante e falseteada não me daria muita cancha para isso.

Além de redigir as tais cartas eu tinha de – adivinhem – datilografá-las, porque Josué não considerava de bom tom mandar cartas mimeografadas para pedir dinheiro. Não se esqueçam que o xerox ainda não havia sido inventado.

Na ocasião, para agradar ao patrão que me era tão generoso, me ofereci para redigir a correspondência em inglês, destinada aos contatos internacionais do comércio de pedras semi preciosas. Santa ousadia! Eu tivera apenas aulas sofríveis de inglês no Colégio Estadual, com professores idem e mal ia além daquele *the book is on the table*. Mas não me apertei: levava o trabalho para casa e recorria a meu tio Danilo Coscarelli, casado com minha tia Clarinha, que sabia inglês como ninguém, sendo professor de professores e que me tratava com a fineza e a dignidade peculiares aos meus demais tios, tortos ou retos. Para não abusar dele, eu tentava também criar meus próprios textos, aproveitando as lições que recebia de graça e aí certamente cometia erros vulgares. Mas pouco tempo depois, uma agregada da família Irffi, que estudava inglês em curso de letras tomou meu lugar. Melhor assim...

ANOS DE CHUMBO

Mil novecentos e sessenta e quatro: fatídico ano. No dia exato dos acontecimentos, ou seja, num simbólico primeiro de abril, eu trabalhava em uma escola de datilografia (já fui professor desta arte, acreditem), que fez parte de uma das variadas tentativas de meu pai "abrir um negócio". Eu escutava pelo rádio de uma sala ao lado os relatos da movimentação de tropas, com evidentes avanços dos mineiros do General Mourão sobre o Rio de Janeiro. Mas não me dava por vencido, achando que aquilo só podia ser intriga dos terríveis *Diários Associados*, sabidamente associados ao golpismo e às forças da direita. Achei que estes termos iam ficar sepultados, como relíquias de um passado, até que aina hoje, mais de meio século depois, ainda os vejo pulsar. Na minha impotência de militante encarcerado num sétimo andar, sendo obrigado a prestar atenção no téc-téc de meia dúzia de gatos pingados naquelas velhas Remington, fui ao banheiro e atirei pela janela uma garrafa vazia no vão central do edifício. Foi uma catarse de adolescente, mas juro que se pudesse encheria aquela garrafa de gasolina, acenderia um pavio e a atiraria heroicamente sobre um carro de polícia.

Minha ficha só caiu, de fato, alguns dias depois, quando passei de ônibus próximo ao quartel da PM na rua Platina, entre o Calafate e o Prado, onde nós morávamos, e vi a imensa fila de voluntários, muitos deles quase tão jovens como eu, querendo se alistar para combater a subversão. Desta palavra, pelo menos, acho que ficamos livres....

Nessa época, como fruto de minha aproximação com Mario Alves Coutinho e Tiago Veloso, comecei a colecionar uma revista de propaganda da antiga União Soviética, impressa em rica policromia e de caráter encomiástico às conquistas do socialismo. Depois daquele fatídico abril, cuidei de levar tal material para esconder na chácara da família, em Contagem. Até que meu tio Virgílio, sempre vigilante, não só por ser simpatizante da UDN, mas por temperamento, se encarregou de botar fogo naquele perigoso pacote. Ele tinha razão, melhor assim. Mas confesso que minha impressão favorável sobre o socialismo na versão soviética demorou um pouco mais a ser queimada.

Realmente, quem viveu nos anos 60, não escapa de falar de política. Neste campo eu era portador de uma bagagem apenas convencional. Havia "apoiado" Jânio Quadros nas eleições de 1960, por influência direta de meu avô Altivo e meus tios maternos, todos de extração udenista. Mas em 1964 eu já estava convertido à esquerda, que na época era uma palavra com significado mais nítido do que hoje. Devo esta mudança no campo político aos meus amigos Tiago e Mario, já citados. O primeiro, aliás, irmão de Cid Veloso, que foi anos depois Reitor da UFMG e sobrinho de meu tio Lécio (casado com minha tia avó Aurea Goulart), era criado numa família de esquerda. Seu pai, Geraldo Veloso, era um comunista da velha guarda, mas acima de tudo um grande intelectual, sensível à música, à literatura e outras artes, que me brindou com grande camaradagem, por eu ser amigo de seu filho caçula. Este ambiente me fez muito bem e dele emergi não só mais amadurecido intelectualmente como também pretenso militante de esquerda.

Em 1964 Tiago, que já tinha seu irmão Geraldo Jr. militando no PCB, tratou no nos alistar no partido. Mas talvez pela nossa idade isso não se concretizou formalmente, embora tenhamos recebido algumas "missões", de panfletagem, por exemplo. Creio que isso talvez tenha sido, também, uma espécie de quarentena, habitual nos movimentos clandestinos, em relação aos novos adeptos.

Na segunda metade da década o significado de "ser de esquerda" se ampliou, pois as dissidências habituais se ampliaram, a questão da luta armada voltou à tona e a repressão, inclusive interna às próprias seitas de então, comeu solta. No Colégio Estadual todo mundo tinha

tomado partido; os que não o faziam recebiam um rótulo certeiro: *alienados*. Eu era ligado, por laços de amizade, aos Veloso, sabidamente identificados com o PCB. Mas tinha amigos da Ação Popular (AP), mais próxima à Igreja Católica. Para mim, um semianalfabeto na política, a questão parecia simples: se nosso inimigo é a ditadura, por que não lutamos todos juntos? Não deu outra: a turma do PCB me acusou de fazer o jogo da AP – e vice-versa. Por pouco não caí na vala comum dos "alienados". Aliás, curiosamente (ou nem tanto...) ser um dos tais *alienado*s, naquele tempo, podia ser até mais confortável, relativamente, do que tomar partido, pois a facção contrária, sempre vigilante, massacrava com mais vigor aqueles que tinham posição definida, mesmo do lado sinistro do espectro, do que aqueles que não a tinham por nenhum lado

Quando entrei na Faculdade, porém, por questão de simpatia pessoal, principalmente com o cara que era presidente do Diretório Acadêmico (DAAB) na ocasião, Zé Celso, me considerei como membro, ou melhor dizendo, simpatizante, da AP. Mas mesmo aí minha posição nunca se definiu por completo, pois os rachas eram galopantes e eu continuava, ingenuamente, pensando que o melhor seria unir forças contra os militares no poder. De toda forma, meu namoro com Eliane, agora firme e com convivência quase permanente, acabou me afastando da política, pois minha companheira, definitivamente, não era dessas coisas.

Em 1968 fora assassinado pela Polícia, no Rio, o estudante Edson Luiz, durante uma passeata. Isso mobilizou não só os estudantes de Medicina como todo o alunado da UFMG. Nossas lideranças, unidas finalmente contra um inimigo comum, resolveram "tomar" a Faculdade. Como veem, há pouca coisa nova real sob a luz do sol. A primeira medida foi pichar, por cima do nome oficial do prédio principal, referência a um conservador odiado pela estudantada de então, Prof. Oscar Versiani Caldeira, o nome do mártir do momento, Edson Luiz. Ato contínuo, nós montamos – aqui me permito usar a primeira pessoa do plural com propriedade – uma barricada em frente à entrada do prédio, a partir de materiais descartados que abundavam em uma área dos fundos. Sui generis esta barricada, com macas, cadeiras de rodas, armários de metal, mesas cirúrgicas, coisas assim.

Enquanto isso, a Policia Militar já nos cercava, sem entrar, ainda. A nota pitoresca foi o acoplamento de um eixo com rodas, provavelmente de algum veículo de tração humana, de transportar mantimentos ou roupa suja, com um tubo de chaminé ou coisa que o valha, de forma a figurar um canhão. Nós empurrávamos a tal trapizonga pra lá e pra cá, como se mirássemos os policiais ali em frente, fazendo com que eles, por via das dúvidas, se recolhessem atrás de árvores e de viaturas. Foi bem divertido, até que a tropa de choque chegou e invadiu a Faculdade, sem mais, distribuindo bordoadas e fazendo algumas dezenas de presos, todos liberados no dia seguinte, alguns sendo processados na sequência. A ditadura não só mostrava os dentes, mas agora já mordia.

Um ano antes, ainda primeiranista, eu fora manifestar "de roldão" na avenida Afonso Pena e no Palácio da Liberdade. O móvel era a falta de verbas para o ensino, particularmente no Pronto Socorro Amélia Lins, que pertencia ao Estado de MG. Não teve polícia e nem bombas. Fomos até acolhidos, por assim dizer, nos jardins do Palácio da Liberdade, onde passamos a noite sem que isso incomodasse ao governador de então, Israel Pinheiro, que parecia não ser adepto do cassetete, embora não fosse também defensor de maior diálogo. Na etapa da Afonso Pena passei uma noite indormida debaixo da marquise do edifício chamado Lavourinha, na esquina com Tamoios. Com efeito, não é todo mundo que teve a experiência de acordar pela manhã, em colchões improvisados, com os pedestres vistos do ângulo de seus sapatos. E com uma fome terrível, saciada um quarteirão acima, na Padaria Boschi, na Tamoios com Rio de Janeiro.

Isso foi em 1967. Um ano depois o tom das queixas dos estudantes havia subido, deixando de lado questões locais, como o tal abandono do PS, em troca de temáticas mais abrangentes, nas quais as palavras de ordem tinham a ver com democracia, liberdade, repúdio à ditadura. Em cada um desses momentos aprendíamos mais um pouco – a primeira lição que a Faculdade de Medicina me deu, de *abrir as orelhas*, além da mente, ia sendo consolidada pouco a pouco.

Naquele ano de 1968, que demorou a acabar (ou nem acabou, como disse Zuenir Ventura), havia uma inscrição misteriosa pichada nos muros de BH. Sim, naquele tempo as pichações eram anônimas, como hoje, mas pelo menos diziam alguma coisa. Aquelas, no caso, proferiam: *tudo certo, mas tá esquisito*. E estava tudo muito estranho mesmo: gente desaparecendo, inclusive colegas nossos de Faculdade, artistas sendo perseguidos ou se auto exilando, políticos sendo cassados. Patrulhas reais, fardadas ou não, trafegavam livremente e faziam estrago entre as pessoas de esquerda.

Em uma manhã de dezembro minha mãe foi a primeira a me dar a notícia, eu ainda na cama: *meu filho*, *agora é que se tem uma ditadura de verdade!* Estava assinado o ato institucional cinco e o terror agora tinha a chancela do Estado. A raiva que se sente uma hora dessas é inimaginável! Quando vejo ainda hoje pessoas ansiarem pela volta dos militares ao poder, a sensação que tenho é mais de nojo do que de medo. Mas naquele tempo o que nos aguardava nas ruas, nos corredores da Faculdade, nos eventos públicos era tudo isso misturado: terror, desconfiança, medo, repulsa, revolta, nojo. Só quem viveu tempos assim saberá do que estou falando.

Enquanto isso, a esquerda deblaterava sobre as vírgulas de *O Capital,* ou sobre a interpretação de parágrafos de Lenin ou sobre a conveniência dos *focos* de revolução, se dilacerando antes de concatenar alguma ação política organizada. Entrementes, Che Guevara foi assassinado na Bolivia e a luta armada passou a ser a opção preferencial de muitos. Aí então é que a mão pesada da ditadura se mostrou com toda sua força covarde.

Alguns meses depois do fatídico dezembro, o que já era previsível aconteceu. Meu irmão João Mauricio foi preso na Escola Técnica Federal, onde estudava, depois de uma busca arbitrária e constrangedora, por parte de agentes militares e policiais, na casa de meus pais na rua Cristina. Até sabermos de seu paradeiro e se sobrevivia aos maus tratos que certamente lhe dispensavam, foi um sufoco. Neste momento, entra em cena um personagem essencial da família: meu Tio Virgílio, que tinha contatos entre autoridades de Minas, embora não fosse, nem de longe, o que se poderia chamar de agente da ditadura, embora sem dúvida simpático ao movimento de 1964. Graças a ele pudemos saber que João estava recolhido ao DOPS, na Avenida Afonso Pena e que aparentemente estava bem – vivo pelo menos. A extensão dos danos que sofreu na ocasião só se soube depois...

João Mauricio esteve alguns meses preso, depois respondeu a processo em liberdade e finalmente foi absolvido de tudo o que lhe acusavam, graças ao trabalho de um notável advogado de presos políticos de então, chamado Geraldo Magela. Não sei se este cara já teve sua história contada, mas pelo que sei foi uma figura marcante, ao defender seus clientes como um leão, ao mesmo tempo que ironizava e tripudiava dos algozes e juízes da ditadura. Quem sabe este notável Magela não merecesse um livro, ou um filme?

AMARCORD **DE SABORES**

Quando visitava a casa de João Maurício, durante algum tempo, cumpria um ritual que sempre me dava grande prazer: enfiar a cabeça na caixa vertical aberta daquele piano Pleyel que nós

todos conhecemos e aspirar com sofreguidão o cheiro de madeira velha, tão peculiar, que entrava ano, saía ano, continuava ali guardado. Então me penetravam os sentidos um sem número de aromas e sabores que marcaram minha infância, na rua do Ouro, na casa ancestral de Vovó Dodora e Vovô Altivo, além de outras casas da família. Recordo-me disso, ao iniciar estas linhas, para deixar claro que tenho uma tremenda memória para essas coisas. Dizem que eu tenho uma memória enorme para fatos, não sei bem se é assim, mas das comidas,dos sons e dos perfumes de minha infância, realmente não me esqueço.

Entre outras alegrias, creio que tivemos, meus irmãos e eu, uma infância marcada pelas boas comidas e também por bons rituais em torno delas. Uma de minhas lembranças mais antigas é a da fabricação de goiabada na chácara de Contagem, em uma pequena cozinha anexa, na qual um fogão de lenha foi preparado com um tipo de cavidade em formato de bacia, na qual se encaixava perfeitamente o tacho de cobre adequado ao mister. A pasta espessa, de tom marrom avermelhado, mexida com longas colheres de pau, em inquieta erupção que formava crateras aqui e ali, logo se desmanchando, compunha um espetáculo inesquecível. Às crianças era permitido, apenas, observar de longe, pelo risco de queimaduras. Mas mesmo assim, era muito divertido. E melhor ainda ficava quando, ao final, éramos autorizados a degustar a "rapa", nos próprios tachos já resfriados. Uma história da época: JM, ao ser solicitado informar qual o doce que mais o deliciava, não teve dúvida: *é a rapa*!

Mas goiabada era apenas uma das delícias, entre tantas outras. Sempre gostei muito do doce de laranja em calda, iguaria um tanto amarga e nem sempre apreciada pelas crianças. Mas eu, desde sempre, amava. Aliás, deve ser por isso que aprendi a fazê-lo (acho que até razoavelmente) e até me meti a poetizar sobre o mesmo. Melhor ainda quando o doce de laranja-da-terra era moído e transformado em pasta de se cortar, a *laranjada*, que anda desaparecida das mesas da família. E neste terreno das frutas, tínhamos do que gabar: doce de banana seja em pasta, em calda queimada, além da tradicional banana frita com canela e açúcar; doce de figo, em calda e em pasta (delícia!); doce de mamão, de *espelho*, em talhadas, enroladinho, com rapadura, etc. Aliás, do mamão se fazia doce até do miolo branco do tronco do seu pé. E mais, doce de carambola, geléia de jabuticaba (na Chácara tinha *apenas* uns trinta ou quarenta pés dela), doce de manga. E se espremer a memória ainda vou me lembrar de mais especialidades…

Havia também certo tipo de doce, modesto em sua origem, mas igualmente de eterna e adorável lembrança. Era aquele que resultava do aproveitamento de determinados alimentos, uma espécie de subproduto dos mesmos, mas que apesar disso era saboreado em clima de festa. Lembro-me, especialmente, do doce de leite talhado – vocês se lembram: encaroçadinho, meio ácido, queimado na medida? Uau! E não pode ficar de fora dessa lista a banana em calda, da qual falei acima, uma especialidade de Favita, que dava àqueles pedaços de banana caturra, que de outra forma iriam para a lata de lixo, o *auxílio luxuoso* de uma calda de açúcar moreno-dourada. Tinha também o arroz-doce, mas este, coitado, acabou deixando lembranças menos agradáveis, pelo menos para mim, não sei se para meus irmãos…

A história do arroz-doce é a seguinte: Claudia, nossa eterna caçulinha, foi acometida durante seus primeiros anos de vida de dores de barriga atrozes (para ela e para os circunstantes…). Assim, a receita da época – e creio que ainda de hoje, que nos confirmem os pediatras da família – era ministrar aos pequenos doentes alguns litros de água de arroz por dia. E este produto, como sabem, provém do cozimento do arroz, que sobra no processo. Em nossa casa não sobrava, pois era transformado em arroz doce. E tome arroz doce… Não tínhamos o privilégio, à época, de sobremesa doce todos os dias (Da. Flavia, não se sinta autoritária e ranzinza, isto é um *must dieteticamente correto* nos dias de hoje!), mas com o arroz-doce era outra história:

podíamos comê-lo à vontade. Só que com pouco tempo, sobrevinha um efeito de *overdose* e ninguém mais queria saber dele. Mas agora, tantos anos passados, eu daria tudo para comer daquela sobremesa de novo! Portanto, Claudia e Favita, não precisam ter crises de consciência só por causa disso…

E por aí vão minhas memórias gastronômicas… Para ficar no apenas no trivial, evoco aqui as lembranças de rabanadas, ovos nevados, pavês, docinhos de damasco, fatias de amendoim, pudim de pão (injustamente alcunhado de *engasga-lobo*), *amor-em-pedaços*, broinhas de milho, *casadinhos* e outros biscoitinhos diversos, além de tanta coisa mais. E olha que meus quilos a mais e a meu pâncreas de menos me dizem que não convém exagerar nos doces! Mas tem também o capítulo dos salgados – não menos refinado e variado, que vai do simpático *maneco-sem-jaleco* (as novas gerações nem suspeitam do que seja), passa pela proverbial torrada com pasta de espinafre com queijo e ovo (que depois ganharam o nome de *bruschetas*), até chegar ao grande momento da sopa de bolinhas de queijo, para não falar das costeletas de porco fritas, da canjiquinha, do creme de milho. Ah, sim, não me esqueci da queca de Favita, apenas deixei-a para ser homenageada no final: divina, maravilhosa, suculenta, olorosa, sofisticada – cabem nela tantos adjetivos quantos são seus ingredientes.

É duro ser diabético nesta família… Ainda bem que a natureza me deu vinte e dois anos para aproveitar tantas comidas condignamente! E eu confesso que não perdi tempo. É bom ter apetite; é bom ter estas comidas ao nosso alcance, inda mais agora com essas *Receitas de Favita* à mão; é bom pertencer a uma família onde estas coisas são cultivadas e apreciadas e já vão passando através das gerações, como bem o atestam Myrinha, Daniela, Nanda e outros membros mais do Clã. Parabéns para Favita! Parabéns para nós todos! Bom apetite!

***

Pós-escrito: *Receitas de Favita* foi um livreto produzido por minha filha Nanda, reunindo a vasta, histórica, sabedoria culinária de sua avó Favita, lançado, com honras, no ano 2001 ou 2002.

MINHA INICIAÇÃO ESPIRITUAL

Sou de família católica, como, aliás, a maioria dos brasileiros que nasceram na mesma época do que eu. Na minha infância e juventude havia também pessoas protestantes, divididas em três ou quatro denominações, com as quais se convivia civilizadamente na escola, na vizinhança, nas opções políticas ou em qualquer outra questão ou lugar. Ainda não tinham prosperado as tais denominações pentecostais em suas diversas variações, muito menos as igrejas-negócio que hoje pululam por toda parte. Vivíamos em estado de paz e tolerância entre todos, fossem calvinistas, kardecistas, animistas das religiões africanas e mesmo comunistas e outros ateus ou agnósticos. Era um mundo mais respeitoso, cortês e suave, sem dúvida. De parte a parte.

Meu catolicismo vem de família, mas mesmo no seio dela sempre hpuve quem divergisse da norma. Eu tinha tios, por exemplo, que eram espíritas e até mesmo ateus, embora esta última condição nem sempre fosse declarada. Na minha casa tínhamos a habito de ir à missa nos domingos, pai, mãe e filhos, todos postos em suas melhores fatiotas. Nas sextas feiras da quaresma comíamos peixe (e bem comemorávamos aquelas sardinhas fritas à milanesa, consideradas iguarias excepcionais, pelo menos para mim) e na última de tais sextas passávamos o dia em regime de contrição, sem cantarolar, rir, ou mesmo ligar o rádio. Como a maioria fazia, aliás. Mas tudo sem maior exagero.

Por algum motivo, ali pelos oito ou nove anos de idade fui acometido de um profundo sentimento místico. Tomei então a iniciativa de me inscrever como coroinha na Igreja de São Cristóvão, a nossa paróquia em Belo Horizonte. Fiz isso por mim mesmo, mas sem deixar de ser apoiado por meus pais. Eu já tinha feito a primeira comunhão e comecei a achar tudo que era ligado à igreja maravilhoso e elevado.

Talvez não conhecesse de verdade um lado escuro da Santa Madre Igreja, vivenciado, frequentemente, por aqueles que estudaram em colégios confessionais. Ali havia, sem dúvida, repressão, intimidações e até mesmo assédio. Mas isso simplesmente não chegava a mim – ou eu não tinha ainda capacidade para entender tais coisas. De toda forma, minha tia Teresa Julieta, quase da minha idade, estudava em colégio católico, o Imaculada Conceição e lá, aparentemente, este tipo de problema não era relevante ou preocupante. Minha mãe e minhas tias, irmãs dela, também tiveram experiências semelhantes, no Colégio Sacré Coeur de Marie, em BH, porém sem maior trauma do que aquele experimentado por minha mãe, de ter sido interna, exilada da família por algum tempo. Imagino que isso deve ser uma experiência devastadora para uma criança, mas naquele tempo era algo aceitável.

Mas o fato é que eu me encantei com o ritual católico e era com enorme emoção que eu vestia a pequena batina vermelha com aquela sobrepeliz branca e rendada que era usada pelas crianças que "ajudavam a missa". Era descomunal o meu orgulho de me exibir com aquilo e estar junto ao altar, na frente de todos, tocando aquela campainha em determinados momentos (não se podia errar a hora do toque, seria o vexame total...). E o que era mais emocionante: responder, no mais puro latim, às palavras do celebrante. Eu não entendia patavina do que dizia naquele momento, mas muita coisa entrou na memória e não saiu até hoje, por exemplo: *dominus vobiscum; et com spiritu tuo; sursum corda; habemus ad dominum; ite missa est; agnus dei quid tolis pecata mindi; dona nobis pacem.* Aquilo realmente era chique demais!

Certo dia, tive mesmo a impressão de ser alvo (ou quem sabe causador) de um verdadeiro milagre. Eu tomei emprestada uma das tais batinas, esta preta como a de um padre de verdade, para participar de um evento religioso na escola que eu estudava, vizinha da igreja de São Cristóvão. Quando terminou a festa, eu estava achando uma maravilha estar ali vestido de padre, no meio de meus colegas, certamente alvo de olhares invejosos – ou, pelo menos, assim eu via me sentia. Estiquei aquela sensação prazerosa até onde pude, mas tive que sair para devolver a batina, que o padre me emprestara com a condição de devolvê-la até certo horário.

E foi assim que saí paramentado pela rua a fora, o que sem dúvida prolongou meu gozo espiritual, já desencadeado entre as paredes da escola. Foi eu sair e o céu se fechou, começando a cair grossas gostas de chuva, o que me preocupou, pois afinal pegaria mal ter que entregar a vestimenta molhada ao padre. Mas para espanto meu, tive a sensação que aquelas gotas não me atingiam, não molhavam a sagrada veste que eu usava! Pronto, pensei: *Deus me contempla com um milagre! Só pode ser isso, estou bem começado*!

É claro que não me ocorreu, nem de longe, que aquela chuva era muito reles para molhar alguém, nem mesmo um bobo como eu. Mas diante de tal "revelação" achei ter encontrado uma vocação da qual eu não poderia mais fugir. Vi minha ideia reforçada pelo fato de ter chegado à igreja com a roupa completamente seca, esquecendo-me que se o trajeto fosse um pouco maior talvez as coisas se sucedessem de modo bem diferente, e que eu certamente ganharia uma tremenda bronca do senhor vigário por ter molhado os paramentos eclesiais.

Isso durou algum tempo. Espalhei na família que eu queria ser padre, um pouco pelo entusiasmo (aqui tal palavra vale em sua acepção etimológica integral) que eu sentia, um pouco também

porque viviam me indagando aquele clássico “o que você quer ser quando crescer” – e eu nunca fui de deixar perguntas sem resposta.

Conheci, na ocasião, um garoto pouco mais velho do que eu, que às vezes também ajudava missa em São Cristóvão. Ele era seminarista, no Caraça, o famigerado instituto religioso encrustado nas montanhas de Minas. Quando eu lhe indagava sobre sua vida no seminário ele se fazia de distante, superior. Mas eu o respeitava mesmo assim. Mas via algo de estranho ali, ele era uma pessoa fechada, e me parecia ser alguém triste também. A isso se juntaram outros sinais: ele tinha uma mancha estranha, branquicenta, no rosto e tresandava um cheiro mais estranho ainda. Aquilo deve ter me encucado. O fato é que aos poucos a ideia da carreira religiosa foi me abandonando, embora eu continuasse católico e papa-hóstias.

Na ocasião, a Paróquia organizou uma sessão de cinema no Cine São Cristóvão, com um clássico espanhol carola chamado Marcelino Pão e Vinho. Quem é da minha geração e teve formação católica certamente já ouviu falar. Como já mencionei, de passagem, antes, lá pelo meio da sessão o senhor vigário veio sentar ao meu lado e danou a me fazer perguntas esquisitas, se eu era um bom menino, se obedecia meus pais, se não batia nos meus irmãos, coisas assim. Não passou disso, mas aquele homem barbado, de voz grossa, sussurrando coisas quase no meu ouvido me perturbou um pouco. Chegando em casa contei para minha mãe, inocentemente, acho até que justifiquei o ocorrido como uma espécie de entrevista para me promover na função de coroinha. Mas vi que ela ficou preocupada, pois me fez muitas perguntas. E, pelo que me lembro, minha avó Dodora também ficou sabendo da história e mostrou-se preocupada. Eu não entendia bem aquilo, mas de toda forma a minha chama vocacional religiosa já estava em declínio na ocasião. Não passou de um fogo de palha.

O Padre Carlos, nunca mais vi, a não ser nas missas, que eu também logo deixei de frequentar, inclusive por ter mudado de bairro. Ou melhor, quase vinte anos depois, eu já formado em Medicina, trabalhei como plantonista no Hospital Municipal Odilon Behrens, vizinho de minha antiga Igreja de São Cristóvão. Numa noite de plantão fui chamado para atender um paciente agonizante num dos apartamentos privados. Logo o reconheci, era o Padre Carlos. Isso não tem nenhua relação de causa e efeito com a história acima. Seria apenas uma daquelas coincidências meio sem sentido que a vida nos apronta.

Pois bem, passados mais uns poucos anos, eu me cansei de missas e igrejas. Comuniquei isso de maneira intempestiva a meus pais, que ainda insistiam na frequência dominical familiar coletiva a tais rituais, como convinha a um adolescente rebelde. O mundo quase desabou sobre mim, mas aguentei firme. Um a um, os meus outros irmãos todos tomaram o mesmo rumo, em pouco tempo.

Dando um salto de mais de cinco décadas, voltei a me interessar por ambientes e rituais católicos mais recentemente. Mas aí, no caso, já diferenciando *religião* de *espiritualidade* e tendo como foco um local apenas, a graciosa capela do Mosteiro de São Bento em Brasília. Ali assisto esporadicamente a “vésperas” e missas, ligando-me, especialmente, ao cantochão gregoriano, em que pese ser o mesmo executado de forma rudimentar pela meia dúzia de monges que ali residem.

Uma vida espiritual um tanto carente de substância, como percebem. Mas é o que me foi dado vivenciar.

MINHA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA

Minha família não chegava a ser um exemplo acabado de intelectualidade. Mas vamos por partes.

Meu avô Altivo, este sim, tinha luzes. Formou-se advogado no Rio de Janeiro no começo do século XX, chegou a publicar poemas e textos de feição *symbollista* em revistas literárias, introduziu ao irmão Carlos (segundo o próprio) boas e clássicas leituras. Em sua casa havia livros, muitos livros, particularmente, pelo que me lembro, de literatura jurídica. Mas tive a sorte de pegar alguns para mim quando a casa de minha avó se desfez, na década de 70, e entre o que recolhi havia alguma filosofia e literatura. Mantenho dois desses alfarrábios comigo até hoje: um livro de Hypolite Taine, um filósofo positivista e outro de Maurice Maeterlink, um literato simbolista – ambos franceses.

Na minha infância, lembro de algumas discussões acaloradas, embora amistosas, entre meus tios maternos, com citações literárias e filosóficas disparadas meio a esmo e talvez sem total fundamento. Por exemplo, Schopenhauer, o italiano Pitigrilli, Guerra Junqueiro, além do indefectível Alan Kardek, eram citados de forma habitual. *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino, lançado em meados da década de 50, foi muito comentado nas rodas da família, com as devidas ressalvas que deveria ser afastado da curiosidade dos menores (no caso, eu) por ser considerado "impróprio". Mas certamente tudo isso denunciava que ali se lia alguma coisa.

Já do lado dos Goulart nada disso acontecia. Mas não os reprovo por isso. Herdei deles coisas de outra espécie, mas que valorizo muito também.

Aquelas conversas à mesa dos Andrade eram também ricas em manifestações um tanto conservadoras, do ponto de vista político, mas não fascistóides, é bom que se diga. Meu avô tinha ligações antigas com a União Democrática Nacional (UDN), sendo seu fundador em Itabira e além disso era um anti-varguista convicto. O grande ídolo da família era Carlos Lacerda. Nas eleições de 1960 Jânio Quadros deve ter obtido 100% dos votos do clã, exceção feita a meu pai, adepto de JK e homônimo do então candidato a vice-presidente, Jango, tendo apoiado, naturalmente, o titular da chapa, Marechal Lott.

Eu, que já tinha uns pendores igualitários e progressistas, era frequentemente criticado por alguns dos meus tios: *você quer a igualdade para todos? Veja bem, nem os dedos da mão são iguais!* Não posso reclamar; isso era feito de maneira sem dúvida suave e até contribuiu para que eu, diante da irrelevância e do vazio de tal argumento, mais ainda me afastasse para a esquerda – pelo menos em comparação a eles.

Mas não deixava de ser um ambiente amável de discussões, embora um bocado exaltado, por vezes. Mas o fato é que não me lembro de alguém ter rompido com algum irmão ou sobrinho por causa dessas eventuais divergências de opinião. E em tal cenário eu posso me considerar, ainda hoje, um privilegiado, pois era o neto e sobrinho mais velho, a quem era conferida a honra de participar, desde muito cedo, daquelas "conversas de adultos".

Mas devo dizer – e o faço com bastante convicção – que o ambiente onde minha formação intelectual, do ponto de vista político e humanista de fato evoluiu e se aprofundou foi o do Colégio Estadual de Minas Gerais. Já escrevi sobre isso aqui e não canso de insistir no enorme privilégio de estar ali durante a primeira década dos anos sessenta, ao lado de tantas pessoas

que se tornaram notáveis e de professores marcantes, embora alguns, entre uns e outros, nem tanto. Mas no Estadual havia, acima de tudo, um ambiente aberto e ventilado, onde os impulsos de progresso e liberação de costumes já se faziam presentes desde o início da década. É claro que havia também a presença de um "outro lado", reacionário e conservador, seja por parte de alunos ou, principalmente, de professores, mas sem dúvida este polo era minoritário.

O fato é que eu, até então apenas um garoto, tinha acabado de deixar para trás as proverbiais calças-curtas do Grupo Escolar e adentrava agora em um novo mundo, pleno não só de hormônios, mas também de debates, de contradições, de coexistência com diferenças, no qual se assumir com uma posição política definida fazia diferença. Aliás, era obrigatório. A pior coisa que alguém poderia dizer de outra pessoa seria lhe aplicar o epiteto de "reacionário", destinado não só aos conservadores como aos sem-posição de maneira geral.

E eu entrei com total vigor neste universo. Associei-me logo a um grupelho que se dizia "terrorista", talvez influenciado pela leitura, já agora liberada para mim (na verdade, ainda de forma meio clandestina), de O Encontro Marcado, onde Eduardo, Hugo e Mauro assumem algumas atitudes que consideravam de tal gênero. Nossos "atentados" consistiam em deixar em locais ermos do colégio, o portão meio abandonado da rua Antonio de Albuquerque era o preferido, de verdadeiras bombas-relógio, compostas por cigarros (que começávamos a curtir, também de forma clandestina) atochados a bombas "cabeça de negro", de tal modo que explodiam daí a algum tempo, quando a brasa chegava ao pavio das mesmas. Isso é, quando tal coisa acontecia, porque aqueles mata-ratos infames às vezes nem queimavam por inteiro. E assim, algum tempo depois, em plena aula, vinha aquele estrondo que abalava as estruturas de concreto boladas por Niemeyer, assustando alguns e deixando outros com ar de realização profunda.

Mas aos poucos fomos ganhando mais consequência em nossos atos.

Aí é que entram alguns professores supimpas, embora ao lado de outros nem tanto.

Falemos dos melhores, pois não caberia aqui falar aqui dos reaças consumados que andavam por lá, mesmo que não se lhes possa negar competência escolástica. Muitos deles eram também professores, inclusive alguns catedráticos, da Faculdade de Filosofia da UFMG, situada a poucos quarteirões do Colégio, na rua Carangola.

Mas para citar alguns dos melhores, dos que me ficaram na lembrança, pelo menos, havia gente do calibre de Romilda (Química), Iracy (Português), Clara Grimaldi (Português), De Brot (Francês), Juscelino Paraiso (Geografia), Reis (Ciências), Ernesto (Geografia), Ana Mazur (Francês), Durval (Português), Eder Simões (Português), Zé da Paz (História), Rubens Romanelli (Latim) e diversos outros. O tempo já me fez esquecer muitos nomes. Não que fossem todos de esquerda, mas era gente com perfil de educadores, que sabia estimular os alunos, sendo por nós reconhecidos, alguns deles, pelo menos, como verdadeiros ídolos. E principalmente dos professores de língua e literatura vinham estímulos poderosos para que a gente lesse muito e não se detivesse diante de dificuldades de apreensão – eles estariam ali para nos ajudar.

E o mais importante: naqueles corredores havia total liberdade de expressão, melhor dizendo, um verdadeiro culto a isso, como valor real. Assim, devo ao Colégio Estadual dois pilares da minha formação intelectual, na literatura e na política. Creio que muitos dos que por ali passaram devem ter recebido esta graça, também.

Na literatura, não posso deixar de citar a professora Clara Grimaldi, de quem estímulo nos vinha através não só através das leituras obrigatórias e muito bem selecionadas, mas também de uma sistemática insistência naquelas então denominadas “composições”, depois “redações”, que ela nos impunha como exercício e eram todas devidamente comentadas e analisadas por ela, de forma pública ou mediante notas de rodapé. Para mim, ela disse muitas vezes: *você leva jeito para a coisa, insista*. Ou algo assim. E isso marcou minha vida e certamente gerou esta minha pretensão de escrever, como faço agora.

E foi assim que comecei com Manoel Antônio de Almeida, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e cheguei a Machado de Assis, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Humberto de Campos, Fernando Sabino, Rubem Braga e muitos outros. Para não falar de Drummond, Vinicius, Bandeira, Menotti Del Picchia, João Cabral e tantos mais. A sensação que tenho é que meu ritmo de leituras nesta fase da minha vida, ou seja, dos 12 anos até fazer vestibular, foi infinitamente superior aos anos que vieram depois, pelo menos do ponto de vista quantitativo. Eu me tornei leitor cadastrado da Biblioteca Pública, situada na Praça da Liberdade, não muito distante do Estadual e passei a frequentá-la quase que semanalmente, sempre devolvendo um livro para pegar outro.

Mas teve também o germe da política...

Passada a fase terrorista, na qual, aliás, ninguém foi ferido ou magoado, apenas alguns se assustaram, o destino natural foi mergulhar na atmosfera política do Colégio Estadual. Sobre a turma da direita não posso dizer nada, pois não a frequentei e nem tive amigos de tal lado. Mas o fato é que eu logo me identifiquei e me senti mais confortável com os da esquerda. Mas aí começava um grande problema: a “quem” na esquerda deveríamos acompanhar? Por que já eram fragmentados – e inconciliáveis, muitas vezes.

Os opositores principais do pessoal de esquerda, na época, eram os rapazes de uma facção chamada de “Congregados Marianos”, ligado à ala conservadora (e dominante, à época) da Igreja Católica, tendo como liderança máxima o Arcebispo Antônio dos Santos Cabral, o mesmo que impediu a consagração da Igreja da Pampulha, por ser obra do comunista Niemeyer. E com esta turma a esquerda pegava pesado, inclusive fazendo imitações grotescas de suas atitudes pias e recatadas, nas quais o jornalista e escritor Humberto Werneck, meu contemporâneo no Estadual, era mestre insigne.

Creio que a corrente principal na dita esquerda fosse a dos comunistas propriamente ditos, termo que já era palavrão na época. Isso implicava em que quem porventura aderisse a tal grupo mantivesse o bico calado. Já havia se estabelecido a histórica fissura entre os de linha “russa” e “chinesa” e isso tinha alguma implicação na adesão de simpatizantes, no sentido de formarem opção e convicção por uma coisa ou outra. Mas havia também outros grupos se movimentando à esquerda, dispostos a denunciar o estalinismo e as tradições autoritárias dos velhos PCB e PCdoB. Naquele momento, portanto, havia esta turma “católica”, que se diferenciava – aliás, radicalmente – daquela dos citados “congregados”. Tais católicos da esquerda política, como se sabe, provinham de certa militância política desde os anos 50, nas famosas “juventudes” estudantis, universitárias e operárias (JEC, JUC e JOC) e acabaram se organizaram sob a denominação de Ação Popular.

Este era o cenário: quem tivesse, entre nós estudantes, inclinações de esquerda, ou pelo menos de oposição ao regime militar, naquele momento (pois 1964 já havia desabado sobre nós) tinha que optar entre uma coisa ou outra (ou mesmo outras mais, que foram surgindo com o tempo). Ou comunista no velho sentido ou católico de esquerda. Eu tinha amigos nos dois lados e fui

puxado por eles em ambas as direções, como já comentei antes. Tive um primeiro flerte com os prestistas, russos, o que me exigiu algumas emocionantes sessões de panfletagem pelas noites e madrugadas de BH, mas depois acabei nos baços da AP, onde as relações entre as pessoas me pareceram mais fluidas e transparentes, menos neuróticas, para dizer a verdade. Os primeiros se ouriçaram contra mim; entre os outros, todavia, não sei se cheguei a usufruir de total confiança.

Como se vê, a briga nas esquerdas é antiga. Aliás, bem mais antiga do que mostram estes singelos acontecimentos do início dos anos sessenta, envolvendo mentes e corações ainda mais singelos, ou mesmo simplórios, como era o meu caso e o de muitos militantes da ocasião.

Para ser sincero, as ações políticas possíveis naquela ocasião consistiam basicamente na participação de discussões intermináveis, nas quais, não raramente, os inimigos mais visados eram os membros de outra corrente de esquerda. E mesmo assim, facultados tais debates apenas para os que ascendiam a posições de liderança e comissariado, o que nunca foi o meu caso.

Na faculdade, confesso, minha militância foi também um tanto superficial, mas já sintonizado com o ideário da AP, mas sem me meter mais profundamente nas notas de rodapé que os militantes mais radicais apreciavam levar a sério, em seus debates intermináveis e muitas vezes ferozes, disputando espaço com as correntes rivais. Fui a passeatas, acampei no Palácio da Liberdade, me manifestei nas escadarias de São José, enfrentei a polícia numa absurda invasão da Faculdade de Medicina, dormi debaixo de uma marquise na Av. Afonso Pena para fugir da chuva e da falta de dinheiro para um taxi. Nada de exclusivo, muitos fizeram isso junto comigo e até foram mais além, sendo torturados e até perdendo a vida.

Logo veio 1968 e num dia de dezembro eu acordei com minha mãe, que não se metia em política, avisando a mim e a meus irmãos homens, que já começavam a botar as asinhas de fora: *gente, tem uma ditadura no Brasil agora; peço a vocês para terem muito cuidado...* Era o AI-5 chegando.

Na sequência, comecei a trabalhar, primeiro com aulas particulares, depois nos colégios Arnaldo e Champagnat, passei a dar plantões no Pronto Socorro e a namorar firme com Eliane, com intenções sérias urgentes de casamento. E minha militância, que já era rasteira, se dissolveu. Meus dois irmãos foram presos, João inclusive foi torturado no DOPS e eu carreguei pela vida a fora um sentimento de que talvez eu devesse ter feito mais em termos de militância política.

Um dia, num plantão no hospital militar, fui chamado a atender um rapaz, da minha idade praticamente, que havia sido torturado e tinha ficado paraplégico como resultado das sevícias que sofreu nas mãos da polícia. Naquele dia minha culpa se exorbitou e eu em poucas semanas me coloquei para fora daquela missão intolerável. Revoltado, mas incapaz de alguma reação mais forte.

O que me consola é saber que naveguei num mar de equívocos, seja relativo às dissensões na esquerda, seja em relação à rejeição liminar de quem pensasse de alguma forma diferente, ou mesmo pelo temor em ser preso e torturado pelos agentes daquilo que foi, sem dúvida, o maior equívoco de todos: a ditadura militar. Eu talvez tenha apenas cometido o erro de cuidar da minha vida e procurar corresponder ao investimento que a sociedade e minha família fizeram para que eu chegasse até ali.

Mas não deixo de reverenciar e respeitar aqueles que se arriscaram e se meteram em confusão mais grossa – e muito sofreram por isso – como foi o caso de meu irmão João Mauricio e muitos outros abnegados, sem dúvida mais valentes do que eu.

FALTOU CUMPRIR-SE O JORNALISTA

Nos anos 60 fui visitado por outro sopro vocacional que não prosperou: o de ser jornalista. Ainda hoje me pergunto se não teria sido mais feliz nesta profissão. Não é à toa que hoje me vejo muito mais como um redator de documentos de sínteses e análises em saúde do que propriamente como médico. Troquei o estetoscópio pela caneta, ou melhor, pelo *word*...

Foi assim que me envolvi, no ambiente colegial, com a criação de jornaizinhos. Um primeiro, nos anos inaugurais da década, denominado *O Flagelo*, teve como cúmplice meu colega Ramon Cosenza, que fez carreira na Faculdade de Medicina da UFMG como docente e pesquisador. O jornalismo também não foi seu destino, com certeza, tal como eu. O jornaleco não flagelou ninguém e se o fez foi por apenas um ou dois números. Lembro-me de ter escrito um texto para ele, uma pequena crônica, descaradamente copiada de Stanislaw Ponte Preta. Confesso...

O segundo destes periódicos veio dois ou três anos depois, quando eu já frequentava o ambiente da "Turma da Barroca". Chamava-se *O Grito* (notem os títulos chamativos) e tinha como companheiros de redação dois amigos aos quais me ligaria profundamente, Mauro Marcio e Erix Mafra. Foram três ou quatro edições, duas das quais sobreviveram incólumes, tendo como contribuição mais destacada os textos um tanto surrealistas e poéticos de Mauro. Eu devo ter escrito qualquer coisa, talvez agora com o pudor de não copiar ninguém diretamente, mas já não tenho registro disso.

Meu terceiro jornal, este do tipo "eu sozinho", chamava-se simplesmente "PH" e foi escrito, em sua única edição, a caneta esferográfica em uma longa folha de papel higiênico barato. Era um mural, afixado em uma pilastra na entrada principal do Colégio Universitário da UFMG, que eu cursava em 1966. Começava, concretamente, com uma matéria chamada 'Um furo de reportagem", na qual o que se via era apenas um furo no papel. Mais anarquista e descolado, impossível. Mas faltou tempo para mais, embora este único número tenha me divertido bastante – e aos leitores também, segundo me informou o Ibope informal que me tinha como pesquisador e analista. Além do mais, urgia aproveitar melhor o tempo, sem desvios, pois no horizonte já pairava o fantasma do vestibular.

E assim terminou uma carreira que nem começou.

(II) NOVICIADO

LIÇÃO DE ANATOMIA
UM RONDON ÀS ESQUERDAS
UM ENORME PASSO PARA A HUMANIDADE
VALDEMAR, O BARBEIRO
NEM TUDO SÃO FLORES NA VIDA DE UM NOVIÇO
HOSPITAL AMÉLIA LINS: MINHA SEGUNDA ESCOLA
EU CONFESSO: FUI PROFESSOR AOS 21 ANOS
. **UMA VIRADA DO DESTINO**
. **MÉDICO E DIABÉTICO: UM DEPOIMENTO**
. **E A MEDICINA, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?**
. **APONTAMENTOS PARA UMA SOCIOLOGIA DA VIDA ESTUDANTIL DOS ANOS 60**
. **O CASO MACRINO**
. **AS SETE VIDAS DE SEU JOAQUIM**
. **INCOMPATIBILIDADE DE GÊNIOS**

Na década dos sessenta, entrei menino, saí médico. Aluno medíocre e relapso, como num passe de mágica passei no vestibular para medicina da UFMG – e em terceiro lugar. O nome disso não é só fortuna; houve virtude também, devo dizer a meu favor. Este meu "noviciado" me trouxe muito mais que a formação acadêmica. Conheci a mulher com quem vim a me casar alguns anos depois e com a qual dei ao mundo três filhos bacanas, dos quais muito me orgulho. Tentei uma aproximação com a política, mas confesso que consegui apenas uma imersão rasa e desconfortável em tal mundo. Repudiei a ditadura e tudo que cheirasse a ela, tive um irmão preso, cheirei gás lacrimogênio, ganhei uma bolsa para os States, fiz muitas amizades, mas poucas delas permaneceram comigo até hoje. Na formação médica o máximo que consegui foi uma indefinição da qual só me libertei dez anos depois, quando finalmente cheguei à conclusão que meu negócio não era tratar de doentes individuais e deitados, mas sim coletivos e em marcha. Casei quase virgem em 1971, ainda na condição de estudante. Fui feliz e infeliz, misturadamente, conforme está em um conto de Tutameia, de Guimarães Rosa.

LIÇÃO DE ANATOMIA

Primeiro dia de Faculdade... A aula que assisti é impossível de ser esquecida, magna, na melhor acepção da palavra. Entramos no grande auditório da Faculdade, no antigo prédio da Avenida Alfredo Balena e lá nos esperava uma penca de professores, vestidos com longos jalecos e até alguns em paletó e gravata. Assistimos uma hora inteira de peroração empostada, que culminou com um teste de conhecimentos médicos e perguntas diretas a membros da plateia. Teve gente que tremia, inclusive eu, confesso. De duas dessas perguntas de que ainda me lembro: "como diagnosticar a condição chamada *flatus morbidus acutissimus*? Qual a indicação terapêutica do hálux? No final, como a potestade que coordenava os trabalhos tinha falado em exercícios a serem cumpridos para uma próxima aula magna, acerquei-me dele cheio de respeito para saber qual seria exatamente a tarefa demandada. A resposta que ouvi foi taxativa e me trouxe de volta à realidade: *abre as orelhas, calouro*! Cesar Augusto de Barros Vieira era o nome dele; não era professor, mas apenas quintanista e se tornou um grande amigo meu.

Aquilo foi apenas um trote, repetido a cada ano, por sinal, mas no qual ninguém matava, ninguém morria. O que poderia ser chamado hoje de *bullying* era apenas diversão, das mais engraçadas e sadias. A lição do dia foi aquela que me foi passada pelo "professor" Cesar*: é preciso abrir as orelhas e a mente, para tudo, sempre!*

Dos primeiros meses de aula duas lembranças eternas. O encontro, ao mesmo tempo desejado e temido, com os cadáveres na disciplina de Anatomia e a presença, que logo me chamou atenção fora do normal, de certa colega de turma.

Comecemos pelos defuntos. Aquele anfiteatro cheio de mesas de mármore ou aço inox, de pé direito alto, aquele cheiro de formol, as palavras cabalísticas gravadas em uma das paredes: *hic mors gaudet sucurrere vitae* – tudo era coisa de muita pompa e circunstância. Entretanto, se a morte se alegrava em me ajudar, a recíproca não era verdadeira. Eu achava aquilo uma decoreba, uma perda de tempo. Ali não se dissecava, mas se destruíam corpos. Aliás, alguns já tinham dito a mim – e mesmo os professores da disciplina confirmavam – que depois era preciso aprender tudo de novo. E mesmo assim só aqueles que fossem se dedicar a certos ramos da medicina, como a cirurgia ou ao diagnóstico por imagem. Para os outros mortais, bastavam noções gerais, sem cadáveres, sem formol, sem picadinho de gente, sem todo aquele simbolismo *horror show*.

Mas aquelas aulas de anatomia deixaram fortes lembranças em mim.

Recentemente reli com a atenção e o sabor de sempre, o conto *O Pirotécnico Zacarias*, de Murilo Rubião. Para quem ainda não o conhece ofereço algumas informações: ele é um escritor mineiro pouco prolífico, mas considerado mestre e pioneiro no gênero literário conhecido como realismo fantástico, que teve como outros expoentes latino-americanos Júlio Cortazar e Gabriel Garcia Marquez. Produziu suas obras, principalmente contos, entre as décadas de 40 e 50, lado a lado com uma carreira burocrática tradicional.

O conto trata da breve história de Simplício Santana de Alvarenga, conhecido profissionalmente como *Zacarias, o pirotécnico*, que um dia é atropelado por um automóvel e acaba fazendo companhia, mesmo morto, ao grupo de moços e moças que passeava no veículo. E assim

Zacarias passa a circular pelas ruas da cidade, possivelmente a Belo Horizonte dos anos 40, na condição de cadáver que se recusava a entrar para o mundo dos mortos, preferindo circular entre os vivos.

O que me traz aqui é outro cadáver, este realmente morto, mas que no meu tempo insistiam (ou ainda insistem) em manter *vivo* nas aulas de anatomia. Já ouvi dizer que isso já está superado alhures, na Europa ou nos Estados Unidos, por exemplo, países civilizados que já baniram o dito *cadáver*, tal qual o conhecemos, das aulas de anatomia nos ambientes acadêmicos.

O que afirmo aqui, e que parecerá totalmente desarrazoado, é a seguinte: cadáveres são desnecessários nas aulas sobre o corpo humano, por razões de ética e humanitarismo, em primeiro lugar, mas também por razões pedagógicas. Esperem os leitores que vou me explicar.

Para começar, recorro às palavras de um antigo mestre, na Faculdade de Medicina da UFMG, João Amílcar Salgado. Em síntese aproximada, dizia ele que o jovem entra para uma escola de medicina aspirando lidar com gente. E de saída lhe dão um cadáver. Mais adiante, o mesmo corpo lhe é oferecido, só que agora cortado em fatias microscópicas. O estudante não perde as esperanças de ver *gente*, mas no segundo ano são colocados à sua disposição urina, fezes, sangue e outros líquidos corporais. Mas gente, que é bom, nada… Depois vêm o sapo e o cachorro nas aulas de fisiologia. No terceiro ano o infeliz imagina, mas logo se vê frustrado, que finalmente vai conhecer o raro objeto chamado *gente*. Agora parece que vai dar certo, pensa ele, mas o que vê são radiografias, imagens, laudos, papéis manuscritos e principalmente livros que falam de tal objeto. Quando, finalmente, ele vislumbra um corpo humano vivo e não decomposto em líquidos, lâminas, chapas, prontuários, etc. entre ele e tal objeto do desejo se coloca o professor, intermediando um contato que ele tanto gostaria que fosse direto e próximo.

É força de expressão, já se vê, mas tem sua sabedoria, certamente.

Para quem nunca assistiu a uma aula de anatomia no estilo cadavérico, aqui vão algumas informações. Corpos humanos em formol estão para os corpos reais, digamos (com todo respeito) *frescos*, assim como as passas estão para as uvas (ou como as ameixas pretas em conserva para aqueles lindos pomos sumarentos que costumamos comer na época do Natal). Imaginem, então, que se ofereça a alguém, que nunca viu uma uva ao vivo (Ivo viu, mas a nossa hipotética persona não viu), uma passa seca e se peça a tal pessoa que imagine a fruta como ela é na vida real, nas videiras. Com todo seu sumo, sua casca lisa e acetinada, ou mesmo seu sabor e cheiro, totalmente diferentes daquele mirrado corpinho de uva que ali se apresenta. Missão impossível, não?

Pois é assim que se ensinava – e talvez ainda se ensine – a anatomia: em corpos que estão longe de representar o real.

Eu já pensava coisas como essa há muitos anos, antes de conhecer o processo chamado de *plastinização*, criado na Alemanha há alguns anos e desenvolvido por uma empresa chinesa, que inclusive expõe corpos humanos perfeitamente dissecados e evidenciados em suas estruturas mais íntimas, em cores vivas e diferenciadas, de forma bastante próxima ao real. Aliás, os leitores já devem até ter comprado ingresso, para ver uma exposição assim, em algum *shopping center*.

Confesso, sinceramente, que a anatomia que eu gostaria de ter aprendido nos meus anos de faculdade me seria muito mais duradoura e eficaz se eu tivesse tido contato com imagens assim, todavia frutos de uma tecnologia que ainda não existia no meu tempo de estudante.

Agora vêm alguns detalhes mórbidos. As tais "passas" de gente são trazidas a um grande anfiteatro, onde um bando de estudantes, como abutres, se debruça sobre eles e começam a picá-los. As carcaças são duras e muitas de suas estruturas internas mais delicadas, como veias e nervos pequenos e mesmo médios simplesmente se fundem, se engrovinham ou simplesmente desaparecem sob a ação do formol. Mas toca a cortar e a picar assim mesmo. Com algum tempo, a massa informe que se tem em mãos pode ser músculo, gordura, nervo, gânglio ou qualquer outro tecido, mas não é possível identificar o que seja. E como o tédio fatalmente sobrevém, começam as brincadeiras escatológicas, como cortar partes daquele corpo inerte e levar para casa, na melhor das hipóteses, ou colocar na bolsa das incautas colegas, na pior delas.

No final do dia, esgotados e enojados pelo cheiro do formol e pelo dantesco espetáculo da decomposição natural que fatalmente já está presente, os infelizes alunos corriam à biblioteca – ou à internet – para consultar os livros ou sites, onde as imagens são mais reais e pedagogicamente aceitáveis. E aí, sim, aprendem alguma coisa.

Mas há outra questão, ainda. Frequentar um anfiteatro de anatomia é algo que tem um enorme valor simbólico. Ali se processa um vero rito de passagem, no qual aqueles estudantes, até há pouco tempo nada mais do que adolescentes cheios de vida e alegria, entram na vida adulta sob a égide da morte, da podridão e do mau cheiro. Mas é preciso suportar tudo, assim como cabe aos recrutas militares (ou mesmo aos calouros universitários) se submeter a todo tipo de brincadeira e violência por parte dos já iniciados. E a iniciação, agora, tem seus sacerdotes na pessoa dos professores e monitores, que costumam não poupar os pobres iniciantes de conversas escabrosas, quando não de contato íntimo e indesejado com os corpos mortos. Nada disso impede, entretanto, que os trotes e os cadáveres sejam apreciados por alguns, que vêem nisso condição necessária e inescapável ao cumprimento do tal ritual de passagem, sem questionar sua racionalidade e sua humanidade.

Não é a toa que os dísticos que costumam ornar as paredes de tais salas são taxativos, em lindo e incompreensível latim: *hic mors gaudet succurere vitae*. Ou, pior ainda, *morituri mortui*… Que os mortos se alegram de ajudar a vida, ou então, que anunciam estar esperando por aqueles que ainda não morreram. Mais mórbido, impossível, mas bem no estilo dos shows de horrores que ali ocorrem cotidianamente.

Já nos meus tempos de estudante, costumava ouvir de professores e médicos já formados que todo aquele conhecimento anatômico tinha que ser reavivado alguns anos depois. Outros já diziam que ele era simplesmente dispensável, diante do alto custo e pouco benefício de tal estratégia pedagógica.

Vamos aos fatos, e eles são os seguintes. Um conhecimento anatômico profundo, no nível de detalhar aquilo *que vagueia entre a artéria e a veia* (um dito repetido nas *missas* mórbidas rezadas naqueles anfiteatros de horror), interessa a bem poucas especialidades médicas, tais como, cirurgia ou radiologia e imagens. Para as demais, clínica, pediatria, psiquiatria, por exemplo, bastaria uma visão geral da estrutura do corpo humano, no mesmo nível que geralmente é oferecido aos nutricionistas ou educadores físicos, por exemplo. Mas mesmo para aqueles que têm a anatomia humana no centro de seus interesses, como os cirurgiões, o verdadeiro aprendizado se dá em animais, como o cão ou o porco, bem como no

acompanhamento de cirurgias reais (realizadas em pessoas vivas). Algumas informações podem vir das referidas "passas", mas não no primeiro ano de medicina, mas somente quando o aprofundamento dos estudos cirúrgicos se fizer necessário, isto é, provavelmente apenas na residência médica, alguns anos depois. Para o pessoal da imagem, o verdadeiro aprendizado se dá com *imagens* (simples assim), a serem confrontadas com a visualização de ilustrações do corpo real, em peças plastinizadas, por exemplo.

Minha diatribe ainda comporta mais uma pequena seção antes de ser encerrada de vez. Alguém já se perguntou de onde vêm os cadáveres que vão parar nos anfiteatros de anatomia? No meu tempo vinham, em sua maioria, do chamado *Hospício de Barbacena*, instituição que já de muito faz parte de uma memória de vergonha e horror na saúde do Brasil. Aqueles cadáveres, ou melhor, aquelas *pessoas*, simplesmente não tinham (ou quem sabe isso não lhes era facultado) quem reclamasse seus corpos. E como, afinal de contas, morriam? Sobre isso, bem pouco era dito… Alguns suspeitavam, inclusive, que a mortalidade crescia em certa época do não, coincidente com a abertura do calendário letivo nas escolas de medicina. E desde então já se sabia existir um verdadeiro *tráfico de cadáveres*, operado não só por funcionários de tais asilos como pelos poderosos bedéis das faculdades – gente que lidava com aquilo que ninguém aceitaria cuidar, por isso mesmo autoconsiderados indivíduos especiais e até superiores aos comuns. Estes viam nos pobres corpos nada mais do que uma mercadoria preciosa, sem prestar contas a ninguém.

É preciso argumentar mais?

Meus respeitos aos mortos que compareceram e talvez ainda compareçam, por muitas gerações, aos anfiteatros de anatomia para socorrer os vivos e aprendizes. Mas penso que já passou da hora de os liberarmos para uma pós-morte digna.

Ah sim, não precisam me lembrar: a tal da *plastinização* também utiliza cadáveres, insumo que na China deve ser muito abundante. Há quem diga que lá boa parte dos corpos submetidos a tal método provém de pessoas condenadas a morte, geralmente jovens e íntegros. Nada é perfeito…

UM RONDON ÀS ESQUERDAS

No final de 1968, quando nuvens escuras começavam a turvar o céu da pátria, soube que um colega mais velho – eu no segundo, ele no quinto ano da faculdade – estava organizando uma espécie de Projeto Rondon alternativo e não oficial em sua cidade. Eu tinha colegas que haviam frequentado a versão oficial do Rondon e não via com bons olhos o que tinham experimentado. Procurei o organizador da excursão, Zé Murilo Zeitune e depois de breve conversa com ele, me inscrevi. Chamei também para participar um grande amigo da época, Dalton Ferreira Alves e ele topou na hora. E assim rumamos para Guaranésia, no extremo sudoeste de MG, embarcados em uma gloriosa Rural Wyllis da instituição então denominada *Acar*.

Lá a recepção foi calorosa, fomos festejados como vips. Zé Murilo cuidou das consultas, enquanto eu e Dalton fomos fazer palestras e organizar o atendimento. Conversa vai, conversa vem, nos aproximamos de um grupo de jovens da cidade, que se encantaram com nossa condição de universitários, ainda mais de medicina. Descobrimos que esta turma queria mais ar, mais luz, mais liberdade – e que quem tapava tudo isso ali era o vigário da cidade, um velhote casmurro, dono de postura conservadora e imutável, que exercia seu mister de trevas ali fazia

muitos anos. Fizemos nossa parte, estimulamos o diálogo e o debate, deixando implícito que um pouco de "embate" também seria bom. Não deu outra, o padre resolveu comparecer a uma sessão de finalização de nosso trabalho e lá teve que ouvir coisas que até então não ouvira. O tempo fechou na pequena Guaranésia, mas saímos de lá meio como heróis.

Uma das jovens que nos assistia, filha da cidade, um pouco mais nova do que nós, que naquele momento estudava fora, em Ribeirão Preto, esteve presente em tudo e adorou participar da confusão. Ficamos amigos e, como era comum acontecer naquele tempo, passamos a nos corresponder assiduamente. Quantas certezas e ao mesmo tempo quantas dúvidas tínhamos... Mas acima de tudo nos iluminava um grande sentimento que nossa geração tinha um papel na história e que o Brasil, um dia, ia sair da treva em que se encontrava – com a nossa ajuda, claro.

Lia Ribeiro Dias, era o nome da garota continuou minha amiga epistolar por alguns anos. Um dia, as cartas foram escasseando, um novo encontro foi sendo adiado, até que a perdi de vista. Tinha tudo para virar namoro, mas não virou. Eu já namorava Eliane e achei por bem não abrir novas frentes afetivas, mas creio que com um pouco mais de flexibilidade de minha parte e da dela, acho que teria acontecido. Mas esta história não acaba aqui...

Em 2008, ou seja, quarenta (!) anos depois, recebo um e-mail em que alguém me perguntava se era eu mesmo que tinha estado em Guaranésia no remoto ano de 1968. Não resisti a tentação de brincar: *não, não era eu; agora é outro que está aqui, o primeiro havia morrido*...

Resumindo a ópera, Lia e eu nos reencontramos em Brasília, onde ela vinha (e ainda vem) periodicamente, por compromissos de trabalho. Ela é jornalista e editora de uma publicação especializada em inclusão digital, além de cobrir a área de telecomunicações. Retomamos de maneira integral, agora de forma mais madura e consciente, aquela amizade apenas esboçada em nossa juventude. Acho essa história maravilhosa e ter tido a oportunidade de vivê-la e cultivar uma amizade assim considero uma das grandes benesses que a vida me trouxe.

Pena que algo tão bacana tenha sucumbido – ou esmorecido – com a recente praga da polarização política no Brasil. Lia é petista de carteirinha, fundadora do partido em Sampa, assim como seu falecido marido e é uma daquelas militantes ferrenhas e inflexíveis, que considera qualquer crítica ao PT como uma apostasia digna, se não da fogueira, do afastamento em relação a quem se arrisca a fazê-la. Sendo assim, interrompemos uma nova fase dessa história, que em breve completaria (mais) dez anos.

Mas tal estado de afastamento e estranheza não durou muito, felizmente. Voltamos a nos relacionar e ela inclusive saiu de São Paulo exclusivamente para me visitar em Brasília quando fiz 70 anos. Uma enorme honraria para mim. E o horror bolsonarista posterior nos fez descobrir que tínhamos muito mais coisa em comum do que em divergências.

UM ENORME PASSO PARA A HUMANIDADE

Em julho de 1969 fui passar meu aniversário de 21 anos no Rio. Armamos uma turma para tanto: minha tia Teresa e meus primos Mariza e Chico Marcos. Teresa, na época, começava a namorar o carioca Narciso, psicólogo e depois psicanalista, que viria a ser seu marido e pai de seu único filho, Cristiano. Eliane, a quem eu já namorava havia quase dois anos não compareceu; a família dela não nos permitia intimidades como esta de viajarmos juntos.

O mês de minha maioridade legal não foi um mês qualquer. Foi o momento que o homem pisou na lua, dando *aquele enorme passo para a humanidade*, como se passou a dizer desde então. E a pisada na lua, naturalmente, exigia comemoração especial. Foi assim que compramos algumas garrafas de Chateau Duvalier, a zurrapa nacional a que tínhamos acesso na ocasião, uns queijinhos e pães mais sofisticados e rumamos para o apartamento de minha tia Aucélia, em elegante edifício da Visconde de Pirajá, onde eu estava hospedado.

Dois detalhes adicionais: eu estava sozinho no imóvel, estando a proprietária de viagem e Narciso não deixou faltar um pacotinho de boa *cannabis*, ingrediente bem adequado para o tal grande passo que a humanidade ia dar.

E ali, com a TV ligada, o locutor Jatobá narrando o óbvio, pudemos ver finalmente aquelas pisadas históricas, em imagens tremidas e meio surreais, com vozes dos lunautas parecendo vir de além-túmulo. Deve ser por isso que muita gente acha que aquilo não passou de enganação, embora eu pense que a má qualidade das imagens e dos sons seria prova de veracidade. Mas não deixamos de beber o vinho que tinha nome de ditador haitiano, comer uns queijinhos e dar um tapa naquela marijuana, que nem era lá essas coisas. Mas tal mistura de álcool & alcalóide nos deixou loquazes e engraçados, formando-se logo um *clima*, do tipo daquele que Gil traduziu como *barata pode ser um barato total*. Para fundo musical não havia muita coisa, pois o dono da casa, meu tio Roberto Menezes, era chegado apenas aos clássicos. Talvez tenhamos nos conformado em escutar uns rocks na Radio Mundial, a queridinha da juventude carioca de então.

E estávamos em pleno *clima* quando a campainha toca... Quem seria, numa hora dessas? Nosso primeiro pensamento foi dedicado aos vizinhos, que certamente não estavam acostumados com aqueles sons e risadas, sendo os moradores as pessoas pacatas que eram meus tios. Ao abrirmos a porta, vimos que o passo histórico de Armstrong era pequeno perto de nosso espanto, pois quem chegava – e de total surpresa – era minha tia Dirce, que morava no Rio e certamente veio até ali para conferir o tipo de estrago que estaríamos, supostamente, fazendo.

Nada de mais, na verdade, acontecia, mas aquela meia dúzia de jovens quase bêbados e falando pastoso certamente devem ter assustado a minha tia. E ela foi ficando por lá, não se retirando nem mesmo com a falta de assunto e o anticlímax que se instalaram com sua chegada. Aos lunáticos só coube botar a viola no saco e ir curtir ressaca & larica em outra freguesia. Eu acabei ficando, pois já era tarde e eu nem tinha para onde ir, como os demais, pois estava hospedado ali mesmo. *Boa noite, tia Dirce*...

Na verdade, na tarde do mesmo dia tínhamos vivido outro momento emocionante, *um enorme passo* para nós também: fomos, em penca, visitar nosso tio Carlos Drummond de Andrade, com quem conversamos alegremente por horas, bebemos uísque e comemos bolo de chocolate preparado por Dolores, sua mulher. Só não ficamos lá para ver a lua, ou melhor, o homem chegando à lua, por já termos ficado durante muito tempo e não querer abusar. Sem dúvida, nosso frisson era por uma comemoração mais descontraída.

Anos depois vejo essa mesma história contada de forma diferente por uma de suas personagens. Minha prima Mariza, de quem nunca consegui ser muito próximo, deu entrevista para um intelectual mineiro, José Maria Cançado, que escreveu nos anos 90 uma biografia de Drummond chamada *Os Sapatos de Morfeu*. Aliás, uma bela porcaria de biografia, com histórias mal contadas a respeito de fatos da família e mesmo algumas mentiras deslavadas. A prima acrescentou mais um dado inverídico ao contar para Cançado ter passado a referida chegada na lua ao lado do tio. Mas eu estava lá e posso dizer: *não foi bem assim*...

VALDEMAR, O BARBEIRO

Logo que entrei na Faculdade tive meu primeiro emprego na área da saúde, compatível com meu status de universitário. Foi assim: minha tia Marita Guerra, mulher de meu tio Virgilio, que tinha grandes amizades no serviço público, pois era funcionária de carreira na Secretaria de Educação estadual, conseguiu para mim uma bolsa de estudante, no Hospital Raul Soares, especializado em Doenças Mentais. O Raul Soares era um daqueles velhos nosocômios pré-reforma psiquiátrica, onde ainda se aplicavam choques elétricos, internações compulsórias e castigos diversos aos mais renitentes. Quem assistiu o filme *Um estranho no ninho*, de Milos Forman, com Jack Nicholson, sabe do que estou falando, mas pode ter certeza que as coisas ali ainda eram piores do que no filme. Apresentei-me bastante assustado, achando que iam me colocar para ajudar em algum daqueles aparelhos de barbaridades que por lá existiam. O diretor que me recebeu foi muito simpático e talvez considerando minha escassa experiência de segundanista, me destinou a um posto no laboratório de análises clínicas do hospital, bastante limitado em seu repertório de exames, por sinal. Foi bom para mim, pois os horários eram flexíveis e ali eu fazia exames de fezes, já tendo alguma experiência nisso, advinda da disciplina de parasitologia na Faculdade.

Para aproveitar meu tempo e aprender alguma coisa nova, me ofereci voluntariamente para participar da coleta matinal de sangue dos pacientes, praticamente toda ela vinculada à realização do exame chamado VDRL, para sífilis. Antes disso eu tinha que amolar – é isso mesmo, amolar! – as agulhas de punção venosa, que não eram descartáveis e precisavam ser lixadas de vez em quando para manterem o gume. É isso aí, meninos, já vi muita coisa. Eu que nunca havia puncionado uma veia antes, logo que me tornei exímio no ofício, quando as agulhas ajudavam, claro. Havia também o problema de conter os mais agitados. E então, coisa realmente dramática, os agitados de um dia às vezes voltavam totalmente calmos no outro. A marca vermelha em suas têmporas já dizia tudo...

Certo dia eu estava concentrado em identificar algum ovo de áscaris ao microscópio quando o sujeito que fazia a limpeza da sala, um paciente em "laborterapia", se aproximou de mim e indagou: *doutor, o senhor não tem medo que algum desses micróbios lhe pule nos olhos*? Eu me preparei para dar uma resposta técnica, ao mesmo tempo valorizando o cuidado do pobre doidinho comigo, mas antes que eu falasse a primeira frase ele já gargalhava do meu lado. *Estou só fazendo hora com a sua cara, não vê*? Achei graça também e pegamos de papo. Fiquei sabendo que, na verdade, ele cumpria pena recolhido no Raul Soares, admitindo com certa candura ter amigos influentes que o livraram de pegar vinte anos de cadeia em espeluncas. Que crime teria aquele homem cometido, para ter pena tão longa? Não precisei perguntar, ele foi logo me contando toda sua história, que havia flagrado a mulher com outro homem e a matou, no ato. E ainda dedicou à falecida meia dúzia de palavrões cabeludos.

Valdemar, este era o nome do faxineiro matador, vinha todo dia puxar prosa comigo. Era um sujeito inteligente, divertido e até culto; valia a pena gastar tempo com ele. Não raramente me trazia mangas e outras frutas colhidas no grande terreno do hospital. Contou-me que era barbeiro de profissão e que havia trabalhado em estabelecimentos que atendiam a elite belorizontina, inclusive em uma barbearia que ficava no andar de baixo do Brasil Palace Hotel, endereço realmente notável na ocasião. Daí a ele propor que me atenderia para cortar as madeixas, já que barba eu tinha ainda muito pouca, foi um passo. E que o faria de graça! Aceitei logo, proposta melhor não haveria. E passei a frequentar o salão improvisado, debaixo das mangueiras no grande quintal do Raul Soares, árvores que ainda dão o ar de sua graça, naquela ruazinha fronteira com a atual Câmara de Vereadores de BH. Ele já tinha uma cadeira alta e

larga, não daquelas típicas dos salões de barbearia, mas rústica e improvisada, de madeira. E as sessões de tricotomia se prolongavam em bate papos intermináveis – e muito agradáveis, diga-se de passagem. Para fazer o "pé" no cabelo ele usava uma navalha especial, guardada em caixinha de baquelite ou material parecido, instrumento que ele tratava com especial deferência, amolando-o em um artifício formado por uma tira de couro liso, sustentada nas duas extremidades de uma espécie de arco de madeira. Me interessei pela ferramenta e ele se animou, contando que a mesma era da marca Solingen, alemã, importada, dessas não tinha mais na praça. E completou: *foi com ela que matei aquela desgraçada*...

O arremate da história é o seguinte: neste tempo eu almoçava duas ou três vezes por semana na casa de minha avó Dodora, na rua do Ouro, bairro da Serra, que ficava bem mais perto da Faculdade do que a casa de minha família. Vovó era fã das histórias que eu contava sobre o curso, sempre curiosa a respeito das aulas, dos colegas, dos professores e até da bizarrice de certas narrativas, comuns no meio médico. Minha amizade com Valdemar, que eu revelei desde o início, como um fato curioso, era tratada com recomendações de que eu me cuidasse e não ficasse tão perto dele. Primeiro, que tomasse cuidado com o doido e depois, com real horror: *ele é um a-s-s-a-s-s-i-n-o, meu filho*, ela me dizia com os olhos arregalados. A história da navalha, dá para imaginar, foi a gota d'água. Provocou nela um pânico tão descomunal, que fez com que implorasse, alarmada, que eu me afastasse de alguém tão perigoso. Acabei me afastando, não porque o achasse de fato temível, mas porque minha bolsa acabou e não foi renovada.

NEM TUDO SÃO FLORES NA VIDA DE UM NOVIÇO

No terceiro ano de faculdade arranjei outra colocação como estagiário de medicina, desta vez no Hospital da Polícia Militar, em Santa Efigênia, próximo alguns quarteirões do Raul Soares. Não havia remuneração senão para alguns privilegiados, geralmente da faculdade rival, a Ciências Médicas, dita "Católica", que mantinha convênio oficial com a instituição. Nós, da Federal, os "protestantes", éramos apenas tolerados ali. As melhores camas nos plantões eram reservadas aos "católicos", por exemplo. Certo dia eu repousava num desses catres quando um fardo desabou em cima de mim. É que seu legítimo ocupante, um tal de Fortini (que fazia jus ao nome), papista legítimo, com mais de 120 quilos, acabara de chegar de uma cirurgia. Tive que cair fora que nem um cachorro assustado e o carcamano ainda me xingou abusivamente. Fazer o quê, ele era católico e eu apenas um mísero calvinista...

A entrada nesse hospital, mera formalidade, foi um momento especial. O diretor, um coronel médico reacionário e careta como quê, acho que era um daqueles que dava atestado para que os presos políticos continuassem apanhando, nos recebeu de pé, atrás de sua grande mesa, fardado. Fez um sermão interminável a respeito de "ética", boas maneiras e o risco de "subversão". Depois nos mostrando sua cabeça tosada quase na marca do quepe militar nos advertiu: *e prestem atenção, o cabelo mais comprido aqui há de ser o meu*! Era época de Woodstok, rock and roll e contracultura, o tamanho dos cabelos dizia muita coisa a respeito de quem os usasse assim ou assado.

Tudo isso representa apenas a parte pitoresca deste estágio entre os milicos. No âmago da instituição a coisa era horrorosa. Ali fui de fato obrigado a assistir sessões de choques elétricos em doentes mentais mais agitados. E volto àquele episódio terrível: o dia em que fui chamado a prescrever para um rapaz de minha idade, paraplégico depois de um acidente, que tinha dores atrozes e feridas pelo corpo. O moço era preso político e sua condição tinha a ver com as torturas

que lhe infligiram, além do capotamento da viatura que o conduzia para tais sessões. Achei melhor cair fora daquele inferno.

HOSPITAL AMÉLIA LINS: MINHA SEGUNDA ESCOLA

Tive uma especial experiência hospitalar no tempo de estudante. Esta, bem melhor do que as outras duas, no Hospital Militar e no Instituto Raul Soares, onde fui estagiário. Do terceiro para o quarto ano me inscrevi para estagiar, voluntariamente, no Hospital Amélia Lins, o tradicional Pronto Socorro da rua dos Ottoni, a um quarteirão da faculdade. Apesar da proximidade o PS não tinha vínculo oficial com a Medicina da UFMG e talvez muito poucos de seus médicos fossem também professores dela. Mas aquilo ali era uma verdadeira escola, por onde passaram gerações e gerações de médicos, de Minas e de outras partes do país. Mais bem estruturado do que o "loucocômio" do Raul Soares e ao contrário do "milicômio" da PM, no Amélia Lins não havia discriminação entre "católicos" e "protestantes" – o ambiente era bem democrático. Era um hospital acanhado e feio, mas sem dúvida bem eficiente. Eu estava lá quando houve a catástrofe da Gameleira, em 1969, com dezenas de mortos. Assim como neste evento, em muitos outros momentos dramáticos da vida da cidade o velho PS cumpriu seu papel. Não poucas vezes recebemos gente de nossa idade, baleada pela polícia, sem maiores explicações... Anos terríveis.

A nossa inscrição como estagiários se dava por equipe, já que as vagas eram assim distribuídas, por assim, dizer, de forma descentralizada. Havia uma equipe, se não me engano a "C", em que a afluência (e a disputa) de estagiários era bastante superior às demais. A razão era simples: ali trabalhava um dos médicos mais ilustres, não só do PS como da cidade, Célio de Castro. Ele foi depois presidente do Sindicato dos Médicos, Deputado Federal e Prefeito de BH, afastando-se em pleno mandato, por ter sofrido um AVC incapacitante. Célio foi uma lenda da medicina, portador de uma rara e benfazeja unanimidade. Não tive o privilégio de trabalhar com ele no Amélia, mas convivemos depois quando eu fui Secretário de Saúde em Uberlândia e ele líder sindical, em BH. Ele era um ótimo clínico e detentor de uma rara capacidade de empatia, seja com os pacientes, seja com os colegas, funcionários, estagiários, eleitores. Não precisava fazer força nenhuma para ser bom; era bom e competente, de forma natural, aquele homem.

A equipe que me admitiu não era especial, mas tinha bons caras trabalhando nela. Um de que me lembro com especial carinho é o pediatra Ely da Conceição, que morava em Nova Lima, onde fez política mais tarde, sendo meu colega de Secretaria Municipal de Saúde naquela cidade. Ely era um cara tranquilo e educado, adorava ensinar e tinha uma paciência monumental com as demandas dos estagiários. Certa vez o chamei para olhar comigo uma garotinha de dois ou três anos, que chegara ao ambulatório do PS com uma aparente paralisia de membros inferiores. Ela simplesmente não parava de pé. Eram tempos de pólio e até o porteiro talvez já tivesse feito a suspeita diagnóstica, de tal forma que quando a garota entrou na sala de atendimento, já tinha gente da enfermagem começando a preparar seu isolamento com um biombo. Ely chegou com sua maneira calma, conversou com a mãe por alguns momentos e simplesmente começou a examinar a criança – adivinhem por onde? – pelos sapatos! Ele os retirou e o diagnóstico não foi feito, ele se fez... A menina estava vestida com uma meia apertada, de tecido sintético, com um buraco por onde o dedão saiu e se enforcou. Daquele jeito, quem é que podia andar, não é mesmo? Alguns minutos de massagem no dedo lesado curaram aquela "paralisia".

Atendi certa vez dois sujeitos acidentados, motorista e ajudante de um caminhão de areia. O caminhão capotara e toda aquela areia caíra por cima deles. Escaparam de morrer esmagados,

embora quase tivessem morrido afogados – em areia! Devo ter passado mais de duas horas limpando areia nas escoriações, principalmente num descolamento do couro cabeludo de um deles, gastando quantidades industriais de soro fisiológico, depois da ducha convencional de água da torneira. Creio que se salvaram.

Quando meu irmão Eugênio passou no vestibular convidei-o a uma tarde comigo, no plantão do Amélia. Atendemos juntos, ou melhor, ele timidamente assistia os atendimentos que eu, mais sabido, fazia. Lá pelas tantas chegou uma mulher com a orelha seccionada, quase pendente, vítima que fora de uma mordida de uma desafeta. Como se sabe, orelhas sangram bastante, de maneira que a infeliz chegou ao atendimento banhada em sangue. Comecei a fazer assepsia, já pedindo agulha e linha, quando escutei um barulhão atrás de mim. Era Eugênio desmaiando, caindo como uma fruta madura no meio das macas e respectivas escadinhas! Pedi alguém do serviço para reanimá-lo fora dali e tudo se deu sem maiores consequências. Curiosamente, quando éramos garotos, ele era especialista de estripar passarinhos e eu desmaiava quando via sangue. Com as coisas agora invertidas, dessa vez me vinguei.

Hospital Amélia Lins: a verdadeira escola que várias gerações tiveram no campo das emergências médicas e na convivência com as catástrofes e o sofrimento humano!

EU CONFESSO: FUI PROFESSOR AOS 21 ANOS

Em 1969 um médico recém-formado meu amigo, Dirceu Wagner Carvalho Souza, que já tinha alguma experiência docente no Colégio Arnaldo, resolveu me incluir em um grupo de colegas que iria, segundo ele, fazer uma "revolução" no ensino de biologia no estabelecimento. O motivo de ele ter chamado mais três para ajudá-lo, ao invés de assumir a tarefa sozinha era simples: não tinha mais tempo para tanto, já que agora pretendia ser médico de verdade. Assim, eu, Caio Moreira e Benedito Guilherme de Macedo, meus colegas de turma e também ligados a DW, entramos gloriosamente na carreira do magistério. Pela porta dos fundos, devo admitir. Com efeito, qual a qualificação que um estudante de medicina teria para lecionar? Do ponto de vista do conhecimento formal, tudo bem, acabávamos de prestar vestibular e passar num exame difícil, mas daí a dominar técnicas e ser capaz de ensinar como convém à boa pedagogia e à psicologia do aprendizado, certamente a distância é muito grande.

Mas a gente quando é jovem topa todos os desafios, mesmo que o sentimento de responsabilidade deixe a desejar, como aconteceu. Havia quatro turmas de terceiro "científico", ou colegial, no Arnaldo – e quatro professores de biologia. Para as demais disciplinas não havia tal variação de docentes, o que certamente contribuiria para um aprendizado melhor. Assim me vi, aos 21 anos, dando aulas para alunos três ou quatro anos mais jovens do que eu. Não sei se me saí bem; esses alunos já se dispersaram há muito tempo. O máximo que devo ter feito, acredito, foi não ter arruinado a formação deles.

De toda forma, não deixou de ser uma honra lecionar no colégio que um dia abrigou Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa, além de muitos outros intelectuais e lideranças mineiras. Era com respeito e orgulho que eu subia aquelas escadas inclinadas, de madeira de lei, às sete da manhã, para enfrentar os adolescentes que queriam passar no vestibular. Respeito e orgulho que se desfaziam um pouco quando eu enfrentava a imaturidade e o espírito de horda daqueles jovens – mas isso fazia e sempre fez parte dos espinhos da honrosa profissão.

Lembrança da época: no pé da escada o Padre Javier, feroz espanhol, vigiava para que os rapazes e as moças subissem separadamente, pois que as minissaias já grassavam e aquele escada íngreme oferecia visões que deveriam ser evitadas.

Minha vida de professor prosseguiu, no ano seguinte, no Colégio e Cursinho Champagnat, para onde nossa equipe se deslocou. Suspeito que os padres do Arnaldo tenham concluído que precisavam de gente mais experiente e mais disponível ali. O Champagnat era resultado de uma dissidência dos Irmãos Maristas do tradicionalíssimo Colégio Dom Silvério, no bairro do Carmo, e seus mentores parece que foram aperfeiçoar no novo estabelecimento a arte de ganhar dinheiro sem ter que dividir com a congregação, muito numerosa e difusa pelo Brasil a fora. Foi assim que enfrentei, durante quatro anos seguidos, turmas de 50 ou 60 alunos, agora famélicos e neuróticos com o vestibular, com o agravamento de não serem mais virgens em tal empreendimento, muitos deles já trabalhando e estudando à noite, inclusive. E eu dava aulas até mesmo nos sábados pela manhã e à tarde. Se eu já não respeitasse bastante aqueles que optam pela carreira de professor, a partir de então dediquei a eles uma admiração abissal.

Mas, alguma coisa melhorou para mim, apesar do excesso de trabalho: eu ganhava um dinheirinho, que me possibilitou comprar um carro e até casar, algum tempo depois. Tinha também agora em mãos uma plateia mais madura e agradável de se lidar. Dirceu já era professor da Faculdade de Medicina, de forma que os demais membros do bando dividíamos as tarefas. Chegamos mesmo a escrever, melhor dizendo: compilar, um texto de ensino da biologia, ilustrado por meu irmão João Maurício. De fato, o pássaro da juventude é doce, porém meio louco...

Anastasia, que foi governador de Minas e Senador da República, foi nosso aluno nessa ocasião, mas por favor creditem a nós apenas os acertos dele, certo? Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, também passou por lá.

Em 1973, terminada a residência médica, já me preparava para embarcar em nova aventura profissional, desta vez em Goiás. Em um dia chuvoso de dezembro, mas que para mim tinha o maior dos sóis a brilhar, dei minha última aula no Champagnat e fui caçar rumo. Na ocasião, ainda ecoava o gesto maluco de Tony Tornado (quem não sabe quem é, que procure no google), de se atirar em cima da plateia depois de um show. Foi o que me deu vontade de fazer, mas fui detido pelo medo de quebrar o pescoço – o meu ou o de algum aluno das primeiras filas.

E assim, fui... Parti pra outra.

UMA VIRADA DO DESTINO

Um lance de 1970 mudou minha vida, a *simple twist of fate*, como diz a canção de Bob Dylan. Eu levava uma vida de cão (porém feliz!), com as aulas no Champagnat, os plantões no Amélia Lins, as obrigações da faculdade. Houve disciplinas a que eu nem compareci, já que a lista de chamada não era passada, como era o caso da Oftalmologia, regido pelo luminar da medicina mineira que foi Hilton Rocha. Encontrava tempo livre para namorar, embora muitas vezes eu e Eliane apenas dividíssemos alguma mesa, com livros a mancheia em cima dela. Um belo dia comecei a me dar conta que sentia muito cansaço nos útimos tempos, que minha vista estava turva ao ponto de não consegui ler o letreiro dos ônibus, que a tarefa de dar aulas seguidas estava cada vez mais pesada, dado que a boca me secava a ponto de eu nem conseguir articular as palavras direito. Havia algo de errado em mim, realmente. Imaginei que fosse stress, inicialmente. Eu e Eliane tínhamos decidido nos casar dentro de um ano e isso certamente colocava nova perspectiva e mais responsabilidades em minha vida. Um dia, resolvi comentar a situação com um professor da disciplina que eu então cursava, a Medicina Tropical (onde vim a ser docente depois), com quem eu tinha bastante proximidade. Paulo Kleber Avelar Araujo, figura bacana, ex jogador do América, que tinha a esposa diabética e cuidava dela (isso eu soube

depois), tomou-se pelo braço e levou-me, no ato, ao laboratório de análises clínicas do Hospital Carlos Chagas, onde era ministrada a disciplina. Não deu outra: minha glicemia passava largamente dos quatrocentos miligramas por cento!

Foi um Deus nos acuda... Relutei até em contar para minha família, mas não consegui esconder de minha avó, durante almoço na casa dela, no mesmo dia. O pai de Eliane chegou até a dizer que era melhor não nos casarmos. Meu pai, em reação semelhante, atribuiu aquilo ao casamento marcado e ao stress que eu provavelmente experimentava. Mas como tudo tem que passar, a angústia também passou, embora eu próprio deva admitir que não consegui ficar tão angustiado como os demais. Eliane também. Ela foi uma companheira muito solidária neste e em outros momentos de minha vida.

Tudo é uma questão de adaptação. Em poucas semanas eu considerava as injeções diárias de insulina como algo da mesma categoria de escovar os dentes, por exemplo. E eram tempos difíceis para os diabéticos. Seringas de vidro, a serem fervidas em estojos de lata; agulhas que precisavam ser amoladas; insulinas meio fedorentas quando escapavam do furo das injeções; reações de Benedict feitas com a urina recém colhida, que faziam uma danada lambança azul por toda parte; riscos diversos de celulite etc. Um dia, errei na dose e tomei a insulina regular na mesma proporção da lenta, NPH. Tive hipoglicemia durante quase 24 horas, mas aproveitei para tomar sorvete e comer um ou mais brigadeiros – ninguém é de ferro, afinal.

A questão alimentar era um sufoco. Não havia rigorosamente nada *diet* nos supermercados. Minha vontade tomar uma coca cola só foi moderada pela presença no mercado de BH de um famoso ”Guaraná Gato Preto”, que tinha uma versão adoçada com sacarina, que eu comprava diretamente na fábrica, na rua Brito Melo, no Barro Preto. Sabem os pedidos matreiros que as pessoas fazem àquelas que viajam para o exterior, particularmente Nova Iorque? Eu não tinha pejo: *me traga umas cocas diet, por favor*! E quando chegavam as benditas latinhas (até isso era novidade para nós no Brasil), elas eram sorvidas com a unção de Cavaleiros da Távola diante do Santo Gral...

Mas sobrevivi. A gente sempre sobrevive, desde que não morra... E eu continuo vivo e bem, mais por sorte do que por virtude, quase cinquenta anos depois desses acontecimentos!

MÉDICO E DIABÉTICO: UM DEPOIMENTO

Reginaldo Hollanda, meu médico, médico de médicos e de muita gente mais, me pede um texto para o site da Sociedade Brasileira de Diabetes. Ele está interessado em registrar o depoimento de um médico que também seja diabético. No meu caso, um diabético que virou médico…

Já reparei – e certamente os leitores também – que tem se tornado comum o gesto de se solicitar aos médicos que registrem as maneiras peculiares de como lidam com as doenças quando se tornam pacientes. Não deixa de ser uma coisa arriscada essa de abrir o jogo sobre nossos hábitos saudáveis (ou nem tanto). É sempre possível que nos denunciemos aos pacientes e estes percebam que somos muitas vezes bons para ensinar as pessoas a lidar com seu corpo, mas já nossas práticas pessoais costumam deixar a desejar, como, aliás, todo mundo sabe.

Mas deixemos de prolegômenos e vamos lá.

Fiquei diabético com 21 anos, em pleno curso de Medicina na UFMG. Curiosamente, cursava a disciplina de Endocrinologia, quando comecei a perceber que aquela ladainha de poliúria, boca

seca, visão turva e emagrecimento estava acontecendo comigo. Um professor com quem eu tinha ligação mais próxima e que tinha a esposa diabética, tornando-se por conta disso um *expert* no assunto (sem ser endocrinologista, diga-se de passagem), praticamente me arrastou ao pequeno laboratório do Hospital Carlos Chagas, onde eu era estagiário. Aleguei que não estava em jejum e preparado para o exame, mas ele mesmo assim insistiu. O resultado quase me matou de susto: mais de 450 mg% de glicose no sangue!

O primeiro impacto foi um Deus nos acuda! A família entrou em pânico e, confesso, eu também. O pai de minha namorada achou que ela devia terminar o namoro comigo. Como eu estava de namoro muito firme, já falando em casamento, meus pais acharam que a causa de minha moléstia poderia ser o tal compromisso. E foi por aí…

Como sempre acontece, comecei meu tratamento seriamente, numa espécie de lua de mel com a insulina, seringas, agulhas e dosagens (sou do tempo do Benedict na urina!) e em poucos dias estava bem melhor. Uma ou outra vez inverti a dose de insulina regular e NPH e veio aquela hipoglicemia de fazer gosto. Literalmente: "de fazer gosto", pois como bom diabético, eu também aprecio uma hipoglicemia que me dá a oportunidade de comer um docinho…

Por falar em hipoglicemia, aqui vai a opinião de um paciente (não de um médico): não recomendem a um paciente com a glicose no rodapé a resolver seu problema com suco de laranja e bolachas água e sal! A cura só acontecerá com um bom brigadeiro ou dois, (dependendo do tamanho)!

Mal mesmo, só fiquei uma vez, quando um colega ortopedista cismou de me fazer umas aplicações de cortisona em um joelho lesado no futebol, alegando que a absorção da droga pelo sangue seria mínima. Minha glicose chegou aos seiscentos e eu quase "vi a vó pela greta"! Corticóide, cruz-credo, nunca mais!

Sou diabético há mais de quatro décadas e só agora começo a ter pequenas (assim as considero…) complicações, como neurite periférica leve e uma mioartropatia supostamente atribuída à diabetes – meu grande martírio. Meu fundo de olho é subnormal e está praticamente inalterado há dez anos. Confesso que me descuidei do peso, preciso perder uns vinte quilos hoje. Uma parte é culpa minha, mas outra é da genética e também dessa sociedade glutona e voltada para o consumo de calorias em que nós vivemos. Eu sou também uma vítima!

Sou um bom paciente? Mereceria uma medalha Joslin? Isso quem pode dizer é meu médico, o Dr. Reginaldo. Mas posso dizer que aprendi muita coisa com a minha condição de paciente. Primeiro que a informação clara por parte do médico é muito importante. E também que a autonomia do paciente deve ser incentivada e respeitada; que as broncas resolvem muito pouco; que é importante trabalhar com resultados; que nós, pacientes, devemos sempre ser ouvidos, mesmo quando nossas opiniões e impressões parecerem esdrúxulas; que temos muito a ensinar uns aos outros (receita daquela *mousse* de chocolate ma-ra-vi-lho-sa e sem açúcar, por exemplo!). Ah, sim: e que não se deve tratar hipoglicemia com bolachas água e sal!

E A MEDICINA, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

Naquele momento, início dos anos setenta, se havia contestação política no país e meu pâncreas entrara em dissidência comigo, eu particularmente, no nível da consciência também vivia uma crise, com foco na opção profissional. Quando me via naqueles ambientes de sangue, lágrimas,

cansaço, sofrimento, maus odores, não foram poucas as vezes que me indaguei: o que estou fazendo aqui? Mas o fato é que mudar de curso, àquela altura dos acontecimentos era totalmente descabido, pelo menos para os padrões sociais e familiares que me condicionavam. Hoje é fácil, dois de meus filhos fizeram isso, até por mais de uma vez, sem pestanejar. Mas naquele momento não dei asas a este tipo de ideia e me conformei, esperando apenas que a vida profissional me fornecesse algum alento. Para tanto, já começava a pensar no tipo de especialidade ou ramo médico em que eu me acertaria, sem muitas conclusões.

Depois que me formei, na década de 80, muita coisa mudou na UFMG, contra as correntes mais tradicionalistas. Em outros países as mudanças no ensino médico já eram antigas e tinham até passado por novas revoluções. Mas ainda hoje a falta de *gente* ainda parece ser a regra da formação médica. Depois reclamam que os médicos não gostam de "gente". O problema é que eles se formam sem saber exatamente o que vem a ser isso...

Eu, é claro, não conseguia ser tão racional em relação à minha insatisfação. Pensei em fugir do dilema fazendo alguma coisa que me impulsionasse para fora do universo tão restrito e individualista que eu tinha na faculdade. Saúde Pública, pensei, talvez fosse uma boa opção. Na época eu havia lido em uma revista médica um artigo que narrava a saga de um grupo de estudantes da USP que resolvera romper com a visão de mundo que também me incomodava, para ir trabalhar no interior profundo de Goiás, fazendo uma medicina voltada para os problemas comunitários, dentro de um espírito cooperativo e solidário, em grupo. Era algo assim que eu queria! Conheci, muitos anos mais tarde alguns membros daquele grupo, entre eles Pedro Tauil, grande amigo até hoje, e pude perceber que eles estavam certos em sua opção; apenas foram mais corajosos do que eu.

Meu entusiasmo arrefeceu quando percebi que eu não teria acesso a este tipo de formação, seja de generalista ou de sanitarista, seja na faculdade ou na BH dos anos 60 e 70. Além do mais, minha opção preferencial era a de resolver não individualmente minha vida a dois, com Eliane. Mas aquilo deve ter se fixado em mim, como um vírus. Eu ainda não havia aprendido – ou não adquirira coragem suficiente – para saber que o importante na vida é ir atrás dos sonhos, e não temer os riscos.

Um lampejo de racionalidade, já na vida profissional avançada, décadas depois, foi eu ter percebido que talvez tenha feito boa opção em continuar apostando na medicina. O problema estava no foco de meu trabalho, ou seja, não ter optado por trabalhar com os pacientes no coletivo e "de pé" e sim com com indivíduos "deitados" em macas e camas de hospital. Com este insight na cabeça, sosseguei...

Mas na ocasião persistia no cenário o dilema de minha opção profissional. Afinal, mais um ano pela frente e eu já seria médico.

Fui, então, procurar algo mais próximo daquilo que parecia ser o foco de minha atenção – e mais próximo em termos de possibilidades de acesso, também. Foi assim que me aproximei da "Medicina Tropical", disciplina do curso médico que dispunha não de uma enfermaria, mas de um hospital inteiro, o Carlos Chagas, na Alameda Álvaro Celso, nos fundos do HC e de frente para o antigo campo do América. Eu comecei sapeando as corridas de leito e me aproximando do resumido grupo de professores, entre eles Dirceu Wagner, o mesmo que havia aberto para mim as portas dos Colégios Arnaldo e Champagnat. Conheci ali um dos caras que me marcaram na vida: Antônio Cândido Mello Carvalho, o Cancando, de quem falarei mais adiante.

E eu fui ficando pela Medicina Tropical. Nas vésperas de iniciar o último ano de faculdade, eu havia saído da casa dos meus pais, indo morar numa pensão da rua Aimorés com Afonso Pena.

Nesta época, eu era tão *arroz de festa* no Carlos Chagas que não raramente era solicitado pelos residentes a substituí-los nos plantões, para que saíssem para namorar ou tomar uns chopes. Daí a conquistar uma cama só minha no quarto dos plantonistas, foi um passo. Com a vantagem de que ninguém desabaria sobre mim em alguma madrugada... Mudei-me então para o hospital e mesmo informalmente passei a ser considerado parte do staff.

Para sorte minha, no final do ano da formatura, abriu-se um concurso na Medicina Tropical, para auxiliar de ensino, na vaga de Oscar Versiani Caldeira, o eterno diretor da nossa Faculdade, já citado aqui, que se aposentara. É claro que pensei que aquilo não era para o meu bico, mas os professores com quem eu convivia diuturnamente pensavam diferente e me convenceram a inscrever-me no concurso. Quando fiquei sabendo da pujança acadêmica de um outro inscrito, Eduardo Costa, abandonei qualquer esperança. O que eu não sabia é que outros interessados, ao verem Eduardo inscrito e além dele um cara praticamente desconhecido, mas que frequentava a hospital e participava como monitor de muitas atividades da disciplina, titubearam e não se inscreveram. Resultado: Eduardo Costa ficou em primeiro lugar, era a ordem natural das coisas. Eu fiquei em segundo, mas para sorte minha, abriu-se outra vaga alguns meses depois e eu fui chamado.

Mais uma vez, como na minha entrada no magistério secundário, eu estava lançado em um voo que exigia bem mais do que eu poderia oferecer. Mas fui em frente. Consegui acumular o segundo ano de residência, em Clínica Médica, com a docência na Medicina Tropical. Acho que não fiz feio...

Por que residência em Clínica Médica? Eu não sabia bem o que queria como área de trabalho. A medicina tropical não oferecia formação específica em BH. De forma que optei por algo que me pareceu ser capaz de abrir horizontes mais amplos para mim. E não me arrependi.

APONTAMENTOS PARA UMA SOCIOLOGIA DA VIDA ESTUDANTIL DOS ANOS 60

Comecei a namorar Eliane Guimarães, minha colega de turma, logo em outubro do nosso primeiro na Faculdade. Nossa história evoluiu para noivado três anos depois e para casamento em quatro. Eliane sempre foi uma pessoa muito dedicada aos estudos e às obrigações em geral. Aliás, ela tinha uma capacidade de absorção de conhecimentos digna de um gênio, bem maior que a minha, aliás. Eu havia me transformado em alguém mais ou menos assim depois daquele ano passado no Colégio Universitário, de maneira que nos demos muito bem. Em 1970, já noivos (costumes da época...) tivemos que resolver uma contradição familiar: eu havia ganho uma bolsa para os Estados Unidos, à qual ela concorrera também. Um verdadeiro e insuperável dilema estaria armado caso ela tivesse obtido a bolsa, pois teríamos que casar para viajar juntos. Coisas da época. Com muito custo, havíamos ganhado autorização apenas para visitar uma tia dela, que era Promotora de Justiça em Cambuquira. E olhe lá... Mas resistimos, principalmente graças ao espírito cordato de Eliane com as coisas de família (eu, nem tanto...) e nos casamos em 1971, sendo felizes por muitos anos.

Assim em 1970 entrei na tal seleção de uma Associação Universitária Interamericana (AUI) para uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, com direito a seminários em Harvard e, contra todas as expectativas, inclusive as minhas, expectativas, fui aprovado. Isso virou minha cabeça. Até então eu não havia saído do Brasil e nem tomado um avião. Tampouco falava inglês, a não ser rudimentarmente e entendia menos ainda. Mas tudo aconteceu de uma só vez. Vou falar dessa viagem mais adiante. Ela marcou minha vida.

A dita viagem aconteceu, na verdade, porque um colega de turma, José Maria Ribeiro Bastos, havia se candidato e conseguido a bolsa no ano anterior. Fazíamos, então parte de um mesmo grupo na faculdade. Mas aqui devo esclarecer que pertencer a grupos nunca fora o meu forte. Havia, sim, alguma sintonia entre eu, Eliane, Zé Maria, Celso Chiari, Dalton Luiz Ferreira Alves (que haviam sido, estes dois últimos, meus colegas no Estadual) e alguns outros. Era um pessoal bastante "cabeça", com a liderança dividida entre o citado Zé Maria e um outro, Gilberto Schwantes. Zé Maria era um sujeito com voz de barítono, filho de médico e um tanto conservador nas ideias. Bom moço que era, assumiu por conta própria o papel de proteger as colegas de investidas pouco cavalheirescas ou simplesmente assesediadoras dos demais machos, o que lhe fez merecer o apelido maldoso de Galo Capão. As próprias vítimas potenciais, contudo, nunca admitiram que lhe tenham delegado formalmente isso, alegando que sabiam se defender (como de fato pareciam saber).

O líder muitas vezes primeiro e único de tal grupo era Gilberto, um paulistano típico, mais velho do que a gente uns bons cinco anos, cheio de experiências na vida – havia sido até soldado da Guarda Presidencial em Brasília – pelo menos era o que nos dizia. Ele era um excêntrico de classe. Morava sozinho em uma pensão modesta da rua Piauí, namorava garotas liberais e geralmente muito cobiçadas e tinha como companheira de quarto uma jibóia, a qual chamava de Yara, não sei se com "Y" ou com "I". Dedicava-se, às vezes, a dietas radicais, alimentando-se apenas de ovos por grandes períodos. Recolhia-se a misteriosos retiros espirituais, supostamente em grutas remotas, o que não era possível negar ou confirmar. Tocava também, até creio que razoavelmente bem, um violino, sendo o parceiro ideal nas serenatas que às vezes fazíamos para nossas namoradas, formalmente declaradas, como no meu caso, ou nem tanto.

Na minha dificuldade em seguir grupos e líderes, meus contatos com essa turma não eram constantes. Além do mais, suas reuniões, geralmente feitas na casa do homem da cobra, eram cercadas de densa nuvem de uma fumaça que cheirava a corda de cânhamo – hábito a que eu e minha namorada não éramos muito chegados. A experiência americana, facultada pelos adolescentes de Fall River, Massachussets, na casa onde fiquei hospedado, que um dia me apresentaram o produto, tinha sido o bastante para mim. Mas de uma forma ou de outra sempre nos víamos. Talvez tenha sido este o grupo que acompanhei mais de perto na faculdade. Pelos outros existentes – e como os havia! – eu e Eliane apenas bordejávamos, sem estabelecer laços mais profundos, mas respeitando e sendo respeitados pelos membros.

Pois bem, este grupo liderado pelo homem da jibóia representaria um bom *case*, de interesse de algum antropólogo ou sociopsicólogo que estivesse a fim de destrinchar a vida universitária dos anos 60, em plena revolução cultural, a partir das relações e costumes grupais dos estudantes. A trajetória dessa turma é notável. Zé Maria pendurou o diploma depois de formado, rompeu um noivado de muitos anos e mergulhou na *vida loka*, residindo na Holanda, cercado, ao que se sabe, de muita droga e os devidos complementos. Voltou anos depois para BH para continuar sendo o careta de sempre. Chiari, o primeiro lugar no vestibular, dois décimos acima de mim, não conseguiu se encontrar na vida. Começou uma formação em Bioquímica ou Farmacologia, que não concluiu e acabou falecendo em um acidente misterioso na BR-3, que alguns suspeitaram que fosse auto-inflingido. Agnaldo Peres, que ainda não havia entrado na história, voltou para sua terra natal no Sudoeste de Minas, abandonou a faculdade e ninguém nunca mais soube dele.

E Gilberto Schwantes, o paulistano, grande liderança e revolucionário dos costumes? Boa pergunta! Este, fiquei sabendo muito tempo depois, tinha um pai rico, proprietário de clínicas de psiquiatria em São Paulo (com quem tinha, aliás, birras freudianas) e passou a administrar os negócios do pai.

Do convívio com esta turma restou meu aprendizado a respeito de “papos-cabeça”, os quais, depois de muitas tentativas acabei por rejeitar de vez. “Discutir a relação” (DR) uma modalidade amplamente praticada pelos membros referidos, com furor quase esportivo – nem pensar! Mas aquela turma era capaz de passar a noite nisso, principalmente se houvesse muita cerveja e alguma canabis no pedaço.

Mas esta época não deixou de representar também um “abre-cabeça” para mim. Aqueles papos intelectualizados muitas vezes me entendiavam, mas ao mesmo tempo me levaram a procurar novos caminhos de conhecimento. Foi assim, por exemplo, que mergulhei na contra-cultura, lendo Aldous Huxley, Hermann Hesse e, principalmente, um best seller da ocasião, o romance Cleo e Daniel, do psicanalista e anarquista militante Roberto Freire. Incorporei também como verdadeira trilha sonora existencial o Concerto de Aranjuez, do compositor espanhol Joaquin Rodrigo, em particular seu movimento *Andante*, imitando nisso os personagens do livro de Freire.

O CASO MACRINO

Macrino era o nome do coitado. Vinha de algum sertão de Minas, certamente dos longes do Jequitinhonha ou do além-Montes Claros, que na época eram os grandes armazéns fornecedores de doentes para o Hospital das Clínicas da UFMG.

Que doença tinha o tal sujeito? Simplesmente todas! Seu coração era uma bola, embora jovem, já devastado possivelmente pelas insidiosas incursões do *Tripanosoma cruzi*. O esôfago lhe fazia às vezes de estômago, pela sua dilatação e relativa imobilidade. Como se não bastasse ainda tinha um sopro cardíaco provavelmente associado a uma doença reumática não tratada. Ah, sim, e só ia ao banheiro a custa de lavagens. O rim funcionava como uma máquina maluca, desequilibrando seus eletrólitos como se fosse uma erupção telúrica. Tinha também uma anemia intratável...

Com mais de dezoito anos, ou nem isso, seu corpo era ainda o de uma criança e desafiava a nós todos, residentes de Clínica Médica na enfermaria do quarto andar do Hospital das Clínicas da UFMG, com seu acúmulo de problemas e, principalmente, com a evolução tão grave dos mesmos, considerando sua pouca idade.

Macrino estava internado ali há muitos meses. Seu prontuário já não cabia naquelas pastas metálicas, com presilhas flexíveis, que eram típicas dos hospitais da época; ocupava mais de uma caixa daquelas normalmente usadas para arquivar papéis mortos.

Havia um dado que deve ser mencionado: uma das linhas de pesquisa daquela enfermaria incluía a Doença de Chagas e Macrino era um “caso” excepcional, a ser revirado e explorado mais a fundo. O problema é que o titular da pesquisa estava fora do Brasil, ou em licença, e não aparecia na enfermaria há tempos. Além disso, aguardava-se a liberação de verbas para aquisição de novos medicamentos, de acordo com o protocolo da pesquisa. Estranho? Nem tanto. Isso era comum na época e creio que ainda seja nos hospitais universitários

A chegada de novos residentes, entre os quais eu me incluía, não mudou nada na rotina do coitado. Mas nós, jovens e impetuosos, víamos naquele “caso” a chance de demonstrar nossa competência clínica. Certamente devíamos ter pensado que ele só estava ali, por tanto tempo, porque deve ter faltado sabedoria e dedicação por parte de alguém que nos antecedera.

Ledo engano.

Rever seu prontuário já era coisa quase impossível. O que havia nas tais caixas de arquivo era uma maçaroca de papéis, sem qualquer ordem, seja cronológica ou simplesmente "lógica". O jeito foi fazer toda a bateria de novo, coisa que deve ter sangrado o coitado até a exaustão.

Mudamos os medicamentos radicalmente, dando ombros para a tal pesquisa que nunca acontecia de verdade e seu titular ausente. Havia novos cardiotônicos no mercado, fora do que era padronizado no HC, mas mesmo assim nos viramos, utilizando as boas graças dos propagandistas de laboratórios, que também precisavam de nossa boa vontade em atendê-los nos intervalos das visitas e prescrições.

E vieram os medicamentos, que foram se sucedendo e se alternando. Mas resultado que fosse bom, nada... E pior, algumas das funções vitais de Macrino começavam a degringolar.

A sensação que tínhamos era a de que ainda não havia sido encontrada a verdadeira causa de tantos achaques. Realmente, a regra médica de que é melhor explicar tudo com um único diagnóstico, em Macrino era definitivamente subvertida.

Aos poucos, Macrino foi se incorporando à paisagem, como sempre acontece. Em conversas com um de nós, ele, que era de pouquíssimas palavras, disse que não tinha nenhum interesse em voltar para casa. Vinha de uma família miserável que não tinha como cuidar dele e ali, no HC, era como sua casa, aliás, há quase um ano, onde tinha comida, roupa lavada, amigos e até mesmo alguma valorização, como nós residentes bem ou mal lhe oferecíamos.

Às vezes, em uma corrida de leitos, alguém proferia a palavra fatal: *alta*. Macrino empalidecia. Mas na prática algo assim era realmente impossível. Como botar fora do hospital, ou mesmo da cama, alguém que mal parava de pé?

E ele foi ficando. Completou um ano de internação e possivelmente ficou ali muito mais, mesmo com escassas chances de sobrevivência, dono que era de um organismo tão comprometido.

Moral da história: nenhuma... Certas doenças não têm tratamento mesmo, embora seja possível que as novas tecnologias médicas dessem a Macrino, nos dias de hoje, uma vida mais confortável e mais longa, embora certamente não lhe acrescentassem a dignidade de que tanto carecia, por ser tão pobre.

Seria desejável que tal situação de "doentes moradores" em hospitais universitários, ligada a razões "de pesquisa", regra no meu tempo, possa hoje fazer realmente parte do passado. Mas não me permito muito otimismo nisso, pois ainda nos meus tempos de docente da UnB percebia – e certamente isso ainda se mantem – uma visão arraigada de "autonomia" da instituição universitária, que na verdade poderia ser entendida como "soberania", que era dominante entre meus colegas. Neste aspecto, creio que ganharíamos muito, não só os pacientes, como os que deles cuidam, como o país como um todo, se nossos hospitais universitários fossem de fato incorporados à rede de serviços de saúde e sobre os quais se aplicassem exigências de eficiência, de racionalidade, de controle social e de humanismo que são, ou deveriam ser, demandas imperativas na sociedade moderna.

Macrino provavelmente continua vivo por aí.

AS SETE VIDAS DE SEU JOAQUIM

“Esvaziar a enfermaria” era a palavra de ordem que nós residentes de Clínica Médica recebemos ao adentrar na mesma pela primeira vez, um tanto abandonada que estava, por não ter contado com outros residentes no semestre anterior. Tinha virado um bem depósito de pacientes, muitos já quase moradores; outros cuja necessidade de ficarem internados era muito questionável. E pusemos as mãos em tal obra.

Seu Joaquim era um homem de quase 80 anos, corpulento, jovial. Sua cabeça bem conformada e seus cabelos brancos o faziam parecido com Dorival Caymmi, não fazendo má figura como tal, apesar da diferença de idade entre ele e o notável baiano ser de uns vinte anos, pelo menos, na ocasião. Era um daqueles pacientes colaborativos, que acreditava nos médicos, particularmente em nossa juventude de residentes esforçados, e tudo fazia para atender nossas recomendações e assim, quem sabe, receber sua alta logo e voltar a seus afazeres. Seu grande problema era um coração que batia sem pressa alguma... Trinta e oito, no máximo quarenta batimentos por minuto. É que aqueles cabos que transmitem a corrente elétrica de alto a baixo no tal órgão tinham entrado em curto circuito, mais uma vez por obra e graça do terrível *T. cruzi*, e seu agente contumaz, o barbeiro. Ela viera parar ali vindo do Pronto Socorro Amélia Lins, vizinho do nosso HC, que volta e meia nos fazia aquela remessa de casos, dada sua natureza emergencial exclusiva.

A solução para Seu Joaquim era bem simples, mas ao mesmo tempo quase irrealizável nos tempos idos da saúde no Brasil, com a população irremediavelmente dividida entre os que tinham a “carteirinha” do INPS e os que não a possuíam. E Joaquim era “Funrural”, que significava o mesmo que ser um despossuído quase absoluto em matéria de saúde. A solução? Um bom marca passo. Porém, fora do sistema previdenciário ou privado, consegui-lo era uma verdadeira façanha, que dependia da autorização de uma penca de burocratas, muitos deles remotamente situados no Rio de Janeiro. E para um paciente como aquele, bons meses podiam se esgotar sem nenhuma decisão a vista.

E ele nos dizia que seu sonho era voltar logo para casa, reencontrar sua mulherzinha (bem mais jovem do que ele), que nem vinha visitá-lo mais, rever seu burrinho, botar de novo sua carroça para andar e ganhar a vida com algum frete. Um homem de quase oitenta anos e com um bloqueio total do coração, vejam só.

Apesar de ser amparado pelo Funrural, morava na periferia de Belo Horizonte, reproduzindo, com isso, uma situação que era bem comum na época, ou seja, a migração rural-urbana. Hoje, parece, quem tinha que sair da roça, já saiu; tem gente é fazendo o trajeto ao revés...

Mas a palavra de ordem precisava ser cumprida, até porque havia pressão na porta de entrada, via Amélia Lins e ambulatórios, para que aquela enfermaria de Cardiologia se abrisse para outros pacientes mais necessitados. Conversa vai, conversa vem, um dos professores conseguiu a promessa de um fabricante de equipamentos que o marca-passo adequado para Joaquim estaria disponível em no máximo quarenta dias. Simples, então: era dar alta e pedir que voltasse algumas semanas depois. Mas cabia dar a notícia ao paciente; temíamos que ele tivesse uma crise de ansiedade com aquilo e que, assim, aqueles trinta e tantos batimentos se reduzissem ainda mais. Constituímos uma espécie de junta, formada pelos residentes que lhe eram mais próximos e depois de muitos rodeios e promessas a notícia lhe foi finalmente repassada. Ele iria para a casa e seria convocado de volta pelo Serviço Social do hospital quando o precioso equipamento estivesse disponível.

Joaquim sorriu amarelo, mas resignou-se. A frequência cardíaca manteve-se abaixo dos quarenta batimentos regulamentares, mas sem quaisquer sintomas ou sinais preocupantes. Fizemos-lhe várias prescrições e recomendações, principalmente que não fizesse esforços e evitasse contratempos, se isso lhe fosse possível.

E a vida seguiu. Em poucas horas o leito de que Joaquim ocupara durante muitas semanas já tinha outro habitante.

Um belo dia, duas ou três semanas depois da alta, quem vemos sentado na sala de espera da enfermaria, em pleno procedimento de admissão por parte da enfermagem? Ele mesmo, o Seu Joaquim, vindo mais uma vez do Pronto Socorro Amélia Lins. Estava mais magro e um pouco abatido. Mas o que chamava a atenção, agora, era um enorme curativo na fronte, tendo todo o crânio rodeado por uma faixa de atadura, na qual ainda havia manchas de sangue.

Ele logo nos explicou o acontecimento. Voltara para casa e chegando lá encontrou a mulherzinha nos baços de outro, que lhe havia também subtraído, para vender, aquele querido o burro e a respectiva carroça. Ainda por cima lhe veio com ameaças. Ele correu atrás do Dom Juan com um porrete, mas o mesmo sacou de um revolver e atirou nele, tendo uma das balas lhe alcançado a cabeça. E ele ainda detalhou: *me entrou na parte da frente e saiu pela de trás, sem bulir com os miôlo*.

E nós com temor de que ele tivesse uma parada cardíaca apenas com a má notícia de que seu marco-passo ainda demoraria mais algumas semanas para chegar...

INCOMPATIBILIDADE DE GÊNIOS

Durante minha vida estudantil passei por várias fases em relação ao interesse profissional. Lembro-me que ainda em 1966, quando estava no colégio, li uma reportagem da antiga revista *Realidade* sobre os primeiros transplantes realizados no Brasil, de coração e de rim. Fiquei encantado com aquilo e acreditei que era algo assim que eu queria. Mesmo tendo mudado de ideia depois, devo admitir que aquela leitura e o entusiasmo dela derivado me ajudaram a estudar com mais afinco ainda, me garantindo aquele terceiro lugar no vestibular da UFMG.

Nos dois primeiros anos de faculdade mantive um breve namoro com as chamadas “cadeiras básicas”, particularmente com a Bioquímica e a Fisiologia, onde pontificavam alguns nomes de peso, como Marcos Mares Guia, Carlos Diniz e Vilmar Dias da Silva. Chegamos mesmo, Eliane e eu, a nos engajar em uma pesquisa em imunologia, disciplina sediada em um desses departamentos. O desafio que encaramos foi testar substâncias supressoras da reação imune e, para tanto, transplantávamos pedaços de pele de ratos brancos para pretos e vice-versa. É claro que nada deu certo, pois nos faltava estrutura para tanto e também uma mínima habilidade cirúrgica. O mais que conseguimos produzir foi alguns ratos com grandes feridas peladas no dorso.

Quando já estava prestes a completar o segundo ano, li um artigo na revista *O Hospital* relatando as aventuras de um grupo de médicos formados na USP que decidiu se embrenhar pelo Norte Goiano, mais precisamente em Porto Nacional, para ali realizar uma prática diferenciada, juntando clínica e prevenção e promoção da saúde, em ambiente de respeito cultural e

participação. Falo mais disso ao homenagear, em outro capítulo, meu particular amigo, Pedro Tauil, herói remanescente daqueles acontecimentos. O certo é que aquilo de novo me mobilizou, e passei algum tempo com aquela ideia – ou algo parecido com ela – na cabeça.

Havia dois problemas, contudo, para realizar tal sonho. Primeiro a formação de um grupo, e isso eu nem tentei fazer, pois a ideia era um tanto deslocada para os padrões em que vivíamos, minha turma de faculdade e eu. Segundo, a questão da formação. A Faculdade de Medicina da UFMG, com seu curso reduzido para cinco anos, além de fortemente focado na ... *falta de foco*, jamais me permitiria uma formação generalista como aquela.

Restava a opção de fazer algo relacionado à saúde pública, mas mesmo aí havia uma barreira pois a formação para tanto não estava disponível na BH de meu tempo. Além do mais, a partir de certo momento, meu destino já estava selado (e não me queixo disso) ao de minha namorada Eliane, cujos planos não eram exatamente desta natureza. Aliás, bem dizendo, o que queríamos mesmo era casar logo, aproveitando ao máximo as vantagens que a cidade onde nossas famílias moravam nos oferecia, para somente depois disso pensar em como cair na vida.

E assim chegou o final de meu curso e com ele o momento de decidir. E me inscrevi para a residência de Clínica Médica do Hospital das Clínicas da UFMG. Não teria outra razão a apontar a não ser a de procurar, ali, algum resquício daquela formação generalista que em outro momento eu quisera ter. E cada estágio me despertava atenção maior ou menor, com destaque especial para a Cardiologia, para a qual eu pensei ter algum pendor, em parte pela boa qualidade da preceptoria lá existente, com nomes de peso, como Moisés Shuster, Arnaldo Elian, Luiz Otávio Savassi, Mario Lopez, Antônio Cândido, além de outros. Mas a forte associação da cardiologia com as tecnologias médicas, que vinham se tornando essenciais nesta área, acabaram por me afastar. Eu queria uma coisa mais "pé no chão", ou "olhos nos olhos".

Fiz também um esforço, para o qual tive que mover algumas barreiras, de estagiar durante um trimestre da residência, na Dermatologia – e até que não me dei mal. Nesta altura me lembrava muito da tirada famosa de Oswaldo Costa (cujo filho, Paulo Uchoa Costa, era meu preceptor então), a respeito da razão pela qual ele escolhera se especializar nas doenças de pele. Segundo ele, seu professor de oftalmologia, verdadeira primeira opção sua, lhe recomendou dedicar a algo como a dermatologia, pois "*era muito porco*" para se tornar oculista. Porco ou não, logo vi que aquilo também não era minha praia. A dermatologia tinha a vantagem de possibilitar, quase sempre, um diagnóstico preciso. O "quase" significa, entretanto, que se ele não se confirmasse à primeira vista, seria melhor desistir, pois provavelmente se trataria de uma raridade absoluta. No mais, em tal especialidade uma tétrade de problemas se impunha, segundo uma piada da época: *chulé, frieira, caspa, coceira*. Além disso, a dermatologia de então tinha um arsenal terapêutico muito limitado, no qual dominavam, amplamente, os corticosteróides. A pele não era, também, o meu território, portanto.

Passei de intenção em intenção, como se vê. Acabei virando clínico geral, ou melhor, um especialista em Medicina Interna e assim fui levar minha vida, primeiro em São Simão, depois em Uberlândia. Até que o sonho daqueles *aloprados do bem*, sediados em Porto Nacional me pegou de vez – e fui para a Escola Nacional de Saúde Pública dez anos depois de formado.

Mas curiosamente – ou nem tanto – uma área da medicina nunca me interessou: a Psiquiatria. Nenhum preconceito, muito pelo contrário. Apenas uma sensação de incapacidade e de impotência.

Eu tivera duas experiências mais próximas ao chamado campo “psi” nos meus anos de noviciado. Logo nos primeiros meses de faculdade eu sofrera um desmaio, totalmente inexplicado. Fiz vários exames e todos resultaram normais. Fiquei encucado com aquilo e volta e meia achava que ia desmaiar novamente, o que, entretanto, felizmente nunca mais aconteceu. Mas me mandaram para uma terapia e a única que encontrei acessível financeiramente (ou seja, de graça) foi na variedade *grupal*. E lá fui eu para duas inesquecíveis sessões, pois na terceira já havia desistido. Ali, um sonhava que havia matado a mãe; outro tinha desejo sexual pelo próprio pai; uma terceira era de uma timidez extrema, mal conseguindo dizer o que a tinha trazido ali. Então eu pensei: *mas eu só tenho essa sensação besta de que vou desmaiar – sou um felizardo*! E me mandei de vez...

Em outra ocasião, já no quarto ano de faculdade, fui cursar a disciplina de Psiquiatria, com um pouco de *pé atrás*, na verdade – devo admitir. O pé só não recuava muito, a um metro de distância retro, porque ali havia bons professores. Lembro-me especialmente de Jairo Bernardes, que faleceu precocemente poucos anos depois, além aquele que entra na presente história, André Mendonça (se não tiver me equivocado sobre seu sobrenome).

André, que nos acompanhava no ambulatório da especialidade, era um cara culto e amistoso com os alunos. Conversava com os pacientes e com os estudantes, com total paciência e empatia pelos que estavam em ambos os lados da mesinha de consulta. Ouvia a todos de maneira calma e gentil e sempre tinha ensinamentos a nos oferecer.

Com ele cheguei a acompanhar dois ou três pacientes. Nos dois meses que nos cabiam de estágio nesta área, dentro das características do atendimento psiquiátrico, não era possível acompanhar número maior de casos. As velhas questões traduzidas por queixas vagas, somatização, auto-indulgência ali estavam presentes com intensidade, e nem poderia ser diferente. Foi em tal contexto que me apareceu, como paciente, um rapaz que tinha tudo isso e mais uma enorme timidez, dificuldade de manter relacionamentos afetivos ou amorosos, rejeição pela figura paterna, grande insatisfação e sofrimento com a vida, além de insegurança em relação a com sua opção sexual...

E naquelas três ou quatro sessões semanais tratei de ir deixando-o falar, até porque eu não tinha e não me sentia habilitado a dizer qualquer coisa mais profunda. André, sempre prestativo, discutia o caso comigo ao final da sessão ou mesmo junto com o paciente e sempre me dizia: *tente aprofundar mais*.

Um dia, com o professor ausente por algum motivo, o rapaz me aparece, desfilando suas queixas, totalmente invariáveis. Eu só tinha mais uma ou duas semanas de estágio no ambulatório pela frente e não podia contar, naquele momento, com a ajuda de André, que certamente reproduziria aquela necessidade de aprofundamento, mais uma vez. E além do mais aquilo estava me deixando ansioso, mais do que o pobre paciente...

Assim, criei coragem e disse para o rapaz: *olha, o melhor que você faz é considerar essas coisas como barreiras a serem retiradas de sua vida. E só você pode fazer isso! Sendo assim, faça*! E lhe comuniquei que estava de alta.

Ou seja, um tempo precioso foi perdido naquelas semanas de enfado e sofrimento, para ambos, certamente.

Na semana seguinte André compareceu e me perguntou pelo rapaz, recebendo então a notícia da alta que eu havia dado ao mesmo. O professor, mesmo sem perder a suavidade habitual se

aborreceu e somente me disse: *logo agora que ele ia começar a falar de seus verdadeiros problemas...* Sinceramente, não consegui saber como ele se apercebeu disso, com tanta certeza. Mas, enfim, o mal já estava feito.

Assim foi que desisti do campo *psi* para sempre...

(III) VITA ACTIVA

COMEÇANDO
NA CALIFÓRNIA BRASILEIRA
TRAÇADO
NÓS JÁ RESOLVEMOS TUDO, DOUTOR
A GENTE ÀS VEZES SE ESQUECE DO NARIZ...
QUEM? EU?
UM KAMA-SUTRA PECULIAR
MEMÓRIAS DE UM PRONTO-SOCORRISTA
BREAKING BAD NEWS
DOIS PACIENTES QUERIDOS E UMA VACA
PELOS GERAIS DO TRIÂNGULO
UM VISITANTE ILUSTRE EM UBERLÂNDIA
DA MALDADE HUMANA
EU, QUASE POLÍTICO
A CURA DA DOENÇA DE CHAGAS
COMO DEIXAR DE SER HOMENAGEADO PELOS ALUNOS
CENAS DA VIDA DE PROFESSOR
MINHA CHEGADA À UNB
FEITIÇO X FEITICEIRO
BACK TO BERLÂNDIA
CARGO PÚBLICO NUNCA MAIS
SOB AS LUZES DA RIBALTA
BOAS VINDAS

São Simão, Uberlândia, Brasília. No Rio de Janeiro fui morar por três vezes, mas sempre fiz o caminho de volta. Meu destino, melhor dizendo, minha escolha, era mesmo o vasto Brasil do interior, com o qual eu sonhara desde a infância. E assim fui ter àqueles planaltos centrais e àquelas cidades espraiadas, tão diferentes da Belo Horizonte que havia me abrigado por mais de vinte anos. Fui médico, fui professor, fui gestor público neste período de minha vida, que durou quase duas décadas. Gostei mais dessa última função e nela me aprofundei. Voltei também a ser aluno, com aproximações acadêmicas, que entretanto não perduraram. Participei da criação de uma família que só me trouxe alegrias, embora deva reconhecer que a recíproca talvez não tenha sido totalmente verdadeira. Conheci a dor e a delícia de deixar de ser apenas um rosto na multidão, ao me transformar em homem público, embora tenha percebido mais adiante que fazer parte de tal coisa pública também não era o meu real desejo. Acho que de fato eu não queria ser 'coisa' e muito menos 'pública'... Tive colegas, pacientes, subordinados e alunos que creio terem apreciado o meu jeito de ser, minha inquietação, meu afeto com as pessoas, embora sujeito a intempéries. Uma coisa eu sei: não passei em brancas nuvens por onde estive. Isso foi, sem dúvida, o melhor que pude fazer em minha 'vita activa'. A companheira dos anos de faculdade, sempre comigo até então, tanto física como afetivamente, um dia vi que não me supria em uma suprema carência, a de viver em um mundo de limites mais amplos. Eu que era um peixe grande em um lago pequeno, optei por me transformar apenas em manjuba, em mar largo e perigoso. Mas também isso superei depois.

COMEÇANDO

Comecei minha vida profissional, depois da residência médica, como médico clínico em um acampamento de obra, no caso, a barragem de São Simão, na divisa entre Minas e Goiás. A obra fazia parte de um pacote de vantagens oferecida à holding italiana controladora da Fiat, que na época instalava sua fábrica de veículos em Betim, nos arredores de Belo Horizonte. Ali viviam umas dez mil pessoas, entre *trecheiros* e suas famílias. A vila era um primor de organização e linearidade, devidamente escalonada em estratos de renda, profissão e posição funcional, separando-se devidamente as ruas ocupadas pela Cemig, a contratadora da obra, e aquelas destinadas aos empregados do Consorcio Impregilo-CR Almeida (do qual eu era empregado), que a executava.

Só pára se ter uma ideia do apartheid local, havia um clube chamado de *Brancaleone*, dedicado aos top de linha, entre os quais eu e Eliane éramos incluídos. E outro para "os outros", isto é, gente situada na categoria *nível médio* e abaixo dela, o qual, para fazer graça, era apelidado de *Pretaleone*.

A palavra *trecheiro* e seus derivados, *fazer o trecho*, por exemplo, fazia da parte da gíria dos operários especializados em grandes construções, muitas delas relativas a *trechos* de estrada. Assim, *fazer o trecho* era uma descrição bem apropriada da vida nômade de muitas dessas pessoas. Mas sem dúvida, para quem tivesse qualificação, mesmo pequena, a paga era boa e, além disso, o Brasil, sob a bota militar, vivia um período de crescimento tido na ocasião como *milagroso*, coisa que o tempo desmentiu.

Eu e Eliane conhecemos São Simão em uma expedição que teve por objetivo exatamente arranjar um lugar para trabalhar e constituir família, longe da cidade grande e cansativa que BH já era naqueles tempos. Estávamos bem encaminhados, eu como auxiliar de ensino na Faculdade de Medicina da UFMG e ela, mesmo ainda não colocada, era detentora de um bom leque de oportunidades nas mãos. Mas o nosso sonho era rondoniano, ir para o interior, para o Oeste – e para tal destino fomos. Nós dois, que nunca havíamos passado de Pará de Minas na fronteira Oeste, fomos muito além – e disso não nos arrependemos.

Em São Simão tivemos flores e espinhos, em profusão. Era bom morar naquela cidade jovem e arejada, como que construída à nossa imagem e semelhança, com um horizonte de planalto que parecia o mar, uma casa novinha em folha e bem aparelhada, tendo à frente um belo cerradão, onde se destacavam pequizeiros e sucupiras-brancas. Além disso, bom salário e um leque enorme de passeios, pescarias e outras aventuras fluviais, além de viagens até mais longas. No Banco de Crédito Real, estabelecimento mineiro que não por acaso estava ali, com foros de monopólio, éramos recebidos pelo gerente com mesuras e rapapés, que incluíam cafezinho e companhia até a porta, na saída. Pudera, meu novo salário chegava a seis vezes o que ganhava na UFMG; o de Eliane outro tanto. Com poucos meses de trabalho já tínhamos um carro novo, um Chevette 1974, que desbancou o nosso Fuscão 72.

Havia São Simão "a Velha" e "a Nova", como acontecia também nos burgos portugueses medievais. A primeira às margens do Paranaíba, confrontante com Minas Gerais do outro lado do rio; a segunda em terrenos mais altos, separadas por dez quilômetros de estrada. Se nos altos a vida chegava a ser bastante aprazível, nos baixios era pura precariedade, com construções de pau a pique, tetos de palha, chiqueiros por todo lado, lixo nas ruas, botecos cheios de homens tomando cerveja em plenas três horas da tarde de um dia se semana. Enfim, o legítimo Brasil da época – e de sempre. Na entrada, um monumento nos saudava: a *Buater Danubiazul*, um tosco

barracão de paredes azuis desbotadas, com o desenho de uma bailarina seminua a convidar os incautos para apreciar as benesses que ali dentro se oferecia.

Os espinhos acima referidos foram trazidos pelas condições penosas de trabalho, com ritmos escorchantes de atendimento, chegando a várias dezenas de pacientes em um só turno – cheguei a contar oitenta em uma ocasião. Uma anestesia, que tive de fazer às pressas para Eliane liberar um bebê por cesariana, me fez envelhecer dez anos em apenas uma hora – tinha lá eu preparação para fazer aquilo? Só que não havia outro jeito.

Se fosse só isso poderíamos até suportar, mas nosso problema maior era o diretor do Hospital do Consórcio, uma anta boliviana de má catadura, sempre fantasiado de doce lhama, mas mau caráter como ele só. Assim findando um ano de contrato, Eliane grávida e prestes a dar a luz a Daniela, fomos baixar em outro centro, no caso, Uberlândia.

NA CALIFÓRNIA BRASILEIRA

Uberlândia já era, na ocasião, um *sonho feliz de cidade*, como disse Caetano a respeito de Salvador. Mas a felicidade ali era dada pelo padrão de renda e consumo, superior à média nacional, o que conferiu a um polígono formado, entre outras cidades, por Ribeirão Preto, Uberaba, Barretos, além de Uberlândia, o designativo de *Califórnia Brasileira*, meio pretensioso, como era de costume naquela época de (falsos) milagres. Nada de praias, surfistas, hippies, grandes universidades, claro, mas em compensação muito progresso, muito dinheiro circulando. A escola de medicina, fundada cinco anos antes, nos abria boas chances profissionais. Não estávamos mais no interior verdadeiro, antes sonhado, mas com certeza em uma cidade onde a qualidade de vida era bem melhor do que a BH e a São Simão que deixamos para trás, como logo se confirmou.

Chegamos lá em 1975, em um momento em que havia vários lançamentos de carros pela indústria nacional. Alguns nem haviam chegado a BH, mas na Praça Tubal Vilela, a principal da cidade, era possível matar a curiosidade a respeito de todos os modelos novos, já numerosos por lá, estacionados nas laterais, onde havia, para nossa admiração, parquímetros automáticos. Mais *american way of life*, impossível... A vizinha Uberaba, que disputara por décadas a primazia de ser a maior cidade do Triângulo Mineiro e uma das maiores do estado, já havia sido totalmente suplantada pela sua antiga criatura, a *Uberabinha*.

A Escola de Medicina fora criada em 1968 sob a forma privada de gestão. Para seu erguimento juntaram-se os fatores que fizeram da própria cidade um exemplo de desenvolvimento: o ímpeto e o empreendedorismo local; a rivalidade e a concorrência com outras cidades do interior (poderia ser tanto com Uberaba, como Ribeirão Preto ou Goiânia); a convergência de financiamento privado e público (de preferência este último); sua posição estratégica, muito reforçada pela construção de Brasília e, além disso, e acima de tudo, a pujança política da cidade, à época berço e sede da potestade chamada Rondon Pacheco. Cabe lembrar que 1968 foi também o ano das manifestações de Paris, da marcha dos cem mil no Rio de Janeiro, da morte de Che Guevara; mas nada disso parece ter tido impacto sobre a comunidade local, particularmente aquela parcela que agora podia viver o sonho de *ter (ou ser) um médico na família*, tão acalentado pela classe média brasileira.

Havia peculiaridades realmente interessantes na cidade, particularmente no campo da saúde, para o qual fomos atraídos. A faculdade era um produto direto da rivalidade com Uberaba, que já tinha a sua havia uns bons vinte anos. Os uberlandenses não mediram esforços, durante todo esse tempo, em montar sua própria máquina de fazer doutores. E até que foram bem-sucedidos.

Mas, em termos de oferta de serviços de saúde, enquanto Uberaba já havia se aberto à nova realidade, em vigor desde os anos cinquenta, a medicina previdenciária, Uberlândia resistia. Uberaba já tinha o seu PAM – Posto de Assistência Médica dos antigos Institutos IAP – Uberlândia, não – e os médicos locais se orgulhavam disso. Em uma cidade, ao contrário da outra, era comum ver os médicos atenderem em seus consultórios clientes encaminhados pela Previdência, mediante remuneração por serviço prestado, mas nem isso era possível na vizinha ao norte.

Duas histórias curiosas desta época.

Dr. Manuel Teixeira de Souza foi um médico querido em Uberlândia, nos anos cinquenta. Progressista, à sua maneira, do ponto de vista político, getulista ardoroso, era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro. Ao que parece, misturava ideologia com sentimentos caritativos e aspirações políticas, o que de resto é muito comum entre os políticos brasileiros. E assim virou vereador – o que também não é nada de novo entre médicos, de ontem, de hoje e de sempre. No Legislativo municipal sua luta principal era para de trazer alguns dos benefícios previdenciários para a cidade na qual as pessoas, apesar de pagarem as contribuições compulsórias, não tinham tal direito. E entre esses benefícios, dois dos mais temidos pela curriola médica: o PAM, já citado, e o *Samdu*, que era um serviço móvel de emergências, muito parecido com o SAMU de hoje. Ora, tais coisas colocavam em risco alguns dos principais ganha-pães da turma médica de então. Não sendo possível dissuadir o bravo Manuel de suas idéias, sua expulsão da Sociedade Médica de Uberlândia foi tramada e se concretizou. Quando veio a *redentora*, em 1964, o pobre homem foi dos primeiros a ser preso, torturado e processado. E seus delatores médicos ainda estavam ativos quando lá chegamos, dez anos depois, sendo apontados com alguma crítica, mas também com temor e reserva.

A outra história é mais pitoresca, mas também com tintas de dramaticidade. A ausência de serviços previdenciários e gratuitos em Uberlândia era um drama local, que fazia com que muitos pacientes que não podiam pagar as consultas particulares tivessem que se deslocar até Uberaba, distante cem quilômetros ao Sul. Havia transporte por ônibus, em via asfaltada, desde o início dos anos 60. Apesar disso muitos preferiam ir de trem, sim, de trem, um luxo disponível por lá ainda nos anos 80. A viagem era um pouco mais demorada, mas muito mais confortável, principalmente para quem necessitava usar muleta, cadeira de rodas, equipamento para soros, oxigênio etc. E por sorte – ou mesmo por determinação da diretoria da antiga Cia. Mogiana – havia um comboio que passava por Uberlândia nas primeiras horas da manhã, com conexão para retorno no final da tarde. Menos mal, mas uma solução definitiva só apareceu, de fato, em meados dos anos 70.

E tal solução aconteceu quando a fundação mantenedora da faculdade de medicina, dirigida com clarividência por Gladstone Rodrigues da Cunha Filho (a quem dedico uma seção dessas minhas memórias – ver *Personae*) e graças também ao poder político da cidade (de novo Rondon Pacheco) obteve, de forma praticamente inédita no país, sua inserção no recém inaugurado Convênio MEC-MPAS, no qual os hospitais universitários passaram também a fazer parte da rede do INPS, depois Inamps, recebendo recursos para tanto. Aí, então, o trenzinho-ambulância da Mogiana deixou de fazer sentido. E a orgulhosa medicina da cidade teve que se resignar, embora contrariada.

As mudanças foram radicais depois de tal convênio. A faculdade expandiu expressivamente sua área física e sua capacidade de atendimento, não só na medicina como na odontologia. O próprio bairro Umuarama, um empreendimento imobiliário meio paralisado, onde o Hospital Universitário se localizava, explodiu, em termos de ocupação e de valor do metro quadrado,

dado seus novos atrativos econômicos e o fato de muitos professores e funcionários passarem a morar ali. Mudou até de nome, embora de modo informal, pois passou a ser conhecido como "Medicina". Até a empresa concessionária de transportes coletivos na cidade criou uma nova linha com origem no centro da cidade, que atendia pelo mesmo nome, bem específico: *Medicina*.

Quando a escola de medicina foi finamente federalizada, graças á ação dos políticos uberlandenses de sempre, Rondon e Homero Santos à frente, passando a fazer parte da Universidade Federal de Uberlândia, em 1978, a infraestrutura da área da saúde, em termos de recursos físicos e humanos já era bastante expressiva. Na área da saúde, com certeza – e talvez em outras também – a nova universidade, sem dúvida, começou com pé direito.

Uberlândia fez parte daquele movimento já citado que teve seu foco inicial na região de Ribeirão Preto, denominado de *Califórnia Brasileira* e caracterizado pela conjunção de círculos virtuosos envolvendo influência política; inserção nas vias de acesso à Capital Federal; incentivos fiscais generosos e, sem dúvida, espírito dinâmico e empreendedor de sua gente (mas que, apesar disso, nunca dispensou a ajuda do Estado).

Malgrado seus avanços, a cidade tinha também seus traços de provincianismo incurável, por exemplo, nas relações autoritárias entre governantes e governados, no bairrismo, no conservadorismo, no machismo. Para quem vinha de BH, como Eliane e eu, onde havia mais arejamento social, de certa forma era incômodo ir a eventos sociais nos quais persistia, de forma rigorosa, a separação entre ambientes (e conversas) masculinos e femininos. De forma crítica e um tanto impiedosa, depois de ter frequentado centenas de galinhadas e churrascos regados a muita cerveja – a forma ideal de se festejar qualquer coisa, segundos os locais – eu ás vezes pensava comigo mesmo ou comentava com amigos de fora que não sabia como tinha adquirido não apenas dez, mas vinte ou trinta quilos a mais, nos quinze anos que vivi na cidade. E que me dava por gratificado por não ter aprendido a gostar de música sertaneja...

Ainda no capítulo do provincianismo, dedico algumas poucas linhas à atuação espírita e seus reflexos na política local. Que o céu não desabe sob minha cabeça e que almas não venham a me assombrar... Como se sabe, o Triângulo Mineiro, reduto de Chico Xavier, tem marcante presença deste grupo religioso em suas cidades. Em Uberlândia, onde tudo era grande, também a atuação dos espíritas era abrangente na área da saúde. Eles tinham ambulatórios, programas de distribuição de medicamentos e alimentos e até mesmo um hospital psiquiátrico – pequeno, mas ainda assim marcado pela irracionalidade e desumanização de outros tantos *loucocômios* pelo Brasil a fora, embora ali se praticassem pretensas *curas pelos evangelhos*. Este, entretanto, acabou por si próprio, terminando seus dias, nos anos 80, como mera residência relativamente fixa destinada a pessoas que já não tinham lugar para ficar.

Com os demais programas de índole kardecista voltados para a saúde a contenda nem sempre foi fácil. A distribuição de bens, por exemplo, tinha um padrão medieval: um carro parava nas ruas da periferia e a ele acorria, de forma quase imediata, uma pequena multidão, disputando, sem exagero, *a tapa,* o que se trouxesse naquele porta-malas, fossem roupas, utensílios, alimentos ou o que era pior: medicamentos, quase sempre amostras grátis arrebanhadas em consultórios médicos, além de cartelas e frascos já em uso. Sem exame, sem conversa, sem receita. Contra isso tive que pegar pesado, enfrentando a ira conservadora, provinciana e religiosa, contumaz na cidade.

Uma história que bem ilustra o poder espírita em Uberlândia: quando houve uma enchente do Rio Uberabinha, em 1983, uma das mulheres, pobre e idosa, que lá vivia teve que ser removida.

E o que lhe era oferecido era uma casa na parte alta da cidade, recém construída dentro de um projeto habitacional para pessoas de baixa renda. Casa pequena, mas certamente muito mais digna do que aquele barraco de tábuas e lona em que até então habitara. Ela se recusava a sair usando um argumento muito singelo (e certamente sincero), que ouvi pessoalmente: *quero ir pra lá não, doutor; lá deve ser muito ruim de campanha*. "Campanha" era o nome que os espíritas (e seus beneficiários) davam aos mutirões de entrega de alimentos, roupas e medicamentos, de porta em porta, sem qualquer critério ou triagem de necessidade real. E uma casa firme e digna, livre de enchentes, era tudo que as "campanhas" não se interessariam em dar cobertura.

Mais um *causo* só, que espero não me incriminar em ter alguma antipatia incurável por Uberlândia – coisa que na verdade não tenho – apenas me dou o direito de criticar, sem deixar de admirar esta linda cidade. No início dos anos oitenta (ou final dos setenta, já não me lembro bem), o *Fantástico* realizou uma matéria sobre Grande Otelo, notável cidadão de Uberlândia, embora pouco reconhecido localmente como tal. A matéria, como costuma acontecer no vetusto programa das noites de domingo, se esmerou em juntar coisas díspares e assim, junto com cenas de congado (que ainda representa uma linda e autêntica manifestação cultural na cidade) e de ensaios de escola de samba, não deixou de exaltar o progresso da cidade, com suas mansões, clubes, fábricas, rebanhos, universidade e quejandos. O comentário do dia seguinte, emanado seguramente do Butantã (nome de um café na esquina de Santos Dumont e Afonso Pena, onde se reunia a elite boiadeira e especuladora local) ou de alguma de suas filiais pela cidade foi impiedoso: *Com tanta coisa bonita para mostrar em Uberlândia, a Globo tem de dar tanto destaque a esta negrada dançando e cantando?*

Mas é preciso admitir: Uberlândia também é uma cidade de resistência cultural e política. Na cultura, não só pela presença do congado, como também de outras manifestações afro, além de ser um caldeirão de influências derivadas de sua miscigenação natural, como cidade pólo, sede de afluxo para variadas correntes migratórias, de norte a sul do Brasil, além dos amplos *sertões* centrais e nordestinos.

Na política, foi notável a presença da esquerda, que variou desde a representação comunista na Câmara de Vereadores local, quando o PCB ainda era legal e mesmo depois disso, até os intensos distúrbios de rua contra a carestia e o desemprego, na década de sessenta. Ainda ecoam por lá, designado praças e viadutos, nomes como os de Fausto Cupertino, Roberto Margonari, Virgílo Mineiro, Afrânio de Azevedo, João Jorge Cury e outros líderes de esquerda dos anos 40 e 50.

E não posso deixar de citar, com muito orgulho, o fato de ter feito parte das duas administrações municipais capitaneadas por Zaire Rezende, ente 1983 e 1988 e depois entre 2001 e 2004, que representaram, para a cidade, o surgimento de um novo modo de operar a gestão municipal, em termos de saúde e de outras políticas públicas, revertendo nestes dois momentos, com maior sucesso no primeiro deles, o modo tradicional desenvolvimentista e especulativo de governar a cidade, como se ela fosse uma capitania hereditária e não um lugar de vida para cidadãos verdadeiros.

Enfim, quando estive presente no cenário, nessas duas ocasiões, posso não ter sido a *pessoa certa*, mas certamente alguém que estava no *lugar certo*.

Melhor do que isso, porém, só se os eleitores de Uberlândia assim compreendessem tais fatos, o que se recusaram a fazer na segunda gestão de Zaire...

TRAÇADO

Eu já conhecia o casal das ruas da vila residencial da Cemig, em São Simão; da porta de minha casa, inclusive. Via-os sempre com a carroça puxada por um burro magérrimo, mas valente. Traziam de alguma rocinha por perto, onde moravam, alguns poucos produtos para vender na vila: mandioca, bananas de vez, taiobas, batata doce e o mais disputado: o requeijão moreno. Apreciado especialmente por nós, que vínhamos de outra região, onde tal iguaria, também conhecida como requeijão do Norte de Minas era bastante valorizada. Talvez não fosse um primor de fabrico, mas botava gordura pelo ladrão e derretia maravilhosamente na frigideira. Curioso era como a mulher, que cuidava da transação financeira enquanto o marido apregoava sua mercadoria nas casas, respondia à indagação da clientela quanto ao preço do produto: "*é dez cruzeiro a malmita*". E a tal *malmita* dizia respeito às fôrmas de lata de cera onde o requeijão era vertido para se consolidar, ainda quente.

Havia freguesia certa para este tipo de mercadoria em São Simão. A vila não chegava a ser uma cidade de verdade, mais precisamente era um acampamento de obra, no caso, da grande usina hidroelétrica que estava sendo construída, ao longo dos anos 70, na divisa entre Minas e Goiás. Ali éramos todos estrangeiros. Uma seção brasileira, vinda de toda parte do país, auto denominada como "trecheira", por serem muitos deles trabalhadores de diversos níveis, empregados em grandes obras, construídas sob a forma de "trechos", no caso das estradas. Ir embora, em busca de outro trabalho, era "fazer o trecho. Corriam os anos setenta, apogeu do milagre brasileiro e havia obras por todo lado: estradas, usinas, prédios públicos.

Outra parte vinha das estranjas, da Itália em sua maior parte. Eis que a tal obra era tocada em consórcio entre uma empreiteira brasileira, a CR Almeida (já falecida, creio) e uma empresa italiana, cuja controladora era o grupo Fiat, que atendia pelo vistoso nome de Impresit-Girola-Lodigiani, ou simplesmente Impregilo. Esta turma veio para o Brasil como parte da transação que resultou na implantação da fábrica de Fiat em Betim, nos arredores de BH.

Eu e minha mulher éramos dois dos tais *trecheiros*, embora fosse aquela a nossa primeira (e última) experiência em tal situação. Vivíamos uma vida boa ali, ganhávamos bem, tínhamos casa, água e luz de graça, além de comida subsidiada. O hospital onde trabalhávamos era simplório, mas digamos que pelo menos o essencial estava disponível. Um chefe sacana também fazia parte do cenário – nada é perfeito. Nos finais de semana em que não estávamos de plantão, pescávamos no rio Paranaíba, íamos a algum churrasco de vizinhança ou, nos dias que havia disposição para tanto (éramos jovens...), pegávamos um cineminha em Ituiutaba, a meros 100 km de distância. Quanto à qualidade dos filmes, melhor nem comentar. Às vezes tínhamos visita, pois nossa aventura de ir viver em tais paragens atiçou espírito semelhante em outros membros da família, inclusive em meu pai e no avô de Eliane, na época com setenta e muitos anos, o nosso querido e inesquecível Aureslindo Machado!

Voltemos ao requeijão moreno...

Ele é assim escurinho por ser preparado mediante fritura mais carregada da manteiga sobrenadante na pasta de requeijão, que em parte se queima, dando a coloração característica, além de um sabor sui generis, também. Coisa para paladares fortes – e conhecedores. Há quem não troque por nada um bom prato (fundo!) do tal requeijão moreno derretido na hora e comido ainda quente, às vezes com farinha de milho! Calorias pra ninguém botar defeito, nos dois sentidos da palavra, térmico e nutricional.

Na verdade, entre os moradores da Vila de São Simão, talvez apenas os brasileiros apreciassem aquele requeijão moreno. Os italianos pareciam continuar mais chegados a um mascarponi, gorgonzola ou grana-padano...

O Hospital da Cemig em São Simão atendia também os moradores da região, embora isso não fosse rotina. Um dia me entra pela porta do consultório o tal casal da carroça e do requeijão em *malmita*. O marido quase a puxar a mulherzinha pela mão. Ele já devia ter uns sessenta ou mais; ela talvez não passasse dos vinte – talvez menos até. Aos sessenta anos, no Brasil, um roceiro já é um velho. Assim, chamava atenção, por pouco convencional, aquele casal com tal disparidade de idade e de aspecto físico. Ele era quase negro, pele gretada pelo sol, cabelos brancos, traços indígenas, um tipo bem goiano. Ela uma daquelas mocinhas que nos sertões nacionais são chamadas de ”roxas”, pele cor de jambo, olhos amendoados e brilhantes; bonita, enfim, dentro dos padrões sertanejos. Provavelmente ainda não tivesse experimentado a maternidade, o que fazia supor que sua relação fosse recente. Ou por outra razão, mais íntima, sei lá...

E me adentra aquele homem no consultório, goianão como ele só, e vai logo dizendo: *dotô, trouxe essa muié pra mode o sinhô fazê um traçado nela.*

E eu: *como? O que o senhor deseja mesmo?*

Ele insistiu: *um traçado, seu dotô, um traçado da cabeça.*

- *Como assim*?

- *É que essa muié não regula bem. Dá muitos ataque. Repuxa todinha, dana a me xingá e não tem ninguém que segura ela. Já até mandei benzê e não arresolveu... Aí me falaram que o dotô tem aí um aparêi de fazê esses traçado.*

Foi aí, então, que percebi que ele se referia ao aparelho de eletrocardiografia que eu possuía, o que naquela época ainda era uma tecnologia que fazia muito sucesso. E eu pude usá-lo em alguns pacientes e até mesmo diagnosticar uma angina grave, cujo portador foi logo encaminhado para Ituiutaba ou Uberlândia, em busca de uma unidade coronariana. E tal notícia deve ter se espalhado, chegando mesmo até aquele homem, perdido nas brenhas ribeirinhas do Paranaíba.

Expliquei para ele que meu aparelho de “traçado” só servia para o coração, mas ele não me pareceu muito satisfeito. Para não deixá-lo muito contrariado, tentei abordar a pobre cabocla sobre seus problemas, mas de sua boca não saiu nada expressivo ou conclusivo, visivelmente empatada que estava com a presença do marido ali do lado. Receitei-lhe umas vitaminas, pois em São Simão não me era possível fazer mais nada. Ituiutaba estava muito remota e mesmo lá não sei o que poderiam fazer por ela. Talvez impregná-la com diazepínicos. No caso, o “bom” ou o “mais ou menos” que eu oferecia era certamente antagônico àquele “ótimo” que os serviços de saúde têm a pretensão de prover aos pacientes sem diagnóstico firmado ou portadores de crises de ansiedade ou sofrimento.

Moral da história: até hoje me impressiona o fato de como as pessoas são influenciadas e se encantam pelas tecnologias. Não é que entre o fabrico de requeijão e a colheita de suas bananas, mandiocas e batatas doces, aquele homem foi capaz de atentar para o fato que havia um doutor novo na *Vila da Cemig*, capaz de lhe oferecer, para se ver livre dos “ataques” de sua esposinha, vítima quem sabe, não só dele, mas de todo um contexto social e familiar, aquela tecnologia tão misteriosa quanto solucionadora de problemas: o *traçado*.

E nem se pode dizer que isso era produto de alguma internet ou dos fantásticos programas dominicais de TV... Isso nem existia nos anos setenta. É a cabeça das pessoas mesmo...

NÓS JÁ RESOLVEMOS TUDO, DOUTOR

Duas das primeiras pessoas que conheci quando cheguei em São Simão, no finalzinho de 1973, para assumir o posto no serviço de saúde do consórcio construtor da grande usina, foram Nivaldo e Durval. Eram "enfermeiros", com as aspas devidas, e realmente faziam de tudo um pouco na pequena casa que ainda abrigava os pacientes, já que o hospital definitivo ainda não estava pronto. Caras simpáticos, típicas pessoas do interior do Brasil. Talvez fossem paulistas, pois muita gente que ali *fazia o trecho* vinha de Ilha Solteira, cuja obra, naquela ocasião estava sendo terminada. Naquele tempo, as obras públicas tinham começo, meio e fim... Como muitos outros ali, talvez tivessem começado a vida na enxada, depois ascendendo à colher de pedreiro até que progrediram e se transformaram em "enfermeiros".

Quando eu disse faziam de tudo, era a pura verdade. Pois a equipe de enfermagem do improvisado hospital tinha apenas uma ou duas pessoas a mais. Mas enfermeira formada em Faculdade, apenas uma. Assim, em plantões intermináveis, cabia a esta pequena equipe ministrar medicamentos, trocar pacientes, dar-lhes banho, medir sinais vitais etc. Mas eu não podia imaginar, à primeira vista, que este *tudo* era quase sem limite...

Logo na primeira semana que chegamos lá, ainda tomando providências quanto ao desencaixotamento da mudança e tramitando os papéis para contratação pelo Consórcio, fomos, eu e Eliane, solicitados a dar alguma colaboração no hospitalzinho, pois mesmo a equipe medica era muito reduzida, cerca de quatro profissionais dos quais, naquela ocasião, passagem de ano, alguns ainda estavam de licença em função do feriado. E foi assim que numa tarde calma e ensolarada, último dia do ano, solicitaram a presença de um de nós no cenário. Como a informação era de que era uma pequena emergência, fui sozinho, deixando minha mulher cuidando das coisas da mudança.

Logo que cheguei vi que não era coisa tão simples como dizia o recado que recebi. Numa maca, um adolescente gemia de dor, com o diagnóstico já evidente, um antebraço fraturado que havia se dobrado, bem no meio, em ângulo quase reto. Na janela, que servia de visor de RX, uma radiografia confirmava: radio e ulna fraturados e até separados, com alguns fragmentos de osso, avulsos, completando o quadro. O danado caíra de um telhado, ou algo parecido. Mediquei e fui atrás de meu colega Kleber Luiz da Silva, ortopedista, que supostamente ainda não havia saído para passar o réveillon fora do canteiro.

Naquele tempo não existia celular. Peguei meu fusca e saí em busca do salvador, primeiro em casa, depois em pontos onde ele poderia estar. Ao mesmo tempo a ambulância fazia o mesmo na beira do rio, pois Kleber adorava pescar. Mas nada. Acabei me conformando em enviar o menino para Ituiutaba, que era uma cidade razoavelmente bem servida por hospitais, atendendo também emergências como aquela. Senti-me um pouco frustrado, mas a verdade é que não sabia lidar com aquilo e, além do mais, a redução da fratura dependeria de anestesia.

Voltei então para o hospital, tentando me resignar com a minha impotência em resolver casos assim.

Quando entrei na sala, uma hora depois, surpresa! O garoto dormia profundamente, tinha o braço engessado e o "janeloscópio" mostrava dois ossos perfeitamente alinhados e retificados. Os quase noventa graus tinham se convertido em cento e oitenta, como convêm aos ossos do antebraço.

Que coisa boa, pensei, Kleber apareceu e salvou a situação.

Mas qual! Logo me surgem na sala os dois artistas do primeiro parágrafo. Com a cara mais limpa do mundo me disseram: *já resolvemos tudo, doutor. Gostou do serviço?*

E eu: *como? Kleber esteve por aí?*

– *Não, seu doutor. A gente tacou nele um Inoval, botamos estes ossos no lugar e deu tudo certo...*

Antes de prosseguir, uma informação farmacológica. Inoval é o nome comercial de uma combinação de drogas potentes, droperidol e fentanil, com atuação no sistema nervoso central, que podem produzir depressão respiratória, bradicardia, rigidez muscular e, no limite, morte...

O que fazer? Em princípio, regozijar, pois em uma coisa Nivaldo e Durval estavam cobertos de razão: tinha dado tudo certo. A família, ali fora, logo veio me agradecer a atenção e o sucesso do procedimento que a "equipe" do hospital tinha oferecido ao filho traumatizado. E em tal "equipe" eu estava incluído, vejam só... O boliviano diretor do serviço apareceu dali a pouco para dizer que estava tudo certo mesmo.

O que fazer, repito: chamar a polícia? Denunciar o fato ao CRM? Repudiar minha formação médica que não me ensinou coisas simples como aquela?

Confesso que não fiz nada disso. Recolhi-me, apenas, à minha perplexidade, se não à minha incipiência e segui em frente.

A GENTE ÀS VEZES SE ESQUECE DO NARIZ...

Cliniquei por alguns anos em Uberlândia. Até que a mosca azul (ou cinzenta, não sei bem) da saúde pública me picou e me deixou *tifoso* para sempre.

É que eu tinha alguma formação naquilo que se chamava na época de "medicina tropical", mais tarde "doenças infecciosas e parasitárias". A chegada da AIDS, nos anos 80, subverteu tudo... Já não era só uma questão de "medicina" e muito menos "tropical". O que estava em jogo, agora, eram questões ligadas aos modos de viver, aos comportamentos, às relações sociais (não apenas as "sexuais) e coisas assim. Em todos os paralelos e meridianos. Bactérias e vírus presentes, sim, mas apenas como variáveis de uma equação muito mais complexa. Nada, enfim, que o arsenal médico tradicional fosse capaz de dar conta, com suas vacinas, antibióticos e outras balas milagrosas e equipamentos, além da empáfia profissional.

Na ocasião eu também ministrava, na Faculdade onde era recém-contratado, uma disciplina com igual nome e nem sempre havia doentes "tropicais" para mostrar aos alunos. É claro que havia sempre muitos outros igualmente "tropicais", mas não no sentido que davam a tal expressão. Quando se internavam casos contagiosos, como de meningite (doença freqüente nos anos setenta, censurada pelo regime da época e depois contida graças a medidas de saúde

pública), criou-se uma pequena dependência, com três ou quatro leitos, para acolher este tipo de paciente, batizaram-na de *isolamento* e eu fui escolhido para cuidar do que se passasse ali.

Colocavam-se ali alguns casos de tétano, coisa que os médicos de hoje só conhecem nos livros, mas esta doença, além de não ser contagiosa, exige ambiente de muita calma, obscuridade e silêncio, para não estimular sensorialmente os pobres pacientes, cujas terminações neuromusculares ficam impregnadas da toxina específica do temível *Clostridium tetanii*. Péssima iniciativa, logo revertida. O tal isolamento, ficava no andar térreo do Hospital de Clínicas e logo ali ao lado estacionavam carros de entrega, inclusive de cilindros de oxigênio (que ao serem movidos fazem uma zoada dos diabos) e trafegavam muitas pessoas, inclusive alunos, com a bulício característico da juventude. No mais, apenas se via por ali um ou outro caso de meningite, porque aquelas doenças típicas do famoso livro do Veronesi na verdade eram raras. E a AIDS ainda nem era conhecida, não havia ainda feito sua estréia no cenário.

Assim, o tal isolamento, mesmo pequeno, logo ficou ocioso, ou melhor, passaram a tratá-lo dentro da lógica do "desvio de função", iniciativa tão presente nas instituições nacionais, aplicável a um sem número de situações, por exemplo, em relação a pessoas e áreas físicas de prédios, passando também pelo uso de equipamentos diversos. Em favor de tais práticas, poderíamos argumentar, sendo apenas piedosos, que se trata da notável e natural "criatividade" dos brasileiros – ou algo assim, o famosíssimo "jeitinho".

E logo o jeitinho se fez... O tal isolamento, a enfermaria que eu finalmente poderia chamar de minha, passou a abrigar não apenas os contagiosos da vez, mas toda uma penca de pacientes em condições inusitadas, tendo como fundamento da decisão de metê-los ali o simples fato de serem indesejados em outros lugares. Por exemplo, por falta de asseio, agitação incontrolável por medicamentos, aspecto repugnante ou mesmo, na melhor das hipóteses, falta de vaga...

Um dia ali me chegou o Seu Antônio, um caso que me pareceu veronesiano. O homem tinha um nariz enorme, inchado, vermelho, suculento. Seria um Cyrano de Bergerac, mas bem pouco agradável. O tal nasal parecia uma fruta madura, mas isso não o isentava de se mostrar também repugnante, pois tal pomo minava secreção copiosa e, além do mais, perdoem-me a franqueza que certamente ofenderá aos mais fracos: fedia. E o fazia como a evocar um dito de minha avó, certamente herdado de seu pai português: *fedia a cães mortos*! E o pobre homem mal tinha quem se encorajasse a se aproximar dele, figurava um daqueles leprosos medievais.

A suspeita era de blastomicose, uma doença fúngica que costuma acometer as transições cutâneo-mucosas. Eu havia lido no Veronesi que o apêndice nasal podia ser acometido e se apresentar com um aspecto como aquele, de pepino ou pimentão passado. A história clínica era compatível, dado a visível higiene precária do personagem e sua origem rural, além do curso insidioso. Eu já havia visto, em minha residência médica, no Hospital das Clínicas da UFMG, casos cutâneos e pulmonares, mas nada como aquilo.

Examina daqui, examina dali, colhe-se material, esperam-se resultados. E o tempo vai passando. Até que um dia o diagnóstico se fez sozinho. O pobre Antônio começa a eliminar pelas narinas – agora tirem as crianças e as pessoas sensíveis da sala – nada mais nada menos do que larvas de mosca de berne. Eca!

A esta altura, a higiene local com líquido de Dakin, nome sofisticado da popular água sanitária, além da aplicação de compressas de vaselina, que sufoca as tais larvas e as faz cair fora, resolveram a questão em poucos dias. Inclusive a fedentina cedeu.

A história só não tem um final realmente feliz porque Antônio era pobre, muito pobre, e vivia sozinho, quase abandonado. Seus hábitos higiênicos eram dignos de um vivente medieval, fosse servo ou senhor. E tendo recebido alta, voltou para sua vida de sempre. Não retornou ao HC, creio, nem para o controle que lhe foi agendado. Nunca mais o vi.

Toda essa história, entre o dramático e o escatológico, é trazida aqui por um aspecto curioso, que reproduzo com todo respeito, esperando dar aos leitores um pouco mais de compreensão entre o que é *estar doente*, na visão dos próprios pacientes, versus a maneira distante e técnica como os vêem os médicos e outros membros da equipe de saúde, que apenas perseguem *diagnóstico*s.

Eu indaguei: *Seu Antônio do céu, me diga: como isso pôde acontecer com o senhor?*

E ele, acanhado, meio se desculpando: *pois é seu dotô, não sei não; é que às veiz a gente distrai do nariz...*

Pano rápido.

QUEM? EU?

Faz parte do folclore médico aquela expressão de alguns pacientes que, ao adentrarem aos consultórios médicos, quando se lhes pergunta o nome ou qualquer outra informação, respondem antes de dizer qualquer outra coisa: *quem? Eu?* Como se houvesse outras pessoas no recinto, além deles e do médico.

Já soube até de brincadeiras que alguns médicos fazem, talvez de forma não totalmente respeitosa, diante de tais respostas, de se levantarem de suas cadeiras e se porem a procurar, dentro dos armários, banheiros, debaixo das mesas e em outros locais, até que, para espanto dos pacientes, dizem algo como: *só pode ser com você com quem estou falando, pois já procurei e não vejo outras pessoas, além de nós dois, nesta sala*...

Uma vez, no fim de uma consulta, quando o paciente me pediu um atestado, disse para ele aquele mesmo: *quem, eu*? Como resposta ele apenas me olhou espantado, como se aquilo fosse uma prerrogativa restrita aos pacientes, não aos médicos. Algo assim: aos doutores não caberia este tipo de dúvida, pois eles já saberiam, em princípio e muito bem, quem realmente seriam e que papel lhes caberia no mundo.

Brincadeiras a parte, penso que, além do folclore, isso pode ser objeto pensamentos mais profundos.

Em primeiro lugar, creio que tal expressão é típica de pessoas mais humildes. Jamais vi um intelectual ou indivíduo bem situado na vida falar assim, pelo menos em idênticas circunstâncias. E creio que, entre outros significados, isso poderia ser interpretado como uma estratégia de alguém se compor ou se ajustar ao ambiente. Algo como a revelação de algum espanto de pessoa que “pede um tempo” ao se ver interrogada por alguém de classe social distinta, de outro universo, como é o caso do doutor que ali está. Na mesma linha, poderia ser uma espécie de “tique”, semelhante àquele “vou bem e você?”, que dedicamos a um interlocutor recente, apenas para iniciar uma conversa, sem que isso signifique que estamos muito interessados em saber como o outro possa estar se sentindo de verdade.

Algumas vezes a coisa assume tais proporções que a cada pergunta que o medico faz, mesmo quando os conteúdos sejam variados, a contrapartida do paciente, também insistente, é: *quem? Eu?*

Quem? Eu? Quem mais poderia ser? Penso que tal conjunto de expressões pode nos levar, realmente, a pensar em algo mais. Por exemplo, a respeito da essência dos dois indivíduos envolvidos em tal colóquio, tão singular e específico. Por exemplo, nos muitos significados que as palavras podem assumir nas interações humanas. Eu nem falo em termos apenas léxicos, por exemplo, relativos ao que os pacientes querem dizer com expressões do tipo: *me sinto estramonizado, tenho um encalhe de obra, me doem as escadeiras, tomei um chá de alevante, botaram quebrante nesta criança, vejo umas pirilâmpsias,* ou algo parecido. A questão que levanto aqui vai além de considerações de fundo léxico ou dos verbetes dos dicionários.

O buraco, no caso, está mais em baixo ou mais além.

Falo das posições sociais a partir das quais os indivíduos, nos dois lados das mesinhas dos consultórios, fazem seus enunciados ou percebem o que outros enunciam. E que tais posições se constroem a partir de marcas de cultura, de educação, de classe, de acesso a bens, de modos de estar no mundo.

Quem? Eu? Quem sabe isso não poderia ser o ponto de partida para se refletir e se pensar em gestos e ações derivadas das palavras "*quem"* e "*eu"*, tais como: o que faço aqui? Que entendimento tem das coisas este *outro* em minha frente? Será que o que eu entendo corretamente o que ele quer me dizer? Que barreiras há entre ele e eu, que nos impedem de estarmos à vontade um com o outro? Dou respostas de acordo com o que penso ter entendido, mas será isso o que este outro realmente deseja ouvir de mim? Seria possível a mim compreendê-lo, de fato?

Ou até mesmo ir além, em exercício ampliado, em que estejam presentes ingredientes como *empatia* ou mesmo *compaixão?* Será que eu poderia ter a capacidade de me colocar não como mero *ouvinte* do outro, mas também ter a capacidade de me por *no lugar* dele?

Longa é a arte, numerosas são as perguntas... E é bastante curta, se não a vida, pelo menos o tempo disponível dentro dos consultórios para tantas respostas. Mas saber que existem perguntas a serem respondidas e talvez muitas outras a serem formuladas (e nunca o são) poderia ser um bom começo para a melhoria das relações entre os profissionais de saúde e as pessoas que deles dependem.

Depois de quarenta e cinco anos de formado eu acho que dessa missa ainda não sei nem a metade.

Amém.

UM KAMA-SUTRA PECULIAR

Confesso que durante alguns anos de minha carreira de médico clínico, que durou apenas dez ou doze anos, diga-se de passagem, fiquei frustrado pela dificuldade em fazer diagnósticos precisos na maioria dos pacientes que atendia nos serviços em que trabalhei. Não estou exagerando, o que ouvia da maioria dos pacientes eram queixas vagas, que muitas vezes não

faziam sentido, principalmente ao ver que os exames que eu pedia vinham absolutamente normais. Nada enfim, que se espelhasse nos livros de medicina que li na faculdade ou com o que convivi mais diretamente na residência médica, ou seja, a realidade de um hospital.

Hospital, é bom lembrar, é um lugar onde realmente se pode encontrar gente adoecida ou, pelo menos, onde é possível fazer diagnósticos precisos. Nos ambulatórios, nem tanto...

Sofri com isso muitos anos e acredito mesmo que minha migração para a saúde púbica, dez anos depois de formado, tenha sido influenciada pelo estado permanente de desgosto e frustração que me acometia.

Muitos anos depois de parar de clinicar, aprendi com uma grande amiga, Henriqueta Camarotti, que na verdade uma grande questão que mobiliza pacientes, em toda parte e principalmente nos tempos modernos da vida urbana e competitiva, é tão somente o sofrimento. Tão antigo quanto a humanidade. E que o sofrimento das pessoas é, por natureza, fluido, vago, impreciso, não quantificável e nem mesmo diagnosticável ou classificado em taxonomias. E o que é pior, muitos poucos profissionais de saúde, estando os médicos entre eles, dão conta de lidar com o sofrimento, nem de si próprios e muito menos dos outros. Os médicos conhecem uma fórmula mágica que lhes é repassada e a repetem como um mantra desde os primeiros dias de faculdade: *primeiro diagnosticar com precisão e só então tratar*.

Duas questões sérias estão aí colocadas: o que vem a ser um “diagnóstico preciso” e se realmente todas as condições que as pessoas manifestam têm que ser “tratadas”. Pelo menos dentro do esquema convencional no qual tratamentos incluem sempre medicamentos, intervenções ou, na melhor das hipóteses, terapias mentais.

Lembro-me de um caso específico, acreditando, aliás, que algo semelhante deve fazer parte do acervo de todo médico clínico.

Eu tratava de uma mulher cheia de queixas. Ela era jovem e aparentemente portadora de uma existência estruturada, com marido, casa, filhos, emprego, conforto material. A cada dia ela aparecia com um sintoma novo e me visitava nos ambulatórios da Faculdade pelo menos uma vez por mês. Exames sempre negativos. E falava de dores mutáveis, mal-estar impreciso, febres que não chegavam a ser registradas nos termômetros, desmaios, calafrios, tonteiras. Tudo o que se tem direito.

Um belo dia, o marido também apareceu na consulta, o que ainda não tinha ocorrido. Um homem corpulento, mas de boa aparência, ao que parece pequeno empresário, aparentemente com a vida bem arrumada. Neste dia só este cidadão falou. A mulher, tão loquaz normalmente, não conseguiu proferir uma frase inteira. O homem, mesmo com cortesia, a interrompia e me passava sua própria versão das moléstias da esposa. E ela, quieta em um canto. Logo percebi que estava ali um tipo hiperativo, incapaz de um minuto de silêncio e disposto a preencher todo espaço vazio nas conversações, emitindo opiniões que abrangiam não só o campo pessoal, mas também da política, do futebol, da religião, da vida social etc. Além do mais, absolutamente dominador em relação àquela pobre criatura que ele chamava de esposa.

Expliquei-lhe que realmente estava tendo dificuldade em encontrar um diagnóstico preciso para sua mulher, mas que ia continuar tentando. Mas a verdade é que a vinda o homem me abriu portas para entender um pouco melhor a vida daquela paciente. Percebi que, longe de ser uma solução, ali estava um problema para ela.

Na saída, ele voltou um passo atrás, fechou a porta da salinha de atendimento, mantendo a esposa do lado de fora e me pediu um minuto em particular, com o que acedi. E me revelou seu drama, concentrando-se especialmente no total desinteresse que a patroa tinha, já há alguns anos, por qualquer atividade sexual que o envolvesse também. E então me mostrou fotos do quarto do casal, que havia mandado reformar, de modo a incluir cama redonda, banheira de hidromassagem, TV na parede, teto e paredes espelhadas, luzes estrategicamente distribuídas e outros ingredientes de sensualidade e erotismo. Mas tudo em vão, balançava a cabeça o coitado, a se lamentar. Para piorar as coisas, a mulher agora simplesmente se recusava a dormir em tal aposento.

Tentei consolá-lo e pedir paciência, que desse um tempo para a coitada da esposa, mas ele mal me ouviu. Aquele era um homem que só falava, pelo visto, jamais ouvia. Já de saída e meio em segredo me pediu que tentasse convencer a mulher, em próxima consulta, a se utilizar das benesses que a tal alcova lhe facultava.

A próxima consulta aconteceu logo, com a paciente comparecendo desacompanhada. E eu tentei abordar a questão do quarto. A mulher nem me deixou falar; disse que ali não entraria definitivamente, porque o marido lhe era infiel, tinha muitas mulheres e, além do mais, tinha copiado aquele projeto de quarto de casal em um motel que freqüentava com as amantes.

E foi a vez dela me pedir que o fizesse desistir da idéia de levá-la a tal aposento.

Como eu poderia executar algo assim? A solução não seria a de ela desistir de tal marido? Daria mais certo. Apenas pensei, mas não agi...

MEMÓRIAS DE UM PRONTO-SOCORRISTA

Plantão em Pronto Socorro, para mim, era algo simplesmente massacrante, pois eu passava dois ou três dias da semana me preparando para tal evento, e mais outro tanto para me livrar do mal-estar que isso me provocava. E eram nada menos do que duas sessões *de corpo presente* por semana... E assim foi por quase uma década.

Mas não era só isso. Tinha desconforto não apenas íntimo; eu também questionava com ardor as incongruências de um modelo de assistência que empurrava as pessoas para os PS da vida, onde pululavam casos primários de atendimento, que ali aportavam por absoluta falta de opções de outra natureza, além disso criando obstáculos para o atendimento das reais urgências. Um fato ilustrativo deste estado de coisas: em Uberlândia, onde trabalhei por alguns anos, inclusive em emergência, havia uma linha de ônibus intitulada “Medicina”, que tinha como destino o Hospital de Clínicas da UFU, e que circulava 24 horas por dia, sendo a mais movimentada da cidade, ocupada que era com o tráfego de pacientes para o complexo hospitalar e ambulatorial da universidade, especialmente para o seu Pronto-Socorro.

Não é que só guarde lembranças trágicas dessa etapa de minha vida profissional, mas também não reputo estes anos como os mais agradáveis e felizes. O que havia de bom, realmente, era a minha juventude. Se dependesse só dela, faria como o Jacó do Antigo Testamento: *sete anos, ou mais, eu serviria...*

Uma primeira lembrança, trágica, é aquela dos passos no corredor... Um plantão “normal” começava a mostrar um declínio de atendimentos por volta das onze horas da noite. Nesta hora,

o plantonista chefe, chamava os residentes e estagiários e fazia um *briefing* relativo aos casos que aguardavam exames ou internação, liberava algum paciente já suficientemente observado e augurava para si algumas horas de descanso – se tivesse muita sorte. Havia um lanche regulamentar, à base de suco artificial, ovo cozido e pão com mortadela, que mesmo assim tão prosaico não era mal recebido. Depois cada um se ajeitava como podia, aguardando eventuais chamadas.

Para o chefe de plantão, como era meu caso, havia um pequeno apartamento no andar de cima do PS, no exato corredor onde ficavam as enfermarias de Clínica Médica. Uma noite ali não era de deixar saudades, ou melhor, de fazer efetivamente de alguém um molambo, ao ponto de não desejar um plantão por pelo menos nas próximas duas semanas. E o problema era que, passados dois ou três dias, já era hora de um deles de novo.

A noite, para mim, naquele purgatório era feita de passos no corredor. Eles eram contínuos, daqui pra lá, de lá pra cá. E a cada caminhada a pergunta era: será que vai parar na minha porta? Isso significava descer de novo e encarar o inferno. Aliás, a chance maior era esta. Qualquer esperança devia ser abandonada.

Tenho colegas que até hoje fazem plantão, já com quase meio século de carreira médica, e acham isso muito natural. Portanto, o problema deve ser meu mesmo, tenho que admitir.

Se havia este drama noturno permanente, outro ainda pior me ameaçava: o das tardes de domingo. E não falo do programa dos Trapalhões ou do futebol na TV... Domingo à tarde era o momento em que o Diabo estava no comando. Bêbados no volante e gente, sóbria ou não, se arriscando em saltos mortais em piscinas e mergulhos em rios traiçoeiros. O domingo a tarde – não falhava! – nos trazia sempre um morto, ou mais. E famílias a consolar. E mais angústias, gemidos, choro, cheiro de sangue, sentimento de impotência. Aquela linha luminosa reta no monitor cardíaco, que se recusa a mostrar picos mesmo depois de uma hora inteira de manobras de ressuscitação, durante as quais não raramente se podia ouvir costelas se partindo debaixo de nossas mãos. Cruzes...

Dias em que o Diabo está solto e Deus e seus anjos descansam...

Como é bom poder se dedicar as tardes de Domingo a outras atividades em família ou entre amigos, ou mesmo numa boa rede, por exemplo. Isso eu conquistei na vida aos trinta e poucos anos de idade, quando provei da cachaça da saúde pública. Não tem preço, mas declaro total respeito aos que continuam.

Casos frequentes na rotina de um PS são aqueles dos quase-suicidas. Digo “quase” porque os verdadeiros são mais raros, ou nem costumam chegar lá. O perfil é bastante típico: jovens, geralmente mulheres. Gente que sofre, acima de tudo, mas nem sempre quer levar a tentativa muito longe, apenas o bastante para assustar e criar sentimentos de culpa nas famílias ou em alguém, em particular. E são totalmente inusitadas as maneiras de se tentar o auto-extermínio como, por exemplo, beber soda cáustica, ácido muriático, água raz, detergente, creolina e por aí vai. Já vi mesmo mais de uma adolescente que se muniu de uma daquelas latinhas de detefon, que aspergiam o pó, depois do característico cloc-cloc da embalagem, diretamente nas narinas, para se intoxicar. Sem efeitos maiores, diga-se de passagem. O problema era o depois; voltavam para casa do jeito que vinham e continuavam submetidos aos mesmos problemas, talvez agora ainda piores, pois passavam a enfrentar a humilhação e o deboche ante os familiares e outros circunstantes.

Como é de praxe em ambulatórios ou emergências deste tipo, de alta rotatividade e porta de entrada caótica, fica-se apenas no paliativo. Mas tem gente que precisa de fato de assistência e que pode se beneficiar dela, cabe lembrar. Por exemplo, um homem relativamente jovem, quarenta anos no máximo, que chegou, por assim dizer, "morto" no meu plantão. Era um sábado e o coitado ainda vestia seu uniforme de boleiro. Numa disputa mais renhida de bola pela linha de fundo caiu, de repente, desacordado. Tomaram-lhe o pulso e... nada. Por sorte estavam perto do hospital. Quando vi o rapaz pensei comigo que não havia mais solução, pois o mesmo estava frio e com as pupilas totalmente dilatadas. Mas mesmo assim tentamos o que determinavam os protocolos da época: massagem, oxigenação com aparelho próprio, adrenalina inracardíaca, choque no peito. E não é que funcionou? O coitado talvez fosse mais uma vítima do barbeiro. Ou quem sabe mais um daqueles esportistas bissextos e mal avisados que insistem em jogar uma pelada de vez em quando. Mas este aí, tenho certeza que salvei, pelo menos desta vez.

Tempos depois, uma das residentes que havia participado do procedimento de ressuscitação de tal Lázaro me chamou em sua sala de atendimento e perguntou ao paciente que lá estava, quando entrei: *sabe quem é este*? O homem disse que não sabia. E ela: *pois então cumprimente o cara que salvou a sua vida*! E ele me estendeu a mão e me abraçou, emocionado. Eu também...

Quem dera coisas assim fossem rotina na vida de um pronto-socorrista. Pena que a realidade se recuse a obedecer tais protocolos.

Mas lá uma vez ou outra a gente acerta, não só nas intervenções como nos diagnósticos. Diagnósticos, aliás, são mais fáceis de acontecer nas emergências do que em outros setores, pois afinal de contas, supostamente, as pessoas que ali vão têm de fato *alguma coisa* concreta. Mas nem sempre... Grande problema é o fato de que, em sistemas de saúde desorganizados como o nosso – e naquele tempo era pior ainda – a famosa fila do PS tem simplesmente de tudo: de pitiáticos contumazes a enfartados; de torcicolos banais a acidentes vasculares cerebrais; de mal-estares passageiros a envenenamentos profundos. O plantonista tem que ser muito cuidadoso para distinguir o joio do trigo, ou melhor, os graves dos não-graves e dos mais ou menos (estou falando de um tempo no qual os protocolos de Manchester e congêneres eram desconhecidos...). Dar plantão é muito perigoso (e recorrer aos mesmos pode ser mais perigoso ainda...).

Faço um parágrafo. Tudo seria mais simples neste campo se fosse possível separar os pacientes que chegam nas emergências em algumas categorias singelas: *aqui e agora; aqui, mas não agora; agora, mais não aqui*, além de outro, bem corriqueiro e nem de todo raro: *nem aqui e nem agora...*

Os diagnósticos nas emergências (deve haver alguma estatística séria sobre isso) pertencem, na verdade, a um número reduzido de categorias. No máximo uma dúzia, não mais. O resto é mistério, ou então, banalidade. Mas de alguns acertos diagnósticos verdadeiramente *sherlockianos* a gente não esquece. Certa vez me chegou ao plantão um sujeito que simplesmente fazia caretas. Simples assim: um careteiro. Retorcia toda a face, num esgar contínuo e aparentemente doloroso, em alguns momentos a língua parecia querer tocar a ponta do nariz, os olhos convergiam e se afastavam, às vezes se recolhendo pálpebras acima. E após alguns poucos minutos de trégua, tudo começava de novo. É claro que o infeliz já me chegou, pela voz de um residente, como um novo *pitiático* no pedaço. Mas quando olhei para aquele homem, pude perceber que o coitado sofria de verdade, pois estava pálido e suando frio. Mas eu nunca havia visto uma coisa como aquela, meio cômica até, se não fosse absolutamente dramática. De repente, em algum giro cerebral, se desprendeu um fragmento de molécula de memória, sei lá... Eu me lembrei que havia lido sobre aquilo em algum lugar: *crise oculogírica*!

Não deu outra. Resultado da intoxicação por clorpromazina, medicamento que de fato o homem tomava e que, por engano, dobrou ou triplicou a dose naquele dia ou, quem sabe, em vários dias anteriores. Bingo!

Na ocasião, eu recém tinha chegado ao Pronto Socorro, ainda como simples médico plantonista, mas já era meio queridinho pelos alunos, mas aí, minha fama levantou vôo. Pena que não deu para sustentá-la só na base de diagnósticos brilhantes. Era preciso – só depois descobri – estar no lugar certo, na hora certa, com um lampejo de memória *certo*.

Mas nem tudo era ciência, de fato. Um dia fui abordado já na sala de espera por alguém portador de forte crise de ansiedade. Um dentista que eu conhecia de meu outro trabalho, da Diretoria Regional de Saúde. E ele nem era o paciente, mas apenas um marido preocupado. Sua querida esposa, imaginem, havia sido atingida, quando atravessava a rua, não por uma moto ou caminhão, mas pelos perdigotos de um burro – sim, de um burro! –estacionado com sua carroça nas proximidades. E o rapaz estava apavorado com a possibilidade de que ela contraísse raiva ou outra doença originada de tal tipo de secreção. Nunca se sabe...

Entre os tais diagnósticos costumeiros no PS estavam os efeitos agudos do álcool. Na melhor das hipóteses, pileques homéricos; na pior, acidentes fatais, envolvendo os bebuns e outras pessoas, totalmente inocentes. Em uma cidade como Uberlândia, um grande pólo educacional, as festas nas "repúblicas" e as calouradas forneciam material abundante para este tipo de atendimento. De maneira geral, glicose e plasil na veia, algumas horas de observação etc, resolviam bem a maioria dos casos. Com a devida ajuda dos heróis anônimos da limpeza, claro. O problema, às vezes, eram os acompanhantes, igualmente alcoolizados. Sabem aquelas pessoas generosas, incapazes de deixar um amigo bêbado aos deus-dará e que tiveram a sorte de serem mais resistentes aos efeitos etílicos do que tal amigo? Pois é, muitas vezes são esses aí, igualmente ébrios, mas não ao ponto de cair, que costumam causar mais problemas do que os pacientes propriamente ditos.

Um dia me apareceu uma dessas criaturas potencialmente perigosa. Era um aluno da faculdade famoso por ser bom de briga e criador de problemas. Mas generoso como só ele mesmo, veio trazer um companheiro de festa, em pleno domingo á tarde, já na beira de um coma alcoólico. E não é que o tal sujeito resolve, aproveitando sua condição de estudante de medicina, botar regra no atendimento do colega, receitando, palpitando, criticando, cobrando providências? Eu estava cuidando de um caso mais grave no box ao lado e só entrei na história quando fui chamado pelo residente, que estava se vendo muito incomodado com aquilo. Pedi ao valentão que saísse. Ele se recusou. Exigi. Ele manteve sua postura. Avisei que ia chamar o segurança e quando lhe dei as costas senti um golpe de vento me passar pela nuca. Era um pescoção mal aplicado, que exigiu tanto esforço do agressor que ele rodopiou e caiu ao chão, sem me acertar, felizmente. Minha sorte foi a falta de pontaria ou, quem sabe, o resultado do grau etílico do tal rapaz, que já não lhe permitia proezas físicas como aquela. Neste momento fui obrigado a chegar o dedo no nariz de alguém, aliás, com a maior propriedade, de forma inédita em minha vida e lhe disse categoricamente: *vou exigir sua expulsão da faculdade*, *prepare-se*! A turma do *deixa-disso* e a segurança cuidaram do resto.

Mas a segunda feira chegou, o valentão esfriou seus ânimos e veio até a mim, tocar em minha fibra mais sensível: me pediu desculpas – e eu as concedi, sem maiores exigências. Ponto final. Ficamos até amigos depois disso.

Nos meus tempos de queridinho fui também Diretor Clínico do PS. Por poucos meses, felizmente. Não tenho realmente nada de que me orgulhar ou sentir saudades deste período. O

hospital tinha como personalidade jurídica, à época, uma fundação ("Femeciu") e seu presidente era quem mandava de fato, em tudo e em todos. De modo que eu logo me cansei de tal factótum e pedi meu afastamento de tal cargo. Havia brigas a serem compradas por todo lado, desde plantonistas que faltavam repetidamente, até aqueles que faziam do PS uma sucursal, privatizada no caso, de seus consultórios. E as situações prosaicas se repetiam, por exemplo, na decisão que tive de tomar de mandar retirar de dentro do PS um aparelho de TV, em frente do qual alguns folgadinhos passavam tardes e noites, alheios ao mundo que se lhes desabava ao redor.

Foi naquela TV que em uma tarde de agosto de 1976 ouvi a notícia trágica da morte de JK. Se a esperança andava rala no país, naqueles tempos, a partir daí ficou ainda mais frágil e aparentemente inalcançável.

Uma extraordinária aventura aconteceu comigo, em um plantão. Como havia uma crise financeira no ar (uma das muitas, antes da federalização da instituição), os plantonistas eram liberados para jantar em casa, desde que retornassem em seguida. Neste tempo eu cismara de realizar um sonho *easy-rider* e possuía uma moto, apesar das muitas advertências e preocupações de familiares e amigos. Quem já teve vinte e sete anos, entende. E foi assim que saí do plantão na minha valente (e pobrezinha) Honda 125 e voltei para lá, meia hora depois, a bordo de uma ambulância. Oito fraturas em partes diversas do corpo. Sorte minha que o ortopedista e o anestesista já tinham ido jantar e estavam presentes.

Mas devo dizer que foi sorte, também, ter sido obrigado a passar alguns dias como paciente internado. Saber, por exemplo, o que é ter sede durante a noite e não ter quem lhe traga um copo d'água; querer fazer xixi e não ter ninguém para lhe ajudar. Mais sorte ainda ter encontrado um enfermeiro tão jovem como eu, que atendeu com atenção generosa os meus pedidos de ajuda e acabou ficando meu amigo pela vida a fora. Seu nome: Walter Sidney da Mata Ribeiro, mineiro de São João Del Rey e meu futuro parceiro na lida de saúde pública.

Enfim, quem viu o filme *Um golpe do Destino (The Doctor)*, com William Hurt, certamente saberá do que estou falando.

Dez anos de emergência me fizeram cansar de noites mal dormidas, de valentões à espreita, de impotência perante a morte, de diagnósticos e procedimentos escassos, de cheiro de sangue e vômito. Em 1980 havia decidido que era hora de favorecer outro *twist of fate* em minha vida – e eu fui para o Rio de Janeiro, não para *ver o escrete brasileiro jogar*, como disse Sergio Sampaio, mas para fazer especialização na Escola Nacional de Saúde Pública, pela primeira vez, mas que se repetiria por outras duas vezes, anos depois, para Mestrado e Doutorado.

Foi assim que eu percebi que entre ser médico de indivíduos deitados, doentes e eternos candidatos a morrer e cuidar de gente de pé, no coletivo, para impedir que adoecessem e morressem era meu verdadeiro negócio. E encarei. Libertação! Tal é a expressão que resume o que me trouxe tal decisão. Meu último plantão teve o sabor cinematográfico de um personagem que levanta vôo em direção à liberdade. Ou a algo idêntico ao voo de Tony Tornado sobre sua plateia, 10 anos antes, como já referido aqui.

Devo admitir que aprendi muito como médico de emergências. Aprendi com colegas, com residentes e alunos e mesmo com pacientes. Aliás, com estes últimos devo ter aprendido muito, sem dúvida, mas acho uma pena que a maioria dos médicos não valorize isso. Só não aprendi uma ou duas coisas. A primeira delas é dar notícias ruins (adoro o modo como se fala isso em inglês: *breaking bad news*). Até hoje me lembro, ou pelo menos tenho pesadelos a respeito,

quando me vem a cena clássica: um paciente grave entre na emergência, a família fica do lado de fora e, na sequência, somos obrigados a comunicar o incomunicável: *sinto muito, morreu*... A outra coisa que não aprendi, ou pelo menos não me acostumei, foi com o cheiro e a visão de sangue, além de outros líquidos e secreções corporais. Mas ao fazer a opção pela Saúde Pública eu consegui me poupar disso, além de ter poupado muitos pacientes de lidarem com minhas dificuldades, também.

Só voltei a um plantão para cobrir faltas de médicos em greve, algum tempo depois. Para nunca mais.

BREAKING BAD NEWS

Como disse acima, se há uma coisa que as faculdades de medicina ensinam mal – ou simplesmente não ensinam – é a sensível arte (ou seria um dom, não ensinável?) – de saber comunicar notícias ruins, aspecto tão comum e necessário a quem se dedica ao trato com a saúde e a doença das pessoas. Com efeito, da primeira notícia de morte a uma família, ou do comunicado direto a um paciente de que ele tem uma doença maligna, ninguém que tenha sido um dia obrigado a isso, é capaz de se esquecer. Imaginem quando isso impõe quando se é jovem e inexperiente...

Portador da minha santa juventude, e de minha não menos santificada inexperiência, passei por um evento marcante nos primeiros anos de minha vida profissional. Aconteceu o seguinte: em um sábado pela manhã eu prescrevia para os pacientes sob os meus cuidados na enfermaria de Clínica Médica do Hospital da UFU, quando se aproximou de mim uma funcionária, transtornada, em prato inconsolável, e me fez aquele pedido, ao qual eu daria tudo para não precisar atender:

- *Doutor Flavio, acabo de perder dois tios e dois sobrinhos em um acidente de carro e agora minha família precisa dar a notícia a minha avó e temos muito medo da maneira como ela vai reagir...*

A avó em questão tinha mais de noventa anos e a perda era enorme, pois os mortos eram um filho, sua mulher e dois netos. Pobre velhinha, que já fora calejada na vida por outra forma de perda, sendo a viúva de um dos famosos Irmãos Naves. de Araguari, vítimas de um erro judiciário nos anos 30 ou 40 e que passaram parte apreciável de suas vidas na cadeia, injustamente, até que a verdade aparecesse. Desgraça pouca realmente não era...

Eu compungido abracei a moça, auxiliar administrativa de meu Departamento na UFU, com quem eu tinha um relacionamento muito amistoso e cordial. Mas o que ela me pedia, realmente, transcendia a qualquer gesto de que eu me sentisse capaz. Mas tive que ir – fazer o quê? Despachei como pude as prescrições restantes, sem me apressar muito, pois malgrado meu, ganhar tempo era algo imperioso. E fui para o sacrifício, pequeno diante do que eu iria testemunhar, mas verdadeiramente assombroso para mim.

Notícias ruins andam a galope, diz o velho ditado. E, de fato, quando cheguei à porta da avozinha, a tragédia já estava consumada. Havia muitos carros parados na rua e por toda parte pessoas se abraçavam e choravam, pois aquela era uma família muito grande e arraigada na cidade. E eu entrei na cena principal, como um condenado. E era realmente dantesco o ambiente, com muito choro, lágrimas, desmaios. Mas quem eu vejo, bem no centro do

redemoinho, não como objeto de atenção, mas como agente direto, ativo, de consolo aos demais? A velhinha. E me lembro bem se suas palavras, para uns e outros*: não se deixem abater meus filhos, Deus é maior e sabe o que faz.* Para uns um carinho; para outros um copo de água com açúcar ou um chá; para todos, presença confortadora, nada mais.

Acreditando ou não em Deus, estando disposto, ou não, a aceitar desígnios como este, uma coisa para mim ficou clara naquela cena: as pessoas sempre souberam o que fazer nas horas difíceis, com, sem ou apesar dos médicos e demais profissionais de saúde. E na idade avançada, como no caso, esta forma de sabedoria era mais profunda e mais efetiva ainda. Sorte minha, que não tendo apoio em tal quesito na minha formação médica, pude encontrar alguém assim, em hora tão extrema, que não só me poupou de fazer algo para o que não estava preparado como me ofereceu uma grande lição de vida.

Anos depois, outra cena, dentro do mesmo tema. Quando foi criada a Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, em 2001, deslocando o curso respectivo da Faculdade de Ciências da Saúde (evento sobre cujos efeitos até hoje tenho minhas dúvidas se foram para o bem – desconfio que não), foi realizado um seminário com professores do curso de medicina da Universidade de Maastricht, na Holanda, voltado para o tema do ensino médico. Nesta escola holandesa a modernidade pedagógica era reconhecida internacionalmente, dentro da lógica do Ensino Baseado em Problemas (*Problem Based Learning*), e não em disciplinas ou departamentos, como era (e ainda é) na UnB. E em uma das sessões de tal seminário, fomos divididos em grupos e aquele em que eu estava, especificamente, recebeu como incumbência e trabalhar sob o tema *breaking bad news* e preparar uma atividade didática sobre o mesmo. Não preciso dizer que de todos os docentes ali presentes, nenhum de nós tinha, pragmatismo a parte, a mínima experiência em algo assim, em termos pedagógicos pelo menos, seja no tempo de estudantes ou mesmo como professores.

Formado o grupo, agora reunido no círculo convencional, cada um olhando e sendo observado pelos demais membros, gastamos pelo menos uns dez minutos em conversa fiada, sem saber, de fato, como dar início à atividade proposta. De fato, éramos bons em formar grupos para ensinar, mas quando nos transformávamos em aprendizes, a dificuldade parecia enorme. Até que uns dos nossos, Pedro Tauil, por quem tenho a maior admiração e que é personagem reicidivante dessas minhas memórias (ver *Personae*), propôs a solução mais simples: que narrássemos alguma experiência pessoal face ao desafio de dar ou receber notícias ruins. E ele próprio se dispôs a começar.

Falou-nos, então, de como lhe fora dada a notícia de que seu filho, João Pedro, era portador da Síndrome de Down. Ao chegar ao quarto de sua mulher, também médica, logo após o parto, foi recebido por ela em prantos. O motivo estava claro: alguém da enfermagem havia passado por ali antes, quando a criança ainda não havia vindo do berçário para o quarto da mãe, e lhe fizera o desastroso comentário: *não sabia que o marido da senhora é japonês; o bebê tem os olhos tão puxadinhos.* Para uma médica, ainda mais entrada nos 40 anos de vida, tal comentário bastava. E até então a gravidez tinha corrido de forma inteiramente normal e nem se cogitara de algum exame que pudesse mostrar anormalidade.

Pedro começou a nos contar este episódio de forma serena, como quem deseja apenas ajudar o grupo a começar a pensar e a agir de acordo com o objetivo proposto. Mas logo percebemos que ele estava com dificuldades em conter sua emoção. Proferir a frase infeliz daquela mulher tão mal preparada, já foi para ele quase impossível, dado o choro que lhe veio forte, incontido, repleto de soluços doloridos. A primeira reação do grupo foi de dor, mas ao mesmo tempo de forte perplexidade. Ninguém conseguia dizer nada. Quem tomou a iniciativa foi, para variar,

uma mulher, Iris Ferrar, uma professora de genética. E ela nem disse nada, apenas se aproximou de Pedro, sentou-se ao lado dele e lhe tomou a mão, trazendo-o mais próximo a si. O que dizer numa hora dessas não era caso de palavras, realmente. Por alguns minutos ficamos estáticos, tendo alguns se aproximado e fazendo, em torno de Pedro, uma roda de conforto. Choramos alguns, ou quase todos, rodeando e confortando o colega tão querido.

As palavras só nos surgiram alguns minutos mais tarde, quando o próprio Pedro tomou a iniciativa de falar, já mais consolado em sua dor. E nos pediu desculpas pelo ocorrido. Neste momento pude dizer algo que muitos ali talvez dissessem também, o que percebi pela leitura de seus rostos: *Pedro, não peça desculpas; nós é que estamos agradecidos por nos ter dedicado a confiança de compartilhar a sua dor.*

Breaking bad news – coisa mais difícil nesta vida...

DOIS PACIENTES QUERIDOS E UMA VACA

Cliniquei por poucos anos. Se contar o tempo de residência médica, terei começado no ano de 1972, embora de forma restrita ao ambiente hospitalar. Em 1974 fui trabalhar em São Simão, Goiás, conforme já mecionado aqui e então "tirei o meu atraso" ambulatorial, pois atendia por dia às vezes mais de oitenta pacientes, entre os exames admissionais e os casos realmente graves. A partir de 1975, já em Uberlândia, tive consultório próprio (embora por pouco tempo) e passei a atender regularmente no Hospital de Clínicas, tanto no ambulatório como na emergência, durando esta etapa até 1982, quando passei a me dedicar integralmente à saúde pública, além da docência na Faculdade de Medicina da UFU. Dez anos de prática clínica direta, portanto.

Pelas minhas mãos passaram incontáveis pacientes. De alguns, salvei a vida ou a tornei melhor. De outros fui ouvinte paciencioso. Para um punhado encontrei soluções provisórias para os males que traziam. Para a maioria, talvez, fui apenas o doutor que os ouviu e despachou, sem diagnóstico e sem perspectiva de algum tipo de *fidelização*, dentro dos imperativos históricos de uma medicina massificada e carente de vínculos entre pacientes, médicos e instituições.

Mas houve também alguns pacientes que me marcaram e ficaram inesquecíveis. Espero que a recíproca tenha sido verdadeira, pois a maioria desses já deve ter morrido, como é o caso dos dois tipos humanos de que me recordo nessas linhas.

Alcides Alves Pimenta, o *Seu Negrinho* (que era, na verdade, branco), um homem rijo de setenta anos, buscou atendimento comigo no ambulatório da UFU para esclarecer a causa da fraqueza e do emagrecimento que experimentava, de forma inédita em sua vida de pequeno fazendeiro e comerciante. Um simples hemograma esclareceu o diagnóstico: ele tinha uma leucemia mielóide, doença crônica que já na época, final dos anos setenta, tinha boas perspectivas de cura ou pelo menos de controle.

Eu o encaminhei ao oncologista, que iniciou o tratamento com corticosteróides e mais alguma coisa, e o devolveu a mim, para acompanhar o tratamento, que produziu resultado palpável imediato, aliás. Ele vinha ao ambulatório mensalmente e logo as consultas se resumiram a um breve exame e algumas perguntas, além de agradáveis dedos de prosa. E assim foi por uns bons três anos.

Em 1980, quando suspendi minhas atividades assistenciais para fazer especialização na Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio, ele ficou inconsolável e só se tranqüilizou quando eu lhe garanti que em meu lugar ficaria Antonio Carlos Miziara, pessoa de minha total confiança, que me acompanhava nas consultas, à época residente de Clínica Médica e já iniciado na especialidade de oncologia. Falarei também deste sujeito admirável mais adiante. Mas quando voltei a Uberlândia, oito meses depois, retomamos o contato e o acompanhamento clínico, até que um ou dois anos depois resolvi parar de vez com a assistência direta a pacientes, pois eu já estava envolvido com atividades de saúde pública que me mobilizavam as energias, no caso a instalação de uma "Unidade Didática Avançada" na periferia da cidade.

Desta vez evitei maior dramatização. Miziara continuou acompanhando Seu Negrinho no ambulatório e eu passei a visitá-lo em casa, mais como amigo dele e da família do que como médico. Mas, para agradá-lo, não deixava de lhe medir a pressão, escutar-lhe o peito, fazer-lhe algumas perguntas e dar uma conferida geral nos últimos exames.

Tudo correu bem por mais algum tempo, mas um dia a invasão leucocitária atípica falou mais alto e Seu Negrinho piorou substancialmente. Nas semanas seguintes minhas visitas se multiplicaram e eu, de certa forma, voltei a ser seu médico, embora em caráter mais paliativo do que qualquer outra coisa.

Uma noite, cerca de 1984, dona Leta, sua esposa, me telefonou preocupada, pois o marido tinha muita falta de ar e estava muito pálido. Cheguei a tempo de seu último suspiro, sem poder fazer nada – e nem era o caso de qualquer heroísmo médico. Assim, o médico se afastou e só ficou o amigo, o que já é muito numa hora dessas. Acompanhei os procedimentos fúnebres iniciais, consolei a família (e fui consolado também) e participei do tradicional café com pão de queijo até a manhã raiar, lado a lado com o corpo de meu amigo.

A morte de Seu Negrinho me deu oportunidade de fazer, por única vez em minha vida e acho que na de muitos médicos, algo prosaico, mas que me abriu para uma nova dimensão do cuidado: eu ajudei o filho e o moço da funerária e lhe vestir o corpo, com direito a terno e gravata, além de leve maquiagem. Não é nada, mas certamente representou uma experiência marcante para mim, que me trouxe de forma intensa um sentimento de fragilidade da vida e do elo que deve existir entre os mortos e os que continuam vivos, bem como entre médicos e pacientes, sabe-se lá até quando, tendo como pano de fundo o momento em que se venha vestir o sujeito para finalmente levá-lo ao caixão.

Dona Helenita Travaglia me veio encaminhada, como paciente particular, por um colega de Faculdade, Leonardo Diniz, que a atendera durante uma longa internação no Hospital Julia Kubitschek de Belo Horizonte. Não era muito idosa, talvez pouco passasse dos sessenta anos, mas tinha um organismo combalido, com insuficiências diversas, particularmente pulmonares, fumante que fora por longos anos. Era casada com Olinto Travaglia, uma figura doce, que me lembrava o Gepetto, o marceneiro que criara o Pinocchio da famosa história.

Helenita me chegara às mãos já nas vésperas de fechar o consultório, de modo que fiz ali seus primeiros atendimentos e depois passei a vê-la em casa, quando chamado. A empatia, assim como na história anterior, foi imediata, não só envolvendo a paciente como seu simpático companheiro.

A receptividade gentil e generosa da família, constituída apenas pelos dois anciãos, era comovedora, de modo que também ali comecei a me sentir em casa e passei também a compartilhar, em visitas que nem lhes cobrava mais, uma verdadeira parceria afetiva, sem

preço. A intimidade cresceu e em algumas ocasiões levava comigo meu filho Maurício, na época com cinco ou seis anos, que também foi muito bem recebido pelos velhinhos, que passaram a cobrar a presença dele, quando por acaso não o levava comigo. Mauricio geralmente ficava na sala, enquanto eu ia ao quarto examinar a paciente, e quase sempre levava no bolso, para se distrair, um ou dois de seus inúmeros carrinhos. E ali, nos sofás, entre montes e vales de almofadas e espaldares, deixava sua imaginação correr solta, em viagens sem fim.

Dona Helenita quase sempre o convocava ao quarto, de onde já não mais saía, de forma que aos poucos o garoto participava de toda a consulta. Um belo dia, enquanto eu auscultava a paciente e fazia algumas perguntas, ele foi se chegando ao leito e, ato contínuo, passou a trilhar novas estradas, no caso, a cama e as pernas de Dona Helenita. Eu bem que tentei afastá-lo, mesmo suavemente, mas a velhinha insistiu que eu o deixasse continuar na viagem, com o que ela se divertia intensamente. Mauricio, por sua vez, tomou-se de intimidade e passou a tratar a dona da casa como “Donanonita”.

Um dia, ao final da consulta, Olinto disse à mulher: *fala para o Dr. Flavio aquilo que você está aflita para perguntar*. Ela o repreendeu, contrafeita e se negou a falar, não o fazendo mesmo que ele insistisse. De minha parte, achei melhor não insistir. Já na porta da rua, Olinto me contou qual era a pergunta que se calava. *Ela quer saber se o senhor é de fato médico ou se seria veterinário*...

Achei muita graça e logo entendi o motivo da dúvida. Eu passara alguns anos coordenando a vacinação contra raiva animal na cidade, na condição de técnico da Diretoria Regional de Saúde. Como tal, não poucas vezes eu comparecera à TV ou aos jornais, falando sobre cuidados com animais, mordeduras, esquemas e campanhas de vacinação etc. É claro que a dúvida era pertinente...

Já pensaram: alguém se tratar durante alguns anos com um profissional cuja formação suspeita que seja a de médico de gatos, cães e cavalos, não de gente... Era grande o dilema de dona Helenita, realmente. Mas pedi licença ao marido e voltei ao quarto, colocando o assunto em pratos limpos. E achamos todos muito graça naquilo.

E a vaca anunciada no título acima, onde e como entra nessa história?

Voltemos a Seu Negrinho. Ele havia sido fazendeiro, dos pequenos é verdade, mas mantinha algum gado na fazenda de um filho, próxima à cidade. E me fez tal presente. Não se sentiu encorajado em me perguntar se eu queria ou aceitaria algo como uma vaca, mas à moda de minha outra cliente citada acima, pediu à esposa, Dona Leda, que o fizesse. Eu confesso que fui pego de surpresa, mas como tinha um pequeno sítio nos arredores da cidade (e não sou dado a recusar presentes oferecidos de coração), aceitei.

A tal vaca, na verdade, ainda não era vaca, mas apenas uma novilha de um ano. Ir conhecê-la na fazenda do filho de Negrinho já foi uma festa para as crianças. Ela era uma “girolanda”, mais holandesa do que indiana, e por isso mesmo bem mansa, permitindo até mesmo os afagos da meninada. Ato contínuo, ela chegou ao sitio numa camionete, para alegria continuada da família. Quando fomos recebê-la no nosso sítio Sagarana, em clima de grande festa, passei em uma casa de produtos agropecuários e comprei um adereço que me pareceu essencial para quem era agora proprietário de uma vaca: um cincerro. Logo se viu que não foi uma boa idéia.

A vaquinha logo ganhou um nome, dado pelas crianças: *Camélia*. De sino ao pescoço andava incansavelmente pelos dez mil metros quadrados que lhe cabiam na propriedade. O cerrado,

entretanto, como se sabe, não é pródigo em gramíneas. Deu-se então que em menos de quinze dias o terreno que já era ralo e devastado ficou totalmente careca. Na vizinhança, situação igual; não havia onde me socorrer com capim. Assim, chegou logo a vez da ração, já um produto muito dispendioso na época. E eram dois ou três sacos por semana. Nas noites que passávamos no Sagarana, praticamente em todos os finais de semana, o que mais se ouvia era o cincerro de Camélia a soar incansavelmente, pra lá e pra cá. *Nessum dorma*, ainda mais com um barulho desses.

Resumo da ópera: a vaca foi um presente honroso, daqueles que fazem parte do folclore da medicina em toda parte e que me deixou muito feliz. Mas felicidade mesmo foi a de quando pudemos retirar a mesma do mísero espaço que ela ocupava. Compramos uma propriedade maior, uma verdadeira fazendinha em um município vizinho, na qual os hectares eram bem mais numerosos do que no Sítio Sagarana. Camélia foi transferida para lá, viveu muitos anos e produziu muitos bezerros, além de alguns litros de leite. Quem quiser que conte outra.

PELOS GERAIS DO TRIÂNGULO

Em 1976, um ano após minha chegada em Uberlândia, arranjei um segundo emprego, como, aliás, é comum entre os médicos de hoje e de sempre.

Faço um parêntese: quando alguém ouvir falar que os sindicatos e associações médicas pleiteiam maior ordenamento e regularização das condições de trabalho da profissão, não acreditem! Aos médicos sempre interessaram os regimes liberais de trabalho, mesmo que isso lhes custe impraticáveis jornadas de oitenta horas semanais ou, em outras palavras, mera simulação de se estar presente estando ausente. Mas vamos ao caso que me propus a contar.

Um colega, Evandro Guimarães de Sousa, que dividia consultório comigo, havia assumido a Diretoria Regional de Saúde sediada na cidade. E dispondo de uma vaga de "supervisor" indagou a mim se eu não me interessaria em preenchê-la. Concurso? Isso não se usava então. Era caso de ir a Belo Horizonte e conversar com alguém de prestígio na Secretaria de Estado. E assim fiz.

Por sorte havia me encontrado, nos dias em que ocorreu o convite, com José (Zecão) Teubner Ferreira, meu amigo da UFMG, que tinha um posto de destaque na SES. Falei com ele e – zaz – a vaga ficou afiançada para mim. Passados poucos dias assinei contrato com a Funed, órgão anexo da SES que cuidava deste tipo de coisa. Percebi que era um contrato de quarenta horas semanais, que se somariam às outras quarenta que eu tinha na Faculdade de Medicina. Façam a conta... Mas meu amigo me garantiu que não haveria problema, pois eram funções "integradas" – seja lá o que isso for.

Tempos depois descobri que, na verdade, o convite tinha sido feito também a outro médico recém-chegado a Uberlândia, Jansen Cunha Lima, que teve o azar de aportar a BH alguns dias depois de mim, que então já estava contratado.

E assim, cheguei à DRS (na época CRS, de "Centro") sem funções definidas. Evandro me determinou que eu supervisionasse o atendimento em tuberculose e hanseníase em toda a região. Aliás, naqueles tempos de domínio do Inamps, o papel da SES se limitava a uma triste e pobre tríade: tuberculose, hanseníase e imunizações. Um sistema unificado e integrado de saúde era apenas um sonho, remoto.

Tratei de cuidar de tais tarefas da melhor maneira que pude, viajando aos municípios, que eram 27 na ocasião, e fazendo entrevistas com os responsáveis pelo atendimento. A interlocução cotidiana era feita – imaginem – por cartas e pacotes de exames e radiografias. Nem telefone disponível havia. Quinze dias, no mínimo, para a informação ir e voltar. Ainda bem que a maioria dos médicos, se não todos, sabia muito bem o que devia fazer e as mensagens que me enviavam eram bastante burocráticas; e também às vezes pouco fidedignas, eu desconfiava.

Havia também as viagens, ditas de "supervisão", que deviam ser feitas em um único dia, pois não havia recursos para diárias de pernoite, apenas para refeições. Assim, a gente saia de Uberlândia de manhã para acessar municípios que felizmente não distavam mais do que 160 km da cidade e à noite já estávamos em casa novamente. Era uma questão de sorte encontrar alguns médicos trabalhando, pois o emprego era em tempo parcial e no serviço público de saúde, como se sabe, as horas médicas possuem a estranha capacidade de contarem em dobro ou triplo. Mas se fazia o que era possível.

Já na época me deparei com um fenômeno peculiar que me acompanhou nas outras instâncias onde trabalhei e nas quais as viagens faziam parte do cenário. Refiro-me à disputa de algumas pessoas, não necessariamente de escalão mais baixo, em busca de oportunidades de viajar, pelo simples acréscimo de vencimento que lhes era possibilitado pelas famigeradas "diárias" – que eram uma merreca, diga-se de passagem, principalmente se do tipo parcial, para alimentação. Alguns levavam matula para não ter despesas com refeições e assim poupar alguns trocados. Assim, nas desconfortáveis viaturas disponíveis, às vezes ocorria superlotação, com um motorista e um supervisor com funções definidas, e mais um ou dois sujeitos, do laboratório ou do almoxarifado, por exemplo, usufruindo dessa forma insólita de incrementar renda.

Nessas viagens, os eventos mais emocionantes eram representados pela repressão à ocupação das geladeiras de vacinas com as coisas mais diversas, de água de beber, até lingüiças, queijos, refrigerantes e ovos. É bem verdade que algumas vezes não havia mesmo vacinas para oferecer...

Quando me lembro desses périplos, hoje, me dá certo pudor, pois considero que eram, na maioria das vezes, perfeitamente dispensáveis, mesmo que ainda não houvesse internet ou outra tecnologia mais aprimorada de comunicação. Um telefone fixo, de mesa, dos antigos, resolveria muito bem a maioria dos casos que surgiam. Mas mesmo assim as viagens aconteciam.

Nossa frota de viaturas era quase comovente: um Jeep Wyllis de duas décadas de uso, herói não da Segunda Guerra, mas da extinta "Campanha da Lepra"; uma Rural Wyllis um pouco mais nova e mais confortável (mas não muito), além da jóia da coroa, uma VW Brasília recém adquirida e "tinindo" de nova. Bons mesmo eram os motoristas, com uma lembrança especial para o Sr. Alfredo Silva, sempre muito amáveis, prudentes e aptos a consertar qualquer defeito que as tais viaturas apresentassem na estrada, o que não era raro acontecer.

Entre as muitas peripécias que vivi nessas viagens, algumas acabaram sendo marcantes para mim, em termos de aprendizado e relações humanas delas derivadas. Em uma ocasião, creio que em 1976 ou 1977, fui investigar um possível surto de meningite num remoto distrito de Santa Vitória, chamado Chaveslândia (ou Xaveslândia, quem sabe Xavierlândia, como lá escreviam), que ficava na barranca do rio Paranaíba, bem defronte a São Simão, Goiás, onde eu havia trabalhado. Duzentos e cinquenta quilômetros de estrada.

Cheguei lá com algumas informações e fiz um périplo por todas as casas do vilarejo, colhendo informações junto às famílias, que foram completadas com um inquérito rápido nos hospitais de São Simão e Santa Vitória (que dispunham de informação escassa e pouco confiável, na verdade). Fiz um relatório bacana, no qual analisei os casos existentes, propus algumas medidas, acrescentei algumas fotos e esperei os elogios, que vieram fartos, tanto da Diretoria Regional como da SES em BH, onde meu grande amigo José Maria Borges era coordenador de Vigilância. Mas qual! De toda forma espero que nenhum epidemiologista contemporâneo tenha acesso àquilo, tão precário e amadorístico que foi.

Em outro inquérito dessa natureza não fui tão feliz. Era um surto de diarréia, supostamente salmonelose ou rotavirose, em Capinópolis, outra cidade de nossa área de abrangência, próxima a Ituiutaba. Repeti a sequência de procedimentos na qual eu tinha sido tão bem-sucedido anteriormente. Mas dessa vez o crivo epidemiológico verdadeiro se fez presente: Elmira Alfradique, que agora trabalhava na DRS, reconhecida como pessoa competente e, acima de tudo, brava no último furo, me passou a maior esculhambação, pela falta de método em recolher alguns dados e materiais imprescindíveis ao esclarecimento do caso, além de pouca atenção com aspectos amostrais. Tive de dizer para ela que, então, da próxima vez, que ela se movesse do birô e fosse a campo. Mas tudo passou, como deve passar. Tempos depois ficamos amigos e tudo foi esquecido. Mas o fato é que nessa peripécia ninguém matou e ninguém morreu.

Conheci gente de todo tipo. De sacerdotes abnegados a cínicos desavergonhados, passando por muitos que estavam ali sem maior preocupação ou consciência relativa ao seu papel ou a coerência e a consistência do que faziam. Na época me surgiu uma pergunta que até hoje me martela, a ser dirigida a quem trabalha em tais unidades: *se seu pai, sua mãe, seus filhos, adoecerem é aqui que você os traz para se tratar?* Para a maioria, talvez, ali fosse apenas um lugar onde se ganhava o pão, mas não para tratar da saúde da família. Mas, sinceramente, auguro que alguma coisa tenha mudado nesses mais de 40 anos que já se passaram desde então.

História da época: na segunda metade da década de setenta, o Ministério da Saúde criou um programa conhecido como PIASS, voltado à "interiorização das ações de saúde e saneamento". Era um produto legítimo e bem-intencionado de um grupo de sanitaristas progressistas que tinham encontrado no abrigo no Ministério, graças, principalmente, à clarividência e coragem de dois caras notáveis, Waldir Arcoverde, Ministro e Mozart de Abreu Lima, Secretário Executivo. O PIASS seria um correspondente e precursor do que mais tarde se chamou Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Era mesmo bastante ousado e inovador.

Nós da DRS recebemos, então, através de Francisco (Chicão) de Assis Machado, um sanitarista mineiro que lá estava alocado, tradicional militante do *Partidão*, a missão de mobilizar os prefeitos da região para que fizessem moções junto ao Ministro e ao Governo Federal para que o tal programa fosse instalado também no Triângulo Mineiro, já que, em princípio, ele se destinava apenas às regiões mais pobres do país, Nordeste, Vale da Ribeira e Vale do Jequitinhonha, por exemplo.

E lá fui eu, na mesma Capinópolis da diarréia referida acima, conversar com Sua Excelência o Prefeito, que de forma inédita e exclusiva em toda a região, era filiado ao MDB. O único prefeito em tal condição! Cheguei a ficar emocionado. Conversa vai, conversa vem, ganhei intimidade e lasquei a pergunta que me saltava garganta a fora: *o senhor tem participado do movimento de anistia e de diretas já*? *Acha possível 'a gente' conseguir isso?* Ele me olhou como quem vê um marciano e não deixou por menos: *Olha moço, a gente tá nesse MDB porque aqui na cidade tem uns FDP que estão na Arena. Mas votar nós vota mesmo é com o Dr. Homero*.

Homero Santos, eterno deputado federal pela Arena e PDS, figura ímpar, era o representante legítimo da Arena e do Governo Militar na região...

UM VISITANTE ILUSTRE EM UBERLÂNDIA

Fora da turma que um dia pugnou pela chamada Reforma Sanitária brasileira, aquela dos anos 80, talvez pouca gente conheça hoje Carlos Gentile de Mello. Ele era um médico de carreira do antigo Inamps (antes INPS) que se destacou pela sua visão abrangente da saúde, se esmerando, particularmente, na crítica à irracionalidade do sistema de saúde brasileiro, dividido entre a "saúde pública" pobre e abandonada e a "saúde previdenciária", bem mais abonada, mas estupidamente gastadeira de recursos, além alcance não universalizado.

Ela era figura carimbada nos anos 70 e 80. Publicou alguns livros e se destacou no combate pela democratização da saúde a partir das trincheiras da grande imprensa, que não raramente abria espaço para ele. Além disso, tinha uma personalidade marcante, muito comunicativo e extremamente irônico, sem deixar de ser didático, em suas intervenções públicas. Eu o conheci no Rio de Janeiro, quando fui fazer meu curso de especialização na Escola Nacional de Saúde Pública. Em tal ambiente, ele, ao lado de Sérgio Arouca, Eduardo Costa, Hésio Cordeiro (este na UERJ), além de outros, eram as grandes estrelas das novas propostas que surgiam à esquerda do *establishment* inampsiano e governista em geral.

Gentile pode ser citado, sem nenhum favor, como um dos intelectuais da saúde que mais contribuíram para a utopia da Reforma Sanitária e da criação do SUS, embora para fazer justiça a ele e outros, seria de bom tom perceber que o sistema que sonharam certamente era bastante diferente daquilo que a realidade nacional engendrou.

Gentile estava sempre disponível quando se tratava da cruzada sanitária reformista. Assim, resolvi convidá-lo, em meados de 1981, para fazer uma palestra em Uberlândia, não só para meus colegas e alunos da Universidade, como para o público em geral.

Eu já era meio calejado com eventos públicos na cidade, principalmente se eram de teor político (ou também crítico, como era o caso). Difícil, quase sempre, reunir um bom público. E bem no dia de Gentile falar desabou, no final da tarde, um temporal memorável. Mas ele só tinha um dia conosco e, assim, tivemos que tocar o projeto em frente. Esperando a chuva passar, consegui, com uma hora de atraso, reunir uma dúzia de abnegados e amigos.

Como o auditório reservado para o evento era o da Sociedade Médica, de localização central, achamos que o público seria maior, mas isso não aconteceu. Mas, em todo caso, tivemos a "honra" de contar com a presença do presidente da entidade. Coloco tal palavra entre aspas por motivos que logo se verá.

O tal presidente era um daqueles médicos visceralmente liberais, dono de hospital, famoso por suas intervenções desabridas e suas tiradas fora de hora. Era o que poderia ser chamado, nos termos de hoje, de um completo e acabado *sem-noção*. E ainda chegou vindo de alguma mesa de bar, coisa que seu hálito e seus gestos denotavam. Pelo que deu a perceber quando finalmente abriu a boca, tendo custado a fazê-lo por ter chegado atrasado, talvez tentando se inteirar do assunto em pauta, o presidente tinha captado só um detalhe relativo à palestra: *Gentile era do Inamps...*

E o *sem-noção* veio com tudo. Iniciou uma arenga interminável, na qual deplorava o valor das US e das GIH, os atrasos de pagamento, as glosas de contas hospitalares.

Detalhe importante: Gentile era um inimigo feroz do processo de pagamento baseado nas tais "US" e "GIH", na verdade um tipo de pagamento por serviço prestado, que já naquela época havia sido superado em todo o mundo, por se constitui em terrível fonte de corrupção, além de multiplicador artificial de despesas com saúde. Vêm daí as famosas histórias relativas a apêndices operados duas vezes, amígdalas quatro, cesarianas em homens, além de cirurgias de próstata em mulheres.

Gentile era tão visceral em sua crítica a tal sistema de pagamento, que uma brincadeira corrente na ocasião, entre seus amigos, era a de que ela havia gravado em sua secretária eletrônica a seguinte mensagem, seu verdadeiro mantra: *aqui fala Carlos Gentile de Mello; deixe seu recado e não se esqueça: pagamentos por US e GIH são fontes inesgotáveis de corrupção e desvio*!

Mas o palestrante tentava acalmar o presidente: *mas meu amigo, eu também sou contra isso tudo! Eu defendo outro estado de coisas*... E o sem-noção retrucava: *mas se o senhor é do Inamps tem que esclarecer, porque aqui nós estamos quase morrendo de fome por falta de pagamento decente...*

Para finalizar, não custa revelar que, naquele tempo, a agência do Inamps em Uberlândia tinha cerca de quinze ou dezesseis médicos auditores de contas hospitalares. Desses, apenas dois não eram donos ou sócios dos hospitais locais. Sem comentários...

Depois dessa desisti de me meter em tais aventuras.

DA MALDADE HUMANA

Eu nunca apreciei muito aquelas festas que são feitas de cinco em cinco anos para comemorar a formatura. Como todo mundo sabe, os médicos primam pelo seu cultivo, assim como pela comemoração anual do dia de São Lucas, padroeiro da profissão, em 18 de outubro. Para mim, respectivamente, trata-se de saudosismo sem substância ou mesmo de narcisismo descarado.

O tal "Dia do Médico" realmente sempre me deixou impressionado... Durante muitos anos, quando ainda tinha ativo o meu registro no CRM, nos dias dezoito de outubro recebia mensagens, postadas por médicos, comemorando... o Dia do Médico. Acho que é realmente peculiar na profissão. Giovanni Berlinguer já havia chamado atenção sobre isso em seu livro dos anos 70, "Medicina e Política". Uma estratégia de ocupação de espaços de poder, segundo ele. Seria, a meu ver, o mesmo que os cozinheiros passassem a elogiar seus quitutes, sem ouvir os comensais. Não seria, então, o caso de deixar, primeiro, os pacientes se manifestarem?

Compareci a apenas duas dessas festividades qüinqüenais: na de cinco anos, quando eu não sabia ao certo o que me aguardava e na de quinze, na qual estive por absoluta insistência de Eliane, também colega de turma.

Nesta última festa, realizada em Araxá (se aquelas termas falassem...), eu tinha pelo menos duas ou três razões sérias para faltar. Primeiro porque eu já tinha idéia do que me aguardava, sendo eu pouco afeito ao uso dos "faróis de ré" passadistas, como disse Pedro Nava. Segundo, porque eu havia recém fraturado uma costela em uma infeliz partida de futebol, na qual fui atropelado

por um verdadeiro tanque de guerra e, em tal situação, estava portador de uma verdadeira *amplexofobia*. E eu sabia que os abraços viriam aos montes, com direito àqueles tradicionais tapinhas, melhor dizendo, *murros* nas costas, habituais entre o público masculino.

Mas a terceira e mais importante razão era outra. Eu na época era Secretário Municipal de Saúde e, dentro de minhas prerrogativas (e com toda razão) havia demitido ninguém menos do que um colega de turma. E isso, para os médicos, é o horror completo, verdadeira traição à classe. Como "eles" costumam dizer *colega não entrega e nem persegue colega*. Mas o caso era bem outro. Eu não perseguira ninguém, mas sim havia demitido um inadimplente, pouco responsável, mau cumpridor de deveres profissionais e não apenas de horários, além de ser um tremendo manipulador, que o tempo todo tentava colocar a comunidade contra a administração municipal.

Sendo assim, *fire*! E eu nem precisei recorrer a comissões de inquérito ou coisa que o valha, pois nossos contratos eram temporários, anteriores à vigência das leis constitucionais que regularam a matéria do concurso público e da estabilidade. E para a rua o sujeito foi. Ou melhor, para o belo apartamento que a riquíssima família dele tinha em São Paulo. Acho que um dia ele deve até ter me agradecido por ter, quem sabe, lhe antecipado tal decisão...

E assim eu cheguei à tal festa muito ressabiado. Não sabia se o pior seriam os abraços ou as cobranças que fatalmente se despejariam sobre minha pobre cabeça. E entrei na arena como um cristão na cova dos leões.

Depois dos abraços, que me deixaram quase sem fala, algum gaiato levantou o nome do demitido, mas não para me cobrar qualquer coisa, mas apenas para indagar: *ele era gay mesmo*?

Aliviado eu respondi que sim, mas logo arrematei, antes que algum agente do politicamente correto aproveitasse a deixa: *mas não foi por isso que ele foi demitido...*

E tudo ficou por isso mesmo. Ou melhor, levantou-se, de novo, uma antiga lebre, com grande entusiasmo nas participações: *quem seriam os gays enrustidos da turma de 1971?* Assunto que, na ocasião, comemorava quase 20 anos de pulsação.

EU, QUASE POLÍTICO

Corria o ano de 1986. Eu participava da administração municipal em Uberlândia e, no horizonte, já raiavam as negociações e fofocas para a eleição daquele ano, para o Legislativo estadual e federal. Era impossível ficar fora dessas conversas. Como sempre acontece, a o grupo de Secretários do governo já estava meio rachado, entre uma facção mais pragmática e outra mais progressista (mas, por favor, não me perguntem sobre os reais significados dessas palavras, ainda mais passados tantos anos). Eu me alinhava com o segundo grupo.

Uma brincadeira da época: nosso governo se parecia com um violino – tocado pela direita, mas seguro pela esquerda...

Na verdade, o que nos movia era certa antipatia – retribuída, aliás – frente a dois líderes do PMDB na região, Luiz Alberto Rodrigues, deputado estadual e Ronan Tito, senador. Eram dois tremendos manipuladores, faziam uma política das mais rasteiras e clientelistas e quase sempre criticavam, de forma abusiva, a parte do secretariado que eles não julgavam suficientemente

alinhada com o partido. Tal era o meu caso, mas me faziam companhia mais uns três ou quatro colegas. O próprio prefeito era frequentemente cobrado por eles por não colocar "ordem na casa", ou, em outras palavras, exigir de seus assessores uma postura política "coerente" com a estratégia política dos caciques referidos acima.

O tal grupo sob suspeita, associado a alguns filiados mais independentes, achou que devia ter sua própria opção para a eleição legislativa que se avizinhava. E assim, conversa vai, conversa vem, dois nomes foram cogitados: o meu e o de Niza Luz, que respondia pela Secretaria de Ação Social. Nós fomos cogitados por razões até bem objetivas: éramos, de longe, os dois secretários da administração municipal com maior visibilidade pública e midiática. Mas daí a virar político certamente ia uma distância muito grande, pelo menos no meu caso.

As coisas foram caminhando. Niza logo declarou que não toparia, pois tinha compromissos familiares ou particulares que a impediriam. Não que não gostasse da política; ela mais tarde foi vice-prefeita de Uberlândia na chapa de nosso principal adversário da ocasião. Coisas da política – ou pelo menos do que se chama "política" no Brasil... E foi assim que, da noite para o dia, me vi candidato, embora deva confessar que sem muita convicção.

Na hora de escolher o nível da candidatura, estadual ou federal, tivemos que nos dobrar às tais lideranças. E elas haviam determinado que deveria ser estadual, pois Rodrigues já se lançara candidato a deputado federal na ocasião e não queria concorrência. Fazer o quê? Aceitar, foi a solução.

E assim eu fiquei pensando no assunto por alguns dias, sem me definir em um primeiro momento. Eliane, naturalmente, era contra. Os amigos insistiam. O prefeito, neutro. E eu, totalmente perplexo...

A situação só se resolveu quando fui procurado por um sujeito, o qual, aliás, eu nunca tinha visto, que se anunciou como liderança política do chamado "Pontal do Triângulo". Ele veio todo formal, marcou hora com minha secretária, veio em camisa de seda e deixou no ar um perfume que me nauseou por horas seguidas. Era um *anjo da anunciação,* porém com sinal trocado, depois eu percebi...

E o tal sujeitinho: *doutor, sua candidatura vem em boa hora; liderança jovem e dinâmica é o que nos falta no momento; temos que desbancar esses políticos que não largam a rapadura. Só na minha cidade posso conseguir dois mil votos certos. E nem falo dos contatos que tenho em muitas outras cidades da região. Vim aqui para anunciar meu apoio.*

Eu recebi aquilo com o pé atrás, naturalmente. Só não esperava que tal anjo se desmascarasse tão rapidamente.

- *Doutor, é o seguinte, para começar a trabalhar preciso levantar, de imediato, uma graninha, coisa pouca, mas essencial para começar. O senhor pode tirar isso do bolso sem susto, que depois será reposto pelos doadores de campanha...* O "quanto" ele não explicitou exatamente, apenas sugeriu: era bem mais do que o meu salário de secretário.

E foi assim que, mesmo antes de ser anunciada oficialmente, minha candidatura foi retirada. Para nunca mais.

A CURA DA DOENÇA DE CHAGAS

Acabei parando de clinicar por vários motivos. O principal era ideológico, pois achava de fato que poderia ser mais útil à sociedade se passasse a encarar o processo de trabalho em saúde no plano do coletivo, frente aos determinantes sociais da saúde e da doença. Mas havia outra razão, esta mais íntima e talvez pouco nobre: eu já não suportava mais a quantidade de pessoas que se apresentavam nos ambulatórios e emergências com os quadros que um dia eu apelidei de pessoas "SHAI": *somatizadoras, hipocondríacas, auto-indulgentes*. É que eu havia sido treinado, nos meus anos de faculdade e residência médica, apenas a fazer *diagnósticos* e conduzir *tratamentos*, nesta ordem. E isso me parecia cada vez mais difícil, correndo mesmo o risco de cair em uma postura clínica (e talvez também cínica) que eu recusava: *para sintomas vagos, tratamentos idem.*

Além disso, a vida de gestor público me abrira novos horizontes, nela me realizando muito mais do que na clínica. Mesmo quando eu era abordado, nas ruas da cidade, por antigos pacientes que me perguntavam quando eu iria voltar a atender. Não deixava de ficar lisonjeado, embora, sinceramente, nunca tenha deixado de achar que minha opção de abandonar a clínica foi a mais acertada.

Mas na nova vida havia também percalços. Eu agora estava exposto e não raramente recebia pancadas de todo lado. Comecei mesmo até a gostar disso, pois creio ter desenvolvido uma boa capacidade de produzir resposta "à altura" do interlocutor. Lembro-me, deliciado, por exemplo, da resposta que dei a um vereador que me inquiriu, em uma visita minha (convocada) à Câmara Municipal. Sua Excelência queria saber por que eu não trazia, de antemão, os assuntos da SMS para discutir ali, com os legisladores; se isso não seria mais democrático. E eu não deixei por menos: *Excelência, eu votei, no plebiscito de 1994, pelo regime parlamentarista. Mas infelizmente perdi...* O tal vereador balançou a cabeça contrafeito e me deixou em paz. Aliás, abandonou a inquisição poucos minutos depois. Excelências...

Como Secretário não raramente era colocado frente a problemas que estavam inteiramente além de minha capacidade ou responsabilidade legal. Neste aspecto, acho que paguei um preço caro por ter sido sempre um sujeito que não teve medo – ou foi ingênuo o bastante – em expressar suas opiniões, donde muitos acharem que eu sabia de tudo e de tudo daria conta. Acho que meu prefeito, mesmo, me via com alguém assim. E tome demandas esquisitas. Por exemplo, o caso do homem que havia descoberto a cura da Doença de Chagas.

Ele me veio encaminhado diretamente do Gabinete de Zaire, com recomendações expressas que lhe fosse dada prioridade no atendimento. Chegou meio desconfiado, só começando a interagir comigo depois que viu a porta de entrada fechada por minha secretária. E mesmo assim me pediu para fechar a janela que havia atrás de minha mesa, segundo ele, *porque o assunto que lhe trazia até ali era muito sério e envolvia muitos interesses*.

E então, em voz baixa, meio que se aproximando de mim, começou a falar. Disse que tinha, finalmente, depois de muitos estudos e pesquisas, descoberto a fórmula de um medicamento potente, capaz de curar completamente a terrível Doença de Chagas. E me falou de dezenas de pacientes que já haviam recebido o mesmo, com sucesso comprovado. E me citou o medico que com ele trabalhava, um cardiologista da cidade, que poderia atestar todas aquelas curas, tendo se tornado um grande entusiasta do revolucionário fármaco.

Neste ponto, meu *pé atrás* recuou ainda mais. Eu conhecia a história real de tal médico, figura controversa, havido na cidade como um picareta de marca, muitos duvidando até da veracidade

de seus títulos profissionais e científicos. Mas deixei o homem prosseguir, perguntando-lhe em que a Prefeitura poderia ajudar em tão meritória empreitada.

Foi o sinal que ele esperava. Abriu finalmente a pastinha de plástico que trazia, agarrada, debaixo do braço e se entusiasmou. E me mostrou não fórmulas farmacológicas, mas cifras e mais cifras, relativas à compra de equipamentos, construção de instalações, remuneração de pessoal. A idéia era fazer uma ampla "campanha" para acabar de vez com a Doença de Chagas na cidade, quiçá na região, onde ela era fortemente endêmica.

Sugeri que deixasse os papéis comigo, para analisá-los mais aprofundadamente, mas ele não permitiu, alegando que ali estavam coisas muito estratégicas e que, além do mais, ele só tinha aquelas cópias.

Para ganhar tempo, perguntei-lhe sobre como tinha chegado àquela fórmula. Neste momento, o homenzinho, depois de breve relutância, voltou à janela, para confirmar se estava fechada de fato. Aproveitando que já estava de pé, aproximou-se ainda mais de mim, quase me sussurrando ao ouvido: *ela foi passada a mim por um extraterrestre*!

Quando? Como? – aí eu fiquei realmente interessado em ver até onde ia a viagem daquele sujeito.

- *Doutor, desculpe, eu já lhe disse muito; isso não poderei revelar!*

Se um dia descobrirem a cura da Doença de Chagas e provarem que ela realmente veio do espaço sideral, darei, mais do que minha mão à palmatória, minha cabeça à guilhotina da história...

COMO DEIXAR DE SER HOMENAGEADO PELOS ALUNOS

Na minha vida de professor de medicina creio que tive um momento áureo, que se deu entre a minha chegada à Faculdade de Medicina de Uberlândia (então *Escola de Medicina e Cirurgia*) e um momento seguinte, cerca de cinco anos depois. Eu era jovem, esbelto, bigodudo, com cabelos lisos e de fios longos a me descer sobre a nuca, andava de moto. Bonitão, diziam... Mas na verdade o segredo de meu sucesso era outro: eu viera preencher um vazio. Até então a faculdade não havia ministrado a disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias, e eu, concursado para tal área na UFMG, chegara ali para dar o recado. E foi assim, parece, que acabei obtendo muito sucesso.

Além disso, logo me envolvi com o atendimento, não só no pronto socorro como nos ambulatórios, além de acompanhar pacientes na enfermaria. De repente eu estava presente em vários cenários de ensino e assistência. É bem verdade que eu não era o único fazê-lo, mas de alguma forma era contemplado pela aura de ser novidade naquele ambiente. Fui lembrado até mesmo para ser diretor da faculdade, no final do segundo ano que lá cheguei. Daí me surgiu uma frase que tem me ajudado muito na vida, particularmente em reuniões de condomínio: *muito cuidado ao praticar ou mesmo divulgar idéias inovadoras ou sensatas; as pessoas podem imaginar que você quer ser diretor ou síndico*...

Assim, não chegou a ser surpresa para mim quando, no final do ano seguinte, a primeira turma que havia tido aulas comigo, me escolheu como um de seus homenageados. E assim aconteceu por quatro anos seguidos. Eu me sentia mesmo o queridinho geral...

Mas como bem se sabe, o que é bom não dura muito. Foi o que me aconteceu, ajudado que fui pela inquietação existencial que me acompanha pela vida a fora. Explico. Depois de quatro anos repetindo os conteúdos de clínica das doenças infecciosas, sempre dentro de um esquema clássico, que incluía *etiologia, patogenia, diagnóstico clínico, terapêutica*, resolvi promover uma virada em tal disco, já meio gasto e rachado. Além do mais, o território das DIP estava bastante revirado agora, com o advento da AIDS, de forma que a antiga "medicina tropical", de forte inclinação pela determinação geográfica das doenças, estava se vendo complicada por novas idéias de determinação social e cultural.

E foi assim que comecei a conversar com meu colega e amigo Melicégenes Ribeiro Ambrósio, grande figura, que era o responsável pela disciplina de Medicina Preventiva, cujo território, aliás, também se via perturbado por ventos de mudança. *Que tal se criássemos uma nova disciplina, que integrasse prevenção e cura*? – foi o que propus a ele. Ele relutou um pouco, mais acabou aceitando, talvez mais por confiar em mim do que propriamente por achar a ideia totalmente viável. E assim foi; já no primeiro semestre de 1980 estávamos ministrando aulas em parceria, ora eu, ora ele (todo o conteúdo era apenas teórico na ocasião).

O resultado disso, em termos didáticos eu não sei. Certamente foi uma coisa inédita, pois o comum na ocasião era cada disciplina, com seu professor, ocupar um cercadinho, sem maior comunicação, nem para os lados, nem para trás e muito menos para a frente, na grade curricular. Mas certo desfecho me pareceu cabal e definitivo: eu nunca mais fui homenageado pelos alunos...

Anos depois, já na Universidade de Brasília, cansado de ser um professor tão invisível e pouco reconhecido, resolvi desabafar, produzindo a seguinte *fábula moderna com sabor antigo. Phantasilia e Belgladesh*, foi o nome que dei a tal brincadeira, logo se verá por quê.

***

<< Era uma vez um Reino, muito distante daqui no tempo e no espaço, chamado Phantasilia. Seu rei, Eu-ricus, muito poderoso e dono de muitas posses, tinha um único filho, Patricius, cujo sonho era estudar a Arte de Curar. Toda a família era impressionada com a destreza com que Patricius esfolava e depenava pássaros, retirando com perícia, de seus corpinhos ainda cálidos, os corações pulsantes. Todos queriam que o principezinho seguisse a carreira de *Perscrutador*, que era o nome que se dava aos praticantes da Arte de Curar e todos tinham certeza que ele se dedicaria ao estudo das cavidades esquerdas do coração, que era um ramo importantíssimo da perscrutatória da época. Naquele tempo, grassavam muitas doenças destas cavidades, tanto é que várias pessoas da família de Eu-Ricus e de sua mulher haviam adoecido e mesmo morrido em conseqüência das mesmas. Patricius era muito curioso a respeito de doenças e doentes e descobrira que as tarefas de *Perscrutador* lhe cairiam como uma luva e haveriam de lhe granjear grande prestígio e muito dinheiro, pois não só pessoas de sua família como muitas outras, ligadas a ela por laços de sangue e de nobreza, padeciam das tais doenças cardio-sinistras.

Quanto ao acometimento das demais cavidades do órgão, ou mesmo do corpo, bem como de outras camadas da população, Patricius pouco ou nada sabia, pois todo o seu pensamento, até então, fora dedicado a se imaginar um *Perscrutador* notável, um *cardio-sinistrólogo*, como outros que ele conhecera nos saraus da corte, todos muito queridos e muito abonados.

Assim foi que o príncipe chegou à idade de freqüentar a Academia da Arte de Curar e foi encaminhado por seu pai a uma notável instituição de seu tempo, conhecido como HUBrius, onde a maioria das famílias nobres punha seus filhos a aprender a Arte. É bem verdade, que já àquele momento, um Rei vizinho, por nome Jofranus, resolvera criar sua própria Academia, com a justificativa de que no Hubrius não se ensinava corretamente a Arte e de que era preciso dar oportunidade a muitos no aprendizado da mesma. Apesar disso, Eu-ricus, apegado à tradição como um Rei que se preze, mandou Patricius para o Hubrius, recomendando que ele dedicasse o melhor de seus esforços ao aprendizado da Arte, o que, afinal de contas, era um destino traçado para ele desde a infância. Além do mais, não tinha cabimento que todos aqueles passarinhos inocentes tivessem sido sacrificados em vão... Patricius, justiça seja feita, saiu-se muito bem no Hubrius, tendo sido até escolhido por seus pares para fazer a tradicional *Homenagem aos Pais*, durante o rito de passagem final da Academia.

É certo que ao findar seus estudos, Patricius se envolvera em uma polêmica desgastante com Epidemonis, um velho lente da Faculdade que cismara de mudar a tradicional e bem posta ordem das coisas, ao dizer que os alunos deviam também cuidar das pessoas pobres, estudar outras matérias além daqueles que tratavam do corpo e dos elementos físicos, além de praticar em ambientes diferentes das tradicionais *salas perscrutatórias*. Patricius, galhardamente, liderou a reação contra tais medidas estapafúrdias, argumentando muito apropriadamente que ele e seus colegas não tinham vindo à Academia, e com tantos sacrifícios, para praticar algo que não fazia parte de nenhuma tradição conhecida a não ser, claro, que tudo não passasse de uma invenção diabólica do notório Epidemonis, um sujeito que, além do mais, era conhecido no Hubrius e fora dele como portador de pensamentos fora de linha, donde sua alcunha jocosa de *Epidemonius*.

Superado e esquecido este episódio desagradável, que quase empana o brilho do grande festival que Eu-ricus promovera para homenagear seu filho, agora iniciado na Arte, Patricius resolveu seguir o caminho de todos os filhos das boas famílias da época: procurar o Reino de *Terra Mater*, para se aprofundar na Perscrutatória das Cavidades Sinistras do Coração. E assim veio a conseguir, graças a um Arquiduque que devia favores a seu pai, uma vaga no Incorus, que era o nome do Templo onde melhor se praticava tal mister. Longa é a Arte, curta é a Vida...

Passados cinco invernos, Patricius finalmente cumpriu o rito final da Arte de Curar e recebeu a prebenda de *Perscrutador Hermenêutico e Douto*, ou «PHD», como singelamente se dizia então em *Terra Mater*. Como os anos passados em tais estudos profundos o haviam deixado muito esgotado do espírito e dos nervos, Patricius, com licença de seu pai, pôs-se a correr o Mundo, para conhecer outros Reinos e travar contato com perscrutadores de outras Academias, no que foi muito bem-sucedido, tendo feito inúmeras amizades e mesmo sido convidado a colaborar em diversos alfarrábios que então se editavam aqui e ali sobre o tema das preocupações de nosso herói: os distúrbios das cavidades sinistras, etc.

Chegara entretanto, e finalmente, a hora de retornar a sua velha Phantasilia. Ah pobre Patricius! Quando ele vagava feliz e inocente pelos reinos da Disnélia e da Epcótia, jamais poderia imaginar que tudo mudara em seu país e que o mundo que ele conhecera simplesmente desabara! Para dizer pouco: a Monarquia fora derrubada e seu pai obrigado a se exilar em um Reino vizinho, a Penúmbria, sob a guarda de seu monarca e amigo Ignotus II. Os bens da família tinham sido confiscados, seu poder extinto. Aliás, o próprio nome de seu país natal fora mudado, era agora *Belgladesh*. O Hubrius entrara em decadência e Jofranus, em seu Reino à oeste, não cabia em si de contente com o sucesso de sua nova Academia, da qual agora emergiam chusmas de novos perscrutadores cavitários.

Assim foi que Patricius encarou firmemente a realidade e foi abrir sua *Sala Perscrutatória* em um bom local, próximo às antigas residências da nobreza. Mas, qual! A nobreza se dispersara e os poucos que ficaram não tinham dinheiro. Alguns até mesmo descobriram que nem doentes eram de verdade, mas que haviam sido enganados por certo *Perscrutador* de nome Iatrogenicus que andara pelo Reino, por coincidência num tempo em que os diagnósticos brotavam como cogumelos à sombra. Passados dois anos de sofrimento, o belo pergaminho que certificava sua passagem pelo Incorus esquecido em uma parede (e depois em um fundo de gaveta), Patricius teve que abrir mão de toda sua expectativa e de toda sua ilusão, cultivadas nos anos do Incorus e nos reinos estrangeiros...

Vai então nosso herói, envergonhado, à procura de um reles emprego*,* mediante soldo, para praticar a Arte. E aí então, horror dos horrores, dá com os costados em um lugar onde os doentes eram doentes não só das cavidades do coração, mas também de outras partes do corpo e até mesmo da alma, além do mais sendo pobres, muito pobres – pobres de doer! As salas perscrutatórias e a vasta equipagem de um *Perscrutador* nada valiam naquela situação – e era assim em toda Belgladesh, ex-Phantasilia. Foi então que Patricius lembrou-se de seu antigo desafeto Epidemonis, dito *Epidemonius:* quem sabe ele não tivesse razão? Mas aí, então, já era tarde, muito tarde...>>

***

A história que criei foi essa. Talvez um pouco sarcástica, reconheço, mas bem fundamentada nas minhas vivências de professor, particularmente nos últimos anos, quando me dedicava inteiramente ao que então se denominava *saúde coletiva* e depois *medicina social*. Alguns esclarecimentos talvez caibam, pela datação do texto no final dos anos 90, embora ele pretenda ser auto-explicativo. *Jofranus*, diz respeito a Jofran Frejat, ex-Secretário de Saúde do DF, responsável pela criação – bem-sucedida, aliás – no início dos anos dois mil – de uma nova faculdade de medicina na cidade. *Hubrius* é uma brincadeira com a sigla HUB – Hospital Universitário de Brasília. O título da crônica deriva de uma piada da década anterior, de autoria, se não me engano do economista Edmar Bacha, que falava do Brasil como uma Belíndia – ou seja, uma mistura insólita de Bélgica com Índia. *Epidemonius* representa minha homenagem aos endiabrados, persistentes e, acima de tudo, heróicos professores de medicina preventiva, social, coletiva, seja lá qual for o nome que se atribua a esta área de conhecimento, da qual eu, honrosamente, fiz parte.

CENAS DA VIDA DE PROFESSOR

Comentário adicional a esta história de *Phantasylia e Belgladesh*, para me redimir de alguma acusação de intolerância ou amargura com a carreira de professor. Anos depois de aposentado da UnB tive que me submeter a uma cirurgia de ombro, no *Hubrius*. Eu já estava na mesa cirúrgica quando um mascarado – o anestesista – se aproximou de mim e me disse, olhos nos olhos: *professor, nunca é tarde; eu queria lhe pedir desculpas por termos, eu e minha turma, valorizado tão pouco aquelas informações que você nos trazia. Só depois vimos como aquilo tudo era tão importante*. Eu apenas pedi a ele que tirasse a máscara, para que eu o reconhecesse e lhe disse, entre honrado e emocionado: *não faz mal, estão perdoados*. E por dentro, como Cristo: *vocês não tinham mesmo nenhuma ideia do que faziam*...

Mas devo dizer que se a minha careira docente não foi completa, dada a interrupção que sofreu entre 1989 e 1995, intervalo em que fui fazer mestrado na Fiocruz e em seguida assumir um

posto no Ministério da Saúde, para em seguida ser transferido para a UnB. Penso assim que tive, com os devidos descontos, uma carreira docente ao menos precoce e até relativamente longa, durando, no total, quase três décadas. Assim, estive presente em salas de aula entre 1969 e 1973, no colégio Arnaldo e curso Chamapgnat, em BH e também na Faculdade de Medicina da UFMG, e depois, entre 1975 e 1988, na UFU e entre 1995 e 2003, na UnB, marcando ponto efetivo nos famosos ambientes de *cuspe e giz* – as tecnologias educacionais só vieram depois.

Fui feliz e infeliz, misturadamente. Faria tudo outra vez...

Como professor, uma das manias que tive, e que agora confesso, era a de fazer as coisas de forma diferente a cada momento. Assim, quando se trata de ir e vir, por exemplo, quase sempre me recuso a usar o mesmo caminho duas vezes para alcançar o mesmo objetivo. Mesmo no roteiro do trabalho à minha residência, a não ser que não existam outras possibilidades, embora às vezes tenha que testar isso de forma exaustiva.

Assim, como professor, sempre gostei de *inovar*. Peço licença para usar aqui este verbo tão querido nos dias atuais: *inovar*. Podem chamar de *criar novidades*, também. Não que eu ache que isso seja uma qualidade minha. Pode ser um defeito, coisa de quem se sente entediado quando faz as coisas sempre do mesmo jeito, mesmo que tal jeito demonstre ser correto. Devo dizer, também, que talvez muito do que eu chame *inovação* seja apenas maneira de fazer algo diferente do que os *outros* costumam fazer, já que em muitos campos, nas universidades inclusive, provocar ou aceitar as mudanças não chega a ser um comportamento habitual.

Entre as minhas *inovações* pedagógicas tenho que admitir que colecionei alguns fracassos, embora alguns frutos positivos, também.

Assim, por exemplo, nos meus últimos tempos de professor da Universidade de Brasília, início do século XXI, coincidindo com a recente expansão das comunicações pela internet, ainda sob a égide do velho e bom *e-mail*, resolvi organizar uma lista de discussão com os alunos, tendo como temas alguns dos conteúdos da disciplina que ministrava. Fiz isso de maneira mais pontual, na chamada Introdução às Práticas de Saúde (IPS), no primeiro período e de forma mais abrangente na de Administração de Serviços de Saúde (ADM), no oitavo. A receptividade até que foi boa, no início, mas logo tive que ouvir coisas do tipo “este professor ao invés de dar aula fica nos enrolando na internet”. Mas olha que eram apenas discussões em paralelo às aulas formais, ou seja, dava um trabalho dos diabos, em dobro, inclusive! Um dia começaram a postar as graçolas comuns na web, chegando mesmo a fazer circular no grupo a foto de uma privada devidamente “carregada”. Chamei a atenção dos responsáveis e resolvi reduzir a iniciativa, reservando-a para alunos mais maduros e responsáveis, coisa de que a UnB e, particularmente, o curso de medicina, era carente.

Programei, também, algumas visitas a instituições de saúde, a serem feitas por grupos de alunos, que depois apresentariam em classe um relatório de suas impressões. Funcionou relativamente bem, mas do ponto de vista dos anfitriões as furadas foram constantes, sendo os alunos vistos como verdadeiro estorvo. Fato curioso foi o relatório de um grupo que visitou a OPAS, escritório regional para as Américas da Organização Mundial de Saúde, situado no Setor Embaixadas Norte, em Brasília. Ali eles foram bem recebidos, mas se revelaram muito críticos com o que viram, ao considerarem que em instalações daquela magnitude e luxo era inconcebível que ali também não se atendessem pacientes, relegados às péssimas estruturas da rede hospitalar do DF. É mole?

Uma vez resolvi incluir em um debate com a turma de Enfermagem um tópico sobre a influência da religiosidade ou da espiritualidade na saúde. Quase desencadeei na Faculdade de Saúde uma reedição de Belfast ou Jerusalem, com as militantes de uma corrente, as chamadas evangélicas, que parecem ser especialmente numerosas e ativas no curso de enfermagem, a se digladiarem com as papistas, minoritárias, porém aguerridas... Melhor não insistir nisso, foi a conclusão a que cheguei.

De outra feita, resolvi criar uma disciplina opcional com matrícula aberta para todos os cursos da UnB, mesmo fora da área da saúde. O horário de aulas era inovador, este sim, entre dezoito e vinte horas, para que a participação fosse ampla. *Saúde no Brasil* era o nome da matéria e ali eu discutia a história e os rumos da construção do SUS, utilizando como material de aulas, muitas vezes, notícias de jornal e comentários afins. Eu mesmo me surpreendi com o número de matrículas, mais de cem, tendo sido obrigado mesmo a mudar da sala convencional prevista, passando as aulas para o grande auditório da Faculdade de Saúde. Havia alunos de Geografia, Jornalismo, Agronomia, Sociologia e por aí vai, além de alguns da própria área de saúde. Do curso de medicina, literalmente ninguém... A platéia muito numerosa, embora bem interessada, não facilitava o desenvolvimento de discussões, mas mesmo assim acho que foi um acontecimento marcante para muitos alunos. E com certeza para a minha vida de professor entediado...

Anos antes, no curso de medicina da Universidade Federal de Uberlândia, resolvi implantar uma novidade na disciplina que lecionava junto com Melicégenes Ambrósio, a tal da Profilaxia e Clínica das Doenças Transmissíveis. Naquele tempo, eu era apenas um iniciante na arte de inovar. Determinei então, como trabalho a ser apresentado mais tarde em classe, que grupos de alunos realizassem entrevistas com médicos locais que tivessem mais de 40 anos de formados. Hoje eu tenho 45 anos de formatura, mas na época essas quatro décadas me pareciam uma eternidade, digna de um Matusalém. Com a ajuda de alguns amigos e professores da faculdade localizei logo um punhado destes anciãos e assim os alunos foram a campo. O objetivo era indagar desses personagens como eles percebiam as mudanças na vida social e nas tecnologias médicas, bem como os modos de reconhecimento social da prática médica, ao longo de seus anos de profissão. Melhor intenção, impossível.

Os jovens foram bem recebidos, de maneira geral, e muitas informações interessantes foram colhidas, embora houvesse aqueles entrevistados que se revelaram incapazes de se lembrar de muita coisa. Mas mesmo assim, como momento de interação entre gerações, considerei a atividade perfeitamente válida. Até aí tudo bem.

Um problema veio à tona, porém, com determinada entrevista, com um médico de noventa anos ou mais, sessenta anos de prática médica, um dos fundadores da faculdade e *persona* sumamente *grata* na cidade. Não citarei seu nome pelos motivos que se verá adiante. O entrevistado era, aparentemente, um homem ainda muito lúcido e recebeu os alunos com fidalguia, capturando de saída a atenção e a simpatia destes. A entrevista parece que durou a tarde inteira, pois o homem tinha muito o que dizer e não queria parar de falar. Não foram necessárias mais do que uma ou duas perguntas e o resto ocorreu espontaneamente. Alunos extasiados ao final, de tal forma que o relato deste grupo não só foi o mais abrangente como o mais bem avaliado pelos colegas, que logo entraram no clima de simpatia ao entrevistado.

Mas o conteúdo daquilo... Pelo amor de Deus! O homem era um conservador e passadista feito e acabado. Para ele os bons tempos foram apenas os que já tinham passado. No mundo atual nada mais prestava. Os médicos agiam agora como “porcos fuçadores”, ou algo assim, nas

palavras dele. A busca de lucro na medicina tinha transformado a profissão em verdadeira "pocilga". E por aí se caminhou.

O pior é que a turma gostou... E ao invés de fazer qualquer análise crítica ou comparativa de conteúdo, embora eu tentasse o tempo todo conduzir a discussão para tanto, o que ouvi da maioria dos alunos foram palavras de louvor e total sintonia com as idéias extravagantes do octogenário. E parecia, ao fim e ao cabo, que apenas confirmavam impressões que traziam da vida em família e em sociedade.

Talvez tenham me faltado, reconheço, mais sensibilidade e senso de humor para conduzir os trabalhos, pode ser. Mas aprendi, desde então, que às vezes nada é mais conservador do que a juventude...

MINHA CHEGADA À UNB

Na mudança de governo de 2005, com a chegada de FHC à presidência da República, a equipe da qual eu fazia parte no Ministério da Saúde foi desfeita. Ia dizer *desmantelada*, mas acho que, justiça seja feita, o que ocorreu foi normal, pois afinal não éramos, a maioria dos que estavam lá em posição de direção e assessoramento superior, funcionários de carreira do Ministério. É bem verdade que, para os que entraram a situação era mais ou menos a mesma, *um seis trocado por meia dúzia*, como diz o velho adágio.

Ao contrário da troca de governo anterior, de Collor para Itamar, na qual eu fiz gestões para ficar, desta vez me dei conta que era hora de me mandar. Lembrei-me, então, de um verso que segundo minha mãe, sua babá na infância, ainda filha de escravos, cantava para ela: *que passarim amoroso / frutejo acabou / passarim tá teimoso...*

Meu pomar havia secado e eu queria procurar frutos de outros sabores, sem teimosia nenhuma. E assim me aproximei daquele que seria meu destino normal e previsível, por pertencer à carreira universitária: a Universidade de Brasília. Até então eu quase não conhecia ninguém lá, salvo uma ou duas pessoas que eram professores de um aperfeiçoamento em Medicina Tropical que eu havia cursado quase vinte anos antes. Mas tinha da UnB uma imagem muito poderosa, que vinha do momento que a conheci em 1976, ainda marcada pela ditadura, mas muito expressiva em termos da lindeza que era aquele campus, no qual pelo menos um resquício do sonho de Darcy e Anísio talvez ainda sobrevivesse.

Meu primeiro contato na UnB, nos anos 90, foi com Mourad Ibrahim Belaciano, professor na Faculdade de Saúde, da qual veio a se tornar diretor mais tarde. E ele comprou meu passe, defendendo minha transferência da UFU com grande garra. No começo, contei com a simpatia de Vanize Macedo, minha antiga professora na Medicina Tropical, mas a adesão dela à minha causa se desfez quando ela foi informada que eu já era titular na UFU – e para ela eu só poderia vir se permitisse um rebaixamento de minha qualificação, coisa que nem eu nem Mourad aceitamos.

Aqui cabe uma explicação. Tal titularidade nunca me havia deixado à vontade, pois foi fruto de um casuísmo corporativo, pelo qual eu não lutei, diga-se de passagem. Assim, alguns docentes da UFU, que tinham pontuação alta na carreira, por força de tempo de serviço e pioneirismo, como era o meu caso, na época da federalização daquela Universidade foram automaticamente reclassificados de acordo com a nomenclatura das já existentes universidades federais. E assim

virei *titular.* E a egrégia professora queria que eu abrisse mão disso – e dos vencimentos correspondentes – o que não achei definitivamente uma coisa justa.

Vanize nunca me deu atenção, pois talvez tenha se sentido derrotada com a decisão que Mourad conseguiu arrancar de um dos conselhos da UnB, favorável à minha transferência. Independente disso, manteve em sua sala uma foto em que eu estava presente ao lado dela, junto aos colegas da turma de aperfeiçoamento de Medicina Tropical, em 1976. Talvez tal detalhe lhe tenha escapado.

Minha transferência, concretizada no início de 1995, teve para mim um sabor especial, não o de ter derrotado alguém, mas de ter possibilitado, mediante troca de vaga, um concurso na UFU, no qual foi aprovada uma pessoa que sempre admirei muito, Lindioneza Adriano Ribeiro, também objeto de um relato meu nestas memórias (*Bons Alunos*, in *Personae*).

Voltemos a Mourad. Devo a ele minha vinda para a UnB, mas também devo dizer que ele é uma pessoa de temperamento complexo e difícil. Judeu libanês, isso talvez explique seu comportamento messiânico, pretensamente à frente de seu tempo, totalmente independente do juízo que dele alguém possa fazer. Um tipo para o qual não há adversários, mas sim inimigos. E por estarmos em campos opostos, alguns anos depois, quando o curso de medicina se emancipou da Faculdade de Ciências da Saúde, ele rompeu comigo e, passados mais de 15 anos, nunca mais nos falamos. Eu lamentei e continuo lamentando, sem deixar de admitir que Mourad é uma pessoa importante e, em que pese suas bizarrices, tem liderança verdadeira no ambiente universitário. A criação do curso de medicina na SES-DF (Escola Superior de Ciências da Saúde), que veio quebrar a cômoda hegemonia da UnB neste aspecto, é obra quase cem por cento dele, sem tirar o mérito de outro messiânico de origem libanesa que comandava a saúde no DF à época: Jofran Frejat, o Jofranus de minha fábula. Fizeram uma boa dupla, tal árabe e tal judeu.

Não encontrei, na UnB, circuitos permeáveis para minhas preocupações a respeito da renovação das práticas de saúde, coisa que se transformou em uma espécie de mantra para mim, depois da minha gestão da saúde em Uberlândia, além dos quatro anos passados no Ministério da Saúde. A área de saúde da universidade, embora tivesse uma tradição de ação comunitária estabelecida na década de 70, com um projeto desenvolvido em Sobradinho e Planaltina, havia se concentrado basicamente na assistência via Hospital Universitário, aliás localizado em uma área central de Brasília, a L2 Norte.

Havia também, coordenado por Mourad, um projeto de extensão financiado pela Fundação Kellog (o chamado Prouni), mas que já encontrava em declínio, vitimado pela tradicional crise de sustentabilidade que costuma acometer as propostas que, por dependerem de muitos apoiadores, acabam por não contar com nenhum. Além do mais, todos os lócus do projeto já se encontravam ocupados por gente que ali estava desde seu início, todos muito ciosos e auto-suficientes em suas tarefas. Logo percebi que minha participação no Prouni era realmente dispensável, naquele momento.

Como fator de alento, entretanto, me aproximei de uma experiência de Saúde da Família, o *Programa Saúde em Casa (PSC)*, que estava sendo implantada pela SES de Brasília, como parte do programa de Governo de Cristovam Buarque. Passei a levar alunos, tanto do primeiro como do sexto ano, para acompanhar equipes do programa, o que creio ter sido útil para a formação deles, embora alguns tenham reagido fortemente contra tal ideia. Eu e os outros docentes envolvidos nos prontificamos também a colaborar com o PSC e, para tanto, fizemos algumas interlocuções com a SES e preparamos alguns documentos, contendo análises e sugestões. Devo

dizer, contudo, que certa auto-suficiência dos burocratas no governo, aliada à dificuldade em receber críticas, acabaram nos afastando do programa.

Mais tarde, graças a um entendimento pessoal com meu amigo Vitor Machado, personagem na seção *Personae* (*Amigos que a vida me deu*), foi possível levar os alunos do último ano a fazerem parte de seu internato em Ceres, Goiás, sob a supervisão de Vitor e outras pessoas igualmente generosas. Considero essas duas iniciativas altamente proveitosas e penso que foram as únicas coisas de alguma importância que consegui realizar na Universidade de Brasília, da qual não guardo mágoas, só distância.

Em 2003 me despedi de vez da UnB, que me trouxe dores e delícias, misturadamente. Fui para Uberlândia ser, de novo, secretário de saúde. As dores que ali experimentei superaram, e muito, as que a universidade me proporcionou. Mas em compensação, em Uberlândia nasceu Flavinho, rapa de meu tacho, alegria de minha velhice. Assim é a vida, não precisa de mais.

Mas o fato é que, na UnB o sonho de Darci Ribeiro estava se derretendo, pelo menos em minha área. Já tinha tempo de aposentadoria e resolvi executá-la. Minha diretora na Faculdade de Medicina, na época, Tânia Rosa, ficou sabendo e me chamou: *professor, por que se aposentar logo agora, temos tantas coisas para fazer aqui*! Admito que lhe ofereci resposta evasiva e talvez descortês: *quero trabalhar em lugar onde tenha papel higiênico nos banheiros e menos greves*. Mas isso era um bom resumo para a ópera...

Preparei, então, minha saída da UnB. Por sorte eu já tinha a nova proposta de voltar para Uberlândia – mas isso é assunto para outro momento. Minha decisão foi pouco divulgada. Mas, para surpresa minha, em uma aula da disciplina Administração de Serviços de Saúde, que eu conduzia com ânimo desproporcional à acolhida dos estudantes e que seria a última de minha estadia na UnB, fui abordado por um aluno, frente a toda classe, no final da aula. Confesso que isso me deixou um pouco preocupado, porque este aluno tinha sido meu monitor e fora afastado por mim devido a sua inadimplência com as obrigações e tarefas que lhe eram atribuídas. *Lá vem chumbo*, pensei, porque isso era regra nas relações acadêmicas de então, principalmente na Medicina, com seus legítimos representantes da elite econômica, política e militar de Brasília. Mas qual, é preciso realmente ter a mente aberta! Getúlio Morato, o nome do moço, queria me fazer uma homenagem pelo meu esforço e dedicação e, principalmente, pedir desculpas pela incompreensão com que disciplinas da área de Medicina Social eram tratadas pelos alunos. E pediu para mim uma salva de palmas, a única que recebi nos 30 anos de carreira docente. Abracei-o, agradeci e segui em frente. Uberlândia me esperava, de novo.

FEITIÇO X FEITICEIRO

Entre 1981 e 1982 o piauiense Francelino Pereira era o governador de Minas Gerais e as coisas iam de mal a pior na saúde, pelas influências políticas igualmente poderosas e clientelistas, capitaneadas pelo partido do governador – ex Arena e agora PDS – que o mesmo havia designado modestamente como “o maior partido do Ocidente”. Em Uberlândia, certa calmaria política consentida no governo anterior, de Aureliano Chaves, ainda manteve os agentes partidários locais sob controle, mas com o desembarque do piauiense no Palácio da Liberdade, em 1979, as coisas mudaram para pior. Afinal a ditadura, apoiada por tais líderes estaduais começava a mostrar marcas de esgotamento.

Eu trabalhava como supervisor técnico na Diretoria Regional de Saúde de Uberlândia. João Pedro Gustin e Homero Santos eram as duas grandes lideranças locais do PDS. Não que eles não

interferissem na instituição – certamente o faziam– mas seus contatos eram realizados diretamente com o nosso Diretor, Evandro Souza, indicado e mesmo aparentado com um deles, muito mais do que com os mortais comuns, como nós técnicos. Mas a mudança de governo alterou a rotina. Agora simplesmente tínhamos dois cabos eleitorais de Homero e Gustin nomeados, com direito a cargo de direção, para trabalhar ao nosso lado, cotidianamente. O pior (ou o melhor...) é que eram sujeitos simpáticos, que nunca negaram o que os trazia ali e que cumpririam isso com afinco. De cara foram declinando sua intenção de não interferir nas questões técnicas, promessa que não foi cumprida totalmente.

Além deles, foi nomeado também um novo diretor, um médico da cidade, meu ex-aluno na Escola de Medicina, que vinha ficando famoso por suas peripécias à frente de uma clínica de emagrecimento na qual eram vendidas e aplicadas, mediante internação, verdadeiras bombas farmacológicas, fabricadas ali mesmo, em um cômodo no quintal da casa que servia de sede para o empreendimento. E tal sujeito, com quatro ou cinco anos de formado, já era dono de um vistoso Mercedes Benz.

A Diretoria Regional ficou movimentada na época, superando certa modorra que ali imperava até então. Os referidos cabos eleitorais, ocupando agora salas nobres no prédio, tinham filas em suas portas durante todo dia, geralmente formadas por seus assemelhados e correspondentes das cidades da região, por presidentes de diretórios e mesmo vereadores e prefeitos municipais. Conversas longas, muito cafezinho, muita risada e alguns bate-papos com portas fechadas eram a regra nesses colóquios. No final quase sempre era liberada uma caixa com medicamentos ou algum equipamento, sempre em doses homeopáticas, contudo. A regra maquiaveliana era praticada por eles com rigor: *faça o bem devagar...*

Assim começou a ser quebrada a promessa de não interferência nas questões técnicas. Mas sempre com muita simpatia por parte dos encarregados *homero-gustinianos*. Anos depois descobri uma frase, atribuída aos colonizadores ingleses, que bem descreve a atuação daqueles dois pelintras, com seus tapinhas nas costas e seus sorrisos cúmplices: *do it, but do it nicely...*

Já o Diretor, este se esfalfava... De vereador e prefeito para cima ele fazia questão de receber em seu gabinete, refrigerado até quase que estalactites de gelo pendessem do teto. Fora isso, era chamado em sua clínica-bomba pelo menos três ou quatro vezes ao dia, por alguma "urgência" (e era provável que fosse mesmo...), permanecendo por lá por uma ou duas horas em cada chamada. Nos intervalos, atendia a uma permanente fila de senhoritas em trajes, digamos, tentadores, que deviam morrer de frio naquela sala refrigerada. Às vezes saiam de lá com ele para uma volta de Mercedes, talvez para pegar um calorzinho, que afinal ninguém é de ferro.

Aquilo tudo, para boa parte de nós, da equipe técnica, dava embrulhos no estômago. Outros somente achavam graça, pois afinal a DRS, antes tão pacata, agora era um torvelinho divertido e movimentado. Uma parte nem ligava, talvez repetindo intimamente o famoso mantra de que *político(a) é assim mesmo.*

Foi assim que eu achei que poderia fazer alguma coisa. O que me ocorreu foi procurar um ex-professor meu da UFMG, que agora tinha um cargo adjunto, muito próximo ao Secretário de Saúde da época. Meu antigo mestre parecia poderoso, sem dúvida; quem sabe nos ajudaria e dar um basta naquilo?

A execução do plano se deu em rápido passo seguinte. Imbuído, então, das intenções mais cívicas possíveis, peguei um ônibus da Viação Gontijo em Uberlândia e rumei para BH. Eu tinha

alguns assuntos a tratar na Secretaria de Estado e não me foi difícil marcar uma conversa com o meu antigo mestre, que me recebeu muito bem e apenas me pediu paciência, pois estava aguardando um telefonema muito importante, pelo que tivesse, talvez, que interromper nossa conversa por alguns minutos, não mais. Pegamos então aquele papo básico, ele querendo saber onde estava e o que fazia etc.

Eu, percebendo que meu interlocutor, embora amistoso, demonstrava alguma pressa, resolvi iniciar logo o relato que trazia. Falei dos abusos que presenciava, das interferências nas decisões técnicas, principalmente no suprimento irregular de material, na ronda interminável de agentes partidários, na bizarrice da atuação do diretor...

De repente o telefone tocou, ele me fez um sinal com as mãos e atendeu. A conversa parecia ser sigilosa, já que respondia que "sim" e "não" a maioria das vezes, quase não se alongando. Percebi, entretanto, que se falava de uma viagem, para o dia seguinte, ao que parecia, e que a partida se daria nas primeiras horas da manhã. Em algum momento o assunto era relativo a diárias, para o que ele dizia, "sim, pagar aqui pela superintendência". Despediu-se em poucos minutos, mas percebi que o interlocutor viria pessoalmente falar com ele em poucos minutos.

Quando ele desligou, vi que a afabilidade inicial era substituída pela pressa agora, bem mais perceptível e tendo captado isso comecei a guardar os documentos que trouxera, já preparando a despedida.

Eu já de pé, com os documentos na mão, meio que caindo pelo chão, querendo sair da sala, pois o mestre estava agora realmente apurado. Eis que entra o homem que estava ao telefone. E vai logo dizendo, sem perceber que havia visita na sala: *então, doutor, para Guarapari temos que ver como abastecer a viatura no meio do caminho, pois não temos convênio de combustível em outro estado; preciso providenciar um adiantamento...*

O mestre empalideceu. Dois dias depois era um feriado que prolongava o final de semana e Guarapari, para quem não sabe, é (ou era) a praia predileta dos mineiros...

Moral da história? Nenhuma. Recolhi-me ao lugar de onde não deveria ter saído.

BACK TO BERLÂNDIA

Janeiro de 2003. Eu defendera, um mês antes, minha tese de doutorado na Fiocruz e estava, para usar uma expressão sincera, embora pouco refinada, de *saco-cheio* com a UnB. Afinal, não recebera qualquer estímulo da Universidade para fazer doutorado; tinha pago todas as passagens áreas de meu bolso, três ou quatro vezes por mês; o colega indicado pelo meu departamento para me substituir não o fez e a corporação acadêmica deixou por isso mesmo; o curso de medicina em cuja emancipação institucional eu havia me engajado já dava mostras de que nele tudo continuaria como dantes, ou pior. Enfim, percebi que o melhor seria encontrar outra coisa para fazer.

Eis que atendo um telefonema. Era Zaire Rezende, prefeito de Uberlândia em segundo mandato, insistindo para que eu aceitasse seu convite, que já havia sido feito dois anos antes e fora então recusado por mim. Eu sabia dos riscos que corria, pois acompanhava de longe a situação política da cidade e sabia que as coisas por lá não andavam nada bem. Resolvi, mesmo assim, correr os

riscos. Aceitei. Afinal, pensei (sem conhecer, ainda, o palhaço deputado): *pior do que está não fica*, tendo foco não só na situação da cidade como na minha profissional.

Cheguei lá em março do mesmo ano. No hotel, à noite, ao ligar a TV, assisti a chuva de bombas sobre Bagdá, na fatídica noite que Bush resolveu ir ao encalço de Saddam Hussein e de suas pretensas armas de destruição em massa – e deu no que deu. Só depois pude perceber que devia ter entendido aquilo como um sinal premonitório...

A administração já ia pela metade, com índices de popularidade do prefeito pífios, sendo a saúde uma das principais áreas críticas da administração. E foi assim que aquela Bagdá me abriu as portas... Aquilo, de certa forma repetia a situação do Brasil atual, fermentada ao longo dos últimos anos. Aliás, dizem que a política sempre se repete: um governo desgastado, com apoiadores dúbios ou simplesmente em movimento de traição, concessões corporativas e clientelistas por todo lado. Governo de coalizão – ou de ocasião – esse filme nós vimos de novo em 2013, 2014, 2016, 2020 (e antes também).

Foram dois anos de destruição em massa da administração municipal, com suas trinta secretarias, a maioria sem dinheiro e com titulares imobilizados, na melhor das hipóteses ou perplexos, na pior delas. Muitos já haviam abandonado o navio. Bombas me caíam na cabeça o tempo todo, sem que eu pudesse me valer, como Saddam, de esconderijos possíveis. Mas fazer o quê – não sou de desistir.

Da egrégia Câmara de Vereadores tive um tratamento digno daquele que os americanos teriam dedicado ao ditador iraquiano, se o pegassem de jeito. Estive lá diversas vezes, intimado, digo melhor, *a convite*, e jamais consegui manter dois dedos de diálogo civilizado ou minimamente inteligente com Suas Excelências, um verdadeiro bando de gente mal informada e desonesta, pelo menos do ponto de vista *intelectual*, se é que esta palavra coubesse ali. Um deles queria que eu discutisse as ações de saúde com o Legislativo antes de implementá-las, ao que eu lhe retorqui, com ironia, mas totalmente coberto de razão, ter apoiado o parlamentarismo no plebiscito de 1994, tendo infelizmente perdido meu voto. Foi o bastante para o sujeito abandonar o plenário e ir para o gabinete ou para o cafezinho. Nas portas do plenário, todas as vezes que eu ia lá, me sentia como se adentrasse no Inferno de Dante, abandonado de toda esperança.

Mas tive também meus consolos também, por exemplo, o de ali ver chegar meu quarto filho, Flavinho, nascido no meio da batalha, mas muito bem acolhido pelas mãos dos doutores Ismael Ferreira, o grande parteiro que trouxe ao mundo uma geração inteira de uberlandenses, bem como o queridíssimo pediatra e amigo Meligénes Ambrósio, que não deixava por menos na sua assistência aos neonatos.

E não posso deixar de louvar as pessoas que comigo trabalharam, uma equipe que de modo geral mantive nos postos, embora tenha descartado alguns mais renitentes e rançosos. E não posso esquecer de gente como Rosuita Fratari, a quem convidei para ser minha secretária adjunta; e mais as figuras adoráveis de Glaucia Galante; Alfredo Demétrio Jorge; Rogério Ferreira; Eneas Faleiros; Dario dos Passos; Marcela Guedes; João Batista Silva; Roseli Muniz; Rubens Galvão; Sueli Nozella; Shirley; Eduardo; Maria Luiza; Marcão e tantos outros.

Foi uma lição e tanto. Saí de lá desgastado, mas certamente melhor do que entrei. Fui também "homenageado" com uma ação de "improbidade administrativa" por parte dos excelentes promotores, zelosos cuidadores da coisa pública, que me autuaram por faltarem medicamentos, em um único dia da semana e em uma única unidade. As sumidades, simplesmente, não

atentaram para o fato de que isso ocorrera por falta de pagamento ao fornecedor o que, aliás, não era de minha responsabilidade, pois a Prefeitura trabalhava em regime de caixa único centralizado na ocasião, sem qualquer autonomia das secretarias em fazer pagamentos por decisão própria.

Homenagem também me fez o cidadão que em certo momento presidia a Fundação Maçônica, à qual eu reduzi à devida dimensão, não mais de *gestora*, como ela achava de que devia ser, mas de simples *prestadora* de serviços à municipalidade. Assim falou o egrégio *bode*: *estamos só esperando o doutor acabar com esta "poesia" para podermos agir de fato*. A tal *poesia* no caso, tinha como versos as medidas de enxugamento e racionalização do modelo assistencial e gerencial em saúde, que passavam também pela redução do poder dos maçons. Imaginem que nas unidades onde eles detinham contrato impunham regras e até feriados próprios, além de placas em que afirmavam que sua ação ali, junto à Prefeitura, fazia parte de um projeto caritativo deles.

Em 31 de dezembro de 2004 encerrei minhas atividades em Uberlândia e, como despedida, assisti a inesquecível posse da nova administração naquela Câmara de Vereadores, a mesma que meses depois tentou introduzir a frase "Deus está aqui" entre os símbolos municipais, assunto que repercutiu no Brasil inteiro, com direito até a manchete no Jornal Nacional. Aquilo era para ser um culto ecumênico, palavra que significa, é bom lembrar, "aberto para o mundo". Na ocasião, um sacerdote católico e alguns pastores evangélicos se revezaram na condução do ato. Até aí, tudo bem. O problema, a meu ver, foi o caráter de hegemonia que os representantes evangélicos procuraram trazer ao momento. Ficamos ali uma boa hora e meia com noventa por cento do tempo ocupado pelos pentecostais, que se alternavam no palco com brados de exortação e muita música (de gosto duvidoso, diga-se de passagem) – como se estivessem em um templo de sua seita e não em um ambiente laico e, ainda mais, participando de um ato convocado como *ecumênico*. Por sorte não cobraram dízimo...

Repito, foi uma experiência positiva, em seu conjunto, embora o sofrimento do dia a dia tenha sido exorbitante. Mas, de toda forma, a grande lição foi e continua sendo para mim: *cargo público, nunca mais!*

SOB AS LUZES DA RIBALTA

A experiência relatada acima ainda me rendeu outros dissabores. Um belo dia de 2004 a Promotoria Pública de Uberlândia, tendo recebido uma denúncia, talvez de Vereador ou funcionário demitido, correu em diligência a uma das unidades do sistema de saúde, onde constatou a falta de alguns medicamentos e materiais. Denúncias dessa natureza eram constantes na imprensa e na Câmara de Vereadores, tendo em vista que a SMS trabalhava com uma lista de padronizada de medicamentos como, aliás, devem fazer os gestores públicos de saúde em toda parte. Com efeito, o conteúdo nossa lista de medicamentos, com quase as duas centenas de itens, gerava insatisfação na clientela, que nem sempre alcançava o que desejava receber, secundada pelos médicos da rede, que receitavam de forma abundante e até pouco responsável os medicamentos fora da tabela, seja por uma questão de formação, seja pela opção claramente manifestada por muitos de colocar a administração municipal em dificuldades. Como pano de fundo, medidas restritivas e de contenção de custos, que eu fora obrigado a tomar em diversas ocasiões. Na tal visita, Suas Excelências se arvoraram a retirar conclusões a partir de um único momento, em uma única unidade, não se detendo de fato sobre a continuidade (ou não-continuidade) do fornecimento de medicamentos em toda a rede ao longo do tempo.

O problema era recorrente, sendo muito mais grave anteriormente ao contrato que tínhamos na ocasião, um contrato unificado e global, apontado pelo MP como lesivo ao interesse público. Sem provas, contudo. O que aconteceu e que provocou a reação dos bravos rapazes da Promotoria, gente talvez treinada na barra dos tribunais, onde a obrigação do Promotor é colocar gente na cadeia, foi motivado por baixa de caixa municipal naquele momento, mas não foi sequer uma pálida sombra do que ocorria antes, quando o sistema de licitações múltiplas e parceladas vigorava.

O contrato em questão, assinado com uma empresa de São Paulo (Home Care) representava, sem dúvida, um instrumento de dinamização da política farmacêutica, de natureza semelhante a outros igualmente celebrados no âmbito da administração pública com particulares, em muitos municípios do Brasil que não tinham a “sorte” de ter promotores tão competentes como os de Uberlândia. Entre suas vantagens estavam o fato de que o faturamento ocorria apenas após entrega do medicamento à clientela; os custos de transporte e armazenamento corriam por conta da empresa, da mesma forma que a responsabilidade em arcar com os medicamentos vencidos. Disso decorreu, inclusive, a redução de quadro de dezenas de funcionários da Prefeitura, ao mesmo tempo em que foram contratados pela Home Care, para prestarem serviços diretamente a ela, fato que é colocado como um prejuízo provocado pelo contrato firmado e não como uma vantagem operacional do mesmo.

Os Promotores se horrorizaram, na ocasião, na vistoria que fizeram ao almoxarifado da empresa, tendo ali encontrado medicamentos vencidos. Ou seja, simplesmente, o que deveria ser contado como ponto favorável ao contrato em vigência foi apontado como objeto de ilicitude, pois tais medicamentos lá estavam exatamente para serem devolvidos ou descartados, em processo que não oneraria em nada os cofres municipais, ao contrário do que sempre aconteceu na rede municipal de saúde.

A denúncia de alguns vereadores teria motivado a ação da Promotoria, mas os mesmos não foram identificados, embora bem conhecidos: eram membros do grupo que fazia oposição sistemática e visceral ao Governo Municipal, vetando de forma contumaz projetos de interesse da população da cidade, em nome de conveniências partidárias circunstanciais. Pessoas que nunca se animaram a um debate aberto nas várias ocasiões em que estive na Câmara Municipal. Mesmo assim sua denúncia foi acolhida prontamente e sem maior crítica, como se não fossem partes interessadas na ação, por motivos eleitoreiros – em 2004 ocorreram eleições para a Câmara e Prefeitura, é bom lembrar.

Além disso, aleguei em minha defesa na ocasião mais alguns tópicos: (1) Se quem comprava não pagava, quem vendia seria obrigado a continuar o fornecimento, desfazendo o chamado "equilíbrio financeiro" dos contratos públicos? (2) O pretenso custo dos procedimentos administrativos da empresa fornecedora referia-se à cobertura de diversas despesas do contrato (salário de todo o pessoal anteriormente lotado na Prefeitura, aluguel do almoxarifado, despesas de manutenção das instalações, transporte etc) e não era apenas o "lucro" da empresa como afirmaram Suas Excelências. (3) Disseram os promotores nos autos que "foi possível verificar que a PMU realizou a fiscalização de forma pueril"; "aliás não fosse o MPF e MPE visitarem as instalações da UAI Tibery nada decorreria em termos de atenção aos termos contratuais"; afirmações gratuitas e irresponsáveis, demonstrando que o MP considerava que só assumimos o papel de gestores públicos da saúde quando eles adentraram ao cenário, num verdadeiro *fiat lux*? (4) Assinei, de sã consciência o contrato, pois ele havia passado antes de mim, pelas mãos dos Secretários de Administração, de Finanças, do chefe da Seção de Compras e do próprio Procurador do Município – e nenhum deles foi acusado de nada. (5) Sobre a tal "primazia do interesse público", expressão reiterada no processo, tenho consciência de que fiz

o que deveria ter feito; "dano moral e coletivo", como quer o MP, se daria, de fato, caso o contrato fosse rompido, situação que acarretaria de quatro a seis meses de interrupção do fornecimento de remédios, prazo necessário pra se realizar, até sua completude, um processo licitatório.

Para completar as Excelências ainda me acusaram de um pretenso "enriquecimento sem causa" possibilitado pelo contrato. De minha parte, o que posso dizer é que saí da gestão municipal exatamente como entrei: como um membro da classe média apenas "remediado", funcionário público durante toda a minha vida, sem amealhar nada mais do que me possibilitaram meus vencimentos. Sobre multa que me foi estipulada, de mais de 700 mil reais, da qual soube pela imprensa ainda antes da Carta Precatória me ter sido entregue, o que posso dizer é que em mais de 30 anos como servidor publico não amealhei sequer uma parcela disso em bens e reservas. Assim, o que se produziria, nada mais nada menos, se tal penalidade viesse se realizar, seria somente um ato de humilhação e espezinhamento de um cidadão e servidor honrado, comprometendo-me pelo resto de minha existência e certamente aos meus herdeiros também.

Finalizando, não custa esclarecer: fui absolvido nas duas instâncias iniciais, e agora, treze anos depois de tudo isso, ainda aguardo um pronunciamento do STJ, para onde o caso foi encaminhado.

Promotores... Quem vigia e quem nos defende dessa gente?

CARGO PÚBLICO NUNCA MAIS

Encerrei minha história de retorno a Uberlândia com a expressão acima. Hoje, passados já treze anos, consegui mantê-la sem ressalvas, ajudado, é claro, pela escassez de convites neste sentido...

Quando terminei minha colaboração naquela Bagdá, digo *Califórnia*, resolvi escrever algo sobre os acertos e as dificuldades que encontrei em minha passagem. Não só o fiz como entreguei, sob a forma de carta pessoal ao Prefeito, meu amigo Zaire Rezende. E assim, depois de julgar meu texto perdido, acabei por resgatá-lo recentemente. E ele dizia o seguinte:

<<Desde o momento em que algumas pessoas ligadas à estrutura partidária do PMDB começaram a criticar o trabalho desenvolvido por minha equipe na Secretaria de Saúde, ao ponto mesmo de considerá-lo a causa principal de sua derrota eleitoral, resolvi me antecipar e analisar um pouco do panorama das dificuldades enfrentadas. Mas quero fazer uma análise não só dos obstáculos encontrados, mas também dos acertos concretizados, que afinal não foram poucos.

Espero que, uma vez superada a dor da derrota que nos atinge a todos e mais uma vez entrega os destinos dessa cidade aos conservadores de sempre, possamos discutir de forma aberta, sem preconceitos, sem rancores os problemas e os avanços que tivemos, não só na saúde, mas na administração municipal como um todo, fazendo um balanço justo de sua administração.

Rejeito o jogo dos que acusam a saúde de ter contribuído para o mau resultado nas recentes eleições. Foram os mesmos que, na minha chegada, me louvaram e me anunciaram como “o salvador da pátria”, quem sabe já antevendo o futuro e fazendo nele a previsão da existência de um bode expiatório.

Quero lembrar-lhe, Zaire, de saída, que não foram poucas as vezes que lhe alertei sobre os obstáculos administrativos, financeiros, políticos e culturais que rodeavam minha gestão na saúde. Em pelo menos dois momentos pensei sinceramente que entregar meu cargo seria a melhor solução, dando ao governo a chance de escolher alguém mais sintonizado com certa lógica corrente de fazer política, combinando inovação zero com recursos escassos, que de fato imperou na administração como um todo.

E somente não abandonei o barco porque você me solicitou que continuasse. E permaneci não apenas em atenção a você, mas também por respeito a uma equipe e pela coerência do projeto que propus implantar, embora todos os obstáculos colocados no caminho da saúde.

Em primeiro lugar, não houve tempo hábil para a consolidação de muitas das medidas tomadas, principalmente aquelas que envolveriam mudanças culturais e adesão das equipes para vigorarem. As mudanças na sistemática de atendimento nas impropriamente chamadas *Unidades de Atenção Integral à Saúde* (UAI), tão criticadas, além da própria implementação da Estratégia de Saúde da Família, muito se ressentiram da falta de tempo, o que afinal de contas estava fora de nossa governabilidade.

Além disso, é preciso admitir que se dispõe, na Prefeitura de Uberlândia, de uma máquina administrativa e de apoio logístico extremamente ineficiente e pouco ágil, com não raras evidências de má-vontade ou mesmo desrespeito pela saúde, considerada “gastadora” e “ineficaz”. Exemplos concretos e paradigmáticos de tal incapacidade e de tais posturas estão nos setores municipais de orçamento e finanças, compras, informática e jurídico, frente aos quais tivemos incontáveis dificuldades, reiteradamente denunciadas por mim em nossos despachos e mesmo por escrito.

Outro aspecto a considerar, foram os marcantes descaminhos (para dizer pouco!) da área da saúde em sua gestão como um todo: troca de secretários; baixa capacidade gerencial e política dos titulares anteriores; indefinição de um plano de ação; permeabilidade à política partidária; não implementação de programas previstos no Plano de Governo original; mudanças de status anunciadas e não concretizadas em relação à gestão pela Fundação Maçônica; confrontação tardia do “poder médico”; não neutralização de interesses particulares contrariados; falta de ação intersetorial para resolver os problemas da área etc.

Nos vinte meses de minha gestão foi necessário impor medidas de natureza administrativa e regulatória, imprescindíveis, como por exemplo, o remanejamento das especialidades; as restrições a consumo de medicamentos, exames, horas-extras, pagamentos a pessoal, além de outros, nem sempre realizando intervenções de maior “agrado” potencial à clientela, principalmente interna (médicos, essencialmente), gerando frustração e oposição, com o conseqüente desgaste político à administração como um todo. Mas a opção única era a de agir assim, com firmeza, para não sucumbir ao descalabro reinante na rede de serviços, situação, aliás, muito pouco conhecida (e conseqüentemente mal gerida) pela administração municipal até a minha chegada, diga-se de passagem.

Não se pode esquecer, Zaire, que tivemos uma oposição totalmente livre para agir contra nós, inclusive irresponsavelmente, sem contrapartidas ofensivas por parte do governo, principalmente em relação ao Legislativo e à imprensa local. Na saúde tal situação chegou ás raias do paroxismo. Minha intervenção pessoal, não mediada em absoluto por quem deveria ter responsabilidades sobre isso (seu chefe de gabinete e assessoria de imprensa, por exemplo), junto ao jornal Correio de Uberlândia, no início do ano, constitui uma marca importante do que estou afirmando.

Onde encontrar apoios para a saúde? Em Uberlândia, infelizmente, o que se encontra é apenas tibieza e insipiência de uma comunidade intelectual ou técnica de apoio e crítica construtiva às mudanças propostas, seja no âmbito da SMS e mesmo da cidade (nas universidades), ao contrário do que costuma acontecer em centros mais avançados. Se alguém tinha interesses nessa área, eles eram particularistas (exemplo claro: o Diretor do Hospital da UFU que queria-porque-queria ser o seu secretário de saúde), ou então partidarizados, quando não as duas coisas ao mesmo tempo. A saúde caminhou sozinha, sem apoios externos o tempo todo, ao contrário da área ambiental, mais feliz, no meu entendimento, em abrir esses caminhos.

E qual foi a política de alianças do governo, frente a tantos desafios? Eu diria, sem medo de ser injusto e embora não tenha estado aqui desde o começo – embora o que vejo hoje me baste: tal política foi bastante débil por parte do governo, seja na saúde ou em geral. Bem que tentei fazer minha parte, por exemplo, em articulações com a Câmara ou com a Imprensa, mas não obtive respaldo superior e ou do governo como um todo para agir.

Agora o ponto mais delicado... Faltou consistência e articulação interna e externa a este governo, seja em sua ação intersetorial; na busca de resultados duradouros e sustentáveis; na administração de conflitos entre secretários; na coordenação geral centralizada das ações de governo. Este não foi, definitivamente, o que a Ciência Política chamaria de "Bom Governo". No máximo, poder-se-ia falar de um "governo bem intencionado", portador de ações isoladas corretas, conduzido por uma pessoa inatacável do ponto de vista de sua honradez pessoal. São muitas qualidades, sem dúvida, mas não perfazem os critérios de um real "bom governo". Se você está interessado nessa discussão proponho-lhe a leitura de uma bela obra chamada "Bom governo nos trópicos", de Judith Tendler, uma autora americana brazilianist, que analisa as três administrações do PSDB (Tasso-Ciro-Tasso) no Ceará.

Além disso houve, no meu entendimento, muito pouca firmeza em relação a uma posição *de governo* referente à saúde. Exemplos contundentes: o governo afirmava uma coisa e o Secretário de Finanças impedia freqüentemente sua execução, como nos casos da protelação desmesurada da implantação do PSF ao longo de 2004; a crise de abastecimento da rede em junho-julho deste ano de 2004, por falta de pagamento a fornecedores; a protelação sucessiva por mais de um ano da negociação da dívida com os hospitais da cidade. Em julho e agosto tivemos algumas semanas de desabastecimento de toda a rede, inclusive de medicamentos essenciais e de emergência, por que o mesmo Secretário de Finanças (de quem ninguém mais se lembra, nem mesmo para incriminá-lo pelo mau resultado eleitoral de outubro) não pagou a conta da empresa fornecedora de medicamentos, apesar das suas determinações em contrário. E quem está respondendo processo na Promotoria sou eu...

Neste aspecto, a situação que foi constatada diretamente por você naquela reunião com os coordenadores das UAI em seu gabinete, de franco desabastecimento da rede até mesmo de itens essenciais e prosaicos (papel higiênico!) é outro exemplo marcante. Se você bem se lembra, o Secretário de Administração admitiu, na ocasião, que fazer compras por licitação demoraria até seis meses em alguns casos (!). Isso foi uma regra geral, Prefeito. Morosidade extrema para o essencial e agilidade insólita para o supérfluo – posso dar inúmeros exemplos também.

Finalmente, para não botar toda a culpa no Governo Municipal, gostaria de chamar sua atenção para a verdadeira "impregnação" da sociedade e dos trabalhadores de saúde pelo "modelo UAI" (pronto atendimento, especialização, dependência tecnológica, não integração em rede) vigente historicamente na cidade o qual, embora distante de uma *contemporaneidade sanitária*, possui forte apelo social e corporativo, por suas características de ênfase curativa; abordagem

referencial de casos agudos; falta de controle de procedimentos médicos e complementares; não-participação dos usuários; gestão alheia à PMU (e sim pela FMMS); planejamento baseado na oferta (e não na demanda), entre outros aspectos. E foi justamente este modelo que tentamos desesperadamente mudar, mas certamente nos breves quinze meses que tivemos os resultados podem não ter aparecido completamente.>>

BOAS VINDAS

Trabalhei em muitos lugares, antes e depois de formado. Uma lista cronológica de meus empregos formais aqui vai, apenas para efeito de maior esclarecimento a respeito do que vou dizer. Colégios Arnaldo e Champagnat; Universidade Federal de Minas Gerais; Consórcio Impregilo-Almeida; Escola de Medicina de Uberlândia; Prefeitura Municipal de Uberlândia (em duas ocasiões); Instituto Brasileiro de Administração Municipal; Ministério da Saúde; Universidade de Brasília; Organização Panamericana de Saúde O mesmo aconteceu nas instituições de ensino que freqüentei, ressalvando uma honrosa exceção: aquela hilária aula *trote*, de que já falei em outra parte dessas Memórias (Ver *Lição de Anatomia, em Noviciado*)

Agora posso concluir o parágrafo anterior: em nenhuma de tais instituições tomei parte de algum ritual, manifestação ou evento, por mínimos que fossem, de boas vindas a ingressantes. Nem como anfitrião, nem como recém-chegado. Parece coisa de pouca monta, mas eu, sinceramente, acho isso muito importante.

É bem verdade que, na UFMG, quando fui apresentar meu pedido de demissão à Dona Gercina, digna encarregada da Seção de Pessoal da Faculdade de Medicina, fui brindado por ela com a seguinte pérola: *professor, estou aqui há trinta anos e é a primeira vez que alguém pede demissão*! Considerei como um elogio, pois afinal estava fazendo algo diferente dos demais, em décadas (!), originalidade que considerei muito positiva. Assim, se não tive nenhum tipo de boas vindas na entrada, pelo menos pude contar com tal deferência na saída.

Na UnB a coisa ainda foi mais radical. Fui recebido no gabinete do diretor e este me indicou uma porta no corredor em frente, dentro do qual eu deveria "procurar um espaço" para me assentar. Aquilo era um depósito de traquitanas abandonadas, com vasta camada de poeira sobre os móveis ali jogados, coisa de fazer um alérgico – que felizmente eu não era – sair dali às carreiras. Tive de me conformar em catar uma das poucas cadeiras, com as quatro patas inteiras e prestantes, uma mesa em iguais condições e me arrumar, com muita labuta, depois usar um pano igualmente sujo para limpar tal mobiliário.

Na mesma indefectível UnB, um tempo depois, propus ao coordenador do curso médico, um sujeito permanentemente mal-humorado, com pinta de quem acabava de desembarcar de um estágio em Harvard, que fizéssemos uma semana de recepção aos calouros. Afinal eu ministrava uma disciplina que os pegava já no primeiro dia de aula e estava disposto a ceder o meu horário para tal atividade, esperando que outros professores também o fizessem nos dias seguintes, para que os alunos pudessem ter palestras e serem apresentados ao programa de curso, além receberem orientações e cumprimentos de boas vindas diretos da direção, dos professores e dos demais alunos. O casmurro me olhou com se não estivesse acreditando no que ouvia e pediu alguns dias de prazo para pensar. Quando o abordei novamente, já às vésperas do início do ano letivo, ele me fuzilou com olhos, gestos e voz: *meu senhor, o nosso currículo é muito apertado*

não tem espaço para coisas desse tipo. E como eu esbocei uma tímida insistência, quase berrou: *por favor, me deixe trabalhar!*

Recolhi-me à minha inconveniência e resolvi promover, por conta própria, no meu singelo horário de aula, algo semelhante. E passei a convidar outros professores, pessoas de fora e médicos experientes, além de apresentar filmes de temática crítica sobre a medicina, para dizer algo mais substancioso aos pobres ingressantes e com eles dialogar, ao invés de simplesmente lhes despejar aquelas tradicionais latadas de saber.

Tudo isso poderá parecer implicância com a UnB – mas não é. Coisas assim podem acontecer – e certamente acontecem – nas melhores instituições. Mas deu-se que uma vez eu convidei, como seria natural, a diretora da Faculdade de Ciências da Saúde para uma palestra de boas vindas aos alunos. A professora era uma mulher abnegada, totalmente "casada" com a profissão de médica (e jamais com qualquer outra entidade, humana ou institucional), famosa pelos seus, digamos, excessos de linguagem. E em sua recepção aos ingressantes daquele semestre, não deixou por menos. De sola, já deixou claro que a vida dela como diretora lhe exigia muitos sacrifícios; que ela era mal compreendida e perseguida; que as pessoas que trabalhavam ali não tinham compromisso com nada; que lhe faltavam recursos para tudo, até mesmo para a compra de papel higiênico e que às vezes foi mesmo obrigada a mandar arrombar portas de professores que se aposentavam, abandonavam suas salas e não mais apareciam nem para devolver as chaves. Imaginem a cara dos pobres calourinhos... Mas nem assim desisti de tais eventos e felizmente cheguei a colher ótimos frutos disso, como a história que narrarei adiante.

Depois daquele episodio em Uberlândia, no qual um velho médico botou pra quebrar com os alunos de medicina, expondo todas as suas frustrações, não só com a medicina, mas também com a humanidade em geral, conforme narrei em *Cenas da vida de um professor (Vita Activa)* pude um dia lavar minha alma. E o fiz em grande estilo, anos depois, quando convidei outro médico octogenário para uma palestra e debate com a turma de medicina, já na UnB. Deste vale a pena citar o nome: Pedro Sampaio Guerra, pai de meu amigo de infância Eduardo Guerra, também médico em Brasília. Dr. Pedro clinicou e operou por décadas em Timóteo/Acesita e Coronel Fabriciano, no Vale do Aço, em Minas Gerais.

Dr. Pedro abafou! Foi totalmente modesto em narrar suas peripécias como médico de interior, que incluíam desde atendimentos em lombo de burro até cirurgias de improviso, sem anestesistas e recursos essenciais por perto. Reconheceu que sua geração havia penado muito, mas que via a profissão com otimismo e muita expectativa em relação às novas tecnologias, que estavam mudando, para melhor, a vida dos médicos e dos pacientes. Respondeu a todas as perguntas, dando sempre voz à réplica e elogiando os estudantes por serem tão perspicazes. No final agradeceu muito a oportunidade que lhe demos, de forma imensamente humilde, arrematando que havia aprendido muito ali comigo e meus alunos. Foi aplaudido de pé pela moçada.

Disse Guimarães Rosa que a natureza da gente "é muito segundas e sábados". Eu diria, acrescentando, que os seres humanos podem ser anjos ou demônios, às vezes ao mesmo tempo, mas muitas vezes separadamente – e com força total em uma das duas categorias de tal aforisma.

***

Mas, sinceramente, não quero fazer desta página, que pretende ser construtiva, um muro de lamentações. Assim, não poderia nunca me esquecer de um evento que inverte toda essa lógica

infeliz: a recepção que me proporcionaram, na Secretaria Municipal de Saúde de Uberlândia, quando assumi o cargo em março de 2003. Já relatei isso em *Back to Berlândia*. E realmente depois disso não poderia ter mais do que me lamentar.

Toda essa história me leva a pensar se coisas assim não deveriam ser práticas institucionais consagradas. Por que não o seriam?

Acho que uma parte da explicação está na pouca valorização que as pessoas dão ao que fazem, principalmente se o que fazem ocorre dentro de uma instituição pública. Pode ser que no privado as coisas sejam diferentes, mas minha experiência com isso, ao longo de minha vida, infelizmente foi pequena. Eu fui quase sempre um servidor público. A resposta habitual a uma pergunta que eu fazia aos funcionários das unidades de saúde em Uberlândia, a respeito de qual era o serviço que prefeririam para levar seus parentes próximos quando adoeciam, é bem significativa a respeito de tal valorização: os serviços privados eram os preferidos. Em outras palavras, o que se fazia ali seria bom só para os outros, não para quem ali trabalhasse ou sua família. E este, para mim, seria apenas *um* dos motivos pelos quais o SUS esbarra em tantas dificuldades pelo Brasil a fora.

Quando estive no Canadá pude perceber algo curioso em algumas instituições que visitei, na contra-mão dessa lamentável desvalorização do lugar onde se presta serviço que se vê no Brasil. Fiquei particularmente encantado com o fato de que em cada portaria de setor ou departamento, independente do grau de circulação de pessoas externas no local, haver quase sempre um quadro de avisos ou pôster com o nome e a foto de cada pessoa que ali trabalhava, bem como sua função, valendo para todos os funcionários, independente de seu status, tudo organizado formalmente, mas de forma simpática e comunicativa, típicas do agir dos canadenses. Fotos com rostos sorridentes, diga-se de passagem! Para mim, a mensagem principal era: *aqui a gente gosta de trabalhar e respeita o que se faz e a quem nos procura*. Certamente haveria exceções, como sempre há em toda obra humana, mas a disposição institucional de *acolher e informar* ali estava posta, de forma absolutamente clara. Não deixa de ser um bom começo para as pessoas passarem a valorizar o que fazem.

Não deixo de admitir que trabalhar em instituição pública no Brasil muitas vezes é desanimador, com a falta de recursos e, principalmente, pela captura das mesmas pelos políticos e seus apaniguados. Mas o que lamento mais é a postura generalizada que aceita ou proclama que *o que é público é ruim*. Mas não deixaria de ser um bom começo que as instituições públicas exercessem uma cultura de receptividade desde a chegada dos novos funcionários e que principalmente, como um dia disse Gastão Wagner, um amigo meu, praticasse a máxima de que *é preciso incentivar os bons e fazer com que os maus tenham um pouquinho de temor...*

(IV) MAR ABERTO

DE COMO EU VIREI A CASACA: CLÍNICO, SANITARISTA, GESTOR, (QUASE) POLÍTICO
OITAVA
A IMORREDOURA INSTITUIÇÃO
MALES QUE VÊM PARA O BEM
DE COMO EU VIREI DOUTOR DE VERDADE
TANAJURAS NO VERÃO
ALGUM MÉDICO A BORDO?
DE COMO PRODUZIR UM ÓTIMO RELATÓRIO
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
PREFEITURAS...

Nos meus anos de Uberlândia, principalmente em minha nova atividade de secretário municipal, gradualmente me veio a certeza de que eu tinha um papel maior a cumprir no cenário da saúde, maior ainda do que aquele que eu vinha exercendo. A primeira sensação se deu depois de um convite de Nelson Rodrigues dos Santos, a quem eu já conhecia das lidas do ensino médico, para participar de uma reunião de secretários municipais de saúde paulistas, a partir da qual foi criado um colegiado deles. Pouco depois, conversa vai conversa vem com meus colegas mineiros, fizemos o mesmo, em uma reunião em Araxá. Comecei a viajar para reuniões deste tipo muito amiúde, para desgosto de meu prefeito e de minha mulher. Participei da famosíssima Oitava Conferência Nacional de Saúde como delegado por MG, não tanto por meus méritos, mas por manobras do Partidão (ao qual eu nem pertencia...) em Brasília. Em 1987 estava em Londrina, onde foi fundado o colegiado nacional de SMS, fazendo parte da primeira diretoria. Comecei a gostar daquela história, sem conseguir convencer Eliane disso. Difícil mesmo agradar a todos... Terminando meu mandato em Uberlândia, já separado de minha mulher, fui para o Rio fazer mestrado na Fiocruz; anos depois um doutorado. Entrementes, caí no Ministério da Saúde, onde fiz algumas coisas importantes, ao lado de outras totalmente irrelevantes ou mesmo prosaicas. Nos intervalos fui ao Canadá e, como técnico do, MS visitei todas as capitais do Brasil, muitas cidades no interior também e cheguei até a Inglaterra, em uma missão internacional. Foi assim que o mar se abriu para este Moisés. Não recebi e nem repassei a alguém as Tábuas da Lei, mas acho que o saldo foi bom, pelo menos para mim...

DE COMO EU VIREI A CASACA: CLÍNICO, SANITARISTA, GESTOR, (QUASE) POLÍTICO

Aquela vida de médico e ainda mais plantonista já me cansava. Foi assim que resolvi sair para outros vôos. Ou melhor, para outros mares, mais profundos e amplos. Passei assim *além do Bojador*.

Um começo para tudo? Cerca de 1980, eu deixava meu plantão bi-semanal no Pronto Socorro com certa sensação de alívio. Era meu último plantão naquela unidade e, esperava sinceramente, que fosse o *último plantão* de minha vida! Eu havia solicitado meu afastamento algumas semanas antes, pois não só me sentia fatigado com tal atividade, como, além do mais, havia decidido fazer uma virada em minha vida profissional, concorrendo a uma vaga no Curso de Especialização em Planejamento de Saúde na Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro.

Mas de fato, com quase 10 anos de formado, eu estava muito cansado das noites mal dormidas e da tensão das emergências, atividades que mantivera ao longo dos últimos 12 ou 13 anos, contando o tempo de estudante e residente. Já contei tal história antes.

Eu passara toda a década inicial de minha vida profissional perscrutando o horizonte para ver se vislumbrava mudanças no sistema de saúde. Um amigo, que assumira a recém-criada Diretoria Regional de Saúde da SES-MG em Uberlândia, já me havia alertado, assim meio à maneira de Dante falando do *Inferno*: “abandone suas esperanças, a saúde pública continua ruim como sempre foi no Brasil”. Mas será que não tinha jeito mesmo? – eu me inquiria. E olhando para trás, via que a década de 70 estava sendo realmente desastrosa, não só na saúde, como em outros campos: regime militar, epidemia de meningite, ditadura do INPS-INAMPS, persistência da dicotomia preventivo-curativa, ministros repetidamente se sucedendo em Brasília, propostas apenas paliativas de mudança, etc. Assisti algo assim se repetir em 2019 – 2020, mas é outra história, a ser tratada em hora devida. Havia, é certo, no horizonte algumas discussões, os primeiros movimentos, traduzidos pelos municípios que organizavam, ainda que precariamente, seus serviços de saúde.

Mas eu vivia em Uberlândia, onde essas notícias mal chegavam...

É bem verdade que, um dia, entre 1976 e 1977, outro amigo, José Teubner Ferreira (Zecão), eterno militante da saúde e de causas progressistas, não poucas vezes perdidas, pediu-me um dinheiro “emprestado” – pouca coisa na verdade. Era sua maneira de envolver os amigos em uma nova causa: a assinatura de uma publicação, que um grupo de gente de esquerda estava fundando, para discutir a questão da saúde no Brasil. Assim me aproximei do CEBES, de uma revista chamada *Saúde em Debate,* e também de muitas pessoas que tinham preocupações semelhantes ás minhas e que vinham, em luta renhida, encontrando caminhos para ampliar e debater suas idéias, mesmo face ao ambiente de *ditaduras* (dos militares, do INAMPS, da medicina corporativa, da descrença da sociedade, da falta de perspectivas, etc.) em que nos encontrávamos.

Assim foi por tais caminhos que eu me decidi a abandonar os plantões, meu consultório, minha roupa branca, minha disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias na Escola de Medicina de Uberlândia, indo desembarcar no Rio de Janeiro, com família – mulher e três filhos pequenos! – e muita disposição em iniciar um novo ciclo profissional.

Oito meses no Rio e eu já estava de volta a Uberlândia, com mil idéias na cabeça, mas nenhum instrumento para realizá-las à mão. Mas, curiosamente, justo naquele ano de 1980, algumas

coisas começaram a acontecer e eu me vi enfiado de ponta cabeça nelas, primeiro no Rio, depois em Uberlândia.

No Rio, eu encontrara, para minha alegria, um ambiente de discussões acalorado, muitas vezes polarizado, com a participação das academias (da ENSP, inclusive, com destaque), do Sindicato dos Médicos, de setores das secretarias de saúde (de Niterói, por exemplo). E não faltavam temas: a eterna crise da saúde; a redemocratização do país e da saúde; a recém lançada campanha de vacinação maciça anti-pólio (que alguns enxergavam por um surrado viés *conspiratório*); a epidemia de dengue nos dois lados da Guanabara; a reforma do sistema de saúde; o movimento de moradores pela saúde, e tantos outros. Não raras vezes participei de discussões, quase face a face, com Gentile de Melo, Sérgio Arouca, Hésio Cordeiro, Jayme Landman, Ernani Braga, Mario Magalhães da Silveira e outros, que eu só conhecia das páginas dos jornais e da *Saúde em Debate*. Para mim, era simplesmente *a glória*!

De volta a Uberlândia, dentro do panorama agitado a que me referi acima, acabei convidado para tomar parte de um grupo reunido pelo Bispo Diocesano, Dom Estevão Avelar (um dominicano, adepto da *Teologia da Libertação,* que havia enfrentado os militares no Pará), para organizar a programação da Campanha da Fraternidade de 1981, cujo tema era a Saúde. Na mesma ocasião, uma Pró-Reitora de Extensão recentemente empossada na UFU, Profª Claudia Lucia Carneiro de Mattos, me chamava para fazer parte de um grupo cuja tarefa era organizar um serviço ambulatorial universitário *de extensão* na periferia da cidade, inédito naquele tempo e naquele lugar. Foi assim que me envolvi com o projeto da Unidade Didática Avançada do Jardim Brasília, voltada para a atenção primária da saúde, dentro da filosofia de Alma Ata – cujos ecos chegavam com toda força a Uberlândia. Isto abriu para mim um fértil período de militância. A ansiedade com os plantões estava agora superada, melhor dizendo, fora transferida, pois os desafios agora eram outros, não menos desgastantes, por vezes, mas muito mais motivadores.

Militando na Campanha da Fraternidade e no projeto do Jardim Brasília, acabei ficando visível, inclusive em um ambiente que eu não freqüentava, que era o da política partidária. Fui convidado, dessa forma, para assumir a Secretaria Municipal de Saúde de Uberlândia, em 1983, pelo candidato vencedor das eleições realizadas no ano anterior, Zaire Rezende. Ele era um médico ginecologista, poucos meses antes das eleições apenas um ilustre desconhecido, mas que em campanha memorável deslocara as oligarquias que ocupavam o poder local havia décadas, seja aquelas da legenda e sublegendas oficiais (Arena-PDS), como as do MDB-PMDB, partido ao qual era filiado.

A partir daí, meus horizontes começavam, de fato, a se ampliar e através do Prefeito e de seu partido pude tomar contato com algumas experiências de municípios que começavam a remar contra a corrente na saúde, como Lajes, Londrina e Piracicaba. Fui também apresentado, por uma colega assistente social do Jardim Brasília, Lílian de Sá, ao programa de saúde desenvolvido na Unidade de São José do Murialdo, na cidade de Porto Alegre. Tive também a sorte de conhecer e conviver de perto com Maria Helena Brandão Oliveira, também assistente social, que já tinha a cabeça aberta para tais coisas

Fui, assim, tragado por uma confluência de movimentos, às vezes verdadeiras avalanches, que subverteram e arejaram a saúde no Brasil, na década de 80. Minha faina se dividia, então, entre: a gestão da saúde em Uberlândia, para a qual eu fora convidado pelo citado Zaire (aliás, melhor dizendo, gestão que representou um verdadeiro *fiat lux* para a cidade); a mobilização municipalista pela saúde, que resultou nos Conselhos de Secretários Municipais de Saúde, estaduais e nacional (Cosems e Conasems); o proselitismo pela convocação e depois pela divulgação da VIII Conferência Nacional de Saúde, na qual fui delegado; a participação, como

representante da Associação Brasileira de Municípios, na Comissão Nacional de Reforma Sanitária; a militância na Plenária de Saúde; o *lobbismo* (do bem...) frente aos Constituintes de 1986 para aprovação das propostas da Plenária; a mobilização pela Lei Orgânica da Saúde, e assim por diante.

Em tudo estive um pouco, sendo às vezes mal compreendido pelo meu Prefeito, pelos meus pares secretários e mesmo pelos técnicos da SMS – e também por minha família – que gostariam de me ver mais assíduo em Uberlândia. Paguei este preço, mas acho foi menos caro para mim do que para os outros. As críticas arrefeceram um pouco quando a OPAS, através de Eugênio Vilaça Mendes, achou por bem incluir nossa experiência de saúde de Uberlândia no livro *Atalhos nos Caminhos da Saúde*, coordenado por Célia Almeida (OPAS, 1989).

Embora as atuais lideranças do movimento de Secretários Municipais de Saúde tenham demonstrado repetidas vezes que preferem ignorar o passado, eu quero deixar aqui, mais do que meu testemunho, minha orgulhosa declaração "de presença". Fui o primeiro presidente do Conselho de Secretários Municipais de Saúde de Minas Gerais (Cosems), além de, modéstia a parte, ter sido parte ativa e eu diria mesmo estratégica, graças ao simbólico poder de mobilização que Uberlândia me conferia, da organização do mesmo, o que me obrigou a viagens e articulações repetidas no âmbito estadual.

Em 1987, fui escolhido, em Congresso de SMS realizado em Londrina, como vice coordenador (mas titular na prática) da comissão que organizou a entidade nacional, o Conasems, criado oficialmente um ano depois, no congresso de Olinda. Fui também o primeiro vice-presidente da entidade, mas mais uma vez, na prática, fiz as vezes de presidente, pois o cara de Olinda que foi eleito no evento, mais pela presença maciça de outros pernambucanos do que por seus méritos pessoais, já se lançou no pleito sabendo que não ficaria muito tempo no cargo, candidato que era a vereador em Recife.

Mas tudo bem, isso não está contado nas crônicas oficiais da história do Conasems e do Cosems-MG, que foram, por assim dizer, reescritas à maneira estalinista, ou seja, aquela prática de até mesmo apagar pessoas nas fotografias oficiais, conforme Trotsky experimentou ainda em vida. Mas deixa pra lá, a vida seguiu e eu não morri no final...

OITAVA

Minha *Vita Activa* em Uberlândia passou por fases diversas. Primeiro fui médico e docente universitário; depois técnico da Diretoria Regional de Saúde; mais adiante, a partir de 1983, gestor municipal de saúde. Em todos esses momentos não deixei de lado minhas tarefas de professor, acumulando-as com as da outra função eventualmente exercida. Pelo menos nos tempos de DRS, minha carga horária superava, em abstrato, claro, aquilo que era legalmente permitido, mas havia um acordo tácito de que isso não seria problema, tanto na universidade (onde muitos docentes operavam seus consultórios no período da tarde) quanto na Diretoria de Saúde, na qual eu representava suposto ponto de ligação com a Universidade.

Nos meados de minha gestão como Secretário de Saúde, mais exatamente em 1986, os ventos começaram a soprar de maneira diferente, com meu envolvimento na formação de um organismo ou conselho de secretários municipais em MG e, particularmente com a realização da oitava Conferência Nacional de Saúde, a primeira desde que o país havia entrado na trilha

democrática (ponhamos alguma reserva nisso...). Foi aí que os ventos começaram a empurrar meu barco em direção ao *Mar Aberto*.

Essa Conferência Nacional mobilizou as minhas energias e esperanças na ocasião. Aliás, minhas e de mais uma multidão de pessoas, embriagadas com a Nova República, embora Tancredo estivesse morto e o presidente fosse Sarney, político de índole conservadora, notório pactuário da ditadura, além de ter sido criado dentro do que havia de mais reacionário na vida nacional – a UDN. Mas as esperanças eram muito fortes e, em 1986, ainda não estavam se derretendo no sol, como diz a canção de Milton e Brant. Assim, em setembro ou outubro deste ano, acorremos a Brasília, aos milhares, em brados retumbantes e entusiasmados, achando que havia finalmente chegado a hora de reformar o precário sistema de saúde brasileiro e dar-lhe a feição há tanto tempo sonhada.

Esta conferência, embora fizesse parte de uma série (era já a oitava), nasceu de uma feliz convergência de pessoas e situações. Afinal, um grupo progressista ganhara, com a Nova República, posto de destaque dentro do sistema sanitário nacional, ainda mais fragmentado e ineficaz do que o atual. No Inamps, Hésio Cordeiro, um professor universitário do Instituto de Medicina Social UERJ; na Fiocruz, Sérgio Arouca, professor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz e político ligado ao antigo PCB; no Ministério de Previdência Social, Waldir Pires, político baiano ligado à esquerda brizolista, além de outros nomes, menos notáveis. O fato é que com os ventos favoráveis da democracia e da participação soprando, tratou-se logo de criar uma marca distintiva para as mudanças auguradas na saúde do Brasil, ou seja, a Conferência Nacional de Saúde de 1986, convocada com grande estardalhaço e com direito até a merchandising em novela Global.

A tônica das conferências nacionais que vieram depois, de 1992 em diante, era a de que sua organização fosse “piramidal”, isto é, organizadas a partir da “base”. Mas como não havia base organizada ou esta ainda era muito difusa, tocou-se a música pela velha partitura, com as convocações derivadas diretamente de Brasília. E foi assim que compareci ao evento como “delegado” de Uberlândia, graças a um fax vindo diretamente do gabinete de Saraiva Felipe, que na época chefiava a Secretaria de Serviços Médicos do MPAS – na verdade quase um órgão fictício, pois quem mandava de fato na saúde da Previdência era o Inamps.

Em minha defesa, devo dizer que eu estava tentando organizar tal “base” na cidade, tendo mesmo proposto e organizado um primeiro esboço de Conselho Municipal de Saúde, para o que consegui trazer até mesmo convidados de fora, no caso dois militantes de Nova Iguaçu, onde o bispo católico progressista Dom Mauro Morelli apoiava intensamente as chamadas Comunidades Eclesiais de Base e a militância participativa em geral. Chegamos a realizar pelo menos dois encontros antes da grande conferência em Brasília e ainda que informalmente, este que ora escreve, como promotor e apoiador do movimento local, além de Secretário da área, já seria objeto de consenso para tal representação, só não tendo sido decidido isso por falta de clareza quanto ao processo de escolha. De toda forma, antes eu, convocado por fax, do que algum aventureiro arrivista, mais carente de legitimidade do que a minha pessoa.

Havia de tudo no Ginásio de Esportes, onde ocorreu o evento. Grupos os mais diversos acampavam e faziam saudável lobby de suas demandas nas entradas do prédio. Eu vi índios, parentes de vítimas de acidentes, sindicalistas, portadores de patologias, membros de partidos políticos, representantes do movimento de moradores, sanitaristas, municipalistas, além de muitos outros grupos de interesse travando ali um bom combate. É claro que havia também as eternas propostas extremadas e impraticáveis, como a de retirar do cenário da saúde no Brasil a iniciativa privada. E cada corporação da saúde, tendo a Fundação SESP e a Sucam em posição

notória, tentando mostrar a todos que sua atuação era o que livrava o país do atraso e do caos na saúde. Ausências ou participações apenas tíbias dignas de nota já se mostravam, como a das entidades médicas, com honrosa exceção dos sindicatos. Mas tudo fazia parte de um todo em que a esperança de mudança era o mote dominante.

Nota curiosa: na abertura do evento o próprio José Sarney esteve presente e foi aplaudido vivamente pelo público. Não que tal sujeito merecesse tanto, mas, enfim, cabe lembrar que o Brasil vivia tempos mais amáveis, cheios de esperança no futuro, em que a delicadeza ainda era capaz de se mostrar, sem parecer subserviência.

Um dos grandes acontecimentos da Oitava CNS foi uma reunião, da qual eu participei ativamente. Ali, em uma das escadarias laterais, estávamos umas cinquenta pessoas, geralmente secretários ou representantes de gestão municipal de saúde, gente de todo o Brasil. Sob a liderança incontestável de Nelson Rodrigues dos Santos, o Nelsão – a quem homenageio na seção *Personae*, mais adiante neste texto – fizemos o compromisso que considero histórico, que se materializou ao longo do ano seguinte: a fundação do Conasems, o organismo de representação dos Secretários Municipais de Saúde de todo o país. Eu estava lá e considero que isso foi uma das coisas mais importantes – se não a mais relevante – em que me envolvi na vida.

Muita coisa aconteceu ali naquelas salas improvisadas e escadarias. O *Relatório da Oitava*, cantado em prosa e verso até hoje, desconfio que já estivesse pronto antes mesmo do evento começar, mas certamente reunia um conjunto de sonhos e idéias, para não dizer utopias, que cabiam bem naquele momento e que provavelmente contariam com o apoio daquela massa de entusiastas. Muita unanimidade, como se vê, mas sem deixar de lembrar que excessos de tal ingrediente podem não fazer bem à concretização de planos, ao chocarem irremediavelmente contra a realidade. Mas naquele tempo eu não sabia disso e de fato achei tudo muito especial, acreditando sinceramente que muitas mudanças poderiam surgir dali.

Acho que na Oitava nasceram também alguns mitos sobre o nosso Sistema Único de Saúde, por exemplo, o de que ele é um produto legítimo de um vasto "movimento social"; de que é possível, na saúde, dar "tudo para todos" ou de que aquela carta de desejos em que se constituiu o decantado relatório oficial fosse, de fato, a expressão irretocável da vontade popular.

Muitos anos depois, do alto da *Torre de Vigia*, que é como eu intitulo a última seção dessas memórias, pude constatar que o *pensamento desejoso* é útil como luz acesa em farol de guia, mas não necessariamente para construir coisas sólidas. Assim, pude fazer minhas críticas ao processo de participação social no país, em particular e à construção do SUS, em geral, mas em meu favor posso dizer que só o fiz depois de ter embarcado em canoas que naufragaram e ter me perdido em curvas e buracos sem fim em tal estrada.

Mas foi assim que se abriu o mar para este pobre Moisés...

A IMORREDOURA INSTITUIÇÃO

Na época da Assembleia Nacional Constituinte, entre 1986 e 1988, eu comecei a circular intensamente pelo país, *por mares nunca dantes navegados*, pelo menos por mim. Eu já participava do movimento de criação do Conasems, a entidade nacional de SMS, além de fazer parte da Comissão Nacional de Reforma Sanitária, na qual fui admitido pela porta da frente – episódio que narrarei em outro capítulo.

Nessas viagens, o comum era fazer o proselitismo municipalista em saúde – e nisso eu fiquei escolado. Às vezes também me chamavam para explicar o conteúdo do tópico da Saúde e Seguridade Social na Constituição que estava sendo elaborada, já que circulava a notícia, verdadeira, aliás, de que eu andava fazendo, junto com outros SMS, um lobby *do bem* frente aos parlamentares constituintes. Com efeito, naquela ocasião defendia algumas cláusulas de nosso interesse, principalmente em termos de descentralização e municipalização dos serviços de saúde. Devo dizer que já não sei se sustentaria as mesmas idéias hoje...

De maneira geral eu realizava tais *milagres* em outras freguesias, pois em Uberlândia meus interlocutores eram mais escassos, no máximo os membros da breve e valorosa "CRIS", ou Comissão Regional Interinstitucional de Saúde, criada por força da implantação da política de saúde preliminar ao SUS, e também transitória. Até que um dia resolveram prestigiar o santo de casa... E assim fui convidado pelo Agente Local da Previdência Social, com quem eu mantinha uma relação respeitosa, apesar de nossas divergências, a explicar o conteúdo do relatório da saúde da Constituinte aos funcionários da tal Agência. Fui recebido com certa frieza, em um pequeno auditório quase lotado e de clima muito abafado, nos sentidos possíveis desta palavra.

Comecei por um vôo amplo, falando sobre o conceito de *Seguridade Social*, diferente daquele de *Seguro Social*, que fundamentava a filosofia de ação e o funcionamento dos vários segmentos da Previdência naquele tempo.

Isso posto, abordei mais de perto as mudanças que estavam sendo construídas na saúde, dando ênfase especial à questão do *direito universal*, que punha por terra todo o suporte burocrático que havia dado ao Inamps a prerrogativa de exigir a famosa "carteirinha" de quem quisesse ser atendido em seus serviços. Nesse momento, vi que as fisionomias da audiência começavam a se contrair.

E abordei, já em ambiente que eu percebia como de franca desconfiança, a possibilidade concreta de que a gestão única dos serviços e ações de saúde passassem a ser da alçada dos governos estaduais e municipais, deixando ao Inamps um papel secundário e até mesmo prenunciando sua extinção.

Passeei então pelos vários conceitos em jogo: *descentralização, participação, unificação, regionalização, integralidade*... O ar de incredulidade ficava cada vez mais explícito.

Até que abri para perguntas do auditório. Demorou um pouco, mas elas vieram, meio tímidas, mas anunciando um clima não só de desconfiança, mas também de oposição ao que se discutia em Brasília. As intervenções eram também marcadas por expressões de incredulidade, quase sempre com afirmativas de que o papel da previdência federal era insubstituível no Brasil, e que seu enfraquecimento certamente levaria o sistema ao caos, não só na assistência à saúde, mas também na prestação das aposentadorias, pensões e demais benefícios sociais. Alguns membros da platéia, visivelmente nervosos, saíram para fumar no corredor em frente e não mais retornaram, abrindo, fora daquele auditório onde eu me encontrava, uma nova reunião, de cunho certamente dissidente.

E eu agüentando firme...

Até que veio a indagação fatal, a pergunta mãe de todas as perguntas, originada de uma senhorinha que vagamente me lembrou aquela *Miss Suéter* de João Bosco e Aldir Blanc (a digna escriturária do INPS, lembram-se?).

Foi assim: *Doutor, mas para isso tudo valer ainda vai ter que passar pela Direção Nacional e ainda ser publicado como Portaria da Presidência do Inamps, não é?*

Pano rapidíssimo. Poucos meses depois a *Constituição Cidadã* era promulgada em Brasília, em sessão solene do Congresso Nacional, sem que o famigerado *Boletim da Presidência do Inamps* tivesse se ocupado dela.

***

O Inamps, instituição ainda presente na memória de muitos, ainda me trouxe pelo menos mais uma história curiosa, digna de ser passada adiante.

Deu-se o seguinte: quando fui trabalhar em Brasília, em 1991, meu primeiro posto foi no IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal, que tinha um convênio de assistência técnica com a recém-criada Fundação Nacional de Saúde, híbrido da fusão da "inteligência" e da "beleza", conforme o famoso *joke* de G. Bernard Shaw, que resultou do casamento da antiga Fundação SESP com a Sucam, Superintendência de Campanhas de Saúde Pública. Aliás, por ter repetido a piadinha do genial irlandês em uma reunião de diretores da nova instituição, passei a ser visto com desconfiança desde então, da qual só me livrei quando por força do destino – o que contarei depois – fui demitido e depois admitido em um novo posto no Ministério da Saúde.

E o novo posto estava situado bem no olho de um furacão. Eu fui trabalhar na Secretaria de Assistência à Saúde, que naquele momento representava uma nova fusão, a do Inamps com o próprio Ministério. Não se deve esquecer que até os anos finais da década de oitenta o Inamps ainda era uma autarquia dentro da esfera do Ministério da Previdência. Mas a nova década já se iniciara e corriam os tempos da unificação do sistema de saúde, resultado da Constituição de 1988. E foi assim que, depois de alguma protelação, o velho Instituto de Assistência Médica da Previdência Social deveria finalmente se juntar à administração direta, ou seja, ao MS. Operação complicada aquela, pois o ente a ser incorporado era maior, mais endinheirado e até mais complexo do que aquele que o iria absorver. E foi assim que, entre 1992 e 1995, meu trabalho se deu dentro de uma pinguela balouçante, com um pé no Ministério da Saúde antigo, outro no Inamps, não muito menos antigo, mas muito mais matreiro. Naqueles tempos ainda se ouviam frases como *manda para o Inamps, isso é coisa de lá*, ou seu oposto, relativo ao MS, dependendo da natureza do papel ou do processo em curso. Como se não estivessem as duas instituições – e nós, seus pobres servidores – dentro de um sistema orgulhosamente auto-definido como *Único*.

Mas em 1993, com a chegada ao governo de Itamar Franco e de um ministro um pouco mais corajoso, Jamil Haddad, a extinção do Leviatã foi decretada de vez. Ato contínuo, foi reservado todo um andar, o último, do prédio situado no início da L2 Sul, onde então funcionava a SAS, para que ali se instalasse o Grupo de Trabalho que iria cuidar da finalização dos trabalhos do Inamps. Não nos esqueçamos, é bem mais fácil criar um órgão público do que extinguí-lo. E naquelas alturas do nono andar se instalou o QG do referido GT, sob a presidência de um notável burocrata do antigo DASP, que passou a ser designado, ironicamente, pelos mortais que lhe quedavam abaixo, como *O Extintor.* Sua primeira medida foi a vedar o acesso ao nono andar aos comuns, situados nos andares inferiores, para tanto mandando instalar portas com chave na saída dos elevadores e nas escadas que ali davam aceso. Por sorte não houve incêndios na ocasião...

No Natal de 1993 os trabalhos já iam avançados, caixas e caixas de documentos subiam e desciam pelos elevadores, bem como sujeitos engravatados e *Margots-escriturárias* de variados

calibres (ainda a canção de Bosco e Blanc). Foi então que o digno *Extintor* enunciou a sua pérola máxima, dirigida indistinta e democraticamente a todos os que freqüentavam o prédio. O cartão de boas festas que mandara afixar na portaria do prédio e nos elevadores dizia simplesmente o seguinte: *Em nome da nossa imorredoura instituição, o Inamps, desejamos a todos um Feliz Natal e um próspero ano de 1994*.

E aquele homem estava ali para liquidar, de vez, a tal "imorredoura instituição". Acreditem...

MALES QUE VÊM PARA O BEM

Na minha passagem pela Fundação Nacional de Saúde o horizonte estava carregado de nuvens de chumbo, como poucas vezes se viu na vida nacional. Estava Fernando Collor no governo e as denúncias de corrupção pipocavam por todo lado, particularmente, na área da saúde, na qual um notório irmão do inesquecível P. C. Farias dava as cartas.

É bem verdade que o Farias em questão, mesmo sem ser ministro, não só *faria* como *fez – e* muito... O ministro, de direito, era Alceni Guerra, um político paranaense até bem respeitado no movimento da reforma sanitária, por ser um defensor do sistema público, tanto na sua vida parlamentar como nos cargos executivos que teve, inclusive no Inamps.

O auge da crise na saúde se deu quando foram denunciadas falcatruas na compra de bicicletas e guarda-chuvas para o então inédito programa de Agentes Comunitários de Saúde, dentro de um superfaturamento astronômico. O mágico da vez era um executivo paranaense, amigo de Alceni, mas muito afinado *ideologicamente* com os irmãos Farias, que comandava a diretoria de compras da Funasa. O homem era um dos tais que primava seus despachos com uma histórica frase: *encaminhar ao SUS*! – como se a instituição à qual pertencia não fosse parte do mesmo. Já vimos este filme, não é mesmo?

O escândalo das *bicicletas e dos guarda-chuvas*, como ficou conhecido, tendo como agente de recepção as até então desconhecidas *Lojas do Pedro*, de Curitiba, foi um dos fatores desencadeantes da queda de Collor e seus cúmplices, incluindo o próprio Alceni, que certamente também não era tão santo como parecia.

Mas antes do presidente cair, rolamos ribanceira abaixo uma leva de técnicos da Funasa, incluindo sua presidente, uma moçoila graciosa e inteligente chamada Isabel, além de boa parte de SUS diretores, incluindo Carlos Catão de Loyola, meu chefe – este realmente um homem que poderia ser chamado de santo naquele imbróglio todo. E como o chefe despencou, todos os seus auxiliares rolaram juntos com ele.

Isso foi muito desconfortável para mim, pois afinal fora demitido no âmago de um escândalo de corrupção. Meu próprio pai, vejo atualmente que de maneira apenas ingênua, um dia me perguntou: *mas você não está envolvido com isso, meu filho?* – o que me deixou muito chateado e mesmo rompido com ele durante mais de um ano. Pior do que isso foi a perda do cargo que eu detinha, um reles DAS - 2, mas que me permitia a liberação da minha instituição de origem, a UFU, para permanecer em Brasília, como era meu grande desejo.

Minha flutuação no espaço durou poucos meses, felizmente. Com a chegada de um novo ministro, Adib Jatene (grande homem!), fui atrás de alguns conhecidos que chegavam para assumir postos no Ministério da Saúde (cito nominalmente os dois mais importantes: José da

Silva Guedes e Eduardo Levcovitz) e através deles acabei nomeado para um posto hierárquico até maior, agora na Secretaria de Assistência à Saúde (SAS).

Mas a moral dessa história não tem nada a ver com postos e amigos. Quando fui exonerado na Funasa eu estava, na verdade, já meio angustiado com o estado de paralisia de minha dissertação de mestrado, a ser defendida na ENSP/Fiocruz e iniciada pouco tempo antes. De maneira que, refeito do susto da demissão, resolvi encarar de frente o trabalho, retomando-o com afinco. Agora eu tinha tempo livre e até sobrando. Três meses depois eu já conseguira marcar a data da defesa e o fiz dentro ainda dos prazos normais, sendo bem acolhido pela banca, salvo uma examinadora – esta escolhida por mim diretamente – que quase ia me reprovando. Coisas das Academias...

Há males que vêm, de fato, para o bem. Alceni Guerra é um deles.

DE COMO EU VIREI DOUTOR DE VERDADE

Fugindo ao cânone e aos protocolos, dediquei o primeiro capítulo de minha tese de doutorado, defendida na ENSP em 2002 a mim mesmo... E o fiz formalmente, esclarecendo: *concedo-me a oportunidade de tentar demonstrar aos meus leitores o como e o porquê desta tese, não do ponto de vista acadêmico ou científico, pois para tanto me sobrará espaço nos capítulos que se seguirão. Aqui, o que interessa à minha pessoa, mas sinceramente espero que, também, aos outros, é recuperar um pouco da trajetória profissional que me levou a fazer, com mais de 50 anos nas costas, um doutorado e uma tese, além de encontrar um tema, o de saúde da família.*

Parti do pressuposto de que era preciso gostar do objeto com que se trabalha. Ou, para ser talvez menos exato, mas certamente mais próximo do que realmente acontece: é preciso amar este objeto, ter com ele uma relação fundada – por que não dizê-lo? – no *desejo*, seja para compreendê-lo, seja para mudá-lo, explicá-lo, transmiti-lo aos outros, enfim. Falei portanto, do meu *desejo*, de como ele surgiu e se transformou ao longo de minha vida profissional.

Assim foi que no primeiro capítulo da tal tese, resolvi falar na primeira pessoa do singular, dando voz a uma pessoa, *singular*: a minha. A *pessoa* acadêmica, científica, protocolar, adverti, falará depois, talvez até demasiadamente...

Falei de meus contatos dentro do que veio a se chamar mais tarde *movimento municipalista de saúde*, extremamente proveitosos. Comecei a perceber que talvez minhas indagações dos anos anteriores começavam, aqui e ali, a ter respostas, principalmente por parte dos municípios. Mas faltava, eu pressentia, uma política de saúde voltada para a atenção primária e mesmo uma discussão mais aprofundada e menos marcada pela *ideologia conspiratória* a respeito do papel da atenção primária e de sua re-colocação como questão central na discussão referente ao modelo assistencial. Era como uma construção a ser iniciada, com os materiais – tijolos, areia, cimento – espalhados em volta, mas sem pedreiros que os organizassem e alicerces onde fossem assentados.

Havia debates, é claro, e estes eram intensos, mas muito *ideologizados* e travados dentro de circuitos relativamente estanques: de um lado, os acadêmicos, olhando tudo de maneira muito crítica e repleta de suspeição; de outro, os municipalistas, que sabiam de fato o que era *o povo* (e principalmente seu "péssimo" costume de pressionar as autoridades literalmente, batendo-lhes à porta...), e que bem ou mal encontravam seus caminhos. E eu, ao mesmo tempo

acadêmico (*ma non troppo*), e gestor municipal de saúde, estando entre a espada e a cruz, creio que fiz opção pela primeira: preferi a *luta* e não a *ascese*. Nem preciso dizer que isso não foi muito bem recebido no meu ambiente universitário, que me julgou rendido a um novo e estranho Senhor. Mais uma tarifa a pagar...

No meio deste caminho me apareceu, com força, a Saúde da Família realmente concreta. Foi assim: cerca de 1997, docente da UnB, me aproximei de uma experiência correlata, o *Programa Saúde em Casa (PSC)*, que estava sendo implantada pela SES de Brasília, como parte do programa de Governo de Cristovam Buarque. Passei a levar alunos, tanto do primeiro como do sexto ano, para acompanhar equipes do programa, o que creio ter sido muito bom para a formação deles. Eu e os outros docentes envolvidos nos prontificamos a colaborar com o PSC e, para tanto, fizemos algumas interlocuções com a SES e preparamos alguns documentos, contendo análises e sugestões. Devo dizer, contudo, que certa auto-suficiência de nossos colegas no governo aliada, talvez, à dificuldade em receber críticas, acabaram nos afastando do programa.

Tive, além disso, oportunidade de conviver com membros das equipes do PSC e depois do PSF, como alunos dos Cursos de Especialização da UnB, desde 1999. Considero esses contatos altamente proveitosos, pois através deles me foi possível acompanhar as idas e vindas do programa, aliás, extinto em um primeiro momento da administração Roriz, em 1999, e depois retomado com novo rótulo, de PSF propriamente dito, embora sem grandes mudanças de fato.

Cheguei, assim, à minha tese de doutorado na Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ, no Rio de Janeiro, defendida em 2002. Resumindo minha motivação: encontrei meu tema e minhas questões – ou eles me encontraram, não sei bem – através das preocupações e dos *insights* que me acompanhavam desde o tempo que eu era apenas um médico clínico. Aproximei-me dele, também, por sentir que o estado da arte referente à questão da saúde da família se tornara mais convidativo e que as questões ideológicas que o rodeavam, antes dominantes e, certamente, prejudiciais ao seu melhor entendimento tinham, finalmente, encontrado sua dosagem e sua dimensão adequadas, ou resumindo: as *teorias conspiratórias* não mais imperavam.

Não deixou de influir, também, na calibragem de meu desejo, o fato de que eu me sentia ainda devedor (talvez apenas a mim mesmo) de um trabalho que fosse acadêmico, mas que, ao mesmo tempo, não perdesse de vista o empirismo e a aplicabilidade na realidade. Ou seja, minha dissertação de mestrado, sobre representações sociais, dentro de uma abordagem demasiadamente sociológica (que me perdoem os sociólogos se me arvorei a tanto, sendo apenas médico...) ainda se encontrava, de certa forma, atravessada em minha garganta. Eu precisava de algo de fôlego, e que me fizesse justiça!

Teve influência, também, a percepção que em mim se acumulava a respeito da trajetória do PSF em todo o país, que eu via e acompanhava em minhas visitas ao programa do DF e de muitas outras localidades. Creio que poderia resumir essas transformações, qualificando-as como autênticos saltos de qualidade; como passagens do *sonhado* ao *concreto*; do *normativo-duro* à *dialética do possível*; da *teorização* ao *empirismo*; do movimento *para a realidade* para o movimento *a partir da realidade*; da construção *tecnico-política* á construção *social*.

Foi com esta bagagem de suposições, mas, também, com algum grau de apreensão empírica e concreta da realidade, que me dispus a fazer o doutorado e, como decorrência, esta tese. Foi assim que justifiquei minha legitimidade, minha afinidade e minha *familiaridade* (sem trocadilho) com o objeto da saúde da família. Dotado de tais pretensões fui, pela terceira vez em minha vida, desembarcar no Rio de Janeiro, cidade que, devo admitir, sempre me causou

sentimentos contraditórios, pois sempre saio e retorno a ela, o que ocorreu por três vezes em um período de 20 anos.

TANAJURAS NO VERÃO

No *mar aberto* do SUS naveguei como ninguém por este país. Viajar, afinal, é uma das principais atividades de que se ocupam os detentores de cargos de Direção e Assessoramento Superior, os populares "DAS", na Esplanada dos Ministérios. E eu não fugi a tal regra, embora, deva confessar, não tivesse muito gosto em freqüentar hotéis, aviões e reuniões burocráticas fora de minha base (e nela também). Mas como fazia parte de meu trabalho, não me restava outra opção a não ser embarcar. E assim houve ocasião em que eu iniciei a semana em Macapá e a encerrei em Caxias do Sul, com o enorme dilema de fazer a mala com os trajes adequados à mudança climática e, além disso, preparar minha agenda para o que viesse.

Isso sempre me provocou algumas reflexões, que coloquei em papel, certa vez. Escrevi que desde os anos 70 o Ministério da Saúde tinha deixado para trás uma letargia de décadas. Nesta ocasião, anda vigia o regime militar, mas estava presente no cenário da saúde uma feliz combinação de dirigentes com perfil técnico, espírito progressista, muita personalidade e destemor na ação. Naquele momento, com o crescimento do Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento (PIASS) e de outros programas de alcance nacional, o mastodonte que ocupava e ainda ocupa o Bloco G da Esplanada, passou a ter uma ação mais eficiente no cenário da saúde nacional. Em tempos por assim dizer *heróicos,* o MS arregimentou uma boa quantidade de gente nova, oriunda dos cursos de saúde pública que começavam a proliferar nas principais capitais, contratou-a por mecanismos alternativos, fora do tradicional e formal concurso público e a colocou a trabalhar no aperfeiçoamento das propostas já em curso, mas também na promoção das mesmas e no seu acompanhamento junto aos estados. E eram 26 estados, apenas um a menos do que hoje, no proverbial país continental que todos conhecem.

Tive oportunidade de conviver com pelo menos duas pessoas que passaram por estas trajetórias inovadoras, quase revolucionárias, em plena ditadura. Um deles foi Francisco de Assis Machado, o Chicão, que já citei aqui a respeito daquela história do único Prefeito do MDB no Triângulo Mineiro, o tal que me contou que era de tal partido apenas porque uns *fdp*, seus inimigos, tinham ida para a Arena. O outro desses caras teve influência especial em minha vida: Ricardo de Freitas Scotti. Uma das pessoas mais racionais e organizadas que já conheci. Um radical neste campo, gestor e lider extraordinário. Somos da mesma geração, circulante nas ruas de BH dos anos 50 e 60. Trabalhei junto com ele na Diretoria Regional de Saúde de Uberlândia e o considero, junto com Maria Helena Brandão, também pessoa muito ligada a ele, as influências principais que me ensinaram a trabalhar com saúde pública.

Mas voltando ao Ministéro da Saúde, naqueles anos heroicos. Diferente de hoje, não havia aviação regional desenvolvida e os aeroportos praticamente se limitavam ás capitais – não todas. Cabia àqueles técnicos, que somavam pouco mais de duas dezenas, viajar intensivamente, para dar conta de todo o recado junto às unidades federadas. Meu amigo Scotti me deu o seguinte depoimento: *a gente viajava duas, três semanas seguidas; às vezes chegava em casa, em Brasília, com tempo pouco mais que suficiente para tirar as roupas da mala e colocar outras peças, para começar tudo de novo – e era a gente mesmo que "se"' autorizava a viajar...*

Bem, os tempos mudaram... A comunicação se tornou instantânea, seja por telefone ou por quaisquer dos diversos instrumentos possibilitados pela internet. Mas em Brasília, o processo de trabalho de acompanhamento e monitoramento dos estados não mudou de forma compatível. As viagens e mais viagens por parte de uma equipe técnica muitíssimo mais numerosa, continuam a todo vapor. Fiquei abismado com o que vi, em meados da primeira década do século, quando voltava de uma viagem de trabalho (dessa vez pelo Ministério do Desenvolvimento Social) ao Acre. Pois bem, no Aeroporto de Rio Branco pude presenciar, quando do embarque de volta para Brasília, o encontro de equipes técnicas do MS, de três secretarias diferentes do órgão. Aquelas pessoas estavam ali havia alguns dias e só vieram a se encontrar no momento da volta para casa. Ou seja: cada um – ou cada grupo – tratou dos assuntos de seu pedaço, nada mais, sem se dar conta que havia, talvez na sala vizinha ou no andar de baixo, outras pessoas que vinham de Brasília até ali para fazer a mesma coisa: acompanhar e monitorar as atividades desenvolvidas pelos estados no âmbito da saúde.

Devo admitir, todavia, que este depoimento crítico chega a ser desnecessário, pois qualquer um que aborde, com mais intimidade, os técnicos das SES por todo o Brasil sabe da reação negativa frente a estas visitas múltiplas, muitas vezes intempestivas e nem sempre conseqüentes em termos de objetivos comuns ou minimamente definidos.

Isso, é claro, custa muito dinheiro. Calculei na época o quanto, somando preços de passagens e diárias, sem incluir as práticas e critérios pouco ortodoxos de cálculo das mesmas. Era dinheiro suficiente para ações mais efetivas, incluindo, talvez, a compra de equipamentos de alta potência para práticas mais eficazes de "tele" interação. Imagino que não é preciso ser versado em modernas tecnologias de gestão da informação para saber que o uso da internet e, particularmente, da tecnologia chamada *videoconferência* que oferecem mil e uma vantagens sobre essa proliferação de viagens, que sempre me lembram os enxames de tanajuras no início do verão do cerrado.

Em um resumo rápido, minhas viagens pelo Brasil como representante do MS consistiam, basicamente, em separar as eternas brigas entre o *pessoal do Inamps*, já lotados nos escritórios do MS nos estados, contra o *pessoal das SES*, nos primeiros tempos da integração e da unificação, ainda não concluídas mesmo naqueles dez anos depois da Constituição ter parido o SUS. Isso para não falar das brigas ainda mais rançosas e cabeludas entro o tal povo das SES e o dos municípios, em que se misturavam, além do ranço político-partidário, terríveis questões de vaidade pessoal e fuga de responsabilidades. Isso para não falar do quebra pau permanente esntre os burocratas da SES e os proprietários de hospitais e clinicas, quando uma coisa e outra não se confundissem.

Mas como militante do movimento municipalista, nos anos 80, minhas viagens foram ainda mais "divertidas" do que as ministeriais.

Vai aqui, num breve resumo, um repertório de curiosidades e escabrosidades que essas viagens me ofereceram. Mas o relato traz apenas uma síntese das situações que eu vivi, sem citar, por motivos óbvios, o nome de alguns dos *santos* atuantes, bem como a localização de seus respectivos santuários.

Em certa capital do Nordeste havia uma Primeira Dama – talvez não a única, mas sem dúvida a "primeira", aquela que detinha o privilégio de dormir "em palácio" – que mantinha uma sala ao lado de seu marido, o Governador, na qual eram que distribuídas não só as famigeradas "AIH", autorizações para se internar em hospitais pelo Inamps, como outros benefícios sociais, como programas de leite, de enxovais, de próteses etc. Ele era um mandatário poderoso, da estirpe

de coronéis de engenho, um personagem de Gilberto Freyre, mas diziam as más línguas que quem mandava de fato, em casa, no palácio e mesmo no estado era a mulher, a qual, para impor seu mando ao pobre marido lhe aplicava, periodicamente, surras com toalha molhada – para não lhe deixar marcas visíveis. Deve ter feito curso no DOI-CODI...

Em outra capital, no extremo Norte, a briga de egos era tão grande, que minha missão de apartar os contendores fracassou, porque o secretário da capital, um japonês com cara de mau, se recusou a fazer interlocução, mesmo sob a minha batuta fde "agente federal", com seu correspondente estadual, no que foi apoiado por sua equipe, a qual, à parte, me confessou que o risco de os dois se engalfinharem não era nada desprezível. Este mesmo secretário de estado é personagem de outro relato meu aqui nessas memórias – *Tem um médico a bordo?*

No Centro-Oeste assisti, certa vez, cenas de quase pugilato na partilha de AIH, marcadas por um cenário particular: de um lado e de outro da mesma mesa havia donos de hospitais, uns apenas isso; outros "acumulando a função" de auditores ou supervisores do Inamps. Macacos tomando conta da banana que outros símios disputavam. Neste dia, tive que segurar, quase que literalmente, meu amigo Antonio Carlos Cezario (que cedo nos deixou), que já ia se animando a proferir uma justa, exaltada e esbravejante lição de moral, porém meio inoportuna, àqueles sujeitos tão pouco republicanos.

Em uma aprazível capital do Nordeste, a viatura da SES foi me buscar no aeroporto, conforme combinado. Sem dilemas éticos, pois a viagem não era para apartar brigas com municípios ou com o Inamps. Como era noite – e ninguém é de ferro – principalmente nas cercanias do Equador, o percurso incluiu uma parada de algumas horas em estabelecimentos da *night* local, das mais animadas, por sinal. Até aí tudo bem, mas o que vocês acham daquele carro chapa branca estacionado bem em frente da chopperia onde nos deleitávamos? E com o motorista dentro do veículo, a Senzala da vez, apartada da Casa Grande. E quando me manifestei sobre isso aos anfitriões eles apenas me disseram: *não se preocupe, aqui ninguém liga para essas coisas...*

Trabalhei na Funasa em uma época de vacas magras. Talvez não para todos os escalões, como é de praxe, mas para mim, pobre mortal, com certeza. Viagens, por exemplo, somente em vôos noturnos ou promocionais. Diárias, o mínimo necessário, mesmo que para economizar você tivesse que sair de seu hotel ao meio dia para pegar um vôo às dez da noite. Nos eventos de treinamento, acomodações coletivas para treinandos e treinadores. Foi dentro de tal contexto que me enviaram a Natal, para um seminário de planejamento, dos muitos que então se fazia, de forma meio compulsiva, sem que no final ninguém cumprisse o planejado e poucos sequer se lembravam do que foi ali discutido. Mas eu que não conhecia Natal – e nem as práticas funasianas ainda – me empolguei, principalmente ao verificar que a localização do hotel que me destinaram era simplesmente a famosa praia de Ponta Negra. Assim, apeei de meu vôo noturno, lá pela meia noite e tanto, e tomei a viatura que me cabia, rumo ao paraíso (pelo menos no meu ingênuo entendimento). Ao chegar ao hotel, melhor dizendo, um *pousadão* meio abandonado e com sinais evidentes de decadência, vi que algo muito diferente me aguardava. Ao abrir a porta do quarto que me era destinado, me vi dentro de um cômodo grande, mas não ao ponto de caber com conforto as oito camas que ali estavam, das quais pelo menos sete já ocupadas por um bando de homens tagarelas, suarentos, roncadores e mal-cheirosos. A oitava cama, junto à porta do banheiro, era minha. Tinha ar condicionado, sim, mas o aparelho só fazia barulho – insuportável, por sinal. Ainda bem que a minha estadia ali foi curta, apenas uma noite.

Na Funasa, por essas e por outras, eu não duraria mais do que seis meses. É bem verdade que ainda fui pego em outra armadilha, em uma reunião na Praia de *Mosqueiro*, no Pará. O nome

de tal lugar, aliás, me pareceu altamente apropriado, dado as criaturas aladas que por lá abundavam.

Ainda como porta voz da Funasa, fui certa vez a uma capital do mesmo Nordeste. Bem naquele estado em que uma dinastia ocupou (e talvez ainda ocupe) o centro do poder durante mais de quarenta anos. Ainda não esclareci? Vá lá... Para não me acusarem de preconceito, falo também das qualidades do lugar: é também a terra de Augusto dos Anjos, Ferreira Gulllar, Alcione e Zeca Baleiro. OK assim? A reunião à qual fui enviado ocorreu em uma chácara nos arredores da capital, visando evitar a evasão de participantes, fenômeno comum nesse tipo de evento, afinal nada mais do que *coisa dos homens de Brasília*. A reunião já começou tumultuada, pois as chaves dos cômodos da casa ninguém sabia onde estavam. A turma se virou debaixo das mangueiras mesmo. Faltou água também, inclusive para beber, pois a firma encarregada da entrega dos garrafões não deu as caras, por suposta falta de pagamento de entregas anteriores. Na hora do almoço, nada de comida, que também vinha de fora. Cada um se virou como pôde até que as marmitas chegaram, quase três horas da tarde, bem frias, junto com a entrega de água. Tudo bem então? Nem tanto. No dia seguinte havia água e a comida chegou pontualmente ao meio dia, mas não vieram os copos e os talheres... Melhor mesmo era comentário geral: *aqui é assim mesmo, lugar onde a família S. manda não podia ser diferente. Não tem solução...* De fato, o que faltava ali, principalmente, não seriam chaves, nem água, nem comida, nem talheres, mas principalmente auto-estima...

Inusitada, também, foi a minha aventura em outra das capitais do Norte, ainda no tempo em que meu proselitismo se dirigia aos Secretários Municipais de Saúde, na qualidade de vice-presidente de sua entidade nacional. Eu havia sido convidado pelo Secretário local, um baixinho estranho, com cara de duende ou de ET, para fazer uma palestra para representantes municipais sobre a iminente fundação do que ele chamava de "Codesams", na verdade, "Conasems". Por mais que eu insistisse na nomenclatura correta o duende amazônico insistia em falar de seu modo, até que resolvi abandonar meus propósitos corretivos e acabei passando por ali como representante do tal "Codesams" mesmo. O ET não veio me esperar no aeroporto, mandando, em seu lugar sua secretária, morena alta e vistosa, meio indígena, meio mulata, a qual, logo percebi, tinha funções amplas na SMS, que iam desde cuidar da agenda do Senhor Secretário até receber visitantes, passando também por distribuir ordens na repartição. A morena me conduziu gentilmente ao hotel onde eu pernoitaria, pois já era bem tarde, ficando de me apanhar no dia seguinte, como de fato aconteceu. Passei o dia em reuniões, almocei entre dignos colegas e no final da tarde, quem aparece de novo para me conduzir de volta ao hotel? Ela mesmo, a Morenona. A parte pitoresca do dia foi o que ela me disse ao chegarmos no hotel, já bem íntima, pois na véspera só me tratava por "senhor" e "doutor". Foi assim: *você me espere lá pelas dez que eu venho lhe buscar para dar um giro na 'naite' da cidade, que é bem animada. Vou só esperar meu marido sair para seu plantão na delegacia...* Eu, hein? Disse que já tinha outro compromisso, agradeci e me despedi. No dia seguinte ela veio me levar ao aeroporto e nem mais tocou no assunto noturno.

Outra de minhas tarefas habituais era a de representar o MS em Conferências de Saúde e outros eventos. Em algumas ocasiões eu era convidado diretamente pelos organizadores; em outras representava as chefias, particularmente meu particular amigo Gilson Carvalho, que adorava este tipo de evento, mas nem sempre podia comparecer a todos a que era convidado.

Em Santa Maria-RS, certa vez, não em uma conferência, mas em um congresso nacional de especialistas, fui fazer uma palestra sobre o processo de descentralização, mas só de última hora me avisaram que, além disso, de eu estaria representando também o Ministro, no caso, Adib Jatene, que não poderia vir. Assim, por algumas horas, posso dizer que "virei" Ministro da Saúde

e com tais prerrogativas fui logo convidado para um colóquio no gabinete de Sua Excelência o Prefeito Municipal, para uma roda de mate e alguma conversinha sobre AIH, convênios federais, repasses ordinários e extraordinários, além de outros temas igualmente espinhosos. Claro que eu não tinha resposta para tudo, afinal fora pego de surpresa. Tive então que me segurar com escapatórias genéricas, com as quais já estava acostumado. Mas aprendi, certamente, algumas coisas importantes sobre a cultura gaucha, por exemplo, que você não deve passar a cuia de chimarrão para seu vizinho de roda antes que a mesma "ronque". Ou que as cuias de mate parecem ser diretamente proporcionais ao calibre da autoridade que as detêm. A cuia do prefeito de Santa Maria da Boca do Monte tinha uns trinta centímetros de profundidade e nela cabia um oceano de intragável chimarrão. Esvaziá-la foi um tremendo sacrifício, do qual custei a me recuperar.

Certa vez o convite era para Varginha, no meu estado natal. Tive que negociar, em primeiro lugar, o meio de transporte: preferi, contra a vontade de meu anfitrião, o velho e bom ônibus intermunicipal, pois já estava um tanto calejado com algumas viagens anteriores, realizadas em viaturas decrépitas do erário municipal. Acertada esta parte, rumei ao pujante município cafeeiro do Sul de Minas. Fiz a palestra de abertura de uma Conferência Municipal de Saúde, tudo dentro do esperado, pois de há muito tinha um discurso pronto, válido inclusive para as indagações da plateia, quase sempre previsíveis e pouco originais. Terminada a minha fala, ou mesmo antes dela, não me lembro bem, fui cercado, na porta do auditório, por uma repórter da TV local, que pelo visto fazia oposição ao Prefeito, organizador da conferência. E a reporter, que me lembrou personagem de um sambinha de Simonal, dos anos sessenta (*lá vai ela e pensa que é mulher),* do alto de seus quinze centímetros de salto e de sua exuberante maquiagem, que a tornava semelhante a uma mini-Cleópatra, partiu célere e sequiosa de sangue para cima de mim: *o que há de novo doutor, o que o Ministério pode oferecer a Varginha, onde há um total descaso com a saúde?* Eu, me afastando lateralmente um passo, mostrei para a câmera o auditório lotado e disse aos telespectadores, convicta e vitoriosamente: *a novidade é esta: cidadãos discutindo a saúde – e é daqui que devem sair as soluções que você está procurando*. Corta!, disse a moçoila, afoitamente. Dessa vez creio que não fui para o ar.

Nas Conferências de Saúde gostava de florear minhas falas, geralmente bem objetivas e didáticas (creio eu) com algumas citações de efeito. Em algum lugar, de que não me recordo agora, resolvi usar Manoel Castells para um *gran finale*: *eu participo, tu participas, ele participa... eles decidem.* Aplausos delirantes! Perdi um pouco do entusiasmo, entretanto, quando olhei para as fisionomias contrafeitas do Prefeito e do Secretário Municipal de Saúde, na mesa de honra. No mesmo estilo, deixei escapar em local pouco apropriado a citação de Bernard Shaw, a respeito da proposta de casamento feita ao escritor irlandês pela Miss Inglaterra de então, o que, segundo ela poderia produzir criaturas que unissem a beleza dela com a inteligência dele. Shaw argumentou reduzindo ao argumento a seu oposto: *e se herdassem a minha feiura e a seus escassos dotes intelectuais, senhorita?* O evento era um seminário de diretores estaduais da Funasa e o que motivou a citação de Shaw foi o risco de que o casamento entre Sucam e FSESP não produzisse uma criatura viável. Foi demais, acredito, mas pelo menos deve ter colaborado para antecipar minha saída da Instituição.

Em Goiânia, certa vez, ao terminar minha fala, fui interpelado por um cidadão na platéia, que queria que eu explicasse uma frase minha durante a palestra, que ele tinha entendido como uma ofensa ao SUS. Algo como: *um sistema assim não tem jeito mesmo*. Logo me dei conta do que acontecera e dos motivos da má interpretação. O sujeito simplesmente entrara no auditório (e eu o tinha visto justo nessa hora) no meio de um raciocínio meu, no qual eu falava sobre o notório domínio dos interesses privados e corporativos na saúde e as dificuldades que isso produzia, donde aquele arremate que o repugnou. E não houve argumento meu que o convencesse que eu era do bem, do lado dele, não daquele "outro lado" que ele rejeitava. E já

então eu desconfiava dos militantes, aquelas pessoas que retalham o mundo à sua imagem, semelhança e conveniência, passando a tomar a parte como se fosse o todo. Em todo caso, devo dizer que até já ouvi gente acusar Chico Buarque de machista, pela letra de Mulheres de Atenas. Pode?

Nem tudo são horrores, todavia. No final dos anos 90 coordenei um trabalho de extensão universitária no município de São João da Aliança, em Goiás. Eu fora procurado pelo então Secretário Municipal de Saúde, um gaúcho de sangue quente, mas muito boa praça, misto de fazendeiro e chofer de caminhão, chamado João Roberto Piass. Ele queria apoio da Universidade de Brasília para sua recém implantada repartição, o que me deixou animado, sendo este tipo de coisa um tanto invulgar no meio das administrações municipais, geralmente formadas por pessoas auto-suficientes e desconfiadas em relação à ajuda acadêmica, ou muitas vezes pouco criativas e dependentes das ordens dos prefeitos. Assim, um dos projetos que a cooperação da UnB desenvolveu, o único que teve princípio, meio e fim, aliás, foi a organização de uma Conferência Municipal de Saúde, a primeira delas na cidade. João Roberto teve permanência curta na administração; saiu de lá rompido como prefeito, com quem se desentendeu tão seriamente a ponto de trocarem sopapos na via pública. Coisas da política, não só interiorana...

São João da Aliança, cidade situada uma centena e meio de quilômetros a Nordeste de Brasília, território de gaúchos emigrados plantadores de soja, porta de entrada da Chapada dos Veadeiros, era também conhecida nas rodas hospitalares do DF como “São João das Ambulâncias”, dada a notória precariedade dos escassos serviços de saúde ali existentes.

Esta conferência não deixou de ser um evento notável. Não poderia afirmar com certeza, mas acho possível que nunca mais tenha se repetido algo assim na cidade, com exceção, talvez, de algum show sertenejo. Conseguiu-se reunir no Ginásio de Esportes da cidade mais de trezentas pessoas. Como a lei 8142 mandasse, *sabiamente,* que metade do público fosse composta por representantes institucionais, isso claramente inviabilizaria o evento (afinal onde iríamos encontrar mais de cem representantes de tal extração?). Assim foi que resolvemos “pular” esta parte, a da *paridade* prevista na lei, e realizamos a conferência com maioria absoluta de usuários – como naturalmente seria mais razoável. No meio dos debates, que iam bem mornos e com conteúdo previsível, um pastor pentecostal pede a palavra. Eu já o conhecia de reuniões anteriores, mas não exatamente suas opiniões sobre a saúde, que eu temia fossem marcadas pelo conservadorismo e fundamentalismo religioso, como acontece com essa gente. Mas qual! É bom realmente não ter pré-conceitos de nenhuma espécie. O homem simplesmente nos brindou com uma magnífica reflexão inspirada em versículos bíblicos, dizendo que de fato os desígnios de Deus eram de que todos tivessem boa saúde, e que isso só poderia ser conseguido graças a esforços e cada um e de todos, da sociedade e dos governos, no sentido de se promover hábitos saudáveis, de ajudar o próximo a conhecê-los, de ter a saúde com um bem divino, mas de cujo cuidado deveríamos nos sentir responsáveis. E citou, uma a uma, diversas passagens da Bíblia que reforçavam seu pensamento.

Mesmo com momentos gratificantes como este, o fato é que cansei de falar ou participar de eventos públicos. Em parte porque passei a me sentir desatualizado, mas também porque assumi como regra de pensamento a expressão *a unanimidade faz mal á saúde*, que também virou título de um livro meu. E me fatiguei em repetir unanimidades, redundâncias e platitudes, passando a preferir enunciados novos e desafiadores, muitas vezes encarados como apostasias pelo establishment sanitário, que já não me acolhia calorosamente como o fizera no passado. Enfim, coisas pouco apropriadas para o tipo de platéia das conferências e eventos assemelhados.

Minha última participação deste tipo, com público amplo e muita polarização de debates, se deu em 2013, quando minha amiga Ana Costa me solicitou que proferisse palestra sobre Determinantes Sociais em Saúde, em um evento destinado a qualquer coisa como "saúde de minorias", o que incluía desde GLBT a seringueiros; de garimpeiros a ribeirinhos; de assentados do MST a ciganos; passando ainda por indígenas e afrodescendentes, sem deixar de lado aqueles indefectíveis *povos do campo e da floresta*, que nunca entendi muito bem quem são de fato. Quando se escrever a história das políticas sociais capitaneadas pelos governos do PT isso certamente será esclarecido.

Lá pelo meio da minha fala eu me referi aos *tempos negros* da saúde, a era das pestes etc e tal. Percebi, então, um murmúrio suspeito na platéia. Quando terminei, já havia sido formada uma fila de interlocutores, melhor dizendo de inquisidores, querendo que eu me explicasse e até mesmo me desculpasse pela *expressão racista* que usara em minha fala. Achei que era brincadeira, mas não era. A mesa, sintonizada com o clima da inquisição já instalado na platéia, permitia a inscrição de cada vez mais pessoas, com as interpelações se transformando em verdadeiras diatribes acusatórias contra mim e contra os intelectuais em geral (vi logo que este era o principal problema que viam em minha pessoa ali – logo eu...), com conteúdo totalmente distante do tema da palestra. Houve até quem visse no diapositivo que mostrava sem-terras armados com enxadas e foices, colocado ali exatamente para mostrar a importância da luta pela saúde dos menos favorecidos, como uma acusação de violência ao MST. Quando finalmente me foi dada a palavra, após meia hora ou mais de agressões e ironias, tive oportunidade de proferir a frase mais marcante de que já fui capaz, a qual daria uma fortuna para repetir muitas vezes mais: *desculpem, meus amigos, não tenho como responder – não é que me deu um 'branco'?* Coloquei, é claro, a ênfase necessária nesta última palavra, pois, como se sabe, inquisidores não costumam ter muito senso ou percepção de o que é humor. E fui embora sem mais nenhum comentário.

E além do mais, se o tal encontro era destinado às *minorias*, como anunciado nos folders e faixas da entrada, bem que me cabia reivindicar também tal estatuto, nem que fosse para me defender dos ataques que sofri, pois afinal eu era um dos poucos *brancos, heterossexuais, letrados, católicos, urbano*s etc que ali faziam presença.

Hoje as palestras e falas em público não me pegam mais, nem do lado de baixo, na platéia e muito menos do lado de cima, em algum palco. Sou mais feliz assim.

ALGUM MÉDICO A BORDO?

Nunca fui de apregoar minha condição de "doutor" médico. Talvez nos primeiros momentos de minha vida profissional cheguei a me orgulhar – *ma non troppo* – de receber tal tratamento das pessoas que me rodeavam. Mas logo que fiz meu primeiro bloco de receitas e o carimbo correspondente, mandei colocar neles apenas: *Flavio A. de Andrade Goulart – Médico.* Até hoje me incomoda ver alguns médicos se apresentarem assim, quando atendem o telefone, por exemplo, ou quando se candidatam a um cargo eletivo. Não poupo de minhas críticas os demais profissionais, que por razões de afirmação em um mercado competitivo dominado simbolicamente pelos médicos, também se auto-intitulam de "doutor". Minha mãe, certa vez, ao ver minha empregada me tratar por *Seu Flávio* (aliás, *Frávio*) e até às vezes por "você", me admoestou: *meu filho, mas você é um médico, deve exigir ser tratado de forma diferente...*

Mas eu queria falar aqui é de outra coisa...

Sabem aquele momento, dentro de um avião em pleno vôo, que pelo alto-falante alguém da tripulação indaga se *há algum médico a bordo?* Pois é, principalmente nessas horas a minha "doutoridade" pede demissão...

Curioso é que, quando eu era médico de verdade, isso nunca havia acontecido comigo, mas bastou eu começar a trabalhar com saúde pública, e por conseqüência viajar muito de avião, tais acontecimentos começaram a se repetir de forma incômoda. Em uma das primeiras vezes que aconteceu, logo percebi a causa do chamado: havia um diabinho de três ou quatro anos, acompanhado de pai e mãe, logo nas fileiras da frente. Uma criança hiperativa que corria desenfreadamente pelo corredor central do avião e que de repente, ao ser contido pela mãe, com um puxão no braço, começou a berrar desesperadamente. Fácil o diagnóstico, feito por mim lá da antepenúltima fileira: *luxação ulnar*, ou seria *cubital*? – para alguma coisa as aulas de ortopedia deveriam ter me servido...

Dei uma olhada para ver se ninguém acudia ao chamado e como nada acontecesse, fui eu mesmo, ver se podia fazer alguma coisa. Por sorte, o pouso estava próximo e me coube apenas indicar algo que uma das comissárias já estava providenciando, uma contenção de Velpeau, feita com um pano triangular, unindo junto ao tronco o bracinho lesado. A moça já tinha feito a coisa certa, mas como eu era o doutor a bordo, os cumprimentos vieram para mim, que aprovei o procedimento. E para complementar minha sábia participação no caso, recomendei a visita a um ortopedista, logo após a aterrissagem.

De outra feita, queriam que eu atestasse se uma grávida, aparentemente em seu derradeiro momento antes do parto, já embarcada, poderia prosseguir viagem. Como eu estava nas fileiras da frente, logo ao lado da moça, não pude conferir se havia alguém mais a bordo que se desincumbisse disso. Expliquei que não poderia atestar nada, por desconhecer o estado da gestante e não ter como avaliá-la com uma simples conversa, embora ela garantisse à tripulação que seu médico lhe havia dito que havia pelo menos quinze dias livres pela frente e que ela estava viajando exatamente para dar à luz onde estava o marido e outras pessoas da família, ou seja, em Brasília, destino final do vôo. No final, como insistissem em molestar a pobre criatura, resolvi me assumir como médico, dizendo que tudo indicava não haver problemas que a impedissem de viajar. E assim aconteceu. Ao ver a recepção que o maridinho lhe fez em Brasília, duas horas mais tarde, pude perceber que minha intuição estava inteiramente correta – não em relação ao momento do parto em si, que continuava sem condições de avaliar, mas quanto à importância da convivência amorosa e familiar, não só para uma gestante, como para qualquer outro ser humano.

Mas o pior mesmo me aconteceu em um vôo de Brasília para Rio Branco, no Acre. Logo ao entrar no avião eu vi um pobre sujeito, verdadeiro espectro magro e pálido, munido de soro, sonda, coletor e tudo mais que se usa nos hospitais para prolongar o sofrimento de pacientes. Era seguramente um daqueles casos *desenganados*, remetido à origem para morrer em paz, junto à família. E nem havia embarcado em Brasília, onde ocorria apenas a escala de vôo nascido em São Paulo.

Lá pelas tantas não deu outra, procuravam um médico a bordo. Dessa vez eu me assentava na fileira trinta e tantos e pude observar se havia alguém disponível nas poltronas à minha frente. Aparentemente não havia e assim eu caminhei para o sacrifício. Vi logo que não havia nada a fazer, a não ser esperar o pouso e torcer para que uma ambulância estivesse a postos. E estaria, me garantiu a comissária. Fiquei por ali alguns momentos fazendo cera, tomando o pulso do paciente, fazendo-lhe algumas perguntas formais, que ele mal compreendia ou respondia. Eis que me aparece um "colega", vindo de uma ou duas fileiras atrás, um daqueles que espera para

ver se alguém se candidata primeiro. Concordou com minhas observações, aliás, perfeitamente dispensáveis no caso, e retornou a seu lugar de assento, até porque o pouso já se aproximava.

Tal viagem a Rio Branco era para apartar mais uma daquelas famosas contendas entre gestor estadual e municipal – eu na condição de "juiz" federal. Logo na descida vi que havia repórteres TV à espera – à minha espera! – já que haviam sido avisados pela turma municipal da chegada de uma "autoridade" de Brasília, que viera por fim à sonegação de verbas e informações de que eram vítimas por parte do governo estadual, ao qual o prefeito de Rio Branco, filiado ao PT, fazia oposição. Boa matéria para escândalo, como se vê...

Quando já me preparava para falar, ainda medindo a boa e necessária cautela que o caso requeria, percebi que o "colega" de minutos antes também se aproximava das câmeras e repórteres, sem que lhe tenham dado muita atenção. O que eu não sabia, mas me foi confirmado depois pelos agentes municipais, que aquele era o Secretário de Estado da Saúde, figura mafiosa segundo eles, que agia o tempo todo estragando a festa do governo petista que lhe fazia oposição. Ao que parece, imaginou que a reportagem seria dedicada a ele e não ao estranho que acabara de desembarcar...

Assim é o Brasil e o Acre nada mais é do que uma parte dele.

COMO PRODUZIR UM ÓTIMO RELATÓRIO

Meu gosto pela escrita acabou me aproximando de uma atividade que exerci com bastante frequência ao longo de minha vida, às vezes de graça, outras vezes pago para tanto. Nos últimos tempos a segunda modalidade tem sido a mais frequente. Falo da elaboração de relatórios de conferências de saúde e outros tipos de reunião, de que o setor é pródigo. Afinal, a turma da saúde gosta de debater, embora mostre certa dificuldade em acrescentar coisas novas no cenário, incorrendo naquele *mais do mesmo* a que já me referi antes.

Uma dessas tarefas me trouxe especial notoriedade, além de gratificação financeiramente modesta, mas certamente intelectual e simbólica. Em 1999 eu estava morando no Rio de Janeiro, cursando o Doutorado na Fiocruz e alguém que já conhecia o meu trabalho no campo em relatorias indicou meu nome para a Comissão Organizadora da Conferência Estadual de Saúde daquele ano. Imagino que isso deve ter causado alguma estranheza em muita gente, pois a saúde, não só no Rio como em outros locais, é profundamente marcada pelas simpatias (ou antipatias) ideológicas, partidárias ou simplesmente grupais. E o escolhido era um sujeito que não pertencia a nenhum grupo ideológico ou de afinidade eletiva local, não era filiado a nenhum partido e além do mais era um cara de fora, totalmente desconhecido pela patota. Assim, fui à luta, sabendo dos riscos que corria, mas ao mesmo tempo tendo a certeza de que meu descolamento da situação local poderia ser fator de sucesso, mais do que de fracasso.

O ambiente era tenso... A tradicional disputa entre brizolistas, petistas, comunistas da velha guarda, chaguistas, além de outros "istas" misturava gasolina e fósforo aceso em todos os ambientes, já desde a fase preparatória, com sinais de detonar e por a perder todo o processo da conferência. Além disso, em pleno evento, um líder da área da enfermagem foi assassinado em um subúrbio carioca, por prováveis disputas por controle sindical. Isso, evidentemente, repercutiu na própria conferência, que alguns chegaram a propor que fosse suspensa.

E eu lá, firme atrás do meu laptop, contando com a ajuda de duas moças minhas colegas na ENSP, ambas dotadas de forte espírito militante, como era de praxe ali. E as tais ajudantes, mesmo me respeitando como relator oficial, chegaram a me questionar algumas vezes, com preocupação, se não seria adequado ouvirmos, se não ao final de cada dia de trabalho, pelo menos no final do evento, as lideranças para ver se o conteúdo que estávamos registrando seria o mais adequado. Acreditam? E eu: *vamos tocar o trabalho sem esse tipo de coisa; o relatório será entregue em duas ou três semanas, de acordo com o contrato firmado e aí, se tiverem questionamentos, mudarei o que for necessário*. Era bem um sinal das expectativas gerais, mas mantive minha decisão. E para evitar maiores contratempos me retirei para Friburgo depois do último dia, na casa de minha tia Teresa, e passei vários dias lá tocando a escrita do documento.

Não foi um trabalho fácil: poderia ser comparado ao ajuntamento de cacos de uma garrafa atirada do sétimo andar... Como era de praxe neste tipo de evento, já na ocasião e até hoje, cada grupelho ideológico, se esforçava para colocar nos relatórios intermediários derivados dos grupos suas idéias, às vezes perfeitamente idênticas às dos rivais, mas marcadas por palavras de ordem ou jargões característicos de cada facção, com disputas até mesmo em torno de posições das vírgulas em uma frase. Mas eu que já tinha experiência nisso, ou seja, em organizar a miscelânea, fui desconstruindo hipérboles e outras piruetas semânticas, sem descuidar de eliminar as abundantes redundâncias e platitudes, de tal forma que elaborei um relatório que tinha como principal qualidade o fato de ser *legível*... E que uma vez concluído foi entregue aos contratantes, com abertura para as devidas correções e ajustes – que não aconteceram, simplesmente...

Qualidade minha de escriba? Nem tanto... É do ofício militante agir apenas no calor das batalhas, para depois cuidar de outra coisa, desde que seja também algo forjado em altas temperaturas e que lhes permita a continuar a enxergar o mundo através de uma janelinha – *a sua janelinha* – e deixar a vida seguir adiante.

Disse muita coisa sobre o presente tema, mas não disse tudo. Em que consiste um relatório de Conferência de Saúde, seja ela local, estadual ou nacional? Cabe esclarecer. Na minha experiência, trata-se apenas de um amontoado de idéias, bem-intencionadas, na maioria das vezes, embora algumas sejam totalmente algumas desconexas ou descabidas, além de outras já contempladas na legislação e nas normas – para dizer pouco. Utilidade duvidosa... Acho que meu relatório ficou bem cuidado, do ponto de vista formal, certamente, por refletir com fidelidade o conteúdo que ali se discutiu. Mas quanto a sua aplicação prática, desculpem, tenho sérias dúvidas que tenha servido para alguma coisa.

Minha situação nestes casos é mais ou menos a de um arquiteto que projeta e até constrói moradias onde ninguém vai habitar... Mas a vida segue.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA

Em 1980, com menos de dez anos de formado, eu já tinha concluído que meu negócio não era, absolutamente, ser um daqueles médicos tradicionais, com todos seus rituais de roupa branca, plantões, empregos diversos, pacientes dependentes, além da prerrogativa de ser chamado de *doutor*. Neste momento, uma luz se acendeu no horizonte: uma especialização na renomada Escola Nacional de Saúde Pública, ligada à Fiocruz, no Rio de Janeiro, por onde alguns conhecidos meus haviam passado, trazendo de lá menções muito positivas. Foi assim que me candidatei a

uma vaga em um curso de especialização em Planejamento de Saúde, fui aprovado e, munido de família, mala e cuia, rumei do sertão do Triângulo Mineiro ao litoral carioca.

Éramos sete emigrados, então: eu, Eliane, Daniela, Maurício, Nanda, Maria José, nossa empregada, além de seu filho recém nascido, Wesley. Alugamos um apartamento térreo, melhor dizendo *subterrâneo*, de dois quartos, na Tijuca, numa rua de tráfego pesado, nos dois sentidos da palavra, de frente para a favela. À noite dormíamos ao som de ônibus passando, tiros e batuques. Pelo menos não havia balas perdidas ou, pelo menos, não chegamos a dar notícias delas. Ao chegar em casa, à noite, às vezes era preciso afugentar do corredor algum rato notívago. Mas éramos jovens e tudo isso fazia parte do enredo.

Escola Nacional de Saúde Pública. Ela acabava de sair de alguns anos de sufoco impingidos pela ditadura, que até seu nome mudou para "Presidente Castelo Branco". Na Fiocruz havia sempre um coronel ou preposto dos militares no comando, inclusive um que era simplesmente o pai de uma grande liderança de esquerda nos anos seguintes: Eduardo Jorge.

Primeira impressão: os horários de trabalho. Nada ocorria ali antes de nove horas da manhã, às vezes até mais do que isso. Às quatro da tarde era hora de se mandar, porque o trânsito (ou o tráfico) na Avenida Brasil, defronte, já não eram brincadeira. Os almoços na própria ENPS, sofríveis em termos de qualidade, pelo menos incrementavam o contato entre os que ali ensinavam e aqueles, como eu, tentavam aprender alguma coisa.

Nas aulas, o marxismo comandava o cenário. Os que não rezavam nessa cartilha não se sentavam à pequena mesa da intelectualidade enspiana. E palavras como "positivista" ou "funcionalista" eram consideradas como pejorativas. A figura dominante era a de Sérgio Arouca, paulista emigrado para o Rio, liderança do PCB, que granjeara grande fama entre boa parte da esquerda sanitária de então graças à sua tese de doutorado na USP: *O Dilema Preventivista*, tecida em forte jargão marxista e estruturalista. Desconfio que muitos de seus louvadores não a tenham lido, de fato. Eu, pelo menos, confesso que li apenas alguns excertos, coisa obrigatória na ocasião. Arouca se fazia acompanhar de uma trupe de peso, dentro da qual se destacavam os argentinos exilados Mario Hamilton e Adolfo Chorny, além de sua esposa de então, Annamaria Tambelini. Sobre Arouca já tive oportunidade de fazer outros comentários nessas memórias, meio na contramão do que se diz dele em outras rodas, quando narro a fundação do Conasems.

Figura curiosa da época era Jayme Araujo Oliveira, que ministrava uma disciplina de Política de Saúde e Teorias do Estado (ou algo assim). Jaime, filho de Severino Araujo, maestro da histórica Orquestra Tabajara, era ortodoxo em sua crença marxista, ao ponto de se sentir provocado quando alguém levantava questões, por exemplo, relativas à emergência do movimento Solidariedade, antagônico à ditadura comunista da Polônia. Ele empalidecia e simplesmente desqualificava a questão e seu formulador, dizendo que não estava ali para ser provocado. Quando o Muro de Berlim ruiu, alguns anos depois, me disseram que ele, que já tinha formação psicanalista, resolveu sair da ENSP para ir trabalhar ao lado de um divã.

Mas não posso me queixar, em absoluto, da formação que a ENPS me ofereceu, principalmente com a convivência com algumas poucas pessoas realmente capazes e dotadas de grande clarividência e crítica em relação ao dogmatismo da maioria. Recordo-me especialmente de duas delas.

Cecília Minayo, por exemplo, ministrava uma disciplina ligada à metodologia das ciências sociais. Pessoa doce, mas ao mesmo tempo firme e decidida, calejada pela perda de uma filha, ainda

criança, com câncer. Era minha conterrânea e até mesmo descobrimos que ela havia sido colega de minha tia Angelita no colégio Nossa Senhora das Dores de Itabira – coisas de mineiros. Ela tinha formação marxista, como todos os demais, mas professava uma abordagem das ciências sociais mais leve, sem dogmas, valorizando também o pensamento de autores não marxistas, como Weber, Levi Strauss, Durkheim e outros. Cecília acabou sendo minha orientadora de dissertação no mestrado, alguns anos depois. Devo a ela muito da minha visão relativizadora do mundo, sem perder a compostura nem a ternura, claro.

Joaquim Cardoso de Melo dedicava-se ao tema da educação em saúde. Nele o carisma e a gentileza no trato com os alunos eram marcas registradas. Tinha também formação e filiação à esquerda, mas com certeza não era um dogmático. Homossexual assumido, mas não militante, faleceu precocemente, vítima da aids.

Apesar de ter chegado na ENSP em plena ditadura, já pude perceber ali a forte demarcação ideológica que ali imperava e creio que ainda vigora. Não havia, definitivamente, gente da banda *direita*, longe disso. Todos os docentes e pesquisadores, além dos trabalhadores mais organizados, eram gente convicta de esquerda, mas que nunca se entendia, graças aos diversos "ismos" presentes no cenário: comunismo, petismo (ainda incipiente), chaguismo, brizolismo, anarquismo etc. As contumazes assembléias gerais, tendo como mote mais do que aumentos salariais (como hoje), a luta contra a ditadura, apesar da aparente sintonia ideológica, mesmo assim eram palcos onde tal esgrima ideológica se punha a nu.

Mas a turma que me acompanhava naquele curso, sem dúvida, tinha alguns expoentes, entre eles, José Gomes Temporão, que chegou a ser Ministro da Saúde no governo Lula, Eduardo Levcovitz (Dadá), que foi meu chefe no Ministério da Saúde uma década depois e é hoje funcionário *top* da OPAS, além de Zezé Polessa (sim, ela mesma!), a grande atriz de novelas da Globo, pessoa linda e simpática desde aquele momento.

Estive na ENSP durante alguns meses em 1980, na tal especialização e ali retornei, para o mestrado, entre 1989 e 1990 e depois para o doutorado, em 1999. A cada partida pensava em nunca mais voltar, decisão que por duas vezes não consegui manter, por razões que só o coração compreende. Mas o saldo de minhas idas para lá certamente é positivo. Se me permito fazer críticas à instituição, não é por desprezá-la, muito antes pelo contrário. Como, aliás, deve acontecer nas grandes amizades e amores.

Mas ainda me divirto em provocar alguns enspianos atuais, nas redes sociais, em comentários irônicos, mas respeitosos, quando destilam sua visão de mundo fundada na ideologia, no facciosismo e no *wishful thinking*, verdadeiras marcas registradas da querida e inesquecível escola que me abrigou por três vezes. Mas que nem por isso a desmerecem.

PREFEITURAS...

Prefeituras? Conheço bem. Trabalhei em uma delas por oito anos e isso só me fez respeitar a lida dos prefeitos, seus secretários e servidores em geral, nem sempre bem compreendidos pela população e quase sempre mal compreendidos pelos Promotores e Juízes.

Dizendo assim, de maneira genérica, farei todos acreditarem que sou um defensor intransigente da atuação local e das políticas de descentralização. Mas não é bem assim, defendo alguns

princípios relativos a isso, mas ao mesmo tempo a prática me mostrou que eles não podem ser estendidos e replicados sem críticas e, diria mesmo, sem algumas cautelas.

Os bons municipalistas dizem que a gente nasce e vive (e morre também...) em municípios, não no estado ou na Nação. Acho que isso é bastante abstrato, mas certamente vale como figura de estilo e slogan de crença na descentralização das políticas públicas.

No SUS, a expressão *A municipalização é o caminho* ficou consagrada, mas eu já demonstrei aqui quem em minha modesta opinião, este caminho às vezes leva ao abismo – quando não a lugar nenhum.

Além da minha atuação em Uberlândia, como Secretário Municipal de Saúde em dois mandatos, por força de outras atividades que exerci, tive múltiplos contatos com municípios, dentro e fora da questão específica da saúde. Com efeito, na minha época de Ministério da Saúde não foram raros meus contatos com Prefeitos e Secretários de Saúde que, aliás, fazia parte de meu ofício, quase sempre em missão de esclarecimento, cooperação técnica e, por que não dizer, também de apartação de brigas. Depois, na UnB, fiz parte de um pequeno núcleo de assessoria a municípios, dentro do NESP, Núcleo de Estudos em Saúde Pública, tendo a meu lado o insubstituível amigo Carlo Zanetti. Antes disso, por algum tempo, prestei assessoria ao IBAM, Instituto Municipal de Administração Municipal, através do qual, em convênio com a Fundação Nacional de Saúde, realizei um diagnóstico da situação de saúde dos municípios do então recém-criado estado de Tocantins. Por conta disso acabei vindo morar em Brasília. Mesmo em Uberlândia, tinha contatos frequentes com as cidades da região, que se viam muitas vezes empolgadas com as coisas que nós, da *cidade grande*, fazíamos. Minha tese de doutorado na ENSP/Fiocruz foi baseada em estudos de casos municipais. Ainda na década dos noventa, realizei, junto com minha inesquecível monitora Michele Lessa, o primeiro estudo relativo à saúde nos municípios do Entorno do DF, tendo visitado e analisado mais de duas dezenas deles.

Por força disso estive em lugares tão variados como Curitiba, Vitória da Conquista, Cidade de Goiás, Crato, Uberaba, Poços de Caldas, Campo Grande, Guaraí de Tocantins, Alto Paraíso de Goiás, São João da Aliança, Ibiá, Formosa, Santa Isabel, Macapá, Ceres, Rio Branco, Manaus, Porto Velho, São João Del Rey, Sete (e Três) Lagoas, Guarulhos, Salvador e muitos outros. Difícil dizer o que tais cidades têm em comum, só me arriscaria a afirmar que nenhum deles tinha administração do PT quando os visitei como consultor-prestador de serviços, pois como todo mundo sabe, petista só contrata petista – o que considero uma injustiça comigo, que votei no Lula quatro vezes.

Antes que me perca nas ironias e críticas à gestão municipal, devo reconhecer algumas das suas qualidades. A maior delas, certamente, é a proximidade com quem de fato precisa dos serviços públicos, aliada à possibilidade de que os respectivos demandantes batam à porta, real ou literalmente, das autoridades e de seus prepostos. Isso é uma situação única, que jamais ameaça um burocrata na Esplanada dos Ministérios. Prefeitos roubam do erário? Sim, as evidências são claras e permanentes. Mas, convenhamos, quem seria mais perigoso: um prefeitinho que bem ou mal tem cidadãos e vereadores de oposição por perto, ou algum daqueles burocratas abrigados nas casamatas refrigeradas das capitais dos estados ou de Brasília? Ficam assim registrados os princípios de minha simpatia por aqueles que têm sob seu encargo a gestão de qualquer política ou programa no nível local, sem que isso me impeça de também enxergar o outro lado da moeda.

Os gabinetes dos Prefeitos, por exemplo, são ambientes curiosos. Refrigerados ao ponto de escorrerem estalactites de gelo dos tetos. Mau gosto quase sempre presente, nos móveis, nos

tapetes, nos decotes das secretárias, nos estampados dos sofás. Mas o que espanta mesmo é a quantidade de gente que faz ponto ali. Não sei bem a que se dedicam, se são funcionários com funções definidas ou apenas ordenanças, à espera, quem sabe, de uma ordem de cima que nunca se sabe quando virá. Seriam apenas amigos, aderentes, cabos eleitorais? Não se sabe quase nada deles, apenas que geralmente são muitos e constantes. Já passei manhãs e tardes inteiras em reuniões em tais ambientes e ao entrar e ao sair via todos eles ali, com o ar de quem tinha tarefas sérias a cumprir, olhando para o teto ou para eventuais pernas e quadris femininos que por ali transitassem. Mas para mim sempre foi um mistério saber exatamente a que se dedicam de fato.

As moçoilas de gabinete! Estas, pelo menos, têm com funções mais definidas, por exemplo, de convidar as visitas a entrar para o encontro com Suas Excelências, ou de servir água e café. Costumam estar presentes em bandos de duas, três ou até mais. Saias justas e curtas, decotes generosos, longas unhas negras, perfumes que se sentem já na esquina, fazem parte do cenário.

Instituição valorizada e constante as Prefeituras de todo o Brasil são os veículos, melhor dizendo, as “aviaturas” chapa-branca. Sua Excelência quase sempre dispõe de uma dessas, geralmente um daqueles *carrões de tiozão*, que a indústria nacional é pródiga em lançar, embora retire de circulação pouco tempo depois. Os Prefeitos as utilizam até para ir à esquina, mas gostam mesmo é de viajar à capital – ou sabe-se lá onde – em uma delas. E se a autoridade vai com a cara do visitante, este pode estar certo que será convidado, honrosamente, a se mover em uma delas, até mesmo para ser levado ao seu hotel, mesmo que este fique na quadra seguinte à Prefeitura. Como ninguém é de ferro, a importância do auxiliar, adjunto, agregado ou burocrata municipal é dado pelo acesso que o mesmo tem a um dos tais semoventes – mesmo que seja um Fiat 147 dos anos 80, que milagrosamente ainda faz parte da frota de algumas prefeituras pelo Brasil a fora.

E ainda flanado nas tais “aviaturas”, uma lição que aprendi em minhas visitas terrestres a prefeituras foi a de jamais aceitar a oferta de veículos do erário municipal para viajar, ou mesmo para me locomover na cidade, dado que o risco de se embarcar em um fóssil oitentista é muito grande. Uma das poucas vezes que aceitei, a viagem era noturna e passaram-se algumas horas para que eu descobrisse que todos aqueles faróis altos de caminhões que nos vinham diretamente na cara tinham uma explicação: as luzes da vetusta viatura, uma Panorama Fiat pleistocênica, miravam diretamente a copa das árvores na beira da estrada, independente de estarem em modo alto ou baixo.

Trabalhei em municípios grandes e pequenos do interior do Brasil. Eu poderia citar os casos de Uberaba e Poços de Caldas, na primeira categoria, mas o que vou narrar aqui não é prerrogativa deles, mas sim do conjunto. Trata-se do fenômeno dos “Intocáveis”. Eliott Ness veio para o Brasil? Não é bem isso, mas outra coisa. Falo daquelas situações que um consultor detecta como realmente problemáticas e impeditivas de progressos e que precisam ser mudadas rapidamente para não comprometerem os processos de rearranjo do modelo de assistência, mas que são rejeitadas liminarmente pela Autoridade, sob o argumento de que: *com esse aí não posso mexer*. E “esse aí”, pode ser o tanto o marido de uma vereadora (ou vice-versa), ou um cabo eleitoral, um médico que colaborou na última campanha eleitoral ou simplesmente algum outro *intocável*, sem que se explicitem razões, digamos, republicanas, para tal qualificação. Nas duas cidades que citei acima, verdadeiros centos metropolitanos de influência regional, pequenas coisas como essa inviabilizaram processo de mudança que poderiam realmente fazer a diferença nos respectivos sistemas de saúde. Tudo acabou ficando como dantes, com o pobre o consultor se sentindo como um arquiteto que projeta casas que ninguém chega a construir ou menos

ainda habitar. Por essas e por outras parei de brincar disso, ou seja, de prestar consultoria a prefeituras.

Quando fui Secretário de Saúde em Uberlândia, em dois momentos, devo admitir que talvez tenha ficado muito *mal-acostumado*... Já explico: é que eu gozava de total confiança de meu prefeito e autonomia bem grande para tomar muitas decisões sem consultá-lo previamente – é claro que nunca deixando de cientificá-lo posteriormente, mesmo a custa de reverter eventualmente algumas dessas decisões. Nenhum mérito meu ou dele, apenas penso que isso deveria ser o normal na gestão, seja ela pública ou privada. Não era, contudo, a situação que eu encontrava quando olhava ao redor, desde quando estava em Uberlândia, entre meus pares dos municípios vizinhos, ou mesmo depois, quando assessorei prefeituras pelo Brasil a fora. Aliás, sempre fiquei vivamente impressionado com as limitações de certos secretários, impossibilitados até mesmo de comparecer a uma reunião fora do município, por conta de restrições de passagens ou diárias, bem como, eventualmente, de enviar um simples funcionário à capital para algum treinamento, para não falar de advertir ou punir um funcionário relapso. Com aqueles *intocáveis* de um lado e esses "*despoderados"* de outro, fica realmente difícil, se não impossível, fazer alguma coisa que preste. Ainda bem que tem gente que resiste e até insiste, mas este deixou de ser o meu caso.

As notáveis *primeiras damas*! Aqui é preciso fazer justiça, pois assim como a presença de corruptos na administração, isso não seria, nem de longe, uma prerrogativa municipal. Mas que elas existem, existem, e aprontam de tudo, desde terem sala ao lado do marido-prefeito, de onde comandam, formal ou informalmente, segmentos inteiros da máquina pública, até distribuírem, por conta própria, medicamentos adquiridos pela Prefeitura, sabe-se lá mediante quais critérios. Ah, sim, sem esquecer do comando das ambulâncias, aquelas *aviaturas* que, como se sabe, foram feitas para transportar *eleitores*, não exatamente *pacientes*. História sublime sobre essas indefectíveis criaturas da política brasileira: quando trabalhei em Tocantins, no período da criação do estado, utilizei uma espécie de atlas ou almanaque onde constavam as informações mais importantes sobre os municípios que o compunham, tais como nome do prefeito, partido do mesmo, população, economia local, recursos públicos disponíveis, IDH, orçamentos, instituições locais, área em km2 etc. Uma informação, todavia, era surpreendente: o nome da primeira dama e a data de seu aniversário! Para que seria? Os floristas e a fábrica de chocolates Kopenhagen, na melhor das hipóteses, poderiam informar.

Para arrematar esses *causos* com um toque de humor, para não dizer de nobreza, além de ser um bom exemplo, aqui vai uma boa história. Em Santa Isabel, município de Goiás onde estive por força de uma matéria que escrevi para a Revista Brasileira de Saúde da Família, cheguei nos dias em que o médico de família local, meu grande amigo Evando Queiroz, estava promovendo uma campanha de conscientização masculina sobre o câncer de próstata. E o procedimento que estava sendo divulgado e até mesmo realizado em ritmo de campanha era o toque de próstata. Isso no interior de Goiás, imaginem o rebuliço que corria por ali. Pois acreditem, o primeiro cidadão que se colocou na fila, para dar o exemplo, foi exatamente Sua Excelência, o Prefeito Municipal. Este foi realmente um *toque* de nobreza e de espírito público. Palmas para ele!

Para encerrar, de fato, não custaria nada citar a mim próprio, recorrendo a um texto já publicado há dez anos, no qual expus as contradições do processo de descentralização da saúde no Brasil. É para me defender de acusações de *inimigo dos municípios*, antes que elas surjam mas vamos lá:

Igualmente, não parece existir uma correlação direta entre descentralização, eficiência e redução do clientelismo. Sistemas descentralizados, na verdade, podem funcionar como facas de

dois gumes, pois por um lado facilitam o controle da sociedade sobre as políticas, mas por outro podem abrir caminho para práticas ainda mais clientelistas e excludentes, além de financeiramente onerosas para o erário público. A eficiência na execução das políticas públicas depende mais da constituição e do grau de amadurecimento das burocracias do aparelho de Estado, além das possibilidades de controle efetivo por parte dos cidadãos sobre a máquina pública, do que propriamente da escala ou nível de governo responsável pela execução dos serviços.

(V) PERSONAE

O DIREITO DE SER DIFERENTE
O JOVEM QUE CONHECIA ET's
ISSO NÃO SERIA LEPRA?
TER SAÚDE É TER PROJETOS
BONS ALUNOS
O MORTO QUE ESTAVA VIVO
COLEGAS
ENCONTROS COM PROFESSORES NOTÁVEIS
UM ENCONTRO MUITO ESPECIAL

- **GENTE DA SAÚDE PÚBLICA**
- **PEQUENOS GRANDES HOMENS**
- **MAIS GENTE NOTÁVEL**
- **MEUS TIOS**
- **AMIGOS PELA VIDA**
- **ELAS**
- **FILHOS MEUS**

De quem falo nas linhas que se seguem? Amigos talvez não seja a palavra mais adequada, banalizada que foi pelo seu uso vulgar nas chamadas "redes sociais". Amigo, com efeito, já dizia meu Rosa, é <<a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou — amigo — é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é...>> As pessoas que aqui trago podem ser até mais do que isso... Assim, por exemplo, há alguns a cuja casa nem cheguei a ser convidado; com outros, minha intimidade foi pequena; mas com quase todos tirei grande prazer de estar junto – embora nem sempre repetidamente – ou de tê-los apenas conhecido e com eles convivido. Tem até gente que talvez nunca se soube objeto de minha admiração. Este último sentimento talvez diga tudo: aqui comparecem pessoas a quem eu admiro ou admirei ao longo da vida. Mas mesmo os que já se foram continuo admirando, indivíduos encantados em que se transformaram. Trago aqui relações novas e antigas. Tios e outros parentes; ex-cunhados; colegas de escola; companheiros de profissão; parceiros de sonhos; ex-alunos, além de gente que a vida me trouxe por outras razões. Trago até mesmo pessoas genéricas ou um tanto abstratas, mas certamente palpáveis para mim, cujo perfil compus livremente, a partir de tipos inesquecíveis com quem eu tenha convivido. Nem sempre seria fácil reconhecê-las, por não terem seus nomes citados explicitamente. Igualmente, deixo em aberto os nomes, embora por outros motivos (que todos compreenderão), de um rol distinto de personagens-mulheres especiais, que trouxeram para minha vida uma marca inapagável, que em uma simples palavra poderia chamar de amor. Anônimas só na aparência; não será difícil identificá-las. "Elas", de quem falo, foram as que realmente fizeram diferença em minha vida e que por isso mesmo se tornaram objeto de minha gratidão e de minha homenagem, sem deixar de mencionar que talvez lhes devesse um pedido formal de perdão pelos males que talvez tenha causado a elas, por sofreguidão ou imaturidade de minha parte. E para encerrar a seção, falo de Filhos – e nem poderia ser diferente.

O DIREITO DE SER DIFERENTE

Aquele garoto era a demonstração viva de que as coisas podem acontecer, na vida, exatamente ao contrário do que delas se esperaria. Nascera pobre, num fundão do vale do Mucuri ou Jequitinhonha, as regiões mais carentes de Minas. De uma pobreza irremediável, herança de muitas gerações; pais, avós e bisavós na enxada. Coisas como casa própria de telha e tijolos e consumo do tipo "cidadão", nem pensar. Mas sempre fora bom aluno. Aprendeu a ler sozinho e ainda ajudou irmãos mais novos e mais velhos, além de primos e vinhos, a trafegar nas primeiras letras. Ao lado disso, sua vida tinha a triste simplicidade daquela de um menino doente, franzino e raquítico. Qualquer gripe o derrubava. Não crescia e já desde pequeno a barriga d'água se lhe sobressaia, dando-lhe uma marcha característica, que lembrava a de um gordote, coisa que definitivamente não era, ou mesmo um pato, como lhe gracejavam impiedosos os colegas de escola. Vitima das insidiosas incursões de um verme perigoso e caprichoso, que para chegar ao corpo humano precisava passar, antes, por um caramujo.

Completadas as quatro séries oferecidas na escola rural, a professora, bondosa, quis levá-lo para prosseguir os estudos na cidade maior da região. Pai e mãe bem que queriam, mas com que recursos... A mestra fez o imposível e ele foi morar com familiares dela na cidade. Ali prosperou naquilo que sabia fazer de fato: estudar. Porque no futebol, nas brincadeiras de rua e em tudo mais que uma crainça ou adolescente almeja, se fosse o caso de dispender energia, ele estava fora. Não tinha fôlego para essas coisas. Mas na nova escola continuou sendo o verdadeiro campeão. Quando completou o curso médio, tinha apenas dezesseis anos e era admirável que tivesse conseguido saltar tantos obstáculos, tendo tão pouca saúde e sendo mesmo obrigado a se internar com frequência, para esvaziar a barriga do acúmulo de água. Os professores o consideravam candidato competitivo a um vestibular, mesmo que fosse um mais rigoroso, em universidade pública da capital. E o garoto bem que queria, mas ao mesmo tempo tinha consciência de seus limites, talvez mais quanto aos econômicos do que aos físicos. Uma crise brava, um sangramento intestinal, quase o leva, fazendo com que se mobilizasse mundos e fundos para conseguir doadores de sangue para ele na cidade. Sangue de um tipo tão raro como só ele conseguia ser. Um médico da capital, renomado cirugião e professor da Faculdade de Medicina, natural da terra, veio vê-lo no hospital, a pedido do médico que o acompanhava. Talvez tenha prestado atenção, em primeiro momento, mais nas suas varizes esofágicas do que no seu talento. E se propôs a conseguir para ele uma vaga no Hospital de Clínicas onde trabalhava. Dito e feito, o doente seguiu para Belo Horizonte em poucos dias. Um dos seus professores lhe aconselhou na despedida: aproveite e tente um vestibular, você tem chances! Naquele tempo, para um paciente pobre tudo era (ainda) mais difícil, mesmo em hospital universitário não era fácil se conseguir algo, e só depois de semanas ou meses de espera. E enquanto aguardava, o jovem fazia amizades, seja com os colegas dos leitos próximos na enfermaria ou com os estudantes de medicina e residentes que ali estagiavam. Sua curiosidade e conhecimentos logo chamaram a atenção de alguns destes, que passaram a lhe dar atenção especial, lhe fornecendo livros e acendendo, mais fortemente, a chama do vestibular. Faltava definir a carreira. Ele até que andava gostando da nova vida na cidade grande, naquele prédio enorme de muitos andares, onde se podia pegar o elevador, objeto que via pela primeira vez na sua vida. Às vezes ainda se assustava, pelas madrugadas, com o trânsito na avenida de frente. Ele decidiu: também queria ser médico. E foi em frente, passou no vestibular e começou a fazer faculdade ainda internado na enfermaria. Depois da cirugia esofágica, com espera de seis meses, é que conseguiu mudar-se para uma república, graças aos préstimos e contatos que lhe vieram com a vida no hospital. Manteve-se fiel ao seu antigo hábito de, no final da tarde, por os ouvidos agarrados em programas de músicas sertanejas no radinho de pilha que agora possuía. Até onde sei de sua vida, voltou para sua cidade e ali clinicou, tendo se transformado em doutor muito respeitado. Convivi com ele apenas de pasagem nos corredores do Hospital da Clínicas da UFMG,

eu estudante e ele em ano mais à frente. Mas foi o bastante para me marcar. João Virgilino, creio, era o seu nome; onde andará?

***

Ele era um daqueles sujeitos que parecia ter nascido para viver nas sombras. Muito pequeno, pouco alcançasse, talvez, aqueles meros sete palmos de altura que separam os anões das pessoas normais. Tímido. Como era tímido, meu Deus! A ele se aplicava, com perfeição, a frase de Guimarães Rosa, em um dos contos de Tutaméia: *tinha vergonha de frente e de perfil*. De frente nada que chamasse atenção em formosura, a começar do olhar, que fugia de encarar alguém e que só a custo revelava olhos claros, de água. Olhando bem, via-se que o corpo miúdo não era ajudado por qualquer equilíbio de formas, como um andaime de criança encimado por ombros esteitos, mais do que seria de se prever. De perfil, mesmo aos dezoito anos, já se lhe apontava uma barriguinha um tanto desproporcional, apoiada em pernas finas e pés chatos, que lembravam Carlitos em sua marcha, os pés como ponteiros de um relógio que marcasse permanentemente dez para as duas. A voz talvez fosse o componente de maior impacto em sua figura, com um tom grave que faria dele, talvez, um bom membro de coro – barítono, sem dúvida. O problema era ele abrir a boca, tolhido por sem-graceza irremediável. Devia ser bom nos livros, pois se não fosse isso, não estaria cursando conosco o curso de medicina na UFMG. Mas como aluno também não se destacava em nada. Quando finalmente fomos examinar os primeiros pacientes, na disciplina de Semiologia, é que ele começou a ser notado, não por algum dote extraordinário, mas, ao contrário, pela penosa dificuldade em conduzir os interrogatórios e os exames físicos dos pacientes. Faltava-lhe, completa e radicalmente, *repertório*, de gestos e principalmente de palavras, como gostava de dizer minha avó. Se o objeto de seus cuidados fosse um mulher, então, a sensação que se tinha era a de que o pobre tímido preferisse sumir dali – ou nem ter nascido. Um belo dia, malgrado seu, ele entra definitivamente no folclore estudantil. Estava examinando uma paciente, tendo sido solicitado pelo professor que auscultasse o coração da mesma. Ele deve ter pedido à moça a licença protoclar, mas talvez ela nem tenha ouvido o balbucio que saiu dele. Como ela não reagisse, talvez exatamente por não ter escutado o pedido, ele começou a introduzir o estetoscópio pelo que seria a nesga mais próxima do precórdio da camisola da moça: a altura dos joelhos. E assim foi subindo o instrumento, cautelosa e subrepticiamente, pelo corpo da moça acima. À altura do umbigo já não havia tubo suficiente, de tal forma com as aurículas do estetoscópio se despregaram de suas orelhas e as astes do aparelho lhe ficaram presas ao pescoço. E ele prosseguiu a investida em direção ao peito da paciente. Sua cabeça, agora, acompanhando o forçoso trajeto do instrumento, colocava-se em algum lugar próximo à virilha da moça. Nós, em volta, apreciando maliciosamente a cena. Até que o estetoscópio, sem quaisquer orelhas acopladas nele, chega a seu destino. E o professor, já agora com um pouco de maldade também: *e então, rapaz, consegue ouvir alguma coisa?* E o coitado, pálido, com a cabeça colada ao ventre da donzela, o tubo de latex esticado como se fosse um estilingue, mal consegue sussurrar: *sim, um sopro sistólico...* Celio, Celinho, uma espécie de homem invisível; talvez tenha sido por isso que nunca mais o vi.

***

Ela era outro tipo *diferente*, para dizer o mínimo. Magra, não muito alta, de seu corpo pouco poderia ser dito, escondido que o mesmo sempre estava dentro de roupas folgadas e um tanto fora de moda. Alguma beleza tinha, pois na faixa dos vinte anos, como a maioria ali, isso era quase regra geral. Devia ser muito friorenta, pois quase nunca dispensava um xale ou um suéter de lã, às vezes até mesmo um gorro. Era adepta de meias grossas, que lhe caiam pelas canelas finas, insistindo em se amontoar sobre os sapatos baixos e também no estilo vovó. E os cabelos

lhe completavam o estilo, presos no alto da cabeça por grossas agulhas de tricô, mas não de forma muito composta, deixando-lhe cair sobre a testa uma ou outra mecha rebelde. E eram pretos os cabelos, não muito bem cuidados, guardando uma aparência fosca que, ao fim e ao cabo, também ajudavam a compor aquele *tipo inesquecível*. Óculos de míope, sempre escorregando nariz abaixo. Foi minha aluna por um semestre na Universidade de Brasília e eu pouco lhe ouvi a voz, da mesma forma, me parece, que a maioria de seus colegas, pois ela era a discrição personificada. Nem seu nome guardei, mas sua bizarrice me encantava. Era boa aluna, com lugar fixo na primeira fileira, mais por miopia do que por ousadia, muito atenta às aulas e tudo anotando em um caderno grosso. Mesmo sem muitas palavras, contudo, eu percebia que ela se interessava pelo que era ensinado, ao contrário de muitos de seus colegas, e sua expressão atenta me confirmava que gostava dos temas que misturavam, naquela disciplina, sociologia, política e saúde, na contramão absoluta de tudo que se ensinava no curso de medicina. Não parecia ter muitos amigos, mas era respeitada pelos colegas como uma espécie de *persona* estranha, sem deixar de ser *grata*. Ela me conquistou de vez em um seminário regulamentar da disciplina, quando ela e mais alguns colegas foram designados para apresentar a Política Nacional de Saúde Mental, à época dominada pela estratégia de "quebra dos muros" dos nosocômios psiquiátricos. Os colegas apresentaram suas pesquisas primeiramente, de maneira burocrática e apenas repetindo o que haviam lido em documentos oficiais. Mas meu tipo inesquecível, não. Trouxe um longo cilindro de papelão e, meio desajeitadamente, o abriu e colou no quadro negro. Havia um desenho muito caprichado de um muro de pedras, aparentemente feito por ela mesmo e um texto em inglês, que ela pediu desculpas por trazê-lo assim, mas traduziria as partes mais importantes para nós. Tratava-se de um poema de Robert Frost, poeta americano do século XX, que assim começava: *Something there is that doesn't love a wall...* Assim, se detendo e comentando timidamente, mas com muita propriedade algumas partes que falavam de buracos que se podia vislumbrar em tal muro e de brechas que ninguém viu quem as fez. Um muro, enfim, através do qual o narrador vislumbra "um pomar de maçãs", mesmo sem poder atravessar tal barreira. E arrematou, interpretando o desfecho do poema: *pra quê um muro assim, se boas cercas é que fazem bons vizinhos?* Recuperei o poema na internet mais de vinte anos depois e nem posso repetir exatamente suas palavras. Mas o que sei é que aquela Senhorita Diferente foi aplaudida pelos colegas e por mim, que, aliás, já deixava escapar algumas lágrimas.

***

É isso aí: viva os diferentes. O que seria da vida sem eles?

Algumas décadas depois dessas histórias de que fui testemunha mais ou menos próxima, ainda me inspiro em tais casos, quase sempre de pessoas mal compreendidas ou de alguma assimilação *não imediata*, digamos assim. E foi assim que me inspirei a traduzir meu sentimento sob a forma de um haicai, gênero poético que aprecio muito, e que passou a representar um desiderato para minha existência: *Nem melhor, nem pior / que toda gente / mas apenas diferente*.

O JOVEM QUE CONHECIA ET's

Se eu algum dia, ao caminhar por algum lugar deserto, topasse com uma lâmpada mágica e dela surgisse um Gênio, a me oferecer a possibilidade de fazer apenas um pedido, que seria o de rever alguém do meu passado, eu não teria dúvidas em apontar Agenor. Se fossem aqueles três pedidos, conforme a versão clássica dessa história, eu poderia também me lembrar de outras

pessoas daquela época. Mas o caso real é este e não admite exceções: um só pedido e nada mais...

Agenor de quê? Não me lembro ao certo. Fomos colegas de ginásio, no Colégio Estadual central, do qual trago muitas lembranças significativas. Mas este Agenor era especial. Um tanto taciturno à primeira vista, cara de poucos amigos. De minha exata idade, mas figurando mais velho. De mim se aproximou e se tornou amigo e em pouco tempo, confidente.

Ele me falava de alguns amigos seus, que o impressionavam muito, e que um dia gostaria de me apresentar, mas que isso dependeria de tempo e de que ele ganhasse confiança em mim. Quando eu lhe cobrava tal contato apenas me dizia: *está cedo ainda*.

Como aquilo despertou minha curiosidade, como costuma acontecer com os adolescentes, sempre em busca de mistérios e emoções, ele aos poucos foi me revelando pequenos pormenores de tais amigos. Por exemplo, que eram muito inteligentes, que viviam em comunidade, que tinham uma rede pequena de contatos, à qual poucas pessoas tinham acesso, que andavam de Fusca e eram pessoas do bem. Generalidades desse tipo.

Um dia deixou escapar uma frase misteriosa, alguma coisa como *a vida deles aqui na Terra*. Aí, não deu para segurar: *aqui na terra? Como? Eles não são daqui?* Então, Agenor teve que abrir o jogo.

Primeiro me chamou para um recanto deserto do Colégio, um portão permanentemente fechado, situado num recôndito desnível, de frente para a rua Antonio de Albuquerque e ali me pediu reserva total a respeito do que iria me revelar. E arrematou: *isto lhe trará risco de vida se você o revelar para alguém, ouviu?* Isto posto, finalmente me revelou por inteiro o seu segredo.

Seus amigos vinham de fora, não de outra cidade, estado ou país, mas sim de Marte. Sim, do Planeta, também satélite do mesmo Sol que nós da Terra conhecíamos. Estavam aqui para ajudar a humanidade a enfrentar o sério perigo da guerra atômica (era época da famosa crise dos mísseis em Cuba). Entendiam e falavam a língua dos homens? Para eles não era problema, tinham uma forma de inteligência superior, que automaticamente os sintonizava com a fala e a escrita dos lugares onde estivessem. Como se locomoviam? Em carros iguais aos nossos, mas cuja mecânica era completamente diferente por dentro, movidos que eram por algum tipo de combustível completamente desconhecido pelos terráqueos...

E haveria alguma coisa em que nós, da Terra, poderíamos ser melhores do que eles? Sim, apenas uma: *música*. Os marcianos apreciavam, particularmente, a obra de Beethoven. Mas na literatura eles nos achavam muito fracos.

Eu tinha tudo para não acreditar naquelas histórias, evidentemente malucas, mas fui dando corda ao meu amigo, talvez para ver onde ele poderia chegar com aquilo. Mas a verdade é que me divertia bastante com a criatividade dele e com a sua capacidade de não perder o fio da narrativa e nem cair em contradições, mesmo que passássemos uma semana inteira sem falar daquilo, já que ele só o fazia quando nos encontrávamos a sós, pois, coerentemente, ninguém mais poderia compartilhar aquilo.

E assim eu fui me fazendo de crédulo e acho mesmo tê-lo enganado a respeito disso, pois com o tempo as histórias iam se aprofundando e revelando inéditas facetas dos tais *marcianos*. Em dados momentos eu mesmo me via *acreditando* de verdade em tudo, pois chegava a debater com ele alguns temas digamos, mais *filosóficos*, relativos à presença de tal gente entre nós. Em

outras palavras: eu fingindo que acreditava nele e ele fingindo que *eu* realmente acreditava no que ouvia.

Essa diversão séria, porém fantástica, em que o enganador e o enganado se confundiam, mas também se entretinham, durou alguns meses. No final do ano, com as férias, as conversas se interromperam e na volta à escola no ano seguinte, Agenor havia mudado de colégio. Desde então o procuro intensamente, apesar de o mundo não ter se acabado e nem terem aparecido os extraterrestres, como ele previa.

Um dia tive um lampejo de memória a respeito de seu possível nome completo: *Agenor Mascarenhas*! Corri ao Google e lá encontrei um patusco que ensinava, através de um vídeo didático, a transformar velhas cuecas zorba em bustiês femininos, recortando o fundo dessas e invertendo seu modo de vestir, em parte oposta do corpo.

Não fui apresentado ao rosto de tal artesão, mas com a exibição de tanta criatividade, não sei não, talvez se tratasse da mesma pessoa...

ISSO NÃO SERIA LEPRA?

"Corridas de leito", qual médico não as conhece? Há de todo tipo, desde aquelas do tipo Fórmula I, rápidas, exibidas e barulhentas, até algumas que lembram as procissões da semana santa, lentas, com ladainhas intermináveis e não poucas frases em alguma língua morta e incompreensível para o comum dos mortais.

Mas uma coisa é certa: as corridas são (ou foram um dia, não sei a quantas anda tal costume) instrumento essencial de aprendizado na medicina. Ali é o médico e o paciente; o texto e a realidade; o professor e o aprendiz – tudo frente a frente. É bem verdade que há os que exageram em exibições pirotécnicas e palavrosas, que mal e mal disfarçam o fato de apenas se fingir sabedoria, ou denunciar incorrigível vaidade. Já outros partícipes, sem dúvida mais sapientes, com poucas palavras dizem tudo. E há até mesmo aqueles que são capazes de confessar sua ignorância e convidar a todos os circunstantes a buscar os livros e aprofundar seu conhecimento. Creio que estes últimos devem ser realmente os melhores.

Já assisti de tudo em tais maratonas. Lembro-me, por exemplo, já nos meus tempos de preceptor em Uberlândia, de um aluno ou residente que apresentava à beira do leito um caso e que era insistentemente interrompido pelo paciente, que lhe dizia: *não é bem assim, doutor*. Até que o apresentador não se conteve e pediu que o insistente ficasse calado. Pode? Pois é...

De outra feita, um paciente, ao ver a chusma de doutores e estudantes em volta dele, pediu que alguém lhe arranjasse um copo d'água, pois tinha muita sede. Nenhuma reação no conjunto... Novo pedido. Um dos alunos procurou, em volta – e debalde – a "enfermeira", como se só ela pudesse resolver tão angustiante situação. Até que o condutor do séquito, no caso, eu mesmo, tomou a providência cabível. Foi assim que interrompi a cerimônia e me dirigi à copa vizinha, voltando de lá com o precioso líquido, que foi sorvido prazerosamente, entre muitos *muito obrigado*, por parte do infeliz sedento. Os membros da procissão certamente acharam aquilo bastante insólito e me olharam como se tivessem visto um ET. Coisas do mundo médico...

Mas eu tenho uma história gloriosa para contar sobre as tais corridas de leito. E nesta eu fui apenas um observador. Quem de fato importa é o personagem principal.

Na ocasião eu era quintanista de medicina e já sapeava uma enfermaria do Hospital Carlos Chagas, a chamada clínica de “doenças tropicais” da nossa Faculdade de Medicina. Ali as corridas de leito eram levadas a sério e delas participavam a maioria dos docentes, inclusive luminares do porte de um Jayme Neves e de um Oscar Versiani Caldeira. O hospital era também campo de estágio da residência de Clínica Médica do vizinho Hospital de Clínicas da UFMG.

Um dos residentes notáveis naquela época era Antonio Cândido de Mello Carvalho, filho de Dr. Sylvio Carvalho, eminente cardiologista e também docente da faculdade e irmão de Tavito, que tinha sido meu colega no Colégio Estadual e até hoje é lembrado como músico, por ter participado da banda que acompanhou Milton Nascimento nos primeiros tempos, o *Som Imaginário*. Quem ainda se lembra daquele “sem querer tu me lembras, uma rua e seus ramalhetes”? Pois então, a letra e a voz são de Tavito...

Antônio Cândido, que todos conheciam pelo apelido familiar de Cancando, era definitivamente um cara brilhante. Simpático, bem relacionado, ótimo aluno, culto como quê, inclusive em termos médicos.

Pois bem, havia na enfermaria do Carlos Chagas uma paciente que estava desafiando os tais luminares. Uma mulher jovem que tinha um quadro de febre alta e intermitente, inchaço no rosto, manchas na pele e grande mal-estar, que lhe aparecia em surtos. Já tinha sido pesquisado de tudo. As hemoculturas se sucediam, todas negativas. Os demais exames de sangue não levavam a nenhuma conclusão. Radiografias diversas mostravam um organismo sem manchas ou infiltrações. Enquanto isso ela se definhava sobre o leito, ardendo em febre devastadora, entra semana, sai semana, sem diagnóstico preciso e tratamento adequado.

Naquele tempo, havia uma linha de pesquisa forte no Carlos Chagas que se debruçava sobre uma tal salmonelose septicêmica prolongada, com direito até a sigla própria, SSP, quadro supostamente associado à esquistossomose mansônica, que provocava alguns sintomas semelhantes àqueles da pobre mulher. Mas para ser a tal *SSP* tinha que ter hemocultura positiva – e não era o caso. Por falar nisso, não sei que fim levou esta doença. Como estou fora da clínica há muitos anos, o fato de eu nunca mais ter ouvido falar nela pode não significar que a mesma tenha desaparecido, mas sinceramente acho que esta seria uma possibilidade, pois como todo mundo sabe, na medicina as coisas costumam aparecer e desaparecer a partir do nada – ou, na pior das hipóteses, serem desacreditadas...

Então se passaram algumas semanas com este diagnóstico pré-fixado na cabeça de todos, mas totalmente não corroborado pelas evidências. Os luminares já arrancavam os cabelos.

Aí entra nosso personagem principal – e eu assisti de perto o que aconteceu. Cancando estava recém-chegado ao Carlos Chagas, como residente, e me parece que ainda estava se familiarizando com os pacientes. Talvez ainda nem conhecesse profundamente o misterioso caso daquela mulher febril, manchada e depauperada, tão sofredora. E naquele dia, estavam todos os sábios ali, sérios, circunspectos. Os verborrágicos e os exibidos bem discretos neste dia – e nem era para menos. Dizer o quê?

Cancando saca do nada a sua cartada: *mas isso não é lepra, gente?!*

E era... Um surto leprótico, dito virchowiano, daquela lepra, depois hanseníase, tão manjada no Brasil. Mais “tropical” e mais típica, impossível... Coisa vulgar na clínica, verdadeira figura de livro. Só não via quem não quisesse ou estivesse a procura de chifres em cabeça de cavalo... Cultura médica e bom senso: combinação essencial!

Nota final: Cancando foi depois professor de Clínica Médica na Faculdade e mais tarde Pró (ou Vice) Reitor da UFMG. Morreu bestamente dentro de um avião, antes de fazer 40 anos, com uma coronária entupida. Mas deixou lembranças boas em muita gente. É uma das minhas influências médicas mais fortes.

TER SAÚDE É TER PROJETOS

A frase que serve de título a este texto foi proferida por René Dubos, um médico e cientista francês que ganhou o Prêmio Nobel de Medicina na década de 60. Confesso que conheço poucas máximas mais acertadas do que essa. A este respeito, tenho uma bela história para contar sobre o assunto, referente a um grande amigo de Uberlândia, falecido há muitos anos: José Virgílio Mineiro. Antes de narrá-la, porém, creio que seria melhor apresentar o personagem, já que as novas gerações de Uberlândia, além de meus queridos leitores, pouco ou nada sabem dele.

Virgílio Mineiro era médico, formado na minha antiga faculdade de BH, natural de Ouro Preto e trabalhou em Uberlândia desde sua formatura na década de 30. Ali exerceu a especialidade de radiologista, destacando-se na investigação das doenças do esôfago, principalmente do chamado mal do engasgo *(*ou megaesôfago*)*, um componente da doença de Chagas que matou ou inutilizou muitas pessoas nas regiões endêmicas. Depois de mais de duas décadas na radiologia, Virgílio foi trabalhar no controle da hanseníase (lepra), uma vez que os aparelhos de RX da época traziam grande perigo aos que os manuseavam e já o estavam molestando com queimaduras por radiação.

Virgílio foi também militante político do antigo PCB e como tal foi eleito para uma cadeira na Câmara de Vereadores de Uberlândia nos anos 40, tendo sido um precursor da legislação sanitária municipal. Recebeu homenagem de Suas Excelências, mas só muito tempo depois de morto, sendo dado seu nome a um viaduto e a uma unidade de saúde, no bairro da Lagoinha, onde residia, à época, grande parte de seus pacientes hansenianos.

Vamos então à nossa história. Nos anos 70, Virgílio foi visitar um filho, também médico, que morava nos Estados Unidos e aproveitou para fazer um *check-up*. Na ocasião foi-lhe diagnosticado um câncer no intestino. Utilizando-se do proverbial pragmatismo norte-americano, o filho recomendou-lhe cirurgia radical, executada sem maiores delongas.

De volta a Uberlândia, portador de uma colostomia temporária e sem maiores garantias de cura do tumor maligno, resolveu tomar iniciativas em relação à vida, já suficientemente movimentada. Reformou sua casa, construiu um enorme viveiro para colibris, adquiriu equipamento fotográfico de última geração e começou a fotografar aves, paisagens, árvores e pessoas, ganhando inclusive sucessivos concursos de fotos artísticas.

O homem estava com câncer e tinha muitas incertezas sobre sua saúde. Mas uma coisa lhe era certa: seus projetos mais estimados precisavam ser iniciados ou continuados. Poderia ser chamado de “doente” alguém assim?

A história nos oferece muitos outros exemplos. De passagem, poderíamos nos lembrar de Betinho,Teotônio Vilela, João Paulo II, Darci Ribeiro, Mario Covas, José de Alencar, Cazuza e tantos outros. Gente de quem a doença não retirou a vontade de fazer coisas acontecerem...

Isso me traz pelo menos uma reflexão, que compartilho com meus leitores. Os médicos precisam valorizar os *projetos* dos seus pacientes! Que tal se passassem a incluir em seus interrogatórios uma simples pergunta: *que projetos você tem para sua vida?* A partir daí se poderia, quem sabe, levantar e programar como parte do tratamento dessas pessoas – com a ajuda de outros profissionais – o desenvolvimento de seus projetos pessoais, fossem artísticos, afetivos, intelectuais, militantes ou outros.

Um enorme benefício seria oferecido para tais pacientes, com certeza. O pressuposto é claro: quem tem projetos em vista possui, pelo menos potencialmente, muito mais saúde do que quem não os tem e disporá, por isso mesmo, de mais razões para continuar vivo e se cuidando, ajudando assim os médicos e suas balas milagrosas se tornarem de fato mais efetivos.

São coisas das quais deveria dar conta uma nova formação médica, que, infelizmente, ainda engatinha ou esbarra em preconceitos de uma cultura de imobilidade em nosso país.

BONS ALUNOS

Tive muitos alunos na vida. Numa conta rápida, considerando os quase trinta anos que me dediquei às salas de aula, talvez tenham chegado a mais de três mil. É claro que não me lembro de todos, só de alguns: os muito bons e os muito ruins... Da vasta parcela intermediária não tenho quase nada a dizer. Mas não posso deixar de falar de alguns daqueles que se destacaram para o bem.

O que eu chamo de um "bom aluno", que fique claro, não é apenas aquele que consegue notas altas ou se mostra esforçado. Isso também conta, mas esta categoria tem que incluir o quesito "empatia", seja comigo ou com o entorno acadêmico. Tenho uma pequena galeria para mostrar – e o faço com todo orgulho.

Antes de começar. Alguém assistiu o filme *Invasões Bárbaras*, do diretor canadense Denys Arcand? Há nele uma cena marcante, protagonizada por professor e alunos, que muito me emocionou e me fez pensar; aliás, digo mais, ela me fez apressar os procedimentos para minha aposentadoria. Em tal cena, o personagem Remy, um professor universitário da área de Humanas, em seu leito de morte, relembra cena de uma aula. Ele procurando mostrar entusiasmo com o que ensinava, enquanto eles, os alunos, encaravam-no com um olhar gélido, que lhe atravessava o corpo e ia se perder pelas janelas. Nesta hora, para mim, não só os ditos "maus" alunos, como a vasta multidão dos "intermediários" compareceram. Mas a cena, é verdade, também me fez lembrar daqueles realmente bons, poucos, mas inesquecíveis. Falarei de alguns emblemáticos do que é ser *um bom aluno*, gente que acumulou predicados de seriedade, competência, solidariedade, simpatia pessoal e, principalmente, empatia com este velho professor.

***

Para começar, Lindioneza Adriano Ribeiro. Foi minha aluna no curso de Medicina de Uberlândia, na virada dos anos setenta para os oitenta. Vinha do norte de Goiás, depois Tocantins; Porto Nacional, se não me engano, era a sua cidade. Moça pobre, tinha tudo para não chegar a uma universidade pública, como chegou, de maneira brilhante. Trabalhou, na juventude, como doméstica e babá, enquanto estudava em escolas públicas. Estudiosa e esforçada como poucos. Conquistou-me, especialmente, pelo interesse que tinha naquilo que era a minha nova opção

profissional, a saúde pública. Foi monitora da disciplina que eu ministrava, junto com Melicégenes Ambrósio e outros, a chamada Medicina Preventiva, embora seu real interesse estivesse em área próxima, a clínica dita "tropical". Como se vê, carregava consigo este avatar, certamente relacionado com suas origens rurais. Na época em que um grupo de quase extra-terrestres preparávamos o projeto comunitário do Jardim Brasília, em Uberlândia, ela era apenas terceiranista, mas participou daquilo tudo com afinco e dedicação, mesmo daquelas reuniões comunitárias intermináveis, como "gente grande", que na verdade já era. Fez sua pós-graduação no Instituto Butantã, em São Paulo, se doutorando no tema dos acidentes ofídicos. Quando obtive minha transferência da UFU para a UnB, Lindioneza prestou concurso e assumiu a vaga deixada por mim, o que me honrou muito. Namorou, durante todo o tempo do curso, e acabou se casando, com seu colega de turma, igualmente brilhante, Miguel Tannus Jorge, outro de meus orgulhos, embora eu não fosse tão próximo a ele quanto era da esposa. Na maturidade, Lindioneza revelou outra faceta de seu enorme talento: resolveu se dedicar à natação e não foram poucas as medalhas que recebeu na categoria sênior. Talvez tenha atravessado a braçadas, muitas vezes, o seu rio Tocantins atávico. Em sua vida acadêmica envolveu-se com atividades tão diversas como, ética em pesquisa, documentação e informática médica, informações hospitalares, atenção a pessoas vítimas de violência. Em 2009 a *indesejada das gentes* a levou, com parcos cinqüenta anos de idade. Como dizia Brecht existem pessoas boas, ótimas e *imprescindíveis*. Lindioneza fazia parte deste último grupo, com certeza. Saudades.

***

Antonio Carlos Miziara. Estudou medicina também em Uberlândia, sendo de turma anterior a de Lindioneza. Uberabense, filho de família importante e bem aquinhoada, primava pela discrição e elegância nos gestos e na aparência. Ele era capaz de estar em algum lugar, acompanhando seu mestre – e eu fui um deles – em um consultório, por exemplo, sem que sua presença fosse notada, a não ser quando solicitado a falar ou intervir, o que ele fazia com delicadeza e competência.

Um dia me apareceu de repente no ambulatório que eu atendia como parte de minhas atividades na Faculdade de Medicina da UFU. Eu já o conhecia da sala de aula, mas não me lembro de tê-lo convidado a atender comigo; ele simplesmente chegou ali e ficou, como se já fizesse parte daquilo tudo. Não fez vínculos formais, do tipo estágio ou monitoria. Ele apenas me acompanhava no atendimento, demonstrando algo que assisti bem poucas vezes em minha vida universitária: o interesse em aprender, a curiosidade e o desafio provocados pelo novo. E, principalmente, a atitude respeitosa, sem ser subserviente, de saber aproveitar a oportunidade que um docente e médico mais experiente lhe facultava. E chegava sempre antes de mim...

Acho que devo muito a ele, que me estimulou na atividade clínica, mas que também fez muito bem para a minha auto-estima. Fez toda sua formação em Uberlândia, residência em Clínica Médica inclusive, período em que aprofundamos nossos laços, embora eu já estivesse com um pé do outro lado do muro. Aprofundou-se na Oncologia, uma especialidade sob medida para alguém tão responsável e compassivo como ele. O concurso – e a aprovação – para docente no Departamento de Clínica Médica foi um caminho natural que o mesmo seguiu.

Um dia, simplesmente, mudou radicalmente sua rota, indo trabalhar em outra cidade remota. Desgostos afetivos, ao que parece. Seus olhos azuis, bondosos e calmos, ainda lampejam em algum lugar. Mas eu nunca mais o vi.

***

Luiz Siqueira Filho, o *Luizinho*, um sujeito muito querido por todos a seu redor, foi contemporâneo de Antonio Carlos. Uberlandense, miúdo, cabelinho cortado rente, olhos vivos e orelhas em abano, sempre preparadas, ao que parecia, para captar o mundo a sua volta. Filho de família modesta, via-se, por seus trajes e hábitos. A vida universitária devia representar um sacrifício material razoável, para ele e para os seus. Apareceu também, do nada, para me acompanhar no atendimento, independente de qualquer vínculo que não fosse o de colaborar e aprender. Não era um intelectual da medicina, mas o que realmente importasse ao diagnóstico e tratamento de doenças era com ele mesmo. Sabia de tudo! E tinha uma maneira especial de interagir com os pacientes, que viam nele mais do que um doutor, um igual, sem deixar de respeitá-lo e escolhê-lo, entre tantos. Assim como seu colega Miziara também fez concurso e se transformou em professor, na área de Semiologia, creio. Tão poucas palavras talvez não façam justiça a este pequeno grande homem. Mas ele vive na minha memória afetiva e certamente na de muitos mais que com ele interagiram e usufruíram de seus conhecimentos, seja como pacientes ou como alunos.

***

Michele Lessa de Oliveira. Aluna do curso de Nutrição na Universidade de Brasília. Trabalhou comigo como monitora formal, concursada. Não será por acaso que a maioria dos meus monitores vinha de outra área, que não a Medicina, na qual a simpatia pelo que eu ensinava era um tanto escassa, para dizer pouco. Curiosa, atenta, dedicada, solidária – para resumir suas variadas qualidades em poucas palavras. E muito inteligente também. Tinha uma capacidade incrível de adivinhar meus pensamentos e muitas vezes quando lhe pedia alguma coisa, tinha a surpresa de já vê-la pronta. Tinha desde então um companheiro ideal, Jorge Oliveira, igualmente solidário e amigo, que ela não titubeava em envolver em suas atividades de monitora, com o que ele aquiescia prontamente, gente boa como quê. Em 1997 me ajudou a realizar a primeira pesquisa sobre a situação de saúde no Entorno do DF, com financiamento da OPAS. Algumas dessas viagens fizemos juntos, para ajustar o instrumento de investigação, mas a maioria foi ela mesmo quem fez, de ônibus ou com a ajuda inestimável do “seu” Jorge, seu motorista ocasional. Ajudou-me, também, em horas vagas a compor um livreto sobre as memórias registradas em papéis avulsos, entregues dentro de uma casa de camisa, a que chamei ”Chamando o Juca”, pelo personagem das mesmas, um primo idoso de meu pai que vivia em Brasília. Mas não é só: Michele fez e ainda faz uma carreira brilhante como profissional de nutrição, exercendo cargos na OPAS, na Presidência da República, bem como nos Ministérios da Saúde e do Desenvolvimento Social. Ela hoje (2017) é a coordenadora nacional dos programas nutricionais no MS. Michele é a prova viva das palavras de meu ídolo, Guimarães Rosa: *mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende*. E como eu aprendi com esta moça; salve ela!

***

Nina Fonseca é enfermeira. Sua história comigo é bem parecida com a de Michele. Filha de médico, tinha tudo pra ser dondoca. Mas escolheu outro caminho. Um filho precoce, no meio do caminho de estudante, não lhe cortou a fibra. Foi mãe e aluna com igual competência. Ajudou-me muito no dia a dia das aulas, não só com as alunas de enfermagem como de outros cursos. Depois de formada passou algum tempo nas bordas de sistema de saúde do DF, como convém a um bom profissional de saúde. Só depois achegou-se ao centro da máquina. Hoje é professora no Curso de Enfermagem da Escola Superior de Ciências da Saúde, no DF.Tem um carinho especial pela minha pessoa, que é recíproca. O que mais me honra são seus convites para participar de atividades didáticas na faculdade onde leciona.

***

Simone Ardenghi Coelho, dentista. Foi minha aluna no curso de pós-graduação em Odontologia social coordenado pelo meu amigo Carlo Zanetti. Junta todas as qualidades dos citados acima e mais uma: a maturidade profissional que trouxe desde o primeiro momento que nos conhecemos. Foi mais voluntária do que propriamente monitora, mas me ajudou, o mais das vezes desinteressadamente, em várias atividades de consultoria profissional com que estive envolvido. Sempre atenta e altamente especializada em captar rapidamente o que eu estava pensando. Era dentista do quadro de uma repartição pública federal em Brasília e, como fruto de sua formação em odontologia social, levou a cabo uma investigação sobre o *modus operandi* dos serviços odontológicos terceirizados que ali eram prestados. Revelou-se um caso clássico de roubalheira e mistura do interesse público com o privado. Sofreu ameaças diversas e acabou se mudando de Brasília, pedindo remanejamento para a cidade para onde o marido também estava sendo transferido. Perdi o contato com ela, até que, indiretamente, em procura na internet, descobri que Paulo, seu companheiro de vida, era agora credor de um auxílio funeral ou pensão, pois Simone havia falecido. Nunca soube o que aconteceu de verdade, embora tenha tentando descobrir. Certa vez, em visita à casa de uma pessoa da família, no interior do Rio Grande do Sul, prestes a ser demolida, ela resgatou do porão da moradia um velho tratado de medicina familiar, ilustrado e muito bem conservado, que me deu de presente e o qual guardo comigo com todo cuidado. Assim era ela. Viva Simone!

O MORTO QUE ESTAVA VIVO

Naquele tempo, anos setenta, eu me esfalfava para fazer coisas marcantes, naquele ímpeto de inovação, às vezes precipitação, de que já falei antes. Uma das manias era trazer a Uberlândia gente que pensasse e falasse algo realmente diferente ou, pelo menos, fora do padrão habitual da cidade e da faculdade. Foi assim que veio ter conosco, por exemplo, Carlos Gentile de Mello, de cuja passagem já falei antes (em *Vita Activa*). O personagem de agora é João Carlos Pinto Dias.

João Carlos, quem o conhece sabe, é um personagem e tanto. Eu o conheci alguns anos antes em BH, através de um acontecimento curioso. Eu saía de BH – pedindo demissão da UFMG – para ir trabalhar na obra da usina de São Simão. Ele veio fazer o concurso para minha vaga depois ter passado alguns anos exatamente em um emprego similar, na obra de Ilha Solteira, entre São Paulo e Mato Grosso.

João Carlos era um tropicalista de estirpe. Filho de Emanuel Dias, um dos precursores da pesquisa em Doença de Chagas em Minas, Neto de Ezequiel Dias, outro cientista famoso na área de doenças tropicais, que havia sido amigo e colaborador do próprio Carlos Chagas e colaborador direto de Oswaldo Cruz. O pai tinha trabalhado muito anos na região do Triângulo, muito endêmica para o *T. cruzi* e as diversas espécies de barbeiro, e deixara muito amigos na região. Aliás, falecera em um acidente de carro na rodovia entre Uberlândia e Araguari.

João Carlos havia se formado em Ribeirão Preto. Aliás, nem nascera em Minas, mas sim no Rio de Janeiro, de onde era originária a família do pai e do avô. Mas quem o visse ou conversasse com ele teria certeza de estar falando com um mineiro completo, de raízes seculares. Isso se explicaria facilmente, em primeiro lugar, pelo fato concreto de ele ter sido criado, em parte de sua vida, em Minas, inclusive na cidade de Bambuí, onde o pai fora montar uma sucursal do Instituo Oswaldo Cruz, mas também dada a versatilidade e capacidade de adaptação e empatia que eram naturais e espontâneas nele.

A escolha deste amigo para vir a Uberlândia tinha justificativas. Além de suas ligações afetivas com a cidade e com a região, João era portador de um discurso que caia como uma luva nos meus propósitos e dos colegas que o convidamos, pois sabia enunciar, de forma muito articulada e coerente, um discurso onde se juntavam – como se nunca tivessem sido separadas – ciência e política. Nessa ocasião, estávamos em plena ditadura, com Geisel no comando e o famigerado Decreto 477 em vigor. Um passo em falso e uma guilhotina poderia se despencar sobre o pescoço do incauto. Mas o nosso destemido professor e pesquisador não estava nem aí, dava seu recado e pronto! E não nos decepcionou.

O fato curioso que me dispus a narrar aqui foi o seguinte. Após ser apresentado por mim ao público, formado por estudantes e professores da UFU, João Carlos se estendeu nos agradecimentos e reverências aos antigos companheiros de seu pai ali presentes, particularmente Miron de Menezes, cardiologista ainda ativo na cidade e professor da Faculdade. Lembrou-se de outros nomes ausentes, alguns já falecidos, para homenageá-los também. E em tal leva de mortos incluiu José Virgílio Mineiro, que também tinha convivido com o pai e se tornado um grande amigo e colaborador dele.

O problema é que Virgílio não havia falecido... E mais do que isso: estava presente ali no auditório! E quem desfez o equívoco foi o próprio homenageado *in memoriam*. Gaiato e comunicativo que era, Virgilio levantou de sua poltrona e anunciou, em alto e bom som: *eu não morri, eu estou aqui!*

Risos gerais.

João Carlos se saiu muito bem: desceu imediatamente do palco, caminhou até Virgílio, na parte de trás do auditório, e o trouxe pelo braço até a mesa, convidando-o a ficar a seu lado durante a palestra, incluindo o convite a Miron também. Pediu muitas desculpas e tudo acabou em risos e confraternização, como convém a pessoas tão especiais.

COLEGAS

Entre meus colegas docentes universitários não foram poucas as pessoas boas ou mesmo exemplares que conheci. Ao lado de alguns outros nem tanto...

Mas falarei aqui de dois exemplares apenas. Indivíduos que não precisam fazer força para serem bons. Eles o são, a partir de sua própria natureza; e ponto. Assim, como ponta de um iceberg de gente boa, eu me lembro dos nomes de Melicégenes Ambrósio e Pedro Tauil.

Melicégenes foi meu amigo e parceiro de projetos na Universidade Federal de Uberlândia. Sua formação, na USP de Ribeirão Preto, era em pediatria, mas chegando a Uberlândia, onde tinha raízes familiares, teve de se adaptar às necessidades da nova faculdade de medicina ali criada e foi dar aulas do que então se chamava de Medicina Preventiva. Eu o conheci logo na minha chegada, em 1975, e com pouco tempo de convívio ficamos amigos. Nossa proximidade se dava, sobretudo, em relação aos temas de que ministrávamos disciplinas, ele na Medicina Preventiva e eu nas Doenças Infecciosas e Parasitárias. Não chegamos a ser íntimos, pois ele era um sujeito mais introspectivo, mas acredito que sempre tivemos um pelo outro grande simpatia e confiança. Um belo dia, resolvi convidá-lo para fundir nossas disciplinas, formando uma nova matéria, em que se juntariam a prevenção e a cura. Ele, um tanto cauteloso, resistiu a princípio, mas acabou por aceitar a idéia e trazer muitos aportes. Criamos, assim, algo inédito, chamado

PCDT (Profilaxia e Clínica das Doenças Transmissíveis), nome que hoje me parece um tanto canhestro, mas que na época representou inovação, sem dúvida, dado o cenário de *cada qual no seu cercado* que imperava na faculdade (e nos demais cursos de medicina do país, diga-se de passagem).

Pela primeira vez, também, pesquisamos juntos, com a ajuda de um monitor, Ricardo Borges, o cenário da mortalidade na cidade, publicando, em 1979 ou 80 um opúsculo que também se tornou referencial, além de ser completamente inédito, sobre tal tema. Já desde então demonstramos que o problema das doenças cardiovasculares, liderado até então pela alta incidência de doença de Chagas, estava cedendo vez, rapidamente, para as mortes violentas, principalmente no trânsito.

Melicégenes – "gerado no mel" – é uma doçura de pessoa. Sua passagem por Ribeirão Preto, ao contrário de outros egressos de lá que conhecíamos, não alterou em nada seu jeito simples, humano e gentilíssimo de tratar as pessoas, fossem colegas, alunos ou pacientes. Tive oportunidade de entregar aos cuidados dele um dos meus filhos, Flavinho, e era confortador assistir sua dedicação e sua parcimônia terapêutica, além de seu talento educativo em relação às famílias das crianças que atendia.

Uma rara unanimidade se criou em torno dele – da variedade do bem! Devo a ele uma fineza especial: quando me separei de Eliane, ele me procurou para saber o que se passava e me deu muitos conselhos (que não atendi...), mas demonstrou assim a intensidade do carinho que dedicava a mim. Para fazer justiça, apenas, outro colega também fez isso – e só ele mais – Samoel de Castro.

Melicégenes era sempre homenageado pelas turmas de medicina. De certa feita lhe deram a comenda de "Cruz de Mérito", que certamente traduzia uma contradição, entre uma matéria que não era apreciada, em definitivo, pelos alunos, e o mestre encantador que a ministrava.

***

De Pedro Luiz Tauil já falei algumas palavras, quando me referi ao impacto que causou em mim a saga dos jovens médicos paulistas que, nos anos 60, se embrenharam nos sertões do Norte Goiano, em Porto Nacional. Pedro, assim como Melicégenes, são os exemplos mais concretos de pessoas em torno das quais existe total unanimidade, só que altamente positiva. De Porto Nacional, Pedro, abalado por um drama pessoal, veio para Brasília trabalhar na Sucam, autarquia federal de combate a doenças endêmicas. Ali ele se notabilizou como técnico de conhecimento profundo, principalmente nas doenças vetoriais, sempre respeitado e infenso às politicagens que cercavam o órgão.

Recentemente estive na Universidade de Brasília para fazer parte de um evento muito especial, quando este meu amigo recebeu o título de professor emérito da UnB, honraria concedida a poucos. Na ocasião, muitos elogios foram feitos a Pedro, principalmente pelo colega formalmente encarregado disso, Mauricio Pereira, também epidemiologista e amigo de Pedro há muitos anos. Aos encômios de Maurício não tive nada a acrescentar; só poderia fazer coro – e com muito prazer, além do sentimento de compartilhá-los inteiramente, "em gênero, número e grau".

Entretanto, creio que ficou faltando dizer, na ocasião, alguma coisa mais. Os que o homenagearam – e ele próprio – foram econômicos em relação àquele fato da vida de meu amigo que eu sempre achei muito marcante. Volto ao passado para comentá-lo… Em 1967 ou

1968 eu cursava os primeiros anos de Medicina na UFMG e como todo estudante tinha grandes dúvidas sobre o que gostaria de fazer depois de formado. Não que fosse assunto premente, eu ainda tinha pelo menos cinco anos de faculdade pela frente. Mas de alguma forma aquilo me repercutia na mente. Foi assim que abri uma revista médica, creio que a famosa "O Hospital" (que já não mais existe) e me deparei com um artigo diferente daqueles relatos de casos e provas terapêuticas tão comuns nas revistas médicas de então e de sempre.

No texto, assinado por quatro ou cinco autores, se narrava a epopéia de um grupo de médicos, formados recentemente pela tradicional Faculdade de Medicina da avenida Doutor Arnaldo, ou seja, da USP, epíteto para quem está acostumado ao jargão médico. Esses moços e moças haviam optado por sair do grande centro onde se formaram para cair na realidade do Brasil profundo. E foram dar em Porto Nacional, então Goiás, hoje Tocantins. A cidade era pequena, remota e acima de tudo, pobre e inculta. Ali se incorporaram ao hospital já existente da Fundação SESP (também já extinta) e começaram a lida. Faziam de tudo, para todas as idades e condições. Algumas das esposas eram de outras áreas técnicas, mas logo se incorporaram ao trabalho em saúde. Tinham o apoio dos visitadores domiciliares da Fundação SESP.

Em pouco tempo já tinham se articulado com a comunidade, participando de reuniões, cursos, treinamentos, visitas domiciliares e atendimento rural. Mais do que uma articulação técnica aquilo passou a ser uma integração vivencial, um vínculo robusto. Certamente as dificuldades não foram poucas, entre elas as dificuldades de aceitação, a intolerância dos políticos, a cultura vigente em relação à saúde e ao trabalho em equipe etc. Mais tarde passaram também a receber alunos de medicina da Universidade Federal de Goiás. O estágio em Porto Nacional passou a ser um privilégio disputado pelos estudantes. Alguns foram, gostaram e acabaram ficando por lá.

Aqui entra minha história. Eu fiquei encantado, embasbacado com aquilo. Pensava: queria algo assim em minha vida profissional. Não consegui de imediato. Os compromissos de época de formatura – eu já era casado – acabaram me fazendo ficar em BH mesmo. Um concurso para auxiliar de ensino na minha faculdade me atravessou o caminho e eu lá fiquei. Até que, dois anos depois, cumpri parte do que aquela influência especial me colocou na cabeça. Então parti para o interior, para ser clínico. Mais dez anos e eu dei um novo passo adiante: fui fazer um curso de especialização em Saúde Pública, na ENSP, Rio de Janeiro – e minha vida nunca mais foi a mesma. Só posso dizer o seguinte, para resumir a admiração que tenho por Pedro Tauil: muito obrigado ao cientista, ao pesquisador, ao professor, ao gestor e, principalmente ao meu grande amigo.

ENCONTROS COM PROFESSORES NOTÁVEIS

Esta minha lista não tem só aquela gente unanimemente simpática, embora isso não deixe de ser um bom requisito. Mas certamente representa uma combinação de sabedoria, tanto de conhecimentos específicos, técnicos e políticos, como *lições de vida*. Nela estão pessoas que foram capazes de ensinar e influenciar, positivamente, minhas opções profissionais e humanas na vida, e também as de outras pessoas. Vamos a eles.

Carlo Américo Fattini. Este merece encabeçar a lista. Fattini era professor de Anatomia. Devia ter, na época, trinta e poucos anos. Um grande carisma, mas não daquele tipo que faz força para conquistar os alunos, mas sim dos que apenas deixam fluir sua atenção e recebem com tranquilidade e paciência o gesto e a palavra do interlocutor. Tínhamos aula em pequeno grupo com ele e, ao lado daquelas conversas áridas sobre o nervo vago e a veia porta, nos falava coisas

pouco habituais, tais como, das maneiras de evitar o mau hálito e dos modos corretos de tratar nossos afetos. Disto dava exemplos concretos, pois em algumas ocasiões era visitado por sua companheira, Natália, na sala de aula, que vinha lhe dar algum recado ou pegar um livro (ela era médica) e fazia questão de nos apresentar e falar dela sempre como "minha amada", "mulher de minha vida" e coisas carinhosas assim. Grande Fattini! Demonstrava grande simpatia por mim e Eliane. Quando nos via conversando nos intervalos, ou dissecando o "nosso" cadáver até mais tarde, já a sós no grande anfiteatro do andar térreo, tinha sempre uma brincadeira conosco, que acabou se revelando profética: *isso vai acabar em casamento*. Ele deve ter assistido em sua carreira na Faculdade inúmeros casos assim, inclusive o seu próprio, acredito. Foi convidado especial para as bodas que aconteceram quatro anos depois, em 1971.

Fattini é hoje muito conhecido por ser autor, com José Geraldo Dangelo, outro de nossos notáveis professores da época, de um Tratado de Anatomia Humana muito recomendado nas escolas de medicina. Não precisei ter contatos permenentes com ele para continuar admirando-o pela vida a fora.

***

Gladstone Rodrigues da Cunha Filho era pouco mais velho do que nós. Assistente da Cadeira de Histologia, na qual o titular era Nello Rangel, filho do escritor Godofredo Rangel e pai do famoso artista plástico mineiro, Nello Nuno. Gladstone era a sapiência em pessoa, sabia tudo (e mais alguma coisa) de sua matéria. Alguns diziam que ele até havia superado o Mestre, que o tratava com grande respeito, em que era correspondido, aliás. Gladstone tinha um modo teatral de dar suas aulas, sem perder a fleuma. Sua descrição do câncer era um primor: "mitoses loucas, atípicas, arquitetura tecidual subvertida...". Por conta de seu carisma e dedicação, alguns de nós chegamos até a antecipar nossa opção de carreira, atraídos pelo que então se chamava "ciência básica" – vocações nem sempre confirmadas, entretanto. Algum tempo depois Gladstone se transferiu para Uberlândia, sua terra natal, sendo um dos fundadores da escola médica onde eu e Eliane viemos a trabalhar, por convite dele e por ele recebidos diretamente. Ele foi Reitor por duas vezes da Universidade Federal de Uberlândia e exerceu vários cargos no MEC e na OPAS, em Washington. Tive a honra de tê-lo como meu sucessor na Secretaria Municipal de Saúde, tempos depois.

Gladstone, filho tinha naturalmente um Gladstone, pai. Este foi uma das pessoas mais perspicazes e inteligentes que conheci, dono de uma simpatia fora do comum, que fazia a todos ansiarem por se tornarem íntimos dele. Acho que consegui... Recebi dele um dos conselhos mais preciosos de minha vida. Eu querendo comprar uma terra, levei-o para ver uma propriedade que estava à venda. Olhou tudo, conferiu cada detalhe, chegou até a cutucar com a ponta da botina a terra do pomar, para ver sua substância. Mas sem dar uma palavra. Eu ansioso... No final, olhou-me frente a frente e proferiu sua sentença: "vende as cuecas, doutor, mas compra a terra". Assim o fiz. E não me arrependi.

***

João Amílcar Salgado, professor de Semiologia, sempre esteve longe de ser uma unanimidade, mas eu fui com a cara dele desde que o conheci. Alguns o criticavam pelo fato de se recusar a tocar nos pacientes, o que não creio ser a inteira verdade. Ele, simplesmente, era partidário radical do raciocínio clínico e das deduções baseadas em evidências. Tinha um conhecimento médico fora do comum, uma memória prodigiosa e enorme capacidade de contar e ilustrar com exemplos curiosos e inusitados suas histórias, fossem elas clínicas ou de vida. Formou-se mais tarde também em filosofia, opção que era de fato *a sua cara*. Minhas reflexões sobre os

descaminhos da formação médica, já expostos antes aqui nestas memórias, são diretamente inspiradas neste sujeito iluminado.

Vai aí uma pequena amostra do pensamento dele, exposto em um texto denominado *Grandezas e Misérias do Pensamento Médico Ocidental*: "A vassalagem maior à indústria da saúde faz da grandeza do cânone científico excelente ficção para programas dominicais de televisão. Pois, mesmo no chamado Primeiro Mundo, há séculos virtuais separando o que diz e propõe a ciência efetiva, de um lado, e, de outro, a miséria do marketing criminoso, a embasbacar multidões com inesgotáveis inutilidades". Demais, não é? Entre muitos escritos, João Amílcar tem um livro inspirador, que talvez tenha sido o maior estímulo para eu estar escrevendo essas coisas presentes. Chama-se *O riso dourado da Vila* e nele fala, com foco antropológico e sociológico profundo, além da forma muito bem-humorada, de sua infância em Nepomuceno, no Sul de Minas, bem como de sua trajetória com estudante de medicina e professor na UFMG.

Não bastasse tantas coisas que fez, *esse um chamado João* ainda foi o idealizador e primeiro coordenador do Museu da História da Medicina Mineira, instalado no prédio da nossa velha Faculdade de Medicina. Ele foi seguido de perto por outro cara notável, o meu colega Ajax Ferreira, o “Homem de Lagoa Santa”, infelizmente já falecido, que deu sua vida e seu sangue pelo referido Museu. Nota dez para estes sujeitos!

***

O próximo de minha lista é José de Oliveira Campos, nosso professor de Clínica Médica, no quarto ano. Eu na verdade já havia prestado atenção nele bem antes, quando ia almoçar na casa de minha avó Dodora e o tinha como co-passageiro no ônibus Serra. Um sujeito dez anos mais velho do que eu, muito sério e mesmo sisudo, sempre de paletó e gravata. Mas viajando de ônibus... Dele, o que se dizia é que era um dos caras mais brilhantes de sua área, egresso de uma formação pós-graduada em universidade do Estados Unidos e talvez pouco à vontade com o ambiente meio frouxo que imperava em seu entorno no HC. Quando fui seu aluno não só confirmei como expandi meu bom conceito sobre ele, como um dos professores mais brilhantes que tive e, ao mesmo tempo, mais dedicados e responsáveis. Sob sua tutela, na residência médica, esta visão só cresceu.

J. O. Campos tem como particularidade o fato de ser capaz de discutir a última descoberta de medicina molecular divulgada pelo *New England Journal of Medicine* e com igual ênfase e propriedade o *Livro dos Espíritos*, de Alan Kardek.

No início dos anos oitenta, eu e alguns companheiros da UFU, como Hélio Teixeira e Renato Sologuren, que também haviam sido alunos dele na UFMG, soubemos que havia se transferido para a Universidade de Brasília e que não estaria satisfeito com as coisas por lá. Bateu-nos a esperança de que, quem sabe, conseguiríamos cooptá-lo para vir trabalhar na UFU. E não é que conseguimos trazê-lo, junto com a família? Sua esposa Shilene é uma grande médium e líder espírita em Uberlândia e o casal criou e fez prosperar uma obra social de amparo a crianças e gestantes, de primeira grandeza na cidade. Conheci um pouco mais e confirmei tudo que pensava deste grande médico, professor e colega quando solicitei que ele acompanhasse, ainda nos anos 70, o tratamento de minha avó Dodora, que estava com um linfoma de natureza muito grave. Ali, na beira do leito dela, eu conheci uma das melhores figuras médicas e humanas com quem já privei.

***

Oswaldo Costa merece uma categoria especial. À primeira vista ele era carismático, mas se fazia de pândego, sem pudor de parecer descuidado, com a aparência e os gestos. Suas aulas de Dermatologia, imperdíveis e impagáveis, só encontraram um correspondente, para mim, nas famosas "aulas-espetáculo" de Ariano Suassuna. Contava histórias incríveis sobre a medicina e tudo mais, em uma verve inesgotável. Não há adjetivos que sobrem para ele... Havia sido goleiro do Atlético Mineiro, nos anos 30, quando recebeu o apelido de *Perigoso*. E explicava o motivo: era reserva e teve que assumir o posto, de forma inesperada, contra o Flamengo, em um jogo no Rio. Neste momento, fechou o gol. No segundo jogo, no qual se decidiria o título, simplesmente aconteceu-lhe algo estranho e inexplicável: ele simplesmente deixou passar dez bolas. Como goleiro, ele era de fato um grande perigo, a ser evitado. E assim abandonou a carreira futebolística, para sempre, dedicando-se á Dermatologia. Contava também que seu pai, que tinha muitos filhos e era pobre, quando algum deles despencava de alguma árvore ou sofria uma queda de cavalo, sua primeira pergunta ao acidenado era: "rasgou a roupa"?

Fiz parte da platéia de cenas sensacionais, no que ele chamava de "show dermatológico", evento anual em que ele, andando acompanhado de alunos fascinados, nos dois ou três quarteirões que separavam o prédio da Faculdade de Medicina, da Santa Casa, se propunha e alcançava o desafio de diagnosticar algumas dezenas de condições dermatológicas entre os transeuntes no percurso. Nele a pândega era apenas um jeito de ser, que o divertia também. Foi um médico notável e fez descobertas importantes em sua área de conhecimento, emprestando mesmo seu nome a uma síndrome, o que, no meio acadêmico médico, é a maior glória que alguém pode alcançar.

***

Cid Veloso. Eu o conheci desde muito jovem, pois freqüentava a casa de seus pais, na rua Monsenhor Horta, bairro do Prado, Belo Horizonte, nos anos 60. Seu irmão, Tiago, era meu colega de Colégio Estadual e Cid, na época, já havia se formado em medicina e era tratado por nós com o devido respeito. Mas acima de tudo era um cara bonachão e muito atencioso com os adolescentes que frequentavam a casa de seus pais, onde ele, já casado e pai de família, não raramente aparecia.

Falar de Cid Veloso me remete a Geraldo Veloso, seu pai. Éramos mais ou menos conterrâneos, ou melhor, a família de meu pai o era. Os Veloso eram de Piumhy e meu pai de Pains, poucas léguas perto. Geraldo era irmão de meu Tio Lécio, casado com Aurea Goulart, irmã de meu avô Zezé. Assim tínhamos também essa aproximação pelo lado da família.

Mas não foi o sangue que me aproximou dos Veloso. Foi muito mais do que isso. Geraldo era um autodidata perfeito, dominava o inglês e talvez outras línguas e tinha uma cultura vastíssima. Era contabilista, mas deixara um bom emprego na iniciativa privada para lidar com o comércio de nada menos do que ... livros. Estar na casa da Monsenhor Horta era um prazer, sempre, cheio de surpresas. Ali conheci livros de arte, discos de jazz e muito mais. Pela primeira vez ouvi falar de Marx & Engels, que eram cultuados naquela casa. Mas sem proselitismo e radicalismo, pois aquilo ali era um território de livre pensamento, acima de tudo.

Cid era cardiologista e lecionava na disciplina de Semiologia. Ele havia criado uma tradição de ministrar, dentro dos conteúdos da "cadeira", um curso de eletrocardiografia, que era famoso. Muito bem montado do ponto de vista pedagógico, em uma era em que não havia PowerPoint, mas sim projetores de slides, ele intercalava, em meios aos traçados que logo aprendíamos a interpretar, figuras retiradas da arte clássica. Quando surgia uma Pietà, uma Monalisa, uma Banhista ele parava a parte formal para nos inquirir sobre a autoria, o nome do artista, o período em que foi pintada – coisas assim. E ás vezes colocava uma montagem, com corpo de miss e

cabeça de um político ou general da ocasião. Magalhães Pinto, por exemplo, totalmente careca, era impagável de maiô... Mas no final, além de informações sobre aqueles *complexos QRS* e *segmentos ST,* saíamos de lá repletos de cultura.

Neste tempo ele era apenas um cardiologista e professor de Semiologia. Era famoso apenas naquele último quarteirão da Avenida Alfredo Balena, onde ficava o Hospital de Clínicas da UFMG. Mas grandes acontecimentos ainda estavam para acontecer em sua vida. Cid foi o primeiro reitor eleito por voto direto na UFMG. Sua gestão se caracterizou pela inovação, amplitude cultural e interdisciplinar da ação da reitoria e democratização da gestão. Eu já não morava mais em BH, mas acompanhei algumas de suas peripécias na gestão universitária, por exemplo, a negociação pacienciosa com os invasores do antigo Hospital Borges da Costa. O desfecho foi a transformação do velho prédio abandonado em residência universitária. Sem tiros, sem bombas, sem prisões. Além disso, ele trouxe à UFMG, para uma homenagem, ninguém menos do que o Bispo Desmond Tutu, paladino, junto com Mandela, da luta contra o apartheid na África do Sul. Cid, de fato, enxergava longe, muito longe...

Cid ficou viúvo e casou de novo, com a enfermeira Roseni Chompré, uma companheira de sua exata estatura moral e humana. Certa vez, Roseni me contou como foi a aproximação dele com ela, apenas colegas de trabalho até então: “você permitira que eu lhe cortejasse?” Assim era Cid. Roseli faleceu poucos dias depois de Cid, em 2016.

Sobre este cara maiúsculo só posso dizer, para não me perder em redundâncias: ele viveu além de seu tempo e fez da vida um exemplo de militância, de tolerância, de responsabilidade civil. Eu tenho muito orgulho de ter sido seu amigo e de ter freqüentado sua família.

***

Será que não havia também mulheres notáveis na Faculdade de Medicina da UFMG? A primeira conclusão que se pode ter é que a faculdade talvez fosse ainda mais machista que a medicina, naquela época. De fato, eram poucas mulheres médicas e menos ainda docentes universitárias na área. Mas para não ser injusto, quero registrar a presença de pelo menos uma delas: Lucia Foscarini. Ela se tornou nossa amiga, vindo a ser madrinha de minha filha Daniela, algum tempo depois. Lucia era uma pessoa tímida e discreta. Estudiosa como quê! Os amigos brincávamos com ela que a única coisa em que ela não se destacara foi no exame de motorista, tendo tentado o mesmo diversas vezes, sem sucesso. Seu conhecimento clínico era fabuloso. Nossos contatos ocorreram na residência médica, mais precisamente na UTI do quarto andar do HC, onde ela sempre nos surpreendia e encantava com seu conhecimento. Tudo sem alarde, dando sempre ao residente a impressão de que era ele – e não ela – que havia dado a resposta certa ao dilema clínico do momento.

UM ENCONTRO MUITO ESPECIAL

Falar de tanta gente notável me obriga a incluir na lista o mais notável dos personagens entre todos que encontrei na vida e na faculdade...

Um dia, no final de 1971, quando já nos preparávamos para encerrar as atividades acadêmicas, estávamos um grupo de colegas na porta da Faculdade de Medicina. Lembro-me, especialmente, de dois deles, que não me deixarão mentir sobre o ocorrido: João Luiz Monteiro e Leonardo Diniz. Um grupo de senhores sai pela porta principal, em animada conversa. Alguns deles, velhos professores da faculdade. De repente, um desses homens se adianta aos demais e

nos abarca com um abraço imenso, alcançando três ou quatro de nós de uma só vez. E nos dirige a palavra, mostrando no rosto um sorriso que de algum lugar já conhecíamos: *então, moçada, será que esta faculdade é tão boa como era no meu tempo*? Percebemos, encantados, que quem estava ali era uma pessoa muito especial: Juscelino Kubitscheck de Oliveira, que visitava a velha escola onde se formara, mais de 40 anos antes. Custamos a encontrar o que dizer. Eu e Leonardo nos antecipamos aos demais, mas a surpresa e a emoção não nos permitiram formular frases muito inteligentes. Era ele, em pessoa! Estava totalmente fora de circulação agora, constrangido pelos militares, mas quando aparecia em público, era consagrado com todas as honras. Não foi um grande momento?

Neste momento, nós caminhávamos para o final, não só do curso de medicina, como da década. Anos trepidantes: entrei neles menino; saí médico.

GENTE DA SAÚDE PÚBLICA

David Capistrano se foi. Foi a mensagem que recebi numa manhã de domingo, no início dos anos dois mil. Não quis ver seu corpo levado ao túmulo naquela cidade de Santos, que não foi justa com ele. Compreender este cara deveria ser ofício reservado aos amigos, mesmo quando o vsíamos em grandes cenários e não apenas na moldura de nossa amizade, como personagem da cena sanitária e política do país, na sua maneira quixotesca ou, quem sabe, brechtiana, de quem formulou projetos que foram seguidos por nós e por muitos outros - epitáfio que nos honraria a todos.

Mas como podia ter morrido este sujeito imprescindível, eu me inquiria. Será que morreria, de verdade, quem fez tantas coisas, pensou com tal potência e ainda esteve em tantos lugares? Seja no Recife, no Rio, em Bauru, em Santos, em São Paulo, em Brasília... Uma trajetória que, por si só, diz bem da dimensão de um lutador notável. Como pode ter morrido quem incomodou tanto a alguns; quem teve tantas idéias; quem dedicou sua vida à causa de todos?

Como acreditar que pode ter morrido quem não sucumbiu nem nos cárceres da ditadura, nem do câncer? Não seria uma insuficiência hepática que iria derrotá-lo...

E no entanto, David ainda vive! Não será difícil dar com ele por aí, nas quebradas desse grande Brasil. Vamos procurá-lo nas ruas de Recife e do Rio, no movimento estudantil, nos embates das esquerdas, nas docas santistas, na administração pública e no debate político de sempre, na gestão do SUS, no Conasems, no Projeto Qualis, nas Casas de Parto e nos tantos projetos que este andarilho encarou e levou à frente, sem arroubos, talvez sem ilusões, mas sempre com a visão larga e o compromisso de quem plantou jequitibás, não pés de couve.

É por este caminho que seguimos com você, pequeno-grande companheiro!

***

Conheci Gilson Carvalho, de perto, um tanto tardiamente, cerca de 1990, quando eu já havia deixado meu posto de Secretário de Saúde em Uberlândia. Dessa época, minhas lembranças são mais vagas, mas certamente detentoras de afinidade com aquele sujeito gordinho, com cara de personagem, ou de autor, parecido com Tolstoi como era. Presente aqui e ali nos encontros da

saúde; repleto de energia, entusiasmo e graça; didático e convivente como ninguém; mostrando suas ideias em transparências coloridas, carregando uma eterna e surrada pasta marrom. Era impossível não prestar atenção no seu tipo e mesmo deixar de gostar dele!

Em 1993 estávamos no Ministério da Saúde, na transição INAMPS - SAS. Ele não me conhecia – ou conhecia pouco – mas teve a gentileza de me confirmar em sua equipe. Ali, durante três anos agitados, levamos muita pancada, mas fizemos alguns gols também. A hoje esquecida, embora muito apreciada no seu tempo, Norma Operacional Básica do SUS de 1993 (NOB 93) é apenas a ponta do iceberg. Mas na sua esteira vieram a regulamentação do repasse fundo a fundo, o desenvolvimento do programa de Saúde da Família, a dimensão nacional do PACS. E o mais importante: tínhamos alguém *dos municípios*, finalmente, pilotando a imensa nave que antes nos esmagava.

Em uma dessas pancadarias, talvez naquela "brittada" (Antonio Britto, então ministro da Previdência Social, numa canetada suprimiu quase trinta por cento dos recursos da Seguridade Social que iam para a saúde, sob o argumento de que "era preciso salvar os velhinhos"), em 1993, ou, quem sabe, na tentativa de intervenção que o Ministério do Planejamento promoveu no MS no ano seguinte, a lembrança dele é forte: cansado, com olheiras, o peso aumentando, mas nem assim perdia a confiança histórica no SUS. Britto prejudicou a saúde, com certeza, mas até hoje há controvérsias se isso teria feito bem para os tais velhinhos...

Neste momento o coração já lhe falhava e, preocupados, o acompanhamos em um internamento de alguns dias em um hospital de Brasília. Saiu logo do recolhimento, constrangido de estar em um serviço privado, e ato contínuo já estava em sua sala na SAS, até altas horas e até praticamente pernoitando ali. Curiosidade de sua breve estadia hospitalar foi o fato de que sua esposa, Emília, alguém do mesmo estofo que ele, finalmente conseguiu trazer-lhe uma profissional para lhe cortar as unhas do pé. Ele simplesmente não conseguia tempo para fazer algo assim no seu cotidiano.

A partida de Gilson em 2013 era a notícia que eu não queria (mas temia...) receber. Acho que partiu o melhor entre todos nós, o que não esmorecia, o que possuía a fé que movia montanhas, o que não se dava nunca por vencido, o que enxergava luz onde os outros se perdiam em trevas... Gilson das madrugadas insones, Gilson, o homem inquieto na quietude apenas aparente de sua mesa de trabalho, enquanto a mente perseverava em encontrar soluções para o seu SUS, para o nosso SUS. Gilson das Domingueiras, das segundas, terças, quartas, quintas e sextas feiras; das noites e dos dias. Gilson que escolheu descansar só depois de partir. Uma pessoa verdadeiramente imprescindível!

Nós, que aqui ficamos, tivemos pelo menos o consolo de ter conhecido este sujeito sem par, de compartilhar um tanto de sua alegria e energia. Saudades, teremos muitas de Gilson. Mas ao mesmo tempo, nos consolamos em saber que ele continuará vivendo em nosso coração e em nossa ação. Gilsão, apressado, foi ao encontro de sua Emília, que havia partido antes e assim, nesta ocasião, escrevi em honra dele: *a gente não aceita, mas compreende, esta partida assim tão fora de hora*.

***

Espero que consiga, com este texto, homenagear Nelson Rodrigues dos Santos, o querido *Nelsão*, já que me senti suficientemente homenageado com o convite do Conasems para redigi-lo.

Quando escrevi “Municipalização: Veredas”, há cerca de 10 anos, mandei os originais para uma revisão profissional e ao receber o texto corrigido notei várias observações sobre o fato de estar chamando alguém pela sua alcunha, não pelo nome completo e verdadeiro, de maneira supostamente informal e pouco condizente com um texto como aquele, que viraria livro editado pela Abrasco.

Minha primeira reação, confesso, foi de recuar e substituir cada “Nelsão” daqueles marcados em vermelho, por “Nelson Rodrigues dos Santos” ou, na melhor das hipóteses, “Nelson”. Felizmente, entretanto, logo cheguei à conclusão que minha revisora poderia entender muito de língua portuguesa, ou de normas editoriais, mas não entendia nada de SUS. Assim, ficou Nelsão mesmo... E seriam muitas as tais correções que eu teria de fazer, pois não havia como citar de maneira mais escassa o referido personagem, se o assunto em pauta era o movimento municipalista de saúde no Brasil.

Ser conhecido por um apelido carinhoso, não pelo nome pelo qual se é conhecido no banco ou no cartório, não deixa de ser um atributo que poucas pessoas obtêm como privilégio ao longo da vida. Exemplos notáveis que me vêm à mente: Pelé, Lula, Nonô...

Conheço Nelsão desde os tumultuados e generosos anos 70. Conheço-o muito antes do que ele me conhecesse, aliás. Eu era um jovem médico (ele é apenas um pouquinho menos jovem do que eu...) e já sabia da saga daqueles outros jovens que haviam embarcado numa canoa que parecia promissora, a criação do curso de medicina e, quase simultaneamente, da secretaria municipal de saúde de Londrina. E acompanhara passo a passo, pela “Saúde em Debate” e pelo correio informal (que naqueles tempos bicudos substituam a imprensa amordaçada) a briga daquela moçada contra um coronel de plantão – ou um seu preposto.

Embarcou-se em canoas que pareciam promissoras e depois fizeram água... Eis uma boa imagem para definir a história de toda uma geração que se envolveu com as coisas da saúde neste País.

Porém algumas embarcações, sem dúvida, nos levaram a portos mais seguros. Em 1984, por exemplo, em plena euforia da redemocratização e, particularmente, em tempos muito promissores para a saúde, o jovem de Londrina estava agora em Campinas, como secretário municipal de saúde e resolveu organizar uma reunião de seus pares paulistas. Foi gentil comigo, recém secretário em Uberlândia e praticamente desconhecido no meio: convidou-me para a tal reunião. Tudo isso poderia parecer coisa simples e até banal, mas foram eventos como aquele, inéditos até então, que começam a delinear o que viria a ser um pouco mais tarde os Cosems e o próprio Conasems.

Não se passaram dois anos e estávamos todos, ainda jovens e cheios de ilusões – benfazejas ilusões! – na oitava Conferência Nacional de Saúde, em Brasília. Ali nosso personagem estava como em sua própria casa, circulando ativamente no seu traje cotidiano, camisa branca para fora das calças e sandálias, nos salões e arquibancadas do Ginásio de Esportes de Brasília, à procura de secretários de todo o Brasil. Naquele tempo essa gente ainda não se conhecia, como agora... O resultado foi uma reunião informal, realizada em uma das arquibancadas, com mais ou menos umas cem pessoas presentes, todas ligadas á gestão municipal.

Apesar de sua singeleza e informalidade, é nessa reunião que tudo começa: fizemos um pacto de organizarmos ao máximo à nossa base para levarmos no ano seguinte, em Londrina (já repararam como esta linda cidade tem presença marcante nos movimentos da saúde?) a proposta da criação de um organismo nacional de SMS. Dito e feito!

Entre tantas qualidades que me saltam à mente para me referir a Nelsão, prefiro um termo que mais parece mais preciso, mas também mais abrangente: *generosidade*. Uso aqui esta palavra em todos os sentidos possíveis: generosidade política, intelectual, moral, pessoal. Enquanto muitos naqueles anos pesados se refugiaram na crítica necessária, mas cômoda, no seio das academias, Nelsão não. Ele foi á luta. Aceitou cargos em Campinas, no governo estadual de São Paulo e no Ministério da Saúde. Não o fez em nome de projetos pessoais ou de grupos políticos, mas sim como prática de sua generosidade intrínseca. Era preciso, afinal de contas, transformar aquelas idéias acalentadas em Londrina, em Campinas e em tantos lugares do mundo e do Brasil, em ação concreta, em fazer político, em estratégia de argumentação e convencimento para tantos que esperavam uma boa nova na saúde.

Naqueles tempos sombrios isso era ousadia em grau máximo. O sujeito apanhava dos dois lados. Do lado "de lá", até compreensivelmente. Mas do lado "de cá" a pancadaria era grossa, também, porque as esquerdas praticavam uma crítica mais acerba ao que chamavam de "cooptação" do que propriamente à omissão frente a responsabilidades públicas, optando claramente pelo "quanto pior, melhor". Mas Nelsão, não!

O movimento municipalista de saúde no Brasil, do qual o Conasems é a expressão material e concreta, deve muito a Nelsão. Mesmo sem ter participado diretamente de nenhuma diretoria da entidade ele faz parte de sua história e de seu espírito. Mas Nelsão tem deixado também suas marcas em outras áreas da saúde, na história das conferências nacionais, por exemplo, e no Conselho Nacional de Saúde, do qual foi secretário executivo. Sua produção escrita é abundante e coerente com sua generosidade. Elabora textos curiosamente pontuados de forma precisa, pormenorizada, quase cartesiana, às vezes até redigidos em tópicos numerados, que já fazem parte da história do conhecimento acumulado do SUS nas últimas décadas. Como se sabe, não permitiriam a seu autor somar um único ponto nos *rankings* na carreira acadêmica (que ele insiste em cultivar paralelamente). Mas não importa: quem está envolvido com a construção do SUS os conhece de cor e salteado. Os critérios acadêmicos que se reciclem!

Que o pó de nossos sonhos não realizados e de nossas viagens abortadas no percurso não nos sepulte a esperança. Essa é a grande lição que sempre nos trouxe Nelson Rodrigues dos Santos – Nelsão para todos – generoso ser humano, grande amigo, homem que faz história, eterno batalhador da saúde!

***

Conheci Sonia Terra por volta de 1985. Eu era secretário municipal de saúde em Uberlândia e estava em Brasília, no Ministério da Saúde, para um pequeno giro, de pires na mão, buscando não tanto dinheiro, mas apoio técnico e simbólico. E me dei com aquela Dama, ao mesmo tempo, técnica e afetiva, disposta a colaborar! Ela fazia parte de uma pequena equipe voltada para o que se chamava formalmente "apoio a serviços de saúde" – ou algo assim. Assuntos que hoje teriam uma secretaria inteira do Ministério só para eles...

Considerem, todavia, que "Serviços de Saúde", naquele tempo, eram coisas que pertenciam à esfera do próprio MS ou, no máximo, dos estados. Municípios, nem pensar... Mas Sonia foi com a minha cara e eu com a dela. Convidei-a para uma ida a Uberlândia, onde ela se reuniu com a minha equipe e deixou um montão de ideias, algumas bem pragmáticas, outras que apenas nos fizeram sonhar com tempos futuros (que nem sabíamos que acabariam chegando).

Deste então passei a vê-la com alguma constância, fosse em Brasília, ou em eventos fora. Particularmente, na série de reuniões, realizadas entre 1985 (em Montes Claros) e 1988 (em

Olinda), que marcaram tempos importantes para todos nós da saúde: Assembleia Nacional Constituinte, Oitava Conferência Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Reforma Sanitária, fundação do Conasems. Tive o privilégio de estar nestes eventos e também de ter convivido com gente como Sonia.

Em 1988 Sonia Terra busca novos horizontes. Em um tempo que para nós da saúde o Canadá era apenas um país distante e meio "encoberto" pelos Estados Unidos, ela abre caminho, faz contatos e ganha respeito entre os de lá. E eu a visitei lá, ficando hospedado em sua casa no bairro judaico de Outremont, nos arredores de Montreal. Sonia fez seu mestrado em Saúde Pública na Universidade de Montreal. Hoje sabemos de sobra que a experiência do Quebec é modelo e referência para o SUS. Mas, naquele tempo, isso era território ignoto... O intercâmbio prossegue, com canadenses que continuam a vir ao Brasil e brasileiros já lá estiveram, como é o meu caso também, ou ainda lá estão. Creio que, sem nenhum favor, podemos colocar Sonia Terra como precursora e agente deste movimento que tem sido tão produtivo para nós e para os canadenses também.

Ainda tive muitos outros aprendizados com ela. No Ministério da Saúde, no Conasems, na OPAS e, principalmente, na vida. Seis meses por ano ela estava no Quebec, mas ao chegar aqui sempre tinha uma palavra de amizade, confiança e transmissão de conhecimento para os muitos amigos, como eu, que com ela conviveram.

Sua passagem por nós me traz, mais uma vez, recordações carinhosas e expressivas. Procurando uma palavra, um termo que a pudesse definir, encontrei a seguinte imagem. Sonia Terra, em meados dos anos noventa, trabalhando na OPAS, ao ser solicitada para apoiar a SAS/MS, onde eu estava naquela ocasião, em um tema bem corriqueiro da época, creio que a implementação daquilo que um dia se chamou NOB 93, nos disse: "que tal se vocês pudessem pensar no futuro? Acho que no futuro do SUS isso não mais existirá...". Dito e feito!

É isso aí: Sonia vivia no futuro! Nem sempre foi possível acompanhá-la em sua máquina do tempo. Mas como disse Brecht: "ela formulou projetos, nós os seguimos (ou tentamos, digo eu); um epitáfio assim, nos honra a todos".

Beijos, Sonia, boa viagem dentro do Futuro!

***

PEQUENOS GRANDES HOMENS

Em meus anos de atuação na Diretoria Regional de Saúde de Uberlândia tive oportunidade de conhecer muitas pessoas que militavam na área, como colegas de trabalho ou, especificamente, como pessoas supervisionadas por mim em seu trabalho nas Unidades de Saúde da SES-MG espalhadas pela região.

Conheci de fato muita gente. Alguns verdadeiros missionários; outros, nem tanto. Certos indivíduos fariam boa figura atrás de alguma grade... Gente lamentavelmente pouco consciente de seu papel na promoção da saúde dentro de um sistema público. O certo é que ainda não havia SUS e eu mesmo não poderia me jactar de já possuir consciência tão apurada.

Comecemos por aquele que poderia ser o patrono dos demais: José Garcia Bandão. Era mais do que o médico chefe do Centro de Saúde em Patrocínio. Era uma figura emblemática, no melhor sentido que esta palavra pode ter, na cidade. Ex-Prefeito, ex-Provedor da Santa Casa, presidente do Lions Clube, vicentino militante – tudo o que faz de um homem em comunidade personalidade prestante e imprescindível, embora sejam coisas às vezes valorizadas de maneira equivocada.

Nossa primeira conversa, ele respeitoso comigo, afinal seu supervisor, novidade que ele recebia pela primeira vez depois de décadas de trabalho, já foi marcada pela simpatia mútua. Nossa diferença de idade talvez ultrapassasse os trinta anos. Difícil foi manter a conversa nos trâmites burocráticos. Ali mesmo descobrimos que tínhamos origens familiares comuns, no Oeste de Minas; ele de Iguatama, meu pai e meus avós paternos de Pains e Formiga. Sobre sua filha, Maria Helena, me avisou: *você deveria conhecê-la, vai gostar dela, pensa do mesmo jeito que você*. Dito e feito, ela e eu nos tornamos grande amigos e também lhe presto homenagem em outra seção destas memórias.

Anos depois...

Do portãozinho do jardim, ainda o ouvi repetir: *que você seja feliz, que Deus lhe abençoe*...
Entrei no carro depressa, com certo pudor de que ele me visse os olhos molhados. E vim pela estradinha de terra, depois pela rodovia, gozando o privilégio de ter encontrado, em plena madureza, aquela especial figura de pai e amigo.

Havia, então, seis meses que não nos víamos. Ele estava doente, de câncer, com um prazo de vida indefinido pelos médicos, provavelmente curto. Acompanhava-o, entretanto, à distância, sabendo-o machucado pela moléstia, com o rosto alterado pela brutalidade da quimioterapia. Eu não queria vê-lo naquele estado.

Outra coisa, ainda, me mantinha distante. Eu rompera um casamento de muitos anos e tinha medo de que o afeto que ele sempre dedicara ao casal, não sobrasse para mim, que trilhava agora outros caminhos. Ou que me recriminasse, por partir vínculos tão sagrados. Aquela visita me deixava um tanto angustiado, com medo da reação que ele pudesse ter. Fui então encontrá-lo na fazenda, onde poderíamos usufruir da privacidade que a casa da cidade, na qual a família, numerosa e comunicativa, com certeza não nos permitiria.

Nada porém foi como eu temia. Recebeu-me com as honrarias de sempre. Mostrou-me as novidades no curral e os chiqueiros reformados, o novo trator, o viveiro para o qual havia adquirido um punhado de novos habitantes, desde porquinhos da Índia, para alegria dos netos, a uma rara cacatua, alem de galos e galinhas de polainas e crista caída sobre os olhos.

Era daquele tipo de pessoa que, mesmo condenado por uma doença maligna, mandava plantar mais dez mil pés de café, reformar a casa e povoar um novo viveiro. Além disso, trocara o carro por um mais novo e mais veloz.

Notei, naquele dia, que apesar da disposição em me exibir as benfeitorias, ele ofegava ao caminhar. Suava, talvez, um pouco mais que o costume. Ao transpor o rego d'água, não armou o costumeiro pulo, majestoso, que apesar dos setent´anos, ainda lhe permitiam as longas pernas. Antes, preferiu passar pela prosaica pinguela, destinada, naqueles passeios, apenas às mulheres.

Chamavam-nos para o café, preparado ritualmente pelas empregadas, uma tradição nas casas da cidade e da fazenda, desde o tempo em que ainda era viva a esposa. Na mesa grande, três ou quatro quitandas diferentes, queijo de Minas feito em casa, além de, é claro, bom café plantado, torrado e moído ali mesmo. Na mesa, a sós comigo, dirigiu-me o olhar azul profundo, inquiridor, sem deixar de ser carinhoso: *e você, então*... Falou de um modo que me deixava livre, para interpretar e responder a pergunta como quisesse. Resolvi encarar pelo lado que, até então, evitara.

Abri-me, como nunca pensei ser capaz. Eu tinha com ele uma relação afetuosa e franca, mas, nunca antes me sentira capaz de confissões tão pessoais e íntimas.

Escutou-me calado, paciencioso. Creio que nem me fez perguntas. Apenas me deixou falar, sem qualquer gesto intempestivo. Quando percebeu minha loquacidade diminuída, atalhou, bondoso: *vamos, ainda preciso mostrar muita coisa a você; aqui na fazenda não se pára nunca, tem sempre novidades*.

Fomos aos cafezais e à nova gleba recém incorporada. Depois ao pomar de laranjeiras que começavam a ser substituídas por enxertos novos, por estarem caducas muitas delas. Mais uma vez estivemos no curral, para assistir a tirada vespertina do leite. E, principalmente, continuamos a conversa longa e macia que, entre ele e eu, mesmo com tantos anos de diferença na idade, parecia nunca ter tido começo ou fim.

Era um final da tarde, de um mês de junho. O céu vermelho fazia como que um lençol contínuo com os morros recobertos de capim gordura. Esfriava. Eu tinha pela frente quase duas horas de estrada que me separavam de casa. Na soleira da varanda, abraçamo-nos, com um contato físico breve e um tanto duro, como era de seu feitio. Por um momento, ficamos silenciosos e melancólicos, mas, principalmente, lembro-me bem, emocionados. Os olhos azuis tornaram a me fitar, com surpreendente profundidade e clareza. Disse-me, então: *ninguém pode julgá-lo, muito menos eu. O importante, na vida é ser feliz. Siga seu rumo, se você já sabe que a felicidade lhe espera. Isso é o que importa, não o julgamento de alguém, seja lá quem for. Deus há de te abençoar.*

E me fui, no rumo de casa, enxugando com as costas das mãos, repetidas vezes, as grossas lágrimas, já misturadas com a poeira vermelha da estrada. Havia no ar um prenúncio de que talvez não tivéssemos outro encontro. Aquele pai, que escolhi ou pelo qual fora escolhido, não sei bem ao certo, me abençoara. E com isso eu seguia aliviado, em busca da felicidade que merecia. E ela me pareceu, naquela hora mágica, uma busca que justificaria toda uma existência.

Não mais nos vimos. Três ou quatro meses após minha visita, veio a falecer durante uma pescaria com amigos, no pantanal mato-grossense. Vi-o no funeral, com a face serena de quem confiara a alma ao espírito das matas, dos rios e dos peixes. Alegrei-me por ter meu amigo encontrado, daquela forma feliz, a libertação da doença e do sofrimento.

***

Gurinhatã quase ninguém sabe onde fica. É uma pequena cidade do Triângulo Mineiro, mais pobre do que rica, sem maiores atrativos que não sejam pastagens e as plantações de feijão e milho. E muita desigualdade social. Foi lá que conheci Pedro Donati do Prado, recém- chegado de Belo Horizonte para se converter no primeiro médico a residir na cidadezinha.

Pedro, em si já era a novidade personificada. Um médico em Gurinhatã, afinal de contas era algo inesperado. Doutores havia muitos, em Ituiutaba, distante sessenta ou setenta km, mas só pareciam ali para conferir a boiada ou fazer uma caridadezinha... E ele de médico quase não tinha nada; simples como ninguém, andando de sandálias para todo lado, nem usava a farda branca.

Formara na UFMG, mas vinha de família apenas remediada, de ascendência italiana, do Sul de Minas, quase São Paulo. Sua cidade era Jacutinga, se não me engano. Fora criado na roça e conhecia bem os costumes e o linguajar que também vigoravam em Gurinhatã. Além de atender no "postinho" passou a participar de todas as reuniões que lhe convidavam – outra novidade para os locais, ainda mais partindo de um médico, como ele. Era de família muito católica e havia sido seminarista, sem abandonar a fé, apesar de ter renunciado aos votos. Quando não era convidado para tais eventos, era ele quem os convocava, por variados motivos: organizar o grupo de mães, o calendário de vacinações, o controle do lixo, das criações de porcos, etc. e como Gurinhatã não tinha padre residente, ele passou a fazer às vezes de sacerdote também, no que lhe era facultado canonicamente, incluindo em seu ofício o ecumenismo e a aproximação com os evangélicos, sempre em benefício da saúde geral.

Pedro passou a se dedicar especialmente à causa da hanseníase. Não só na cidade, como no restante do Triângulo Mineiro, antigo refúgio para os pobres leprosos perseguidos em outras partes do estado, os pacientes e suas famílias se recolhiam a lamentáveis guetos, sofrendo abertamente o preconceito dos demais cidadãos, às vezes tão ou mais pobres do que eles. E Pedro, como se não lhe faltassem outros desafios, passou a se dedicar de corpo e alma à luta contra o estigma e ao controle da doença.

Certo dia conseguiu que um grupo de usuários, associado a pessoas que participavam de uma das Comunidades Eclesiais, acedesse em participar de reunião em que também estariam presentes hansenianos e respectivas famílias. Então, aceitando correr os riscos culturais, mas não os biológicos, por inexistentes, tomou um dos pacientes pelas mãos e o conduziu à linha de frente da reunião. Ali, à maneira de um Cristo, beijou-lhe as faces e as mãos, sabendo que isso poderia, finalmente, desfazer perante as pessoas presentes e através delas ao restante da comunidade, o equívoco das crenças sobre o contágio da lepra. Assim era Pedro.

Pedro ficou em Gurinhatã por muitos anos. Virou prefeito, como seria de se esperar – nada mais natural. Foi depois educar os filhos em Ituiutaba, o que também seria algo bastante legítimo, porém sem perder seu vínculo com a cidade, já em condições de abrigar outros médicos permanentes.

Eis uma frase que resume bem sua personalidade, embora proferida por um adversário, um laboratorista que antes de sua chegada mandava e desmandava no Posto de Saúde, fazendo, entre outros papéis, o de médico: *doutor, eu não sei se o senhor é santo, subversivo ou louco*. Acredito que meu amigo Pedro Donati do Prado tivesse, de fato, um pouco de cada um desses ingredientes em sua personalidade.

***

Conheci aquele sujeito calmo, mas bastante comunicativo, em uma reunião de Secretários Municipais de Saúde, em Belo Horizonte, meados da década de 80. Ali era tudo novidade, até mesmo nós próprios. Eu, por exemplo, era o primeiro secretário de fato e de direito em Uberlândia, já uma das maiores cidades de MG, mas que até então não tinha sua estrutura própria municipal na saúde.

Eu em Uberlândia, ele em Manhuaçu, no outro extremo do estado; ele também inaugurando a carreira de gestor da saúde em sua cidade. Nosso primeiro contato foi protocolar, empenhados que estávamos, junto ao um grupo ainda muito reduzido, de organizar o movimento de SMS em Minas. Mas estreitamos os laços nas semanas seguintes, em frequente ligações interurbanas, com foco no nosso objetivo comum.

Luiz Carlos Lemos Prata é o seu nome.

A partir daí, passamos a nos encontrar com mais frequência, inclusive com tempo para colóquios mais pessoais, o que me permitiu conhecer um pouco mais da história desse sujeito notável. Tínhamos sido quase contemporâneos na Faculdade de Medicina da UFMG, eu formado em 1971 e ele em 1968, mas não nos conhecíamos daqueles salões e corredores da Avenida Alfredo Balena. Logo que formou, Luiz Prata voltou para sua cidade natal, Manhuaçu, lugar montanhoso, na divisa entre MG e ES, famosa nos anos 60 por ter abrigado uma tentativa de guerrilha no estilo cubano, dado sua proximidade com as montanhas do Caparaó. Cidade, como tantas outras no Brasil, rica e pobre ao mesmo tempo, marcada pela (quase) monocultura do café, com seu cortejo de associações menos desejáveis: migrações desordenadas, pobreza, tráfico, ocupações mal planejadas de morros etc, além de uma rodovia assassina,a BR-262, cortando seu território.

Luiz especializou-se em pediatria. Junto com a esposa, Beatriz Lourenço, agitou a cidade com um forte trabalho social, seja no hospital e na sede da LBA local, tendo como foco a saúde das mães e das crianças. Eram daquelas pessoas que praticamente renunciaram à vida individual, em total disponibilidade para a vida em comunidade, cotidianamente. Enquanto isso, vieram os filhos, seis no total.

Luiz Prata, muito mais do que eu, enfrentou o forte conservadorismo e os péssimos costumes políticos de sua cidade. Foi secretário de saúde em três ou quatro ocasiões, com prefeitos de partidos diferentes. Com efeito, naquele homem estava presente a marca do respeito e da responsabilidade, não do partido político. E ele, que após cada mandato julgava ter cumprido sua cota, via-se assediado por mais um convite, que era incapaz de negar – não por vaidade ou ganância – mas por ver ali oportunidade de fazer prosperar suas idéias igualitárias e democratizadoras na saúde e na política social, tendo a seu lado a marcante e querida companheira Bia.

De certa feita, por questões típicas da baixa política que se pratica no Brasil, foi removido da saúde em troca de uma função menos importante, que ele aceitou de bom grado, movido pelo espírito de que seria sempre possível servir à cidade. *Me mandaram para o lixo*, comentou comigo na ocasião. Mas sem deixar de se empenhar na implantação inédita, para a cidade de Manhuaçu e também para a região, da coleta seletiva e da educação para a reciclagem do lixo.

Luiz era um entusiasta da participação social. Tive a oportunidade de ser convidado para pelo menos duas conferências municipais de saúde em Manhuaçu, onde falei sobre o SUS e suas vantagens para a população. Tarefa difícil, não pelo conteúdo da argumentação em si, que eu trazia na ponta da língua e no âmago da alma, mas pela necessidade de tentar trazer algo ainda maior que a realidade que aquelas pessoas já viviam em seu dia a dia. Tínhamos, nesse campo, nossas desavenças. Se dependesse dele, cada cheque que o gestor assinasse devia ter a chancela do Conselho Municipal de Saúde. Já eu procurava ser mais cauteloso, pois sempre questionei aquele “poder deliberativo” que a Lei 8142 conferira aos conselhos, por considerá-lo demagógico e impraticável. Mas nem por isso abrimos mão de nossa admiração e amizade.

Eis um fato que demonstra e confirma a estatura moral deste homem. Nos anos noventa, quando já tinha criado e praticamente feito a vida seus seis filhos, adotou mais três. É que perdera um irmão e sua mulher, tragicamente, num acidente na famigerada BR-262. Eram crianças adotadas pelo casal falecido, que tinham problemas de infertilidade, o que por si só houvera sido um gesto generoso, por se trataram de filhos de pessoas muito pobres e, além do mais, já assumidas com certa idade. Luiz e Bia poderiam ter transferido o caso para a Justiça, mas não o fizeram. Na ocasião da adoção passei por Manhuaçu e os visitei. O quarto dos recém-hegados mais parecia aquele de Branca de Neve e seus amigos anões: caminhas enfileiradas para brigar os três adotados e mais uma para a babá.

Quando lhe comuniquei que estava separando de minha mulher, que ele mal conhecia, ele me interrompeu para dizer: *não importa, continuo gostando de você mesmo assim*. Ditoso o homem que tem amigos de tal naipe...

***

Dr. Brandão, Pedro Donatti e Luiz Prata são apenas três exemplos de gente séria que conheci em meus anos de exercício na saúde pública. Encontrei muitos outros em meu caminho, gente de estofo moral superior ao daquele médico que vendia a talidomida que vinha da SES-MG para tratar os hansenianos em crise e ainda por cima exigia um anteparo de vidro para atender os pobres pacientes sob sua responsabilidade. Ou daquele que um dia me disse candidamente: *quando um pai tem muitos filhos, destina o mais inteligente à medicina ou à engenharia; o mais piedoso ao sacerdócio e o que não tem boa cabeça ao serviço público*. Não preciso dizer que o doutor, membro da aristocracia triangulina, era campeão de faltas ao trabalho e de arrogância no trato com os pacientes na unidade em que atendia. De toda forma não se considerava servidor público.

Mas de relance, quero fechar esta crônica trazendo mais alguns nomes. José Pereira de Rezende, médico em Monte Carmelo, de dedicação quase sectária ao seu ofício de médico e chefe de Centro de Saúde; este era capaz de adoecer quando uma criança pegava sarampo por não ter sido vacinada. Renato Patrão, de Ituiutaba, homem sério, verdadeiro líder na cidade e nas suas atividades como médico de Centro de Saúde. Amaury e Haroldo Ferreira, tio e sobrinho, no circuito de Estrela do Sul – Grupiara; neles o ofício da saúde parecia ser hereditário, a dedicação uma constante, sem abrir mão de um profundo senso de pertencimento à comunidade onde tinham berço. Salim Tannus, de Uberlândia, homem simples, vida dedicada aos pacientes tuberculosos. Domingos Rade, de Araguari, curioso personagem que não jogava fora os calendários, que abarrotavam as paredes de seu modesto consultório; nota dez em dedicação aos pacientes e à coisa pública. Virgílio Mineiro, de Uberlândia, de quem já falei em outra crônica, o homem que nem o câncer fez abandonar projetos políticos e humanos.

E por último, Calil Porto, que não conheci pessoalmente, mas que clinicou em Abadia dos Dourados e Araguari, com dedicação, se não total, pelo menos exemplar, ao serviço público. Nos anos 30 estudou uma epidemia de febre amarela que grassava na região e com isso ganhou um prêmio internacional conferido pela Fundação Rockefeller. Pai de Celmo Porto, notável clínico e professor da Universidade Federal de Goiás, de quem fiquei amigo e que inclusive escreveu um belo livro sobre a vida e obra de seu pai.

Grandes homens, grandes médicos, grandes cidadãos, nunca abafados pelos limites estreitos de suas aldeias.

MAIS GENTE NOTÁVEL

Em uma obra tão despretensiosa como notável, “Livro Aberto”, que li há alguns anos atrás, Fernando Sabino fala de uma reunião ocorrida em certo restaurante da orla carioca, não sei se no Flamengo ou em Copacabana. Iam anos 50 em seus meados e raiavam grandes tensões, mas também luzidias esperanças, no horizonte do Brasil. Naquela mesa de bar estavam, simplesmente, adivinhem quem?

Além do próprio Sabino, Rubem Braga, Vinicius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jayme Ovalle, Oto Lara Rezende e Paulo Mendes Campos. É pouco? É que ainda não falei do personagem central, em torno do qual toda essa turma estava reunida: Pablo Neruda… Já basta, não é?

Mais ou menos na mesma época, li outro livro marcante, o memorialístico “Viver para Contar”, do igualmente notável Gabriel Garcia Márquez. Neste, ele exercita sua costumeira arte de capturar irremediavelmente o leitor logo nas primeiras páginas. Devo dizer, aliás, que a mim ele capturou logo na primeira, ao narrar seu reencontro com a mãe, que viera a Bogotá à sua procura, após ter saído de casa, pouco mais que um adolescente, e desaparecido nos meandros da capital colombiana. Mas isso é outra história e não é apenas ela que une, para mim, Sabino e Márquez. Já explico.

Recordando e contando o que viveu, Gabo fala de sua vida de estudante na agitada Bogotá dos anos 40 e 50, com multidões na rua por da cá aquela palha e milicos golpistas sempre à espreita – creio que, pelo menos, não existia ainda o narcotráfico, seja em sua face cartelista ou guerrilheira. Uma das lembranças contadas, daquela época, foram os colegas que com ele conviveram em um colégio público da capital colombiana: nada mais que dois ou três que chegaram a ser presidentes da república, outros tantos que se destacaram no jornalismo, na literatura e em outras artes. E, de quebra, um Prêmio Nobel…

Fato parecido é a coexistência, dentro dos mesmos muros da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, nos últimos anos da década de 20, de ninguém menos que Juscelino Kubitschek, Pedro Nava e João Guimarães Rosa. Quem sabe tomaram algumas boas cervejas em torno de uma mesa de bar na ocasião? Bom tema para historiadores ou romancistas…

Tanta gente especial reunida, na mesma época, na mesma escola e até numa simples mesa de bar… Coisas assim me fazem pensar se isso ainda seria possível nos dias atuais. Não sei se meus leitores concordariam, mas tenho a impressão de que fatos deste tipo só poderiam ter acontecido em tempos e lugares que não existem mais. Somos tantos hoje, espalhados por tantas paragens, com interesses tão diversos e de significado que mal ultrapassam as nossas fronteiras individuais, que só nos cabe compartilhar nossas irrelevâncias. Só mesmo através das famigeradas *redes sociais* é que podemos descobrir a presença de gente que estudou com a gente, que um dia esteve conosco na mesma festa ou que participou daquela excursão a alguma praia, coisas de que nem nos lembramos mais. E ainda aparecem aqueles que nos chamam de “amigo” ou até “membro da família” e em torno dos quais somos convidados a eventos festivos, só por terem o mesmo sobrenome nosso (até “Silva” vale…).

Fico com o sentimento de Chico Buarque, na Roda Viva: *a gente estancou de repente ou foi o mundo então que cresceu*? Isso certamente não deve ser algo sobrenatural, derivado das mudanças do eixo ou da expansão do campo magnético da terra, ou coisa assim. Talvez seja apenas uma relíquia pequeno-burguesa, de um tempo que um grupo afluente – de bem poucos,

na verdade – freqüentava as mesmas escolas, os mesmos bares, os mesmos ambientes de gente privilegiada.

Com foco nisso, me pus a pensar sobre os famosos com quem tive a honra de compartilhar bancos escolares e botecos. Eita, aí fiquei “estancado” mesmo… Lembrei-me, por exemplo, de um que virou político, mas que cujo feito mais notável foi o de ter inventado o mensalão, versão mineira, muito antes dos que levaram a culpa toda. Outra, era filha do Governador de Minas, naquela boa época em que a elite e a classe média freqüentavam a mesma escola. Mas, pelo que ouvi dizer, casou-se com o filho de um Presidente da República – e não sei o que mais tenha feito de notável. O outro matou a mulher numa crise de ciúmes, um crime que horripilou a BH dos anos setenta. Nem cadeia pegou… Esqueçamo-lo. O outro virou artesão de calçados, ficou famoso no bairro em que morava, depois em toda a cidade, depois simplesmente sumiu. Mais irrelevante, impossível. Teve um que virou cineasta, mas, sinceramente nunca vi um filme seu e desconheço qualquer um que tenha assistido.

Minhas buscas se encerrariam por aí e eu me recolheria à minha notável irrelevância, quando algo se anunciou, abruptamente. Na campanha eleitoral para Presidente da República, a candidata que hoje dirige os destinos da Nação (estamos em 2013), divulgou em seu currículo o fato de ter estudado em escola pública, em Belo Horizonte, nos anos 60, mais exatamente no Colégio Estadual de Minas Gerais (o antigo “Central”, hoje Milton Campos). Como Dilma e eu temos a mesma idade e eu também estudei ali na mesma época, concluí que tive ao meu lado, nos meus bancos escolares, uma personalidade de naipe exclusivo. O detalhe é que, juro, eu realmente não me lembro dela. Como disse um amigo meu; “deixa de ser fiel à pura verdade e espalhe por aí que foram amigos, que tiveram até um namorico, ninguém vai contestar”. Qual nada… Mas de certa forma, foi ela quem me trouxe à cena principal, ao publicar sua biografia escolar. Não fui eu quem o fiz, portanto… Assim é que fiquei empatado com Fernando Sabino e Gabo Márquez, passando também a tomar parte no seleto clube do *very importante people*.

MEUS TIOS

Um móvel de respeito, este, feito de sucupira-preta, possivelmente originária do Mato Dentro, ou de outra mata do Rio Doce – madeira que nem existe mais emsua forma viva. Foi usada na casa de minha avó Dodora por muitos anos, até que veio parar em minhas mãos, em 1973, quando ela faleceu. A velha cadeira-de-armar, na ocasião, ainda estava prestante e me acompanhou nas moradas que tive em variadas cidades. Tenho da cadeira duas recordações que, por si só, a fazem merecedora de homenagens: foi refestelado nela que o li, em uma das vezes que o fiz, *Grande Sertão: Veredas*, livro que me marcou para sempre. Foi sobre ela, também, que meus dois filhos gêmeos, já com mais de 40 anos hoje, posaram para sua primeira foto, com poucos dias de idade, no colo de um pai orgulhoso e ainda assustado.

A história da cadeira é mais antiga. Foi fabricada em Itabira por meu tio materno Virgílio Andrade, nos anos 50, quando este resolveu se transferir das lides da política e da administração pública para a indústria de móveis e marcenaria em geral.

Ainda me lembro da "Virma", nome que meu tio deu a seu pequeno empreendimento, cuja origem ele explicava, orgulhosamente, significava a combinação de "Virgílio-Marita", carinhosa referência a Marita Guerra de Andrade, sua mulher, ou "Virgílio-Madeiras", em versão mais pragmática. Virma, a firma, ficava na esquina de Água-Santa com João Pinheiro, num tempo que ainda se podia pescar gordos bagres no corguinho ainda não submisso a manilhas e poluído,

como hoje se vê. Em sua casa, logo adiante da marcenaria, do outro lado da rua, havia também criação de rãs e produção de mel, num quintal pequeno, porém repleto de surpresas, como um olho d'água e certa galinha que abandonava seu ninho para botar ovos cotidianos na cama de Rosângela, minha prima. Itabira não era ainda um doloroso retrato na parede... Era um lugar de férias, de primos e primas, de alegrias, de descobertas, de primeiros namoros, etc. Mas isso são outras histórias...

Virgílio Santos Andrade, meu tio. Sujeito pra lá de interessante. Como ele me identificava e me identifico até hoje. Em comum tínhamos a altura, acima da média da família, o fato de sermos primogênitos, além de algo que apenas mais tarde descobri: ter-me transformado, também, em compulsivo guardião de coisas e lembranças relativas à família e à mineiridade em geral. Mas nisso, certamente, considero-me bem acompanhado por outros primos, entre os quais Mariza Guerra de Andrade, filha mais velha de meu personagem.

Entre tantas lembranças de Virgílio, algumas ainda ecoam em mim. A importância que ele dava aos mais jovens, ou, pelo menos, a mim. Perto dele sempre me sentia adulto, valorizado, sem que isto significasse perda de ternura com a criança que eu era. Virgílio era um homem culto. Se meu avô, Altivo Drummond de Andrade, tinha um "ar letrado de camponês", como dele falou o irmão Carlos, Virgílio, não: ele era letrado na essência e na aparência parecia um príncipe Romanov. Um humanista e um polemista, acima de tudo, mas ao mesmo tempo uma pessoa simples. Uma marca de seu espírito: ainda nos anos 60, já residindo em BH, lembro-me de vê-lo deblaterar contra a "mordida" que as mineradoras produziam na Serra do Curral, como já o fizera antes com relação à Cia. Vale do Rio Doce, em sua Itabira natal. Contestava, na família e também fora dela, algo que o senso-comum da época acreditava ser apenas parte da paisagem e preço razoável para o progresso. Quando meu irmão João Mauricio foi preso pela ditadura, Virgílio levantou-se contra o perigo e nos acudiu de pronto, movimentando influências para apurar a situação do preso e dar-lhe o apoio necessário.

Mas eu falava era de uma cadeira-de-armar, feita de sucupira-preta...

Pois bem, após quase quarenta anos de uso, o móvel, dotado de um complicado mecanismo de abrir e fechar *deu de si*, perdendo ferragens e parafusos. Esteve encostado por mais de dez anos e até mesmo chegou a ser atirado ao lixo por uma faxineira descuidada, dado o estado de espandongamento em que se encontrava. Até que decidi recuperá-lo.

Foi assim: eu havia terminado minha tese de doutorado e comecei a fazer coisas que a longa jornada acadêmica tinha banido de minha vida, por exemplo, a literatura e o trabalho com as mãos. O velho móvel, que naquele momento era pouco mais que um feixe de pedaços de madeira empoeirada empilhado em um canto, entrou na minha agenda. Realizar a tarefa foi trabalho para três ou quatro finais de semana, nos quais aconteceu sua desconstrução e remontagem. Tive que abandonar seu antigo mecanismo de armar, por falta de algumas peças essenciais. Optei por montá-la agora de forma fixa, aproveitando os pedaços de madeira que ainda restavam, o que me obrigou a alterar as dimensões originais, ficando com o assento um pouco mais estreito, impraticável para *bundões*, mas ainda confortável para pessoas normais. Retoquei com cera tingida todos os buracos dos antigos parafusos, alguns remontando à época de fabricação; coloquei novos parafusos e um novo extensor para o tecido do assento, que mandei fazer de "encerado locomotiva". Ato contínuo, lixei, apliquei duas demãos de selador, depois cera e pronto! Se a velha cadeira itabirana fabricada por Virgílio Andrade não chegou ao estatuto de se converter em móvel de grife, um *hobjeto*, ou coisa que o valha, ainda assim ficou bonita, simpática e, principalmente, acolhedora como poucas.

Está agora novinha em folha a cadeira, pronta para repetir sua história. Eu que me preparava, à época de sua reforma, para me aposentar, saboreando o retorno às leituras mais intensivas, inclusive uma há muito planejada, embora fosse pela sexta ou sétima vez, do *Grande Sertão: Veredas*. Minhas ilusões de lazer e fruição da vida durariam pouco, pois de repente me vi convocado para novos compromissos. A aposentadoria teve que esperar e espera até hoje. Mas minha cadeira está lá, em um cômodo de minha casa na Chapada dos Veadeiros, aguardando para novamente me acolher, em viagens intelectuais e afetivas, embora eu continue ainda sem saber do futuro, se ele me trará – e quando – *ócio* ou *negócio*.

Mas, perguntariam os leitores: que importância, afinal, teria essa bendita cadeira? Nenhuma grande solução para o mundo foi concebida em cima dela; nenhum livro foi escrito; nenhuma idéia original foi pensada; não houve nenhum diálogo fenomenal que a tivesse por testemunha. Minha cadeira, como o *Elefante* do poema de Drummond, apenas existe, nada mais, em sua história modesta, que atravessou gerações, despertou recordações e uniu pessoas em torno dela. Mas uma coisa é certa: as lembranças que esta singela peça já foi capaz de me despertar com sua reforma, sejam de pessoas, de paragens ou de momentos da vida de uma família, já me foram um prêmio suficiente. São essas pequenas (grandes) coisas que a tornam tão importante e que compartilho com vocês agora.

***

Anos 50. O homem louro e alto, para nós crianças, simplesmente enorme como uma torre, nos trazia o cheiro de currais e as histórias de lugares de nomes sugestivos: Uberaba, Barretos, Areias. A cada ano éramos apresentados a um novo primo, quatro evangelistas, meninas com os nomes começados por “B” e mais.

Anos 60. Os encontros na Fazenda das Areias. Festas regadas a conversas, brincadeiras e a comida inigualável de Dona Teresa. Mas as tragédias nos espreitavam no meio da alegria: vovô Altivo, para começar. Depois José Marcos e Mateus; vovó Terezinha e Dr. Cathoud. Nós meninos, começamos a sentir o cheiro da morte. Mas acima, bem acima, pairava nosso Tio, que representava a Vida em nosso cenário infantil. O cheiro dos currais e as histórias de lugares longes agora mudaram. Ele agora abria estradas e rodava por toda parte em sua camionete amarela. Sempre personagem de nossa infância.

Anos 70. Nuvens negras no céu... O jovem universitário buscava fugir da cidade nos finais de semana, pegar um ônibus na rodoviária de BH, rumo ao Povoado de Areias para encontrá-lo na Fazenda, sempre receptivo. Primeiro, o jantar copioso da Tia e o doce de leite de “bufa” com queijo idem. Depois a varanda, onde a conversa escorria mansa, às vezes enfática e até agitada. E íamos da literatura à agricultura, da ciência à política. No meio de tudo o ingrediente da Poesia que nunca lhe faltou. Entre um golinho e outro, no que eu me iniciava – uma récita de *O Padre e a Moça*. Nunca ninguém traduziu pela palavra falada este poema de Drummond, com tanta verve e com tanta emoção. E o sol nos alcançava ali na varanda, com a certeza de que aquelas conversas eram a essência da vida. Conversar é que era preciso; já viver, que fosse da maneira possível, nada mais.

Anos 90. Ele, agora, Patriarca, em seu refúgio nos altiplanos do Fama, entre o Jequitinhonha e o Mucuri. Lá estive por quatro vezes. Sua vitalidade custava a ceder, parecia não se abalar com o fumo e as muitas cachacinhas... Agora, uma *Nova Fonte* delas se descobria, nos alambiques de Novo Cruzeiro. Um cafezal a perder de vista. Toda a tecnologia da agroindústria capitalista presente. Dava gosto vê-lo discorrer sobre os micro-nutrientes e as tecnologias israelenses de irrigação minimalista. Parecia até que já nascera naquele meio. À noite, as conversas iniciadas

na minha juventude, nas confortáveis cadeiras de espaldar alto, na varanda da Fazenda das Areias, ainda mostravam inesgotável fôlego. Só que eu, nos meus cinqüenta, já não encontrava disposição para encarar o sol chegar; mas ele, vinte e cinco anos mais velho, sim. Para dormir usava apenas um banco de madeira. E mesmo assim já amanhecia com profunda disposição para retomar a conversa, tivesse como temas *O Padre e a Moça* ou a flutuação dos preços dos insumos agrícolas, com a devida ressalva sobre suas discordâncias relativas às tecnologias médicas. Sujeito opinioso!

Frase sua, dedicada a alguns amigos, que guardei: *não lhe devo obrigações, apenas finezas*. De meu Tio Roberto Andrade o que posso dizer é algo semelhante. Cumulou-me de *finezas* por toda a vida. Pela atenção que deu à criança e ao jovem estudante de medicina. Pelo convite para que eu batizasse a caçulinha Betânia e assim nos tornássemos compadres. Pelo exemplo permanente de saber dizer o que pensava, de forma tão desabrida, mas ao mesmo tempo atenciosa. Pela sua coragem em enfrentar os desafios que a vida lhe trouxe: perdas de filhos, irmãos, mudanças de lugar e a sistemática destruição das coisas que produziu. Pela sua inteligência criadora e abrangente. Pela sua capacidade de carregar o Mundo dentro de si. Pela generosidade em se colocar abertamente para todos. Por não ser sovina em suas emoções e lembranças.

Para mim, sem medo do lugar-comum, ele ainda vive. Sua passagem por nós é apenas um dos fatos de sua existência luminosa, que prossegue, apesar da dor e da decadência física. Meu e nosso amigo Roberto, obrigado pelas finezas e pelos privilégios que a convivência com você trouxe a mim e a todos que com você estiveram!

***

Partiu meu compadre Roberto, mas me deixou uma herança especial: seu filho João de Queiroz Andrade, que nos anos 90 veio morar em Brasília. Fui procurado por ele e sua mulher mesmo antes de chegarem com a mudança, tive imenso prazer em servir-lhes de referência aqui e deles me tornei amigo pela vida a fora, com muita honra. Com carinho e saudade conversamos muitas vezes sobre os casos de meu tio, a quem nós nos referimos mutuamente, sem outros designativos, com "*O Véio*".

João, o quarto evangelista da família, depois de Mateus, Marcos e Lucas (os dois primeiros, infelizmente, falecidos precoce e tragicamente) sempre me conta uma história da qual eu teria sido personagem, embora já não me lembre disso. Diz ele que certa vez, na Fazenda das Areias, eu o salvei de um afogamento. Fico feliz por tê-lo feito realmente, mas nunca perco a oportunidade de fazer onda com ele, de uma maneira que nos é peculiar e com a qual quem não nos conhece às vezes se assusta: *então, só por isso, tenho que aguentar você a vida toda?* Ele me devolve alguma gozação no mesmo tom e fica tudo bem.

Ainda dentro do capítulo das brincadeiras, digamos, *indecorosas*, costumo brindá-lo com a afirmativa que o que ele tem de melhor – e o que salva nossa amizade – é a companheira que a vida lhe trouxe, Cristina.

Cristina Moori Andrade, com quem tenho outro tipo de afinidade, que não abriga esses chistes de machos broncos, é uma pessoa especial. A mãe, gaúcha e separada, casou-se depois que ela nasceu com um japonês legítimo e com ele teve outros filhos. É curioso ver seus retratos de infância, nos quais ela comparece como a única ocidental, bem branquinha, dentro de um mar de olhinhos puxados. Mas de toda forma, a delicadeza, a sensibilidade, o pendor artístico de Cristina tem um DNA "japa", não tenho dúvidas.

João e Cristina compõem, junto com meus filhos, neto e genro que moram aqui em Brasília, meu núcleo familiar legítimo e querido, que eu valorizo muito.

***

Roberto Andrade teve um concorrente, em minha mente infantil, em sua aura de homem audaz, que fazia coisas titânicas e marcantes: Duílio de Oliveira Santos, meu tio avô e padrinho *de crisma*.

Tio Duílio era agrimensor de profissão, mas seu olhar peculiar para os vales e montanhas da natureza, fizeram dele um exímio projetista de estradas, sendo muitíssimo respeitado no DER de Minas, onde trabalhou a vida toda. Ali logo lhe deram o título de *Doutor Duílio*, e mesmo os engenheiros formados se curvavam frente à sua experiência estradeira. Quando falo em estradas aqui, não custa lembrar que naquele tempo elas consistiam em vias que acompanhavam o relevo natural por onde passavam, sem recorrer às gigantescas terraplanagens niveladoras, origens de muito rio entupido por aí.

Durante boa parte de minha infância acompanhei, maravilhado, seus relatos de trabalho em lugar que me parecia um verdadeiro paraíso de aventuras desafiadoras e emocionantes, a *Ravena*. Eu sempre recebia dele a promessa que um dia me levaria ali, para ver aquelas coisas sensacionais acontecerem, tais como a remoção de pedreiras inteiras por máquinas poderosas, as cargas de dinamite, a vida aventureira em acampamento provisório, o contato direto com o mato, onde havia bichos silvestres. Isso nunca aconteceu, mas anos depois quando conheci de perto o lugar com a estrada já pronta, um distrito de Sabará ao lado da BR 381, que liga BH a Vitória, pude perceber de que não teria perdido grande coisa, pelo contrário, certamente teria me entediado logo com um dia inteiro imerso num ambiente que definitivamente não servia para a criança que eu era.

Duílio era um homem à frente de seu tempo. Sua casa, na rua Carlos Gomes, bairro de Santo Antônio, em BH, era um primor de arquitetura modernista, projetada por ele mesmo. Ali, ao invés da combinação de alpendre, sala de visitas, sala de jantar e quartos, dispostos de forma tradicional, havia separação entre área íntima, moradia e serviços; suítes nos quartos; garagem de desembocava direto na cozinha e até mesmo uma rampa de acesso interno, ao invés de escada, pois o terreno tinha algum desnível, além de jardim de inverno e clarabóias de iluminação. Em tal moradia passei dias felizes, em companhia de meus primos Chico (ou *Xico*, como gosta de ser chamado), que era da minha idade exata, e de suas irmãs Maní, Elisa e Cristina. Aliás, ali era o único lugar, além da casa de meus avós, em que eu tinha permissão de dormir fora da minha própria casa.

A modernidade da família não se verificava apenas no espaço que habitavam. Meus primos foram criados em um ambiente de grande liberdade cultural e material, de forma impensável para nós-outros. Lembro-me, por exemplo, que foram ver, com amigos, um show da popstar (versão primitiva) americana Brenda Lee (*Jambalayo*, lembram-se?). Quando veio a febre Beatles, as garotas assistiram *A Hard Day Night* seis ou sete vezes. Uau! Se inveja matasse...

Meu Tio era um homem alegre, dado a festas em família. As passagens de ano em sua casa eram inesquecíveis e em uma delas ele conseguiu fazer com que meu avô Altivo, um homem tímido e meio casmurro, dançasse uma valsa com seu cunhado, Arnaldo Cathoud, este de natureza mais pândega. Ali se bebia e se comia à farta, sendo objeto de especial luxúria e cobiça do resto

da família, as cestas de natal que os amigos lhe presenteavam. Ele tinha também pendores artísticos, tocando de forma exímia uma harmônica de boca, coisa que era capaz de fazer "até com o nariz", segundo o folclore familiar. Mas de toda forma não seria por acaso que *Xico* Marcos fosse um excelente percussionista e que Cristina tenha sido durante anos uma das bailarinas de maior destaque no Grupo Corpo, de BH.

Tio Duílio encontrou em Adelaide, a *Nina*, a companheira ideal. Ela não era tão exuberante como o marido, mas era uma pessoa de convivência muito agradável, excelente contadora de histórias e dada à música também, com voz excelente e ampla memória musical, por onde passavam desde árias de ópera até marchinhas antigas de carnaval.

Em 1971, ao chegar à Faculdade, vi que alguém me chamava do outro lado da rua. Era Virgílio e seu modo compungido e até certa palidez em seu rosto já me fizeram perceber que havia uma notícia terrível no ar: Duílio acabara de morrer de um infarto fulminante.

***

Todos têm tios. Jacques Tati tinha o dele, Tchekov curtia seu Tio Vanya; Guimarães Rosa imortalizou certo Tio Iauaretê.

Mas o meu – ou melhor, o nosso (divido a honra com vocês) – modéstia a parte, é melhor e diferente desses todos. Um tio como poucos... Meu Tio, o Heraldo, o único – o dos Santos e dos Andrade...

Para dar conta da multidão que nele habita, me aventuro nos dicionários. Vejo que seu nome pode indicar o oficial que na Idade Média tinha a seu encargo transmitir mensagens importantes, além de organizar as festas de cavalaria e cuidar dos registros da nobreza. Ah, sim, é um nome masculino de origem germânico, significando o mesmo que "Rei de Armas". Como sinônimo, poderia ser simplesmente mensageiro, pessoa que leva uma mensagem, ou aquele que anuncia algo que ainda vai acontecer.

Fico também sabendo que nas cortes da Idade Média, o Heraldo (*Araut* em francês e *Herald* em inglês e alemão) era aquele cavaleiro habilitado a transmitir mensagens de importância e comandar as grandes cerimônias, além de (nas horas vagas, possivelmente) exercer cargo e ofício de conhecer e ordenar os brasões das famílias nobres.

Um Heraldo não pode ser pouca coisa, realmente. De onde provém seu nome? Pode ser que seja do alemão *herald*, que equivale a soldado veterano, aquele condecorado e festejado depois de muitos anos de serviço, com enorme experiência acumulada com o trato das armas, o que o fazia especialmente solicitado nas cortes, daí derivando a ciência chamada heráldica, embora com outros propósitos atualmente. Já outros querem que o nome seja derivado não do alemão, diretamente, mas do latim, *heros*, daí derivando *herói, heroísmo, heróico*. Há também uma acepção correlata, em que um *Heraldo* (agora com maiúscula) equivale a *senhor* e *cavaleiro armado*.

Acho que podemos dar a pesquisa por finda, pois estes caminhos de armas, cavalos, guerras, tropelias, brasões, ambientes cortesãos, militarismo etc não nos conduzirão, definitivamente, ao verdadeiro Heraldo que conhecemos.

Falo, então, de como o vejo. Em 1995, nos seu setenta anos e cem de seu pai e meu avô Altivo, escrevi sobre ele, em poema dedicado a meu avô: *Este outro é tal qual ver-te / se não no corpo,*

no gesto, / fez teu percurso ao contrário / envelhecendo no berço / da terra que o viu nascer. / Fazendeiro das idéias, / suas lavouras aéreas / fazem grande latifúndio.

Heraldo, das histórias tantas. Por exemplo, aquela que me foi contada por José Marcos, o irmão precocemente falecido. Dizia ele que, estando em Nova Era, onde na ocasião residia o nosso personagem, recebeu dele, emprestada, uma mula para facilitar sua locomoção pelas ruas da cidade. Ótima montaria, mansa e educada, de bom trote. Só tinha um problema, parava a toda hora nas ruas, bastava que alguém a pé ou montado viesse na direção contrária. Era, então, uma besta empacadeira? Nada disso! Apenas, em sua rara inteligência muar, agia conforme os hábitos de seu ginete habitual, que dedicava um dedo de prosa para todos que passavam – e que conhecia todo mundo em Nova Era. Assim, a missão montada que deveria durar no máximo uma hora, demorava três vezes mais para se concretizar.

Esta é um histório minha... Cerca de 1997 ou 98 fui matar saudades dele, em Itabira, junto com Maurício, meu filho. Peguei meu carro e rumei para lá; com muito custo o encontrei, apesar de ter combinado a ida, pois não estava nos altos do Campestre e sim em novo endereço, numa barafunda de ruas, pra lá da Estação Ferroviária. Impressionou-me o cômodo modesto que agora lhe servia de escritório, cozinha e, muitas vezes, também de dormitório. Tudo isso dentro de um terreno de uma serraria desativada. Coisas dele... No tal quartinho, me mostrou uma pasta cheia de escritos, poemas, crônicas, textos filosóficos, utopias – coisas assim, a amostra foi rápida, não deu para identificar o teor. De repente me deu um daqueles papéis (que procuro agora e não encontro...). Nele estava escrito um poema, sobre terras compradas por ele, defendidas com muito orgulho e tenacidade, até que, na segunda parte, na finalização, conclui: *a terra não era minha, era da onça*. Texto forte e sensível, de fazer orgulhosos os numerosos ecologistas da família.

Era bom de conselhos, também. Certa vez me disse que se um dia em comprasse terras, devia preferir aquelas que estivessem em mãos de herdeiros, melhor ainda se brigados entre si. *É só ter paciência, se você souber esperar, vai comprar por menos da metade do preço, negociando com cada um*. Bom, pelo menos aprendi duas virtudes que nele eram abundantes como em ninguém: paciência e habilidade para conversar, negociar e, acima de tudo – e nisso ele atinge a perfeição – fazer amigos.

Tia Angelita certa vez me contou outra. Como ele se hospedava na casa dela, quando ainda vivia em Itabira, já em anos mais recentes, um dia resolveu usar suas prerrogativas de irmã e lhe deu uma bronca pelo fato de viajar entre Itabira e BH levando seus pertences em uma reles sacolinha de supermercado. E ato contínuo lhe presenteou com algo bem melhor e mais digno de respeito. Não adiantou nada... Eis que na seguinte vinda dele, aparece trazendo nas mãos outra sacolinha. Imaginem a cena. Justificativa dele: *que nada, assim é melhor, tem muito ladrão por aí; assim passo mais desapercebido*.

Uma imagem dele me marcou profundamente. Na viagem já citada a Itabira, fomos dar uma volta por lá, à antiga Fazenda Pontal (agora um “vale sinistro”) e a uma propriedade dele, no município, onde havia uma bela cachoeira que lhe tinha despertado a idéia de ali construir um “clube da família”. E viajou nisso, durante longo tempo. Já voltando para a madeireira extinta, em seu Fusca renitente, ao cair da tarde, eu apressado para pegar meu carro e enfrentar a BR 381 na volta para BH, noto que ele praticamente não mais acelerava o carrinho, antes o deixava descer livremente as eventuais ladeiras e depois, tal qual a proverbial mula de Nova Era, simplesmente deixava o mesmo estacar, sem mais nem por quê. Eu, com a pressa que estava, confesso que cheguei a ficar um pouco impaciente. Mas logo vi o que o movia (ou melhor, o que

não o movia...): a vontade de estender minha companhia e a de Maurício por mais tempo. Voltei já com a noite fechada e não me arrependi.

Assim é este sujeito: meio fazendeiro, meio poeta; muito Andrade, mas Drummond na medida; do ar e da terra; um tanto de monge zen, outro tanto de empresário; um contador de histórias que conta o que viveu, mas se por acaso vier a inventar, fará dessas histórias algo ainda mais acreditável; homem portador das armas da palavra fácil e abridora de caminhos; cavaleiro de mulas que não sabem o que é pressa e param a cada esquina.

E isso tudo sem esquecer uma porção romântica e ousada que certamente ainda vive nele. A do jovem elegante e bem-querido na BH dos anos 40 e 50, que não titubeia em organizar uma fuga rocambolesca, junto com seu Amor, a bordo de uma perua Peugeot cinqüenta e um, pelas malévolas estradas do Brasil, até dar em terras paraguaias!

A vida lhe foi ingrata. Um acidente vascular, ainda nos anos 90, emudeceu o contador de histórias e paralisou o ativo empreendedor, mas a ele Heraldo já sobrevive por mais de 20 anos.

Meu Tio, o Heraldo-etê! Viva ele!

***

O Juca, boticário aposentado, não era exatamente meu tio, mas é como se fosse. Primo em primeiro grau de meu avô Ieieca, faleceu com quase 100 anos, mas ainda prenhe de lucidez e muita sabedoria. Era mineiro de Pains e chegou em Brasília naquela fase da vida em que as pessoas já estão se aposentando, depois de décadas de trabalho, quando vem um certo enfaro dos compromissos e dos horários. É que raiou no Planalto Central a luz da nova capital e ele não resistiu a tal novidade.

Chamar o Juca, em minha infância, não tinha nenhuma conotação fisiológica. O Juca sempre acorria, com seu jeito calmo e bondoso, trazendo seu apoio, um afago para nós, pequenos, além das apreciadas *caixinhas* de sua farmácia, naquele tempo feitas de papelão grosso e armado, muito jeitosas. A nossa fantasia transformava aquelas caixinhas em automóveis, caminhõezinhos, casas, currais, edifícios. Ai de nós, não fosse o Juca, que morava um quarteirão adiante de nossa casa, no velho bairro do Prado, na pacata BH dos anos 50.

A Farmácia do Juca era uma botica pequena e de porta única na antiga rua Hypódromo, hoje Cura D'Ars, no alto do Prado. Junto ao balcão, dois bancos largos, onde se sentavam as pessoas que vinham para um dedo de prosa. Dentro, o dono, de avental branco, aviava receitas e proseava, uma coisa de cada vez.

Falar no Juca é falar na Maria-do-Juca... Certa vez, Claudia, minha irmã mais nova, quando bem pequena, contava algo para a outra irmã, Myriam, sobre tal personagem. E esta perguntava: *mas que Juca?* E ela, sem pestanejar: *o Juca, da Maria-do-Juca, uai*.... Para tal Maria, de sobrenome Machado, prima do marido, era Deus no céu e JK na terra. E, assim, no início dos 60, veio o casal para Brasília, comer poeira, enfrentar a solidão, morar em casa de madeira, viver vida de pioneiros. Instalaram-se na Vila Planalto, depois na L2 Norte, que ainda era cerrado e, desde os anos 70, na 713 Sul. Sempre os mesmos Juca e Maria de minha infância. Casa cheia de amigos, parentes, conterrâneos: uma embaixada de Aldeia, assim como tantas outras em Brasília, trazendo suas histórias universais a uma metrópole feita, na verdade, de pequenas aldeias. Volta e meia chegava novo morador, encaminhado por algum compadre ou amigo, de Pains, para aqui estudar e se arrumar na vida – e a casinha da 713 virava pensão.

O que bem definia o Juca, na força das suas mais de nove décadas de vida, eram seus aniversários, quando a pequena rua da 713 se movimenta com visitas, unidas pelo desejo comum de abraçar e festejar o patriarca. Ou, então, sua advertência a um parente, que se queixava de mazelas diversas: *eu já lhe falei, Fulano, você está muito jovem para estar sentindo estas coisas todas...* Só que o Fulano, no caso, tinha 86 anos, bem completados.

Durante os anos noventa, pratiquei com constância o hábito de *chamar o Juca*, visitando-o e tomando com ele um dedinho de cachaça de Pains, além de usufruir da boa prosa que ele cultivava, com simpatia e sabedoria. Ainda hoje, passados tantos anos, convoco-o, sempre que posso, a me servir de modelo para a velhice e me passar sua lição de beirar um século de existência sem perder a dignidade de um cidadão que ao mesmo tempo é de Pains, de Brasília e do Mundo

***

A cena ficou famosa na BH do final dos anos 50: durante um clássico Cruzeiro x Atlético, no velho estádio Independência (na época também conhecido como *Campo do Sete*, em referência ao time que ali tinha sua sede, o Sete de Setembro Futebol Clube), um sujeito baixinho e troncudo, carregando a bandeira azul-celeste, se dirige intrépido à torcida alvinegra vizinha, e desafia a quem se habilitasse a *cair no braço* com ele. A cena foi mostrada ao vivo pela TV Itacolomi e recontada de muitas maneiras nas rodas da cidade. Por sorte, a polícia chegou antes e afastou dali o valentão e dispersou seus inimigos, que certamente lhe teriam dado uma surra memorável. Naquele tempo não era costume as pessoas se matarem nos estádios.

Este era meu tio Lauro Goulart. Tinha um coração de tamanho diretamente proporcional à sua intempestividade. Certo dia, por exemplo, ao presenciar um carro de um estranho se incendiando à sua frente, desceu imediatamente do seu veículo, tirou o paletó e abafou as chamas. E ele ia para um casamento.

Devo a ele, entre outras finuras – e alguns espalhos também – o empréstimo semanal compulsório de um velho Pontiac dos anos cinquenta, semi-automático, carinhosamente apelidado de *boi-velho*, pelo seu tamanho e lerdeza. Com tal bólido íamos eu e minha namorada vagar *ad hoc*, durante o final de semana belorizontino – melhor impossível! E quando por acaso eu não aparecia para buscar a viatura ele me instava para que o fizesse sempre.

Era do ramo dos transportes, assim como meu pai e meu avô também foram um dia, mas persistiu no ramo e chegou a se tornar, junto com seu irmão Agnelo, empresário de relativo sucesso já nos anos setenta, com sua Viação Cruzeiro, que atendia os bairros do Cruzeiro e do Anchieta, na Zona Sul de BH. Mas antes disso, ainda nos tempos das linhas mais pobres da Nova Granada e do Prado-Esmeraldas, malhou muito, pessoalmente, nos volantes dos velhos torpedinhos (*lotações*) Mercedes-Benz.

Tive o desprazer de estar em BH, creio que em 1985, justamente no dia em que ele foi acometido por uma enorme e súbita dor no peito, falecendo poucas horas depois, vítima da ruptura de um aneurisma. Não cheguei a vê-lo com vida, então; apenas o acompanhei pesaroso à morada final.

Lauro Goulart: este viveu e morreu da mesma coisa – do *coração*.

***

Marcos Goulart, o *Seu Marcos*, era o irmão mais novo do meu avô Ieieca. Baixinho, risonho, boa praça, tinha como marca especial um pescoço torto, derivado talvez de uma fratura de clavícula mal curada. Mas longe de dificultar sua vida, a tal falta de prumo o tornava mais engraçado e comunicativo, até porque era mestre em visagens e caretas inesquecíveis. Em suma, foi uma das pessoas mais hilárias que já conheci, capaz de criar situações cômicas a partir do nada.

Não foi um homem rico. A vida toda de trabalho duro, na roça, lhe deu apenas uma casa na cidade, onde ele e sua companheira Zica tocavam uma modesta pensão. Meu pai me contou que um de seus hóspedes, funcionário da Previdência Social que viera a Pains justamente para regularizar as inúmeras tramóias de que a mesma era vítima, se afeiçoou tanto aos senhorios que conseguiu para eles nada mais do que uma aposentadoria – e dupla! Naquele tempo ainda não havia sido inventado o benefício da "prestação continuada".

Ti'Marcos tinha, além de sua casa, um pequeno lote na cidade, que ele chamava de *fazenda*. O nome até que se justificava, pois ele ali colhia quantidades impressionantes de milho, abóbora, feijão, abacates, bananas. E não teria mais do que trezentos metros quadrados a área de tal "fazenda".

Certa vez que eu o visitei, ao me ver de barba, quis saber: *uai, você fez promessa pra quê, meu filho?* De outra feita, ao nos visitar em BH, diante da escultura de bronze de uma mulher nua, voluptuosa, enorme, frente ao antigo Cassino da Pampulha, exclamou espantado: *mas parece a muié do Aniba...* A Zica o fulminou com um o olhar que parecia indagar de onde vinha tanta intimidade. E nós rimos a valer com a cena, tanto com seu brilho nos olhos ao dizê-lo como pela cara marota que fez quando foi reprimido pela companheira.

Morreu pobre como viveu, mas levando a vida com muita graça. Sobraram, depois dele, em Pains, mais uns três ou quatro parentes do ramo Goulart, que desapareceram, um após o outro, nos anos seguintes. Se há um lugar que merece, também, o epíteto drummondiano relativo a um doloroso *retrato na parede*, este lugar, para mim, é Pains, o berço dos Paim-Goulart.

***

E agora José? Quem é que não conhece este verso? Alguns pensam que Drummond se inspirou em seu irmão José para compô-lo, mas posso garantir que isso não é verdade. Melhor recordarmos dele a partir de um retrato, este verdadeiro, que lhe foi preparado pelo irmão, no poema *A Mesa*:

Mais adiante vês aquele
que de ti herdou a, dura
vontade, o duro estoicismo.
Mas, não quis te repetir.
Achou não valer a pena
reproduzir sobre a terra
o que a terra engolirá.
Amou. E ama. E amará.
Só não quer que seu amor
seja uma prisão de dois,
um contrato, entre bocejos
e quatro pés de chinelo.
Feroz a um breve contato,
à segunda vista, seco,

à terceira vista, lhano,
dir-se-ia que ele tem medo
de ser, fatalmente, humano.
Dir-se-ia que ele tem raiva,
mas que mel transcende a raiva,
e que sábios, ardilosos
recursos de se enganar
quanto a si mesmo: exercita
uma força que não sabe
chamar-se, apenas, bondade.

Pois conheci tal personagem pessoalmente e posso dar meu depoimento sobre ele...

José Drummond de Andrade viveu solteiro e (aparentemente) morreu solteiro. Na minha infância eu o via raramente, pois ele vivia em um quarto de hotel em BH. Cerimonioso, raramente procurava a família. De tão ermitão que era, ofereceu a meus pais o próprio telefone de que era proprietário, o que representava um verdadeiro tesouro naquela época. *Quatro zero cinco nove três* – ainda me lembro no número.

Ele vivia da renda de ações de banco, que recebera de herança, já que meu bisavô Carlos de Paula Andrade tinha sido um dos sócios fundadores do antigo Banco da Lavoura. Mas aquele meio de vida acabou se escasseando e ele, do Brasil Palace, ainda glorioso, foi cair em outro hotel bem mais humilde, na Praça da Estação. Foi em tal situação que meu avô Altivo, no final dos anos cinquenta, por ter a casa da rua do Ouro já quase vazia na ocasião, condoído de ver a solidão e a provável penúria do irmão, o convidou para ir morar lá.

E assim, as tardes de domingo dos netos, invariavelmente passadas na casa avoenga, foram abrilhantadas pelo novo personagem. A primeira impressão, de casmurrice e incomunicabilidade, foi logo desfeita. O tio Zezé era dono de um formidável repertório de piadas e joguinhos de adivinha, muitos dos quais me recordo até hoje. Por exemplo, aquela história do sujeito que fez cocô na meia, por não dispor de uma privada no quarto de hotel onde se hospedava e enquanto decidia o que fazer com o pacote que lhe pesava nas mãos, resolveu rodá-lo a esmo – só que a meia estava furada. Coisas assim, meio escatológicas, sem deixar de ser ingênuas. E nós nos divertíamos – acho que posso falar em meu nome, no de meus irmãos Eugenio e João Maurício e de minha tia-irmã Teresa Julieta, testemunhas dessas histórias.

Tinha histórias secretas por trás dele. Por exemplo, aquela da noiva em Itabira, que ele deixava penar por longos meses, ausente, perdido na lonjura de suas terras. Um dia, eis que ele chega na cidade, a cavalo, e recebe a notícia também galopante: a moça estava de noivado com outro. Esporeia, incontinente, o animal e se dirige para o sobrado da família da ingrata, onde adentra montado, subindo pela escada principal até que a besta refuga e recua. Sai de Itabira para nunca mais voltar. Não sei se é a total verdade, mas sem dúvida é uma boa história.

Tive a desventura de estar a seu lado quando ele morreu. Ele havia saído da casa de meu avô imediatamente depois da morte deste, em 1961. Voltou à vida de ermitão e pouco o víamos, com exceção de meu tio Virgílio, a quem eu chamo honrosamente de o *guardião da família*, que sempre o procurava. Um dia, em 1968, fui solicitado por nosso guardião a participar de um mutirão familiar de acompanhamento ao tio Zezé, que sofrera um infarto e estava internado. Pude passar algumas noites ao lado dele, mas então, o sujeito comunicativo que eu conhecera já não era o mesmo, inteiramente dominado pela dor ou dopado pelos medicamentos. Uma noite, na cama ao lado, ouvi seu grito e me levantei imediatamente, a tempo de amparar seu

corpo, que se erguera penosamente do leito. Ele tinha as mãos contraídas no lado esquerdo do peito e seu olhar já anunciava o pior. Com um grito de dor encerrou sua existência – em minhas pobres mãos de segundanista de medicina...

Nos seus dias de internação um dos mistérios de sua vida se esclareceu, graças às visitas frequentes de uma dama, de nome Aida Portugal, digna, nobre, perfumada, bem vestida – bem à altura daquele sujeito extraordinário, um homem que recusou seu amor transformado em mera *prisão de dois, contrato entre bocejos e dois pares de chinelo.*

*****

Meu tio, Ricardo Santos Andrade, repetiu a saga de José Drummond. Por alguma razão, talvez por não desejar *repetir sobre a terra o que a terra engolirá*, também não se casou, sem que isso significasse castidade ou celibato definitivos – aspectos todavia não declarados ao público em geral.

Viveu uma vida de funcionário público modesto, depois de uma carreira interrompida no Banco do Brasil, morando sempre em quartos de hotéis. Esteve em muitos lugares, do interior de Minas à Amazônia, com muitas experiências de vida e de trabalho. Superou um alcoolismo extremo e disso se orgulhou, nos mais de trinta anos que sobreviveu longe do vício: *agora só bebo guaraná*.

Depois de aposentado na Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, retornou a Itabira, de onde esteve ausente por muitas décadas, lá encontrando velhos amigos, que inclusive voltaram a chamá-lo pelo apelido de infância: *Bizodô*. Tentei encontrar o possível significado disso, mas não houve Google ou Yahoo que me ajudasse...

Morreu em 1995, com uma úlcera rompida na cavidade abdominal, por possível negligência médica. Estivemos muitos da família em seu velório, em Itabira. Como se sabe, velórios fazem parte da vida e neste, em particular, houve uma cena memorável, com o perdão da palavra talvez imprópria: *hilária*. Éramos mais ou menos umas doze ou quinze pessoas, entre irmãos e sobrinhos, que deixamos o velório por algum tempo para almoçarmos juntos. Eis que chega um amigo itabirano, se aproxima de meu tio Heraldo e se depara com aquela mesa tão cheia e também animada – por que não? E é apresentado a uns e outros. Só que o pobre homem não sabia do motivo de estarmos todos ali juntos e foi impossível barrar a pergunta: *então só falta o Ricardo*, *onde está ele*? Meu tio Heraldo, com a graça e a bonomia de sempre se encarregou da resposta, inescapável: *morreu*. – *Quaaaando*? – *Ontem...*

A cara do homem mereceria ser filmada e certamente se tornaria um clássico da mudança súbita de expressão de uma pessoa.

Na ocasião escrevi para ele uns versos...

CHEGADA

Pelo chão espalhavam-se as peles de lontras, onças e jacarés (naquele tempo ainda não era pecado matar um bicho aqui, outro alí).

Na gaiola um casal de papagaios meio glabros gritava e assobiava ininteligivelmente como se acabasse o mundo. Um dos louros, às vezes, chamava: "Carlos!". Quem seria?

Dois alegres e onipresentes saguis, buliçosos, perigosos, mal-cheirosos, aos saltos e cabriolas, como pequenos mestres de cerimônia, a nos apresentar os segredos amazônicos.

Da canastra saíam variadas coisas e a sala se fartava de seus cheiros desconhecidos: mantas de pirarucu, pacotes de farinha puba, frutas em á, em í, em ú, dourada farinha de peixe.

De entremeio, uma babel de objetos de todo tipo e tamanho: escamas de peixe para lixar unhas; olhos-de-boi a nos espiar nos quatro cantos da mesa; arcos, flechas e, um imenso tacape emplumado, capaz de afundar cabeças; cocares e enfeites de penas em cores nem sonhadas; bastões de guaraná com sabor a serragem e terra molhada; malévolos pentes de espinhos de palmeiras;macacos de látex mostrando o que não devia, logo subtraídos à curiosidade das crianças; um remo de canoa; um mole chapéu de palha; leques que pareciam secas palmeiras aplastadas; vidrinhos com estranhos óleos perfumados; um pote de barro com banha de capivara; cabeleiras de raizes olorosas.

De tudo se contava uma história, casos cheios de aventura e mistério: ataques de malária brava, nuvens de vorazes muriçocas, chuvas que duravam meses, perigosos peixes elétricos, botos que roubavam moças, pescarias memoráveis, macacos churrasqueados, cachaças com raízes, indios flechando brancos, sete dias em canoa, noites passadas na rede, e uma baita caganeira que quase matou todo mundo.

A alma infantil descabia de si mesma e espantadamente percebia que a maior de todas as maravilhas, maior ainda do que aquele mostruário de cores, formas, perfumes e ação, que botava a selva dentro de nossa sala, era o fato de privarmos da intimidade de tão extraordinário personagem, de longe chegado com tal carregamento:

Nosso Tio.

***

Certo dia, em agosto de 1963, eu estava na casa de um amigo quando chegou um telefonema para mim. Era minha mãe. Meu estranhamento logo se mostrou plausível, dado que ela não faria isso em circunstâncias normais. E dessa vez a anormalidade era grande: meu primo Mateus, filho de Roberto e Terezinha, havia morrido afogado. Mas isso, por ainda maior infelicidade minha, logo se revelou como apenas uma parte da verdade: meu tio Zé Marcos também perdera a vida, ao que parece, ao tentar salvá-lo.

Perdas, para mim, até então, eram só de gente mais velha. Ou de outras pessoas, de outras famílias. Como isso poderia estar acontecendo comigo, que mal tinha completado quinze anos, que perdia de uma só vez um primo quase da minha idade e além dele, um tio muito especial, que nem havia completado trinta anos de idade, em uma família que ainda chorava a perda de seu patriarca Altivo, ocorrida apenas dois anos antes?

José Marcos, irmão mais novo de minha mãe (depois dele ainda nasceram duas mulheres, Maria Aparecida e Teresa) era um desses tios inesquecíveis. Como era mais jovem, sempre tivemos com ele, nós sobrinhos, uma intimidade especial, bem correspondida. O apelido familiar que lhe demos era *Sô Zé*, e ele parecia se deliciar em ser chamado assim. Era o rei das piadas e dos chistes, que repetíamos sem parar, encantados com o privilegio de ter alguém como ele na família.

José Marcos não quis estudar muito, talvez tenha feito só o antigo ginásio, para desgosto de meu avô. Com isso teve que cair na vida cedo, sendo amparado por seus irmãos mais velhos, como Heraldo e Roberto, além de meu pai, mas que nunca o pouparam de trabalhar duro. E fosse como ajudante de caminhão ou trabalhador e gerente em fazenda, ele nunca negou fogo.

Do ímpeto piadista de *Sô Zé*, lembro-me de uma história insólita. Corria o ano de 1956 (ou 57) e houve a famosa invasão da Hungria pelas tropas soviéticas. Zé Marcos nesta época servia o Exército e nós adorávamos vê-lo fardado, contando lorotas a respeito de uma guerra da qual ele iria participar. Um dia ele nos revelou onde seria a tal guerra: *na Hungria*. E nos pediu segredo sobre isso, porque por enquanto ainda era uma decisão que só os generais sabiam e ele havia descoberto, não se sabe como. E nós, que por influência de família temíamos o comunismo, já tínhamos tomado partido na contenda, a favor dos húngaros, claro. E fomos indagar dele ao lado de quem o Brasil entraria na guerra. E a resposta que deu para nós foi terrível: *ao lado dos russos, claro; precisamos dar uma surra naqueles hungarianos...* A brincadeira não tinha fundo ideológico, certamente, mas fazia parte de seu eterno espírito de nos armar peças. Vovô Altivo, que escutou a conversa, logo veio nos acalmar a respeito daquilo.

Aliás, neste quesito de tios jovens, acho que não posso me queixar, pois do lado de meu pai tinha também dois deles, pouco mais velhos do que eu, Willer e Edgar, de quem era amigo e de cuja companhia usufruí bastante, como já contei em outra parte desta memória. Além de Cicida e Teresa, claro – esta última, mais irmã do que propriamente tia.

Ele estaria hoje com mais de oitenta anos. Mas ainda permanece em minhas lembranças. É bom viver sobre tal estofo familiar.

***

«As pessoas não morrem, ficam encantadas...» Mas o que acontece com quem já tinha e fazia acontecer o encantamento como parte inseparável de sua vida? Bruno era assim e não mudou de estado. Sua mudança, num treze de agosto, foi apenas para produzir o encanto em outras paragens. Mas continua vivo entre nós, herdeiros que somos de sua alegria e de sua arte de costurar gerações.

Para lembrá-lo melhor, volto aos anos 50-60, quando o vi pela primeira vez – um rapaz tímido – em namoro de portão com minha tia Angelita, na rua do Ouro. Depois na rua Chefe Pereira, também na Serra, onde viveu nos primeiros anos de casado. Em seguida, na Flórida e em Sampa, tantos anos. E então, novamente, BH. Acho que neste périplo encontrei um pouco da essência bruniana: uma enorme mistura de coisas amáveis. Assim foi que escrevi os versos abaixo:

Dia de mudança

No olhar de Mariana
verde-azul, tantas lágrimas,
toda tristeza do mundo.
E todos ali reunidos
para velar nosso Bruno
face ao vale profundo
que de repente se abriu.
E tantos amigos, tantos
Andrades e Almeida-Cunhas
vieram acompanhar

tão querido companheiro
em seu dia de mudança.
Mas, para além da tristeza,
todos trouxeram lembrança
de sua muita alegria
por tantos multiplicada:
sua verve, seu humor,
seu talento prosador,
seus casos, suas charadas.
Trafegando entre todos
de diversas gerações,
netos, filhos e sobrinhos
cunhados, irmãos e outros mais
(ele nunca era demais).
Para todos tinha estórias
ou um caso bem singular
e sempre com muita graça
- ou mesmo sem ela - um mago
que graça sabia criar.
Nosso Bruno, um grande mestre
da arte do bom conversar.
E assim era de todos
Convidado, muito amado,
do que houvesse a festejar.
Em tal dia de «mudança»
- não que caiba fazer festa -
mas, se bem vamos pensar,
procurar causa e efeito:
o que fazer da lembrança
deste mágico sujeito
que nos legou tal herança?
Com certeza damos conta:
Este é um caso pra alegria!
Que se faça jus a ele
em bem homenagear.
Trazer à mesa a matéria
de que foi bom professor:
Alegria sim, não tristeza!
Eis o que se ajusta ao Bruno
é de sua vida a riqueza
o bem mais puro, e uno.

AMIGOS PELA VIDA

No remotíssimo ano de 1960 cheguei ao Colégio Estadual de Minas Gerais, nos altos de Lourdes, em BH, para assistir minha primeira aula no ginásio. Eu senti que haveria muitas novidades pela frente, a mais marcante delas, naquele momento de adolescência, pelo menos, era o de poder freqüentar aulas de calças compridas. No Grupo Escolar elas eram curtas.

Pois bem, devo ter chegado meio tímido, afinal eu não conhecia ninguém ali. Meus colegas do primário haviam tomado outro rumo. Lembro que me sentei num canto da sala, tentando não chamar muita atenção e assim fui parar ao lado de um cara que parecia tão deslocado como eu. Logo puxamos conversa. Era um menino como eu, mas meio sisudo, com um cabelo que parecia começar logo acima dos olhos, mas que me pareceu ter um olhar cúmplice para mim.

Com pouca conversa fiquei sabendo que ele vinha de Curvelo, que tinha perdido o pai, que tinha vários irmãos, morava com mãe, avós e tias na via que então era conhecida apenas como "BR3", hoje avenida Nossa Senhora do Carmo.

Em pouco tempo ficamos íntimos e nos agregamos numa mesma patota, ilustrada nas artes de gazetear e atormentar professores.

Logo nos primeiros meses de colégio entramos, primeiro eu e depois ele, para o grupo de escoteiros que ali existia, pelo qual passaram várias gerações. Mesmo com os olhos críticos de hoje, acho, sinceramente, que não éramos apenas aqueles *meninos vestidos de imbecis chefiados por um imbecil vestido de menino*, como dizia Juca Chaves. O escotismo foi fonte de muito aprendizado e de novas amizades para mim. Ali já pude perceber uma característica de meu amigo, permanente em toda a nossa convivência, a de levar extremamente a sério as coisas que fazia. Eu não dispunha de disciplina nem de habilidades para os rituais do "sempre alerta", ao contrário dele que, por assim dizer, seguiu carreira. Acho que ele continuou como escoteiro até mesmo depois que as pernas começaram a ficar cabeludas...

Meu amigo era uma das pessoas mais habilidosas que já conheci. Dominava de alto a baixo toda a seqüencia de nós especiais que aprendíamos nas reuniões de escoteiros, com a diferença que ele logo se tornava habilitado em todas as categorias da arte, enquanto eu – e outros – só faltávamos amarrar nossos próprios dedos aos cordões, de forma inextricável.

Tínhamos um ponto em comum. Aos quinze ou dezesseis anos (pois permanecemos colegas por todo o ginásio e colegial, mesmo na Faculdade de Medicina), éramos dos poucos que trabalhávamos formalmente, no horário da tarde, quando não tínhamos aula no Estadual. Eu em uma construtora e ele em um cartório onde um tio era tabelião. E era trabalho duro, que certamente lhe exigia muita atenção, aquela coisa de lidar com escrituras, testamentos, certidões. Apesar disso, era bom aluno (melhor do que eu) e um sujeito popular, mostrando que sua sisudez era apenas aparente, sempre disposto a uma brincadeira e dotado de notável senso de humor, às vezes um tanto cáustico, mas sempre muito divertido.

Adorava botar apelidos nas pessoas e foi assim que ganhei dele um apelido que me acompanhou até a faculdade, mesmo que nesta época ele fosse o único a me tratar assim. A alcunha era *Bossa Nova* e dizia respeito a uma frase de uma modinha de Juca Chaves, na qual o personagem JK, o *Presidente Bossa Nova*, não fazia outra coisa se não "voar, voar, voar". Eu já era, na ocasião, um distraído crônico, um daqueles garotos que hoje seriam taxados como portadores de "déficit de atenção".

Com seus vencimentos de escriturário de cartório fazia compras para si que então me pareciam exorbitantes, embora invejáveis. Por exemplo, adquiriu certa vez um jogo completo de lapiseiras Pentel (que na época eram objetos de desejo), de todos os calibres e cores correspondentes. Mais tarde foi a vez de um gravador de fita, no qual passou a ser um ouvinte musical sofisticado, indo de Mozart ao jazz. E democratizando totalmente o seu conhecimento e o seu domínio tecnológico, inusitado para nós, colecionava também ferramentas elétricas e manuais, todas de marca excelente. E com elas fazia delicadas peças de marcenaria, como peças de xadrez, aí

incluído um rolo de pastel que ele ofereceu a Eliane às vésperas de nosso casamento, com instruções para o bom uso da peça, não exatamente na cozinha, mas na minha cabeça, caso eu andasse em falta com os deveres de companheiro.

Separamo-nos no derradeiro ano do colégio. Eu fui para o Colégio Universitário da UFMG, recém-inaugurado; ele resolveu não encarar a novidade, permanecendo no velho Estadual. Um ano depois, entretanto, estávamos juntos de novo, na velha Faculdade de Medicina da Avenida Alfredo Balena.

Retomamos alguns hábitos do escotismo nesses anos. Acampamos algumas vezes, por exemplo, na Serra da Piedade, em pleno mês de junho, num frio de lascar. Fomos salvos parcialmente pela bondade de Frei Rosário, um dominicano que alia vivia como ermitão e que nos ofereceu uma sopa quente à noite, além de um lugar para dormirmos, pois a ventania a 1800 m de altitude não nos permitia armar a barraca. Menos mal, mas que noite aquela, num velho galinheiro abandonado, no porão da Ermida da Piedade. Abandonado apenas pelas galinhas, é bom que se diga, pois os quase invisíveis *piolhos-de-galinha* por lá abundavam, provocando-nos uma urticária que durou semanas a fio! Mas a aventura foi, sem dúvida, foi inesquecível, para o bem e para o mal.

Uma dessas excursões foi especial. Corria o ano de 1968 e fomos os dois amigos e mais dois colegas passar uns dias de férias no sítio da família de um destes, em Caeté. Nossos papos iam pelo dia a fora e pela noite a dentro, variando de histórias escabrosas, em cujo conhecimento éramos mestres, até altos papos-cabeça sobre literatura e filosofia. Para situar os leitores: a trilha sonora da época estava todo naquele *Sgt. Pepers Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles – e seu conteúdo também nos provocava discussões intensas, seja favoráveis ou contrárias, intermináveis, embora sem muito aprofundamento, dado o parco conhecimento do idioma inglês de que dispúnhamos na ocasião. *Obladi-obladá!*

Mas o tom mais marcante da temporada foi dado por meu amigo e eu, leitores recém adentrados nos sertões e veredas de Guimarães Rosa. Nisso fazíamos bonito frente aos outros companheiros e até os humilhávamos um pouco, pois sabíamos de cor trechos inteiros da obra. Com o tempo começaram a se encher e implicar conosco, pois passamos a conversar num "sertanês" riobaldiano quase incompreensível para os outros dois, não iniciados.

De outra feita fomos a Marataízes, ficando hospedados em uma casa de sua família lá. Caramba, o cara também conhecia todas as manhas dos peixes e pela primeira vez na vida pude pescar no mar, é bem verdade que postado na praia, mas com grande proveito, levando para casa fiadas de bagres que ele, bom cozinheiro que era, preparava de diferentes maneiras.

Meu amigo quase virou meu parente, por namorar minha prima Rosângela Guerra de Andrade, filha de Virgílio, durante algum tempo. Mas talvez fosse uma daquelas coisas que não eram para dar certo mesmo.

Tínhamos planos ousados, para depois de formados, quando sonhávamos comprar uma Rural Wyllis (o supra sumo *off-road* da época) para fazermos uma espécie de rali pela Belém-Brasília e Região Amazônica. Eram anos pós JK e de "milagre": o Brasil estava sendo redescoberto. Isso ficou só no sonho, pois a vida acabaria por colocar distância, pelo menos física, entre nós, com o término da faculdade. Mas valeu pelos momentos de fantasia e conversas sem paradeiro que tal sonho nos proporcionava.

E foi assim que formamos em medicina, já tendo escolhido caminhos diferentes para a vida profissional. Meu amigo, com seu espírito organizado e perscrutador optou pela ciência básica, tendo feito uma sólida formação em Bioquímica, na meca paulistana, USP ou Butantã, se não me engano. Virou cientista. Eu fiquei em BH mais algum tempo, me casei (ele foi meu padrinho de casamento), fiz residência e fui ser médico clínico, me mudando logo para o interior.

O resumo da história é: devo tê-lo visto pela última vez logo depois de nossa formatura, em 1971 ou 1972, em escassas ocasiões. Depois nunca mais. Hoje recebi a notícia de sua morte, ocorrida há menos de 24 horas...

Tudo isso que acabo de escrever pode parecer uma memória pobre, recheada de histórias sem muito nexo ou substância, de interesse restrito a mim, que começo a perceber que o passado vai tomando conta de minha vida cada vez mais. Talvez seja isso mesmo. Mas pelo menos quero registrar aqui que me foi dada a honra de ter conhecido, convivido e aprendido com alguém assim: Dalton Luiz Ferreira Alves.

***

Foi assim que conheci Mauro Marcio de Oliveira e Erix Mafra, meu amigos de mais longa data.

Aos 16 anos de idade eu vivia um permanente “éramos três” em matéria de amigos e isso começou a dar sinais de cansaço. Eu até que gostava das conversas com aqueles caras tão mais instruídos do que eu, Tiago Veloso e Mario Coutinho, mas eu mesmo tempo percebia que eu tinha um cabedal a que eles não alcançavam, e que passava por certa boemia, pelos carnavais dos clubes Orion e Tremedal, para não falar nas aprazíveis praias de Água Limpa, um conhecido balneário préoximo a BH onde se refugiavam caras de família, como eu, na companhia de garotas nem tanto.

E foi assim que certo dia, graças a um colega do Colégio Estadual que morava perto de minha casa, Paulus Cicero Horta Pessoa, fui apresentado a um cara da mesma idade que nós, que eu conhecia – e respeitava – de longe – por sentir nele um sujeito importante, um verdadeiro lider, no ambiente de uma das turmas de jovens da redondeza. Eu que ansiava por ampliar meu círculo de amigos, ainda saudoso da rua Chapecó, no Bairro do Prado de minha infância, mas querendo mais em termos de vivências e sintonia com um modo de vida mais mundano, senti que por ali passava o meu caminho.

Este outro cara, personagem importante de minha história, chamava-se Erix Curi Mafra e residia bem perto de mim. Ele me tratou, desde o início, com condescendência e simpatia e isso logo abriu caminho para uma grande amizade, das maiores que já tive – e que não está perdida. Descobri que ele ja havia prestado atenção em mim, por me ver sempre com livros debaixo do braço e em companhia quase permanente daqueles tipos notórios de intelectuais que eram Tiago e Mario. Um dia me disse que também gostava de ler e que se aproximara de mim por me considerar um cara intelectualizado. Não era bem assim, mas eu ia negar?

Erix um dia me apresentou a um seu colega do Colégio Marconi, também intelectualizado (mais do que nós dois juntos, na verdade) e um tanto solitário, como eu, até pouco tempo antes. Surge aí o grande amigo que trago comigo há 50 anos, como um vinho que envelhece e melhora a cada ano: Mauro Marcio de Oliveira. E assim eu troquei uma dupla por outra dupla, mas esta agora numa encruzilhada aberta a novas amizades e experiências.

Foi assim que ampliei e renovei meu círculo de amigos de maneira assombrosa, em termos de número, qualidade e fração de tempo. Eu poucas semanas eu já alcançara o direito de ter um posto de observação junto à porta da Padaria Cinelândia, na esquina da Avenida Amazonas com a rua Aristóteles Caldeira.

O fato é que em torno de uma suposta "intelectualização", valorizada especialmente por Erix, nos unimos e nos tornamos amigos. Mas acho que o fator que realmente nos aproximou foi aquela velha sintonia, difícil de explicar, mas muito palpável, que une os seres humanos, seja para a amizade ou para o amor, desde o início dos tempos. Ficamos amigos – e pronto.

E ponto! E foram alguns anos de celebração, em dezenas de botequins, em mil conversas, na chácara de minha família em Contagem, numa fazenda remota no Oeste de Minas, onde passamos alguns dias de esbórnia, em 1966. Havia álcool em nossas tertúlias, quase sempre, com Erix nos ganhando na prova de resistência, eu e Mauro sucumbindo cedo. Mas nem sempre eram papos etílicos e, justiça seja feita, nunca precisamos de outro motor para o exercício de uma "profunda" filosofia, derivada de nossas vivências e pequenas angústias, de nossa cara de pau e também de algumas leituras, quesito em que Erix e eu éramos amplamente superados por Mauro.

Mauro começou a estudar engenharia em Belo Horizonte, na velha faculdade da UFMG na rua dos Guaicurus, mas logo viu que sua praia era outra. Parou com aquilo com menos de um ano de sstudo e foi prestar vestibular de agronomia em Viçosa, ele que de roça quase não conhecia nada. Mas aí já demonstrava um pouco de sua ousadia intelectual e existencial.

Passamos a morar em cidades diferentes, o que se manteve após sua formatura, quando ele foi trabalhar na Bahia – mas nunca deixamos de ser amigos, mantendo, aliás, uma frequente e produtiva correspondência. Sim, cartas! Não é demais lembrar que não existia internet.

Mais tarde, mas bem antes de mim, Mauro mudou-se para Brasília, onde eu passei a visitá-lo com frequência, retomando o antigo fluxo da amizade. Entrementes, casou-se com Maria de Nazaré, dama de notável baianidade, de quem me fiz amigo desde o princípio.

Não é pouca coisa: uma amizade de mais de cinquenta anos! Erix continua em BH e nos vemos mais esporadicamente. Mas quando nos encontramos, os três, é bem fácil retomarmos papos interrompidos em alguma noite e em algum botequim do circuito da Barroca.

***

Este meu amigo Erix tinha o que ainda hoje se poderia chamar de um "pai legal", ou, para usar palavras datadas, "barra limpa". O Coronel da PM Agenor Mafra tinha tudo para fazer dele o que ele não era na realidade. Militar, formado no combate a meliantes e subversivos, fisionomia dura de quem não estava para brincadeiras. Mas isso era só aparência. Sendo meu amigo Erix seu único filho homem, Mafra, já reformado, dedicava a ele e amigos boa parte de seu tempo. E tome pescarias, passeios, conversas intermináveis, piadas sobre tudo e narrativas curiosas. Na inauguração do Mineirão o Coronel não estava a fim de comparecer, mas nos levou gentilmente no seu Simca Chambord até as proximidades, em distância facilmente alcançável a pé. E foi nos buscar depois do jogo, também. Enfrentavam-se Seleção Mineira e Riverplate, da Argentina; nós mineiros ganhamos o jogo.

Quando retornávamos ao ponto combinado de encontro, no chamado Engenho Nogueira, onde hoje fica (ou ficava?) a sede da Usiminas, recebemos do Coronel Mafra o aviso que teríamos que

fazer força, pois um pneu do Simca tinha furado e ele havia perdido ou esquecido o macaco. Nos entreolhamos incrédulos, mas logo vimos que era real o que ouvíamos. Fazer o quê? Força... E assim carregamos com galhardia aquele bólido por minutos intermináveis, enquanto Mafra, utilizando a gíria de caserna destinada a recrutas e subalternos, nos dava ordens seguidas. Como era comum naquele tempo – e com tais personagens – tudo terminou em bricadeira e paz.

O Coronel Agenor foi também personagem de outra curiosa história. Em uma das pescarias que organizávamos periodicamente, nas quais ele comparecia talvez mais para usufruir da companhia do filho e de seus amigos do que por diversão própria, como não havia destino certo, me ofereci para levá-los até a Fazenda das Areias, pra lá de Venda Nova, coisa de 40 quilômetros de BH, onde meu tio Roberto morava na ocasião. Havia ali três açudes e um corguinho promissor.

Mafra era de Ferros ou alguma cidade vizinha, na mesma região do Mato Dentro onde ficava Itabira, terra de minha família. Quando chegamos, fiz logo as apresentações e os dois senhores começaram a conversar, meio formalmente. Mas como acontece nos encontros entre mineiros, em breves minutos já estavam trocando informações geográficas e genealógicas, descobrindo rapidamente a origem comum regional. O próximo passo foi a revelação que haviam estudado na mesma escola, em Itabira. E o seguinte veio, depois de fração de segundo, quando meu tio Roberto exclamou, com a ênfase que lhe era peculiar: *mas você é o Cueca!* Ato contínuo: e *você o Borracho*! Foi assim que Cueca e Borracho, que nunca mais tinham se visto, se reencontraram meio século depois de sua convivência no Ginásio de Itabira.

***

Conheci Vitor Machado em 1982, quando era professor na UFU. Eu fazia parte de um projeto de extensão universitária, sobre o qual já falei aqui, e naquele momento era membro de uma banca de seleção de coordenador de uma das Unidades de Saúde integradas ao projeto do Jardim Brasília. Os candidatos eram, de maneira geral, revestidos da maior previsibilidade: médicos já atuantes na rede que desejavam, mais do que uma posição de poder, o adicional de salário que tal função lhes conferiria.

E foi então que surgiu aquele sujeito que viera de fora, um pouco sisudo, mas muito bem articulado. Uma daquelas pessoas que te olham de frente – e ele o fazia com leveza e confiabilidade, seus olhos cinza-esverdeados pareciam demonstrar isso. Foi aprovado para a única vaga existente e pouco depois conseguiu outra função, para o que teve que reduzir sua carga horária na tal unidade. E, mais uma vez, honra-me muito dizê-lo, ele foi preencher a vaga que eu havia deixado na Diretoria Regional de Saúde, por ter sido, naquele momento, designado Secretário Municipal de Saúde.

Vitor Machado, mineiro de Araguari, médico formado em Brasília – *ecce homo*. Vivíamos ali em Uberlândia, naqueles anos agitados de começo de construção do novo sistema de saúde no Brasil, algumas aventuras e desventuras, que vale a pena transmitir aos de hoje, que acham que vivemos no Brasil atual o pior em matéria de política. Fiquem tranqüilos meus amigos que alguma coisa mudou para melhor! Escrevo isso antes das eras Dilma, Temer e, principalmente, do ignóbil Bolsonaro. Mas aconteceu, na ocasião, que as lideranças políticas do PMDB na cidade, partido do meu prefeito Zaire Rezende, e que estava com o mando de jogo na ocasião, resolveram implicar com Vitor, alegando ser ele ligado ao PT. Isso até podia ser – e era – verdade, mas o que movia aqueles políticos de aldeia era o fato de que a nomeação que tradicionalmente era deles lhes escapara das mãos. E o autor de tal façanha foi Ricardo de Freitas Scotti, técnico

de carreira da SES-MG, naquele momento Diretor Regional de Saúde. Scotti teve que se explicar penosamente aos tais políticos e não muito tempo depois entregou, não sua cabeça, já que era funcionário de carreira, mas o cargo em Uberlândia.

Vitor estava vindo de fora, do interior de Goiás, onde trabalhava com um grupo médico ligado à Igreja Católica, sob a proteção de D. Tomaz Balduíno. Numa atitude natural, decorrente da posição militante do mentor do grupo, bem como da maioria de seus membros, aceitou o sacrifício de se candidatar a prefeito da pequena Itapuranga. Não ganhou e ainda foi perseguido. Estava em Uberlândia praticamente como um exilado, com a vantagem de estar próximo da família e ter conseguido dois empregos. Depois da estrada em Uberlândia ele retornou a Goiás, desta vez com destino a Ceres, ainda integrado no mesmo grupo balduinista.

No início do século XXI nos reencontramos, eu na UnB e ele em Ceres. Já nas primeiras conversas levantei com ele a possibilidade de que nossos alunos do sexto ano de medicina fossem estagiar na cidade goiana. Daí à ação transcorreram poucos meses. Sucesso absoluto, com Vitor na liderança, muito bem acompanhado por pessoas notáveis, tais como o casal Evando Queiroz e Esther Albuqueque, a médica Mila Cintra e outros. O apoio da UnB sempre foi mais simbólico do que prático, de maneira que os elogios devem ir, de fato e de direito, para este grupo de abnegados. Atualmente, quase duas décadas depois desses acontecimentos, Vitor persiste no acompanhamento desses alunos, sendo muito querido entre eles. Em 2014 foi um dos homenageados principais dos formandos, fato inédito na história do curso de Medicina, no qual a regra sempre foi a de homenagear professores do quadro.

Voltando a mim, devo dizer que essa história de Ceres me é muito marcante e me abastece, mesmo passados tantos anos, a auto-estima. Aliás, posso dizer que foi a melhor coisa – quase a única! – que logrei obter real sucesso nos oito anos que passei como docente nas faculdades de Ciências da Saúde e Medicina da UnB.

***

Já relatei aqui meus inéditos momentos de “queridinho” quando cheguei em Uberlândia, para ser o professor de Doenças Infecciosas e Parasitárias, em 1975, na recém-nascida e de nome redundante *Escola de Medicina e Cirurgia*.

O fato é que agradei tanto, que no final do ano, tendo sido professor de duas turmas sucessivamente, uma “da vez” e a outra em atraso com a matéria, fui lembrado pela representação dos alunos no colegiado da faculdade como eventual indicado do corpo discente para a direção da instituição. Era demais para mim, bem o sei, mas devo dizer que me fez muito bem para a auto-estima. Mas felizmente tais proponentes tiveram a sabedoria de se dobrar a outro nome, no caso, Arnaldo Godoy de Souza, um dos fundadores da faculdade e velha raposa política, mas portador de um grande e benfazejo carisma, perfeitamente talhado para uma missão assim.

Chegou aos meus ouvidos, dias depois, que outro dos fundadores, José Olympio de Freitas Azevedo, que havia se afastado do dia a dia acadêmico por desavenças grupais internas, compareceu à tal reunião em que meu nome foi apresentado. Eu nem o conhecia pessoalmente, mas apenas pelo nome que ainda ecoava nos corredores. E ele não deixou por menos: *quem é esse sujeito que eu nem conheço que vocês já querem indicar para diretor, assim sem mais nem menos?* Um de seus adversários, presente, não perdeu a oportunidade de ironizar, criticando-o por ter se afastado das atividades docentes e que, por isso mesmo, nem mesmo saber quem era

o jovem professor que os alunos tanto apreciavam ao ponto de recomendar seu nome para o cargo máximo da instituição. Tudo teria ficado por isso mesmo, até que um dia...

Creio que era um domingo. Eu estava em casa distraindo as crianças. O telefone toca. Era José Olympio, pigarreando nervosamente, coisa que mais tarde descobri ser um tique de ansiedade nele. Queria porque queria conversar comigo. Urgente. Na sua ansiedade acabou dizendo o motivo: queria me pedir desculpas. E eu não conseguia saber exatamente por que. Afinal haviam se passado meses desde que proferiu aquela frase infeliz.

E ele veio, com cortesia e humildade, agora mais calmo. Disse que realmente cometera um erro, mas que logo tivera outras informações sobre a minha pessoa e que julgava agora que eu era totalmente merecedor do cargo. Aliás, completou, a faculdade estaria em muito melhores mãos se fosse eu o diretor (não nos esqueçamos: ele pertencia ao grupo rival a Arnaldo Godoy). Ri muito, agradeci e lhe reiterei que não precisava se preocupar, por não houver derrota para mim, que nem pleiteara aquilo e, muito antes pelo contrário, a sensação que tinha era de alívio em não ter sido escolhido na ocasião.

Ato contínuo me convidou e a Eliane para uma festa de sua família e me apresentou a muita gente graúda em Uberlândia, inclusive ao futuro prefeito Zaire Rezende, que tinha com ele relações de família, com quem acabei indo trabalhar como Secretário Municipal de Saúde em seus dois mandatos.

Nem sempre tivemos sintonia ideológica. J. O. era simpatizante do velho Partidão, honrando a memória do pai, Afrânio de Azevedo, deputado federal pelo mesmo na Constituinte de 1946. Tinha como lógica política aquela história de se abrir a alianças heterodoxas, mesmo com os inimigos de ontem, se a causa fosse justa. Eu, nem tanto. Mas perdoemos, o que se viu mais tarde, com a esquerda no poder, foi exatamente isso. Mas o fato é que entre nós sempre prevaleceu uma relação de amizade e muito respeito.

Lamento muito as últimas notícias que tive de José Olympio, preso ao mundo escuro e sem comunicação da Doença de Alzheimer ou alguma síndrome assemelhada. Mas ele deixou sua marca na história da Faculdade de Medicina da UFU e da própria cidade de Uberlândia, sem dúvida.

***

Fomos colegas no Mestrado da ENSP, entre 1989 e 1990. Eu parecia meio deslocado diante daquela turma de pessoas bem mais jovens do que eu, alguns com praticamente a metade dos anos de vida que eu acumulava. Era o caso dele, Carlo Henrique Goretti Zanetti, um dentista de Juiz de Fora. Se eu me sentia deslocado com o resto da turma, com ele a simpatia foi mútua e imediata. Em pouco tempo já nos procurávamos ao final da jornada para juntos irmos pegar o ônibus ou o metrô, na Estação Del Castilho, ali perto.

Logo percebi que o meu novo amigo tinha uma inteligência acima da média. Lia aqueles textos áridos, de Marx e cia, com voracidade e sempre tinha algo a dizer sobre eles – é bem verdade que nem sempre de forma que alguém bem entendesse. Mas nisso se equiparava aos respectivos pensadores. Bem no início da era da informática ele já entendia tudo dos *devices* e *gadgets* disponíveis no mercado e, para meu pasmo e admiração, sabia operar múltiplos programas em um computador, como se convivesse com tal máquina desde seu nascimento.

Frente à minha argumentação de que certas coisas eu sabia, não de leituras como as dele, mas de minha prática como médico, como gestor de saúde, dos meus anos de estrada, enfim, saiu-se com esta: *parece que esta sua prática está lhe obnubilando...* Meu primeiro impulso foi o de mostrar-lhe qual era seu lugar, e que me respeitasse. Mas deixei passar, e fiz bem. Aquele era o jeito Carlo Zanetti de ser e se lhe sobrava, algumas vezes, certa arrogância ingênua, mais fartura havia no que lhe vinha do coração. Mais prestativo e companheiro, impossível.

Quis o destino que nos revíssemos em Brasília, alguns anos depois, ele agora concursado na Faculdade de Odontologia da UnB. A amizade que nos unia contagiou, de imediato, sua companheira de então, a linda e doce Raquel Assad, que se tornou mãe, na ocasião, da não menos linda e doce Hannah, já agora uma advogada.

E por falar em mulheres fui testemunha ocular de seu afastamento de Raquel, acompanhado por enorme sofrimento, simultâneo ao agudo e apaixonado enamoramento por Marina, também uma moça lindíssima. Eis que meu amigo, além de tantas qualidades, tem enorme bom gosto para mulheres.

Fizemos algumas coisas juntos, como consultorias pontuais e participação minha em cursos de especialização coordenados por ele. Às vezes ficamos meses sem nos ver, principalmente depois que deixei de freqüentar os corredores da UnB, mas quando nos encontramos é como se nos tivéssemos despedido na véspera. Cortês como poucos, não deixa de deplorar o fato de que ele bem gostaria de ser como eu, que valoriza e procura os amigos, ao contrário dele, que se sente um bicho do mato. Bobagem... Nossa amizade não precisa disso.

Meu amigo é um ser curioso, ao associar, de forma profunda, militância política; conhecimento teórico; raciocínio e argumentação poderosos; domínio tecnológico; espiritualidade e grande capacidade (ou *inteligência*, se quiserem) afetiva.

Em um passo em falso, em 2016, aceitou ser superintendente de uma das regionais de saúde do Distrito Federal. Durou bem pouco no cargo, não por falta de habilitação e qualidades, mas certamente por tê-las em excesso.

Zanetti é tão profundo que, ao resolver começar a construir uma casa junto com sua amada Marina, fez vestibular para engenharia e chegou mesmo a começar a freqüentar a faculdade, onde creio ter trancado a matrícula, por compromissos profissionais diversos, sempre em regime de voluntariado e cortesia, dos quais tem enorme dificuldade em escapar.

***

Eu tentava, de maneira muito desajeitada, consertar um pedaço de cerca de arame farpado, junto com meu filho Mauricio, então adolescente, quase ou tão mais desajeitado do que o pai, mas carregado de boa vontade. Eu havia comprado recentemente aquele terreno no Povoado do Moinho, na Chapada dos Veadeiros, Goiás e encontrara ali um lugar muito agradável, mas com milhões de coisas para fazer, a começar da casa, uma tapera inacabada, prestes a ser invadida pelo mato, mas já pelas galinhas da vizinhança. A cerca, na verdade, nem merecia este nome; em muitas partes era formada apenas por um ou dois fios de arame, se arrastando pelo chão, entre paus carcomidos pelo cupim ou pela podridão da madeira velha e de má qualidade.

Eis que se aproxima alguém dando vista de quem queria ajudar. Pequeno, mulato claro, magrinho como ele só, idade indefinida, mas certamente passando dos sessenta, bem sertanejo, foi logo dizendo aquele *'tarde moço,* típico da nossa zona rural.

– Boa tarde, tudo bem? Acho que estamos levando uma surra dessa cerca...

- Mas vocês não estão fazendo a coisa direito... Não tenho nada com isso, mas posso ensinar...

Sua casa era bem em frente, descobrimos. Foi lá dentro e veio armado com um simples martelo e alguns pregos. Com uma pequena acha de pau, firme, jogada pelo chão, improvisou uma alavanca. E agora munido de tal ferramenta, esticou os fios bambos do arame, dando-lhes logo a tensão de cordas de viola, com cuidado para não romperem, pois estavam também bem marcados pelo tempo, com ferrugem evidente. Com os fios esticados, no jeito, ficou fácil utilizar aquele martelo, para fixá-los nos postes remanescentes.

Pegamos de papo, agradecidos e ali mesmo nos apresentamos e fomos apresentados a uma figura que considero marcante em minha vida: José Osmânio, dito *Zé Lapicho*, ou *Seu Zé*, meu vizinho, meu amigo, com quem convivi e aprendi muitas coisas, durante mais de 20 anos de convivência afetuosa e respeitosa. Ele morava ali no Moinho havia bem uns quarenta anos, vindo da Bahia. Sua história merece parágrafos próprios.

Nascera e fora criado no sertão de Barreiras, beira do Rio Grande, afluente importante do Velho Chico. Nunca conheceu pai e sua mãe era muito pobre, trabalhando como agregada na propriedade de uma família de posses da região. Ele, criança ainda, vivia como um aderente, porém sujeito a trabalhos pesados. Escola, nem pensar... De repente, a mãe morre e ele agora vai trabalhar junto à matrona da família, como uma espécie de criado doméstico, em uma situação que certamente se parecia muito com o que Monteiro Lobato narrou no seu pungente conto *Negrinha*. Aos quinze anos, revoltado com os castigos físicos que recebia, faz uma promessa a si mesmo: da próxima vez que apanhasse daquele jeito, iria embora, da fazenda, de Barreiras, da Bahia; fosse o que Deus quisesse.

E caiu no mundo com um grupo de garimpeiros, que vinha para o remoto *Goiás* em busca das pedras valiosas de cristal de rocha. Foram muitos anos na dura luta, entre pás e picaretas, muita lama e cascalho e carregar, jornadas de doze horas ao dia, abrigos e comida muito precários. Desta época ele me relatou ter ouvido falar de uma *tropelia de gente* que andava por aquele mundo perdido, tomando animais e mantimentos das pessoas. Suponho que tenham sido notícias da famosa Coluna Prestes e isso dá bem um registro da época em que nosso personagem já rolava por este mundão de Deus.

Depois de muitas andanças, vem parar no sertão dos Veadeiros e ali conhece a cabocla Inês, a nossa *Dona Inês*, com quem se casou e teve três filhos. Agora não mais garimpava cristais, mas lavrava terra alheia para sustento da família, onde, suponho, nunca obteve excedentes para venda ou qualquer forma de acumulação. Assim chegou à Vila do Moinho, mais próxima da atual cidade de Alto Paraíso, sede de escola, igreja e posto de saúde, ali construindo casa e criando os filhos.

Nossos encontros eram mensais, às vezes nem isso. Quando ele não vinha até a minha casa, era eu que o visitava. Disse-me um dia que tinha algum pudor em vir, porque sabia que eu estava ali para descansar e não para receber visitas. Na verdade, depois fiquei sabendo, ele tinha sido mal recebido por um dos brasilienses que lá também tinha casa, porque o energúmeno achou que ele queria lhe roubar alguma coisa. Mas o tranqüilizei a respeito disso e suas visitas então se amiudaram.

Um dia, sabendo do meu interesse pela cultura sertaneja e também devido a acolhida que eu lhe dedicava, me disse que preparara uma surpresa para me dar de presente, embora

demonstrasse certa timidez em oferecê-la. Estimulei-o a trazer, imediatamente, o tal regalo. E assim fui apresentado ao *artifício*, uma ferramenta produtora de fogo, um verdadeiro isqueiro caipira, formado por um tipo especial de pedra, o *fígado de galinha*; uma pequena barra de aço de facão, devidamente temperada no fogo; um recipiente feito de chifre (ou eventualmente vagem de jatobá), que ele denominou *cornimboque*. E assim, ao se bater na pedra com o aço, saltavam pequenas fagulhas que iam incendiar, depois de algumas assopradas, o algodão que estava inserido no cornimboque. Simples assim.

E ele me assegurou que o fogo gerado pelo tal artifício era dos mais difíceis de apagar. Pode ser, mas difícil de extinguir mesmo, apesar de tudo, eram os restos de uma cultura centenária que algumas pessoas, nos dias de hoje, ainda conseguem carregar consigo. Não seria mais fácil comprar um isqueiro Bic, destes que se vendem em qualquer vendinha de beira de estrada?

Um dia me contou de seus planos de rever a sua Barreiras natal. Graças ao Pastor de sua Igreja (e de todos os habitantes do Moinho, por sinal), conseguiu um contato com outro estabelecimento neopentecostal de lá e, ato contínuo, foi possível localizar vários descendentes da família com a qual vivera. A megera, felizmente, já tinha morrido. Era gente bem situada, que fez questão de convidar o remoto parente a visitá-los. E ele ficou completamente entusiasmado com a ideia – nem era para menos. Dei-lhe a força necessária, com meus argumentos favoráveis e também ajudei com algum dinheirinho. E lá se foi ele, no carro do filho Expedito, viagem que se repetiu mais uma ou duas vezes, inclusive com a vinda dos baianos para visitá-lo no Moinho. E foi uma alegria ver as fotos da roda de jovens em torno dele, nas praias do belo rio Grande que banha a cidade de Barreiras. Turismo de verdade é isso!

Faleceu em 2013, com idade ignorada, mas certamente passando bem dos noventa. Não pude levá-lo ao pequeno e tosco cemitério do Moinho e lamentei por isso. Mas Zé Lapicho, mesmo depois de morto, continuou presente: não posso me esquecer da cena, um mês depois de sua morte, em que eu e seu filho Dito nos abraçamos e choramos, juntos, copiosamente aquela perda tão sentida.

É isso aí: as perdas às vezes trazem ganhos dentro de si...

***

Eu estava recém chegado em Brasília, em 1991, e trabalhava em um convênio da Fundação Nacional de Saúde com o IBAM, uma ONG do Rio de Janeiro. Uma reunião de apresentação de nosso trabalho foi marcada com a recém nomeada presidente da Funasa, Isabel Stéfano, uma enfermeira jovem e charmosa, carregada de boas intenções, mas maltratada e expelida do cargo em pouco tempo pela tropa de choque collorida. Eu me apresentei formalmente e de maneira sucinta, como achei que convinha à formalidade da ocasião, me identificando como médico, ex-gestor municipal de saúde, professor universitário e mestrando na Fiocruz.

O que eu não esperava é que aquele homem alto, calvo, negro, também presente na mesa, na condição de assessor da presidência, ao terminar a rodada das apresentações, disse algo absolutamente surpreendente, ou seja, que iria fazer o que eu deveria ter feito e não fiz, ou seja, uma apresentação sem as omissões que eu cometera. Naquele momento, eu pensei, de fato, que havia feito ou falado algo errado...

Mas não foi o caso. O homem desfiou todos os meus títulos e feitos, principalmente aqueles relativos a minha participação na fundação do Conselho Nacional de Secretários Municipais de

Saúde e ao reconhecimento amplo, segundo ele, que a administração municipal de saúde em Uberlândia tinha granjeado, sob o meu comando direto.

Eu só o conhecia de vista e fiquei surpreso com o fato de ele deter tantas informações sobre a minha pessoa. Só depois descobri que profundidade e certo ímpeto meticuloso e de buscar o âmago das coisas faziam parte da personalidade deste sujeito notável, que mais tarde se transformou em um grande amigo meu: Amaro Luiz Alves.

Aos poucos nos aproximamos. Logo descobrimos uma amizade comum, Mauro Marcio de Oliveira, que havia sido seu colega na consultoria parlamentar do Senado. Uma reunião de trabalho em seu bem cuidado sítio, nos altos chapadões a Leste de Brasília logo me mostrou e fez comungar com seu lado "natureza". Quando se aposentou, definitivamente, passei a admirá-lo mais ainda, ao ver que ele tornara concreto e palpável um dito que venho repetindo há anos: *ter saúde é ter projetos*. E o seu projeto, no caso, foi desenvolver seus dotes de fotógrafo de aves e de natureza em geral. Amaro é hoje um dos maiores deles, em termos nacionais, com livros publicados e exposições em toda parte. Para tanto, viaja como um *possesso* (do bem), o que infelizmente lhe rouba do convívio mais direto com os amigos.

Tem bagagem este homem. Filho de família pobre do subúrbio carioca, estudou no Colégio Pedro II, que apesar de público costumava ser frequentado pela elite. Frequentou também a Academia da Força Aérea em Barbacena, onde teve como colega ninguém menos do Ronnie Von, mas logo viu que a carreira de piloto e oficial era para os *outros*, mais *arianos* do que ele. O cantor também acabou desistindo, mas certamente por outros motivos. Fez concurso para a Petrobrás e durante alguns anos virou petroleiro. Trabalhando em refinaria, em Betim, cursou Administração na UFMG. Ato contínuo foi aprovado em concurso para o Ministério da Saúde, em Brasília. Era membro da carreira delfiniana dos *planejadores*, voltados à perpetuação daquele milagre que não houve, mas nem por isso eivou-se de arrogância ou deixou de considerar as outras interpretações dos processos de planejamento e gestão de saúde presentes no cenário. Como se não bastasse, coordenou a edição de textos memoráveis, na condição de técnico do MS, um sobre Acidentes Ofídicos e outro sobre Doenças da População Afrodescendente.

Tive a honra de receber sua visita em Uberlândia, em minha segunda passagem por lá, quando do nascimento de Flavinho. Na ocasião, ele pôde oferecer aos jovens membros de um setor da Prefeitura voltado para a igualdade racial, sábios conselhos, totalmente distantes da lógica negativa e revanchista que ali até então fazia ponto.

Em seu sítio nas Mansões Itaipu, agora transformado em condomínio familiar, passei bons momentos. Comemorei os três anos de Flavinho lá, em uma grande festa de família e amigos, na qual a grande estrela, além do aniversariante, foi a pequena Sophia, com apenas dois meses de vida. Ali o capricho no trato com a mãe natura e mesmo com as construções foi sempre proverbial. Na época, tinha mandado datar, por uma equipe de botânicos da UnB, uma portentosa sucupira branca lá existente. Sabem quantos anos? Quinhentos! Aquela Majestade já estava ali quando o Brasil foi descoberto. A árvore é a cara dele, no seu traço rústico e refinado ao mesmo tempo, acolhedor de tanta gente e tantos projetos vivos, debaixo de sua sombra.

Amaro tem um lado que ainda não consegui explorar melhor, por modéstia dele. É dado também ao registro escrito de memórias e já pude conhecer pelo menos dois saborosos textos dele, sobre passagens de sua infância em Jacarepaguá, em um dos quais um personagem é Pixinguinha, em pessoa.

Como todo homem de bem, forte e realizado, Amaro tem a seu lado uma companheira de sua estatura moral e afetiva – embora seja uma mulher pequena, diante dos quase um metro e noventa de altura do Príncipe Etíope que a acompanha. Ela é Dona Márcia, a quem muito admiro também.

As eleições de 2018 nos separaram. É pena...

***

Já falei aqui da minha amizade e devoção á uma figura verdadeiramente paterna para mim, Dr. José Garcia Brandão, de Patrocínio. E também do que ele me dizia de sua filha, que morava na época em BH: *você vai gostar dela; pensa as mesmas coisas que você...*

Algum tempo depois de fato a conheci, Maria Helena Brandão Oliveira, mais precisamente em 1980, quando ela e seu marido Luiz Felipe vieram morar e trabalhar em Uberlândia. Ela me veio recomendada, também, por minha cunhada Lucia Horta Figueiredo, de quem á era amiga e parceira de trabalho em uma unidade de saúde na periferia da Capital. Mesmo sem tais recomendações, tenho certeza, nossa empatia teria sido imediata e irreversível. E ela acabou por trabalhar junto comigo na Diretoria Regional de Saúde, o que me abriu novos horizontes, pois eu estava recém-chegado de um curso de especialização em planejamento de saúde, na Fiocruz, e já percebia que minha vida de burocrata não seria a mesma, depois de ter sido apresentado a tantas novidades no Rio de Janeiro.

E foi assim que nos pusemos freneticamente a pensar coisas novas, muitas delas, realmente impraticáveis, pois estávamos dentro de uma estrutura muito conservadora e rígida. Mas se *ter saúde é ter projetos*, nós dois estávamos, ambos, quase que *adoecidos* de tantos projetos. Realizamos, talvez, menos da metade deles, mas valeu a pena.

A amizade e a admiração por Maria Helena logo se estendeu a Eliane e a meus filhos pequenos, que até hoje a têm como, mais do que uma pessoa da família, um anjo benfazejo, a quem se recorre nas horas boas e más da vida. Tudo isso foi consolidado e eternizado, anos depois, quando ela adotou uma criança – com muito orgulho, meu afilhado Pedro! – a quem Eliane e eu fomos buscar, numa manhã de um domingo em 1985, nos Sertões de Goiás.

Para resumir o que me une a esta pessoa admirável, posso dizer que devo a ela grande parte do que hoje constitui a minha capacidade técnica. Eu era apenas um médico clínico quando fui cursar a ENSP/Fiocruz, no Rio. E não voltei de lá muito diferente disso. De tudo que aprendi, depois, a respeito de planejamento, gestão, participação, modelo assistencial, direitos de usuários, educação em saúde, devo muito a ela. Mas não é só isso. Devo dizer também que ela é a pessoa mais coerente que conheço, mesmo que isso às vezes incomode a quem lhe está próximo, e também a mais generosa e disposta a *fazer junto*, que é uma expressão que ela muito aprecia.

Dr. Brandão estava certo: *você vai gostar dela; pensa as mesmas coisas que você...* Mas eu acrescentaria: pude também *pensar com* ela muitas coisas.

***

Lembro, na minha infância, que minha avó Dodora e outras pessoas da família frequentemente faziam menção a um verdadeiro *surto* de nascimentos ocorridos, na família ou entre gente amiga, no ano em que eu nasci, 1948. Sempre penei com o fato de não ter conhecido quase

nenhum representante de tal evento, com exceção de dois primos queridos: Francisco Marcos Castilho Santos e Euridice Naves, por parte de mãe e de pai, respectivamente.

Entre os mais falados dos nascidos em 1948 estava um Eduardo, sobrinho de minha tia Marita, que nascera e vivia em Acesita, no atual Vale do Aço, lugar em que seu pai, Pedro Guerra era médico. Este era dos mais citados, dada a proximidade familiar, sendo sobrinho "torto" também de meu tio Virgílio, de quem eu era muito próximo.

Nas férias de 1961 ou 62, que fui passar em Acesita, a convite de Sãozinha, irmã de Marita, pude finalmente conhecer a tal figura coetânea. E fomos de imediato com a cara um do outro. Ele era o único filho homem do casal Pedro e Jenny, tendo duas irmãs mais velhas. Minha ligação afetiva, aliás, se deu com toda a família, sendo tratado ali como se fosse um antigo conhecido. *Careca* era o nome familiar pelo qual era conhecido desde a infância, devido a sua testa longa, e a justificativa para tal apelido, dado pelo seu próprio pai, só fez aumentar com a idade.

Dos primeiros pileques e dos primeiros namoricos é difícil esquecer... E naquelas férias, e também nas que vieram na seqüencia, ali em Acesita, este foi um exercício contumaz nosso. Houve também a história de um carro roubado, de seu tio Alfredo, para uma épica volta no quarteirão apenas, mas ele hoje jura que não participou disso. Há controvérsias, contudo. Nos namoricos, talvez não fôssemos tão solidários, pois as garotas disponíveis eram todas suas primas – e ele talvez preferisse algo menos consangüíneo.

Apesar de ele ter feito o ginásio e o curso colegial em Belo Horizonte, na mesma época do que eu, mas em colégios separados, neste período raramente nos encontramos. Aliás, nos perdemos de vista durante mais de vinte anos. Quando vim morar em Brasília, em 1991, pude reencontrá-lo, agora anestesista e liderança médica no DF.

Em rápidas palavras, Eduardo Pinheiro Guerra é um tipo bonachão de quem é uma delícia ser amigo. Tem histórias e piadas para todas as situações, seja de forma presencial ou pela internet. Entre outras coisas, me impressiona muito sua capacidade empreendedora e voltada para coisas coletivas, o que associa com uma vida pessoal plena do afeto da família e dos amigos. Além de presidente do Conselho Regional de Medicina, foi também diretor de um setor do Ministério da Saúde e Sub Secretário de Saúde do DF. Como se não bastasse, formou-se também em Direito e, depois de aposentado, ainda arranjou tempo para assumir um cargo de assessoria no Ministério Público, além da presidência da Associação dos Produtores do Lago Oeste, onde tem sítio e casa.

No Ministério Público, para mim, ele representa a possibilidade, confirmada, aliás, de que Suas Excelências não cometam os equívocos que volta e meia se vê por aí. Como disse outro Promotor que conheci, este mais lúcido: *gente que levanta à noite para beber água na cozinha e dá uma entrevista, a esmo, quando a luz da geladeira se acende*.

Mas acima de tudo, Careca é um amigo fiel e presente. Tenho com ele muito mais proximidade do que tenho com meus primos Guerra Andrade, tão chegados a ele quanto a mim. Temos uma canjiquinha marcada há mais de um ano, a ser feita por mim. Ela ainda não conseguiu acontecer, mas sinceramente acho que isso é apenas uma boa desculpa para nos mantermos *in touch*.

Em janeiro de 2019 tive oportunidade de não só ficar hospedado em sua casa, como também passear com ele por recantos adoráveis, em sua nova moradia: Braga, Portugal. Acho que ele não voltará mais ao Brasil. É pena, por um lado, mas por outro, cria motivo para estar com ele e Célia em outras oportunidades.

***

Já relatei, naquela *Lição de Anatomia* que abre minha vida de *noviço*, o convite que uma colega me fez para fazer parte de seu grupo de dissecção. Ela era Beth Borges, que cedo e tragicamente nos deixou e um dos convidados, que eu também não conhecia até então, era seu namorado Caio Moreira. Neste grupo eu conheci Eliane, com quem vim a me casar. Beth era linda, seguramente a mais bela das colegas, mas Caio não fazia má figura perto dela, não tanto por sua aparência, apenas mediana, mas pela sua presença e personalidades cativantes.

Ele era um pouco mais velho – coisa de um ou dois anos – do que a média dos calouros da época, mas sem dúvida se impunha pela experiência de vida que demonstrava ter. Tinha nascido em Santa Luzia, bem perto de BH, mas passara sua juventude em São Paulo, onde levara uma vida bastante puxada, entre estudo e trabalho. Já tinha tentado vestibular na USP, sem sucesso, quando veio parar na UFMG.

Caio e Beth faziam o típico *Casal Vinte*. Bonitos, inteligentes, cultos, articulados e, sobretudo, bem relacionados. Possuíam uma liderança verdadeiramente natural entre os colegas. Logo eu e Eliane passamos a fazer parte daquele círculo que eles capitaneavam. Graças a tal proximidade, Caio me convidou, em 1969, a compor com ele e outros dois colegas o time que ia *revolucionar* (assim nós achávamos) o ensino da biologia em um tradicional colégio católico de BH. Contei isso aqui nessas memórias, sob o título *Confesso que fui professor aos 21 anos*. Isso fez aprofundar ainda mais nossa amizade, já que passamos a conviver e trabalhar juntos pelos quatro anos seguintes.

Neste meio tempo, o casal vinte se fendeu. E eu sabia da verdade, havia aparecido alguém no pedaço e Caio se rendera. Era uma mulher mais velha, longe de ser tão bonita como Beth, mas de forte presença e simpatia também. Inês de Castro, era este o significativo nome da recém-chegada. Mas assim como era antes, continuamos amigos do novo casal. Sem abandonar a antiga namorada, Beth, de quem fomos, Eliane e eu, padrinhos de casamento algum tempo depois.

Caio Moreira teve uma carreira médica insólita. Durante todo o curso mostrou forte inclinação pela ciência básica, tendo renunciado à clínica, na qual se destacava, para fazer um mestrado em Parasitologia. E não é que, de repente, dois anos depois, ao defender uma profunda dissertação sobre toxoplasmose, buscou uma nova mudança repentina e inesperada em sua vida, passando a estudar e em seguida clinicar na reumatologia? E foi muito bem sucedido, chegando mesmo a ocupar postos de direção na sociedade nacional da especialidade, tendo se tornado, inclusive, amigo e colaborador direto de ninguém menos do que Pedro Nava.

Perdemos o contato por várias vezes ao longo dos cinquenta anos que nos conhecemos. Mas o reencontro sempre aconteceu e acontecerá. E nossas conversas são retomadas como se tivessem sido interrompidas ainda ontem.

Admiro em Caio Moreira a inteligência, a capacidade clínica, a visão larga da vida, a *bizarria* de quem nunca aprendeu a dirigir carro nem usar telefone celular. Admiro, principalmente, neste cara notável, a quem sempre e ineditamente beijo quando encontro (e sou correspondido), para dizer em palavras simples, a generosidade que faz par com a amizade.

***

Posso dizer que fui apresentado a Karsten e Sylvia Montag, um casal de alemães, por intermédio de nossos cachorros. Creio que isso deve ser uma coisa comum, em qualquer lugar do mundo, dado o fato de que os cães não têm os preconceitos nem as convenções sociais que regem a vida dos seres humanos. E além do mais não têm barreiras lingüísticas, pois latem igual em todas as latitudes e longitudes. Sei até de casamentos – humanos – que começaram assim.

O caso presente se deu em 2015, quando eu fazia a habitual caminhada com Bolt e Princesa, pelo cerrado das Taboquinhas, próximo ao Condomínio Verde, onde moro desde 2011. No caminho havia um casal, e com eles um cachorro, de nome humano e comportamento exemplar, Lucas. No primeiro encontro foram apenas cumprimentos formais, dificultados pela dificuldade de Karsten, menos tímido do que Sylvia, sem dúvida, mas ainda iniciante no português. Os três cães, parece que se deram bem. Mas como o encontro se repetiu, agora só com o marido, já que ele tinha a responsabilidade cotidiana de levar Lucas a passeio, enquanto a esposa ia trabalhar, os papos começaram a fluir, facilitados ainda mais quando me dispus a conversar em inglês, língua que ele domina muito bem, embora eu apenas em regime *half mouth*...

O casal veio ao Brasil devido a um contrato de cooperação técnica, na área de Meio Ambiente, tendo Sylvia como consultora. Antes ela trabalhara em algo semelhante em Portugal e ali aprendeu bom português, desenvolvendo um gracioso sotaque luso-alemão. Karsten veio como marido e acompanhante, o que para um alemão, definitivamente, não é nenhum problema. Antes ele trabalhou na Alemanha com consultor na área de tecnologia de frios, tendo abandonado, pela metade, um curso de engenharia mecânica. Mas a mecânica reside nele, hábil consertador de veículos e de tudo mais que combine metal e eletricidade e que porventura venha a se estragar. No Brasil ele passou a se dedicar a atividades físicas, como natação e caminhadas, destas últimas tendo me transformado em companheiro constante. Nossa cumplicidade cresceu ao ponto de nos freqüentarmos a domicílio e também de esporadicamente fazermos viagens juntos, a quatro.

Ele resolveu a levar seriamente no Brasil, também, sua carreira de escritor, estando já no segundo romance, tendo como tema *science fiction*. Pena que ele escreve em alemão e assim eu não pude ter acesso a sua obra.

Nossas caminhadas, que passaram a alternar a comunicação em português e em inglês, dada sua melhoria rápida e impressionante no domínio do nosso idioma, primam, em primeiro lugar pela constância e pela abundância de assunto. Com efeito, temos percorrido temas que variam desde as curiosidades lingüísticas e culturais de nossos países á questão indígena; da mecânica dos motores a explosão à política brasileira, alemã e européia; do comportamento canino ao estabelecimento de um governo mundial e da economia solidária. Uma pauta realmente ampla, ambiciosa e inesgotável, da qual frequentemente nos rimos, ao constatar que será impossível chegar a qualquer conclusão sólida e realmente eficaz para todas as situações.

Karsten e Sylvia amam o Brasil como poucos de nós brasileiros sabemos fazê-lo. Eu às vezes falo com ele que isso pode ser um problema, pois os impede de serem mais críticos. *Você pensa como um alemão; eu como um brasileiro*, às vezes lhe digo, para justificar meu pessimismo com este país infeliz que nós temos.

No momento em que escrevo, os desígnios do casal são os mais promissores e ainda os fazem mais queridos. Estão se preparando formalmente para adotar um brasileirinho, com preferência para a cor negra ou parda e idade em torno de oito anos. Sylvia conseguiu um prolongamento de seu contrato por mais dois ou três anos. Estão também querendo comprar um terreno na Chapada dos Veadeiros para ali montar uma pousada, no futuro. Karsten exulta visivelmente

cada vez que se dá conta que seus laços com o Brasil estão se estreitando. Já me disse mesmo que, se depender somente de si, pretende morar aqui para sempre

Tudo bem, admito: pensar como um alemão também pode ser boa coisa. Mas *brasileiramente*, acima de tudo, devo admitir que esta amizade tem me enriquecido muito, me tornando cada dia mais culto e informado, sabendo até mesmo apreciar com menos preconceito este pobre país em que nos é dado viver.

Mas como a vida dá voltas, *Herr und Frau Montag* cancelaram os planos de adoção, de aquisição de bens e mesmo de permanência no Brasil. Voltaram para a Europa em 2018. Um ano depois pude visitá-lo, naquele momento em solidão completa, já que Sylvia havia retornado à Alemanha, em um camping na Praia do Amado, Vila do Bispo, Algarve, Portugal. A sensação é a de que dificilmente nos encontraremos novamente. Mas, e daí?

***

Eu o conheci através de uma apresentação formal, feita por um primo dele que já era meu amigo. Logo pude saber que era médico, como eu, embora mais velho; natural da terra e de família tradicional de Uberlândia; formado no Rio de Janeiro e que passara mais de vinte anos fora da cidade, trabalhando no interior de São Paulo, e que agora voltava, para continuar a clinicar, como ginecolo-obstetra em um dos hospitais da cidade, onde já tinha amigos e parentes médicos. O que eu não fiquei sabendo naquele momento é que ele tinha aspirações políticas, ainda não totalmente reveladas na ocasião, mas confirmadas para mim algum tempo depois.

Eu o revi apenas dois anos depois em reunião que já mencionei aqui, na sede do Bispado da cidade, tendo como anfitrião D. Estêvão Avelar, um dominicano atrevido, visado como inimigo pela ditadura, que corria solta na época. Preparava-se, então a campanha da Fraternidade de 1980, cujo tema era a saúde. Éramos dois médicos apenas no evento: ele e eu. E, ao final das conversas com o Bispo, ele veio conversar comigo, se dizendo bem impressionado com as coisas que eu tinha dito pouco antes e então me revelou que seria candidato a prefeito nas próximas eleições, daí a dois anos e que, se ganhasse, ele gostaria que eu fosse seu secretário de saúde.

Isso me deixou, não sei se lisonjeado ou curioso, dada tanta ousadia e até mesmo, eu diria, certa presunção, daquele sujeito, até então um ilustre *outsider* na política local. A ele eu me ligaria política e afetivamente mais tarde, pois de fato ganhou aquela eleição que parecia completamente impossível dois anos antes, fazendo de mim um interlocutor até certo privilegiado. Pela primeira vez na minha vida eu me aproximava de um político.

Zaire Rezende é o nome de tal homem. Ganhou a eleição de 1982, disparado, na frente dos demais candidatos, em uma campanha que ocorreu de casa em casa, de ouvido em ouvido, como pouca grana, como nunca antes acontecera na cidade. Teve o apoio da Igreja Católica, pois era um praticante fiel, ligado aos movimentos mais liberais da Santa Madre, e também aos sindicatos, aos mais pobres, além da comunidade universitária. Os uberlandenses tradicionais, não apenas os mais ricos, torciam o nariz, claro, mas o homem empolgou de verdade o eleitorado. Seu segredo era um grande carisma e, mais importante, a quantidade de gente que ele conseguiu acessar na base de “olhos nos olhos”. O dito comum era o de que, quem conversasse com ele sairia convencido. Eu mesmo, apesar da desconfiança anterior, já fora inteiramente magnetizado.

Ele era um Rezende, família importante na cidade, com muita gente rica e outros nem tanto. Seu pai era um fazendeiro tradicional, que lhe deixou terras de herança, que a política cuidou

de dispersar mais tarde – mas isso é outra história. Sua passagem pelo interior de São Paulo se deu no contexto da formação de grupos médicos progressistas e sintonizados com o ideal cristão das Comunidades Eclesiais de Base. Foi médico em duas cidades, a última delas São Sebastião, onde tinha sido vereador, ligado ao grupo democrata-cristão de Franco Montoro.

Teve sete ou oito filhos, com a esposa, Neusa, companheira solidária de suas andanças e aventuras. Vi nele desde o início um homem atencioso, calmo, portador de um olhar realmente diferenciado e dedicado a seus interlocutores. Assim ele era não só em família, como também com eleitores, servidores da Prefeitura, colaboradores, membros do partido. Muitas vezes creio que pagou duramente por isso, pela incompreensão que um homem público sofre, até mesmo (ou principalmente?) quando é honesto e justo. Em sua primeira visita a minha casa, meus gêmeos Mauricio e Fernanda, que tinham quatro anos de idade, o rodearam curiosos e em poucos minutos já tinham se instalado, sem nenhuma cerimônia, em seu colo. Acho que isso ilustra bem a matéria de que Zaire é feito.

Ele procurou fazer um governo ambicioso, criando na política da cidade muitas coisas novas, sob um lema que ele respeitava e acreditava com sinceridade – *democracia participativa* – resistindo brava, ou melhor, suavemente, às investidas críticas de gente que queria pulso mais forte com a população, dentro e fora do governo – às vezes mais dentro do que fora. Foi a primeira vez que a cidade teve secretarias destinadas à saúde e ao meio ambiente, por exemplo. Na saúde colocou um sanitarista; na educação, um educador; no meio ambiente, um ambientalista; na cultura, uma professora de literatura. É claro que na vala comum dos maus governos também tem exemplos assim, mas naquele momento, principalmente nos primeiros quatro anos de gestão, acho que fizemos mais do que em todo um século anterior.

A eleição para o sucessor foi perdida, em parte porque a figura escolhida tinha a cintura e a simpatia pessoal dignas de um poste. E forçosamente o contraste como prefeito que saía (não havia segundo turno na época) era inevitável. Mas aspectos culturais também pesaram certamente, por exemplo, aquilo que me disse um frentista de posto de gasolina para justificar seu voto "nos outros", a oligarquia da cidade: *uai, eles fizeram o Camaru...* Tal obra era um centro de exposições de gado e máquinas agrícolas, construído na administração anterior à nossa, com grande consumo de recursos. Mas para aquele gasolineiro era "a obra".

Seu segundo mandato, entre 2001 e 2004 foi mal-sucedido por inteiro, já dentro de um quadro político muito adverso, marcado por uma estratégia de *coalizão* e de verdadeira obsessão precoce com a sucessão, já em regime de dois turnos. Foram criadas secretarias em excesso, a crise fiscal mordeu fundo na carne, os aliados se mostraram pouco confiáveis e já na metade do mandato não se pensava em outra coisa a não ser nas eleições vindouras. Zaire se candidatou, contra a minha opinião e de outros secretários e assessores, acabando colocado em posição totalmente desonrosa naquele pleito.

Na época eu disse para ele: *você já tem realizações perfeitas na vida: dois mandatos de prefeito, dois de deputado federal, duas décadas de carreira médica bem-sucedida, uma geração inteira de família bem criada... Por que não deixa a política e vai curtir a vida e criar sua filhinha mais nova?* Não adiantou nada. Ainda insistiu em ser candidato a vice-governador em chapa do PT (ele sempre foi PMDB, ninguém é perfeito) e mais uma vez foi derrotado, tendo sido antes abandonado pela própria *companheirada,* que certamente o tinha como estranho no ninho.

Como herança da prefeitura, carregou uma série de processos judiciais por *improbidade administrativa*, aos quais respondeu penosamente por uma década inteira, tendo perdido grande parte do patrimônio que recebeu do pai. Isso é o de menos... No Brasil de hoje os tais

processos abertos sofregamente pelos luminares do Ministério Público às vezes servem apenas para comprovar que o gestor acusado tentou fazer as coisas acontecerem. Se servir de consolo, a mim ou a ele, também fui alvo de um dos tais processos, e faço narrativa disso em outro capítulo destas memórias.

Zaire resumido em uma única frase: *um homem que não precisa de fazer força para ser bom*. Ele foi sempre naturalmente *bom*, sem qualquer esforço ou demagogia, valendo isso para a família, para a política, para administração, para os amigos.

***

Nas férias de final de ano de 1967 fui conhecer a família de Eliane, que eu namorava desde o mês de outubro anterior, em Volta Redonda, onde moravam. Fui bem recebido, embora com a cautela e a reserva que uma boa família meio mineira, meio fluminense, mas totalmente interiorana, deveria exercer para receber um candidato a genro. Lá estive por três ou quatro dias, fizemos passeios, proseamos um bocado e tudo teria ficado sem maiores marcas, para mim, não fosse um dos irmãos, Jorge, que não passava de seus 10 anos na época, ter me contemplado com grande atenção, me acompanhando e puxando conversa a todo momento.

Algum tempo depois, com a família já residindo em Belo Horizonte, eu já casado com a irmã, a proximidade com ele só aumentou e acho que tive a oportunidade de ser carinhoso e compreensivo com um garoto que primava por comportamento considerado fora do padrão, embora nunca tenha cometido faltas exorbitantes. Jorge era pura emoção, tudo nele contentava ou machucava mais do que aos outros. Numa família de seis irmãos, como se sabe, a regra é manter a regra – e nisso Jorge realmente era um tanto insubordinado.

Mais tarde ele foi morar comigo em Uberlândia. O juízo já tinha chegado, mas ele sempre acrescentava umas pitadas diferenciadas ao seu peculiar modo de levar a vida. Não posso dizer que ele fosse um mulherengo vulgar, mas tinha um visgo ao qual aderiam, rendidas sem apelação, quase todas as garotas que lhe passassem por perto. Bonito, ele? Quase... Belos cabelos pretos, olhos um tanto amendoados, estatura alta. Porém, quando abria a boca logo se fazia notar uma fileira dentes bastante desalinhados, que ele exibia sem pudor em risadas homéricas e fáceis, mas de repente até isso compunha seu charme. Numa de suas paqueras, logo que chegou a Uberlândia, pediu-me emprestado o carro para um rolê com a gata (a qual, aliás, era minha secretária na Prefeitura). Eliane, do alto de seu juízo impecável, foi contra, mas eu, que já era inteiramente seduzido pelo sujeito, não fui capz de negar. E não deu outra: no dia seguinte ele veio me mostrar, bastante constrangido, um belo amarrotado na lataria da camionete, resultado de um atropelamento por ele cometido. Nada de muito trágico: a vítima (que aliás escapou aos pinotes) era uma vaca. Até aí nada de mais; a questão é que isso tinha acontecido em uma rua central da cidade, pela qual talvez há décadas não houvesse mais trânsito vacum. Como assim? Não sei... Coisas que só acontecem com um cara como ele, que tem a manha de ficar ainda mais querido depois de um incidente como este.

São incontáveis suas histórias hilárias, mesmo quando se armam como verdadeiras trapalhadas. Mas é nisso que se revela outra faceta especial de Jorge: ninguém sabe rir de si mesmo como ele. Aliás, para ser justo: ninguém conta piadas como ele, mesmo quando, como faz habitualmente, ele seja o primeiro a rir das mesmas e o faz, como se diz, “de orelha a orelha”, com os dentes mal perfilados e tudo.

Separei-me de Eliane em 1987. Aliás, “separar” é modo de dizer, porque é impossível separar verdadeiramente de alguém que nos deu três filhos. A convivência mais distante com ela não se

estendeu aos nossos filhos, claro, e de certa forma também a Jorge. Já nos visitamos diversas vezes, seja em Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e mesmo no Moinho, reencontros abrilhantados, nos últimos anos pela presença de Fafá, pessoa lindamente especial e altamente sintonizada com tal companheiro. E a cada vez a conversa é retomada como se tivesse sido interrompida apenas na véspera.

Jorge, para mim, tem o valor de um grande amigo, mas acima de tudo de pessoa que dispõe – e empresta – um astral extraordinário, estratosférico por onde anda ou pára. Falo por mim e por meus três filhos, seus sobrinhos: Daniela, Mauricio e Fernanda, todos eles fãs incondicionais daquele a que chamam carinhosamente de *Tibas* – apelido que, aliás, fui eu quem inventei para ele. Salve Jorge!

***

Mas há outro Machado Guimarães em meu acervo de grandes e inesquecíveis amizades: Sérgio, o irmão mais novo de Eliane e Jorge. Caçulissimo, aliás, nascido mais de 20 anos depois da irmã mais velha e pelo menos 10 depois de Jorge. Tive contato com ele mais amiúde do que com os demais irmãos, pois além de dia a dia em BH, enquanto morávamos lá, ele era companheiro inseparável nas idas anuais a Guarapari e mesmo em visitas em Uberlândia.

Menino vivo e curioso, daqueles que, sem perder o viço da infância, gostam de se aproximar dos adultos e com eles interagir ativamente, seja para fazer perguntas, dar palpites ou simplesmeme para estar por perto. Seus palpites, mesmo marcados pela ingenuidade infantil, creio que eu os recebia muito bem, pois via naquele garoto, desde o começo, uma graça e uma inteligência insuperáveis. Sempre gostei dele, de verdade.

O auge da interação com tal personagem se dava na Praia do Perocão, em Guarapari, onde Eliane e eu tínhamos casa e fazíamos excursões anuais. Aliás, diga-se de passagem, como fomos felizes alí, apesar das muriçocas, das rotinas de manutenção da casa sempre exigentes e negativamente surpreendentes, dos furtos ocasionais. Mas ali vi Daniela, Fernanda e Mauricio, além do tio Sérgio, um pouco mais velho, crescerem e, mais do que isso, formarem personalidade própria a cada ano que passava. Depois findou, para nunca mais, mais deixou lembranças – coisas findas, muito mais que lindas, aquelas que ficarão, como disse CDA.

Sérgio já era na infância e na adolescência e, aliás, continua sendo, o que poderia ser chamado de um curioso profissional. Ele se interessava por tudo, da psicologia individual aos grandes problemas do mundo. Tinha desde a infância ideias de esquerda, sendo radical nos seus conceitos de igualdade e de democracia, e eu via que ficava incomodado quando eu falava da União Soviética como mais uma ditadura no mundo. Estávamos na ditadura brasileira e ele certamente pensava que nada poderia ser pior do que o que via em seu país. Mas mesmo me contestando nisso e também em outros assuntos, nossa conversa sempre rolava em regime de total sintonia e respeito. Aliás, se há uma lembrança preciosa daqueles tempos era a do respeito que ele tinha pelo meu conhecimento, coisa que nem sempre tive dos meus alunos nos muitos anos em que fui professor, salvo exceções.

Para traduzir em poucas palavras a minha admiração por este Tiradentes querido, formado dentista, avesso a dirigir automóvel, mas que sabe tudo sobre História e creio que tem até carteirinha de especialista, frequentando congressos da área mesmo fora do Brasil – para dizer dele, de maneira curta: pude vislumbrar nele (e com ele aprender) sobre os filhos adolescentes que vim a ter mais tarde.

Antes que me esqueça, sou responsável, também, assim como no caso do Jorge, pelo apelido carinhoso com que meus filhos o tratam até hoje: *Tussas*. Surgiu assim: quando pequenos eles o chamavam de algo que me soava como *Tu'Sérgio*. Daí ao apelido definitivo foi um pulo.

ELAS

Março de 1987. Para o movimento de Secretários Municipais de Saúde, time do qual eu fazia parte desde 1983, grandes coisas se anunciavam. Já havia uma acumulação de vontades, formada ao longo dos anos anteriores, conforme eu descrevi em meu livro *Municipalização: Veredas* (do qual não tenho mais um exemplar sequer...) e agora íamos nos encontrar em Londrina, cidade que sempre teve um papel importante no desenvolvimento das ideias em saúde, pelos nomes de destaque que se abrigavam na Universidade Estadual que tinha a cidade como sede. Bela cidade, aliás.

Algumas semanas antes do encontro, dentro do clima de articulações políticas que já se mostrava no horizonte, recebi a visita, na SMS de Uberlândia, do meu colega Secretário em Cuiabá, Julio Muller, figura que já se mostrava notável no panorama de então. Coisas daquela era primitiva: Julio tinha ido pessoalmente a Brasília buscar um veículo destinado às atividades sanitárias de sua cidade. Ele preferiu ir assim, de corpo presente, ao invés de mandar um emissário, talvez porque temesse ser enganado pelos burocratas da Saúde. Mas o mais curioso era a natureza de tal viatura: um furgão para apreensão de cães, ou seja, a famigerada carrocinha. Julio gentilmente me disse que queria conhecer o meu trabalho, do qual ele já tinha ouvido falar em sua cidade. Dupla honra, receber alguém que já tinha ouvido falar do que fazíamos e, além do mais, ser esta pessoa um gestor de saúde em uma capital.

Trocamos então muitas ideias foi sobre o dia a dia da gestão municipal de saúde, mas de Londrina, ou do movimento político municipalista que se esboçava aqui e ali, conversamos bem pouco

Mas o melhor ainda estava por vir. Ao final, meu novo amigo me disse que uma pessoa de sua assessoria iria me ligar, para que eu lhe passasse diretamente algumas informações e documentos. Tudo via telefone e ECT – naquele tempo não havia internet, não é demais lembrar.

Os dias se passaram e eu já havia até esquecido de que haveria um contato quando ele aconteceu. Do outro lado da linha alguém me falava de Julio e das informações que eu havia prometido providenciar. Aquela voz feminina, educada, pausada, sem deixar de ser calorosa, me deixou mobilizado (à falta de outra palavra...). Dediquei-me, por algumas horas (ou foram dias?) a tentar imaginar como seria a dona da voz: alta, baixa, loura, morena, feia, bonita... Ela me deu um indicativo que me foi marcante, ao dizer que também estaria em Londrina daí a alguns dias e que eu poderia levar tais documentos que eram tão desejados em Cuiabá para serem entregues pessoalmente a ela ou Julio.

E fui para Londrina. Depois de algumas horas circulando no salão onde ocorreria a abertura do congresso de SMS à noite, pude ver Julio de novo e com ele a dona da voz. E ela era uma pessoa das mais significativas. Uma mulher morena e alta; cabelos curtos; expressão doce; afável; nada tímida, sem deixar de ser recatada; uma daquelas pessoas que conversam com você olhando nos olhos. Em uma única palavra: eu achei aquela mulher magneticamente linda! E ainda possuía aquela voz, grave e calorosa, meu Deus...

Pausa necessária: eu era casado – e bem casado – naquele momento, embora o casamento passasse por algumas turbulências naturais para quem estava junto havia quase vinte anos e

que, além do mais, estava em meio a uma penosa construção de uma casa monumental, que consumia nossas energias durante nada menos do que três anos. Enfim, um daqueles momentos em que o diabo espreita, do meio do redemoinho. Mais tarde, ainda no mesmo dia, descobri que a dona da voz tinha também um matrimônio sólido. E mais, que o seu marido era, simplesmente, uma altíssima autoridade no estado de Mato Grosso.

Mas a verdade é que, nem em sonhos delirantes eu poderia imaginar o desfecho daquilo tudo.

E já naquele preâmbulo da reunião, entabulamos conversação, primeiro sobre as questões oficiais que nos haviam mobilizado nos dias anteriores. Depois, a vida, aí incluído filhos, famílias, sonhos, aspirações, posições políticas, gostos musicais e literários. Tudo sem qualquer esforço, como se um vasto menu de temas de conversa se desenrolasse para nós diretamente de uma outra esfera, misteriosa e benfazeja. O desfecho de tal tarde foi apenas o previsível, o de nos encontrarmos daí a algumas horas, uma vez encerradas as atividades de abertura do encontro, para retomarmos a conversa interrompida. E tal ajuste aconteceu durante uma pequena caminhada, junto com outras pessoas, todas abrigadas no mesmo hotel. Éramos uma dúzia ou mais naquele passeio, mas quem contava de fato era apenas ela e eu; eu e ela. O resto parecia não existir.

E isso foi apenas preâmbulo da noite, mas inteiramente superado por esta.

Depois do bla-bla-bla de abertura fomos, em grande penca, para uma casa noturna, com comida, música ao vivo e principalmente bebida. Para mim e para ela o que ocorreu foi a conversa que sobreveio; o resto, beber, comer, ouvir, foi apenas pano de fundo. E conversamos desbragadamente, noite a dentro. Acho que uma ou duas vezes dançamos, separados, olhos que procuravam olhos, mas sem fixar. Pois quem mandava ainda era o pudor.

Procuramos um canto mais afastado, uma espécie de jardim interno, para que a conversa não fosse perturbada pelo ambiente ruidoso. Não havia qualquer intenção de pecado nisso. O maravilhamento era total e nossos olhos estavam postos uns nos outros, sem outra querência que não fosse a de captar cada palavra, cada gesto, cada piscadela ou arregalo, cada sorriso. Encantamento! Eis que encontro a palavra que descreve aquela mágica da qual éramos personagens felizes e assustados.

O fim da noite não foi o previsível, mas talvez tenha sido ainda melhor. Já amanhecia o dia quando finalmente saímos, em turma, como ali chegamos, todos ou quase todos se dirigindo ao mesmo hotel. A logística nos era impiedosa: ela tinha companhia no quarto e eu idem. Um café da manhã no próprio hotel foi o que pensamos para encerrar a noitada, já que agora o dia era feito. Mas o restaurante ainda não estava aberto e nos foi oferecida, como compensação, a possibilidade de mandarem o café no quarto. E assim foi feito. A situação era prosaica: sentados na cama, frente a frente, quatro pessoas, os dois personagens centrais desta história e seus respectivos acompanhantes de quarto, sorvendo um mísero cafezinho. E só.

Eu empolgado lhe falei de uma música de que eu gostava intensamente, cuja letra dizia: *clareia manhã, o sol vem apagar a clara estrela,* a qual trauteei desajeitadamente, tudo bem, mas sem esquecer que os desafinados trazem também no peito um coração. Quando chegou a hora do verso que dizia *loucos de paixão*, creio que tive consciência – talvez ela também – que a brincadeira parecia estar indo longe demais...

E nos despedimos logo em seguida. Para sempre ou apenas por algum tempo mais? Naquele momento era impossível saber.

O destino quis que o desfecho dessa história se desse apenas dez anos depois. Mas seus ecos ainda se fazem sentir no momento em que escrevo estas linhas, passados exatos trinta anos daquela jornada em Londrina.

***

Falo de acontecimentos que não tiveram como ser totalmente vividos, pelo menos da maneira que as histórias de amor devem sê-lo. Nossos encontros, com efeito, eram furtivos e o mundo ao nosso redor jamais pôde saber de nada do que se passava entre nós. Mas foi tudo muito profundo e avassalador.

Um dia, anos depois de tudo ter começado, por alguma razão, talvez por estar com a saúde um pouco abalada, pus-me a refletir sobre as coisas que me haviam marcado a vida. Assim, concluí que no capítulo das pessoas, havia uma especial, que me influenciou existencialmente, além de exercer um papel até então exclusivo: o de ser alguém a quem amei de verdade e de forma continuada, ilusões a parte...

E eu pensava se teria sido capaz de ser sempre inteiro e atento por onde andei e com quem me relacionei, já que me sentia a vida marcada pelo ímpeto e pela inquietação. Via assim, quando olhava para trás, que nem sempre me fora possível estar consciente de tudo o que me acontecia e seus desdobramentos, ou de assumir condutas adequadas, do ponto de vista afetivo, profissional, ético etc.

E prossegui, de forma autocrítica, pensando especificamente no campo profissional, onde se por um lado havia acumulado muita experiência, por outro não deixava de me sentir como um médico, professor, gestor, técnico que pulava de um galho a outro, antes que encerrassem os ciclos das experiências que vivenciava. E arrematando: na vida afetiva, então, nem se fala...

E me ative a um aspecto particular dessa minha inquietude crônica, relativo a algo de que não me curara e que me causava forte arrependimento, um sentimento que, eu pressentia, talvez me acompanhasse pelo resto de meus dias. Eu pensava, então, nela, aquele especial e verdadeiro privilégio que a vida me oferecera e do qual eu nunca pudera ou não conseguira desfrutar de forma inteira. Pensava em coisas que foram marcadas por circunstâncias terríveis, frente às quais, assumia a culpa de ter faltado a mim a coragem necessária, principalmente quando me lembrava que a pessoa que representava a materialização de tal privilégio fora repetida vezes afastada por mim.

E esta pessoa, em sua generosidade peculiar, mas certamente dotada da percepção consciente (que eu próprio não tivera de forma tão intensa) de que o que vivíamos era realmente algo inédito, raro e profundamente iluminador, sempre me acolheu de volta. E mesmo que se passassem meses ou até anos entre um momento de aproximação e outro, cada encontro ou reencontro sempre se fazia como se fosse o da primeira vez, ou, pelo menos, como uma conversa que tivesse sido interrompida em sua melhor parte, mas apenas no dia da véspera.

Sempre tivemos encontros e desencontros. Cada retorno talvez representasse o risco de revolvimento de cinzas, que seria mais lógico estarem apagadas. Ou, quem sabe, de abrie certas caixinhas de conteúdo já conhecido, mas cujo vazamento seria, como sempre foi, imprevisto, para o bem ou para o mal. Mas o que seria, de fato, o *bem* e o *mal* nessa história toda?

E eu lhe escrevi, um dia, para dizer de tudo que andava pulsante em mim, ou, poeticamente, *com a tinta das lembranças mais doces que a vida me ofereceu – e olha que não posso me*

queixar das muitas benfeitorias que recebi em toda a minha existência. *Sinto pulsar ainda em mim, como antes, os disparos do coração, tantas e tantas vezes, sendo nós dois aquelas pessoas certas em lugares idem, quem sabe em um tempo errado?*

Ter estado com ela representou sempre para mim uma sucessão de imagens gratificantes, às vezes ternas, às vezes abrasadoras, às vezes assustadoras. Mãos frias, lágrimas, coração a galope, toques de cotovelo, olhares, dedos entre dedos, pele, cheiros, procuras, comedimentos que se abriam em torvelinhos – tudo isso e mais alguma coisa. Nós dois, raramente a sós, em tantos e diferentes lugares. Uma cena particular, forte: a gente se amando em minha casa e lá fora caindo a primeira chuva do ano. Um bom vinho e sua música predileta no som da cabeceira. Ou então, daquele banho quente, juntos em espumante banheira, à luz de velas...

O que sempre lhe pedi e fui correspondido, sem limites, foi que me dedicasse o carinho e a generosidade de sempre, me acolhendo para conversas a sós, sem hora de acabar, mesmo quando não nos víamos meses ou mais de ano. Seria supérfluo lhe pedir, pois ela jamais o fazia, que não seria necessária uma resposta às minhas mensagens escritas, mas que não me negasse o privilégio que lhe pedia para conceder. E, principalmente, que me recebesse e me ouvisse, com o afeto de sempre, para entender melhor as coisas que me passavam pelo coração. Quando não fosse para fazer, mais uma vez, aquilo em que éramos dois mestres consumados: a arte da boa conversa, o fluir da inesgotável luz que sabemos provocar, o sentimento que todo o Universo se resumia e se concentrava em duas pessoas únicas e especiais, pelo menos na curta duração daqueles momentos extraordinários.

Quanto amor, quanta paixão e, por incrível que pareça, tanta certeza em todos esses momentos que estivemos juntos! Não poderia me queixar das coisas que a vida me deu, com efeito. E eu me perguntava o que fazer disso tudo, dessa bagagem, desse patrimônio amoroso e afetivo tão raramente acumulado entre as pessoas? Carregá-lo apenas na gavetinha mais escondida das minhas e das nossas lembranças? Cada um cuidando do seu pedaço? Assumir, de uma vez por todas que, como dizia o poeta, “as coisas findas, muito mais que lindas, que ficarão”? Ou então perseguir, de alguma forma, a utopia da permanência de tais coisas lindas?

Não tenho e nunca tive resposta para tantas perguntas... E mais esta ficou sem ser respondida: foi justo sufocar sentimentos sendo a vida tão curta e tão dura?

“Com todo o meu Amor por você e pela nossa história” assim encerrava minhas cartas.

Recebi dela, em todo tempo que nos relacionamos, uma única mensagem escrita. Sua leitura me dispensa de dizer qualquer coisa mais.

Nem anjo nem demônio, você mesmo. Muitas vezes doce, outras severo. Sempre com opinião sobre tudo. Sabe dizer a vida em versos sempre que alguma coisa desata seu coração. Recebe com coração e comidinha quente. Tem a casa iluminada na medida certa, nem mais nem menos do que o necessário para se ver o essencial. Sabe guardar as relíquias da vida na memória, que pode ser reativada sempre que a saudade traz lembranças gratificantes. Enfrenta o desafio de "resignificar" a rotina e os pequenos detalhes da vida. É este homem que gosto. Beijos.

Mas a vida real falou mais alto.

Não podendo nomeá-la de forma frontal, dei a ela um nome apropriado, de deusa grega: *Atheneia*.

***

Quem não se lembra do Cine Academia em Brasília? Ali era possível ver bons filmes, ouvir boa música ao vivo, tomar um café ou um drink honesto, encontrar pessoas. Como nada é perfeito, o proprietário era um conhecido trambiqueiro e devedor da Previdência e seu estabelecimento acabou sendo fechado para pagar dívidas com o Estado, mas mesmo assim deixou saudades em muita gente – o lugar, não seu dono. Eu próprio me senti na orfandade.

Sempre gostei dos vários itens ali oferecidos, particularmente dos filmes, mas no quesito "pessoas" ali colhi também ótimas lembranças, uma delas muito especial.

Uma noite de maio de 2008 eu fui ao Academia pegar um cineminha. Sozinho, pois este era o meu estado assumido prazerosamente na ocasião. Comprei meu ingresso e aproveitei o tempo que ainda faltava para o começo da sessão para folhear a esmo alguns livros na livraria que lá existia. Eis que ela apareceu...

Como eu manuseava um exemplar qualquer, já chegou e me perguntou, sem maiores preâmbulos: *você já leu?* Não eu não tinha lido, mas aquilo era uma ótima deixa para prosseguir a conversa com aquela mulher de uns cinquenta anos, vistosa, bem vestida e que me pareceu bem comunicativa, o que logo se confirmou, aliás. Pegamos uma conversa sobre literatura de imediato e fiquei bem impressionado com o leque de referências que ela tinha, em termos de leituras, mas amplas do que as minhas, diga-se de passagem. Mas mesmo assim me ouvia com atenção.

Ato contínuo, ela me perguntou que filme eu iria ver. Ou fui eu que indaguei a ela, não me lembro mais. O fato é que o "meu" filme não era o mesmo dela o qual, aliás, eu já tinha visto. O passo seguinte, dado por ela, me encantou: *espere que vou tentar trocar meu ingresso para ver este filme que você vai ver também.* Em poucos minutos estávamos sentados, lado a lado no escurinho, sem que eu ainda soubesse sequer o nome dela ou qualquer outro tipo de informação. Mas sem dúvida, era uma companhia agradável e havia reciprocidade, pelo que eu percebia, de tal maneira que deixamos rolar a aquela insólita proximidade, sem perder a oportunidade de comentar passagens da fita com os rostos quase colados, em sussurros, para não perturbar os demais espectadores. Boa química interpessoal ali se anunciava, mas naquele momento não passou disso, eu juro.

No final da sessão, cumpriu-se um ritual conhecido e previsível: *que tal se fôssemos beber algo e conversar mais sobre o filme*? Não era só isso, claro, que nos interessava já naquele momento. E fomos a um recém inaugurado café da Asa Norte, onde éramos os únicos fregueses, e por ali fomos ficando até que deu hora de se fechar a casa. É claro que, na despedida, novo encontro foi marcado, de forma totalmente espontânea e recíproca. E afinal não haveria, absolutamente, alternativa diferente para os dois recém conhecidos.

Daí ao enamoramento, ao primeiro beijo, às carícias ainda tímidas, mas promissoras, foi um passo bem curto. No final da primeira semana já estávamos íntimos. Um passeio na Livraria Cultura, com compras duplas em profusão de livros e CD, selou, simbolicamente o novo estatuto que entre nós se estabelecia. E só havia certeza e felicidade naquilo tudo.

Viver momentos tão felizes, logo vimos, era apenas uma parte de um todo. Nós dois éramos criaturas desgastadas por relacionamentos mal escolhidos e mal sucedidos e aquele encontro parecia nos trazer, realmente, as chaves do Paraíso.

Nas semanas seguintes acabei de conhecer a médica famosa, a empreendedora, a mulher de espírito indomável, a criadora de um método de trabalho, a líder social. Cidadã honorária de Brasília, um título nunca me parecera tão justificado e isento de cargas politiqueiras como no caso dela. Respeitadíssima em toda parte que íamos, onde eu era apresentado sem maiores rodeios como o companheiro, com todo carinho e certeza.

Certezas, certezas, certezas...

Logo me incluiu no seu círculo de amizades. A um almoço semanal em sua casa, reservado às pessoas de quem realmente gostava, fui logo incorporado, com importantes companhias, inclusive do ex-marido, sujeito notável, que logo se tornou meu amigo. O que mais eu poderia querer?

E foi ainda com uma frase como esta na mente – o que mais poderia querer? – que vi meu sonho começar a ruir. Participar do cortejo daquela Deusa era coisa para fiéis iniciados. E eu era um tanto gentio, ou profano, pouco afeito a rituais laudatórios em torno de alguém. Comecei a perceber que aquela dama não tinha apenas amigos, tinha seguidores, fiéis, escudeiros. E foi assim que um dia a cobrança me chegou, taxativa: eu não estaria demonstrando de forma suficiente e acreditável que Sua Divindade fosse realmente uma idéia e um símbolo significativos para mim.

Ela queria uma definição cabal. Eu me calei. E quando me dei conta, *de repente, não mais que de repente, fez-se de triste o que se fez amante e de sozinho o que se fez contente; fez-se da vida uma aventura errante*, como já tinha dito Vinicius de Moraes...

Tudo durou apenas dez meses, mas valeu a pena.

***

Primeira semana de aulas na Faculdade de Medicina da UFMG. O ritual era de que os calouros doassem sangue. Eu lá fui e vi, na maca ao lado, a linda figura de uma moça de cabelos longos e escorridos, óculos de míope, meio no estilo gatinho e um narizinho levantado, que de outra forma me teria passado como defeito, mas que naquele caso específico, definitivamente não. Ela também recém aprovada no vestibular, tal como eu, mas eu a via pela primeira vez.

Mas em breve nos encontraríamos novamente. Fui convidado por uma colega a participar do grupo de dissecção que estava sendo formado para a disciplina de anatomia, no qual já estavam dois ou três colegas meus de colégio e mais uma quarta pessoa, que até então eu só conhecia de vista – a citada doadora de sangue. Chuva na horta! Foi assim que a conheci, recém-chegada de uma cidade do interior e admitida no primeiro vestibular que tentou. *Gênia* verdadeira, nem precisou de passar pelo Colégio Universitário, como eu! Conversa vai, conversa vem, bisturi pra cá, tesoura e pinça pra lá – em poucos meses estávamos namorando.

Assim, de forma um tanto macabra, nos demorávamos à beira daquele corpo morto, aparentemente preparando o terreno dissecado para a jornada seguinte, mas na verdade pelo simples gosto de ficarmos até mais tarde em singular colóquio, tendo a morte como testemunha. Nessas ocasiões, o professor responsável pelo anfiteatro, ao nos ver, brincava: *isso ainda vai dar em casamento*. Falava com a voz da experiência, pois nos dizia ter visto muitos matrimônios terem por testemunha inicial exatamente um cadáver, como no nosso caso. E deu em casamento mesmo, quatro anos depois.

Mas antes disso vivemos o que a juventude dos anos sessenta viveu, embora considere que estávamos um pouco atrasados. Revolução sexual, por exemplo, não rolou para nós. Casamos virgens, ela totalmente e eu mais ou menos... Drogas não era a nossa praia. Eu tinha conhecido a marijuana em uma viagem aos EUA, mas ela sempre resistiu, alegando não saber tragar. Um lança-perfume, vez ou outra, era permitido. Papos cabeça, como era moda na época, não nos pegaram muito, pois padecíamos de certa objetividade – nosso negócio era formar logo, sair para a vida. Ah, sim – e casar. Afinal era preciso nos libertar dos grilhões familiares, embora isso para ela não trouxesse a carga negativa que tanto me afetava. Mas era terrível não poder viajar juntos, sair sem destino e sem ter hora de voltar, experimentar umas substâncias diferentes, contrapor à ditadura, *make love*, coisas que naquela ocasião todo mundo de nossa geração fazia.

Com vinte e dois anos já éramos independentes de nossas famílias, eu dando aula em cursinho; ela com bolsas de estágio que conquistava num piscar de olhos. Era competente a danada... Daí a casar foi um pulo. Com vinte e três fomos ao altar e começamos uma vida de muita tranqüilidade e amorosidade, que durou vinte anos no total. Uma história exemplar que tinha tudo para ter um final feliz.

Compartilhamos o gesto corajoso de mudar de cidade, abandonando a BH que já nos oferecia tantas oportunidades. Mas fomos para o interior e disso, eu pelo menos, nunca me arrependi. E as demais coisas vieram na sequência previsível, um filho, três filhos; construção de uma casa, outra casa; um sítio, uma fazenda; viagens pelas três Américas; um patrimônio material e simbólico sendo erguido com prudência e solidez. Casal mais bem sucedido, impossível.

O final feliz tão augurado não veio. Mas no lugar dele, vinte anos de somas. Como disse Guimarães Rosa, *fomos felizes e infelizes, misturadamente*.

Passados tantos anos reafirmo o que para mim nunca deixou de ser clara certeza: mulher extraordinária esta que comigo esteve! Não sei se a perdi de fato, pois minha admiração por ela nunca se arrefeceu (embora saiba que a recíproca não seja verdadeira). Em todo caso, temos três filhos em comum – e agora três netinhos.

É a vida...

***

Era uma moça interiorana, tímida e de conversação restrita ao essencial. Mas tinha uma beleza misteriosa, meio que mediterrânea, misturando, quem sabe, linhas árabes e italianas. A solidão sempre foi má conselheira para mim e quando eu vi já estava armando o laço para ela, minha coleguinha de disciplina de doutorado na UnB. Bem que ela tentou me evitar. Foram alguns meses de labuta para convencê-la. Até que usei a arma fatal: que ela me procurasse quando – e se – estivesse interessada em se relacionar comigo. Era justamente o que faltava: em quinze dias ela cedeu, me ligou, foi para minha casa e aí "rolou", como se diz. E começou tudo muito bem. Mas de minha parte, pelo menos, faltava algo, como em outras histórias que eu tinha vivido: uma real inclinação, um *drive*, algo que me atingisse de maneira mais profunda e, por que não dizer, avassaladora. Sempre fui apaixonado pelas paixões...

Mas ainda assim aproveitamos a vida, em viagens, sessões de cinema, jantares, caminhadas. Papos repletos de lugares comuns, de minha parte e da dela. Ideologicamente divergíamos, como era meu costume, ela acreditando em chavões partidários, eu na minha habitual postura *gauche*, desconfiando das ideologias, dos partidos e, principalmente, dos militantes.

Ela, a caminho dos quarenta, queria um filho; eu, com mais de cinqüenta e três filhos criados, não. Creio que agiu por conta própria e fez a sua parte: engravidou. Eu não aceitei. Foi grande o sacrifício que se seguiu. Não foi fácil, para ela principalmente.

Nisso me atravessa no caminho mais alguém. E vinha com tudo. Até um avião pegou, certo dia, para estar comigo uma simples tarde de domingo. E a recém-chegada era uma intelectual, doutora, diretora, escritora, o escambau. Como resistir? Eu fui, eu vi, eu experimentei. Mas em pouco tempo recuei e afinal voltei para a morena dos olhos fundos mediterrâneos...

Mas continuava a faltar algo...

Foram dois anos de encontros e desencontros. No meio deles, uma nova gravidez, agora aceita por mim, com entusiasmo, por sinal. Um convite para trabalhar e morar em outra cidade acabou por nos aproximar, pois experimentamos coabitar, perto da morada de sua família, com maiores facilidades para acompanhamento da gravidez que já ia avançada.

Não foi um amor exemplar, mas o resto não interessa. O que sei é que estou ligado a ela pelo resto de minha vida, por ter me dado o grande presente que ilumina minha velhice, Flavinho e Sophia, estes dois filhos que tanto amo!

***

Saguão de aeroporto, a espera regulamentar da chamada do vôo indica um café. Bandeja na mão, procuro uma mesa para ficar. Mesma intenção daquela dama que se aproximava. Bom cavalheiro que sempre fui, cedi-lhe a vez. E ela: *podemos sentar juntos, para mim não tem problema*... Cumpre conversar, em tais casos. Tipo: *mora aqui, viaja pra onde, o que faz?* Banalidades assim. Mas a nossa conversa engrenou, logo descobrimos pessoas, histórias e interesses em comum. Dentro do avião, meia hora mais tarde, o fato de estarmos com assentos diferentes não impediu que viajássemos lado a lado, encompridando a conversa. E partiu dela o convite: *hei, tem lugar aqui, venha!* – já me chamando pelo nome.

Eu saindo de uma rebordosa danada, com oficiais de justiça batendo à minha porta e contrariedades mil, a me fazer *mudar de calçada* em determinadas circunstâncias, deveria ter resistido, assim mandava o bom senso. Mas felizmente não obedeci.

Trocamos telefones e marcamos nova conversa para a volta, dez ou quinze dias depois. E aí já sabíamos que nossa história interessava um & outro, um ao outro. Marcelo Mastroiani e Sophia Loren, naquela *Giornata Particolare* de Ettore Scola nos forneceram a deixa para o que já queríamos de sobra – e nem era só nos conhecermos melhor, era namorar mesmo. E aconteceu.

Para resumir, sem mais, nem menos, nem talvez, abriram-se as portas da *poesia-em-mim*. Ela que já andava tão sumida de minha vida.

Assim:

Mergulho?
Sim, mas devagar.
Espanto?
Talvez, mas vai passar.
Sedução?
Sim e não. Só começar...

Espelho?
Normal. Corre a espiar.
Destino?
É caso de comprovar.
E então?
Deixa fluir, sem estancar.

Seu gozo, seu delírio
Eu quero
Mas faço melhor:
Espero

<A nudez longínqua de uma pérola>
Para quê?
Se o sonho e a espera
Valem mais...
Despido de verdade está quem ignora
O pudor
De parecer e querer ser como os demais

<Para que tanto corpo?>
Para que tantas palavras
Tanta contenção?
Tudo não passa de um estorvo
Para quem fez do corpo, apenas nuvem
E já não se importa com o vento
Ou se faz inverno ou já é verão

Se a viagem é com os pés fora do chão
E o melhor dela está na travessia
O roteiro justo é o que nos faria
Fazer do corpo nuvem, sem freio ou direção.

Vamos resolver a equação da vida?
Comece você...
A fórmula – se é que tem fórmula
Não possui volta, nem ida.

<Eu não te quero aqui por muitos anos>

Eu não te quero vestida ou despida
Eu não te quero aqui e nem ali
Acordada ou desfalecida
Toda palavras ou emudecida
Sem sabor ou sabendo a sapoti...
Eu apenas desejo
A essência atemporal e abstrata
Que evola de ti.

Eu quero, entende?
Intransitivamente.

Que nome posso dar
À espera vespertina
De seu sms
No meu celular?

Passeio
domingo
vinho
entardecer.
causos.
afagos
querer mais?
Pra quê?

<Celebração de Eros>

Basta de poesia!
pelo menos esta
encarcerada em folhas de papel, livros
e telas de computador
eu quero agora poemas libertos
épicos libertinos, nada parnasianos
que subam pelas paredes
preencham as alcovas
escorram pelo chão
ou mais abaixo
(por que não?)
odes do céu e do inferno
elegias ao verão e ao inverno
poesia concreta; nem precisa ser discreta
escrita com suor e movimento
que seja feita com muito ou pouco invento
mas tenha gritos, gozo e tesão
cheia de si e recheada de beleza
e prenhe de nenhuma certeza
que se cumpre e é escrita fora do papel
em jogos e alfaias de cama e mesa
deixando marcas em algum colchão

Até que um dia, bem assim como chegou, a Poesia bateu em retirada, sem grandes avisos.

FILHOS: MELHOR TÊ-LOS

Filhos, melhor não tê-los. Mas se não os temos, como sabê-lo? Se valeu para Vinicius, para mim muito mais.

Tive cinco no total, os três primeiros, planejados, os outros dois, nem tanto. Mas isso não muda nem um pouco o amor que tenho por todos – e por cada um também.

***

Daniela veio por encomenda certeira. Três anos de casados, vida material ajustada, era hora de constituir família. Daqueles dias especiais de dezembro-janeiro de 1974-75 guardo a especial lembrança da emoção que senti no momento e depois, já distante, já em Uberlândia a procurar casa para iniciarmos uma nova etapa de vida. E embevecido contemplava a todo momento a única imagem disponível eu levei comigo: um simples slide dela, com poucas horas de vida, rostinho ainda marcado pelo fórceps a que lhe sujeitaram na Maternidade.

E naquele rosto rechonchudo de bebê eu me via, via Eliane e mais toda uma ancestralidade de Itabira, de Pains, de Sabará. Nenhuma precisão ou coerência naquilo que eu enxergava. Além e acima da foto o que imperava era a emoção inédita de ser pai.

E dia após dia isso se repetiu, às mil vezes. Coisas intensificadas por eventos mínimos, que só quem já foi pai – e pela primeira vez – sabe o que é e como é. Aquele choro escutado ao longe, em outro cômodo, durante um telefonema para Eliane, por exemplo. Malgrado meu, estive distante dela por um longo mês, com encontros apenas ocasionais em dois ou três finais de semana, que me pareciam escassos e curtíssimos.

Depois, uma sequência de lembranças de nunca acabar. A ida maluca a Marataízes, aos dois meses da criatura, ela e a mãe no banco de trás de um Fusca (como se assim pudéssemos melhor protegê-la...). E mais três rapagões, dois irmãos de Eliane e um amigo, na mesma viatura. A gente quando é jovem faz cada coisa! Mas loucura, de verdade, era a de sermos pai e mãe. O resto tirávamos de letra.

E teve mais emoções, muitas. A primeira noite na casa que alugamos em Uberlândia. As viagens de ida e volta entre Uberlândia e Belo Horizonte, com o terror eventual de enfrentarmos uma tempestade na BR 262 no meio da noite. Mas a gente era jovem! Aquela vez que ela saltou do berço pela manhã, caindo com a cabeça no chão, chorando até pouco perto da gravidade da situação. Os ruídos significativos que fazia, também de manhãzinha, para exonerar suas tripinhas de bebê. A agitação dos banhos que a faziam aspergir água por todo o cômodo. As primeiras palavrinhas: *pitiu*ô, para passarinho; *peio*, para peixe. E diante da figura de um peixe voador num livro ilustrado sobre animais comprado especialmente para ela: *pitiu-peio*! A primeira ida ao Zoológico de Belô, atração inexistente em Uberlândia, com seu êxtase diante da Girafa, do Elefante e dos Macacos.

E as horas dolorosas das doenças infantis, raras com ela, ao contrário dos irmãos que viriam depois. O mais grave foi a queimadura que teve no cano de descarga do Fusca, que a deixou com um "C" gravado a ferro quente na coxa por muitos anos, talvez tenha tal cicatriz até hoje, vou indagar dela. Naquele dia eu chorei, achando talvez que minha dor fosse maior do que a dela...

A primeira amiga, Juliana, que ela nunca mais deve ter visto, assim como outras de Uberlândia, cidade por ela abandada física e espiritualmente, sem remissão mesmo quando retorna para visitar a mãe – e ninguém mais, aliás. A cidade para ela, hoje, mal e mal não passa de um retrato (indolor) em alguma parede. A ida inaugural à escolinha ESEBA da UFU, que ela chamava de "sacolinha", por alusão a uma merendeira improvisada que teve nos primeiros dias em que lá esteve. Recebia, então, o carinho especial da Tia "Carne" (Carmen), tão bonita e acolhedora com seus olhos azuis.

Rebelde e crítica, como ninguém, porém sensível e capaz de se derreter por algo tocante – ou por nada de mais. Aliás, chorar é com ela mesma. Aos 45 não perdeu a qualidade de ser crítica – e chorona. Frase dela já adolescente que mereceria entrar numa enciclopédia de "Melhor do Mau Humor", como aquela que Ruy Castro produziu: *eu não gosto de praia porque tem muita areia, vento, água fria e salgada, além de gente inzibida...*

Demorou a começar a namorar e até fez algumas tentativas, não muitas, mas apenas o bastante para esperar e encontrar o amor de sua vida, o filho de Édipo, que atende por Etéocles. Mas isso não se deu na Grécia, tratando-se apenas de encontro guiado pelo Rio São Francisco, unindo sertões e veredas de Minas Gerais á Mata de Pernambuco. De tal confluência veio o Chico, que alegra nossa existência hoje.

E por tais caminhos a (ex) mal-humorada criatura se tornou carnavalesca, desfilando anualmente no bloco da Sala da Justiça de Olinda, vestida de Princesa Lea, de Olivia Palito e de sei lá o quê mais. Sem se transformar em *gente inzibida*...

Quem acha que as pessoas não mudam, precisa conhecer Daniela.

***

Nunca desejei ser pai de um filho único...

Em novembro de 1976, fui para Brasília melhorar um pouco a minha bagagem acadêmica, até então muito restrita, no Núcleo de Medicina Tropical da UnB. Deixei em Uberlândia, sozinha, a valente Eliane, grávida no penúltimo mês, além de Daniela, prestes a completar dois aninhos.

Eram tempos pré-históricos em matéria de tecnologias médicas; a gente só ficava sabendo do sexo de um filho dentro da sala de parto, junto com o primeiro choro. O máximo que se podia fazer era um arriscado RX nos últimos meses da gestação, para saber se havia alguma anormalidade e se naquela barriga tinha mais de um. E foi exatamente assim que aconteceu: eu em Brasília, Eliane me liga um dia para saber o que eu tinha decidido sobre o nome do ser que estava a caminho. Tínhamos pensado em Fernanda ou Mauricio, na suposição que fosse uma coisa ou outra – não as duas ao mesmo tempo, como de fato se deu. Bem que aquela barriga enorme (embora recolhida à sua dimensão normal poucas semanas depois do parto) já parecia anunciar alguma coisa.

Foi assim que um dia, eu chegando das atividades na UnB, hospedado na casa de meus amigos Mauro e Nazaré (também presentes no dia em que Daniela nasceu), recebi o recado de que Eliane precisava falar comigo. E era urgente! Meu estado de susto durou apenas até eu falar com ela, alguns minutos depois. Ou, pensando bem, aumentou. Antes que eu respondesse à pergunta dela, a respeito do nome escolhido, que na verdade eu ainda estava incubando, por não se tratar de evento muito imediato o esperado nascimento, Eliane me trouxe, ansiosa como estava, a segunda parte da indagação: *se não escolheu um, agora vai ter que escolher dois!*

Dois!

E foi pensando nisso, pouco tempo depois, que peguei meu brioso Chevette no estacionamento do prédio da 116 Norte e toquei rumo a Uberlândia, para enfrentar a monotonia de mais de 400 km de paisagem dominada, na ocasião, por uma infinita coisa-nenhuma. Saí de Brasília aos primeiros toques da Protofonia do Guarany, na Voz do Brasil. *Dezenove horas na Capital Federal!* Pouco depois das 23 adentrava ao prédio do Hospital Escola da UFU, que por sorte fica na beira

da rodovia BR 040, via de chegada obrigatória em Uberlândia, para quem vem de Brasília. Viagem normal de seis horas que eu fiz em quatro. Por pouco nasceriam órfãos de pai, pobres gêmeos...

E então conheci aqueles dois perfeitos ratinhos, recém vindos ao mundo agreste, nascidos algumas semanas antes da hora, a me esperar embrulhados tal qual dois charutos. Na verdade, um dos ratinhos me lembrou Ramsés, o Faraó, miúdo e enrugado como uma pequena múmia. O outro, ou melhor, a outra, era mais rechonchudo e seus olhinhos mal se abriam por cima de bochechas expressivas.

Naqueles primeiros meses cunhei uma expressão que me acompanhou por quase dois anos pela frente: ter filhos gêmeos não dá o dobro do trabalho, mas muito mais do que isso!

Mas sobrevivemos. Para as dúzias de fraldas que ainda não eram descartáveis os varais da casa recém construída não eram suficientes – foi preciso estendê-los muitos metros mais. Já próximo a completarem um ano acordamos Eliane e eu, certa amanhã, terrivelmente assustados: eles tinham passado toda a noite sem nos demandar! Corremos ao quarto, esperando pelo pior. Eles apenas dormiam, ainda, o sono dos justos. Mas haviam enxugado as quatro mamadeiras colocadas à disposição aos pés dos berços.

Mas sem dúvida nos traziam momentos gloriosos, ao sairmos às ruas em penca. A mais velha com dois anos, linda em seus cabelos encaracolados e os dois pequenos, não menos, cada qual em seu carrinho de bebê. Glória para nós, pai & mãe, claro; para Daniela talvez não fosse tão glorioso assim... Como éramos dois e eles três, um dia, por pequeno descuido meu, um dos carrinhos, puxado pela força de gravidade, pegou um declive na praça principal da cidade, passeio obrigatório de domingo à tarde, em era pré Shopping. E lá se foi um bebê ejetado sobre uma touceira de buxinho, planta felizmente sem espinhos e sem veneno. Passado o susto e enxugadas algumas lágrimas, deu-se andamento ao ritual domingueiro: banda de música e pipoca, sem maiores traumas e contratempos.

Para mostrar a que vieram, rebatizaram a irmã mais velha, que passou a se chamar Lela, desde então. Sempre juntos, os gêmeos raramente brigavam entre si. Já com a irmã... Mesmo nas divergências comuns da infância e da adolescência a prova dos nove da forte união entre os dois era a de tomarem partido a favor, de imediato, se por acaso o outro fosse castigado ou ofendido. Começou no primeiro ano do jardim da infância, quando eles tiveram de ser separados de sala, dado o cuidado que ela tinha com ele, como uma mãe que protegesse o filho. Ele não deixava por menos, imitava a irmã nos gestos e nos comportamentos, mas isso foi só no começo, depois, cada um formou ramo próprio e autônomo.

- Nanda, o que você quer ser quando crescer? – Professora! E você, Maurício? – Professora também...

Almas gêmeas? Definitivamente, não. Cada um com seu estilo.

Objetividade foi o traço dominante do que virou arquiteto. Na outra, sensibilidade da artista que quase foi psicóloga, mas abandonou o curso quando concluiu que seus problemas já tinham sido resolvidos. Um e outro: pragmatismo e sublimação; rotina e experimentação; números e nuanças. Mil amigos de uma; poucos e bons do outro lado. Quando nasceram, o tio Drummond, que festejava cada neto da Vó Favita com um verso, ofereceu a eles um primor, que aliás é o único que constou em livro, Farewell, se não me engano. Ali ele falava de um “ramo de lucidez” e de um outro “ramo de carinho”. Nada mais apropriado para falar de Mauricio e Fernanda,

mesmo hoje, mais de quatro décadas depois. Este pai, inspirado mais pelas figuras destes filhos do que pelos versos do tio, anos depois, diante de cartas recebidas simultaneamente dos dois, maquele momento vivendo distante, fazendo faculdade em BH, foi capaz de produzir o seguinte:

Com lucidez e carinho
como falou o poeta
me chegam quase juntinho
duas cartas diferentes
uma triste e emocionada
outra bem calma e contente.
Em uma leio: "escrevo mal
não sei contar o que sinto."
Mas logo se contradiz
ao pôr tudo claro e limpo.
É carta fácil de ler,
mas não vem de aprendiz,
seu autor conhece a lida
de bem dispor das palavras,
tem tino de lucidez
mostra sapiência de vida.
Na segunda, outro estilo
não se desculpa, escreve,
e despeja em borbotão,
sentimentos, impressões.
Bem se vê imensa verve
a mente não lhe é avara,
mas mais forte é o coração.
Ao escrever bem maneja
remédio que tudo sara,
formulado com carinho.
E com a força benfazeja,
do amor, ergue seu ninho.
Não sei o que mais me toca
se a lucidez ou o carinho,
se a certeza ou a poesia,
são ramos bem diferentes,
na mesma fronde gerados,
cobrindo de graça a vida,
de um pai emocionado.

E não posso deixar de falar dos desdobramentos que estes dois me trouxeram: nora, genro e netos. Gigliola e Alexandre, além de Martim e Gonçalo, produziram em minha vida um novo milagre, além daquele da paternidade propriamente dita: o da multiplicação dos afetos.

***

Três é bom, mas certamente quatro (e depois cinco) não foram demais...

Aos 55 anos pude experimentar, de novo, a paternidade. E veio num momento muito especial de minha vida, agora morando em Uberlândia e tendo me transformado, outra vez, em algo que

poderia chamar, com todo respeito pela metrópole do Triângulo Mineiro, de um *Peixão no Laguinho*.

Especial tal momento por poder experimentar uma dupla sensação, por um lado, de ter aceitado um desafio para o qual eu não me sentia apto e forte o bastante e que naturalmente me provocava muito stress, embora fosse alto o reconhecimento social e político de tal função – fazendo emergir da pequena lagoa o tal "peixão". Por outro, por usufruir cotidianamente da compensação de ter um filho pequeno, que eu ninava e carregava no colo nos intervalos de trabalho e nas noites, com total entrega. Porque Flavinho e depois, sua irmã Sophia, foram e continuam sendo a melhor coisa que pude conquistar na velhice, me fazendo antecipar a alegria da chegada de netos em quase uma década.

Não deixava de me sentir um pouco culpado, também, porque ao mesmo tempo sentia que com menos de trinta anos – quando fui pai pela primeira vez – eu talvez não estivesse tão preparado como naquela hora. E assim, com décadas de intervalo, eu me sentia um pai melhor para Flavinho do que para Daniela, Maurício e Fernanda.

E me vinha, então, uma sensação que não tive com os primeiros, que me provocava grande orgulho, na verdade, beirando vaidade meio cabotina. Era o que acontecia quando as pessoas me viam na rua, ou em qualquer lugar, carregando um bebê ou o levando no carrinho. – *É seu neto? – Não, é meu filho*! E eu, já de cabeça quase toda branca, justificando totalmente tal confusão, me derretia por dentro e mais ainda me divertia quando as pessoas pediam desculpas.

E teve especial sabor ter por perto avô e avó, no caso, Totô e Lucy, que moravam "logo ali", em Frutal, outro privilegio que os mais velhos não tiveram. Mas mesmo os avós de BH, ainda ativos na época, não deixaram de prestigiar aquele rebento tardio da família, na qual já uma dezena de netos florescia, todos chegados à adolescência, mas ainda sem produzir nenhum bisneto. Assim, eu me transformei em um avô extemporâneo (e meus pais em bisavós), mesmo sem o sermos de fato.

Nos cinco ou seis anos dele, tentei traduzir o que tudo isso significava para mim... Assim:

<<Você se lembra qual foi o dia mais feliz de sua vida? O dia que você ganhou sua primeira bicicleta: as viagens para Frutal para passar as férias com os avós e tios de lá; o dia que ganhou de presente o play-station; seus aniversários com seus bons amigos junto com você... São tantos, não é?

Agora, você quer saber qual foi o dia mais feliz para o Papai e a Mamãe? Vamos contar para você. Era mês de junho, a gente morava em Uberlândia, você só existia dentro da barriga da Mamãe.

A gente não conhecia você direito. Via uma perninha ou um bracinho mexendo de vez em quando, mais nada. Como você se mexia forte! Tinha também uma fotografia escura, muito esquisita, de você dentro da barriga, ainda bem pequenininho. A gente queria muito conhecer aquele menininho que estava pertinho de nós, mas ainda não tinha aparecido de verdade.

Até que no dia vinte de junho de dois mil e três, você resolveu sair daquele esconderijo. E logo nos seus primeiros momentos de vida já vimos que estava ali o menino que você seria depois: forte, calmo, sorridente. Doido por um leitinho!

E todos vieram te ver, no hospital e depois em casa. Vovó Luci e Vovô Totô, as tias Marilena e Cristiane, seus irmãos mais velhos Lela, Nanda e Maurício. Vieram também muitos primos e amigos do Papai e da Mamãe, de Uberlândia e até de outras cidades.

Pouco tempo depois, pegamos você e levamos, de avião, para passear em Belo Horizonte e Brasília, para você conhecer outras pessoas da família e das amizades da gente. Em Belo Horizonte, Vovó Flavia e Vovô João e também todos os tios e muitos primos vieram ver você no aeroporto. Naquela hora, você era o aviãozinho mais importante e mais querido!

Como você vê, não foi só um dia, foram muitos dias felizes que você trouxe e continua trazendo para o Papai e a Mamãe.

E esta felicidade aumentou mais ainda quando vimos você aprender a andar de bicicleta, quando trocou seu primeiro dentinho, quando começou a ler tudo em casa e pela rua, quando junto com a gente recebeu e ajuda a fazer feliz também nossa adorada criaturinha que é a Sophia – Xuxu. É isso aí, Flavinho... Papai e Mamãe te amam muito! >>

***

Depois de Uberlândia, voltei a ser apenas um pequeno peixe, agora num lago enorme: Brasília. Mas era isso mesmo que queria. E aí meu cardume mais ainda aumentou, com a chegada de Sophia.

Cada um de meus filhos trouxe uma marca especial, traduzida pelo olhar. Daniela com seus olhinhos espertos, como duas jabuticabas maduras. Nanda com seus olhos apertadinhos, suas bochechas, em sorriso permanente; olhinhos de quem estivesse sempre prestes a cochilar. Mauricio meio vesguinho, com a vista corrigida aos dois anos por um par de óculos que lhe aumentavam o encanto do rostinho delicado. Flavinho e seus enormes cílios, olhar atento, que lembravam o da irmã mais velha. E Sophia?

Sophia tinha um pouco de tudo isso e mais um charme muito especial: seu jeito de olhar, manifesto desde os primeiros dias de vida. Tentando definir o indefinível, diria que era um olhar profundo, que se fixava em quem lhe estivesse próximo (ou, pelo menos, em quem lhe interessasse) e como que inquirisse aquele interlocutor com um jeito de quem queria interagir e saber o que se passava com aquela pessoa. Há uma foto dela comigo, aos seis meses, que demonstra isso perfeitamente: eu sentado no sofá, com ela no colo, tendo espetados em mim aqueles olhos vivos e penetrantes. Isso foi uma constante em seus primeiros anos de vida, tendo arrefecido um pouco, mas não totalmente, quando ela passou a ter outras formas de comunicação com o mundo exterior, principalmente a fala, além da consciência e a compreensão do ambiente. Mas ainda hoje não deixo de perceber este traço presente em seu olhar.

Mas tal inquirição era, acima de tudo, doce e calorosa, não a julguemos apenas curiosa e especuladeira...

Talvez como aspecto derivado de tal modo de olhar, creio que por assim dizer “puxou” da irmã Nanda uma preocupação com o cuidado e o bem-estar de quem porventura lhe estivesse por perto, tendo como alvo principal, à falta de um irmão mais novo, como no caso da outra, seu irmãozinho, no caso mais velho do que ela. Com efeito, aquele que um dia ela chamou de *Babinho* era o motivo principal de seus cuidados e até mesmo de suas preocupações.

- *Quando eu crescer eu quero ser igual ao Babinho*, disse ela um dia.

Variação sobre o mesmo tema: *quando eu ficar grande eu quero ser menino*.

Carinhosa como quê. Sempre gostou de contato físico, de pele, de mãos dadas. Quando menorzinha, ao andar comigo na rua, não aceitava que eu lhe pegasse a mão de forma mais relaxada, com os dedos moles e pensos. Com frequência, juntava meus dedos em torno dos seus, apertava o conjunto e me olhava nos olhos para ver se eu obedeceria a tal comando manual. Eu não só lhe obedecia como de todo me derretia. Tinha outro jeito?

Uma potência imunológica! Sempre passou incólume pelos resfriados e amigdalites do irmão, ou mesmo da mãe ou minhas, totalmente vitoriosa. Piripaco, mesmo, só teve um: quando se cortou em um escorregador no parquinho detonado da 409 Norte. Quase teve decepado o dedo mindinho do pé, foi parar no hospital e teve até que ser anestesiada geral para fazer a sutura, ficando internada por dois dias. Pouco choro, na hora; sequelas zero. Depois disso, por muito tempo, ao passar na porta do lugar onde esteve internada, dizia: este é o *meu* hospital, com a devida ênfase no pronome possessivo.

Podem ser coisas de criança que teve um irmão a lhe anteceder, mas surpreendeu na precocidade em controlar os esfíncteres, andar de bicicleta, falar e depois mesmo aprender a ler. Mas como ninguém é perfeito, teve medo de dormir sozinha até os dez anos de idade.

Entre suas raras imperfeições está também uma glândula tiroide rebelde, que teve de ser suprimida à custa do poder atômico do iodo radioativo. Mas mais uma vez, venceu a batalha.

Era e é ainda uma Princesa verdadeira. Entre seus um e dois anos de vida, este Pai, sempre babão, escreveu o seguinte “Diário” para ela:

<<Pois é.... O tempo passou depressa. Quando me dei conta, dois aninhos! Ah, tive uma linda festa. Mamãe preparou tudo com o maior capricho. Papai deu uma ajuda também, fazendo estes versinhos para o meu convite: *Venham todos, ninguém falte / À minha primeira festa / Falar ainda não posso / Nem dois passos chego a dar / Mas sei mostrar meu encanto / E faço esta promessa: / Vou bater muitas palminhas / Abrir um sorriso e tanto / Para todos agradar*. .. Gostaram? Veio muita gente. Meus irmãos de Brasília: Mauricio, Lela e também a Lili e a Dili que são como minhas irmãs também. Veio minha vovó Lucy, lá de Frutal, com o vovô Totô. Foi bom demais! E mamãe mandou fazer um vestidinho cor-de-rosa para mim, que ficou uma graça. Eu virei uma mocinha! Depois descobri que a gente faz aniversário e ganha muitos presentes. Mas que passando a festa tudo fica como antes. Não dá nenhum trabalho ficar mais velha! Depois é que descobri que depois que se faz um ano muitas coisas mudam na vida da gente. Comecei a falar, a andar, a pular, a saber de muitas coisas, a ter muitos amigos. E a fazer muita bagunça também! Conheci muitos lugares diferentes. O Sítio do Papai, por exemplo, onde eu já tinha ido antes, mas não me lembrava de nada. Agora vou, gosto muito e sempre me lembro das coisas de lá. Das galinhas, dos banhos de ducha, dos passeios, da casa gostosa que tem lá, da Rosângela, que vem brincar comigo, da Ceci... Tem também muitos cachorros, que eu ainda chamo de au-au, que vêm me ver e eu gosto muito de conversar com eles também. Mas eles ainda não entendem o que eu falo... E tem uns banhos de banheira e de ducha que são uma delícia. Eu adoro! Mas já ando falando muitas coisas, querem ver? papa-í = papai; mamã-í = mamãe; babío ou babinho = Flavinho; ita = rita; tatía = dona Gracinha; iá = Ian (vizinho); pitu = Pedro Augusto (amiguinho); caa papa-í = carro do papai; bó = bola; benena = banana; m'nina = menina; ú = suco; au-au = (esta é manjada...); e-gô = chegou; não = (adivinhem?); ca-íu = caiu; gol = gol mesmo; xucô xuxu = machucou xuxu; pa-á = passear; abi abi abi = abre; aco aco aco =

água; ca-im = carrinho; tao = tchau; bô = c'est fini... mas isso foi em novembro do ano passado, de lá para cá aprendi muitas outras coisas e mudei a maneira de dizer algumas. Dona Gracinha, que eu adoro, por exemplo, virou Gaquinha; Rita virou Guita e depois Ita, de novo. Flavinho, meu irmãozinho querido continuou sendo Babinho. Ai! cansei! Depois continuo, tá bom?

O papai cismou de me chamar de Xuxu e eu agora também repito isso, meu apelido, de que gosto muito. Aponto para as fotos minhas com o Papai e sempre explico: Papai Xuxu! Tem uma palavra dessas aí que eu gosto muito, repito ela o dia inteiro. Sabem qual é? NÃO! E falo NÃO até quando quero dizer SIM. Ninguém entende... De todos os lugares que conheci, acho que gostei mais foi da praia. Lá é muito legal: tem água salgada, tem areia, muito vento e muita chuva. Mas é legal assim mesmo. Fui lá com um montão de gente: Mamãe, Babinho, Guita, vovó Luci, vovô Totô, tia Marilena e Ti'Zenrique. Passeamos muito, até no Beto Carreiro e eu me diverti muito. Andei de barco com uns piratas de lá e eu não fiquei com medo deles. Coisa boa que aconteceu nestes últimos tempos foi que arranjei muitos amigos, tenho um monte agora. O principal vocês já sabem quem é: o Babinho! Mas tem também o Pitu (Pedro Augusto), o Fefê (Felipe), o Iá (Ian), a Buna (Bruna), o Vico (João Vitor), o Biel (Gabriel, meu priminho que mora bem longe, lá em São Paulo). O Biel é bagunceiro que nem eu! Às vezes ele briga comigo, mas o Babinho sempre aparece para me salvar. Gosto muito do lugar onde moro, também, Brasília. Aqui tem muitas coisas boas! Papai e Mamãe sempre me levam para passear, no shopping, no parque, na praça e em outros lugares que gosto muito. Quase sempre tomamos sorvete, eu gosto mais do de chocolate. O Babinho também. Gosto muito de passear de carro, ainda mais agora que já estou ficando mocinha, papai me deixa até dirigir o carro dele! Imaginem! Pensam que eu não sei dirigir? É claro que sei. Mexo em tudo, na seta, nas luzes, no rádio, no ar condicionado... Até na alavanca de marchas. E adoro rodar aquele *dirijo*... Quando Papai entra no carro ele fica doidinho... Está tudo fora de lugar... Babinho ás vezes dirige comigo e eu gosto dele ao meu lado, pois Babinho tem mais experiência nesta coisa. E fazemos cada viagem... Tive muitas visitas, já ia me esquecendo. Lembro-me só de algumas: Madrinha Guta, tia Rosali, vovó Favita e vovô João e Tia Myrinha, que vieram de Belo Horizonte só pra me ver! Ah, esqueci do Natal! Veio todo mundo de Frutal, menos o vovô Totô, que nos deixou. Ganhei muitos presentes. O que mais gostei foi um velocípede de menininha, que tem até lugar para eu levar minhas bonecas. Mas aqui entre nós, entre bonecas, carrinhos e bolas, prefiro mais estes últimos dois. Não tenho muita paciência para bonequinhas. Já basta eu! Um dia promote que continuo estas memórias, agora vou brincar com o Babinho. Tchau! >>

Apelidos dados por mim nunca lhe faltaram: o primeiro, Xuxu, assim com "X" mesmo, ainda é o nome pelo qual ela é conhecida na família Goulart. Mas eu mesmo fui alterando a prosódia do mesmo, até transformá-lo em Suzuka, Tuzuka, Tuzuzu ou algo assim, sempre pensando em engendrar um novo.

***

Mas tem mais, aqueles produtos da "multiplicação de afetos" de que falei acima.

Assim, em ordem de entrada em cena...

Gigliola começa ímpar já no nome. Curiosamente, não diretamente derivado da cantora romântica italiana dos anos 60 e 70, a homônima Cinquetti. Antes derivado da amizade da mãe, Sônia, com a padraiada de Uberlândia, no caso o reverenciado, quase santo e milagroso franciscano, Frei Egidio Parisi, que lhe sugeriu tal nome, então quase exótico no Brasil. Mas para nós todos e muitos outros ela é apenas Dili ou, se quiserem, Gigli – mas quem presta atenção nisso? Impar no nome, idem na trajetória. Deve ter aprendido a ser a pessoa especial que é,

entre outras razões, por ter vindo ao mundo através da sobredita Sônia, que por si só mereceria páginas inteiras. Única mulher entre três irmãos homens certamente deve ter moldado sua personalidade, que a faz, longe de ser dominada, aprendiz de saber o que quer. E ela bem sabe disso! Mas não domina pela força, senão pela doçura e pelo jeito amável e sedutor, no melhor sentido da palavra. *Encantadora*, talvez seja o termo mais exato para defini-la. Entre outras sínteses existenciais, juntou a dança clássica e a popular com nada menos do que a filosofia, sendo mestra e quase doutora, agora, em tais profundezas. De entremeio, uma professora querida por seus muitos alunos em São Sebastião, que com ela entraram dançando no mundo dos filósofos. Largou o balé, mas seus gestos não foram abandonados pela dança. E além de tudo isso, já deixou de ser cidadã de Uberlândia ou mesmo de Brasília; agora pertence ao Vasto Mundo. Ela que já estudou dança em Moscou e Havana agora mergulha na boa filosofia de Gramsci na Itália. Vai ser ímpar assim na minha família!

Alexandre, também muito considerado e querido na família, é mais um representante dos que não se sujeitam a trafegar em estradinhas acanhadas. Jornalista, fotógrafo, artista plástico: já chega? Ainda não! Ele é também um bamba musical, ganhando até prêmio de sambista em plena Lapa, no Rio de Janeiro. E é difícil saber em qual dessas vias ele circula com mais competência. Às vezes penso que é na música, pois me encanto muito não só com seu vozeirão como com sua cultura musical e mesmo sua inclinação de pesquisador de ritmos rurais e brasílicos de maneira geral. Mas isso me faz confundido quando vejo a qualidade de seu trabalho também como fotógrafo, seja para a imprensa ou mesmo no cotidiano familiar, ou quando por acaso surgem esboços e garatujas gráficas que ele produz aqui e ali, despretensiosamente. Não bastasse tudo isso, ainda emprestou sua carga genética para a invenção de Martim e Gonçalo, além de trazer para um bloco ao qual tenho muito orgulho de pertencer, a figura notável de seu pai Roberto, meu coetâneo, em relação ao qual fico às vezes me indagando se não o teria conhecido, décadas atrás, dadas as nossas idades quase iguais e nossos trajetos paralelos no polo duplo formado pelas nossas escolas de Medicina e Arquitetura na BH dos anos 60 e 70.

Eteocles, o filho de Édipo, embora não seja grego nem trágico, é um outro caso de sedutor incorrigível, embora finja não sê-lo, no seu rascante estilo *mangue-beat*. Olhem só: de saída, insistiu com Daniela, logo nos primeiros dias de namoro, que queria lhe conhecer os pais – no caso, eu primeiro, pela proximidade geográfica. Mas acontece que quando eu próprio fiquei sabendo dele, fiz logo saber a minha filha minha vontade de conhece-lo logo, ao que ela me respondeu: *mas é tudo que ele quer!* Não precisou de mais nada: me rendi, sem chance de resistir. Não bastando isso, presenteou-me, tempos depois (talvez tenha se acautelado em não fazê-lo logo em seguida – coisas de seu método de conquista de sogro) com um DVD contendo a gravação da obra completa de ninguém menos de que meu ídolo Bob Dylan. Mas aí eu já estava entregue e rendido. Como Dili, é pessoa que circula em pistas largas. Artista gráfico, trafega com desenvoltura também no mundo dos ritmos, sendo o maior especialista que conheço (o que no meu caso não é muita vantagem, mas mesmo assim devo reconhecer) em Maracatu, seja na variedade "raiz" ou na "atômica". Verdadeira enciclopédia em tal campo! E como se não bastasse é cidadão atuante, seja na formação voluntária de crianças e outras pessoas em percussão, seja na difusão do folclore a grupos diversos da comunidade, inclusive em sessões dominicais no Eixão, como também através de sua participação na gestão deste belo empreendimento comunitário que é a Escola Vivendo & Aprendendo. Eteocles, o nosso Teo, traz com sua presença lucro afetivo não só para mim, mas mais ainda para minha filha e sem dúvida, e forma ainda mais significativa, para Francisco, que teve a imensa sorte de nascer em um lar tão culto e generoso. E de quebra ainda nos empresta sua família, representada por Edipo e Neidinha, com seus outros filhos e netos, com a qual já formamos um todo.

***

O que mais poderia querer da vida?

Não é demais repetir: foi melhor, muito melhor, ter filhos, não deixar de tê-los. Ter tais filhos! E os filhos destes filhos, além das famílias às quais eu me incorporei e me abraçaram. É um privilégio que se mantêm no tempo. Não consigo, definitivamente, imaginar minha vida sem tais benefícios.

(VI) TORRE DE VIGIA

PANORAMA VISTO DA TORRE
GAUCHE NA VIDA
IDEIAS BIZARRAS
CINQUENTA ANOS EM CINCO MINUTOS
E A MEDICINA: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

E A GENTE ACHOU QUE ESTAVA CHEGANDO LÁ...
A SENHORA VANA E SEU AMIGO MIGUEL
A SERPENTE E SEU OVO
TEMPOS PROBLEMÁTICOS E FEBRÍS
POLITICA E POLÍTICOS: O TRIUNFO DE JERÔNIMO FOGUETEIRO
MEU VOTO NO PT
PERPLEXIDAES E INCERTEZAS
IDEOLOGIA: EU QUERO UMA PRA VIVER
POESIA? NUMA HORA DESSAS?
MUNDO QUE NÃO MUDA, SÓ VAI FICANDO PIORZINHO...
TEMPOS PARTIDOS

O SUS E EU
MEU QUERIDO SUS
DE COMO POR QUE COMO CHEGUEI AO SUS
ABAIXO (TODA) A UNANIMIDADE
O SUS: ENTRE O SONHADO, O REAL E O POSSÍVEL
UM DECÁLOGO DE APOSTASIAS SOBRE O SUS

VIAJANDO
VIAJAR É BOM?
ENTRE A ESPADA E A CRUZ
DO PLANALTO CENTRAL AO RIO SÃO FRANCISCO
OUTRAS (POUCAS E BOAS) JORNADAS
PELO SERTÃO
VIAGENS AO BRASIL-REAL
DE VOLTA A PORTUGAL
VOYAGE AU CANADA
NA VELHA INGLATERRA
APENAS UMA FOTOGRAFIA NA PAREDE
ME IN USA
O DIA EM QUE CONHECI BRASÍLIA
UM GAROTO FORA DA PROVINCIA
PEQUENA HISTÓRIA CUBANA

EPÍLOGO: É O FIM DA HISTÓRIA?

A gente vai ficando velho, mas tem a compensação de ficar mais sábio. Será? Já dizia Cicero em 'De Senectude' que os velhos, no teatro da vida, se sentam nas últimas fileiras de um teatro e assim podem apreciar melhor a apresentação que acontece no palco, com a vantagem adicional de se divertirem também com a plateia à sua frente. Ou algo assim. A tal apresentação, admito, às vezes pode trazer enfado, por vulgar e repetitiva. O público, iludido ou confundido pela peça de qualidade muitas vezes duvidosa, não lhe ficaria atrás. Então, sem nenhuma pretensão de adicionar conteúdo de filosofia ao velho escriba romano, eu diria que o melhor mesmo da velhice é a gente poder contar com certo beneplácito dos circunstantes ao proferir, sem maiores restrições ou censura, o que nos vem à cabeça. Mas mesmo isso pode ser perigoso nos dias de hoje, em que 'homens partidos' se estraçalham até pela posição das vírgulas nas frases e pelas palavras mal interpretadas de quem se dedica a ter opiniões próprias. Aqui vai, apesar de tudo, a expressão de algumas liberdades que resolvi tomar, amparado pelos meus mais de setenta anos de idade, em relação a alguns fatos da vida social e política no panorama brasileiro e mundial. Coisas que poderiam ser categorizadas em uma simples frase de minha especial preferência: a unanimidade faz mal à saúde (e ao resto, diga-se de passagem). É assim que seguem, do alto de uma espécie de Torre de Vigia (obrigado Dylan), algumas opiniões minhas sobre temas tão diversos quanto a política, a sociedade, a saúde, a medicina, a educação, os costumes, as religiões, todos eles constituindo territórios de mudanças profundas nos últimos anos, principalmente na década que vai de 2010 a 2020. Foco especial nos dois últimos anos, quando o nosso país virou de ponta-cabeça, mudando para pior, sem dúvida. Encerro com um tópico sobre Viagens, além de um pequeno epílogo. Por que viagens? É que sempre as considerei como oportunidades de refletir sobre o cotidiano, operação facilitada justamente por se estar afastado do mesmo, seja por comparação com a realidade que se assiste em ambiente diferente do nosso, seja por permitir um aclaramento de ideias que, quem sabe, a distância da rotina pode trazer. Sendo assim, acho que as viagens cabem bem neste capítulo de fecho. É claro que me meter em tantos assuntos poderão me trazer a pecha de pretensioso, mas afirmo que, mesmo assim, minha maior verdade é a de saber que nada sei. Faço isso assumindo também o risco em analisar os fatos tão a quente. Ser mais cauteloso, entretanto, poderia implicar que diante do esfriamento de tais acontecimentos, eu próprio venha a lhes fazer companhia, em termos termodinâmicos. Sendo assim, prefiro me antecipar. Mas de toda forma, 'em cima do muro' é lugar que não conheço...

(I) PANORAMA VISTO DA TORRE

GAUCHE NA VIDA ...

Um dia pretenderia traçar uma síntese do que tem sido minha vida em termos das minhas posições ideológicas ou práticas sobre os desafios e as contradições a que cotidianamente a vida nos submete. Pensando bem, pode ser hoje mesmo... O fato é que eu gostaria de encontrar uma definição simples que me coubesse. É que às vezes tenho a sensação de ser diferente de todo mundo – mas quem não tem? Sobre isso, escrevi certa vez este pretenso haikai: *Nem melhor, nem pior / que toda gente. / Apenas quero ser / diferente.*

Mas será que é isso mesmo?

Pois bem: *diferente, contestador, do-contra, excêntrico, incorreto politicamente, esquipático* – algo assim. Seria talvez um sujeito *gauche*, à moda de Drummond. Podem me chamar de iconoclasta e exagerado, também. Ou ainda, de alguém que mete a colher de pau em panelas não são de sua cozinha. Não me importo. Como diria Brecht, um epitáfio com tal conteúdo muito me honraria.

Como procurarei demonstrar em seguida, minha bizarrice se conforma através de escritos meus dos últimos anos, nos quais falo de vida, política, esporte, infância, educação, religião, saúde, morte, Drummond, medicina.

Livre pensar é só começar, como dizia Millor Fernandes.

E vão desculpando aí qualquer coisinha.

IDEIAS BIZARRAS

Ah, a política! Quem um dia votou no PT – como eu – corre sério risco de fazer como o bêbado da anedota: esperar sua casa passar, já que o mundo todo está rodando, para então introduzir a chave na fechadura e abri-la de vez. Disso, pelo menos, acho que desisti, há muito tempo. Prefiro correr atrás da tal casa, ou do prejuízo, digo, dos fatos. Mas a lógica atual parece questionar o que valem os fatos – eles que se danem, na versão trumpista, copiada por seu concorrente tropical.

Concordo com Frei Betto, petista de carteirinha e quase de nascença, que diz ter sido o PT apenas um inquilino no governo, até que tomou um pé na bunda do verdadeiro dono da casa. Para ele, independente das qualidades dos governos da sigla, há que se reconhecer que cometeram equívocos fatais, particularmente em relação a princípios primordiais da esquerda, pelo menos o de ser um modo de organização da classe trabalhadora, bem como da promoção da ética e da construção do socialismo, por meio de reformas, não de violência e luta armada. Enfim, o partido foi vítima de algo que não conseguiu fazer, ou seja, uma bela reforma política. Chegou apenas ao governo; não ao poder.

Aliás, acho que a aventura do PT no poder da República pode compará-lo àquele aprendiz de feiticeiro que um dia abriu a porta que lhe era vedada, tomando uma surra de vassouras mágicas lá guardadas. Já vimos isso com Mickey no papel principal.

Mas será que a tal Esquerda, agora com Maiúscula, tem cura – ou futuro? Ando refletindo sobre isso. Que tal se os dogmas fossem rejeitados em troca das evidências? “Dogmas são as pedras com que se constrói a sepultura da liberdade”, como disse alguém. E que as composições escusas, em nome da vaca sagrada da “governabilidade”, sejam sempre denunciadas e neutralizadas. E vamos combinar: dilapidar patrimônio público não é coisa de direita nem de esquerda, mas apenas sintoma de marginalidade, a ser corrigida com os rigores das leis (embora, na prática, entre a intenção de quem as aplique e a justificativa factual para tanto vá uma distância muito grande).

Fico pensando, também, no peso e na importância que teriam, no mundo de hoje, aqueles prolíficos sindicatos de esquerda, supostos defensores dos direitos dos trabalhadores, com os “novos pobres” pululando, sendo eles justamente os sem-emprego e os grupos muitas vezes perseguidos, que nunca tiveram acesso à cultura? Quem se preocupa com eles?

***

Vocês já sofreram bullying? Eu já, mas de uma variedade muito particular. Aliás, isso nem era, nos meus tempos, uma palavra conhecida. É claro que os gordinhos, os muito tímidos ou os afeminados pagavam seu preço. Adolescentes costumam ser cruéis… Mas não creio que isso, embora condenável, não deixasse de ser um abuso, porém devidamente corrigidos pelos professores ou pelas famílias. Porque naquele tempo as famílias cuidavam de maneira mais direta da educação dos filhos.

Mas vou relatar algo que me afetou diretamente: a variedade, digamos *esportiva*, de tal modalidade de assédio. Sabem aquilo que acontece com as crianças que não se destacam ou pelo menos que carecem de maiores habilidades no trato com as bolas e outras ferramentas utilizadas na prática de esportes? Eu bem que tentei, juro! Joguei todas as peladas (também denominadas na ocasião de *arranca-tocos*) que estiveram ao meu alcance. Em vão. Meu irmão Eugênio, pouco mais novo do que eu, já se destacava, mas o meu caso parecia incurável. O resultado é que eu nunca era convidado para compor o time de ninguém e quando por acaso jogava, quando havia falta de jogadores disponíveis em campo, sofria horrores com as críticas maldosas dos demais jogadores. *Perna de pau* – era o mínimo que ouvia nessas ocasiões. O fato é que acabei desistindo do futebol. E o mesmo se deu quando tentei o vôlei e o basquete. Na bolinha de gude até que me dei bem, mas sempre em patamar abaixo de alguns craques que sempre apareciam para humilhar os menos dotados.

Pude aprofundar minha percepção sobre isso, recentemente, em reunião do colégio do Flavinho, um professor de educação física apresentava sua proposta de escolinha de futebol, com grande entusiasmo por parte dos possíveis pupilos. Ali, o que mais ouvi foram palavras como *campeonato, competições, atletas, penalidades, disciplina.* Nada, mas nada mesmo como: *cooperação, diversão, brincadeira.* Banquei o advogado do Diabo e perguntei, então, ao entusiasmado apresentador, que proposta teria ele para aqueles garotos que não fossem efetivamente bons de bola, ou, quem sabe, preferissem o companheirismo à disciplina; as brincadeiras às penalidades; mas que mesmo assim insistissem no futebol. Eles não acabariam marginalizados pelos mais craques em tais disputas e campeonatos? O moço ficou sem ter o que dizer… E os demais pais ali presentes fizeram cara de quem me achavam um verdadeiro marciano…

Não é que seja contra o ensino de futebol nas escolas. Mas é preciso ter em mente alguns princípios. Por exemplo, o de que a prática de tal esporte pode ser um baita processo educativo, a estimular o comportamento solidário e o respeito mútuo entre seus praticantes. E ainda: que

há de haver opções menos competitivas para os que querem jogar, mas não são dotados das habilidades de tal ofício. O fato é que minhas experiências na infância, aliás confirmadas ao longo da vida, me mostraram que para os menos dotados no esporte, que possivelmente são maioria, o caminho é o do afastamento e mesmo da marginalização por parte dos ditos "bons de bola". É realmente preciso incluí-los ao invés de excluí-los, como parece ser o caminho natural dentro deste esquema de *campeonatos, competições, atletas, penalidades, disciplina*.

Não chego ao ponto de repetir, como Churchill, quando lhe perguntaram sobre o segredo de sua longevidade, a despeito de não levar uma vida propriamente saudável. *No sports*, sentenciou o velho inglês, sem tirar o charuto da boca, provavelmente. Mas acho que o esporte, do jeito que é levado no Brasil, elemento de desagregação mais do que de união entre pessoas. As cidades brasileiras, é bom lembrar, estão cheias de quadras de esportes pouco utilizadas, quando não detonadas, além de dominadas por verdadeiras gangs de jovens e mesmo adultos que são (ou apenas se consideram) melhores esportistas que os demais, os excluídos. Em outras palavras, não adianta fazer obras esportivas deste tipo se não há estrutura adequada para mantê-las. E como parte de tal estrutura a inserção pessoas capazes de falar uma linguagem que não inclua só palavras como competição e rivalidade, mas fundamentalmente cooperação e aceitação do outro.

***

Existiria intolerância religiosa no Brasil de hoje? Assunto que parecia morto nas dobras da História de repente volta à tona. Não sem motivos, pois aqui e ali eclodem casos concretos. Isso, forçosamente, nos leva a tentar fazer comparações com o racismo. No Brasil, até mesmo por interpretações apressadas e equivocadas da obra de Sérgio Buarque de Hollanda, muito se fala daquela suposta "cordialidade" inata ao brasileiro. Na questão racial, entretanto, nada mais falso. É nossa maneira de dizer que não somos exatamente racistas, mas preferimos que os não brancos reconheçam e permaneçam cientes e zelosos daquela especial posição que a cor da pele lhes impõe, ou seja, no andar de baixo.

Na questão religiosa a questão, a meu ver, é bem outra. Essencialmente, somos um país tolerante no quesito das crenças. Nossa formação miscigenada luso-negra-índia algum benefício nos terá trazido. É claro que ao longo de nossa história, judeus, maçons, protestantes e praticantes do candomblé, sentiram o peso do catolicismo ibérico e inquisitório. Mas isso foi no passado, já remoto.

Hoje, contudo, intolerância religiosa tem nome, cpf, fator rh e endereço… Seu objeto são as religiões afro e seus agentes são, quase sem exceção, membros da miríade de igrejas-negócio neopentecostais que se espalham pelo Brasil a fora. Poderosíssimas, por sinal, detentoras até mesmo de redes de TV e de uma "bancada evangélica" no Congresso Nacional. Gente que prega, além da prosperidade (para quem contribui com o dízimo), teses tão arcaicas como a negação do casamento homoafetivo, a proibição do aborto, o cerceamento da liberdade de crença, a rejeição aos cultos Afro, ao mesmo tempo que aderem ao governo – qualquer governo – desde que lhes sejam contempladas as crenças e ideologias, além de facilidades fiscais, é claro. Principalmente no que diz respeito à manutenção do *status quo* e à prosperidade – dos pastores e dos representantes que elegem.

E o pior, nem é só Bolsonaro que baba para esta gente. É bom lembrar que Dilma, Alckmin e outros não só participaram de cultos "neo" e inclusive compareceram alegremente à inauguração salomônica do grande templo da Igreja Universal em São Paulo, monumento erigido a uma suposta "teologia da prosperidade" mas, a meu ver, principalmente ao mau gosto.

Bem fazem os portugueses que parecem ter proibido à seita de Edir Macedo utilizar o nome de "Igreja" no país. Lá seus locais de reunião da IURD são denominados apenas "centros de apoio", ou algo assim.

Que Deus (não o deles) nos ajude!

***

E por falar em religião, tenho visto pessoas, digamos progressistas, como alguns amigos meus (para não dizer de esquerda, pois este termo está muito desgastado), tentarem justificar os atos de terror perpetrados por fiéis do islamismo como resposta compreensível, dadas as muitas perversidades que as chamadas potências ocidentais fizeram contra os mesmos ao longo dos séculos. Divirjo: acho que não tem nada de compreensível nem de justificável nesses atentados. Não creio ser necessário ter parentes mortos no Bataclan de Paris, na Universidade do Kenia, nas areias do Sinai, nos cafundós da Nigéria ou sei lá onde mais para negar isso.

Os atos violentos do autoproclamado "Estado Islâmico", hoje em decadência, felizmente, já foram muitas vezes classificados apenas como gestos de seguidores mais radicais de certas passagens do Corão, de fundo milenarista, que anteveem o fim do mundo para breve, sentindo-se assim na obrigação moral e religiosa de antecipá-lo. Na minha opinião, longe de serem radicais sinceros, eles não passam de fanáticos, delinquentes, psicopatas, assassinos. Dar nome correto às coisas é um bom começo para contestá-las. Eu sinceramente penso que o terrorismo islâmico é de fundo cultural, está impregnado nas civilizações que cresceram e frutificaram à sombra do Corão. Em toda parte e em toda a história deles o que se vê é: xiitas x sunitas; clericais x seculares; *baath* x monarquias; persas x árabes; "nós" x "os outros"; "fiéis" x "infiéis". Eles se constroem, no combate, na perseguição aos inimigos da fé, na desconfiança em relação a quem lhes é diferente. E como matam em nome disso!

Não nego que o mundo ocidental já cometeu e continua cometendo muitas barbaridades. Não o defendo, absolutamente"! Mas o terrorismo islâmico é muito mais fruto de uma cultura religiosa perversa do que das intervenções colonialistas. O EI não precisou de bombardeios americanos ou russos para exercer seu especial primado de violência delinquente. Neste ponto, seria interessante indagar quem matou mais até hoje: as lutas tribais islâmicas ou as invasões e intervenções ocidentais?

Cabe ainda indagar: em que nação islâmica, onde fé e política são inseparáveis, se respeitam os direitos humanos? Onde as mulheres são tratadas como seres portadores de direitos? Onde a liberdade de expressão e crença é respeitada? E mais: em quais dos países islâmicos, entre os quais estão os mais ricos do mundo, houve distribuição de riqueza, mesmo mínima? O Irã é considerado o mais democrático dos países islâmicos – dá para imaginar o resto?

Aqui entre nós, a civilização ocidental tão odiada por eles, ainda é mais aceitável do que aquela que se desenvolveu debaixo das barbas do Profeta. Mesmo que lado de cá tenha produzido um Hitler, um Stalin, um Milosevic, toda uma corja de trumps & orbans & bolso-ignaros, além da inquisição e do consumismo desenfreado, foi debaixo da cultura do Ocidente que foi possível amealhar para a Humanidade uma série de conquistas, como os direitos femininos; a separação entre Religião e Estado; o estado de bem estar social; os direitos humanos e coletivos; a música de Bach, Mozart e Beethoven; os Beatles; o respeito às crenças e a liberdade de expressão. Os nossos tiranos, pelo menos podem ser considerados exceções; os deles (Saddam, Al Assad, Mubarak, Gadafi, Khomeini, Ibn Saud, Ahmadinejad, Erdogan e outros), são regra.

Se há uma lição que o Ocidente já devia ter aprendido, em sua faina de "consertar" o Oriente Médio, é a seguinte: o *santo remédio* da democracia não funciona ali. Com efeito, é no caos quase permanente das lutas tribais que eles encontram seu equilíbrio. Assim, melhor deixá-los entregues ao seu destino, no qual tiranos nada esclarecidos fazem parte da vida social normal e representam mais do que um problema, a solução para o tribalismo que carece de tais despotismos para se manter.

Nada de diplomacia, negociação ou relativismo cultural. Que se dane o politicamente correto, tão ao gosto do Ocidente (por que lá isso nunca vigorou…). Nada disso funciona para eles. Infelizmente a melhor solução para os fanáticos psicopatas do EI é o estímulo ao encontro com aquelas 40 virgens que lhes prometeu o Profeta. E que façam bom proveito! *Maktub!*

***

Todo paciente tem seu preço. Tal frase me assusta um pouco, mas parece susceptível de racionalização. Afinal fui educado, como cidadão e como médico, dentro da noção de que nem a saúde, nem nada que com ela se relacione pode ter preço. Deriva daí a crença de que o sistema de saúde de um país tem a obrigação de oferecer "tudo para todos". É bem verdade que nenhum país do mundo, da Suécia ao Burundi, não é e nem foi capaz de realizar tal sonho, até hoje. Na verdade, devo dizer, minha crença foi essa durante algum tempo, mas já há muito vejo que uma dúvida balança pra lá e pra cá num trapézio em minha mente, conforme a imagem de Brás Cubas, no romance homônimo de Machado de Assis. Tudo para todos, a qualquer custo, sem levar em conta que as necessidades dos demais cidadãos também podem ser diferenciadas e que os recursos não são feitos de látex? Difícil, se não impossível, realizar algo assim, não?

É bom lembrar que estou velho e sou diabético há quase 50 anos. Tenho que me preocupar com coisas assim, não?

No Brasil (e também em outros países) a questão fica ainda mais complicada diante da escalada das intervenções do Poder Judiciário na saúde – a chamada judicialização – com juízes facultando aos pacientes uma aproximação com o mundo irreal do "tudo para todos". O que acontece, porém, sem que isso cause algum pudor a suas excelências e advogados, é um "muito para poucos", ou seja, cada vez mais para cada vez menos pessoas. A Justiça é cega, diriam seus defensores, mas vejo que ela é míope ou estrábica, ao enxergar alguns (poucos) sem perceber as necessidades de muitos outros. Convenhamos: os melhores sistemas de saúde do mundo – e às vezes principalmente eles – também se ressentem da escassez de recursos para realizar todos os sonhos dos pacientes, dos médicos, dos juízes…

Um farmacologista de renome, Diego Rosselli, presidente de uma sociedade internacional de especialistas em farmacoeconomia afirma que é preciso reconhecer que os recursos são limitados e que cabe, aos políticos, aos tomadores de decisão e mesmo aos cidadãos avaliar e ponderar uma questão simples: "quanto podemos pagar por isso". Palavras dele: "temos que colocar como objetivo é que cada um dos agentes que participam das decisões em saúde tenha conhecimento para negociar. E o paciente tem que conhecer as informações dos custos da enfermidade, os custos de não tratar a doença, os conceitos de custo efetividade para comparar uma doença à outra". Rosselli lembra ainda que além dos custos diretos (de medicamentos, de honorários, de diárias, por exemplo), que podem até ser comparáveis para ricos e pobres, existem os custos indiretos (falta ao trabalho, incapacidade), que seguramente são mais injustos quando a pessoa é pobre.

É claro que levar tal discussão para o âmbito da formulação de políticas públicas é algo complicado, não havendo, de fato, nenhum país do mundo que tenha conseguido isso, ou seja, modos de tratar as pessoas como se não valessem o mesmo, em termos de uma relação de custo versus benefícios. Pelo sim, pelo não, creio que esta deve ser uma preocupação difusa nos dias de hoje.

***

Como disse Woody Allen, "tenho pensado muito na morte ultimamente, mas espero que a recíproca não ocorra". De minha parte, procuro tomar minhas previdências, sempre esperando pela não-recíproca… Assim é que fiz uma consulta na web e decidi preparar minhas "diretivas antecipadas de vontade", nas quais manifesto por livre e espontânea vontade, consciente, livre e esclarecida, o que desejo receber, ou que não desejo receber se, por qualquer razão, me encontrar incapaz de expressar a minha vontade pessoal e autonomamente. Elas se aplicariam diretamente a eventuais situações derivadas de enfermidade manifestadamente incurável e que impliquem em me causar sofrimentos ou me tornem incapaz de ter uma vida racional e autônoma. Isso significa ainda que, baseado nos princípios da dignidade da pessoa e também na autonomia individual, aceito a terminalidade da vida, ao tempo que recuso qualquer intervenção médica extraordinária inútil ou fútil, ou seja, na qual os possíveis benefícios sejam nulos ou demasiadamente reduzidos, ou que arrasem financeiramente minha família.

Assim, já registrei em cartório, bem como deixei claro a meus filhos e outros familiares da existência de tal documento, no qual está explicitada a negativa em ser submetido a horrores como: (1) quaisquer meios invasivos de suporte artificial de funções vitais; (2) medidas de alimentação e hidratação e outros procedimentos artificiais de sustentação da vida e que apenas visem retardar o processo natural de morte; (3) tratamentos que se encontrem em fase experimental, investigação científica ou ensaios clínicos; (4) reanimação cardíaca, ao uso de respiradores, bem como a hemodiálise, por qualquer período de tempo; (5) gilapidação da vida financeira de minha família, recebendo durante minha internação e realização de procedimentos, apenas a assistência garantida por meu Plano de Saúde, ficando minha família autorizada e garantir o meu direito à cobertura contratada, por via jurídica, se isso se fizer necessário. Além disso, gostaria de receber apenas fármacos ou procedimentos necessários para controlar, com efetividade, dores e outros sintomas que possam me causar padecimento, angústia ou mal-estar.

Aproveitei a oportunidade para incluir nas taisparei aqui diretivas dois itens que considero essenciais: ser cremado e executarem no meu velório *Comfortably Numb*, de Pink Floyd, com o velho David Gilmour erguendo a costumeira torre sonora com sua guitarra. Isso se eu não mudar a trilha sonora, oportunamente, para a Suite 01 de J. S. Bach, primeiro movimento.

O único problema será, certamente, o surgimento de algum desses heróis médicos, que acham que o verdadeiro sentido da medicina é prolongar vidas – e não conferir qualidade a elas – custe o que custar.

***

Pobre Drummond. Todo mundo sabe da indisposição dele à exposição de suas questões pessoais. Aliás, ele chegou a declarar ao Pasquim, ainda nos anos 70, que realmente não via graça nenhuma em dar entrevistas, visto que sua vida já era suficientemente contada e detalhada nas centenas ou talvez milhares de poemas e crônicas que tinha escrito, tudo extensivamente público e notório desde sempre. Tal indisposição se estendia ao mundo

acadêmico, sempre interessado em devassar os segredos de sua escrita. Para um autor de extensa tese de doutorado na USP, que tinha como objeto apenas e tão somente o famoso poema da *pedra no meio do caminho*, ele dedicou uma frase preciosa, mal-humorada sem deixar de ser respeitosa, ao tomar conhecimento do calhamaço de duas ou três centenas de páginas já abençoadas por uma egrégia banca: *isso me fez sentir um monstro de obscuridade e trevas*.

Drummond morreu há 30 anos e já estaria completando 115 anos… Mas parece longe de ser esquecido, dada a fúria de *revival* que sua obra ainda desperta. Por que seria? Querem a clarificação dos enigmas da vida? Afinal Drummond não é para principiantes; mesmo quando fala de um simples pedregulho na estrada, tem uma profundidade que nem sempre está ao alcance do leitor profano. Alguns de seus poemas, como é o caso de *Mineração do Outro*, que aprecio muito, são de uma profundidade abissal, com referências freudianas e nietzschianas nítidas. Uma parte de tal *revival* compulsivo creio que se explica pelo interesse que a Rede Globo demonstrou pela obra do poeta itabirano depois de sua morte. E tome récitas de poemas dele, seja no Fantástico ou em programas especiais levados ao ar não só nos aniversários natalícios ou de morte, mas também por dá cá aquela palha, envolvendo todo o elenco global, de Paulo José a Faustão, de Angélica a Fernanda Montenegro. Com textos nem sempre os mais significativos, diga-se de passagem. Porque, como todo mundo, nem tudo o que ele produziu pode ser considerado realmente relevante.

Outra parte dessa história seria explicada, sem dúvida, pelos numerosos textos de Drummond que circulam pela internet. Melhor dizer: textos *atribuídos* a Drummond, porque, pelo que vejo (no que muita gente boa me dá respaldo) boa parte deles simplesmente não vem de tal lavra. O que se vê são pensamentos açucarados, além de frases de autoajuda barata, servindo como legenda para mensagens de dia dos namorados, aniversários, dia da mulher, festas natalinas etc. Em outras palavras, se não revirasse no túmulo por muitos outros bons motivos, o itabirano talvez se visse obrigado a lamentar não ter sido de fato o tal *monstro de obscuridade* em que se viu retratado no erudito calhamaço uspiano. Antes um agente das trevas do que um jg-de-araujo-jorge redivivo…

No atual momento dos 115 anos de nascimento, tal hiperexposição drummondiana atinge níveis de paroxismo. Fiquei sabendo, por exemplo, de um conclave em Ouro Preto, realizado no último outubro, em que dois intelectuais, Humberto Werneck e Edmilson Caminha, além do zeloso neto que defende os direitos autorais de Drummond (de sobrenome Grana, diga-se de passagem…) passaram algumas horas, diante de plateia embevecida, a comentar e discutir, como se coisa significante fosse, as anotações sob a forma de diário, agora publicadas, mas que o próprio poeta tinha deixado de aproveitar em resenhas anteriores, talvez por julgá-las irrelevantes ou inconvenientes. Creio que, neste caso, o que Umberto Eco um dia chamou, ironicamente, de "rol de lavanderia", a não ser confundido com a verdadeira literatura, tenha sido a tônica do caloroso debate.

Há alguns anos estive em Itabira e me surpreendi com a quantidade de estátuas de Drummond existentes por lá, de textos do poeta grifados nos muros, além de diversos endereços relacionados à vida e à trajetória do poeta. Tudo meio abandonado e mal cuidado, como é corriqueiro nas administrações municipais pelo Brasil a fora. Era uma tarde de sábado e tentei conhecer o Memorial erguido a partir de um projeto de Niemeyer. Estava fechado, não para reformas, mas porque era sábado à tarde, momento em que, como se sabe, o mundo se dedica ao trabalho e às atividades dentro de casa. Quem pensaria em visitar um memorial dedicado à literatura em uma ocasião assim? Naquela hora, me veio à mente uma frase que indicarei para a próxima edição (se houver) da coletânea organizada por Ruy Castro, O Melhor do Mau Humor: *em Itabira tem mais gente vivendo de Drummond do que lendo Drummond.* Parece ser esta a

situação atual em termos nacionais também, com eruditos de um lado e parentes de outro, discutindo seriamente listas de roupa suja, para não falar da vasta produção de textos apócrifos pululando pelas redes sociais.

Sem querer ser destrutivo ou excessivamente *gauche*: será que já não se disse tudo o que havia para dizer sobre Drummond? Todo esse assanhamento em torno do grande poeta ainda se justificaria? Isso me traz de volta uma antiga canção de ninar, do tempo das amas de leite negras, cantada justamente pela babá de Drummond, a preta liberta Siá Maria: *que passarim amoroso / frutejo acabou / passarim tá teimoso...*

Pobre Drummond… Que tua cova seja larga o bastante para que possas rolar à vontade, já que lamentavelmente não podes sair dela para tomar satisfações por aí, pessoalmente…

CINQÜENTA ANOS EM CINCO MINUTOS

Um dia desses, por algum motivo (que não sei exatamente qual é, mas é algo que me vem à mente com muita frequência ultimamente), comecei a me lembrar de certa fase da minha vida em que as coisas aconteciam com intensidade incrível, embora nem sempre fossem saboreadas de igual maneira. Se eu soubesse, teria começado a fazer tal exercício de "saboreio" desde então.

Lembrei-me, por exemplo, daquela Copa do Mundo perdida na Inglaterra, coisa que no Brasil ninguém achava possível acontecer, pois afinal de contas nos considerávamos invencíveis, depois de dois campeonatos mundiais sucessivos.

Foi também o momento que decidi deixar de lado uma vida de descuido como estudante medíocre que era, para mergulhar a sério no desafio do vestibular – que acabou me sorrindo ao final, como uma sorte grande.

E me despedi da esbórnia da maneira mais adequada: num carnaval de clube, entre louras & morenas, tendo como hino absoluto aquele *vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é carnaval*, recomendação esta que procurei levar a sério.

Consegui arranjar minha primeira namorada, que era bem bonitinha, um pouco mais nova e muito mais baixa do que eu. Para ela cantei em serenatas memoráveis o grande hit da ocasião: *se você quer ser minha namorada*, de Vinicius e Lira, canção que simplesmente dizia tudo o que um jovem romântico poderia querer dizer para sua amada. Pena que durou pouco...

Eu, que ainda não amava os Beatles e nem conhecia os Rolling Stones mudei completamente de idéia quando fui apresentado ao disco que estourava nas paradas de sucesso daquele momento: *Revolver*. E troquei aquela "minha namorada", que já estava ficando batido, por *here, there and everywhere*.

Para meu desapontamento, entretanto, pude saber que os caras de Liverpool haviam decidido fazer, justo naquele momento, sua despedida das turnês. E embalado por aquele *será que um dia eles vêm aqui, cantar as canções que a gente quer ouvir*, de meu colega de Colégio Estadual, Tavito, eu, no fundo, esperava um dia poder assisti-los pessoalmente. O show de Paul McCartney que assisti muitos anos depois, em companhia de meia dúzia de adolescentes, entre filhos, sobrinhos e enteados, já terá valido alguma coisa na realização deste sonho.

Da política eu já sabia alguma coisa, por exemplo, que estávamos começando a viver um pesadelo com os militares no poder. Mas naquele ano, qualquer ilusão de volta à normalidade democrática se desfez, quando um general de plantão escolheu outro para substituí-lo, o que fez surgir a expressão popular de que havia, agora, no cenário nacional, um *príncipe herdeiro*. E não lhe faltaram votos na eleição fajuta que se fez logo depois, quase trezentos, em um Congresso manietado (alguns de muito bom grado, aliás).

Assim, viajando em tais recordações, resolvi fazer uma pesquisa na internet para ver o que mais tinha acontecida na mesma ocasião. Ah, o *Google*, não sei como posso ter vivido mais de 40 anos de minha vida sem conhecê-lo...

Já que estou meio musical hoje, esta é um primeiro tema que a pesquisa me trouxe. Aquele ano foi todo pontilhado por lançamentos de *long plays* e *singles* que mudaram o rumo do rock e do pop, para sempre. Beatles, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Rolling Stones, Bob Dylan, Beach Boys, Joan Baez, Neil Young, Leonard Cohen, Tom Jones (!), Mammas and the Pappas, além de muitos outros, eram arroz de festa na ocasião. Isso para falar apenas dos principais. Acho que tanta gente boa e duradoura jamais esteve reunida em um só momento antes. Ano glorioso na música, aquele.

Gente que já era "grande" manteve a posição por muitos anos, seja na música ou em outras artes, como Frank Sinatra, Ray Charles, Aretha Franklin, Orson Welles, Nina Simone, Elizabeth Taylor, Audrey Hepburn, Barbara Streisand, Tony Bennet, Arthur Miller, Ernest Hemingway, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, Ellis Regina, Jair Rodrigues, entre outros.

Na política internacional a situação não augurava coisa boa. A Guerra Fria estava no auge e a cada mês explodiam artefatos atômicos, da Sibéria a Utah; dos desertos centrais da Ásia aos atóis do Pacífico. E o Clube da Bomba se ampliava, com a entrada da França, do Reino Unido e até da China. No Vietnam choviam bombas e napalm, sem nenhuma esperança que aquilo fosse se resolver logo.

Ah, o Vietnam... E pensar que aquele era um cenário quase "romântico" de guerra, em estilo "clássico", perto do que acontece hoje na Síria, no Iraque, em Gaza, no Afeganistão...

A Guerra Fria se estendia também para o espaço sideral, com os primeiros vôos de contorno da Lua e da própria Terra, ainda não tripulados, ou então tripulados por pobres cães e macacos. Alguns dizem – e não deve ser só teoria conspiratória – que os primeiros tripulantes humanos, na verdade, foram e não voltaram. Uma parte das peripécias de então tinha por objetivo somente fazer os artefatos espaciais se esborracharem no pedregoso solo lunar – e já era um sucesso.

Mas em compensação o movimento de direitos civis pipocava nos EUA e em toda parte, tendo como liderança ninguém menos que o Reverendo Martin Luther *"I dreamed a dream"* King. As grandes marchas civis haviam apenas começado e já tomavam conta do *mall* de Washington e de muitos outros espaços públicos.

Entrementes, na África do Sul a política de *apartheid* apertava suas garras, enquanto por aqui ninguém sabia quem era Nelson Mandela. Mas, apesar disso, o primeiro transplante de coração foi realizado neste país. Ainda na África, uma após outra, as colônias britânicas, belgas e francesas foram se transformando em países autônomos – ou nem tanto – persistindo dúvidas, até hoje, se assim lograram melhorar as condições de vida de sua população.

Terremotos, tornados, enchentes, erupções vulcânicas, incêndios aconteceram em todo o mundo, não sei se com frequência menor ou maior do que ocorrem hoje. E fiquei impressionado, também, com a quantidade de aviões que caiu, nos cinco continentes, matando algumas centenas de pessoas. Nisso, os avanços tecnológicos relativos às máquinas que voam devem ter sido aprimorados.

Estava lendo e divagando sobre tudo isso quando me dei conta de algo terrível. Tudo isso aconteceu em 1966, ou seja, há exatos cinqüenta anos atrás. E, no entanto, parece que foi outro dia mesmo. Oh céus! O que é isso? – eu me perguntava. Eu, naquela ocasião com esfuziantes 18 anos de idade, dispunha de uma fartura de minutos, horas, dias e meses pela frente. Agora eles me parecem tão escassos...

Esta, de fato, é a pior das noticias que eu poderia ter lido. A de que a vida passa muito rápido. Melhor então não perder tempo com coisas supérfluas, como pesquisas vãs no *Google*, por exemplo...

E A MEDICINA, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

Lucas Carvalho**,** vejo nos jornais, com apenas 17 anos conseguiu vaga no curso de medicina da UnB em 2020. Um feito e tanto! E o merecimento deste rapaz dobra quando descubro que ele é filho de uma diarista e de um entregador de bebidas, que é morador de uma remota periferia do DF e que desde a infância já se virava vendendo brigadeiros na escola. E mais: sonhava ser músico e não deixou por menos, é saxofonista profissional! É muita conquista para uma pessoa só! Nem eu nem a maioria das pessoas conhece, de perto, as intempéries e os acidentes de percurso que um cara desses deve ter enfrentado para chegar onde está. Então, Lucas quer ser médico... Mas talvez eu, do alto dos meus 71 anos e quase 50 de formado nesta profissão, acho que, se pudesse, daria a ele alguma informação que talvez ainda não tenha recebido ou percebido por si só.

Minhas reflexões são antigas e ficam mais pulsantes quando vejo aqueles garotos nos semáforos, pintados de todas as cores, em trajes sujos, pedindo uma contribuição para o chope grupal, pelo momentoso fato de terem passado no vestibular de medicina. Não tanto por razões moralistas, do tipo “afinal de contas não ficam bem tais atitudes em futuros médicos”. A minha questão é outra: as ilusões de que aqueles jovens – Lucas agora entre eles – se se alimentam e, de quebra, a classe média e média-alta a que pertencem (neste caso, exceção feita ao nosso herói...). Ilusões, aliás, compartilhadas por toda a sociedade.

A primeira dessas miragens deriva do fato de já termos, aparentemente, médicos demais. Aqui no DF, inclusive, tais profissionais existem em proporções cubanas ou israelenses, que são padrões mundiais em tal quesito. Mas formar muitos médicos é apenas um detalhe, pois é preciso saber onde eles estarão, na prática. Aqui no DF, por exemplo, estatisticamente eles estão em excesso, mas quantas unidades da periferia, principalmente, têm suas vagas não preenchidas? Como vê, “formar” é uma coisa, “atender necessidades da população” é bem outra.

Mas isso acontece em quase toda parte no Brasil. E nem resta mais o consolo daquela palavra de ordem de décadas passadas – a necessidade da *interiorização da medicina*. Com o advento do SUS e a decorrente expansão dos serviços de saúde nos municípios, mesmo pequenos, graças à política de descentralização (sim, há coisas bem-sucedidas na saúde em nosso país), menos de

10% dos municípios brasileiros permanecem sem médicos. Alguns deles se situam a menos de 100 km da Capital Federal. Acredita, Lucas? Mas assim, como não há médicos ali, não há enfermeiros, dentistas, engenheiros, agências de banco, internet, Uber ou Netflix. Enfim, tudo que se associa à vida civilizada ou inserida no mundo do consumo.

Bem que se tenta, no Brasil, promover a ida de profissionais de saúde para estes municípios. O Programa Mais Médicos foi, sem dúvida, um alento. Bem-sucedido, embora de sustentabilidade duvidosa. Até que vieram esses caras que acreditam que "ideologia" é algo que só existe na cabeça dos outros, daqueles que eles veem como inimigos, e disseram que não era nada disso. Expulsaram os cubanos e quem ficou no lugar deles? Praticamente ninguém, até agora. Boas intenções, ilusões sem apoio na realidade e palavrório não preenchem vagas de médicos, esta é a verdade. E os médicos formados no Brasil estão longe de serem solução para o problema.

E ainda falando em ilusões, acho que Lucas talvez se choque com o modo que receberá sua formação profissional. Falo como pessoa que militou durante mais de 30 anos no ensino médico, associando sua prática docente durante longos anos à militância paralela na gestão de serviços de saúde. Uma boa pergunta que tal vivência me trouxe e que continua valendo é: esta turma está sendo formada para *qual* sistema de saúde? Para quais tipos de necessidades populacionais? Para o que oferece a realidade no Brasil certamente que não é.

Resulta disso, Lucas, é que os médicos, em sua maioria, estão preparados para fazer e pensar como especialistas, na melhor das hipóteses como especialistas no corpo humano, abstraindo-se dos fatores que o rodeiam, o ambiente ou o modo de vida, por exemplo. Na pior das hipóteses, como operadores de tecnologias voltadas para determinado órgão ou sistema, quando não apenas de moléculas ou outras partículas que compõem a máquina humana. E acima de tudo, praticam um enfoque exclusivo sobre a doença – e não sobre a saúde – de cada pessoa, nem mesmo das pessoas em geral. O médico, que deveria ser um real profissional de saúde, se transforma em profissional da doença.

Para não me delongar muito, diria ainda a Lucas que a saúde representa na verdade o produto de quatro condições fundamentais: a *biologia* da pessoa; o *ambiente* em que ela vive; os *estilos de vida* que assume e a *oferta de serviços* de saúde a que está exposta. Um bom curso de medicina teria, por obrigação, que se dedicar a estes quatro componentes da saúde. Mas o que acontece na realidade é bem diferente disso. Os cursos de medicina atuais possuem foco absoluto nos fatores biológicos, na doença, nos indivíduos (doentes) e no ambiente hospitalar. Nada de abordagens mais amplas, por exemplo, em comunidades, famílias, aspectos sociais e culturais; nos serviços de saúde periféricos e nos múltiplos ambientes onde a vida de fato acontece.

Espero que este rapaz não desanime, realmente. Ter consciência das coisas, mesmo que possamos fazer pouco para mudá-las já é um passo adiante. Uma história assim, ou a parte dela que conheci pelo Correio Braziliense, mostra que temos aí uma pessoa de têmpera suficiente para não se render a ilusões, ou achar que a tecnologia é tudo na carreira de um médico. Afinal, ele não terá pais abonados para adquirir os sofisticados equipamentos de que grande parte dos alunos de medicina sonham poder dispor para ganhar a vida. O nosso Lucas, com certeza, terá mais dificuldades do que aqueles, mas em compensação, poderá fazer pela sua vida e pela vida do seu povo algo muito maior, uma realização verdadeira, na qual a prática de medicina é parte de um todo, chamado Conquista da Cidadania.

Muito sucesso ao jovem Lucas. Ele bem merece!

(II) E A GENTE ACHOU QUE ESTAVA CHEGANDO LÁ...

A SENHORA VANA & E SEU AMIGO MIGUEL

A fábula é nova, mas o sabor é antigo...

Vana fora incumbida de levar seu povo à Terra das Promessas. E tal líder passara anos de sua vida preparando-se para tanto. Mas logo começada a longa caminhada, um grande obstáculo surgiu: um profundo desfiladeiro sobre o qual se perfilava uma ponte muito frágil. Vana não era de fazer consultas, mas resolveu ouvir dois de seus principais companheiros de jornada, Rationibus e Practicus.

O primeiro, apelando para o que era seu atributo principal, a Razão, ponderou que o melhor era não se arriscar e procurar um caminho alternativo, pois certamente o haveria. O segundo, com seu tradicional senso prático, recomendou, de pronto: vamos por aqui. E ir "por aqui" significava encarar aquela pequena ponte, cheia de perigos, sempre prestes a lançar os ousados caminhantes ao abismo.

E Practicus ainda arrematou: certamente teremos o apoio dos povos dos penhascos, logo designando alguns deles, em quem tinha confiança. E feito isso, procurou, aos gritos, clamar pelos velhos amigos e novos sócios na empreitada de ir à Terra das Promessas. E foi assim que Cunheus, Calheus, Sarneus e Migueus logo mostraram suas hostes de entremeio aos penhascos e fizeram sinais amistosos de "venham, estamos com vocês".

E Vana então chamou seu povo e foram pela terrível ponte, que acabou por não resistir ao peso de tanta gente e se partiu, lançando todos ao abismo. No fragor da queda houve quem visse alguns dos Migueus acenar-lhes com palavras soezes, do tipo "adeus, queridos" e houve mesmo quem percebesse que um deles ostentava nas mãos uma enorme tesoura de cortar arame, certamente o motivo principal da queda da pinguela. Qual seria a moral da história?

Esperem aí, a história pode ter outros finais, por exemplo, se Vana tivesse ouvido o sensato Rationibus. E teria sido assim: foram procurar outro caminho para vencer o desfiladeiro. Estava difícil encontrar, ladearam o abismo por vários lados – e nada. Mas Rationibus não se deu por vencido e falou: vamos procurar o apoio de um povo que já foi nosso amigo e que mora nas planícies mais aquém de onde estamos, os Psoeus, além de outros, chegados a eles.

E mandaram emissários às planícies, que foram tão bem sucedidos em sua missão que até conseguiram arregimentar apoio de outros povos, os Neutralius, por exemplo, que até então não haviam entrado na fábula, ocupados que estavam com seus afazeres cotidianos, sem tempo para grandes aventuras como aquela. Mas vieram assim mesmo.

Para encurtar esta fábula, que fábula é melhor quando curtinha, os liderados de Vana, ajudados pelos Psoeus, Neutralius e Sinistrius (outra gente que se ajuntou aos novos aliados no caminho), acabaram por transpor o desfiladeiro em um vale, mais abaixo. É certo que foram hostilizados pela gente dos penhascos, mas a esta altura já eram tantos que botaram para correr os Migueus, Calheus, Cunheus, Sarneus, além de seus asseclas.

Final feliz? Nem tanto. Nem bem conquistaram a primeira beirada da Terra das Promessas, os liderados de Vana descobriram que mais adiante havia outro desfiladeiro, com outra ponte

perigosa, outros inimigos cavilosos. Mas foram mais felizes assim. Esta é (ou deveria ser) a Moral desta pequena história.

A SERPENTE E SEU OVO

Começou em 2013 um período tremendamente perturbador na vida nacional. Ainda não terminou, por certo. Tivemos os "rolezinhos" nos shoppings de São Paulo; as manifestações de rua em várias capitais contra o governo Dilma, o 1 x 7 contra a Alemanha, as malandragens da Eduardo Cunha; mais manifestações contra e a favor do governo; o processo e o impeachment de Dilma; o governo Temer; o caso Joesley; a prisão de Lula e de outras personalidades da vida empresarial e política; aquela simbólica mala de dinheiro; o assassinato de Marielle; a inauguração de uma era de polarização selvagem no país etc. etc. etc.

Assisti tudo isso, como cidadão – e como muita gente no Brasil, aliás – entre estarrecido e estupidificado. O desenrolar desses acontecimentos pareciam nunca ter fim. E quando tiveram, foi para piorar a situação, com as eleições de 2018. Nesta ocasião, adentrei ao Facebook e ali comecei a registrar minhas preocupações, na expectativa de atrair para elas algum tipo de debate, ou pelo menos que valessem como desabafos mesmo. Da tal rede social logo me cansei, mas aquele apanhado de manifestações que lá deixei, às dezenas, com certeza me fazem recordar hoje as sombras daqueles tempos pantanosos.

Mas mesmo no escuro e no lodo a gente sempre aprende alguma coisa...

Hoje, quando olho pelo retrovisor, percebo que para mim também havia mudanças em curso. Eu acabara de encerrar um contrato na OPAS, mais por desejo próprio do que por uma demissão forçada. O povo de lá me acenava, então, com a possibilidade de um contrato pontual, renovável depois de algum tempo de "quarentena" e eu achei mais vantajoso tal sistema, ao invés de continuar assinando ponto e ter que me submeter a chatíssimas reuniões de planejamento e avaliação, das quais eu sempre esquecia a hora, talvez para escapar do tédio que me provocavam. Isso me permitiu alguns picos de trabalho intensivo, com uma remuneração que eu modestamente penso que foi merecida.

As mudanças que então ocorriam para mim, em parte, eram boas, embora certas vezes nem tanto. A parte boa foi a casa que construí quase na zona rural de Brasília, no Condomínio Verde e a minha mudança para lá, em 2011. Ali pude acompanhar de perto, nem que fosse nos finais de semana, o crescimento de meus filhos pequenos, Flavinho e Sophia e exercer a alegria de tê-los próximos a mim, em caminhadas, banhos de rio, pescarias e outras aventuras. Se ter tais filhos em plena maturidade eu sempre considerei um privilégio enorme, a presença deles na casa que eu construí à minha imagem e semelhança, mediante competente projeto de meu irmão João Mauricio e meu filho Mauricio, foi por assim dizer, uma cereja no meu bolo. Nesta situação, de pai e morador na roça, creio ter sido mais feliz do que em qualquer outro momento de minha vida. E assim continua sendo, aliás.

A parte ruim durou três longos anos e resultou da minha incapacidade, pelo menos na ocasião, de encarar uma vida totalmente em solidão, desacasalado, fora dos finais de semana. Meus impulsos falaram mais alto e de repente me vi envolvido em uma relação daninha, que até hoje me provoca arrepios, quando dela por algum motivo me recordo. Mas como tudo tem de passar, tal nuvem maligna foi embora também. E fica assim registrado este pormenor desagradável de minha vida, o grande erroe que ainda me penitencio. Dele não falarei mais nestas páginas.

Se para mim apenas certas coisas não foram boas, no país elas desandavam geral. Em 2013, as tais manifestações, ataques de *black-blocs* e rolés. Na época, adverti um amigo que se regozijava acreditando que ali estava nascendo um novo modo, mais efetivo, de fazer política, que aquilo poderia não ser nada o que ele estimava. E até usei a música *Pelas Tabelas* de Chico Buarque para ilustrar: não era "ela" afinal que vinha para redimir a massa, mas sim um "homem que olhava as favelas". Premonitório do que viria depois, a meu ver. Grande Chico!

Em 2014, Alemanha sete, Brasil um. Mas dessa parte eu até gostei. Venceu quem podia e a justiça foi feita. Futebol nunca foi o meu forte, dos dois lados do alambrado, aliás. Daí para frente foi tudo fermentação, com a amarga destilação que se conhece.

Em 2016 o impeachment de Dilma me revoltou, mas não me mobilizou para nada mais do eu isso: revolta. Não votei na figura e não simpatizava com ela, e menos ainda achava que Temer fosse coisa que prestasse e que valesse sua inclusão na turma petista. Depois, a prisão de Lula, antecedendo a pior parte: o réptil já trincava a casca do ovo!

E nada foi como antes. E nem sei se voltará a ser.

No momento que escrevo a fera está solta: bolsonarismo, polarização, ódios disseminados, recessão econômica, pandemia, conflitos anunciados, miséria em ascenção, descrédito do país, negociatas políticas, aniquilação aparente de qualquer movimento de repudio a tudo isso. Não bastasse isso tudo, quase cem mil cadáveres já nos observam. Onde vamos parar?

Sinto muito, mas este é o clima que abre essa seção, formada por textos meus que recolhi, "encolhi" e adaptei, vindos diretamente de meu período feicebuqueano. São mais de uma dezena de páginas, assim mesmo depois de um processo intenso de desidratação (podem acreditar). Desculpem, assim, a possível prolixidade, mas a intensidade, a gravidade e a diversificação dos assuntos que surgiram assim o exigiram.

Mas se quiserem podem saltar essas páginas tão infelizes e seguir adiante. Não culparei ninguém por isso.

TEMPOS PROBLEMÁTICOS E FEBRIS

Um tango do argentino Discepolo, que conheci através da voz de Caetano Veloso, lamenta (ou, melhor dizendo, *lamuria*) as mazelas *del Siglo Veinte*, que o autor considera *problematico y febril*. O nome da canção é *Cambalache* e entre outras pérolas mal humoradas diz: ***que el mundo fue y será una porquería, ya lo sé; en el quinientos seis y en el dos mil, también…*** Mas pelo visto, é neste século XXI que a verdadeira *porqueria* finalmente nos alcançou, e até dá para ter saudades da bonomia e da tranquilidade dos 100 anos anteriores, quando éramos felizes, embora ignorássemos que tal estado iria por água abaixo logo em seguida.

Mas para não ficar só no lado ruim, em termos pessoais, pelo menos, diria que o novo século para mim foi um tanto *febril*, também.

Senão, vejamos. Em 2000 com o término do meu doutorado na Fiocruz, recolhi-me a Brasília, onde, com muitas passagens pela minha querida casa no Moinho escrevi minha tese, sendo aprovado com boas recomendações na banca a que me submeti em 2002. Neste momento conheci Lucineia, que na sequência veio a me presentear com algo muito melhor e mais

significativo do que uma tese, ou seja, estas duas figuras que ilustram e valorizam minha velhice, Flavinho e Sophia. Em 2003 me aposentei na UnB e retornei a Uberlândia para ser, de novo, Secretário de Saúde, compartilhando o pão que o diabo amassou, com Zaire Rezende e outros companheiros. De volta a Brasília, em 2005 e a partir daí tive oportunidade de viver um grande momento em minha carreira de consultor, sendo chamado sucessivamente para trabalhos no Banco Mundial, OPAS, Conass e algumas Prefeituras, como Poço de Caldas e Uberaba. Realizei, numa dessas consultorias, junto ao Banco Mundial, um grande sonho, viajar pela Amazônia profunda, por lugares tão diferentes como Maués, Tabatinga, Atalaia do Norte e Benjamim Constant, onde (nada sendo perfeito) uma diarreia quase me liquidou. Entre 2010 e 2011 estive ligado diretamente à OPAS, prestando assessoria ao Conselho Nacional de Saúde, onde a então coordenadora quis recusar meu trabalho alegando que eu "não acreditava em controle social". Mostrei para ela um trabalho que havia publicado alguns anos antes, no qual eu demonstrava o contrário, porém sendo crítico ao *modelito* vigente, calcado em conteúdo da legislação (Lei 8142/90) a meu ver superado. Fui perdoado, mas com certa desconfiança, até que me cansei das formalidades e da burocracia da OPAS e passei, a partir de 2011, a prestar apenas serviços temporários e sob encomenda. Em 2007 e 2011 lancei livros, respectivamente *Saúde da Família: boas práticas e círculos virtuosos* e a *Unanimidade faz mal à saúde*, ambos pela Editora de minha antiga universidade, em Uberlândia, a EDUFU.

Neste meio tempo, dispondo de um cabedal razoável amealhado nos meus anos de consultor, como já contei, construí uma casa no Condomínio Verde, Zona Leste de Brasília. Próximo ao rio São Bartolomeu. Para ela me mudei em maio de 2011. Pensei em fazer deste lugar o derradeiro de minha vida e, no momento que escrevo, quase dez anos depois de ter me mudado para cá, creio que isso está se concretizando. Mas nada posso garantir para o futuro, dada a minha proverbial inquietação. Mas de toda forma, este é um lugar de que gosto, com a natureza por perto, dois cães que me idolatram, Flavinho e Sophia frequentemente presentes (e curtindo também o ambiente), além de plantas e mais plantas que me entretêm e me fazem orgulhoso de meus dotes de jardineiro. Das pessoas daqui não sei dizer se gosto muito; às vezes me parecem gente que gostaria, de verdade, morar no Lago Sul, não neste fim de mundo, próximo demais à pobrezinha São Sebastião. Praticamente não visito ninguém e não sou visitado e para mal dos pecados, três das amizades que fiz por aqui, gente da minha idade ou pouco mais velha, já faleceram.

Nestes anos de Condomínio Verde, meus projetos foram poucos, mas creio que substanciais, com destaque especial para a redação destas memórias e algumas viagens. Fiz três delas a Portugal, com especial ênfase nas duas últimas, nas quais tive as companhias de Carmen Azevedo e de mim mesmo, respectivamente, que motivaram textos que me deram grande prazer em escrever, conforme se vê mais adiante nestas memórias (*Viagens*). Fora isso, vou ocasionalmente a Belo Horizonte, para ver pai, mãe, filha, genro e netos. Vejo por lá alguns amigos também, desde sempre muito poucos. Destaco especialmente Maria Helena Brandão e Erix Curi Mafra, que figuram nestas memórias como personagens.

Outra de minhas escapadas de Brasília tem como destino Nova Friburgo, para ver minha eterna tia – irmã Teresa Julieta. Faço isso uma vez por ano e sempre tenho muito prazer em estar com ela e curtir aquele ambiente de florestas e montanhas. Em uma dessas idas ao Rio aproveitei para conhecer a pousada que meu primo Cristiano, filho de Teresa, junto com a esposa Mônica e o pirralho Otto, estão tocando em outro recanto de Serra, desta vez na Mantiqueira, no povoado de Mirantão, município de Bocaina de Minas, na divisa de Minas e RJ. Gostei demais de lá e quero muito voltar.

Programei uma viagem à Itália neste ano de 2020, junto com Daniela, Francisco, Flavinho e Sophia, mas tive que cancelá-la em função desta maldita pandemia. Quem sabe no ano que vem? Mas em termos de exterior, tenho vontade mesmo é de voltar, ainda uma vez ou mais, a Portugal, onde tenho agora a receptividade de meu amigo Eduardo Guerra e sua mulher, Célia.

Minha vida de aposentado no Condomínio Verde não tem sido, absolutamente, vazia. Caminho muito, faço outros tipos de exercícios, cuido de dois cães e de jardins, recebo com honras meus dois filhos pequenos (ocasionalmente os grandes e o neto também) e além disso montei uma pequena marcenaria (ou algo parecido) onde confecciono objetos diversos, verdadeiros *inutensílios*, como dizia Manoel de Barros. Isso me transformou em consumidor quase compulsivo de ferramentas, pela internet, embora algumas delas, confesso, ainda estejam à espera da definição de que sejam realmente úteis.

Enfim, daqui desta colina, sobranceira ao Vale deste ribeirão Taboquinhas, nascido nos altiplanos a leste de Brasília e tributário do São Bartolomeu, assisto a vida passar, interagindo modestamente com o que me é dado aproximar. Aqui me vejo uma espécie de observador em uma atalaia ou *Watch Tower*, prestando atenção na política, nos costumes, na natureza, nas pessoas (entretanto sem exagerar nos contatos), bem como na família, que é a parte com que mais vale a pena gastar energia, sem dúvida.

E é assim, *febril* de pequenas realizações e pequenos acontecimentos, tentando fugir, sem obter sucesso, da *problemática* do país, que assisto, malgrado meu, neste século exageradamente confuso, que passa veloz debaixo de meus olhos. Mas de tudo que vejo, procuro tirar um sentido, alcançar a existência de alguma lógica fazer ou, pelo menos, fazer uma síntese. Para isso, invoco com frequência uma Santa muito especial...

Santa Coerência, de minha especial devoção, Rainha das remotas paragens da Alta Razônia, Senhora das fronteiras do Cogitum – socorrei-me! Será que estarei somente eu certo diante de um monstruoso sistema de erros? Ou, bem ao contrário, serei apenas um ser equivocado e errático numa terra onde estão todos cobertos de razão? Minha Santa, fazei com que eu, em um mundo de tanta confusão, seja capaz de perceber a verdade. E uma vez a conhecendo, que ajude a divulgá-la; e que não espalhe por aí notícias falsas, que ficarão ainda mais falsas ao serem passadas adiante. Protegei-me e defendei-me, minha Santa, da falaciosa ideia de que uma pessoa de bem há que se situar sempre à destra ou à sinistra – mas que existem posições que permitem enxergar melhor os caminhos sem que estejamos presos à suas margens.

POLÍTICA E POLITICOS: O TRIUNFO DE JERÔNIMO FOGUETEIRO

Escutei, certa vez, um deputado distrital daqui do DF se defendendo das acusações de nepotismo e empreguismo. Seu argumento: *há muito desemprego na cidade, precisamos ajudar a minimizá-lo...*

Enquanto espero que a Santa me ilumine, tento entender o Legislativo, embora tenha pouca esperança que alguma razão viesse dali. Lógica, sim – ali há muita lógica, aliás. Eu tinha ouvido falar dos três "B" que orientam as principais bancadas no Congresso Nacional: *Bala, Boi e Bíblia*. Mas olhando bem, percebi a necessidade de acrescentar algo mais – só no capítulo da letra "B". A *Bancada da Bola*, por exemplo, muito em evidência depois que o ex da CBF Marin conheceu o banco de reservas na Suíça e nos EUA; esta continua fazendo e desfazendo; mandando e desmandando; apitando e cobrando o pênalte. Afinal, aqui é o pais do futebol. A *Bancada da*

Bolada tem nome parecido – e práticas idem. Ela sempre existiu, pujante, mas tem sido muito iluminada pelos holofotes nesses tempos de Lava Jato e Zelotes. Para escapar da pressão, utiliza muito bem as tecnologias modernas, principalmente aquelas que facultam transferências de valores para o exterior, por sistemas paralelos. É formada por gente que, na prática, deve e até treme, mas não paga. A *Bancada da Bomba*, que teve como patrono Eduardo Cunha, atualmente em estado de férias prolongadas em Bangu, mas deixou legítimos sucessores naquele vasto e amorfo *centro* político. A *Bancada dos Bonzinhos,* aqueles que sentam em cima da própria cauda e juram não ter nada a ver com tudo isso que está aí e que jamais apoiaram, em tempo algum, coisas como essas que se vê hoje. A *Bancada do Bônus*, daqueles que desejam nada mais, nada menos do que levar vantagem em tudo, cujo lema é: *primeiro o meu*! *Bancada do Basta* (atencção: basta com "a' e não com "o"), aqueles sujeitos condescendentes no passado, incendiários hoje. *Bancada dos Brother*, se é para defender um par, um irmão, um igual, são capazes de atropelar a razão e mover mundos e fundos – acreditam que Judas, por exemplo, não foi traidor, apenas teve um lapso de memória e deve ter uma nova chance. *Bancada da Boa-Vida:* trabalham de terça a quinta, quatro meses de férias por ano, ponte englobando em todos os feriados – mesmo que caiam na quarta feira – e não perdem o São João, o Bumba Meu Boi, a Festa da Uva, o Festival da Cachaça de Pintópolis e outros festejos igualmente relevantes. *Bancada da Birosca:* os que estão por lá como não querem nada, estão sempre ficam calados, apostando no pior ou fingindo de mortos, mas de olho no incêndio que toma conta do circo.

Grande questão neste início de século (ou desde sempre), regida pelo mote de que governar é um negócio como outro qualquer, é a seguinte: a Besta está de volta! Ou quem sabe ela nunca foi embora? Falo do grande fantasma que ronda o mundo, especialmente presente no Brasil de hoje e de sempre – seu nome é *governabilidade*. Para todos os usos, para quaisquer circunstâncias. Ao preço que for preciso pagar. A governabilidade é a Vaca, melhor dizendo, a Besta Sagrada que ultimamente tem ocupado o lugar do bom senso, da ética, da respeitabilidade, da desvanecida credibilidade dos agentes políticos. Ah, essas alianças com o Cremulhão, com o Centrão, com o Não-sei-o-que-diga, com o Tinhoso, com o Capeta, com Demônio e o Diabo à quarta potência. Aqui nas Taboquinhas eles por acaso não entram? Entram sim – é só ligar a TV... Mas a verdade é que, em certa idade, como a que me encontro e, principalmente, vivendo no mundo em que vivemos – e mesmo aqui neste retiro – a gente acaba por abandonar e até menosprezar os antigos rótulos de "esquerda" e "direita", "progressista" e "conservador", "politicamente correto" ou "incorreto", em troca de algo que pode não ser nada operacional, mas nos permite um pouco de paz com a consciência: tentar ver o mundo de forma independente, com olhos abertos e a mente liberta dos rótulos e dos preconceitos.

Assim, em junho de 2013 eu já observava as ruas do país, daqui da minha Torre. Alguns analistas e mesmo amigos meus viam nos movimentos de então uma *renaissance* da sociedade brasileira. Eu botei o pé atrás e o tempo não deixou de me dar razão. Aqueles mocinhos e mocinhas que até a véspera estavam nos shoppings da Faria Lima, não sabiam ao certo ao que vieram. E sabiam menos ainda das coisas os tais vândalos *black-blocs*, se é que eles existiam de verdade, gente que não explicaria direito nem o corriqueiro das coisas, tendo que corresponder às expectativas tão portentosas de alguns. Quanto a mim, sendo bastante modesto, ou talvez socrático, dizia: *sei é que nada sei*…

Mas ainda sobre esta história de *ruas que falam...* não adianta ser simplista. Eu bem que queria aquele *porviroscópio* inventado por Monteiro Lobato, que me mostrasse não o futuro remoto, mas, digamos, pelo menos o final da próxima quinzena. Mas me arrisquei a um prognóstico na ocasião: quase ninguém estará nas ruas; ou quase ninguém se lembrará do que aconteceu, dentro de no máximo um mês. Mas era curioso aquele movimento sem políticos, sem partidos, sem política e, ao que parecia, até mesmo sem lideranças. Mas era trágico também, porque já tínhamos muito a temer (sem trocadilhos) de movimentos assim tão amorfos, que se esgotam

como um fósforo queimado ou descambam para outra coisa… Essa falta de propostas concretas, traduzidas por *liberdade, igualdade, fraternidade, passe livre*, sei não, parece filme que já passou. Assim, eu ficava, tu ficavas, nós todos ficávamos aguardando os acontecimentos que viriam… Como cães caídos do caminhão de mudanças.

O trágico, de verdade, no Brasil desta década confusa, é talvez o fato de não se dispor de líderes, partidos e da boa e velha política… Infeliz do povo que precisa de heróis, mas essa massa amorfa dirigida por outras tantas mentes amorfas, para não dizer outra coisa – isso não pode dar certo. Se der certo, o Brasil dará errado. Eu como não sou nada *rousseauniano* ao tentar entender o ser humano, fico em posição pessimista mesmo. E pergunto: *as tais ruas* não teriam por trás de si, como no filme Matrix, algo como um bando de *hackers* manipulando as multidões através das "redes sociais", sentados confortavelmente e empunhando seus teclados? Estes não vão às ruas levar balaços de goma e cheirar pimenta. E os caras que quebram, apedrejam, tocam fogo, agridem e não mostram o rosto, será que fazem parte dos que têm alguma consciência de seus atos? Não seriam o embrião malévolo dentro de um ovo de serpente que sempre acompanhou a história da humanidade ou, pelo menos, das multidões.

Mas de uma coisa tinha certeza: por trás de tudo não estaria a Rede Globo, nem a Veja, nem aquelas "elites", de que falam com tanta certeza Lula e outros *condiottieri* das esquerdas. O buraco deve ser realmente mais para baixo. Nietzsche é quem explica, não exatamente Marx ou Noam Chomsky.

E a calmaria dessas encostas das Taboquinhas me indica a pergunta: haveria vida inteligente em algum lugar? Não, amigos, não estou preocupado com o fato de termos, ou não, companhia em outros planetas ou galáxias… Meus pés estão no chão – e no Brasil. Refiro-me ao verdadeiro exílio da inteligência que ora nos assola, com esta inenarrável disputa (ideológica ou fisiológica, nem sei…) entre *coxinhas*, de um lado e *petralhas* de outro; *camisas amarelas* contra o resto… Será que não dá para refinar os argumentos? Usar um mínimo de racionalidade e bom senso? Respeitar a inteligência de quem prefere escapar de facções? Não existiria um caminho do meio para o que mobilizar tanto as energias dos cidadãos atualmente? De um lado, só erros; do outro só acertos – ou vice-versa? Confesso que estou farto! Acho que vou me exilar dos jornais e da internet. Mas em todo caso prefiro acreditar que exista vida inteligente alhures – ou em outra era, ainda por ser alcançada por nós.

Minha avó Dodora tinha uma curiosa expressão para desqualificar a prosa de alguém, por repetitiva, sem substância ou "repertório", como ela também dizia: *conversa de Jerônimo Fogueteiro*. Talvez tenha trazido isso de Varginha, no Sul de Minas, onde passou parte da infância. Pois é, quando abro os jornais atualmente fico com a sensação de que o tal mestre de fogos de artifício está redivivo … Muito falatório dos políticos, mas escassa relevância e menos ainda, consequência! De duas uma: ou está faltando matéria para a mídia ou o que acontece está realmente começando a se repetir, como naquele filme do Dia da Toupeira (título apropriado, aliás, para a realidade brasileira). Ou uma terceira: o nível moral e intelectual do país chegou definitivamente ao volume morto. Mídia, políticos, cidadãos – alguém deve estar errado nessa história… Mas uma coisa é certa: o pirotécnico Jerônimo triunfou!

MEU VOTO NO PT

Votei em Lula quatro vezes, convictamente, aliás. Com Dilma, a *comandanta*, não embarquei. Não sei se votaria no Grande Timoneiro outras tantas vezes, a não ser para derrotar algum

desses energúmenos alçados ao topo da cadeia alimentar da política por obra e graça desse eleitorado ignaro e dotado do mais profundo analfabetismo político.

Como me lembro da posse da Lula, em 2002; quantas esperanças, meu Deus! Mas não se pode negar as boas obras do PT, nas políticas sociais, principalmente. Talvez tenha repetido a velha máxima do "rouba mas faz". Mas penso que teve gente que roubou (e permitiu que se roubasse) muito mais. A política brasileira está cheia de santos do pau oco.

Mas o PT criou o Programa Mais Médicos, apregoarão os militantes. A pergunta que não quer calar é: mais? Do mesmo? Da mesma forma, a questão nunca esclarecida da sustentabilidade do programa, até que a monstruosidade bolsônica passou a caterpillar por cima. Mas acho que no geral os resultados do PMM foram positivos, no mínimo por ter representado um pontapé na porta da corporação médica. O que os doutores brasileiros abominam é motivo para eu aplaudir. A discussão sobre a interiorização e a periferização da medicina ganhou qualidade e profundidade. Eu coloco sem sombra de dúvida o Mais médicos entre os acertos dos governos do PT.

Mas teve também o outro lado da moeda, por exemplo: quem não foi impedido de trabalhar, viajar ou simplesmente trafegar em sua cidade por força de obstrução nas vias públicas por "movimentos" de todo tipo? Isso o PT e seu Guia Espiritual não inventaram, certamente, mas foram extremamente lenientes, transformando o cotidiano de muitos cidadãos em um inferno. Muita gente morreu dentro de ambulâncias por causa disso; muitas consultas marcadas com meses de antecedência foram perdidas. O grevismo de muitas categorias, quase sempre de servidores públicos, afetando setores essenciais de acesso a uma vida social digna, na saúde, na educação, na segurança pública, na previdência social, prejudicou a todos, mas principalmente aos menos favorecidos politica e economicamente. Enquanto isso, vimos a polícia, devidamente sindicalizada, como mera expectadora dos acontecimentos, longe de garantir o direito de ir e vir das pessoas. Para outros, pretos e pobres, por exemplo, prendia e arrebentava. O problema, longe de ser atenuado, foi cultivado em banho-maria pelos governos e pelos seus estimados associados, os sindicatos de todo naipe (quando isso lhes interessava).

Ah, as greves... Quando fui professor, seja na UFU ou na UnB, nunca votei a favor de greves. Fui discriminado por isso, principalmente em Brasília, onde a ideologia tem mais "pega". As greves, penso eu, foram uma invenção do século XIX, naquele tempo em que Capital era Capital e Trabalho era Trabalho. Marx, seu profeta, foi capaz de explicar tudo, fazendo puxarem o trem da história as locomotivas da luta de classes, da contradição entre capital e trabalho e da luta opressores x oprimidos. Mas parece que alguma coisa mudou nesta gangorra e os sindicalistas do serviço público modernos não percebem. Primeiro, porque não se trata de alguma luta de capital contra o trabalho, mas sim envolvendo a produção de ações sociais cujo foco são os cidadãos.

Do outro lado da mesa, no setor privado, o Capital, animal covarde, se transnacionalizou e já não se sabe em que plagas reside, e nem como ofendê-lo de fato. Assim é que as greves, como aquelas tão frequentes até outro dia mesmo e que me afetam diretamente como afetam a milhões de pessoas, direta ou indiretamente, mostram dois focos principais: primeiro o serviço público, onde a estabilidade é garantida, as aposentadorias são melhores, as horas de jornada são menores e os dias parados em greve não costumam ser descontados; depois as empresas cujos trabalhadores são mais organizados e usufruem de melhores condições laborais. Com efeito, ainda não vi greve de desempregados ou de pessoas vinculadas à informalidade econômica, que se contam às dezenas de milhões no Brasil – e estes são os verdadeiros desprotegidos.

Ainda falando do Capital: quando vejo algumas pessoas, geralmente comerciantes ou prestadores de serviços, reclamarem de Lula ou do PT e inclusive terem votado em Bolsonaro porque a esquerda não lhes trouxe reais benefícios econômicos, gosto de lembrar a eles: vocês nunca ganharam tanto dinheiro como dos anos Lula. Queriam mais?

Minha implicância com o que chamo de leniência dos governos petistas se refere, essencialmente, não só à falta de contenção daqueles que bloqueavam estradas e avenidas, como aos que invadiam prédios públicos, com os vândalos de diversas naturezas. Eu refugo e me coloco fora disso e digo em alto e bom som, sem medo de ser politicamente incorreto: *sou contra*! Conferi ao Estado e assim me foi garantida pela antiga ideia do *contrato social* a prerrogativa de usar em meu nome a força que inibe os inimigos da democracia e que me garante, entre outras coisas, o direito de ir e vir, além da preservação do patrimônio coletivo. E quero mais é que o Estado corresponda às minhas expectativas e deixe de lado a complacência que não tem correspondência em nenhum país democrático do mundo.

Mas a verdade é que até os seixos rolados do ribeirão Taboquinhas e o cascalho das estradas do Cerrado sabem dessas coisas.

O PT tem algo a ver com isso? Diretamente, talvez, nada. Mas penso que seus dirigentes e intelectuais incentivaram ao longo de seus governos uma *lógica de militância*, que não tem muito a ver com o interesse coletivo real. Isso em si poderia ser um fato auspicioso, que nos remete a exemplos históricos espetaculares. O problema é que tal lógica divide o mundo em pedaços e, a partir daí, confunde "o mundo", em sua totalidade, com cada "pedacinho" que se cria a partir dele… Essa turma não costuma admitir meios-termos e nem ver, ainda, o "outro lado" que existe em quase tudo que seja obra humana.

Mas tudo bem, não dá para condenar o PT em um cenário onde inexistem santos verdadeiros. Tucanos, por exemplo, já tiveram que engolir de seu próprio veneno, nas peripécias do Rodo Anel e do metrô se São Paulo, suas contas da Suíça. Os da camisa amarela ainda serão jugados pela história, embora isso, talvez, ainda vá demorar, para nossa infelicidade. Partidos políticos já não têm nenhuma importância no Brasil; estão atordoados, chegam sempre atrasados e não têm o que dizer, silenciados pela vaia geral. O que estava para vir – e veio em 2018 – vai se mostrando cada vez pior em relação ao que se teve em 2016**.** Por enquanto, é tempo de missa de corpo presente. Depois virá o sétimo dia. Depois, ninguém sabe. O que já está para lá de ruim poderia ficar muito pior? É esperar para ver… A porteira continuará aberta para Moros e outros salvadores da pátria**.**

Eu escrevi essas coisas entre 2016 e 2017, com expectativas medrosas de que o depois poderia ser pior, como acabou acontecendo. Como dizia Brecht: *infeliz do povo que precisa de heróis.* Principalmente quando escolhe um herói estupidamente equivocado...

PERPLEXIDADES E INCERTEZAS

Problemática, febril e também repleta de perplexidades e incertezas – pelo menos por parte de quem é capaz de tê-las, como eu – assim têm sido a última quadra da vida nacional os últimos anos.

De minha parte, digo que nas Taboquinhas eu poderia não me sentir afetado e nem ficar tão perplexo. Mas isso tem sido impossível...

Por exemplo, quando vejo cenas daquelas pessoas nas ruas, de camisa amarela, me vem à cabeça a canção de Chico, *Pelas Tabelas* (*Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela / Eu achei que era ela puxando o cordão*). "Ela", quem, afinal? Um objeto de amor frustrado, puxando um cordão de alegria, enquanto o pobre apaixonado morre em sua tristeza? Que nada! Parece haver algo anormal neste carnaval em que panelas são batidas enquanto um homem "olha" as favelas. Sobre este é caso de se perguntar: será membro de alguma milícia? E o povo pedindo a cabeça de alguém, que história é essa? "Ela", na cabeça de Chico, deveria representar a esperança de tempos melhores, mas ele logo se vê enganado. *Pelas tabelas* se vê que o desejo daquelas pessoas nas ruas, o objeto real de suas aspirações, tem outro sentido. "Ela" definitivamente não é a democracia, a liberdade, a laicidade do Estado, a aceitação de quem pensa ou é diferente. A realidade brasileira está mostrando coisa bem diversa.

E olhando daqui da minha torre de atalaia das Taboquinhas, não propriamente as favelas, mas as ruas comuns do país, na minha incerteza ainda faço perguntas que se recusam calar, com respostas que ninguém dá, embora certamente alguns desconfiem. O que desejam, afinal, esses movimentos que fazem da infâmia sua arma, que ameaçam a Justiça, que querem se impor no grito, se não na base do trabuco? Aí, minha perplexidade só aumenta e no diálogo constante com meus cães e nos gestos das árvores tortas (mas corretas) do Cerrado não obtenho, também, nenhuma resposta.

Um texto que me "aconteceu" há quatro anos atrás, a que chamei de *Diário de Cândido Inocêncio*, em referência a um personagem de Voltaire. Como diria Elio Gaspari, Cândido é um perfeito idiota político. Mas acho que ele antecipou as coisas que vemos hoje, esta turma de camisa amarela nas ruas, por exemplo. Vejam só:

Ah, acordei tão bem hoje! Depois desse domingo inesquecível percebo que tudo vai mudar em meu país! Agora sim, as coisas vão acontecer. Vamos ficar livre da corrupção e, de quebra, do comunismo. Este último eu não sei bem o que é, mas dizem que é a religião de certas pessoas que comem criancinhas e que tem alguns defensores no Brasil, vestidos de roupas vermelhas e que geralmente usam barbas e andam de bicicletas em faixas pintadas de vermelho, só para eles… Felizmente tem aquele deputado valentão que é contra… E também um sujeito que já morreu, mas que tinha um nome inspirador: Brilhante! Obrigado deputados! Obrigado Cunha! Obrigado Tiririca! Devo muito a vocês. Grato para sempre. Fiquei feliz por mim, por vovó e vovô, por minha mãezinha, meus irmãos, meus primos, meu cachorro, meu papagaio e até mesmo pelas baratas de minha cozinha e pelos percevejos de minha cama! Sim, sim, sim!

Já naquele momento, ao longo de 2016, eu temia pelo aparecimento de um cadáver (ou talvez mais de um) nas ruas que já se enchiam, embora com gente em camisas de cores variadas. Isso seria combustível que faltava para se somar ao fósforo acesso da intolerância política e da incivilidade geral que infelizmente tomavam conta do Brasil. Se essa morte ocorresse entre as hostes contrárias ou favoráveis o estrago seria o mesmo, com o governo – qualquer governo – sendo acusado de ditatorial. Seriam procurados culpados entre os "fascistas" (palavra que voltou à moda em dias recentes) ou entre a "polícia assassina". Mas o fato é que havia uma centelha prestes a ser disparada, seja por parte da turba de fanáticos de camisa amarela, seja das polícias, cada vez mais parecidas com as milícias, "olhando" não só as favelas, mas as cidades como um todo. O Brasil, já tão distante da normalidade civil, certamente entraria em chamas – e a questão não era "se", mas "quando", como disse um ilustre intelectual, filho do atual Presidente da República. E o pior: não haver no país alguma liderança moral capaz de ser ouvida – para nosso azar, o Papa Francisco é argentino. Chegáramos, creio, a um ponto de não-retorno. Confesso, *apud* Drummond, que *nesta hora tive e tenho muito medo*...

Mas o pano de fundo de tudo isso era apenas um ovo em estado de choco. De meu ninho nas Taboquinhas eu apena suspeitava disso, pensando ser apenas um sonho ruim, um pressentimento que não se concretizaria. Mas, que nada!

Uma pitada de minha visão gauche, má conselheira em clima de perplexidades e incertezas. Corria o ano de 2017 quando li nos jornais que a Gol iria indenizar, por "danos espirituais", no valor de quatro milhões de reais, os indígenas Kaiapós, supostamente prejudicados pela queda do avião da empresa, em Peixoto de Azevedo-MT, em 2006. Eles se sentiram prejudicados porque naquelas terras onde morreram tantas pessoas ficaram impedidos "espiritualmente" de caçar, pescar e plantar. Isso me faz lembrar dos índios ou supostos índios que ocupavam terras na expansão Noroeste de Brasília, para os quais também se alegou motivações "espirituais" e "sagradas" para que não fossem retirados, embora para outros que estavam por ali, catadores de sucata igualmente pobres, não houvesse qualquer contemplação. Isso seria justiça de fato ou reles manobra de advogados chicaneiros? Aliás, convenhamos: dano espiritual de verdade foram as quase duzentas vidas perdidas, o sofrimento de parentes e amigos, o desgaste homérico de quem esteve lá para recolher corpos…

E vimos também, por esta ocasião, aqueles sujeitos – ilustríssimos desconhecidos até então – que agrediram Chico Buarque numa rua do Leblon. Famosos agora, não é? Aliás, estamos em tempos de gente famosa. Ou melhor, gente que quer ser famosa a qualquer custo. Gente obscura, mas que se alimenta de grandes pretensões. Gente que não sabe de nada, mas se julga a reencarnação de Sócrates ou Platão. Convenhamos: parece que há algo de podre neste país… Chico, mesmo que se discorde dele (o que não é o meu caso), é uma pessoa pública, sujeito notável, um patrimônio verdadeiro do nosso pobre país, capaz de mostrar sua cara à luz do dia. Já seus agressores, gente totalmente ignota e ignara, que percebe, num lampejo, que agredir alguém realmente famoso é a melhor maneira de alcançar aqueles quinze minutos de fama de que falava Andy Warhool. E só assim sai de obscuridade e da insignificância a que está condenada. Dizia Alberto Roberto, personagem de Chico Anysio, ator canastrão e medíocre, que se julgava famoso, rei da cocada, príncipe das artes cênicas, ao se dirigir a interlocutores, geralmente artistas famosos (e reais) do teatro, do cinema e da TV: *você é o famoso quem*? Nada melhor para caracterizar estes frustrados que se realizam em achincalhar pessoas de valor, como Chico Buarque. Sabe-se lá se a sanha desses *pigmeus de shopping center* vai passar…

Só Deus para nos ajudar, Ele que realmente está em toda parte. Haja vista as citações abundantes que nossos políticos fazem de Seu Sagrado Nome. O fato é que vivemos hoje no País, uma desagradável febre de imposição de fé aos outros. Isso não só é contra as leis como está em desacordo com as normas históricas de convivência entre verdadeiros cidadãos. Parece até que alguns grupos desejam fazer do Brasil uma república balcânica, um Irã, uma Irlanda, um Alabama, lugares de guerra étnica ou religiosa permanente… Nem Deus, nem seu Filho – creio – ficariam felizes ao ver seus nomes tomados em vão dessa maneira…

É que nos falta Educação... Mas ela está também *pelas tabelas*. Penso que *crash* da educação no Brasil tem algo em comum com os acidentes aéreos, como este que dizimou em novembro de 2016 a pobre equipe de futebol da Chapecoense, ou seja, não adianta querer explicá-los por causas simples e isoladas, mas sim por uma série de fenômenos que acontecem em rede. Os professores e seus sindicatos colocarão a culpa nos governos (quaisquer governos); as famílias dirão que a culpa é dos professores e das escolas; os governantes, que sempre acham que fazem tudo pela educação, lamentarão que isso não seja reconhecido pelos professores, mais interessados em greves; já os estudantes talvez não saberão explicitar o motivo exato, salvo mencionar vagamente a tal "PEC", que não sabem o que é, mas de toda forma indicam o remédio para combatê-la: invadir as escolas… A turma da direita dirá que a culpa é dos governos

petistas, do método Paulo Freire utilizado e das escolas partidarizadas. Já os da esquerda talvez digam que estava tudo indo muito bem até que veio este governo golpista e decretou a extinção da educação no Brasil, através dessa "PEC" fatal…

Mas no meu entendimento, o avião da educação brasileira foi ao chão por variados motivos: governos que não valorizam a educação; famílias que não a colocam no devido lugar de honra na lista das prioridades domésticas; estudantes impregnados pelo consumismo e pela rebeldia-sem-causa peculiar aos tempos sombrios em que vivemos; professores que, no fundo, se cansaram de tudo e gostariam de ter outra vida, longe das salas de aula (sem perder as prerrogativas da profissão, claro); dirigentes educacionais eleitos ou escolhidos mais pelo interesse corporativo do que pelo compromisso com a educação; sindicalistas partidarizados que por qualquer motivo estimulam e obtêm greves repetidas, das quais resultam "reposições" que se assemelham a verdadeiras *salsicharias* (se alguém visse, de perto, como funcionam, não aceitaria seus produtos).

Pausa de refrigério: tenho o privilégio – insisto: o Privilégio verdadeiro – de ter filhos – todos, sem exceção, de Daniela a Sophia – que não me dão e nem me deram nenhum trabalho e preocupações em seu contato com o sistema educacional, item de política pública essencial à vida, ao sucesso individual e à cidadania.

Uma pitada a mais em minhas perplexidades: Olimpíadas, 2016 (ou Copa de 2014, tanto faz). Para quê haveriam de servir mesmo? Dizem que são festas de congraçamento dos povos, rara oportunidade de a humanidade esquecer suas desavenças. Talvez pensassem assim os gregos antigos, mas o que se vê na atualidade são disputas políticas, jogos de vaidade, competitividade visceralmente exacerbada, oportunidade para ameaças e atos de terror e, principalmente, rolagem de dinheiro, muito dinheiro. Estão aí a Nike e a Adidas que não me deixam mentir. Ah, sim, sem esquecer das empreiteiras, das empresas de comunicação, de prestação de serviços de segurança, dos eternos políticos movidos a propinas. *Olim-piadas* – de muito mau gosto, aliás.

E para não dizer que não falei de futebol. Brasil um, Alemanha, sete. Quem sabe, poderíamos descer deste salto "sete" e sorver algumas lições? Primeiro, a de que futebol é como a vida: se você faz por onde e cumpre a sua parte no trato do negócio, suas chances de sucesso aumentam. Segundo, que trabalhar em equipe – palavra tão cara ao mundo do futebol – não é apenas estar juntos aqui e ali, sob as ordens de um venerável sinhozinho. É também uma questão de planejamento e de cumprimento de metas – e isso nos remete à *blitzkrieg* germânica, de novo. Perseverança e maturidade também fazem bem e isso não tem nada a ver com o chororó e o estrelismo individualista que marcaram a passagem desse time, que a história sepultaria se não fosse tão "inesquecível".

IDEOLOGIA: EU QUERO UMA PRA VIVER

Política, polícia, governo, esquerda, direita, corrupção, movimentos sociais, educação, saúde, sexualidades. Como é que se explica o Brasil? Felizmente não sou daqueles – aliás, a maioria das pessoas sensatas assim o faz – que acham que Ideologia é coisa que obscurece a visão; ou então que só a vê nos outros, não em si mesmo.

O Brasil mais parece um animal mitológico de muitas cabeças. Cada uma pensando ou agindo diferente da outra. Se não, vejamos o momento atual (2016, quando escrevi isso): governo

ilegítimo; sociedade amorfa; Congresso desacreditado; Judiciário desmoralizado. Que combinação! E tem mais: Polícia e Ministério Público sem controle social de nenhuma espécie, agindo autonomamente, quase sempre em busca da luz de holofotes. Uma imprensa facciosa, à destra e à sinistra.

O Judiciário merece capítulo especial: além de cego, é surdo e mudo (a não ser quando lhe convém botar a boca no trombone, na questão salarial, por exemplo). Diante de algo assim é que proliferam as mentalidades daqueles juízes e promotores de primeira (e única) instância, incluindo ignotos delegados, cada qual querendo consertar a pátria à sua maneira, ao arrepio da lei e, principalmente, do bom senso.

Sempre me considerei de esquerda. Desde meus tempos de Colégio Estadual e quase-militância na AP, nos anos 60. Mas hoje, aliás, há vários anos, ando pensando: a Esquerda tem futuro? Ou, pelo menos, tem cura? Já teria cumprido seu papel histórico? Não seria possível pensar em novas forças e novas maneira de se fazer política? Instâncias onde as pessoas aprendessem a pensar, não a repetir chavões de lideranças; onde a autocrítica fosse bem vinda e não interpretada como sinal de fraqueza e entrega de pontos ao inimigo; os dogmas rejeitados em troca das evidências; a sensibilidade ao sofrimento dos mais pobres e às vítimas dos totalitarismos não fosse abandonada ao sabor das circunstâncias eleitoreiras ou de composições escusas; a vaca sagrada da "governabilidade" pastasse longe; dilapidar o patrimônio público não fosse justificado por razões utilitárias "pela causa"? Finalmente, que não fosse alguma igreja em que somente os seus fiéis são dignos da salvação.

Indo além: que importância e peso poderiam ter, na atualidade do mundo, os milhares de sindicatos ditos "de esquerda", supostos defensores dos direitos (e alguns privilégios) dos trabalhadores, num cenário em o que se impõe na realidade são os mais pobres – os neo-pobres – justamente aqueles que nem sabem o que é ter emprego e direitos trabalhistas.

Já os governos, ah os governos… Eles são vistos como a verdadeira "Geni" do processo de deterioração da educação, da saúde e de tudo mais no Brasil. Na Educação, como em outras questões ligadas a políticas públicas malsucedidas, a questão central é a de reconhecer e atuar em uma cadeia de responsabilidades, ao contrário da prática habitual do *mais do mesmo*, do apagamento tardio de incêndios e da busca de bodes expiatórios. Os elos são variados, é bom lembrar: políticos, dirigentes eleitos, gestores, mestres, alunos, sindicatos, sociedade. Temendo parecer o famoso Conde Afonso Celso, declaro: uma boa dosagem de *vergonha na cara*, ingrediente mal distribuído por aqui, não seria também necessária?

Ou, quem sabe, este é um componente essencial da ideologia? *Vergonha na cara* podendo significar acreditar em algo, defender ideias, ter convicções, argumentar racionalmente, ouvir e ponderar sobre o que os outros pensam.

Mas, bah! O que fazer deste eterno acordo de elites que nos assola no Brasil. Por exemplo, fazendo com que a justificativa de combate à corrupção seja usada tão somente para camuflar e escamotear as prerrogativas do estado de direito, que pode não ser lá essas coisas no Brasil, mas é sempre melhor do que uma ditadura. E nós que já vivemos os anos de chumbo do governo dos milicos começamos a perceber que existem formas mais sutis de ditadura, por exemplo, esta que vem disfarçada de judicialização, de ritos sumários, de "convicção", substituindo investigação e provas, de shows midiáticos protagonizados por juízes e promotores, Moros e Dalagnois, de leis draconianas que, com a justificativa de combater a corrupção, retiram dos cidadãos, sejam eles bons ou maus, alguns direitos fundamentais.

A situação atual no Brasil me faz lembrar a reflexão de Vargas Llosa sobre as décadas do domínio do PRI no México: é a *ditadura perfeita*; tem tudo de democracia – Congresso, Judiciário, eleições, instituições diversas, mas está longe disso, *sin más*. No caso, com a força daqueles que, em nome da Justiça, cometem as maiores injustiças. Enquanto a turba aplaude.

E a polícia, meu Deus! Enquanto escrevo já deve ter uma meia dúzia de pretos pobres sendo eliminada no país. Sem tergiversações: existem poucas instituições violentas e corruptas como a polícia brasileira. Mas o principal adjetivo para ela, creio, ainda é pouco utilizado: em sua versão civil ou militar, a polícia é, acima de tudo, despreparada e incompetente, para dizer pouco. Mas mesmo assim, não custa nada exercitarmos a busca daquele famoso "outro lado das coisas", como sempre nos é indicado pelo bom senso. Assim, poderia também servir de mote para reflexão: haveria um lado bom na polícia, mesmo numa instituição tão criticada como ela, no Brasil?

É sempre bom lembrar que polícia faz parte de um processo civilizatório, aquele tão decantado *Contrato Social*, que retirava do cidadão comum o direito à violência – que ademais transformaria a vida social em irremediável *todos contra todos*, para não dizer "nós" contra "eles", ao gosto dos últimos grupos que se revezaram no poder, o atual eo antigo. A boa prática civilizatória manda, gostemos ou não, entregar este atributo, aliás, sob a forma de monopólio, ao Estado. Aí vem o Estado, ou sua polícia (dá no mesmo) e comanda o morticínio de pretos e pobres.

Para mim, a questão central não é a de ter ou não ter polícia; nem mesmo a de uma polícia ruim ser pior do que ausência de polícia. Temos que ter polícia boa; e ponto. E polícia boa é aquela que defende os cidadãos dos atos de outros cidadãos, ao mesmo tempo em que defende o Estado, principalmente quando este é lesado materialmente, no que devemos considerar que o patrimônio estatal é patrimônio do conjunto dos cidadãos. Mas nada que se aproxime dessa polícia truculenta e incompetente, moldada pelo *modus operandi* da ditadura militar, que tratava os dissidentes e mesmo os cidadãos em geral como meros "inimigos" da lei e da ordem.

Certa vez, quando Flavinho tinha dois ou três anos de idade, eu percebi que ele falava de polícia com um ar de temor. Certamente uma influência das babás – não era para menos – as pessoas da periferia dominam este assunto. Aproveitei um momento em que passeava com ele pela nossa quadra e me aproximei de uma dupla de PM, para puxar conversa e mostrar a ele que eles eram gente como nós. Me arrependi, porque os dois meganhas não só me negaram atenção, como foram incapazes de dizer a ele qualquer palavra amistosa. Para eles nós éramos "os outros", nada mais, gente a quem a missão dada era a de desconfiar e, se facilitasse, prender e arrebentar.

Se a polícia é assim, a sociedade às vezes reage parecido. Sabem aquela história de invasão, digo *ocupação*, de escolas, comum em meados da presente década? Vou dizer o que penso, mesmo correndo o risco de infringir todos os artigos, parágrafos e incisos da Lei do Politicamente Correto. Se invadir fosse solução por que não ampliar tal tipo de ação? Invadamos os hospitais e postos de saúde, que sabidamente não funcionam. E da mesma forma que os atuais invasores, vamos colocar os pacientes para gerir a instituição e, quem sabe, realizar os atendimentos de emergência e as cirurgias. No transporte público vamos entregar a direção dos veículos, dos taxis e até do metrô, às mãos dos ilustres passageiros. Polícia? Então, para quê polícia? Deixemos que os cidadãos mesmo se vigiem e se punam…

E que tal se também esses mesmos cidadãos cuidassem da distribuição de renda, ocupando as delegacias da Receita Federal? Ah, e que não se esqueçam do Palácio do Planalto e das torres &

cuias gêmeas da Praça dos Três Poderes. Hobbes, do Leviatã e o tal Rousseau, do Contrato Social, não sabiam mesmo de nada!

Aux armes citoyen! Parece o lema das manifestações referidas acima. O que é mais assustador é assistir, como ocorreu e pode acontecer de novo, até mesmo diretores de unidades escolares defenderem as tais invasões, explicitamente. É uma questão de direitos, bem o sei. Mas indago: e o direito de quem quer estudar ou dar aulas, para não falar dos pais que têm expectativas diferentes em relação ao verdadeiro papel da escola onde seus filhos estudam. Não me importa ser politicamente correto, prefiro ser *responsavelmente correto*.

Mas o certo é que depois veio a pandemia, as escolas foram totalmente esvaziadas, ninguém fez movimentos para reocupá-las e apesar de tudo vida seguiu, placidamente, como geralmente acontece neste país grande, bobo e, acima de tudo, pobre de espírito.

Não acabou ainda minha cota de bizarrices politicamente questionáveis!

Homofobia de fato existe. Mas o que dizer da "fobia" contra pobres, contra negros, contra os diferentes e divergentes em geral, que é real em nossa sociedade? A meu ver, a sociedade brasileira não é homofóbica; é violenta! Ou pelo menos compactua serena e cordialmente com a violência. Há uma lei contra a homofobia, mas para as outras formas de "fobia" haveria, para cada uma delas, a necessidade de um pacote normativo específico? Não existiriam leis suficientemente abrangentes na penalização da violência, seja ela contra brancos ou negros; ricos ou pobres; gente da zona sul ou da periferia; hetero ou homoafetivos; jovens ou velhos; mulheres ou homens; sulistas ou nordestinos etc.

O problema é que, por algum motivo, o poder de vocalização de alguns grupos é imensamente maior do que o de outros – e isso não tem a ver com a dimensão quantitativa da "minoria" a que pertencem.

Quem me dera abranger toda essa mixórdia num único e vasto sistema de pensamento. Realmente, a ideologia é necessária para a vida reflexiva.

POESIA? NUMA HORA DESSAS?

Abril/2016

Nestes tempos tão sombrios
A gente precisa ter tento
Vem pra cá, diz um lado
Saia do muro, quer outro
Penso no modo dos rios
Que segundo mestre Rosa
Tem margens bem mais completas
Do que as que mal e mal vemos
Primeira, segunda e terceira…
De verdade ainda são mais
A primeira, a da esquerda
A segunda, a da direita
Ou o contrário, pode bem ser
Mas isso é apenas miragem
No fundo há outra imagem

E o céu, lado profundo
Não seria outra margem?
Isso tudo sem esquecer
Que rios correm ao mar
Onde margens e limites
São coisas a desprezar
Assim, amigos, proponho
Não me chamem à sua beira.
Eu e outros – e não é sonho
Apenas estamos adiante
Dessa nuvem de poeira
Que tapa a mente também
Quem sabe estamos no fundo
Ou muito acima, além.

***

Paródia em dois atos

(I)
E agora, Michel
O impixe rolou
Você assumiu
O povo, cadê?
Os seus lhe assediam
E você nem aí
E agora Michel?
E agora, você?
Você que tem nome
E pose de doutor
Com tanta soberba
Você que faz versos
Que curte a Marcela
E agora, Michel?

Está sem apoio
Renan te iludiu
Padilha e Geddel
Só fazem embromar
Jucá ficha suja
Que fique onde está
Que venha a Fiesp
Mas o pato não traga
Que a festa ele estraga.

Está sem discurso
Tem muito a temer
Com a bela Marcela
Nem pode deitar.
Você se pergunta
Até quando vai dar?
Obama despreza

Sua caradura.
E com o tal de Trump
Não vai melhorar
Está sem poder
Arrisca afogar
Voltar, nem pensar
À frente o abismo
Está sem amanhã
Seu bonde não veio
E na Paulicéia
Ninguém lhe quer ver.
Cadê a utopia
Que você prometia?

Quer ir para casa
Ela está cercada
A rua ocupada
A vaia ensurdece
Toda a vizinhança
Que não lhe quer mais.
Em tudo a mudança
As coisas fugindo
Sobrou só a emenda
Dois, quatro e um
Noves fora é zero.
Seu apoio é nenhum
E a sua coerência
As muitas promessas
Seus pífios poemas
Seu Baby Beef
No Rubayat.
Seus livros – e agora?
E agora, Michel?
Pra onde avançar?

(II)
E agora, Seu Zé?
Trabalho já tem?
Também bom salário?
Seus filhos na escola?
Seu carro não pago
Sua vida, sua casa
Que é dívida agora
E agora Seu Zé?

Quer ganhar melhor
Não há mais empregos
Quer ter mais saúde
Remédio está caro
Quer ir para o SUS
Só tem Unimed
Se você gritasse

Se você dormisse
E não mais acordasse
Se você falasse
Mas você não fala
Por que está mudo, Seu Zé?

Sozinho na rua
Qual gente sem teto
Um bicho, um rato
Colado a algum muro
Para o ladrão lhe achacar.
Seu sonho sumiu
Você quer morrer
Melhor ficar vivo
Por que a Amil
Vai querer lhe cobrar
Pela internação.
Caixão vão negar
Negócio a prestação
Seu Zé, nem pensar!
Você quer cair fora
Sem saber para onde
Quem sabe a cavalo
Ou mesmo uma mula
Que lhe leve a galope
Para onde Seu Zé?
Seu Zé, para onde?

***

Ó Tempos! Ó Moro!

Quem é este juiz
Que põe a democracia
Por um triz?

Meritíssimo escuta
Estás aí para julgar
Ou fazes parte da disputa?

Sérgio Moro, Sérgio Moro
Mais cautela
Mais decoro

Que tal, Excelência
Menos pose
Mais decência?

Morou, Sérgio?
O poder
É lisérgico.

Atenção, Moro

Se a ação é prata
A cautela é ouro.

Justiça cega
A uns só enxágua
A outros esfrega

***

O que vai dar, Gilmar?
Gilmar, mentes?
Gilmar, tendes?
Gilmar Mendes…

***

Preste atenção
Uma coisa aprendo eu
Nesses dias de perigo:
Amigo de amigo meu
Nem sempre está bem comigo.
E também tenho comigo
Que inimigo de inimigo
Não poderá, só por isso,
Querer ser meu bom amigo.
E mais ainda acrescento:
Amigo de inimigo
Inimigo de amigo
Assim, sem mais nem menos,
Podem não me trazer
A verdade que persigo.

***
Recado
(D'Après um tema de Affonso Romano de Sant'Anna, década de 60 – meu professor de português no Colégio Estadual, em BH)

Cuidado Presidente
Que novembro é semente
Cuidado Ministro
Que novembro é sinistro

Cuidado Deputado
O jogo já está lançado
Cuidado Senador
É curto o caminho do horror
E atenção vocês do Supremo
Cuidado com o próprio veneno
E fiquem atentos Pastores
O dízimo não paga as dores
E presente esteja a mídia
Sem mentiras, sem insídia

E que a Polícia Federal
Amplie a busca do mal
E já concluo, é promessa
Indo logo ao que interessa:
Entende, madame Rouseff?
Bota fora o(s) mequetrefe(s)
E você, Brasil, atenção
Chegou seu limite! Ou não?

***

Enlutados e Enlameados

Em Paris, ataque islâmico
Em Mariana, ataque “lâmico”

Em Paris se repete Bali
Em Mariana se repete a Vale

Em Paris o triunfo da dor faz seu arco
Em Mariana impera a Samarco

Em Paris a dor vem antes da fama
Em Mariana, só dor, vergonha, lama

Em Paris taxis gratuitos na praça
Em Mariana a água não sai de graça

Em Paris se procura quem tem culpa
Em Mariana, precisa mais do que uma multa?

Em Paris a autoridade chega primeiro
Em Mariana, quem sabe se vê pra janeiro?

Em Paris, cadeia aos terroristas
Em Mariana, ainda se buscam pistas

Em Paris, revolta no Charlie Hebdo
Em Mariana, vai passar, não passou?

Em Paris quem manda de fato é a Lei
Em Mariana, sei lá, entende, não sei

Em Paris de pronto se vai à guerra
Em Mariana, melhor perdoar a quem erra

Em Paris, ilumina-se a Torre Eiffel
Em Mariana, algo sairá do papel?

Em Paris, o Sena da dor é porto
Em Mariana, o Doce virou rio morto

Em Paris se ora em Notre Dame

Em Mariana, se chora da sina infame

Por Paris, se unem Hollande, Putin e Obama
Em Mariana é a lama, é a lama, é a lama.

***

Lavoura arcaica e ideologia prosaica…
(Sobre um discurso do Ministro da Cultura de Temer, Roberto Freire, na entrega de prêmio literário a Raduan Nassar – 2017)

Raduan, Raduan
Você lembrado pra sempre
E ele, só até amanhã.

Lavoura Arcaica: obra prima
Para quem vira a casaca
Não há perdão, só rima.

Um Copo de Cólera, pura arte
Um tonel de rancor
Faz parte.

Raduar escreve para durar
Outros, como o tal Freire
São pó, sujeira no ar.

É muita cera, Nassar
Pra tão escasso defunto
Que cedo há de passar.

MUNDO QUE NÃO MUDA, SÓ VAI FICANDO PIORZINHO...

Disse Joao Guimarães Rosa: *o mundo não muda nunca, só de hora em hora piora*. Vale para todos os Sertões, claro, mas é coisa especialmente presente em certas partes do Planeta. Da Síria ao Alabama; de Israel à Rússia; da Noruega à Turquia; do Afeganistão ao *Anglistão*; do Trumpistão ao resto do mundo – sem esquecer do Brasil, claro...

Para começar: aos que deploram, como eu, os mísseis americanos atirados sobre a Síria e outros lugares, lembro: tenham também uma palavra, um adjetivo, uma lágrima que seja para os que morrem sob as bombas de Putin, sob as rajadas do Estado Islâmico, sob os foguetes e as bombas químicas de Al-Assad. E que, principalmente, entendam que nesta guerra estúpida não tem mocinhos contra bandidos e que suas principais vítimas são a verdade e os pobres civis.

Mas será que o Tio Sam deve ser realmente a Polícia do Mundo? Como produtos dos Estados Unidos da América, aprecio a música, a literatura, o cinema e outras formas de cultura. Mas é claro que nem tudo são flores no paraíso ianque, como aqueles dementes que sempre aparecem praticando matanças coletivas, que constituem quase um símbolo do país, ao lado da Estátua da Liberdade e dos arranha-céus de Nova Iorque. A riqueza, ali, como se sabe, não é para todos.

Por mim, preferiria viver em um mundo que não carecesse de qualquer forma de polícia internacional.

Mas tudo acaba sendo uma questão de escolha. Entre a expansão religiosa fanática do islamismo; a avalanche econômica totalitária chinesa; a histórica e reiterada barbárie eslava; o domínio policial intervencionista dos americanos – com quem ficar? Se a escolha for apenas entre essas possibilidades, acho que fico com o policiamento estadunidense mesmo. *For a while*, embora, de verdade, espero que a humanidade tome tento e um dia encontre a fórmula da convivência pacífica e respeitosa entre os povos. Não sei se viverei o bastante para isso. Desconfio que não.

O fato é que seria ótimo viver em um mundo em que não houvesse tantos conflitos étnicos, religiosos, culturais e econômicos. Um mundo sem terrorismo. Ou, pelo menos, em que não se utilizasse algum argumento de que os homens e caminhões-bomba são apenas uma resposta aos longos anos de dominação a que os islâmicos e outros povos foram submetidos pelas malévolas ”potências ocidentais”. Estaria justificada a matança criminosa de inocentes, como hoje acontece em toda parte, como resposta política de oprimidos, que não deixa de ser legítima? O mundo de meus sonhos, infelizmente, não é este em que vivemos.

Mas analisando bem a situação se pode ver, simplesmente, que o grosso da matança entre os islâmicos é *deles* contra *eles mesmos*. Como, aliás, sempre fizeram ao longo de muitos séculos. Russos, Americanos e Ocidentais em geral também contribuem para a mortandade, mas de forma mais modesta, perto do que é capaz a rivalidade tribal, política e religiosa que impera no Oriente Médio. E por essa hecatombe, eu que faço parte do mundo *branco, judaico, cristão, ocidental,* me recuso a ser responsabilizado. Talvez um dia a história absolva a cultura e a religião islâmicas de coisas assim, mostrando que eles são pacíficos e inocentes, não partidários de violência. Que isso é coisa “apenas” de círculos mais radicais. Que são apenas povos vítimas de preconceitos e má compreensão por parte da civilização ocidental… Será que é isso mesmo? Parece longe de poder ser aceito como verdade. Enquanto isso, sinceramente, não há como não confiar integralmente em tal tipo de gente.

Mudando um pouco de assunto, leio nos jornais que os analistas olímpicos especializados julgam notável o fato de que a Índia, com seus mais de um bilhão de almas, tenha um desempenho histórico pífio nas diversas olimpíadas realizadas até hoje. Seria falta de tradição esportiva? Adesão irrestrita do país a uma única modalidade esportiva, o críquete? Pobreza e pelas divisões internas extremas? Arrisco meu palpite: seria uma questão é de fundo cultural. Vai ver que os indianos, portadores que são de uma colossal bagagem espiritual, não valorizem coisinhas insignificantes, do tipo: chegar com alguns milissegundos de dianteira na corrida de cem metros ou na natação; pular dois centímetros a mais, graças a uma vara mais tecnológica que a do adversário; montar um cavalo inteligente, capaz de pulos magistrais; jogar uma bola ou um disco de ferro até certa distância; receber do júri alguns décimos de nota extra, por ter realizado uma performance acrobática de patinação no gelo, aliás, muito mais arte do que esporte e, portanto, não sujeita a notas… Para os conterrâneos de Gandhi, talvez, subir no pódio seria algo risível, que só faria sentido se fosse no plano da espiritualidade. Fazer isso apenas por ter vencido uma reles disputa entre mortais… Por Buda e por Brahma, não tem nada a ver!

Ainda girando pelo mundo... Creio que a União Europeia é, acima de tudo, um símbolo, um marco de evolução da Humanidade. Primeiro o macaco desceu das árvores, depois se fez um ser em sociedade, que por sua vez evoluiu, das tribos, às cidades e às nações. E a União Europeia representou a superação de todas essas etapas, o embrião, quem sabe, de um novo e harmônico concerto das Nações. Coisa assim só podia ter surgido mesmo na Europa, continente em que

milhões perderam a vida ao longo do século XIX, exatamente porque a organização da humanidade em nações isoladas já não servia mais. Agora, a terra de Shakespeare e Engels, o país que abrigou Haendel, Marx, Freud e outros insignes membros da humanidade, engata esta marcha a ré na história. É bom olhar no resto da Europa e em outros países para ver quem se regozijou com tal feito. Entre outros, a família Le Pen, Donald Trump, os neonazistas austríacos e, certamente, os bolsonaros genéricos. É preciso dizer mais?

Ainda o *Brexit*. Falar em uma marcha ao tribalismo pode parecer exagerado, mas de certa forma é para isso que o plebiscito inglês aponta ao refletir a opinião não de uma minoria, mas de uma maioria pífia. Gente medrosa, xenófoba e egoísta, que teme o diferente, o estrangeiro, as conquistas sociais, os direitos das minorias. E é ruim pensar que aqui no Brasil os recentes embates dos partidários de um e de outro lado, travando batalhas que se resumem, monocordicamente, a um *isso ou aquilo* parecem também apontar o mesmo caminho. Em suma: o que não somos capazes de entender ou absorver, rejeitamos. Isso quando não tentamos, simplesmente, liquidar o nosso adversário. O Azerbaidjão, o Kazaquistão, o Tadjiquistão e o Afeganistão já se preparam para receber um novo membro da sociedade tribal de onde eles nunca conseguiram escapar: o *Anglistão*. Pérfida Albyon, como da Inglaterra se dizia antigamente…

E já que me meto a analista internacional, emendo: Noam Chomsky é demais. Linguista, filósofo, matemático e como se não bastasse tudo isso, militante de esquerda. Suas críticas à política externa e interna, bem como ao *way of life* dos americanos (do Norte) são poderosas. Granjeiam respeito e admiração em todo o mundo. Mas nada é perfeito. Para mim, ele seria melhor ainda se afirmasse após cada uma de suas diatribes anti-americanas e anti-ocidentais. *Tudo bem pessoal, eu acredito em tudo isso que disse, mas devo admitir, também, que se tivesse nascido ou vivesse na Arábia Saudita, no Irã, ou mesmo na China não poderia estar dizendo essas coisas*. Simples assim...

Para finalizar, parafraseio Drummond: eu sei que é preciso escrever alguma coisa sobre o recém falecido Zygmund Bauman. Mas eu nunca li nada dele...

TEMPOS PARTIDOS

Entre outubro e novembro de 2018, o que era até então um assombroso presságio, se transformou em realidade. Nós, a multidão de brasileiros que amávamos a democracia, a liberdade, o Estado laico, o respeito pelas diferenças, a valorização da vida, a não-violência, as políticas sociais compensatórias e tantas coisas mais, indicadoras de civilização e de humanidade, nos vimos abismados pela tragédia com que fomos presenteados por mais de 50 milhões de compatriotas nossos.

Eu, e tantos mais, que havíamos vivido sob uma ditadura por duas décadas e também havíamos lutado para superá-la, nos vimos da noite para o dia diante de trevosas incertezas. Agora, porém, ao contrário de 1964, quando tínhamos em quem depositar nosso protesto e (arriscadas) ações de repúdio, o enfrentamento era de 57 milhões de eleitores, que votaram na nefasta figura. Alguns deles nossos vizinhos, muitas vezes. Preferiria usar a palavra “inimigo” para estes; adversário a gente respeita. Mas realmente penso que o voto em Bolsonaro é uma mais do uma questão de opinião legítima, mas sim de caráter.

Em uma frase só: se este projeto der certo é porque o Brasil deu errado. Aqui vai uma síntese do pensamento radicalmente anti-bolsonarista que eu, à falta de canais em que pudesse me expressar de maneira mais objetiva e eficaz, tendo recusado o Facebook, como fiz há alguns anos, tenho publicado nos dois blogs que opero. Fica como um registro desses *tempos partidos* em que vivemos

***

Para meus vizinhos no Condomínio Verde, por exemplo, deixei-lhes nas caixas de correio, acompanhado de Flavinho e Sophia, a seguinte mensagem.

<<Dijo-me a você não como militante partidário ou que pretenda fazer alguém mudar de opinião. A sua, seja qual for, será respeitada por mim. Esta mensagem é apenas para convidar a uma reflexão.

No próximo 28 de outubro, dia de eleições, teremos um embate, não do candidato B. contra o candidato H.; não do partido "SL", contra o partido "T"; não desta coloração contra aquela outra. É muito mais do que isso. Os dilemas envolvidos são muito mais graves e muito mais profundos. Neste dia teremos que escolher entre uma proposta de manutenção da Democracia, com todos os seus possíveis defeitos e virtudes, contra uma proposta de rejeição a ela.

Aos 70 anos de idade já vivenciei tal situação de rejeição e de consequente supressão da Democracia. Tive irmãos e amigos presos e torturados; tive colegas de faculdade assassinados, nos anos de chumbo de 60 e 70. Nós brasileiros passamos por anos a fio em estado de medo e de insegurança. Fui testemunha de um discurso falso, que falava de crescimento econômico, progresso social e de que havia liberdade no país. Conheci muitos que apoiaram o regime militar em seus primórdios e se arrependeram de tal atitude, mas já tarde demais.

A atual ameaça à Democracia representa a negação de tudo que conseguimos de melhor: uma sociedade em movimento, que aos poucos ia construindo seu caminho com tolerância, inclusão, respeito ao próximo e principalmente aos diferentes. Sinto hoje que podemos perder o que já tínhamos alcançado, mesmo aquém do necessário. Não podemos entregar o destino de nosso país a mãos irresponsáveis e despreparadas, em nome de nossos filhos e netos e mesmo daqueles que, iludidos hoje, pensam que a solução de nossos problemas está no arbítrio e na violência.

Um homem é o que o seu passado indica. E contra este candidato da obscuridade, do grito e do atraso os indícios são fortes demais: ele se mostra violento, despreparado, recusa o debate de ideias, não respeita as mulheres, não respeita seus próprios colegas de Parlamento, não respeita as leis do País, não respeita os diferentes e ainda faz a apologia das armas, das notícias falsas e do justiçamento feito pelas próprias mãos dos cidadãos.

Não é possível termos chegado aos dias de hoje, depois de ter superado tantos desafios políticos e sociais, mesmo que ainda falte muito para sermos de fato um país civilizado, correndo o risco de um retrocesso tão grande como seria a eleição de uma pessoa assim.

Não sou petista, não votei em Dilma e tenho sido um crítico dos erros do PT. Mas isso não impede que eu tenha as preocupações que acabo de expor e que faça minha escolha baseada em tais reflexões.

Esta mensagem é dirigida a pessoas de bem, na verdadeira acepção desta expressão, não naquela que o referido personagem usa para justificar o armamento da sociedade. E desculpem, é a primeira vez em minha vida que escrevo alguma coisa, ainda mais uma carta aberta como esta, sem colocar minha assinatura em baixo. Os tempos selvagens em que vivemos recomendam precauções. Quem poderia garantir que eu ou minha família não poderíamos ser alvos de retaliação apenas por "pensar diferente" de alguns (que acredito não serem maioria neste ambiente em que vivemos).

Mas enfim, é em relação a coisas como essas que me sinto ameaçado caso vença as eleições um tipo primitivo e autoritário como o ex-capitão Jair Bolsonaro.

***

O que fazer com aquele amigo que votou em Bolsonaro?

Em primeiro lugar, como dizia Vinicius de Moraes, "melhor não tê-los…" Mas uma vez tendo-os, o que fazer? Para esgotar logo a parte pior, como todo mundo abriga um pequeno bolsonaro dentro de si, começo por ele, usando ele contra ele mesmo. Vou conjugar e fazer valer (mentalmente…) aqueles verbos que fazem parte do vocabulário habitual do coisa-ruim, de seus filhos e demais asseclas: torturar, fuzilar, matar, perseguir, estuprar, banir, humilhar, rejeitar etc etc. Agora que gastei minha energia negativa, à maneira de quem esmurra aqueles sacos de areia usados no treinamento dos boxeadores, volto ao ponto de partida: o que fazer com aquele amigo que vota em Bolsonaro?

Devo tratá-lo meramente com alguém que está usando o seu direito de ter uma opinião política? Alguém que apenas se desviou do bom caminho? Devo contemplá-lo com a ótica cristã do perdão, dando a ele o estatuto de "quem não sabe o que faz"? Deveria simplesmente ignorá-lo? Espero passar as eleições para então voltar a conversar com ele e mesmo visitá-lo ou receber sua visita? Deveria ouvir atentamente seus argumentos e quem sabe me convencer de que ele talvez esteja certo? Ou, quem sabe, a melhor estratégia é tentar convencê-lo de que está no caminho errado, na contramão da história e da democracia?

Acho, realmente, que nada disso funcionaria.

Tenho pensado muito nisso, porque infelizmente há pessoas (bem poucas na verdade, mas incômodas) em meu círculo de relacionamentos que fizeram esta opção eleitoral e às vezes me jogam indiretas (ou nem tanto) de que eu estou me iludindo com as "mentiras" que falam do capitão e me iludindo mais ainda ao acreditar que a esquerda tem soluções para os problemas do país. Pois bem as "mentiras" que falam sobre o capitão, uma a uma, eu passei a acreditar nelas porquanto as tenha ouvido da própria boca do mesmo.

Quanto às virtudes da esquerda, confesso que também tenho algumas dúvidas, principalmente levando em conta as inconveniências que o lulopetismo impôs ao Brasil e o que é pior: sua recusa em fazer qualquer tipo de autocrítica. Mas esta não é apenas uma clássica luta do mal contra o bem. É a luta do mal absoluto contra, digamos, o mal relativo, o mais ou menos. Mas mesmo se no lugar do mais ou menos estivesse o cachorro da esquina, ou o próprio poste da esquina, eu não arriscaria meu voto em pessoa truculenta e tão infensa ao diálogo, que demonstra menosprezar a democracia, vociferando em toda sua trajetória aquele rico vocabulário que inclui torturar, fuzilar, matar, perseguir, estuprar, banir, humilhar, rejeitar.

Meu repúdio ao bolsonarismo não é uma questão meramente partidária ou ideológica. É muito mais. É algo de fundo moral, ético e até estético… Votar em tal sujeito é concordar com tudo isso. E com gente assim, não quero conversa, definitivamente, nunca!

***

Aqui vão pensamentos sob a forma de pílulas. Porém amargas...

Amanhã, dia sete de outubro de 2018, primeiro turno das eleições para presidente, vai ser um grande dia… Poderia ser para o bem, mas parece, infelizmente, não ser o caso. Estamos vivendo uma incrível luta do mal contra o apenas mais ou menos. Se a melhor das hipóteses prevalecer, mesmo assim as dificuldades serão imensas, para nós todos que um dia acreditamos na política e nos politicos. Se for o caso da pior – e é o que está prevalecendo, aparentemente – acho que as portas do inferno se abrirão para o país. Nós brasileiros não merecíamos… Depois de ver a Nova República, o momento otimista e inédito do Plano Real e o projeto do PT se derreterem, nós que achávamos que o pior já tinha ficado para trás, que sentimentos e esperanças podemos ter agora? Acho que usamos todos (menos alguns) aquela máscara de dor e espanto que Munch colocou em seu personagem de O Grito.

Vou para as urnas, pela primeira vez na vida, sem ter conseguido montar uma chapa à qual daria apoio resoluto. Mas pelo menos consigo saber muito bem do que não quero, o que deixa aqui como registro dos dilemas pelos quais passo eu e passamos muito brasileiros neste final de semana. Assim, vamos lá, eu jamais daria meu voto a: 1. Pessoas com ideias e práticas truculentas, mesmo que se justifiquem como apenas “brincadeiras”. 2. Qualquer um que tenha apoiado no passado ou apoie, no presente, gente com o perfil acima, em nome da necessidade de se “salvar a pátria”. 3. Naqueles que já passaram por mais de três partidos, de qualquer natureza ideológica. 4. Nos que estão na política como profissionais, há mais de três mandatos consecutivos. 5. Nos pastores e naqueles que se anunciam como representantes de religiões, principalmente evangélicos pentecostais, ou que invocam o nome de Deus e seu filho como seus aliados. 6. Quem faz parte de grupos ou partidos corruptos, dos quais ninguém é expulso ou denunciado internamente. 7. Nos que são a favor da pena de morte e da liberação do porte de armas – maioridade penal até podemos discutir. 8. Naqueles que, apesar de terem cumprido mais de um mandato, nunca apresentaram projetos importantes ou, pelo menos, consequentes (cidadania honorária, nome de rua ou dia disso ou daquilo não vale). 9. Nos candidatos fichas sujas de qualquer espécie, a partir da segunda instância (mas se ainda estiverem na primeira, melhor deixar as coisas se esclarecerem antes de se votar neles). 10. Naqueles que são filiados a notórias siglas partidárias de aluguel ou sem ideologia.

Mas, sem querer ser cínico: quem sabe, sendo otimista, uma passagem pelo inferno é a pena e o preço necessários para que, um dia, se possa ver a esperança voltar a este desgraçado país?

***

E a Saúde?

Finalmente o candidato que é a cara do Brasil (ignorante, arrogante, autossuficiente, desinformado, mal educado, preconceituoso, violento etc) revela suas ideias para a área da Saúde. Em linhas gerais são as seguintes:

O Ministério da Saúde será comandado por um General e suas Secretarias por Coronéis, não importando que tenham conhecimentos prévios na área, pois como todo mundo sabe, militar é

militar e sabe muito bem mandar fazer. O General Hamilton Mourão terá um papel especial, ao comandar um Secretaria Especial de Direitos das Mulheres e das Minorias, tendo como principal objetivo o controle da natalidade. Programas de índole sabidamente comunista, como o Mais Médicos e a promoção das discussões de gênero e sexualidades, serão encerrados e seus possíveis desdobramentos estarão submetidos ao controle de um Gabinete de Costumes, que ficará sob responsabilidade do deputado recém-eleito Alexandre Frota, com o apoio do grande líder religioso Edir Macedo. Nos hospitais públicos e centros de saúde ocorrerá, obrigatoriamente, o hasteamento da bandeira nacional e a execução do Hino Nacional em cada dia de abertura dos trabalhos, seguida da leitura da Ordem do Dia. Funcionários recalcitrantes em aceitar as ideias do presente plano de ação serão advertidos e, em segunda oportunidade, demitidos a bem do serviço público; se insistirem poderão cumprir pena em lugares em que poderão, finalmente, conviver com os bandidos que tanto defendem – e a eles prestar serviços. A vacinação de crianças será compulsória e aqueles que se recusarem a levar seus filhos serão punidos com penas de até 10 anos de cadeia, ficando as crianças sob a tutela das Creches e Colégios Militares que serão abertos por todo o país. O programa de AIDS será mantido, mas só terão direito a ele pessoas que comprovarem que adquiriam a doença por engano, não por práticas sexuais promíscuas ou não autorizadas, a critério do Gabinete de Costumes referida acima. O Brasil levará à Assembleia Mundial de Saúde as presentes ideias inovadoras, com a certeza de que serão aplaudidas e aprovadas, solicitando, ao mesmo tempo, que Cuba e Coreia do Norte percam o direito de participar de tais eventos, por não terem, definitivamente, contribuições a oferecer à saúde mundial. Toda a compra de medicamentos necessários à saúde será realizada nos laboratórios dos países líderes mundiais, e não na "mulambada" que tenta se arvorar em tal área, como é o caso da Índia. A Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, assim como outros estabelecimentos públicos que tiveram seus nomes adulterados durante o domínio comunista, deverá retornar à sua antiga denominação, ou seja, Marechal Castelo Branco.

Mas atenção: o texto acima é baseado em evidências, não é propriamente uma ficção. Mas como afinal de contas o que se sabe sobre o pensamento do capitão reformado leva a píncaros imprevistos de estupidez, fica valendo isso aí, até prova em contrário. Foi escrito em meados de 2019. Em 2020, com o Ministério da Saúde sob ocupação militar e o número de mortes pela pandemia se aproximando dos cem mil, parte das minhas afirmativas se concretizou, facultando a que passassem à categoria de verdadeiras *profecias*. Mas não pretendo fazer carreira nisso. Já me basta.

***

Aforismos não são coisas só de profissionais da filosofia. Querem ver?

1. Se este governo der certo, o Brasil dará errado.
2. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos, mas não Aquele da Bíblia, mas sim o "DEU$" da Record e dos pastores neopentecostais.
3. Você compraria um carro usado do pai, dos filhos, ou dos vários espíritos que os rodeiam (Queiroz, Negão, Adriano etc.)?
4. Justiça seja feita, ele foi sincero: deu sinais de que faria tudo isso e até mesmo está se superando.
5. Bolsonaristas arrependidos? Talvez existam, mas que o confirmem através de um *mea culpa* público, com certidão em cartório, testemunhas, além de quarentena de um ano para prevenir recorrências.
6. Indigno como militar; insignificante como deputado; ridículo como presidente: sem dúvida, uma trajetória consequente.

7. A democracia é desnecessária; a terra é plana; o covid é uma gripezinha. E este homem é um estadista…
8. Quem muito mente e mistifica? É o mito; o mico; o misógino; o mentecapto; o mentiroso; o maléfico! Mas que pague seus crimes vivo, não *Morto*!
9. Além de tudo, o sujeito é também ingrato. Até hoje não se lembrou de perdoar e até mesmo premiar a quem lhe deu a eleição nas mãos: Adélio Bispo.
10. Esquerda ou Direita? O bolsonarismo não se enquadra nestas categorias, mas sim na de irracionalismo (versus uso da razão) e de desinformação (x informação

***

Paródia

E agora, Jair?
A eleição acabou,
A luz acendeu,
Seu povo ficou,
Mas outros vieram,
Pra lhe atazanar.
Sua noite esfriou,
Sua cara caiu,
E agora Jair?
E agora, você?
Você que é o mito,
Que zomba dos outros,
Que não está nem aí,
Que mente e confirma;
E agora, Jair?

Está com Damares,
Mais Guedes e Heleno,
E o arcaico Araújo.
Tantos lhe rodeiam,
Achando-lhe o tal.
Mas você está preso
Em seu quarto vazio,
Você e sua bolsa
De colostomia.
Já não pode sair,
Gritar já não pode
E nem ameaçar.
As coisas mudaram
Em todo o país
E agora, Jair?

E agora Jair?
O cheque a Michele,
O falso assessor,
O filho que berra.
O General que desmente…
A mídia encantoa
Mas você não admite,

Que errou e ainda erra
É duro Jair…
Sua incoerência,
Seu ódio – e agora?

Com a chave na mão
Procura uma porta
Não existe porta.
Quer mudar pra Angra,
Mas a mídia lhe espreita.
Quer comer gente
Em sua quitinete,
Mas tudo mudou…
Teus fiéis seguidores
Agora já veem
Que é tudo uma farsa.
Quer ir para a Barra
A Barra pesou
Jair, e agora?

Se você gritasse,
Se você gemesse,
Se você ouvisse
O hino nacional.
Se você fugisse,
Se você morresse…
Mas você não morre
Nem com mil facadas
Você é duro, Jair!

Sozinho no escuro
Qual bicho-do-mato,
Sem ideologia,
Sem uma mulher nua,
Pra te consolar.
Sem cavalo preto
Que fuja a galope.
Você marcha, Jair.
Jair, para onde?

(Melhor já ir se acostumando, Jair…)

***

É muita tinta e muito byte para um só indivíduo. Chega....

(III) O SUS E EU

MEU QUERIDO SUS

O Sistema Único de Saúde, carinhosamente conhecido (ou ás vezes nem tanto...) como SUS é, de longe, o objeto que esteve mais presente em minha vida profissional. Com efeito, me envolvi com as lutas de sua criação, nos anos 80, como já narrei antes, na seção "Mar Aberto", seja como membro de movimentos de secretários municiais de saúde, em Minas Gerais ou no plano nacional, mas também como militante, digamos assim, intelectual, tentando contribuir como pensador ou palestrante – convites não me faltaram. Fui também, depois, dirigente das entidades que ajudei a fundar, seja o Conselho de Secretários Municipais de Saúde de Minas (Cosems-MG), ou sua vertente nacional (Conasems). Quando terminei minha gestão em Uberlândia, fui fazer mestrado na Fiocruz e em seguida trabalhei no Ministério da Saúde, como técnico atuante na construção do novo sistema, entre 1991 e 1995. Depois disso, já na Universidade de Brasília, e mesmo depois, produzi algumas dezenas de textos sobre o SUS, em publicações técnicas ou em jornais, ao mesmo tempo que atendia convites para falar sobre aquele ser nascente, *urbi et orbi*. Dei meus palpites, como consultor, a municipalidades e entidades diversas. Era um momento de construção de algo realmente novo no país e os eventos de apoio técnico e divulgação, numerosos à beça, faziam muito sentido. Eu fiz presença neles, em muitos lugares deste país, muitas mais vezes como convidado do que como alguém que estivesse ali como simples interessado.

Hoje, três décadas depois, poucos talvez se lembrem de mim, mas é bem verdade a recíproca, até certo ponto, também é verdadeira. Mas continuo considerando o SUS como parte importante, se não a mais importante, da contribuição que porventura eu tenha feito ao meu tempo, ao meu país, à minha gente. Não preciso de maior reconhecimento, embora confesse, às vezes, que tal coisa me pareça escassa, para mim e para outros batalhadores. Mas eu sei bem onde pisei e, principalmente, tenho total consciência de ter feito o que pude.

De toda forma, se aqui trato de "memórias", não poderiam faltar algumas linhas nestas páginas (ou algumas páginas neste calhamaço) para falar do SUS. Às vezes com carinho, às vezes com decepção, mas sempre com esperança.

Incluo, assim, algumas reflexões produzidas por mim ao longo de minha carreira e adaptadas ao presente formato memorialístico, ou seja, bastante enxugadas, nas quais busco recuperar um pouco de meu trajeto e de minhas ideias principais a respeito do sistema de saúde brasileiro. Ressalvo, entretanto, que cometo, muitas vezes – e assumidamente – a ousadia de praticar certa iconoclastia, baseada em um lema no qual, a cada dia que passa, acredito piamente: *unanimidade faz mal à saúde*, aliás, não só a ela como a muitas coisas mais. No último destes textos perfilo uma síntese das ideias polêmicas, verdadeiras *apostasias*, que tive e tenho o orgulho de levantar em relação ao que os militantes mais exaltados chamam de "patrimônio do povo brasileiro". Nem tanto, penso eu...

DE COMO E POR QUE CHEGUEI AO SUS

No segundo semestre de 2014 recebi uma mensagem por e-mail, de um aluno de mestrado no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA que me solicitava uma entrevista para alimentar sua dissertação. Nada de novo para mim, que bem ou mal havia participado de diversas situações semelhantes, geralmente interagindo com alunos de pós-graduação ou historiadores,

interessados no tema da Reforma Sanitária brasileira, da qual tenho sido considerado um "ator". André Jacobina é o nome do moço que me procurou e sua dissertação atendia pelo espaçoso nome de *Espaço social de reforma sanitária brasileira/ relações entre o campo político e o subespaço militante*. Chique, não? Não sei se foi defendida, aprovada ou publicada (nunca mais tive notícias, como é de costume em casos assim), mas de toda forma me senti lisonjeado de estar presente nela.

O que mais me interessou nessa entrevista foi a possibilidade, inédita para mim, de me estender e ser instado a me aprofundar para além do foco técnico ou político de minha atuação, já que o objeto da mesma eram os aspectos culturais e simbólicos das trajetórias dos entrevistados. Foi grande a minha satisfação em responder o questionário que me foi enviado e foi assim que preparei a presente vista corrida, que traduz bem o que foi a minha trajetória de vida e como ela acabou dando no SUS.

Nasci em Itabira, MG, em 1948, sendo legítimo representante do *baby-boom* pós-segunda Grande Guerra, embora não creia que isso tenha me trazido alguma vantagem especial. Fui criado em Belo Horizonte e fiz toda minha carreira escolar em escola pública, do Jardim de Infância à Universidade. Frequentei, por exemplo, o Colégio Estadual de MG, onde estudavam os filhos da elite mineira, inclusive a filha do então governador, Magalhães Pinto, além de um povinho de classe média, como eu, Fernando Sabino, Eduardo Azeredo, Fernando Pimentel e até mesmo Dilma Rousseff, além de muitos outros.

Sou de família católica (moderadamente) e há muitos anos me desliguei da Igreja, embora recentemente venha experimentando um reavivamento espiritual junto ao Mosteiro de São Bento de Brasília.

Por que virei médico? Fui quase o tempo todo um aluno pouco competitivo para pensar em fazer um vestibular que já era muito concorrido à época. Mas tive a sorte de fazer o terceiro colegial em uma instituição modelar, também pública, o Colégio Universitário da UFMG e a partir daí as portas se abriram para mim. O fato é que fui, para minha surpresa, o terceiro colocado no vestibular para Medicina de 1967, na UFMG.

Em termos de influências intelectuais ou profissionais familiares, meu pai é um técnico agrícola que acabou se dedicando à área de serviços (transporte); minha mãe, "de prendas". Tive avô advogado, mas não creio que nenhum deles tenha me influenciado em seguir a profissão de médico. Diga-se de passagem, que na infância ninguém me auguraria tal destino, pois eu era um daqueles garotos que desmaiavam quando viam sangue, mesmo em pequena quantidade.

Como me assumo profissionalmente? Não é que eu negue ser médico, mas não costumo me apresentar como tal, pois estou longe da clínica há muitos anos. Nos hotéis preencho a ficha apenas raramente com este título profissional, preferindo utilizar o titulo de professor universitário ou consultor. Em aviões já me apresentei como médico, diante daquela famosa convocação "há algum médico a bordo?", mas por sorte havia outros mais qualificados também presentes.

Em termos de formação política, na juventude tive namoros, primeiro com o Partidão depois com a Ação Popular, sem maiores consequências e com adesão apenas informal. Sempre me considerei de esquerda, enquanto tal designativo tinha algum significado. Agora me considero um personagem da "terceira margem do Rio". Neste quesito, repito o dito de Drummond, quando lhe convidaram a militar no PCB e ele recusou: *não sou capaz de convencer alguém a respeito de algo que não estou convencido.*

Naqueles trágicos anos sessenta, no movimento estudantil, só fiz correr da polícia e cheirar gás lacrimogêneo, mas tive um irmão preso e torturado. Mas não foi só por este motivo que odiei, desde o início, a ditadura e seus agentes.

Na saúde pública, me tornei membro do Cebes desde os anos 70 e participei da reunião que fundou a Abrasco, mas nunca tive cargos nas diretorias respectivas – isso era coisa para quem tinha paciência e afiliação política ou corporativa – atributos que me faltavam. Quando morei em Uberlândia, tentei fundar um núcleo do Cebes por lá, mas a ideia não vingou, pois eu tinha cargo público e isso despertava certa desconfiança nos potenciais cooptados.

Nos anos 80 fui vice-presidente da Adufu (Associação de Docentes da Universidade Federal de Uberlândia) tendo assumido a presidência na metade do mandato. Foi minha única experiência neste campo. Mas devo dizer que, heterodoxo que sou, nunca propus e nunca participei de greves. Greve para mim é contra patrões; sou contra greves que atingem usuários dos serviços públicos, não só da saúde.

Além do citado acima, minha única participação digna de nota, em termos de militância política sanitária, é a de ter sido membro do Observatório de Saúde do DF, uma entidade civil informal, já desativada, que discutia, fazia propostas e as divulgava, tendo como foco a Saúde no DF. Em tal entidade fui encarregado de manter o blog do mesmo (www.observatoriodasaudedf.org), embora tenha andado muito devagar por falta de colaboração de outros membros, pouco afeitos à cultura da internet, ao que parece, salvo exceções.

Devo dizer ainda que, em termos políticos, por uma única vez, na década de 80, fui por assim dizer “constrangido” a me filiar a partido político, no caso, o PMDB, ao qual pertencia o Prefeito de Uberlândia, com o qual colaborei como Secretário de Saúde. Foi uma experiência frustrante e durou pouco. Meu voto sempre foi de esquerda (com tendência ao PT, salvo nas últimas eleições). Atualmente não sou filiado e nem quero me filiar a nenhum partido político, embora tenha simpatias pelo PSOL, mesmo que não tenha votado neste partido nas últimas eleições para Presidente, dada a presença de Eduardo Jorge, do PV, no cenário, pelo qual sempre tive simpatia pessoal, mais do que pelo seu atual partido. Mas devo dizer que algumas posições corporativas e sindicalistas do PSOL me deixam desconfortável.

Estive engajado no movimento da Reforma Sanitária desde os anos 80, quando fui Secretário Municipal de Saúde em Uberlândia. A primeira ação de que participei, em termos mais amplos, foi o de criação do Conselho de SMS no estado de MG, do qual participei ativamente e fui o primeiro presidente. Nesta ocasião (1984 em diante) comecei a frequentar reuniões de secretários municipais de saúde, nas quais estava em pauta a criação de entidade nacional. Em 1987 participei do grupo que constituiu o Conasems, em Londrina, e fiz parte da primeira diretoria do órgão, como vice-presidente, entre 1988 e 1989. Mas é verdade que ninguém se lembra disso atualmente lá dentro. O próprio livro que eu escrevi contando essa história em 1998, nos dez anos da entidade (”Municipalização: Veredas – Caminhos do Movimento Municipalista de Saúde no Brasil”, editado pelo Conasems com a Abrasco), está esgotado e, mais do isso, esquecido, como comprova o trabalho de duas moças de São Paulo, Carmen Lavras e Cidinha Pimenta, contratadas para “reescrever” (eu diria de um modo meio estalinista...) tal história em 2003, na comemoração dos quinze anos da entidade.

A reunião ou simpósio sobre Política de Saúde, na Câmara dos Deputados, em Brasília, cerca de 1979 foi um marco nas discussões que originaram o SUS. Eu estava lá, ainda tentando entender toda aquela muvuca – mas presente.

No início dos anos 80 participei da Pastoral da Saúde, a convite do Bispo de Uberlândia, Dom Estêvão Avelar (famoso por ter chegado o dedo no nariz de um general, irmão de J. B. Figueiredo, comandante militar no Pará). Este evento me tornou conhecido em certos círculos da cidade e dele acabou resultando um convite, por parte do Prefeito recém-eleito, para ser Secretário de Saúde, como de fato fui, entre 1983 e 1988.

"Participar do aparelho de Estado" não era, para mim, pessoalmente, um fator de contradição. Eu já estava dentro dele e de lá é que conduzia minha militância e minhas articulações. Tinha militância acadêmica também, como professor de Medicina Preventiva na Universidade Federal de Uberlândia. Mas não foi enquanto acadêmico que me vi envolvido na luta sanitária – nem eu nem ninguém daquela universidade. Também não fui secretário por meus dotes acadêmicos e nem por minha militância partidária. Acho apenas que eu estava no lugar certo, na hora idem, com a referida participação na Campanha da Fraternidade de 1980.

Assim, eu participei de um governo (de um PMDB, digamos, mais progressista) que botava muita fé nos movimentos sociais. Eu, particularmente, me apoiei muito e apoiei também as lideranças comunitárias da cidade, em um movimento nascente e primitivo na ocasião. Foi uma boa experiência, mas não impediu muita manipulação (pelo alto) e muita disputa fútil (nas bases). De fato, faltava o entendimento de uma dialética de participação, que se fazia muito na base de alguma cooptação ou, de outro lado, dentro de um clima de grande desconfiança e polarização em relação à municipalidade, particularmente quando os interlocutores estavam à nossa esquerda – geralmente os militantes do PT de então.

Em 1986 fui delegado estadual na VIII Conferência Nacional de Saúde. Na sequência, fui indicado pela Associação Brasileira de Municípios como seu representante na Comissão Nacional de Reforma Sanitária, entre 1986 e 1987. Havia outro representante, membro do Partidão e escolhido diretamente em gabinetes de Brasília. Acho que a minha representação foi, pelo menos, mais legítima. Mas o outro representante, Nelson Rodrigues dos Santos, é pessoa das mais respeitáveis e muito meu amigo até hoje.

Na condição de membro da diretoria provisória do Conasems, ao longo de 1987, participei do *lobby* do bem que atuou junto aos Constituintes, na defesa do SUS.

Na IX Conferência Nacional de Saúde, em 1992, fui de novo delegado, desta vez pelo Ministério da Saúde, onde eu tinha um cargo de coordenação (na SAS). Em relação ao lema da mesma, *A Municipalização é o Caminho*, tenho hoje sinceras dúvidas se ainda é adequado à realidade do país, pelo menos encarado assim de maneira direta, *tout court*.

Quanto às pessoas que ajudaram a criar um *movimento municipalista em saúde* no Brasil destaco uma, em especial: Nelson Rodrigues dos Santos, o querido Nelsão. Arouca, apesar de muito badalado, não teve participação tão ativa como dizem, ao contrário, fez intervenções pouco cuidadosas, no sentido de aparelhar a primeira diretoria do Conasems com militantes do PCB. Palmas também para Eugênio Vilaça Mendes, à época (década de 80), consultor na OPAS Brasil, que articulou contatos, promoveu debates e elaboração de textos, além de ter aberto as portas (e os canais de financiamento) da OPAS para a organização primordial do Conasems. Grande Eugênio, que tem sido esquecido nessa história (mas não por mim, evidentemente)!

Ainda em termos de nomes significativos, acho que José Eri Medeiros, um dentista gaúcho de Venâncio Aires, segundo presidente do Conasems e atual membro do CNS, é um desses nomes, quase perdidos nas brumas da história. Outro deles é Gilberto Berguio, que foi Secretário de Saúde no Paraná, membro da primeira diretoria, quadro dos mais competentes. Paulo Dantas,

de Olinda-PE, o primeiro presidente, embora seja lembrado aqui e ali, não teve, a meu ver, atuação digna de nota. Pelo contrário, já assumiu a presidência sabendo que iria se afastar em poucos meses, para se candidatar a vereador em sua cidade – e mesmo assim disputou as primeiras eleições da entidade, sendo favorito dado sua condição de anfitrião do encontro nacional de SMS em 1988.

Em tempo, devo dizer: para mim, a tal "Reforma Sanitária" brasileira foi um movimento de intelectuais sediados em universidades e instituições públicas, geralmente nos grandes centros do país, o qual mais tarde se tentou legitimar como movimento social, de massas – o que ela nunca foi de fato. Agora é só esperar que o céu me caia sobre a cabeça...

Confesso (seria um pecado?): nunca discuti saúde em ambiente de partidos políticos. Minha praia era outra, a dos gestores municipais, de forma absolutamente suprapartidária. Portanto, questões que se aplicam a "partido", como agora me é solicitado, não me dizem respeito (com todo respeito pelos militantes...).

Sobre o Cebes. A entidade de fato apoiou o nosso movimento (fundação do Conasems), mas talvez por ter sua pauta congestionada pela reforma sanitária como um todo, seu apoio não se traduziu, por exemplo, em edição de número especial da Saúde em Debate ou promoção de debates específicos. Mesmo a participação de suas diretorias nos encontros de SMS foi pouco expressiva, embora muitos dos presentes, como eu, fossem também associados a tal entidade.

Sobre as questões que pautaram a movimentação de secretários na ocasião, ou seja, meados dos anos 80, a principal era, sem dúvida, a descentralização, com a demanda pela quebra da hegemonia do Inamps. Havia também um pano de fundo de disputa política entre Estados e Municípios, com aqueles em posição hegemônica e muitas vezes frustrando e impedindo a atuação mais direta do município. Financiamento já era, como continua sendo, uma grande questão, também.

Sobre bastidores... Um episódio desta categoria foi a tentativa de Sérgio Arouca de aparelhar o recém-nascido Conasems. Ao contrário de que muitos dizem, sem embargo de suas qualidades e importância política, ele não foi um dos criadores desta entidade, era presidente da Fiocruz na ocasião a apenas tentou pegar carona no nosso movimento. Outro caso é a da nomeação para a representação municipal na comissão nacional de Reforma Sanitária, quando uma segunda vaga foi aberta para abrigar um representante oficial municipal, no caso, eu. O "nomeado" dos gabinetes em Brasília, Nelsão, como já mencionei, é personagem notável da reforma sanitária e não teve culpa nessa tentativa de manipulação perpetrada por Arouca, Saraiva Felipe e outros.

O que faço agora? Estou aposentado na Universidade de Brasília e faço trabalhos de apoio e consultoria, quando aparecem, principalmente na elaboração de textos, análises e relatorias de eventos. Meus contratantes habituais são a OPAS e o Conass. Já trabalhei muito com o Conasems, mas uma diretoria do início da década passada entendeu que, para fazê-lo, o indivíduo tinha que ser regionalmente e partidariamente afinado com ela. Daí, dancei... Como padeço do mal da escrita, publiquei dois livros nos últimos anos: *Saúde da Família: Boas Práticas e Círculos Virtuosos* (em 2007) e ainda outro, de ensaios e crônicas, *A Unanimidade faz mal à Saúde*, em 2013, ambos pela Editora UFU. Se pudesse – e tivesse mais competência para tanto – seria escritor. Aliás, isso é o que mais faço atualmente, embora como escriba "de aluguel", produzido textos e análises para os organismos já citados. Ao lado disso mantenho um blog, no qual alterno textos técnicos, textos literários (se é que me permitem tal licença) e um "diário mínimo" de crítica política e social, além de relatos de minhas viagens (www.veredasaude.com). É nisso que me realizo mais. Quero ainda publicar escritos esparsos e poemas meus e talvez um

livro de memórias, tudo heterodoxo e bissexto. Para tanto, estou à espera de editor e de leitores amáveis, principalmente.

Posteriormente, já em 2018, comecei a operar um novo blog, www.saudenodf.org.br , no qual, em dois anos de atuação, publiquei cerca de duzentos textos, com foco não só na saúde em minha cidade, como também nas questões do SUS de maneira geral. Publico somente coisa minha neste espaço, nada de repasses.

ABAIXO (TODA) A UNANIMIDADE!

Entre 2009 e 2010 resolvi juntar meus textos sobre o SUS, alguns publicados em revistas técnicas, outros cuja publicação foi negada nas mesmas, além de capítulos de livros e mesmo alguns avulsos. Tentei fazer, com eles, uma mirada na construção do sistema de saúde no Brasil ao longo das duas décadas anteriores. Dei a esta coletânea um nome sugestivo, *A Unanimidade faz Mal à Saúde*, tendo se transformado em livro editado pela editora de minha antiga universidade, a UFU. Coloquei ali ideias que não refletiam um ponto de vista uniforme, ao mesclarem a visão do gestor do SUS, a do pesquisador acadêmico e também a do cidadão comum, muitas vezes estarrecido e indignado, tanto quanto muita gente mais, com as coisas assistidas no cotidiano da saúde no Brasil.

A "unanimidade" – ou uma crítica a ela – representava o fio condutor de grande parte dos textos de tal obra. O ponto de partida era uma situação que sempre me pareceu bastante corriqueira no panorama da saúde no Brasil: o SUS sujeito a críticas e ataques de todas as naturezas, mas, no plano interno, contando com uma enorme unanimidade na sua defesa entre seus militantes. Isso tem seu lado bom, mas acarreta um problema fundamental: a negativa ao pensamento mais crítico, mesmo que venha para aprimorar o sistema.

Ao contrário, a crítica, as propostas de mudança e correção de rumos costumavam (e ainda costumam) ser taxadas de revisionistas ou coisa que o valha. O discurso unânime não abre brechas para as posturas críticas. Nos eventos do SUS o que se vê são pessoas que acreditam no sistema e o defendem falando para outras que igualmente defendem e acreditam nas mesmas coisas. E todos, falantes e ouvintes, costumam comungar das mesmas ideias, ou seja, de que criticar o SUS seria ofender as conquistas sociais que o mesmo proporcionou. Tal visão se equivoca, contudo, ao não considerar que também as construções dependem de alguma forma de desmonte e arejamento do terreno.

Já no lado oposto, ou seja, entre os críticos do SUS, talvez não haja tanta unanimidade. Mas, com certeza, o resultado de tais críticas – tomemos como exemplo a política de financiamento da saúde – tem se revelado de alto impacto para o sistema. Em outras palavras: que nos diversos governos, de Collor ao horror de 2020, a tônica foi uma só: considerar a saúde como área "gastadeira", para a qual os recursos alocados já seriam suficientes e que o real problema estaria apenas em sua gestão capenga. As consequências disso, todos sabemos, são cada vez mais desastrosas para a saúde dos brasileiros.

Enfim, é impossível não mencionar Nelson Rodrigues, o teatrólogo, e sua famosa afirmativa sobre a natureza das unanimidades. Na discussão de saúde ela se torna mais aplicável, ainda.

Apresentei aos leitores, na ocasião, duas séries de textos. A primeira composta de dez ensaios breves, abordando distintos aspectos da política de saúde brasileira, à qual intitulei *Dez textos*

na contramão. Nem todos rigorosamente atuais à época; alguns remontavam ao início da década anterior, mas justificáveis pelo fato de o tema tratado ainda continuar candente (ou pendente) na ocasião. E pior: as soluções para os diversos problemas que levantam ainda não terem sido encontradas. Ou por outra, se praticadas, revelaram-se inconsistentes. Alguns desses ensaios eram originais, mas para a ocasião foram revistos, e até certo ponto atualizados, mas, principalmente, liberados de alguns ritos acadêmicos que certamente atentariam contra a paciência dos leitores. Tinham a natureza de *ensaios*, e assim assumi a responsabilidade de acreditar naquilo que está mencionado neles, independente de compartilhar a opinião de outros autores, motivo pelo qual fiz verdadeira *limpeza* nas citações bibliográficas que a versão acadêmica de alguns deles me havia imposto.

Já a segunda parte, intitulada *Crônicas do SUS-real*, continha textos que não fugiam à temática dos ensaios referidos acima. Mas representavam coisa mais leve, quase sempre publicada em jornais, sendo alguns inéditos, também. Aqui, sob a forma de *crônicas*, não mais de *ensaios*, o critério de seleção levou em conta, essencialmente, a pertinência do assunto tratado na realidade presente. E, mais uma vez, escritos de alguns anos atrás ainda se revelam atuais.

Comecei botando prá quebrar com a tal da unanimidade, destacando a abundância no cenário da saúde no Brasil, pelo menos em sua parte visível e explícita, de posicionamentos favoráveis e laudatórios ao Sistema Único de Saúde. Falei das *plateias ululantes*, como também as chamaria o mesmo Nelson Rodrigues, encontrando mais e mais argumentos para a defesa do sistema de saúde, mas ignorando um grande dilema: gente convencida das vantagens do SUS, falando para outras tantas pessoas que também acreditavam no mesmo. E ficava nisso... Uma espécie de casamento consanguíneo em que, como costuma acontecer em tais situações, o produto costuma ser estéril ou deformado.

E fui em frente: em relação ao progresso do SUS seria cada vez mais preciso buscar novos caminhos, romper com crenças e dogmas, mesmo com relação àquilo que já é (aparentemente) funcional. Sem dúvida um imenso dilema, até mesmo uma heresia em determinados ambientes, como no âmbito das religiões e de instituições partidárias, mas também entre a militância do SUS. O fato concreto era que muitos daqueles que insistiam em propor ou promover mudanças indesejadas costumavam ser rotulados de apóstatas, hereges, revisionistas ou até portadores de alguma doença infantil. Galileu que o dissesse.

A participação social em saúde, prevista na Constituição e detalhada, até certo ponto, na em lei orgânica (nº 8.142/90), foi para mim um verdadeiro produto de *salsicharia*, depois rebatizada de *controle social* num arroubo leninista de militantes. Isso certamente ainda seria um processo ainda em construção no Brasil, sobre o qual uma visão crítica deveria ser, não apenas acolhida, mas também promovida. Também neste campo seria necessário não só defender o SUS e seu conteúdo de participação e democratização, mas arejar o debate sobre o ele, questionando certas verdades estabelecidas, previsíveis e repetidas sem crítica. Tornar-se-ia bastante cabível, assim, especular sobre a validade e a consistência de alguns aspectos que vinham sendo erigidos como autênticos “pilares” da participação social, ou seja, a autorregulação, o poder deliberativo, a autonomia e a paridade dos Conselhos de Saúde. Para mim, desde então, nem tudo neste território é, de fato, o que parece ser, e que a mera vontade militante não seria forte o bastante para dar consistência à fluidez de alguns conceitos ou mesmo dar o sentido necessário ao que está disposto nas leis do País, mas não encontra guarida na realidade.

Na sequência, resolvi encarar os desafios aos sistemas de saúde no século XXI, alertando que não só as condições de saúde da população, bem como a qualidade e a pertinência daquilo que os sistemas de saúde oferecem neste campo, precisavam ser questionadas. Isso teria especial

relevância, não só pela necessidade de se pensar a saúde como política de governo voltada para o bem-estar da coletividade, como também de buscar novos conceitos orientadores das práticas dos profissionais que trabalham no ofício da cura das pessoas. Assim, alguns temas despontaram (e continuam pungentes) como essenciais na agenda do século XXI para a saúde, entre eles as questões éticas e sociais, a relação profissional-paciente; os custos e os benefícios dos serviços de saúde; as prioridades a serem assumidas na assistência; a composição e a qualificação das equipes; as questões de quantidade e qualidade da prestação de serviços, além de outras.

Fiz também uma espécie de brincadeira com os membros de minha especialidade de Sanitarista, ao colocá-los em uma espécie de contradição, ou meio termo, entre o *Super-Homem e São Francisco de Assis*. Referia-se, na verdade, a um comentário encomendado a mim por uma revista, a respeito de um artigo de Gastão Wagner de Souza Campos, eminentemente sanitarista, médico e escritor, além de notável liderança na área da saúde. Lembrei no texto um velho debate do campo da saúde coletiva, demarcando campos divergentes. De um lado, o território dos saberes e práticas de fundo positivista e instrumental, que chama para si o estatuto de saber exclusivo na explicação da saúde e da doença. De outro, os defensores de conhecimentos e práticas voltados para a emancipação humana. Ou seja, a visão dos economistas e dos políticos versus a dos intelectuais militantes. Uns atrelados ao aparelho de Estado, aos partidos políticos, às racionalidades técnicas; outros tendo nas pessoas – e com foco total nelas – seu objeto a ser convertido em sujeito. Missão de um super-homem arrogante? Ou de algum santo peregrino?

Meu hit verdadeiro foi um artigo que escrevi no alvor do novo século, publicado em revista séria, intitulado *Esculpindo o SUS a golpes de portaria*, ainda atual dez anos depois. Ouvi pelo menos uma pessoa notável dizer que a autoria da frase título era dela, mas tudo bem – coisas do mundo da militância, em escassa comunhão comigo. Minha questão era: o SUS dispõe de um pedaço só seu na Constituição Federal de 1988, com nada menos que cinco artigos, algo inédito em toda a história da política de saúde no Brasil. Tem também duas leis orgânicas, que também colocam o nosso sistema de saúde em patamar exclusivo face às outras políticas. Suas leis ordinárias se contam, hoje, às dezenas. Como se todo este arcabouço não bastasse, existe ainda uma emissão copiosa de portarias do MS, centenas a cada ano que passa. Isso parece ser congênito ao nosso sistema de saúde: já era assim desde os tempos do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) e tem continuado pelas décadas afora. Questionei, em tal texto, se não existiriam maneiras mais dinâmicas, menos burocráticas, mais duradouras e também mais compreensíveis de construir normas para a operação do SUS;

Na minha discussão recorri também a Luis de Camões, um de meus ídolos literários, citando um verso seu na *Lírica*: o *mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*. Tomei como exemplo a dengue, mas com certa generalização, procurei apresentar reflexões sobre as práticas de saúde, seja de natureza individual ou coletiva, assistencial ou educativa, voltadas para tais doenças, na tentativa de apreender alguns dos obstáculos que se antepõem às medidas de controle que impediriam o setor saúde de comemorar vitórias mais expressivas sobre elas. Insisti que embora pudesse parecer algo óbvio e mesmo redundante, não custaria nada insistir no caráter não estritamente técnico e sanitário das medidas que devem ser adotadas para o controle deste tipo de doença.

Descentralização na saúde: uma no cravo, outra na ferradura, foi o título jocoso de outra secção. Ao contrário, por exemplo, do conceito de democracia, propus que existiria de fato uma descentralização à brasileira, não propriamente no sentido conceitual, mas, com certeza, do ponto de vista operativo. Com efeito, o processo de descentralização de políticas públicas no País, particularmente na área da saúde, refletia desde muitos anos os contextos políticos e

institucionais brasílicos, além de uma cultura e de uma história específica. Dois fatores, pelo menos, deveriam ser considerados na descentralização brasileira: a arraigada história de centralismo presente em nossas instituições, desde o período colonial, bem como o caráter altamente peculiar da federação nacional, com forte autonomia dos estados e dos municípios. O resultado é um processo cheio de conflitos e idas e vindas, justificando o dito popular que serve de título ao texto. É mais um fator que influi nos resultados ainda frágeis e de pouco reconhecimento social relativos à política de saúde implantada com a Constituição de 1988, à qual ainda *faltaria cumprir-se*, trazendo à luz outro poeta português, Fernando Pessoa.

Peguei pesado na reflexão sobre minha área da tese de doutorado na Fiocruz, a Estratégia de Saúde da Família. E de cara fui colocando polêmica na fogueira: *flexibilizar sem perder a compostura.* É que ter compostura, para os militantes de tal estratégia, não poderia envolver qualquer tipo flexibilização de tal programa, embora posteriormente tenham se acalmado. E ataquei assim a rigidez estrutural da estratégia de tal programa precisava urgentemente superar sua fase heroica de implantação, durante a qual ela talvez tenha sido necessária. A própria criatividade dos gestores da saúde já vinha propondo inúmeras alternativas, configurando-se, assim, no País-real, não "o" PSF (único), mas muitos e variados PSF. O grande problema, porém, era que tais variações nem sempre se estabeleciam de forma consequente ou regulada. Mas certamente seria preciso mais ousadia, criando mecanismos flexibilizadores – que frequentemente causavam horror aos puristas – mas que na verdade poderiam representar a salvação de tal estratégia, mais do que sua extinção, com as devidas precauções e salvaguardas. Dessa vez a história me deu razão, embora isso não tenha feito com que eu adentrasse nas narrativas oficiais.

O SUS, ENTRE O SONHADO, O REAL E O POSSÍVEL

Em maio de 2017, já não me lembro através da indicação de quem, fui convidado a falar em um evento do Sindicato dos Bancários do DF, cujo tema era saúde e mais especificamente o SUS. Na verdade, me preparei para uma plateia que certamente aspirava, mais do que o SUS, o acesso aos planos de saúde privados, nem cenário dominado, no principal banco do país, o Banco do Brasil, pela prestação de serviços de saúde através de uma fundação privada, a CASSI, custeada historicamente por um misto de dinheiro do próprio banco e dos funcionários. Àquela altura dos acontecimentos, contudo, o financiamento era só destes últimos e isso também me indicava qual seria outra tônica do evento, qual seja o desejo de participação patronal no custeio dos tais planos. Dito e feito. Mas acho que dei o meu recado.

Pelo menos em uma coisa devo ter me saído bem, pois o sujeito que me antecedeu na palestra, um economista do IPEA, ligado fortemente a correntes de esquerda, possivelmente à esquerda mesmo do próprio PT, já abriu sua fala dizendo que sua abordagem era para um sistema de saúde para trabalhadores "dentro do contexto do socialismo", ou seja, um verdadeiro "SUS sonhado"e mais do que isso, um "modo de produção" igualmente sonhado. De minha parte, procurei ser mais modesto, falando de um SUS apenas "possível", o que implicaria em reformas do sistema tal qual era operante e no qual qualquer desembolso de dinheiro público para cobrir despesas privadas com saúde não seria adequado.

Nada como se ater à realidade, embora a plateia me parecesse um tanto indiferente, seja a mim ou a ele, talvez porque aspirassem, de fato, outro tipo de proposta.

Comecei pegando leve, dizendo que era preciso distinguir e qualificar a diferença entre o que foi *sonhado* generosamente, aliás, pelos formuladores da reforma sanitária dos anos 80, daquilo que foi *concebido* mediante associação dos mesmos com outros atores políticos na sequência, em ambiente marcado por alguns "pecados originais", cabendo diferenciar tais coisas, mais ainda, do ente efetivamente construído nas quase três duas décadas de existência do sistema, malgrado muitos (entre os quais me incluo): o SUS *real.*

Assim, introduzi, de leve, a proposta de uma *SUS possível*, lembrando que alguns certamente quisessem a volta do sonho, enquanto outros desejassem simplesmente passar uma *caterpillar* no que foi construído, penosamente. E fui em frente, discriminando a *realidade* do SUS que temos no país, sem esquecer que alguns de seus maus atributos são inquestionáveis, tais como ineficiência, ineficácia, além de, essencialmente falta de capacidade de reação frente às mudanças epidemiológicas, demográficas, políticas e culturais pelas quais passa a sociedade brasileira. Não deixei de lado, também, um *SUS que deu certo*, apregoado exaustivamente pelos militantes, de cuja existência não duvidava, mas não sem antes convir que ele apenas corresponderia a *ilhas* de acerto e sucesso que não chegam a formar *arquipélagos* e muito menos se juntar na formação de um *continente*. Apontei que aquele *SUS real* tinha se convertido em verdadeiro *Reino do Mais do Mesmo*, no qual as regras de negócio são feitas a golpes de Portaria pelos burocratas do Ministério da Saúde e de outras instâncias, muitas vezes ao arrepio das maravilhosas intenções oníricas e desejosas de seus formuladores, nos heroicos anos de resistência.

E dentro de tal modelo *realizado,* porém diferente daquele *sonhado*, problemas que se somavam aos já citados não eram poucos, por exemplo, o fato de que não se protegia os mais pobres, como a militância insistia em acreditar. Os pobres, com efeito, estavam nas filas, nas listas de espera, nos leitos de corredores. Já os mais bem aquinhoados pagavam por planos de saúde, que mesmo sem serem totalmente dignos, lhes oferecem condições bem melhores de atenção. E o pior: quando é o caso de procedimentos de alto custo, emergenciais ou de alta complexidade, aí fala mais alto a lei do *sabe com quem está falando*? Como dizia o saudoso Adib Jatene: *o maior problema de se ser pobre é só ter amigo pobre* – coisa que na saúde se demonstra à exaustão. Somam-se a isso as variadas barreiras normativas, burocráticas, políticas, corporativas, além de (não nos esqueçamos) culturais, que espalham obstáculos em ambos os lados dos guichês, mesas e mesinhas de atendimento ao público.

Assim, aquele SUS *para todos* que os precursores um dia sonharam, acaba sendo realidade apenas para os mais ricos, quando necessitam de cuidados mais sofisticados, como, aliás, acontece em outras políticas públicas. E no que o SUS não oferece diretamente, a *judicialização* dá seu jeito…

Ao fim e ao cabo, aquelas dignas ideias relativas a *direito de todos, unidade, descentralização, participação, responsabilidade do Estado, determinação social,* além de outras, continuavam válidas, mas aquele *sonho de uma noite de verão,* embora legítimo, sonhado nos idos dos anos 80, não conseguiu ser realizado como fato concreto, mas apenas como direito formal. Como diria Fernando Pessoa: *falta cumprir-se* o SUS. Tudo isso, para mim, reforçava a necessidade de não só se rejeitar o *SUS real,* mas também as propostas sonhadoras e de pensamento desejoso que o querem fazer *renascer* (ou ser *reinventado*). Ou, como talvez prosperasse a ideia naquele ambiente, deixá-lo apenas para os mais pobres.

Propus, então, analisar outro projeto, o de um *SUS possível*, face à conjuntura atual e de futuro não muito imediato, em honra daqueles cidadãos que já não suportam mais a amarga *realidade* que lhes é impingida cotidianamente nos hospitais, nas emergências e nas

unidades públicas de maneira geral, quase sempre longe daquelas supostas *ilhas de excelência* que nunca são alcançadas.

Mas primeiramente, lembrei, era preciso dar um *adeus às ilusões*, entre as quais enumerei: a crença de que seria possível dar *tudo para todos*; a de que todo poder deve ser atribuído aos municípios em matéria de saúde; a do enganoso *controle social*, que se realiza mais *sobre* a sociedade do que *a partir* dela; a certeza de que existiria profunda *maldade* na ação do setor privado e que sua incompatibilidade com o sistema público é total e inerente a ele; a crença de que dinheiro é feito de látex e que, assim, os orçamentos públicos são sempre uma questão de decisão política que escapa à lógica aritmética e, finalmente, que seria sempre necessário *cumprir a lei* (não que isso seja desnecessário), mas muitas vezes o mais importante seria anular e recriar dispositivos que redundam apenas em tecnicalidades e bijuterias jurídicas, dando alguns exemplos disso.

Aí, aproveitando que a plateia parecia começar a se mexer, emendei: que o foco real de tal *SUS possível e desejável* seja realmente colocado sobre *os mais* pobres, carecendo, para tanto, de uma *concertação* com atores sociais diversos, particularmente Ministério Público, Judiciário e Sindicatos, dentro de uma palavra de ordem (se é que alguém dá ordens a tais personagens…): *não aos preconceitos e sim às evidências*.

Concluí com a proposta de um novo desenho para o SUS, no qual se teria (a) uma *carteira geral de serviços*, abrangendo a atenção primária e as medidas coletivas em saúde, com alcance universal, ou seja, para toda a população, independente de renda e filiação a planos de saúde; (b) uma *carteira social*, abrangente, integral, contínua, para todas as faixas de idade, nas diversas condições de vida e em todas as especialidades médicas essenciais, tendo como público-alvo principal os mais pobres (com estudos para se determinar onde deverá passar a linha de corte); (c) para os demais cidadãos, Planos de Saúde, mediante tabelas de custo real e efetivo controle e regulamentação estatal. Nada de subsídios estatais, portanto, aberta a possibilidade de que os sindicatos negociassem com o segmento patronal as possibilidades de financiamento misto.

A campainha soou, eu agradeci e esperei o céu desabar sobre minha cabeça. Mas todo o debate girou em torno da reivindicação de cobertura patronal aos planos de saúde, com o SUS praticamente ausente das conversas.

Isso representa bem um resumo do estado da arte que o pobre do SUS enfrenta nos dias de hoje. Os sindicalistas foram, no início, um dos esteios do SUS. Hoje querem coisa bem diversa.

UM DECÁLOGO DE APOSTASIAS SOBRE O SUS

Aqui, em síntese, trago aos leitores algumas ideias com que me entretive ao longo dos anos, tendo como foco o nosso sistema de saúde. Na palestra aos bancários narrada acima, falei de algumas delas. Mas tem mais na sacola. Algumas dessas propostas, por sinal, bastante rejeitadas; outras tratadas com indiferença e uma parte, bem ou mal, em vias de incorporação pelos agentes da política ou gestão do sistema.

Assim, vamos lá:

(1) Temos que abandonar aquele “sonho” chamado SUS e ao mesmo tempo rejeitar o SUS “real” para buscar um SUS “possível”; aquela visão onírica e triunfalista, aquele pensamento desejoso, próprios dos militantes, só tem levado a impasses em relação à saúde no Brasil – é preciso pensar com realismo!
(2) O SUS não é fruto de movimentos sociais – seria bom que o fosse – mas sim de um grupo de intelectuais, acadêmicos, sindicalistas e atores políticos influentes no período de redemocratização do país, grupo este que, aliás, perdeu influência no cenário nacional.
(3) A unanimidade é prejudicial à Saúde; o excesso de consenso entre os defensores tem impedido o SUS de avançar, com eventuais ideias de reforma sendo combatidas com vigoroso preconceito – é preciso arejar o debate, buscando e aprofundando ideias novas de fato.
(4) O SUS é um produto típico dos anos anteriores à década de 80 e desde então muita coisa mudou no Brasil e no Mundo, de tal forma que o nosso sistema de saúde deve ser ressignificado e reestruturado à luz de novos conhecimentos e informações, epidemiológicos, demográficos, econômicos, políticos e culturais.
(5) Ousadia de cumprir as Leis? Melhor seria exercermos a ousadia e arregimentar energias com a mudança nas leis que não colaram e que impedem as políticas públicas, entre elas o SUS, de avançar.
(6) A “igualdade” do direito ao acesso para ricos e pobres é falsa e prejudica estes últimos; os ricos sempre têm mais chance de abocanhar o que oferecem as políticas públicas, pois “pobre só tem amigo pobre”, enquanto os ricos usufruem de uma extensa rede de contatos e influências, que lhes abrem portas em toda parte.
(7) “Sistemas de saúde com foco nos mais pobres são também pobres” – dito comum entre os militantes pró SUS: gostaria de saber se realmente existe alguma confirmação científica para esta afirmativa genérica.
(8) Sistemas de saúde que se prezem devem oferecer *tudo para todos*, esta é a base do SUS. Em que país do mundo isso foi alcançado?
(9) No SUS, “a municipalização é o caminho”. Isso significa que São Paulo, a capital, e um minúsculo município dos confins da Amazônia devem ser tratados de igual forma? Não! São Paulo e os as cidades maiores devem ter muito mais autonomia para resolver seus problemas; os menores e mais pobres devem ter sua autonomia relativizada, para não serem obrigados a assumir todo o ônus de oferecer saúde a seus habitantes. E o financiamento dos níveis centrais de governo (União e Estados) deve estar atento a tais diferenças.
(10) Os Conselhos de Saúde devem ser deliberativos, assim está escrito na Lei; mas quem paga judicialmente por deliberações equivocadas é o Prefeito ou o Secretário Municipal e não o Conselho ou seus conselheiros. Simples assim.

***

Revisionista, eu? Pode ser que sim. Admito. Mas prefiro assim *do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*.

(IV) VIAJANDO

VIAJAR É BOM?

Durante um pedaço de minha vida achei que eu não gostava de viajar. Hoje vejo que me enganei, ou, pelo menos, passei a ver que as viagens podem ser boas ou más, dependendo de alguns fatores. Começando pela negativa, devo dizer que aquela história de viajar por viajar, visitando uma sequência alucinada de países, cidades, monumentos, museus, vales, montanhas etc, tirar um monte de fotos e depois mostrá-las alegremente para os amigos, decididamente nunca foi a minha praia. Aliás, na minha preferência, melhor que nem haja praia em eventuais viagens...

As pessoas a que me refiro na descrição acima me lembram aqueles caçadores (ou quem sabe, jagunços) que fazem uma marca na carabina a cada presa que abatem. Conheci recentemente uma dessas figuras, que fez um périplo por uma dúzia de parques selvagens na África e não foi capaz de me dizer em quais países exatamente esteve, da língua se falava em cada um deles, de como se dava a vida dos nativos ali, de qual era a religião dominante etc. Mas contabilizava com total precisão números de parques, girafas, leões e rinocerontes que foram avistados, além de documentar isso escrupulosamente em centenas de fotos (as quais, felizmente, não fui convidado a apreciar). Com isso, posso dizer com certeza: eis aí um tipo de viagem que não gostaria de fazer ou acompanhar alguém.

Para não ficar apenas nos aspectos negativos, é bem verdade consegui, mais tarde, definir o tipo de viagem que gosto de fazer. E posso falar disso com bastante certeza, porque tive a oportunidade de fazer algumas de tal naipe. O primeiro aspecto que caracteriza minha preferência é ter uma boa companhia. E depois disso, andar com calma e poder parar em recantos interessantes; saber como a gente local vive; conversar com as pessoas; observar a natureza; experimentar a comida que ali se come e a cachaça que se produz; tomar uma cerveja na porta de alguma venda – coisas assim. E nunca – nunquinha! – ser obrigado a atender à convocação de algum guia turístico sobre a premência da hora de embarcar para observar (e fotografar...), este ou aquele monumento enquanto ainda é dia. Cruzes! Afasta! Tô fora!

E foi munido desses princípios que, creio, aprendi a viajar. Ou, pelo menos, parei de rejeitar liminarmente o convite ou a simples menção a viagens. E tomei gosto por registrá-las também, não em sequências infindáveis de fotos, mas principalmente na elaboração de pequenos textos, que sempre me trazem de volta o que vi, de maneira ainda mais fiel do que as fotografias são capazes de operar.

Desde então tenho feito viagens que realmente me fizeram muito bem. Trago aqui alguns relatos delas, que tenho dado à luz em meu blog ou mesmo em folhetos que envio à família e alguns amigos. As duas primeiras são especiais, além de recentes, mas uma não tem nada ver, diretamente, com a outra. Mas, na verdade, existe um nexo, pois elas representam a descoberta de um jeito *gostoso*, e também produtivo, de viajar e foi assim que descobri em mim um viajante apaixonado e ativo, não alguém que apenas se deixa levar. Em boas viagens como estas tudo começa antes, com o planejamento de rotas, de maneira independente de agências de turismo, obedecendo diretamente ao gosto do viajante e não a esquemas pré-estabelecidos ou a roteiros "top". E se começa antes, ainda traz a vantagem de terminar depois, não com sessões de fotos que acabam massacrando paciências, mas com lembranças que são convocadas de volta, com intensidade, através da escrita.

Mas não é só. Devem ser viagens feitas com calma e profundidade. Nisso incluo também a etapa preparatória, com alguma pesquisa em livros de história, geografia ou mesmo romances. Em

Portugal, a *Viagem* de Saramago me foi de grande valia e para o Norte de Minas, nada como Guimarães Rosa. E tais atos perpassam toda a viagem, pois se pode levar o material bibliográfico ou mesmo fazer consultas na internet a respeito do que se está vendo, mas com a certeza que tudo ali é fruto de interesse real de nossa parte, não de algo que vem de fora, na base da ”sovela”, como diria minha mãe. Assim, a viagem ganha duração e profundidade. Fazemos uma viagem dentro e em volta da outra, numa espécie *hiper-viagem* permanente.

E tem mais, algo que fica por último, mas é por demais importante: as companhias que se tem. Aliás, só tem uma coisa pior do que viajar sozinho: é viajar em companhia desagradável. Nestas duas jornadas pude contar com a presença alegre, inteligente e participativa de Carmen, em Portugal, além dela e mais duas amigas no roteiro são-franciscano. Carmen e eu, por falar nisso, já não somos o que éramos naquelas duas ocasiões: quase marido e mulher. Mas penso que agora somos mais do que isso, nós nos tornamos em amigos, simplesmente, como diz a canção, mas de uma variedade não menos amorosa, além de intensa, solidária e cúmplice. O que mais se pode querer?

Comecemos pelo texto em que narro uma parte de minha viagem a Portugal, em abril de 2015. Escrevi páginas bem mais longas sobre tal roteiro, mas para ilustrar os conceitos que acabei de expor, este fragmento já é o bastante.

ENTRE A ESPADA E A CRUZ

Para sair de Lisboa há um dilema a ser resolvido: qual estrada tomar? Sim, porque há sempre mais de uma opção. Em geral, existem grandes rodovias, padrão ‘União Europeia”, com largas pistas de rolamento, muito bem conservadas, sinalizadas, limpas e… submetidas a *portagem*, ou seja, pagas – em Euros! Porém, o ideal é ir pelas vias colaterais, nem sempre com acesso bem sinalizado, também de boa qualidade, embora bem mais estreitas. Mas é através delas que se pode encontrar o País profundo, aquele a que talvez ainda “falta cumprir-se”, conforme quis Fernando Pessoa, mas que é mais interessante de se ver e estar.

Mas desta vez saímos pela via indicada pelas placas, após pegarmos o carro alugado no aeroporto, um Peugeot diesel (gasóleo, lá) *up-to-date*. E fomos pelo trecho de pedágio mesmo, padrão *autobahn*, afinal estamos na União Europeia.

É de manhã, hora de as pessoas irem para o trabalho. Seja no fluxo ou no contrafluxo de veículos, tudo tranquilo. Um *comboio* moderno, veloz e colorido, às vezes visto ao longe, nos indica a razão de tanta placidez.

Passada a “mancha urbana” de Lisboa, mancha limpa, humanizada e bem urbanizada, diga-se de passagem, chega-se finalmente a um ambiente mais rural. Não é uma região de vinícolas ou outras plantações, ou mesmo de fazendas de gado. O que domina a paisagem são os enormes “ventiladores” das usinas eólicas, que se contam às centenas, geralmente no alto das colinas. Aqui e ali, capões de eucalipto, mas bem mais modestos do que as imensas e monótonas florestas da mesma espécie que se veem no Brasil.

As usinas eólicas, para os mais puristas, talvez maculem a paisagem. Mas como tais moinhos são novidade para nós, achamos que até acrescentam valor ao cenário, sendo tão enxutos no *design* e suaves em seu movimento. Um Dom Quixote, ressuscitado aqui, ficaria certamente abismado com a dimensão de tais gigantes. A proximidade com o litoral faz com que sua matéria

prima, o vento, não falte. Finalmente a ideia de um “armazém de vento” parece fazer sentido, não é dona Dilma?

O que se vê no entorno de tal autopista é dominado pela contemporaneidade. Nem se pode imaginar que chegaremos, em breve, ao epicentro de uma zona de fortificações, igrejas, mosteiros e aldeias históricas, alguns com mais de mil anos de idade. Presentes até agora como obra humana, além das usinas eólicas, estão casas esparsas, convencionalmente modernas e também uma ou outra vila dormitório, com boas casas e prédios de apartamentos, tudo bem decente e sempre com a pntua branca predominante. Pequenas propriedades, bem cercadas, mostram geralmente pomares com hortas e fruteiras variadas, entre elas videiras, figueiras e outras frutas de clima temperado. Tudo muito bem cuidado, dentro de um traçado, por assim dizer, minimalista. Eis que tudo é minifúndio aqui.

As placas já avisam sobre a chegada a Óbidos, mas parece incrível que uma fortaleza medieval possa se fazer presente dentro de um cenário tão convencional. Começamos a procurar, à frente, a presença da velha cidade, até que em um morrinho, mais adiante, nos pareceu avistar a linha recortada por seteiras de uma típica muralha. Mais uma curva e a vemos melhor, do lado esquerdo, recortada contra um céu azul imaculado. Agora, no alto de um pequeno morro, a muralha mostra-se por inteiro, acompanhando a lombada da colina. Muito mouro e espanhol passando por aqui deve ter pensado duas vezes e relutado antes de enfrentar as alabardas e as balestras lusas…

Chegar a Óbidos numa manhã de primavera não tem preço… A emoção, para nós, foi tanta, que resolvemos adentrar à muralha sem pressa, como quem saboreia a ocasião, passo a passo. Começamos com um brinde de Villa Ruiva, bom vinho alentejano, à sombra da azinheira que ladeia o estacionamento externo. Um bom queijo português da Estrela, com o pão bem “socado” que se compra em qualquer padaria, mais uma fatia de bom chouriço (que lá não é feito de sangue, mas sim de carne condimentada), completa o banquete. Melhor do que isso só estar lá dentro. É o que faremos em poucos minutos.

É forçoso não economizar no uso de adjetivos para falar de Óbidos. Ela é esplêndida! Rodeando a muralha por fora, estamos em uma pequena rua de casas modestas, mas muito agradáveis à vista, com o estranho e indefectível festival de varais de roupas coloridas. Residências a partir das quais o que se do outro lado da rua, é tão somente a grande muralha de pedra, nada mais. Passado o pórtico, um recesso com um grande painel de azulejos se apresenta, bem português. E vamos adiante percorrer as vielas de Óbidos, a Anciã, com suas duas ou três ruas longitudinais e diversos becos transversais. E casas bem sólidas, sem deixarem a modéstia de lado, quase sempre com pintura imaculadamente branca e barrados, cantoneiras, portas e janelas em azul ou amarelo. Poucas igrejas, talvez duas ou três, não mais. Para as rezas em favor d’El Rey e contra os mouros e castelhanos já seria o bastante.

As ruazinhas fervilham, pelo menos nesta época do ano. As cabeças louras e ruivas, o porte avantajado das pessoas, já mostram que os que habitam mais ao Norte da Europa adoram isso aqui. Bares, cafés, pequenos restaurantes, em profusão. Lojas de souvenirs dominadas pelos indianos ou orientais, como no resto do país. Ouve-se pouco o português por aqui… Os letreiros das lojas invariavelmente bi ou até trilíngues.

Parar num banco de pedra, em frente a uma das igrejas, para contemplar o conjunto, não importa o ângulo, eis o que importa. Uma dama se aproxima e puxa conversa. Pequenina, com seu xale, aventalzinho de salôia e sacolinha de feira ao braço, vai às compras, certamente. Gosta de saber que somos brasileiros e ao perguntar o nome de minha companheira, cita

imediatamente a compatriota Carmen Miranda. Seu nome, perguntamos logo, é Clarinha ou, tentando imitá-la no modo lusitano de falar: *Cl'rinha*. Deseja que tenhamos sorte e a muito amor na vida – se despede com um beijinho. Uma furtiva lágrima me escapa e nem tento disfarçar. Isso é que é ser bem recebido em terra (nem tanto) *estrangeira*.

Não é possível falar de Óbidos sem incluir suas floradas. Boa época para se estar lá é a primavera. Por todo lado as glicínias, lilases, em diferentes tons, escalando as fachadas brancas. E que perfume suave e ubíquo! E outras, muitas outras plantas florais, também, que me é impossível declinar o nome, por falecer-me conhecimento em botânica. Noto uma especial, hábil na escalada de muros, creio que um tipo de buganvília bem robusta, quase suculenta, ainda sem flor, mas mostrando os botões prestes a romper. Sobre um muro antigo, de pedra, um gato majestático, encimando um pedestal nodoso de glicínias, fita além muralha, dono de si mesmo.

Um banheiro razoavelmente limpo, destinado aos passantes e turistas, nos oferece o conforto necessário para prosseguir a viagem, não sem antes confirmar que aqui o visitante recebe atenção especial, mesmo se apenas em um detalhe como esse. E vamos em frente, rumo a Alcobaça.

Para ir a Alcobaça é preciso certa objetividade, além de uma aposta na sorte, pois os mapas mostram alternativas viárias e turísticas múltiplas no caminho, tais como as passagens por Caldas da Rainha e Aljubarrota. Vamos passar ao largo das duas, mas sem deixar de saborear a sonoridade luso e árabe de seus nomes. A rota é curta, desta vez, apenas meia centena de quilômetros. Mas desta vez vamos pelo caminho do Portugal profundo, já que tivemos a sorte de encontrá-lo desta feita. E ele é um tanto radical, quase deserto, sem grande sinalização e mesmo com alguns buracos na pista.

A chegada a Alcobaça já nos mostra algo que se repetirá em outras cidades do trajeto. Entra-se por uma via ampla e moderna, se atravessa conjuntos habitacionais e casas bem construídas e modernas de classe média, sem se dar conta de onde estaria realmente o que nos trouxe até aqui. Aqueles mil e mais anos de história, a princípio, parece que repousam apenas dentro de algum museu.

Mas o centro histórico legítimo (e vivo) acaba aparecendo. Em Alcobaça ele surge de repente, depois de uma reles esquina… Uma grande praça, sem jardins, mas apenas um paço de terra batida, árvores gigantescas, caminhos calçados em pedregulhos cúbicos de cores diferentes, bem portugueses. E ladeando tudo isso o grande Mosteiro, com sua Igreja enorme. Aqui, todo aumentativo é pouco…

Primeiro a Igreja, magna. Lê-se nos guias que ela se filia ao modelo cisterciense de arquitetura, que prima pela sobriedade e austeridade. Sóbria sem dúvida, mas ser austera não parece ter sido a decisão dominante ao se levantar suas colunas, de mais de trinta metros, em pedra cinza e polida, fechando em ogivas monumentais, para a maior glória de Deus Pai. O modo cisterciense não admite ornamentos, a não ser o arranjo básico, conferido pela própria pedra. Os autofalantes presos às colunas talvez nem fossem necessários, pois mesmo sem eles, quem estivesse nas últimas fileiras, ao longo dos séculos, poderia ouvir muito bem a homilia. E tais artefatos meio que conspurcam a lógica da sobriedade cisterciense.

Na grande igreja se faz mister conhecer o túmulo de Inês de Castro e seu consorte Pedro, talhado em mármore branco, de tal modo que o cinzel do artista parece ter antes tecido do que cortado a pedra, em verdadeiras filigranas. Melhor seria apreciar com calma, mas certamente alguém por detrás se sentirá incomodado por não poder fazê-lo também, além de querer bater uma

foto. Pedro e Inês, com o círculo permanente de visitas curiosas em volta deles, são como a Mona Lisa aqui. Detalhe especial do túmulo, embora um tanto mórbido, são as cenas da punição dos assassinos de Inês, aos quais é retirada a pele, ainda vivos, como se a desvesti-los dos pés à cabeça.

Uma pausa para se tomar uma mini cerveja Port e degustar uma dose de bagaceira, tendo como tira gosto o pão português com chouriço. A tasca fica bem em frente ao Mosteiro, do outro lado da grande e praça e é o que poderia ser chamada de autêntico *pé sujo*. Suas paredes cobertas de posters de touradas e futebol anunciam ambiente certamente acolhedor, desde que não nos preocupemos com o odor característico que vem da porta dos fundos. Botequim que se preze…

A Igreja é só o começo. Por uma passagem lateral se entra no mosteiro. Aqui, com certeza, a sobriedade não reina e a austeridade, pelo menos no sentido econômico, passou longe. São milhares de metros quadrados de salas, salões, saletas, salinhas, quartos, recessos, alcovas, capelas, oratórios, vestíbulos, jardins, repuxos, caramanchões. E quando a gente pensa que já acabou, tudo começa de novo. É impossível uma descrição minimamente coerente e fidedigna. Só mesmo um Saramago… Mas destaque especial fica com a espetacular cozinha térrea, onde se preparava comida para centenas de glutões, além de um vasto dormitório em arcadas, no andar de cima.

A tal cozinha, também em arcadas, é toda revestida de pedra branca e polida, como se fosse para evitar o acúmulo de gordura. Mas possivelmente o que vemos lá hoje deve ser resultado de uma limpeza em regra, bem mais recente. Aliás, há séculos que talvez não se cozinhe nada ali. O vasto fogão, de chão, encimado por uma cúpula quadrada, de no mínimo quatro metros de lado, converge o calor e a fumaça para uma chaminé, também portentosa. As cubas de pedra, amplas e profundas, para lavar alimentos e vasilhas, são como banheiras. As mesas de preparo, nos cantos, são ladeadas por azulejos de pura cepa. Tudo é exageradamente monumental, ora pois.

O tal dormitório tem o teto em arcadas de pedras justapostas, com a simetria e a perfeição de um traçado por computador, não me surge outra imagem. Escher deve ter se inspirado ali em seus desenhos de construções que se interpenetram. Uma coisa é certa, quem dormia ali deve ter penado com o frio – ou com o calor – dependendo da estação. A pedra nua, afinal, não deve ser muito acolhedora.

O Mosteiro ainda nos oferecerá outra surpresa, que já se fizera ouvir desde a entrada no prédio. Vozes angelicais cantavam música barroca em algum lugar. Logo vimos de onde vinha e quem a produzia: dois cantores, um português e um brasileiro, especialistas no modo *castrati* de cantar ali faziam uma audição, ao tempo que vendiam seu CD para os visitantes. Logo compramos um. O *back* instrumental, embora autêntico, era gravado em computador, mas mesmo assim foi um belo espetáculo. Aquele *Lascia qu'io pianga*, de Haendel foi realmente inesquecível e fechou com chave de ouro nossa passagem por Alcobaça.

Próxima passagem, Batalha. Aqui a cruz cede lugar à espada? Nem tanto… O grande mosteiro foi mandado construir por D. João I, em agradecimento à Virgem, pela vitória lusa na Batalha de Aljubarrota, contra os castelhanos. Foram quase 150 anos de obras, deixadas ao final sem acabar. Estamos em uma cidade simpática e moderna, cuja grande atração foi e continua sendo o Mosteiro e a Igreja correspondente – e nada mais. A construção, mais uma vez, é monumental, para não dizer megalomaníaca. É toda feita em pedra calcária avermelhada, bastante oxidada pelo tempo, o que lhe dá um tom escuro e sombrio. Nada de sobriedade ou de austeridade. É tudo *over*… A igreja é magnífica, com seus pilares de pedra lembrando um pouco os de Alcobaça,

mas diferenciando-se de lá pelos adereços barrocos. Os vitrais são de arrepiar, projetando no chão as cores de seus vidros, nos quais os verdes, azuis e vermelhos são especialmente fúlgidos. A maior atração é a "capela imperfeita", na verdade inacabada, em círculo, com recessos para altares em diferentes estilos de verdadeiros bordados em pedra ou estuque.

Valeu a pena ter passado por aqui, mas Tomar nos espera.

Tomar é mais uma cidade agradável, limpa, rodeada por uma periferia dignamente moderna. A cidade é dominada por um morro e, no alto dele, o impressionante Mosteiro de Cristo. Ao pé dele, o centro histórico, com ruas estreitas e muito bem cuidadas. Tivemos a sorte de nos hospedar em um dos casarões do centro, o Residencial União, em quarto com varanda, da qual pudemos contemplar a rua tranqüila e silenciosa durante a noite, embora de dia fosse repleta de lojas e estabelecimentos diversos.

O Mosteiro merece boas horas de visita. Ele remonta ao século XII erguido pelos cavaleiros templários da Ordem de Cristo, com modificações realizadas ao longo dos séculos que se sucederam. O poder da tal Ordem é mostrado não só na igreja como também nos numerosos claustros, com os ricos floreados manuelinos, cujo maior destaque para uma janela na fachada traseira. Mas tal janela, dita "Manuelina", o que menos faz é ser janela, pois nela os adereços praticamente vedam a função para a qual teria sido projetada, ou seja, deixar passar luz e ventilação. Mas confesso que o que mais me impressionou em tal construção foi o forno de pão, no andar térreo, uma verdadeira caverna de pedra e tijolos de barro, onde quantidades pantagruélicas de pães e broas devem ter sido preparadas, para o ilustre e sagrado apetite dos cavaleiros templários. Como podem ver, meu interesse por cozinhas e anexos é bem marcante, talvez mais do que por igrejas e janelas…

Vejo nas enciclopédias que o Mosteiro de Cristo representa uma arquitetura que partilha traços românicos, góticos, manuelinos, renascentistas, maneiristas e barrocos. Isso aprendi em leituras posreriores, claro. Mas que exagero!

Antes que me esqueça: para visitar o grande Mosteiro de Tomar, o melhor caminho é a graciosa estradinha, usada só por pedestres, que nos conduz do vale, onde está a cidade, até o alto do morro. Imperdível.

Antes de tomar o rumo para outras paragens, deixando a gentil cidade de Tomar para trás, algumas considerações sobre esta etapa a que chamo de "Roteiro de Cruz e Espada", por razões relativamente óbvias.

A primeira impressão, que vai se confirmar ao longo de toda a viagem, é a confirmação da injustiça que se comete historicamente no Brasil, de se considerar Portugal um país pobre e atrasado – e o que pior, habitado por gente pouco inteligente. Temos que pensar duas vezes antes de falar mal de Portugal – e guardar silêncio! Este aqui, acima de tudo, é um país simpático e acolhedor, com a história e a tradição nos espreitando em cada esquina e de cada gelosia. Andar por essas freguesias é receber uma aula permanente sobre a civilização do Ocidente, com muitos de seus percalços, delírios e crueldades, mas com todos os seus acertos. Nunca se deve esquecer que este país gerou um Camões, um Saramago, um Fernando Pessoa, um Eça de Queiroz, um Antonio Vieira (em relação a este último, pelo menos, o Brasil é sócio).

Deriva daí um impraticável lugar comum, mas que vale pelo apelo simbólico: todo brasileiro, pelo menos uma vez na vida, deveria vir aqui…

Outro lugar comum seria dizer que em Portugal o turismo é levado a sério. Certamente o é, mas este país tem muito mais a oferecer do que excursões em *sightseing*. Os muitos *gajos* e *gajas* compridões louros e ruivos bem o sabem. E tenho certeza que não vêm aqui apenas porque os custos são menores do que no resto da Europa. Também no turismo as lições que Portugal pode oferecer ao Brasil são inumeráveis. Um dia, quem sabe, nosso país não faltará "cumprir-se" em tal quesito.

Mesmo na era salazarista e antes dela, Portugal já possuía uma tradição de arquitetura e urbanismo. Lisboa é cheia de construções impressionantes, que se afastam totalmente do padrão "espelhado" de arranhas céus *made in USA* e reproduzido aleatoriamente *all around*. Nessa primeira parte da jornada a manumentalidade moderna não se mostra – e talvez nem esteja presente de fato. Mas em compensação, algumas *finesses* de gestão urbana impressionam muito. Por exemplo, o capricho na revitalização de vias e calçadas nos centros históricos. Aqui se faz tudo com pedras: desenhos diversos e mandalas, com alternância de cores, texturas, formatos etc. Curioso perceber que entre rua e calçada não há mais o popular "meio fio"; elas aqui perfazem praticamente um mesmo plano, sem desnível. Sinal que os motoristas são respeitosos e os mais velhos, com dificuldades de escalar degraus, são respeitados. E as águas de chuva correm sempre para um discreto sulco central, qua não interfere com o trânsito nem de pedestres, nem de veículos.

Falta cumprir-se Portugal… Por quê? A tarefa é para historiadores, mas não custa nada arriscar um palpite. Visitar Tomar, Alcobaça e Batalha talvez nos ofereça uma explicação, que pode ser resumida como: o que faziam os povos do Norte da Europa enquanto ibéricos torravam fortunas na construção de mosteiros e igrejas? Weber trouxe a explicação, pelo menos a partir do século XVI, com os protestantes saxônicos liderando o advento do capitalismo mercantil, enquanto portugueses e espanhóis se empenhavam na Santa Inquisição e na velha promiscuidade entre Igreja e Estado. E deu no que deu…

Dilema para o qual não me arrisco a qualquer explicação é a atual tendência a refugar o espírito unionista europeu vigente em Portugal e Espanha, com a denúncia veemente da "austeridade", que ali e agora tem outra conotação. Seria possível um bom caminho do meio, entre o Portugal de Salazar e do Império e a modernidade econômica e de proteção social que a União Europeia um dia prometeu às nações que a ela aderiram? Nesta era de xenofobia e *brexit* fica difícil fazer grandes prognósticos. Fica o sonho…

E fomos em frente, rumo ao Norte… E assim se deu com Carmen e eu, que em curtíssimos 15 dias estivemos em lugares tão distintos como Viseu, Coimbra, Lamego, Peso da Régua, Marco de Canavezes, Amarante, Guimarães, Braga, Ponte de Lima, Arcozelo, Ponte da Barca, Soajo, Lindoso, Vila Verde, Trancoso, Guarda, Manteigas, Covilhã, Estremoz, Evoramonte, Flor da Rosa, Marvão, Castelo de Vide, Évora, Reguengos de Monsaraz, Montemor, Vendas Novas, Vila Nova de Xira, Loures – para finalmente retornarmos a Lisboa. Além dos nomes citados acima, um adicional sem-número de vilas, aldeias e freguesias, e até mesmo "lugares", assim tão simplesmente denominados, às vezes com pouco mais de uma dúzia de casas.

***

Pós-escrito indispensável: este relato é de 2015. Quando retornei a Portugal, em 2019, a referido questionamento à austeridade econômica estava, se não dominado, pelo menos sob controle,

graças ao advento de um governo híbrido entre esquerda e centro-esquerda, que tinha tudo para dar errado, mas seguia em bom caminho, recebendo o gracioso nome de *Jeringonça*.

DO PLANALTO CENTRAL AO SERTÃO SÃO-FRANCISCANO

O rio São Francisco não banha Brasília. Nem passa perto. Mas nem por isso podemos considerá-lo como um estranho a nossa cidade.

Primeiro, porque se nos movermos umas poucas dezenas de quilômetros para o Leste, já estaremos em sua bacia. O município de Formosa, por exemplo, já é são-franciscano e, aliás, algumas das nascentes de um de seus afluentes mais conhecidos, o rio Urucuia, ficam ali. Esta cidade, como Brasília, fica em um *divortium aquorum* importante, só que Formosa na separação das águas do São Francisco e do Paranã, que é amazônico, enquanto o DF está a cavaleiro das bacias amazônica e platina. Isso pode parecer uma irrelevante curiosidade geográfica, mas me encanta particularmente.

Mas além da geografia, acho que não deixamos de ser caudatários do Velho Chico aqui no DF, só que agora em termos humanos e culturais, pois tem muita gente aqui que trouxe seus costumes, linguajar, culinária e tradições de vastas regiões banhadas pelo tal "Rio da Unidade Nacional", seja em Minas Gerais, na Bahia, em Sergipe, Alagoas e Pernambuco, além de Goiás.

Que tal um passeio ao rio propriamente dito? Podemos escolher: por uma via convencional, toda asfaltada ou em um programa um pouco mais aventureiro?

Se a escolha é pela primeira opção, no rumo de MG, vai-se na BR-040 até o trevo de Pirapora, onde o grande rio pode ser atravessado, não sendo poucos os atrativos de tal caminho. Temos aqui cerca de 500 km de estradas, pelo que sei, em boas condições. Ainda pelas vias asfaltadas, é possível andar um pouco mais e atravessá-lo em Ibotirama ou Bom Jesus da Lapa, na Bahia, distando cada uma delas a mais de 600 km de Brasília.

Mas a minha mais recente opção foi pelo caminho da aventura... Mas como verão, talvez os mais aventureiros até peçam mais.

Assim, a viagem começa exatamente por Formosa. Via BR-020, adentraremos no Vale do S. Francisco já nos altos que ficam uns dez km antes da cidade, logo após o ribeirão Pipiripau, que ainda faz parte da bacia do nosso rio, o São Bartolomeu. Aqui podemos ver os primeiros exemplares da *Acrocromia aculeata*, a conhecida macaúba, que é espécie constante em todo o vale são - franciscano, embora não seja endêmica dele. Vinte km adiante da antiga Formosa dos Couros vamos tomar, pela direita, a estrada para Cabeceiras, nome muito apropriado, aliás, que nos dirigirá a duas localidades com tal nome, uma ainda em Goiás, outra em Minas. Vamos prosseguir, sempre pelo asfalto, até Arinos e Urucuia, que distam deste entroncamento mais ou menos uns 100 e 140 km, respectivamente. Tal estrada, com as plantações de soja, eucaliptos e pastagens que a margeiam, pode parecer monótona e sem-graça à primeira vista. Mas é preciso prestar atenção nos detalhes. E eu chamaria atenção para pelos dois pontos de destaque no trajeto: as *veredas* de buritis, embora um pouco devastadas atualmente pelo agronegócio e as chapadas que se sucedem a perder de vista, até que começaremos a descer daquela em que estamos. Aqui estamos em pleno *Gerais* (assim, no singular), na acepção que lhe deu Guimarães Rosa.

A descida para Arinos nos gratifica os olhos e é bom prestar atenção na mudança radical da natureza, entre o alto e a região mais baixa, com menos soja e eucaliptos, mas ainda com pastos, mas certamente detentora de um cerrado bem mais exuberante onde pontificam os baruzeiros, a sucupira-branca e os pequizeiros, além de esporádicas barrigudas.

E já estamos no Urucuia, rio de respeito, personagem do Grande Sertão: Veredas. Não precisa entrar em Arinos, que carece de maiores atrativos. Mas pelo menos vale a pena dar uma parada junto à ponte, para apreciar o caudal verde escuro e denso do Urucuia, embora barrento no tempo das chuvas, para saudá-lo e pedir passagem.

A estrada agora prosseguirá dentro de um cerrado ainda denso, embora previsivelmente rarefeito pelas pastagens em muitas partes. Mais adiante um trevo nos levará a Chapada Gaúcha e também a Januária, mas não é por aqui que iremos desta vez.

Meia palavra sobre a tal Chapada estrangeira... O lugar é território de sulistas imigrados nos anos setenta, dentro da estratégia do regime militar de ampliação de fronteira agrícola. Era um simples povoado e agora virou cidade, pólo produtor de sementes de capim, não propriamente de soja ou cereais. Sua maior importância hoje, com todo o respeito pelas bombachas e tomadores de chimarrão que circulam por suas ruas, é ser a sede do Parque Nacional do Grande Sertão Veredas. Não é pouca coisa. Mas cuidado para o trator ou a colheitadeira não te atropelar, ok?

Estamos agora em Urucuia, que como sua vizinha Arinos não possui grandes atrativos. Há placas indicando balneários e campings junto ao rio que lhe está próximo. Mas não chegamos a conhecer tais paragens.

Agora, fim do asfalto, mas isso não deve ser motivo para preocupação. Salvo a poeira e as ”costelas”, além da lama em tempos de chuva, a estrada é transitável durante todo o ano, e não chega a ser totalmente deserta, embora não existam nela lugares confortáveis onde se possa parar para um café ou mesmo postos de gasolina. São 70 km até a chegada ao Rio, em um lugar apelidado graciosamente de “Pintópolis”. Vê se pode...

Em tal caminho, levar um guia de plantas do cerrado, para os mais curiosos pelo menos, pode ser providencial. De passagem pude ver que os pequis e o baru são frequentes por ali. Mas o que mais chama atenção, se você trafega no tempo da seca, são as primeiras manchas da “mata seca”, uma das características das beiras deste Rio. A mata seca, também chamada de *caducifólia* perde todas as suas folhas no período do inverno seco da região, e se apresenta como uma mancha cinzenta-quase-azulada, que assusta um pouco pela aridez e aparente falta de vida. Depois de Montes Claros ela terá presença constante, mas aqui existem apenas pequenas manchas aleatórias.

Pintópolis, cidade de primeira. Se engatar a segunda marcha, já terá passado. Vamos em frente.

Já se percebe que estamos agora em uma planície bastante achatada, com o cerrado agora mais exuberante. É que o grande rio está perto. Mas você só o verá quando chegar à barranca, pois o relevo muito plano não permite vislumbrar nada mais distante. E chegando à barranca vem o dilema: onde atravessá-lo? Sim, porque não há ponte – esqueci de informar...

Cabe então procurar o ponto onde a balsa está operando, que pode ser alguns km rio acima ou abaixo de onde estamos. É assim mesmo, ninguém manda no rio. E os balseiros têm que se virar

para encontrar os “portos’ mais acessíveis, porque aqui há carros pequenos, ônibus e até carretas a embarcar.

Mas você não se perderá, fique tranquilo: uma plaquinha modesta, mas bem esclarecedora, lhe indicará o caminho: *balça segui abaxo*...

A barranca é a desolação personificada. Meia dúzia de barracas toscas vendendo cerveja, cachaça e biscoitos industrializados, nada mais. Algumas não têm paredes, com apenas uma cobertura de sapé, rodeada de lona preta. Normal, pois com as mudanças de humor do Rio é preciso mudar o ponto de embarque ou de comércio várias vezes ao ano. Mesmo para fazer um xixi, a solução é o mato mesmo. As mulheres que se cuidem.

A travessia do rio. Chegamos ao ponto culminante da viagem ou tem mais pela frente? O rio agora certamente não é o mesmo de tempos idos. Na época da seca, então, ele terá se retraído grandemente. Mas em compensação sua água azulada, seu correr macio, o reflexo do céu dentro dele, as margens em galeria, as aves aquáticas que voam e nadam em seu leito – não têm preço! Valeu a pena ter vindo até aqui. Espero que sua máquina tenha filme ou, pelo menos, seu celular disponha de boa bateria, para que você não deixe passar a oportunidade de fazer belas fotos.

E voltamos ao asfalto. Estamos na cidade de São Francisco e daqui se acessará toda a região do Norte de Minas, incluindo Montes Claros, Pirapora, Januária, São Romão, Manga, Montalvânia, Itacarambi e por aí vai – só para falar das mais importantes. A cidade é aprazível, arborizada e bem posicionada sobre o rio, com um comércio que impressiona. Finalmente se pode tomar um bom café e adquirir um pão feito na hora. Idem para um saque eventual na agência do Banco do Brasil. Quem sabe, até a compra de algum artesanato em palha ou barro, uma cachaça de fabrico local, um requeijão “moreno” e uma embalagem de castanhas de pequi se encontrará em seu mercado municipal? Se estiver com tempo, vale a pena dar uma espiada.

Seguindo em frente estaremos, em pouco mais de uma hora, na grande Montes Claros, capital sertaneja, terra do pequi, urbe de cultura própria. Sempre pelo asfalto, agora.

Montes Claros é uma cidade grande, com algumas centenas de milhares de habitantes. Meio feia, meio bonita; meio grande, meio pequena; meio pobre, meio rica. Ou talvez seja 75% pobre e 25% rica, se tanto. Foi sede de um grande projeto industrial nos anos 70, mas parece não ter sobrado muita coisa do paraíso de incentivos fiscais que foi criado ali, de cima para baixo, como era costume na época (e continua sendo...). O que de fato interessa nela, hoje, tem a ver com gastronomia, sem descuidar de uma cultura local expressiva, em termos literários, musicais, plásticos. Aqui nasceram (ou viveram) Darci Ribeiro, Yara Tupinambá (grande artista plástica mineira), Godofredo Guedes, pai de Beto Guedes, grande músico e muitos outros.Tem um bom punhado de políticos safados, também, mas afinal, onde não se os encontra?

A gastronomia montesclarense é de alto nível. A dupla carne de sol e arroz com pequi domina o cenário, mas não se pode esquecer do requeijão dito “moreno”e das cachaças locais, embora o verdadeiro centro produtor de aguardente esteja em Salinas, um punhado de quilômetros adiante. Um extenso mercado municipal é passagem obrigatória, principalmente se o objetivo não for o de comprar legumes e folhas para o almoço. Mas em matéria de queijos típicos sertanejos, carnes de sol variadas, além de frutas do cerrado diversas, muito além do pequi – ali é parada obrigatória. No artesanato tem coisas interessantes também. Eu e minhas companheiras de viagem apreciamos, de com força, o que se faz em barro e talha de madeira,

além de um curioso e isolado artesão que trabalha com latas usadas, delas extraindo lamparinas com formatos diversos, muito graciosas.

Meus amigos montesclarenses não me perdoariam se eu omitisse alguns fatos importantes de sua cidade. Vamos lá: ela está chegando aos 400 mil habitantes e é local de ocupação há mais de um século, podendo ser considerada uma verdadeira capital regional, em termos de indústria, comércio, educação e cultura. Há diversos atrativos naturais e mesmo históricos, tais como parques urbanos, igrejas, além de vários sítios arqueológicos, os quais, devo confessar, não cheguei a conhecer.

Nossa próxima parada será Grão Mogol, que fica 140 km a leste de Montes Claros. Por que Grão Mogol? É uma antiga cidade mineradora, no alto da Serra do Espinhaço, com belezas naturais expressivas e também alguma beleza pictórica no seu aglomerado humano. Deve seu nome ao achado de um grande diamante, assim designado em referência ao império de Gengis Khan. Agora já mudamos de bacia; passamos do São Francisco ao Jequitinhonha, que corre talvez a 50 ou 60 km daqui, no rumo nordeste.

Os arredores são muito bonitos, dominados pelas paisagens pedregosas talhadas pelo rio Itacambiruçu. Estamos em altos de serra, no caso, do Espinhaço, que corta o estado de MG de fora a fora, no sentido norte, donde o clima seco e um tanto frio que aqui domina. Mas na verdade o que pudemos notar, de ato, foi a grande secura da paisagem, agravada particularmente nestes tempos de instabilidade e inconstância climática.

Na paisagem humana, Grão Mogol é uma simpática cidadezinha no estilo colonial mineiro, com um punhado de casarões remanescentes de um período próspero. Seu grande monumento é a igreja matriz, toda de pedra, que vale a pena conhecer, com certeza. Dentro dela, pelo menos em dias de sol, a luz é espetacular. A cidade é atravessada por uma verdadeira falha geológica, no fundo da qual está o Ribeirão do Inferno, afluente do Itacambiruçu e este do Jequitinhonha, que faz jus ao nome, pelas suas escarpas e cortadas a prumo, em rocha negra e agressiva. Mas nesta época do ano ele não passa de um rio quase seco. Do lado de cá, a igreja de pedra e as casas mais ricas; do lado de lá uma parte menos expressiva, mas enfeitada com uma bela capelinha, também em pedra.

Não há muito o que ver além disso, mas algumas placas fatalmente lhe indicarão um presépio, considerado como a grande atração local. Mas não se engane... O tal presépio é um verdadeiro monstrengo! Mandado erguer por um empresário local, que ganhou dinheiro, aparentemente com muito sucesso, na capital do estado, o tal presépio poderia até ser algo notável, ao aproveitar uma grota de pedra, bem no centro da cidade, condutora de águas naturais para o leito do já citado Ribeirão do Inferno. Mas o empilhamento exaustivo de pedras e as rampas de concreto delimitadas por tubos de ferro e vidro blindex colorido (!) dão ao conjunto um aspecto artificial, estrambótico. E o pior nem foi narrado ainda: as efígies da Sagrada Família e seu cortejo de anjos, reis magos, animais, santos, em concreto grosseiro, sem guardar entre si nenhuma proporção ou escala. Aí, então, o que era apenas *fake* se encontra com o grotesco, sem qualquer limite ou censura. É ver rapidamente e seguir adiante, até porque a rua onde se aloja a tal bizarrice é das mais graciosas, com seus muros de pedra e cercas vivas de buganvílias, cactos e ora-pro-nobis.

Para não dizer que não há coisas apreciáveis em Grão Mogol, que se registre a qualidade dos aposentos do hotel Canto das Águas, de nome inapropriado na presente estação do ano, mas que nos ofereceu um inesquecível biscoito frito de polvilho no café da manhã.

Descrita a parte boa (ou quase...) de Grão Mogol, resta declinar o que não presta. Para chegar lá você vai ter que se arriscar na famigerada BR-251. Rio - Bahia, Regis Bittencourt? Esqueça! Estrada ruim é essa aqui. Fomos conhecer o Ribeirão do Inferno, mas o verdadeiro inferno está mesmo é nesta rodovia!

Algumas de suas peculiaridades: excesso de caminhões, acostamento ausente, buracos e asfalto quebrado a perder de vista, estabelecimentos de apoio totalmente dantescos. E ainda, não se falou do que é pior: cidades marginais que se mostram como verdadeiros exemplos de abandono e baixa auto-estima. Em Francisco Sá, por exemplo, uma verdadeira nuvem (ou maré) de detritos e embalagens de plástico rodeia a estrada e mesmo se insinua no meio dela, graças ao vento constante nesta época do ano. Você só escapa se estiver prestando total atenção no caminhão da frente... A subida da Serra do Espinhaço nos faz pensar que talvez o *Guiness Book* pudesse criar uma disputa para a pior estrada do mundo. Talvez na Índia ou na África houvesse concorrência para esta aqui.

Em tempo: a BR-251 não é uma estrada qualquer. No trecho referido, ela liga Montes Claros a Itaobim, na Rio – Bahia. E daí? Todo um pesado trânsito de caminhões que demanda o Nordeste do País, a partir do Rio e de São Paulo, tem a mesma como escolha principal, certamente para evitar algo ainda pior, a BR-116.

Nas margens de tal caminho as manchas de mata seca são cada vez maiores e contribuem mais ainda para o aspecto desolado que nos oferecem suas cidades pobres e sujas, bem como o onipresente e selvagem tráfego de carretas, com seu rastro de fumaça e graxa. Cruzes por todo lado lembram os que já perderam a vida ali.

Na volta de Grão Mogol, bem que tentamos evitar a fatídica estrada, tentado um retorno via Botumirim e Itacambira, que aparentemente possuem trajetos aprazíveis, em terreno montanhoso (a segunda, com certeza, pois já estive lá). Mas não havia mapa e nem informações disponíveis. O que pudemos apurar é que o trajeto, de não mais do que 60 km, é inteiramente dominado pelas plantações de eucalipto e que os caminhos dentro delas, mesmo que sejam bem carroçáveis, possuem diretrizes de orientação ausentes ou muito duvidosas. Mas tivemos sorte, era manhã de um domingo de agosto e os caminhoneiros possivelmente comemoravam o Dia dos Pais.

A viagem prossegue agora em rumo diverso. O objetivo é chegar a um ignoto lugar, São Gonçalo do Rio Preto. Não confundir com seu quase homônimo, do Rio das Pedras. Ambos ficam próximos a Diamantina. O primeiro é cidade; o segundo uma vila pertencente ao município do Serro. Todos dois muito graciosos. Mas é do primeiro que falaremos aqui, sede que é de um local merecedor de uma visita: o Parque Estadual do Rio Preto. Chegaremos lá. Voltando a Montes Claros pela BR-251, estamos uns 180 km a noroeste de nossa meta. O caminho passa por Bocaiúva, já no rumo de Belo Horizonte, e daí tomaremos uma estrada colateral que nos levará diretamente a São Gonçalo. Meu “relevante” encantamento com a geografia me obriga a revelar aos leitores que mudaremos de bacia: do vale do Velho Chico passaremos, de novo, ao Jequitinhonha. Curiosamente, todavia, eu que esperava montanhas escarpadas em tal caminho – pois este último rio tem como marca registrada em vários lugares que o conheço um curso com montanhas adjacentes – muito me surpreendi quando pude ver que a travessia se dava no seio de um planalto, escavado em certa parte pelo Jequitinhonha. E só. Nada de montanhas, salvo se considerarmos o que se pode ver se estivermos postados bem na linha d’água. Mas salvo esta curiosidade geográfica, que talvez só interesse a mim mesmo, trata-se de um caminho sem incidentes, com muito eucalipto e planuras sem fim.

Como se vê, a viagem anunciada era ao São Francisco, mas já vamos bem além...

Na verdade, estamos pegando o Jequitinhonha pela beirada. Se quisermos ir aos seus lugares profundos, aquele "braço de mar", "pedra miúda quase sem brilho", "estrada natural da Bahia – Minas" de que falam as canções do Clube da Esquina, território das moças namoradeiras de barro que se colocam nas janelas – é preciso andar mais algumas centenas de quilômetros, no rumo de Araçuaí, Itamarandiba, Joaíma e outros lugares. O Jequitinhonha aqui é pouco mais que um riacho, parido que é pelo nó de montanhas que rodeiam Diamantina e Serro. Mas já tem fama de matador, porque sua outra glória, a de ter um leito rico em diamantes, já se findou há muito tempo.

Em São Gonçalo do Rio Preto (SGRP) lugar obrigatório é a Pousada Canto das Águas, cuja proprietária, Dôra, se esmera na arte de receber bem e generosamente compartilhar com todos seus hóspedes sua profunda mineiridade, que nela é algo que, de tão natural, nem se percebe. Quando você vê, já está imerso naquilo, como se estivesse ali desde sempre. Uma casa antiga reformada e acrescida de itens de conforto, as cozinhas e fornos anexos totalmente preservados e ainda operantes, o rego d'água ao longo do qual se caminha alguns quilômetros, a mata atlântica remanescente, mas ainda muito pujante – são alguns dos atrativos. Isso sem falar das comidas... Ali se come (e se bebe) uma vez só ao dia: desde que se acorda até a hora de deitar. Do pato com laranja, iguaria inglesa que ali recebeu um batismo de mineiridade, nem vou falar. Mas faço questão de matar a muitos de pura inveja ao mencionar certo caldo noturno, de coloração amarelada e consistência suculenta, cujo sabor nos trouxe um toque verdadeiramente intrigante, alguma coisa entre áspero, picante e perfumado. O ingrediente misterioso, descobrimos depois, eram raspas de laranja – quem diria! Nunca havíamos provado uma iguaria assim.

Viemos para ver o Parque e ao Parque fomos. O Rio Preto nasce nas encostas orientais do Pico do Itambé, também componente do maciço do Espinhaço, já citado antes. Por alguma razão, talvez ligada à dificuldade de acesso e à natureza excessivamente pedregosa (sem deixar de ser recoberta de matas), parte razoável de seu trajeto ficou preservada da agressão humana e mesmo do fogo e foi em tal área que o Governo de MG criou, em anos recentes, o Parque Florestal que agora vamos conhecer.

Nunca fui a um daqueles parques americanos, decantados em prosa, verso e gibis da Disney. Mas aqui devo admitir, mesmo que me julguem colonizado, que me senti fora do Brasil. Tudo muito organizado, limpo, bem informado, com receptivo amigável. Todos que lá chegam passam por uma palestra explicativa, ilustrada em power-point, conduzida por um guardinha que mal deve passar dos dezessete anos. Foi especialmente agradável ouvir, com a jovem seriedade do expositor, informações nas quais se privilegiava também o que você pode fazer ali, não apenas o que é proibido. E entre as coisas que podem ser feitas estão acampar (!) e utilizar, mediante reserva, as instalações de hospedagem disponíveis. Não me lembro de ter visto algo assim em nenhum dos parques brasileiros que conheço.

E o parque é realmente lindo. Fica dentro de um anfiteatro de montanhas de tom cinzento, dada a quantidade de pedras, mas em toda parte a mata se insinua e toma conta. No mês de agosto a rebrota dos paus d'óleo, jatobás e outras plantas semelhantes, coloca na paisagem manchas cor de ferrugem, muito vivas, que dão encanto e fazem contraste aos tons predominantes de cinza e verde claro. O rio Preto justifica o nome, mas é completamente transparente e no seu fundo de areias brancas é comum ver peixes de tamanhos diversos, nadando tranquilamente, completamente alheios aos humanos que também querem aproveitar da água fria do rio.

Brancas também são as numerosas praias que aqui e ali se formam. E aparentemente todas elas podem abrigar os acampadores eventuais. Tudo uma delícia, realmente.

De SGRP a Diamantina, aí sim, vamos ver o Jequitinhonha de perto. E a passagem rodoviária se dá no distrito de Mendanha, que abraça o rio nas duas margens. E vale aqui uma parada, além de uma breve descrição.

Mendanha é lugar antigo, ligado não só à mineração (tudo aqui o é), mas também ao fisco colonial, pois, afina de contas, esta era uma porta de entrada (e saída) do antigo Distrito Diamantino. E em lugares assim os olhos da lei se mostravam extremamente atentos. É uma vila pequena e extremamente graciosa. A vista do Jequitinhonha do alto de suas colinas da margem esquerda é inigualável. Há casarões bem respeitáveis e preservados, embora isso não aconteça com todos eles. Aqui, como em outros lugares do Brasil, há que se dar graças à presença de forasteiros (alguns, talvez, nem tão estrangeiros assim) que se encantam com o lugar, compram e reformam casas antigas, com bom gosto de espírito de preservação. Sem embargo de que existam, também, os que destoam dos quesitos “bom gosto” e “respeito”. Em Mendanha se pode atravessar o rio em uma ponte de pedestres, eqüinos e motos, muito bem conservada, da qual se pode ter também uma esplêndida visão do rio. Diamantina está muito próxima, pouco mais de 15 km – e nos chama, mas de Mendanha se vai embora com enorme vontade de voltar.

E seguimos rumo a Diamantina, Serro e Sabinópolis, onde a grande festa de N . S. do Rosário nos esperava. Mas isto é assunto para outras conversas.

OUTRAS (POUCAS E BOAS) JORNADAS

Como disse antes, citei os roteiros de Portugal e dos Gerais de Minas, como exemplos de viagens apetecíveis, mas na verdade já tinha descoberto tal filão antes. Conto algumas dessas jornadas felizes, agora em rápidas palavras.

Em 1984 convidei dois casais amigos de Uberlândia, Durval Garcia e Lourdinha, José Eugênio e Virginia, para fazermos uma viagem no estilo que mais tarde se tornou predileto para mim. De passagem por BH, o casal do qual eu fazia parte, com Eliane, recolheu as nossas sogras respectivas, Favita e Maria. E fomos em frente, primeiro para Diamantina, onde passamos três ou quatro dias, hospedados no velho casarão do Hotel Minas Gerais, onde pontificava o proprietário, o mulato Oswaldão, que já foi até personagem de Rubem Fonseca, com seu robe de seda grená e suas maneiras afetadas e aristocráticas, sem, contudo, deixar de ser um hoteleiro acolhedor. Ali passei meu aniversário de 36 anos, numa mesa em que além de tais amigos e mais o casal Ilvio e Glaucia que ali se juntaram a nós, tínhamos dois seresteiros de Diamantina. Bons tempos, ótima idade, excelentes amigos, belo aniversário!

Dali seguimos para o Serro, não sem antes nos determos em São Gonçalo do Rio das Pedras, uma joia de lugar, e Milho Verde, ambas até então desconhecidas por nós – e muito admiradas. Pela estrada de chão seguimos para Conceição do Mato Dentro e dali mudamos o rumo de última hora, para conhecer o “Mato Dentro” propriamente dito, a extensa cobertura de Mata Atlântica que se estende na vertente oriental da Serra do Espinhaço e, há tempos passados, em boa parte do Vale do Rio Doce. E fomos em frente, passando em Carmésia, Ferros, Santa Maria do Itabira, cidades que um olhar mais descuidado julgaria desnecessárias de se conhecer. Mas não o nosso, claro.

Chegamos finalmente a Itabira, minha terra, onde fizemos o circuito obrigatório Drummondiano e já então me dei conta que nesta cidade tem mais gente ganhando a vida com Drummond do que propriamente lendo ou entendendo o poeta. De lá fomos visitar o Caraça e depois alcançamos BH, de onde retornamos a Uberlândia. Um giro de mil e tantos km. Na minha visão viageira, inesquecível. O motivo? Não sei dizer exatamente, mas se a minha descrição não for o bastante para demonstrar tal sentimento, só posso concluir que a beleza estava na minha cabeça mesmo.

***

No raiar do ano 2.000 fui de BH a Brasília em tempo "recorde": cinco dias. Em minha companhia um companheiro do qual lamento estar um pouco afastado, pelo menos para este tipo de aventura: meu irmão e amigo João Maurício. Por que tal extravagância de tempo, quando poderíamos ter feito a mesma rota em oito ou nove horas? Aí é que mora o segredo! Saímos de BH pela BR 040, a via que leva diretamente a Brasília, mas apenas até o trevo de Curvelo, a 100 km da capital. Daí, viramos à direita e seguimos para o Norte de Minas, via a própria Curvelo e Corinto. Mas "quebramos" de novo o roteiro, seguindo, a partir de Corinto o trajeto da antiga ferrovia que levava a Diamantina, passando por Santo Hipólito, onde o Rio das Velhas é transposto em um magnífico conjunto de pontes ferroviárias de aço do século XIX e daí a Monjolos, cidadezinha que dispõe do luxo natural de possuir uma bela praia fluvial.

A subida da Serra do Espinhaço neste trecho é magnífica, pois nela aprendemos como os trens escalava as serras, em rampas suaves, sem pressa de alcançar o cume. Mas agora, com a ferrovia transformada em rodovia, trens, por aqui, só se forem os fantasmas das antigas composições da Central do Brasil. Mas assim como subimos, descemos, tendo como ponto de inflexão a Vila de Conselheiro Matta, já no planalto pedregoso do Distrito Diamantino. Retomamos o caminho para o norte em Augusto de Lima, onde passamos a noite num lugar que parece ser personagem de filme ou sonho: a Fazenda Santa Bárbara. Pena que o espaço é curto para descrever tudo agora, porque valeria a pena.

Daí, no dia seguinte, prosseguirmos: Joaquim Felício, Várzea da Palma e Pirapora, com direito à travessia da espetacular Serra do Cabral, um apêndice desgarrado do Espinhaço logo ali ao lado. Nosso destino, Brasília, neste momento está cada vez mais longe. Depois Pirapora, Ponto Chique (sim, existe uma cidade com este nome!), Cachoeira "do" Manteiga (!), São Romão, de onde abandonamos o rumo norte e "entortamos" outra vez nossa rota, agora para a esquerda, seguindo, ao revés, o belo rio Urucuia, passando por Riachinho, Arinos, Buritis, até chegarmos a Brasília, finalmente.

Cinco dias vividos intensamente, inclusive com uma pane à beira da estrada, entre Manteiga e São Romão, que me deu a oportunidade de refletir profundamente sobre a vida, durante algumas horas de espera pelo socorro que João foi buscar em São Romão, em pleno crepúsculo e noite, em companhia apenas de vagalumes e sapos. Não estava no programa, claro, e poderia ter sido um desastre, mas acabou sendo também uma parte memorável da viagem.

***

Ainda no ano 2.000 perfiz um roteiro goiano, desta vez com companhias em penca. Vieram de BH meu irmão Eugênio e minha cunhada Lucia, seus filhos Fernando e Maira, com seu futuro marido Alex, mais duas amigas deles, além de meu irmão João, velho companheiro desse tipo de jornada e dois dos filhos dele. Turma de qualidade, para ninguém botar defeito. O destino final era o meu sítio Macaúbas, na Chapada dos Veadeiros, mas para não perder o costume

tomamos rumo diferente, em direção a Pirenópolis, que fica a oeste do DF e não ao norte, que é a direção da Chapada. Pirenópolis sempre rende uma boa estadia, principalmente para pessoas, como todas na expedição, exceto eu, que não conheciam esta maravilha do barroco tropical. Aprimoramos a jornada deixando a estrada asfaltada em Cocalzinho para seguir pelo alto da serra que circunda a cidade e que leva seu nome, rodeada por belas paisagens onde se alternam o cerrado puro, onde abundam os cajueiros nativos e os campos de altitude, com as também muito típicas canelas de ema. Por este caminho se chega a Pirenópolis pelo alto, descortinando uma bela vista da cidade.

A poesia já nos encontrou na chegada ao hotel: *Pousada Matutina Meiapontense*, em referência ao antigo nome da cidade. Dali fomos a Vila Propício, rodeando a mesma serra pelas suas faces oeste e norte, à procura de uma lagoa misteriosa, supostamente "sem fundo", conforme citado nos guias turísticos, mas que não foi encontrada – ninguém ali sabia dela. E daí tomamos a rodovia em direção ao norte, Niquelândia sendo o primeiro destino. Nada de notável nesta cidade, embora em suas entranhas resida uma variedade extraordinária de minerais que, para o bem e para o mal, transformam a região numa buraqueira sem tamanho, mas onde o dinheiro sem dúvida circula. Adiante, já na direção da Chapada, ao leste, passamos pela entrada de um lugar chamado Moquém, onde uma famosa romaria anual atrai milhares de pessoas, numa barafunda de dar medo, segundo nos informaram. Mas por ali passamos direto, ninguém queria rezar, e fomos dar em Colinas, já na Chapada. Mais adiante, não perdemos a oportunidade de tomar um banho de água quente num lugar chamado, muito apropriadamente aliás, de Éden – na verdade um pequeno paraíso tosco, bem no estilo goiano.

No cair da noite alcançamos nosso alvo, o Sítio Macaúbas, no povoado do Moinho, Alto Paraiso. Os duzentos km regulamentares se transformaram em quase quinhentos. Mas quem é que vai se queixar disso?

***

Em 2005 fomos, João Mauricio e eu, visitar nosso tio Roberto, em Novo Cruzeiro, na confluência dos vales do Jequitinhonha e do Mucuri, Nordeste de Minas. Escolha apropriada das estradas, ou seja, não necessariamente aquelas que encurtassem a distância, que no total é de cerca de setecentos km de BH. Saindo da Capital, já evitando o asfalto (e a muvuca rodoviária das vias habituais que demandam o Leste e o Nordeste de MG), tomamos o rumo da Serra do Cipó, e ainda assim por caminhos caprichosos. Passamos por Santa Luzia, dedicando um olhar carinhoso ao Mosteiro das Macaúbas que fica logo após a cidade, e seguimos para Jaboticatubas e Cardeal Mota, já no pé da Serra. Ali aproveitamos para degustar um franguinho com ora-pro-nobis, que nos soube muito bem. Viagem sem pressa, pois era importante admirar as belas paisagens alterosas que viriam em seguida, tanto à direita como à esquerda. Elevados campos e algumas escarpas, principalmente do lado direito, onde nascem e correm para o vale alguns tributários do rio Doce. A vertente são-franciscana só pode ser apreciada na subida da serra, logo depois de Cardeal Mota, e é digna de nota também, com suas miríades de coqueiros macaúbas.

A próxima cidade é Conceição do Mato Dentro, lugar meio sonolento, pelo menos naquela ocasião, mas hoje em dia pasto de mineradoras nacionais e estrangeiras. Berço de cidadãos influentes na política mineira, mas nem assim conseguindo progredir –portadora, talvez, de uma espécie de "síndrome do Maranhão". Adiante, Serro e depois Milho Verde, onde pernoitamos e tivemos que escapar pela janela para apreciar a noite, eis que a dona do estabelecimento nos fez a gentileza de trancar a porta principal, antes do ir ao sono dos justos. Depois Diamantina, desta vez apenas de passagem, e assim mesmo na rodovia de contorno.

Adentrando o Vale do Jequitinhonha passamos Mendanha, já descrita aqui, Couto de Magalhães, São Gonçalo do Rio Preto (bonitinha, já descrita no roteiro do São Francisco, acima), Senador Modestino Gonçalves e Itacambira. Sinceramente, lugares feios e sem atrativos, pode ser que se houvesse mais tempo fosse possível mudar de opinião, mas duvido. Em Itacambira erramos o caminho e fomos dar em plagas remotas, com estradas que se dissolviam na chuva forte que começou a cair. Só Deus sabe como chegamos a Capelinha, já noite feita. Algumas atoladas pelo caminho; no dia seguinte seriam outras mais, antes de conseguirmos ver nosso tio.

A viagem valeu pela companhia de João, os bons papos e afinidades que temos. Mas do ponto de vista do objeto principal, nosso tio Roberto, voltamos entristecidos, pois ele já não era o mesmo. Estava em prolongada convalescença de uma fratura da cabeça do fêmur, já não andava mais, perdera o bom humor e a verve que sempre o acompanharam. Entregara os pontos, enfim. Foi com essas imagens sombrias que pegamos o caminho de volta alguns dias depois, agora por outros caminhos: Araçuaí, Coronel Murta, Turmalina, Caçaratiba, Itacambira. Montes Claros, Pirapora – rumo a Brasília. Nada era como antes...

PELO SERTÃO

Você gosta de sertão, de boiada, de vereda de buritis, de velhas cidades à beira rio? Calma, não vou recomendar leituras em Guimarães Rosa, se bem que se você quiser levá-las na bagagem, será de bom proveito. Pegue seu carro (qualquer modelo, desde que esteja com boa mecânica, pneus novos, etc.) e siga comigo.

Vamos pegar a saída Norte de Brasília. Passando Formosa, você logo estará em altos chapadões, o que só perceberá ao fitar um horizonte ainda mais amplo que o de Brasília. A cidade que você logo encontrará, Cabeceiras, nome bem apropriado, indica a situação geográfica da região, parideira de grandes rios. Aqui, um córrego flui para o São Francisco; antes dele o Paranã, afluente amazônico e, mais atrás, os formadores do São Bartolomeu, que via Paranaiba e Paraná, acabam desaguando em Buenos Aires. Cabeceiras de um continente, meu senhor.

Um pouco adiante você estará em Minas, nos Gerais do Urucuia. À esquerda, Buritis, sede de fazenda presidencial; bem próximo, o Parque do Grande Sertão, uma boa ideia, a espera de quem a realize de fato. À frente, Arinos, onde o Urucuia, caudaloso, verdinho na seca e barrento nas águas, se deixa atravessar por uma ponte acanhada. Em Arinos, encha o tanque pois, daqui prá frente, o sertão será cada vez mais sertão.

Chapada dos Gaúchos faz jus ao nome. Não se espante de ver os homens de bombacha, tomando chimarrão nas esquinas, nos finais de tarde e a piazada loura nas ruas. Mas, bá, chê: cuidado com o trator, que ele é o dono da rua. Nesta chapada, o cerrado virou soja, trigo, capões de eucalipto e antena parabólica. Barbaridade! E vamos em frente que você logo estará na Serra das Araras, lugar personagem dos livros do Rosa. O vaqueiro de capa-ideal, a cobrir-lhe o corpo e a montaria, se assusta com o ronco de seu carro, ou será que é com o diabo na rua, no meio de um redemoinho? Encoste e apeie para apreciar a Serra, lugar quase nenhum, quatro ruas em volta de um campo gramado, onde os cavalos e cabritos cabisbaixos, mastigam a vida. Ali na janela – foi você olhar e ela se fechou – alguém cisma nos motivos que trazem um estranho a estas paragens.

Se você ficar esperto, ainda poderá tomar um banho de rio, nos Pandeiros, mais duas horas de viagem, se muito. A pequena hidrelétrica que faz um lago ali não lhe atrapalhará, fique tranquilo. Ela é fruto de uma época que as usinas aproveitavam as cachoeiras, não as submergiam. Entre no desvio à direita, logo antes da ponte e aproveite a paisagem de mata, o estrondo e a espuma do rio irado barrado pelas pedras. Mas sempre sobra um remanso para molhar o corpo. Depois, a pedida é uma cervejinha na venda, ao lago do campo de futebol, sentado nos degraus, vendo a tarde cair, levada pelas araras.

E logo vem a idosa Januária, sua majestade a princesa do sertão, repousando, preguiçosa, à beira do Chico. Entre num boteco, com vista para o Rio, peça uma cachaça Motinha, uma cerveja de Pirapora, uma posta de peixe frito. Esqueça de toda coisa ruim. *Êta trem bão*! Coisas assim é que dão sabor à vida!

Era você que dizia que a região do Planalto é fraca de opções de turismo? Seu ingrato!

***

OS. Este texto é do final dos anos 90. De lá para cá alguma coisa mudou em tal pasisagem, por exemplo, a implantação do Parque Nacional do Grande Sertão Veredas e o asfaltamento da estrada até Arinos e mais além.

VIAGENS AO BRASIL-REAL

No século XIX foram marcantes as viagens de europeus pelo Brasil, estimulados pelo exotismo de nossa terra e pelas facilidades então abertas pela abertura do país às chamadas “nações amigas”. Na época, Saint-Hillaire, Langsdorff, Burton, Von Martius e muitos outros narraram aos seus compatriotas ávidos de informações suas observações sobre aquele mundo ignoto, em tons que variavam do maravilhado ao perplexo.

A era das viagens ao Brasil, entretanto, não acabou. Eu mesmo tenho feito algumas, por Minas Gerais e também por Goiás, passando por lugares tão variados como Andrequicé, São João da Aliança, Serro, Niquelândia, São Gonçalo do Rio Preto, Vila Propício, Senador Modestino Gonçalves, Forte, Itamarandiba, Cavalcanti, Capelinha, Muquem, Araçuaí, Padre Bernardo, Itacambira, além de outras comarcas remotas e pouco conhecidas. Conto agora a vocês uma parte do que vi e senti, no que poderia chamar de autênticas viagens ao “Brasil-Real”.

Em primeiro lugar, as estradas. Ah, as estradas do Brasil-Real! Elas são simplesmente solúveis em água, de tal forma que, uma vez atacadas pela chuva persistente, fica difícil afirmar onde realmente se encontra aquilo que um dia foi chamado de “estrada”.

E o que faz o povo do Brasil-Real? De tudo um pouco para continuar sobrevivendo. Há poucos empregos fixos fora do setor público. As pessoas plantam suas rocinhas de subsistência, tiram carvão (quando sobra alguma árvore na paisagem), mantêm um gado vasqueiro, se empregam no agronegócio. Os mais jovens realizam um périplo anual a São Paulo e outros lugares, em busca de trabalho, na época do corte da cana de açúcar, por exemplo. Dinheiro mesmo, com o qual as famílias possam contar regularmente, só o do programa Bolsa Família e o dos aposentados – aliás, estes últimos, pessoas muito estimadas e valorizadas nas plagas do Brasil-Real.

A maioria dos brasileiros-reais é pobre, muito pobre. Uma pequena parte, porém, é rica, muito rica. Os políticos, quase sempre pertencentes ao segundo grupo, são mestres em auferir seus votos baseados em promessas que geralmente não podem ou não querem cumprir. Nada de novo, portanto.

No Brasil-Real, Dilma foi a "mulher do Lula", se não de direito, pelo menos de fato. *Borsonário* agora é o mito e a Igreja Universal é a garantia da entrada no paraíso da prosperidade. De imposto de renda ninguém ouviu falar; o mais próximo que se conhece disso é o dízimo que as igrejas pentecostais (numerosíssimas, por sinal) costumam arrecadar, sabe-se lá a partir de que excedente monetário. Música apreciada ali é a dita "sertaneja", que muitos acreditam fazer parte da cultura mais verdadeira e legítima daquelas paragens, ignorando o fato de que toda ela costuma ser produzida em estúdios da capital paulista, a partir da detecção de "nichos" de mercado, por especialistas em *marketing*, não necessariamente por pessoas com formação musical.

As crianças são numerosas no Brasil-Real, sendo suas mães nada mais do que outras igualmente crianças! Já seus pais, nem sempre se sabe ao certo quem sejam. E por aí vai.

No país em questão, já não correm mais os tempos em que automóvel era algo que *ninguém sabe se é homem ou se é muié*, como dizia a cantiga de Patativa do Assaré (que ninguém ali sabe quem é), mas é certo que, quando não possuem um Uno-Mile ou um Fusca dos velhos tempos, os brasileiros-reais consomem, como meio preferencial de transporte, em padrão quase chinês, as motocicletas. Onipresentes estas, melhores que os jumentos e éguas do passado, mas bastante hábeis em mandar seus ginetes para o hospital – quando não para o necrotério. É uma gente que aprecia, de fato, a modernidade: as ruas das cidades, mesmo pequenas e pobres, não deixam de ostentar lojas e mesmo bancas espalhadas pelas calçadas nas quais toda uma vasta gama de bugigangas eletrônicas, *meide-in-Chaina*, pode ser adquirida: de despertadores a micro-tevês, de aparelhos digitais de medir pressão a raquetes eletrônicas de matar mosquito. Sem falar nos indefectíveis telefones celulares, cujas contas, onde existe acesso, certamente subtraem de seus proprietários a possibilidade de consumo de outras comodidades mais úteis, de mais proteínas para suas famílias, por exemplo.

Quando comparamos o Brasil-Real com o Brasil que as aparências nos revelam, principalmente a nós que residimos em regiões mais desenvolvidas do País, as diferenças parecem ser marcantes. Nossas estradas (em que pese os buracos) permitem trânsito o ano inteiro, nossa agricultura e nosso comércio fornecem empregos (embora menos do que o necessário), nossa renda média per capita é substancialmente melhor, nossos políticos têm reduzido, a cada eleição, sua capacidade de iludir o povo, principalmente porque este demonstra estar cada vez mais consciente de seus direitos – embora com recaídas severas, como agora.

E na saúde, como se arrumam os moradores do Brasil-Real? Há ali enormes dificuldades em se conseguir uma simples consulta, principalmente se for medianamente especializada. Apesar disso, a taxa de cesarianas é elevadíssima! As filas das unidades de atendimento dobram esquinas, já nas madrugadas. Os indicadores de saúde estão estacionados em patamar africano. Mas neste campo, creio que nós, mesmo os mais "desenvolvidos", ainda estamos próximos do Brasil-Real. Mesmo entre nós, a "saúde para todos" vem sendo substituída pela "saúde para quem pode pagar", modulada pela disponibilidade do mercado e não pelas necessidades gerais. Para encerrar, afirmo que o Brasil das aparências, pelo menos no campo da saúde, está muito próximo, lamentavelmente, do Brasil-Real…

DE VOLTA A PORTUGAL

Entre janeiro e março de 2009 resolvi dar um tempo com o Brasil e fui fazer um retiro em Portugal. Aqui vai o meu relato.

Oitenta dias longe do Brasil. Mais do que isso, distante dos filhos, netos e outras pessoas queridas; de minha casa, meus cachorros, minha cama e meu banheiro. Se terá valido a pena, é sempre caso de se perguntar...

Penso que o saldo foi positivo e me disponho a arrolar alguns argumentos para demonstrar isso, sem deixar de lado alguma coisa que tenha que ser debitada em tal conta.

Em primeiro lugar, o grande feito – para mim, pelo menos – de ter realizado uma viagem dessas sozinho, a maior parte do tempo. Coisa realmente inédita para mim, já se vê. E penso que consegui fazê-lo até com certo brilhantismo, pois vejo, como escrevi à época, que os últimos dias de estadia, que pareciam nunca mais terminar, iam fluindo suavemente e sem tédio, de forma que pressintia, a qualquer momento, as horas começarem a galopar, me empurrando sem apelação para o dia 30 vindouro, quanto havia aquele encontro marcado com a TAP, no aeroporto de Lisboa.

Parece fácil para muita gente uma coisa assim. Meus filhos, por exemplo, se riem quando anuncio que tenho dificuldades nisso. Mas realmente isso me aterrorizava e creio que ainda não está totalmente superado. Lá em Portugal, pelo menos, contava com a facilidade de me expressar na mesma língua local, embora às vezes uma total compreensão me escapasse. E pelo que percebia, não é bom costume dedicar aos nossos interlocutores portugueses um pedido de repetição ou explicação, pois se nos tratavam com delicadeza inicialmente, esta subitamente se transformava em espanto e em seguida até em ar de recriminação. “Mas eu não compreendi e estou apenas perguntando de novo” – é o que me dava vontade de lhes esclarecer. Fiz coisas equivocadas aqui exatamente por não entender o que me diziam, por exemplo, na compra de bilhetes de comboio e metrô, pois as explicações, tanto das máquinas de vendê-los automaticamente, como das pessoas a quem eu indagava, nunca me pareciam claras o bastante. O resultado é que acumulei uma dezena de bilhetes de transporte, pagos a peso de Euro, por não conseguir entender como recarregá-los novamente. Entrava aí, além da incompreensão da prosódia lusa, alguma dificuldade minha com as tecnologias modernas. Mas sobrevivi por mais de dois meses e creio que em próxima oportunidade não terei sobressaltos maiores.

Conhecer melhor o país foi outro feito. Eu já havia rodado por lá em duas ocasiões anteriores. Em 2014 foram mais de dois mil km, o que, aqui em Portugal, é o bastante para se deslocar do Oiapoque ao Chuí, ou melhor de Olivença a Faro ou de Viana do Castelo a Évora, e ainda voltar, mais de uma vez. Em 2019 andei muito mais. Estive em lugares tão significativos em termos culturais e históricos como Tavira, no Algarve; Aveiro, nas Beiras; Porto, no Douro; Braga e Guimarães, no Minho; Santarém, no Ribatejo; Mafra na região de Lisboa – além da própria capital, tão “cheia de encanto e beleza”. Sem esquecer de Cascais que me acolheu, com sua vizinhança charmosa, tendo por expoente Sintra, dentro de uma paisagem de encanto que inclui montanhas, florestas, praias, penhascos à beira do mar, faróis, quintas, pomares, mosteiros, igrejas, palácios, ruínas nobres, mansões e muito mais.

Andar por Portugal é sempre se espantar o tempo todo com o fato de um país tão pequeno conseguir ser, ao mesmo tempo, tão múltiplo. Viajar pelo Minho e pelo Alentejo, por exemplo, é muito mais do que percorrer os 300 km físicos que os separam. No Minho, a paisagem, quando vislumbrada, de um verde profundo e também montanhosa, é crivada de cidades ou, na

terminologia local: freguesias, “concelhos”, vilas, lugares. Vai-se de uma cidade a outra, como entre Porto e Braga, desta última a Guimarães e ainda ao Amarante, como se estivéssemos em uma única rua, com casas e outras construções por todo lado, com poucas aberturas para a paisagem verde.

Já no Alentejo, que predomina é o verde. Mas apenas no período mais chuvoso, fora disso o clima seco transforma tudo em cenário dourado – e aqui não é o ouro do Brasil que o compõe, mas sim o sol. Andar pelo Alentejo e pelas regiões não estritamente costeiras do próprio Algarve às vezes nos dá a sensação de estarmos em pleno cerrado brasileiro, se não pela conformação da vegetação, também mirrada e retorcida, pela vastidão na qual não se divisa nenhuma cidade ou mesmo casas em extensão de léguas. Os sobreiros, tão abundantes, aqui não pareceriam estrangeiros no cerrado brasileiro. E é surpreendente, também, que a presença da obra humana seja marcada, vez ou outra, pela muralha ou “Torre de Menagem” de algum castelo. Aí, a semelhança acaba.

Assim, depois de rodar por algumas dezenas de lugares, cujo nome frequenta os nossos livros de História, cheguei a ter a presunção de que, pelo menos em termos físicos, já conhecia Portugal tanto quanto – ou até mais – do que conheço o Brasil. Vejam bem: suponho que estive em pelo menos trinta cidades, o que representa, dentro do conceito português de cidade, município ou concelho (com ”c” mesmo), cerca de 10% do total existente no país. No Brasil, se aplicar a mesma regra de três (o que é fajuto, mas vamos lá, apenas para efeito de comparação), isso implicaria em ter visitado mais de 500 de nossas cidades, coisa de que muito poucos brasileiros ou estrangeiros foram capazes até hoje. Talvez algum motorista de caminhão, quem sabe... Dito isso posso concluir que meu conhecimento de Portugal não é de forma alguma desprezível, embora minha pretensão talvez o seja.

Visitar um grande amigo foi outra das gratificações que esta viagem me trouxe. Karsten Montag, alemão que residiu no Brasil por quatro anos – e que aprendeu a gostar do país mais do que nós brasileiros – foi morar em Portugal para buscar o sol e uma vida mais simples, contando com a ajuda de um idioma que já dominava. Eu convivi com ele, prazerosamente, em Brasília, meu vizinho que era no Condomínio Verde. Junto com sua mulher Sylvia, juntou economias e comprou um moto-home na Alemanha, mais precisamente um caminhão médio Mercedes Benz, com currículo militar na OTAN, em cuja carroceria se adaptou um container-residência, com magníficos oito metros quadrados! Procuravam também um jeito de viver em comunidade, comungando ideais pacifistas, vegetarianos, anticonvencionais, antipolítica tradicional. Depois de algumas paragens, como se diz por aqui, pareciam ter encontrado isso no Algarve, na Praia do Amado, Vila do Bispo, próximo àquela Sagres que no Brasil todos conhecemos das páginas de nossos livros de História. O Infante Dom Henrique, lembram-se? Estive com ele naquele outro “lugar penhascoso, batido de frigidíssimos ventos”, a tal Praia do Amado, muito bonito, todavia. E lá estava o herói teuto, com seu caminhãozinho, em uma esplanada onde mais de uma dúzia de trailers e veículos semelhantes se estacionavam, em ambiente rude e sem qualquer arborização, ali ou nos arredores. Nenhum português entre os moradores de tal aldeia. Da esplanada, a praia se descortinava imponente, a perder de vista, com suas faixas de areia de cor creme, tendo a espuma das ondas à frente e logo atrás as monumentais falésias, que devem ser a continuidade daquele famoso “Promontório de Sagres”, alguns quilômetros ao sul. Jantamos juntos, tomamos o café da manhã e logo em seguida parti, pois queria ver mais e o ambiente não era propício para demoras, pouco receptivo fisicamente (mas não humanamente) que era. Na verdade, a visita me deixou algo preocupado... Karsten estava abatido com a volta de Sylvia a sua Alemanha natal, talvez sem chance de retorno ao Algarve – pelo menos era esta sua sensação no momento. Ele pouco quis conversar sobre o assunto e eu achei melhor não insistir. Confesso que o achei desesperançado quanto a isso, embora tenha me reafirmado mais de uma vez que ali na Praia do Amado (que ironia este nome...) tenha encontrado a vida comunitária

sóbria e simples que procurava. Pensei comigo: mas sem uma sombra por perto, sem água doce disponível? Para não falar da necessidade de sair dali toda semana, não para passeios, mas para recarregar o tanque de água do caminhão, que lhe fornecia o bastante, bem modestamente, aliás, para beber, cozinhar, lavar louças e roupas, tomar banho. Eita! Isso é realmente coisa para os fortes...

Mas este famoso Algarve merece um parágrafo. Confesso que esperava mais do lugar, com todo respeito. Aquilo é apenas uma pequena faixa de terras, à beira do Atlântico, ponteado por lindas cidades brancas, como Sagres, Vila do Bispo, Lagos, Tavira, Faro e outras, mas não passa disso. Praias bonitas, também, mas é pena que pessoalmente não tenha muita atração por tais acidentes geográficos. Na retaguarda, fora os laranjais próximos à orla, o que há é uma cadeia de morros e pequenas montanhas agrestes e pedregosas, de vegetação enfezada, onde, ao que parece, nem os cabritos se dão bem. Quatro dias de Algarve – dei por visto. É seguir em frente. Karsten: continuo torcendo por sua felicidade!

Acima de tudo, esta viagem me permitiu entrar no clima profundo de um país, longe, muito longe das excursões organizadas, dos *sight-seeing*, das visitas a monumentos (que sem dúvida são obrigatórias), das compras, das idas a restaurantes nas cidades, dos mil e um percursos que os guias de visita turística nos apresentam. Neste país profundo andei anonimamente e me perdi por ruas incontáveis em Braga, Lisboa, Cascais, Santarém e muitos lugares mais; assisti missas e ladainhas; apreciei ao vivo bailaricos de rua em tardes de domingo; andei por feiras, onde senti diretamente os cheiros das carnes, dos "fumados", dos queijos, das "bôlas", do "carril" e das olivas; fucei em bancas de velharias em muitos lugares. Pisei com meus próprios pés as barrancas do Minho, do Cávado, do Douro, da Ria de Aveiro, do Lima, correndo mesmo o risco de, ao ultrapassar grandes rios como estes, perder minha memória afetiva, vai que algum deles fosse aquele Lethes da mitologia. Mas isso não aconteceu, para minha felicidade. Amei Portugal e mesmo apesar de ver no país um espelho no qual nós brasileiros podemos mirar nossa vergonha, pelo menos é possível sair daqui com um pouco de esperança de que nosso futuro possa ser melhor do que foi nosso passado e têm sido nosso presente.

Não poderia também desprezar a relativa "produção intelectual" que me foi possível realizar em Portugal. Por que não? Vim para estudar, tendo apresentado um projeto de pesquisa ao Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa. Ele foi aprovado e minha vinda garantida, embora sem qualquer tipo de ajuda, da qual eu já declinara desde o primeiro contato. Quando cheguei, vi que teria de cavar minha inserção intensamente, pois não havia praticamente nenhuma guarida para mim. Uma professora brasileira, Zulmira Hartz, foi designada para me dar orientação, mas o tema ao qual ela se dedica é totalmente alheio ao objeto de meu projeto. Aliás, logo percebi que o que me mobilizava intelectualmente, ou seja, a questão da participação social em saúde, dentro da perspectiva de um estudo comparativo entre Brasil e Portugal, não contava com muito interesse ali. Em uma impressão superficial, o que percebi foi uma instituição com grandes luminares em suas respectivas áreas, mas fundamentalmente dedicada à formação de recursos humanos para o sistema nacional de saúde, sem linhas de pesquisa que não fossem aquelas de interesse imediato de seus professores – e nisso as minhas preocupações realmente não encontraram abrigo. A questão de comparação com o Brasil, então, passava longe de qualquer interesse local. Sendo assim, recolhi minha viola ao saco e com o beneplácito de minha orientadora, me inscrevi em uma atividade à distância, dentro do tema da Avaliação em Saúde (ao qual ela se dedicava) e pouco frequentei os salões e as escadarias do IHMT, Melhor para mim – e também para eles, provavelmente. Pelo menos não dei trabalho a ninguém.

Assim, para não deixar passar em brancas nuvens o que era para ser uma excursão de fundo intelectual, "garrei" a escrever textos sobre a saúde no país, comparando, quando o fosse o

caso, com o Brasil, tendo produzido a razoável bagatela de dez unidades, devidamente publicadas em meu blog. Em um deles tentei dar resposta ao que me mobilizou desde o início, ou seja, as possibilidades de comparação entre o sistema de participação social no SUS e seu correspondente nos Serviço Nacional de Saúde (SNS) em Portugal. Dentro do mesmo recorte comparativo, procurei situar temas como a descentralização e a municipalização de serviços e as reformas legais atualmente em curso em Portugal, além de produzir sínteses denominadas "Da Troika ao caminho da redenção", "Por que eles sim e nós não" e "Há sempre uns mais iguais do que os demais". Além disso, produzi, por puro diletantismo, uma série de textos impressionistas sobre o país, para distribuir entre amigos e familiares, além de publicá-los em meu blog veredasaude.com. Ainda estou em dúvida sobre o nome que darei a este material: poderia ser simplesmente "impressões" ou, quem sabe, algo que contenha menção a um verdadeiro "exercício não autorizado da antropologia", pois esta seria uma expressão mais correta sobre o caráter dos mesmos. É justamente o último desses textos que você, leitor, tem à sua frente agora – e muito lhe agradeço por ter chegado até aqui.

O melhor da viagem ainda não contei. Nos primeiros 15 dias contei com as companhias adoráveis de Daniela, Francisco, Flavinho e Sophia. Estivemos baseados em Braga, na casa de meu grande e mais antigo amigo Eduardo Guerra e dali fizemos incursões diversas, a Guimarães, Amarante, Porto, Aveiro, bem como à Galicia, incluindo Santiago de Compostela e a região mais ao Norte, de Pontedeume, onde a família Andrade tem origens – cujo castelo visitamos, aliás.

Valeu a pena? Acho que posso dizer que sim. Pelo menos procurei me fazer *grande de alma*, como queria Pessoa, durante estes 80 dias...

Até a volta, Portugal, pois com certeza isso acontecerá!

VOYAGE AU CANADA

No final dos anos 80, através de duas amigas, Sonia Terra e Eleonor Conill, eu comecei a prestar atenção no que acontecia no Canadá em matéria de saúde. Eu fazia mestrado na Escola Nacional de Saúde Pública e tinha intenção de escrever uma dissertação sobre a construção do SUS, sendo que a experiência canadense, já com uma década de consolidação, me parecia sob medida para aprender mais sobre tal objeto. Em uma série de acontecimentos que juntaram *virtude*, de outros, além de *fortuna,* de minha parte, consegui financiamento para a passagem e fui. Mas antes de prosseguir, esclareço: quando digo "outros", refiro-me principalmente a Gladstone Rodrigues da Cunha Filho, meu ex-professor na UFMG e, na ocasião, diretor do Hospital de Clínicas da UFU e presidente de uma Fundação correspondente, que me concedeu o apoio financeiro, sem que eu lhe pedisse nada explicitamente, mas apenas me manifestasse a respeito de meu desejo de viajar ao Canadá. E como dizia, fui.

O que eu sabia do Canadá antes disso? Posso dizer que quase nada. Com efeito, eu até então não conhecia Leonard Cohen nem Joni Mitchell... A visita de Pierre Trudeau ao Brasil marcara minha juventude, com sua figura inesquecível, terno branco e tênis, completamente à vontade, totalmente distante daqueles generais carrancudos que o receberam. Conhecia também a garbosa Polícia Montada, de um seriado de TV, bem como identificava aquelas figuras barbadas, com camisas vermelhas de xadrez, como lenhadores canadenses. Lembro-me também vagamente da fama de que gozavam os caminhões *Chevrolet Canadenses*, na minha infância, afinal eu pertencia a uma família ligada ao ramo dos transportes. Conhecera um mecânico especializado canadense na minha passagem por São Simão, cuja principal performance era

comer colheradas inteiras da selvagem pimenta goiana, junto com a comida. Em outras palavras, eu não sabia praticamente nada que realmente importasse a respeito do Canadá...

Consegui um estágio meio informal na Universidade de Montreal, graça a um contato direto com um professor de lá, Giles Dussault, além de uma técnica do Ministério de Relações Exteriores do Quebec, Lise Gravel. Contratei uma professora de francês no Rio, onde eu morava então, e durante aproximadamente um mês tentei me aprofundar no idioma, retomando algo que eu interrompera um quarto de século antes, no Colégio Estadual, com Ana Mazur Spira. Mesmo assim, meu primeiro contato com o país e com a língua foi chocante. No aeroporto de Montreal, quando o sujeito da imigração me fez uma pergunta banal, do tipo *combien de jours est'ce que vous resterez ici*, eu já embananei, até porque minha primeira indagação, íntima, foi algo como: *que língua será essa que me parece familiar, mas da qual eu não entendo patavina...*

Sim, porque o primeiro desafio no Quebec é a língua, que mesmo os franceses originais às vezes têm dificuldade de compreender. As coisas por lá soam mais ou menos assim: *chuí arivê a landzi* significa *je suis arrivé a lundi*, enquanto *letó ce mó* é o mesmo que *l'Etat ces't moi*. Mas no final eu estava conversando e entendendo até razoavelmente bem, não exatamente os telejornais, mas pelo menos as entrevistas que fiz, como parte de um projeto de estudos que submeti a Gilles e Lise. Os franceses acham graça, pois dizem que os canadenses *quebecois* têm uma maneira *antiga* ou *demodée* de falar.

Como definir o Canadá? Que é um país bonito e pacífico todos já o sabemos, mas gostaria de trazer aqui algumas visões impressionistas a respeito do que vi, sem maior compromisso com alguma forma profunda de interpretação política, social ou antropológica, por me falecer autoridade para tanto.

Eu fui lá para entender o sistema de saúde, mas logo pude ver coisas especiais, difíceis de comparar com o que via no Brasil, mas mesmo assim muito esclarecedoras. Por exemplo: eu consegui uma abertura para estar presente em reunião de um *Conseil* de saúde. Lá estavam, além da diretora do que seria aqui um Departamento Regional de Saúde, dois ou três assessores e no máximo uns dez conselheiros, representando associações diversas (moradores, portadores de patologias) e também de instituições filantrópicas prestadoras de serviços ao sistema de saúde, estes últimos, aliás, majoritários. Tudo muito calmo e organizado. Um relatório impresso estava disposto à frente de cada um na grande mesa redonda. A diretora faz uma apresentação com power-point (novidade total para mim àquela época), abordando exatamente o conteúdo do documento já entregue. Seguiram-se discussões, também ordenadas e tranqüilas, com duração máxima, todo o processo durando não mais do que uma hora e meia. Ao final foi oferecido um suco de uva com salgadinhos, depois beijinhos e *au revoir*...

Eu, subdesenvolvido em tal matéria, pensei comigo: *mas é apenas "isso" o que chamam de participação social aqui?* É que eu me lembrava da multiplicidade de atores, da balbúrdia e das disputas ideológicas que tais reuniões geralmente provocavam no Brasil. O que eu via ali, entretanto, não tinha nada disso. Na hora não entendi, mas apenas mais tarde: tais reuniões eram apenas *uma, e singular,* das múltiplas possibilidades de participação social no Canadá. Fora ela, havia o voto distrital, a imprensa mais imparcial que a nossa, os vários comitês participativos de políticas públicas e, principalmente, uma consciência política muito maior. Nenhuma presunção de que ali se daria o tal do "controle social" da saúde, como insistentemente se acredita no Brasil. E ponto.

Eu havia marcado uma entrevista com a diretora regional citada e para completar meu espanto narro uma das respostas dela. A pergunta era sobre a influência dos políticos no sistema de

saúde, feita por mim com a mente focada nos costumes brasileiros. Ela me olhou em tanto espantada: *Monsieur*, *a influência deles é total!* Mas antes que eu ficasse absolutamente perplexo, completou: *não são eles que fazem as leis? Nós temos que cumprir*...

O pacífico Canadá já se meteu em guerras? Claro que sim, mas ao que parece sempre arrastado por outros países. Até na guerra do Boers, no início século XX, na remota África, estiveram, pois afinal pertenciam (e ainda pertencem) à tal da *British Commonwealth* – coisa que não os deixa muito felizes. Na Segunda Guerra Mundial morreram, proporcionalmente, mais canadenses do que americanos. Mas, acreditem, quando estive por lá, em 1991 havia uma guerra declarada!

A situação era a seguinte: um grupo indígena da fronteira com os EUA, denominado *Oká*, aparentados com os antigos moicanos, depois de ser pilhado com frequência em tretas de contrabando de veículos, bebida e cigarros, devidamente apoiado pelos irmãos de sangue do outro lado da fronteira, foi autuado pelo fisco canadense com multas pesadas. De imediato, argumentaram: aqui é nossa "nação" e vocês não têm o direito etc. Depois de certo tempo a paciência do *Leão* canadense se esgotou e fecharam a fronteira. A nação Oká declarou, então, guerra ao Canadá! E como guerra é guerra os tanques canadenses vieram e estacionaram na "fronteira". O que assisti nessa guerra brancaleônica foi apenas o que a TV mostrou. Mas me chamou atenção, por exemplo, o médico indígena, canadense típico de classe média, cercado de todo conforto da civilização, chegar em casa, despir-se do jaleco e ser preparado pela esposa, com pintura facial e arranjo de cabelo para cima com gel, e assim tomar o rumo das trincheiras indígenas. Em Montreal, por duas vezes, pude ver um condutor do metrô, indígena, também paramentado para a batalha. Mas sem se deslocar do seu posto, pois se o fizesse, a demissão – ou, pelo menos, o ponto cortado – seria fatal.

Resultado da guerra: ninguém matou, ninguém morreu. Os okás devem ter saído fortalecidos, mas não sem antes fazerem suas concessões ao fisco. E o que seria mais importante: continuaram sendo minorias, portadores de direitos e de uma cultura própria, respeitados pelos demais cidadãos, sem capangas a lhes ameaçar a vida, sem militares a lhes enxer a cabeça de besteira, sem garimpeiros a lhes envenenarem os rios, sem ideológicos militantes brancos a falar em nome deles.

Se estes exemplos não bastarem para definir o Canadá e seus habitantes, trago mais alguns. Por exemplo, o fato de ter lido em primeira página de jornal uma notícia de que uma pobre mulher havia levado uma surra do marido em alguma periferia de Montreal. Na primeira página! Se fosse um costume brasileiro, os jornais daqui teriam como caderno inicial um tipo de "classificados", como longas listas diárias de "Antônia" a "Zulmira", com certeza... Nos restaurantes, o silêncio é tão grande, que as pessoas conversam quase *tête a tête*, para não perturbarem os outros. Ao ver duplas de homens em almoços, confesso que cheguei a pensar que se tratavam de casais gays, não de simples amigos hetero, tal a proximidade dos rostos nas conversas. E para completar o quadro impressionista: a família islâmica em um final de semana no metrô, pai, mãe, três ou quatro filhos, todos vestidos a caráter, à moda egípcia, absolutamente tranqüilos e incorporados à paisagem humana que os cercava.

Dizem que na política, na culinária e no relevo o Canadá é um país absolutamente monótono e previsível. Não sei se concordo totalmente. Na culinária, há menos dúvidas, pois tirando a *soupe a l'oignon quebecois*, de resto tipicamente francesa, o resto é comida americana regada a muito ketchup. No relevo, é bom lembrar das Montanhas Rochosas, distantes das regiões costeiras mais populosas, mas ainda assim pertencentes ao grande país. Na política talvez seja isso mesmo, mas quem sabe seria uma vantagem, não uma desgraça? Talvez, longe da ideologia

militante partidária, o que prevaleça nos políticos, nos partidos, nos parlamentos e nos eleitores seja um sentimento de *fazer o melhor para o bem coletivo.* Simples assim.

Aliás, em um belo domingo de novembro, andando por Montreal, eu descobri que era dia de eleições legislativas, as quais, diga-se de passagem, são aquelas que definem tudo na política canadense, dado vigorar ali um regime parlamentarista. E só pude perceber que era dia tçao importante porque havia alguns cartazes com cavaletes nas ruas, com aquelas caras manjadas de políticos sorridentes e confiantes, com uma breve menção à sigla partidária, cargo almejado e mais nada; nada de papéis pelo chão, de cartazes em postes, de out-doors. Nos dias anteriores imediatos não tinha visto, também, propaganda, fosse gratuita ou aparentemente paga, na TV. Aquele domingo era um dia absolutamente normal na vida dos cidadãos, pois sendo o próprio voto não compulsório, só estava nas ruas quem se dispusesse a tanto. Confirmei uma impressão que já tinha sobre a política brasileira, dominada pelos "comícios" de todo tipo, além da compulsoriedade do voto. Afinal, *comicial*, em termos médicos, é palavra que designa os estados convulsivos, que cabe debelar... A política canadense pode ser monótona, de fato, mas pelo menos não é circense nem comicial...

Também nos domingos, me chamou atenção em Montreal, pelo menos na região da cidade onde eu me encontrava, o predomínio católico. Há igrejas para todo lado e dedicadas a diversos santos, da mesma forma que nomes de logradouros e cidades: *Joseph, Jean, Catherine, Flavien, Marie Goretti, Sebastien, Christophe, Bon Dieu* e por aí vai. E são igrejas frequentadas pelo conjunto das famílias, pais, filhos e avós, em trajes quase de gala, dando aos domingos, em torno de dez horas da manhã, uma movimentação especial, que me fizeram lembrar das missas de minha infância, em São Cristóvão, São Sebastião do Barro Preto ou Cura D'Ars, no Prado. Em outras partes da cidade pontificam as igrejas protestantes tradicionais, talvez com domínio Anglicano, além de sinagogas e mesquitas. Tudo em santa e perfeita paz. Depois daquele onze de setembro, sei não, pode ter mudado...

Quando estive no Canadá o filme *As invasões bárbaras*, de Dennis Arcand, ainda não fora produzido. Eu só o vi dez anos depois. Eu o colocaria dentro da dúzia de melhores que já tenha visto, não tanto por me trazer de volta o país que eu tanto apreciara antes, mas pela delicadeza em tratar o drama humano da despedida da vida. Desde então se tornou um símbolo para mim, aquele professor *quebecois* em seu leito de morte, rodeado pelas ex-mulheres, filho e nora, além dos amigos da vida a fora. Cena especial foi a dos ex-alunos que o visitaram no hospital (depois se vê que devidamente subsidiados pelo filho *yuppie*), que também o emocionam, mas que na verdade faziam parte de um quadro aflitivo para o personagem, dada a indiferença, o distanciamento e o olhar cinzento e perdido no longe que faziam tais figuras durante as aulas. Tal cena me colocou uma ideia fixa na cabeça, da qual só me livrei quando fiz o que ela me sugeria: aposentar-me da carreira de professor na UnB, onde o tal olhar cinzento e tal indiferença eram regra geral. E quem sabe – mas espero que isso demore a chegar – merecer um ritual de despedida como o daquele homem!

Eu trouxe o filme até aqui para comentar, de passagem, uma de suas mensagens: a da falência relativa daquele sistema de saúde que eu tanto admirava e que me serviu de referência para meus estudos de dez anos antes. Com efeito, o hospital canadense em que se interna o personagem é vítima de uma série de problemas, tais como burocratização, desleixo e, principalmente, estar sendo vítima da *invasão bárbara* de um sindicalismo selvagem e ávido por resultados corporativos, ignorando o interesse geral. Pensando bem, o SUS, trinta anos depois de sua criação, percorre caminhos semelhantes. Mas ao contrário de sua contraparte canadense, não chegou a conhecer anos gloriosos.

Lado pitoresco do Canadá, às vezes até meio chatinho, é ser país em que o *politicamente correto* assume foros de compulsoriedade. Acho que foi de lá que veio aquele horrendo – e felizmente já fora de moda – *bom dia a todos e todas* que nos assolou por aqui. A turma no Quebec, por exemplo, ao fazer a uma saudação de uma platéia de estudantes, não deixa por menos, ao se referir a eles como *etudiants et etudiantes*, embora a pronúncia das duas palavras seja praticamente a mesma em francês. Mas respeito é bom e aquela gente gosta... E neste aspecto á bacana ver a preocupação geral com a informação aos *citoyens usagers* dos serviços públicos. No Canadá, a começar das embalagens dos produtos, de pastas de dentes e refrigerantes até os manuais complexos dos equipamentos de informática – é tudo compulsoriamente bilíngüe! Nas unidades de saúde me fartei em recolher folders, folhetos e outros tipos de materiais também bilíngües, muito bem impressos, para levar de lembrança e mesmo me inspirar, a começar por uma inédita (para nós) *Chart des Usagers*, na qual todos ficam sabendo do que é oferecido ali, dos direitos dos que frequentam o serviço, para onde dirigir reclamações, além dos nomes dos responsáveis e demais membros das equipes locais. Achei refinado e de muito bom gosto, também, o costume de que, na porta dos serviços públicos, de qualquer natureza (e mesmo na Universidade de Montreal, que é pública, mas não estatal) estarem afixados as fotos (sempre sorridentes) dos que ali trabalham, com os nomes e funções. Um dia, quem sabe, nós *todos e todas, brasileiros e brasileiras,* chegaremos lá, sem frescuras, sem empulhações.

É claro que em um país assim as mulheres estarão sempre *prenhes* de direitos, sem duplo sentido. E nesse campo constatei algumas curiosidades também. Por exemplo, que a profissão de motorista de ônibus é mais feminina do que masculina. É bem verdade que aqueles monstros que urram pelas ruas são tão maleáveis como automóveis, com seus câmbios automáticos e direções hidráulicas. E o que distingue "as motoristas" de seus colegas machos é o uniforme azul em dois tons, quase igual nos dois gêneros, mas com o detalhe distintivo das blusinhas de mangas fofas e gravatas em laçada. Muito bonitinhas! Mas espero que esta expressão não seja considerada politicamente incorreta... E vale também anotar que só vi meninas jogando futebol (*soccer*). Os machinhos preferem a brutalidade do futebol americano, do *rugby* e do *hockey*, ao que parece.

Não posso deixar de registrar aqui os museus em que você não só pode, mas é convidado, a tocar e manusear algumas das peças expostas, muitas vezes "ocultas" dentro de gavetas e armários. É tudo lúdico, inclusive aquelas janelas nas profundezas da terra, nas estações de metrô e galerias subterrâneas, onde se podem ver e ler informações didáticas sobre as rochas assim expostas. Mas o melhor exemplo de tal espírito comunicativo e didático canadense me foi dada por uma cena do Museu de Ciência de Tecnologia de Toronto. Ali, em uma mostra sobre hábitos alimentares, dois carrinhos de supermercado estavam postados lado a lado para comprar o *modus* de consumo canadense com o africano, em determinado período de tempo. Um carrinho cheio de folhas, raízes, frutos e legumes; o outro com uma pilha interminável de caixas e outras embalagens de alimentos industrializados, tão grande que ia até o teto, seis ou oito metros acima, e mesmo o perfurava... Mas o melhor estava por vir: a caixinha de vidro com exemplares comparativos de *fezes* – sim, isso mesmo! – de um canadense e de um africano, espetáculo ganho por este último com larga margem de gramas e centímetros... Sem faltar a devida explicação em termos de teor de fibras na dieta. Porque no Canadá é assim: tudo muito bem explicadinho!

Ville de Quebec é a capital da Província francófona. Muita gente pensa que é Montreal, mas esta é apenas a cidade maior. O poder político parlamentarista reside na Ville, com seus três ou mais poderes. Gracinha de cidade, cercada por muralhas, com suas casas de águas furtadas e mansardas, todas de no máximo quatro andares. O *Chateau Frontenac*, possível réplica de algo *Outre-Mer*, hoje um hotel, domina o cenário. Diárias de uma ou mais centenas de dólares, para quem se habilitar. Cena inesquecível de Quebec: a estátua de um combatente canadense na

estranha Guerra do Boers, ao lado da odiada Inglaterra, coberta por uma grande lata de lixo emborcada sobre ela, tendo ao seu redor o conteúdo do recipiente devidamente espalhado. Fiquei sabendo que se tratava de uma "comemoração" anual, ligada ao aniversário do erguimento de tal monumento. Na mesma praça, em ambiente um tanto desleixado e trágico, seringas descartáveis jogadas por todo lado, resultado da política de *redução de danos* para os *clochards* marginalizados que ali faziam ponto.

O Canadá ainda me mostrou mais. A viagem de Quebec até Tadoussac, uns trezentos quilômetros ao norte, me apresentou ao país profundo, com as estradinhas de terra pelas quais circulavam velhas camionetes e caminhões carregados de lenha para abastecer as lareiras no inverno que se aproximava. E mais: as pessoas sentadas em cadeiras postas nas calçadas, em papos coletivos, aproveitando as últimas semanas do Outono, antes que o terrível frio polar chegasse. E aquelas cidadezinhas tão organizadas, mas ao mesmo tempo bucólicas e despretensiosas, quase sempre cortadas pelas estradas, mas sem a presença de um único quebra-molas, eis que lá os imprudentes ou não existem ou têm muito medo da Lei...

Finalizando, acho que das viagens que fiz na vida, que não foram poucas, duas me marcaram profundamente: aquela aos EUA, em 1970 e esta ao Quebec, vinte anos depois. Na primeira, conheci a vida fora do Brasil, numa época que a juventude me permitia absorver tudo, com alegria, excitação e até certo *furor*, mas de modo menos crítico ou profundo. Não foi a toa que minha amiga Lia Ribeiro me disse, na ocasião, que eu tinha sido "contaminado" (ou algo assim) pelo Tio Sam. Ao Canadá, todavia, eu fui com mais de quarenta anos. E minha maior maturidade me permitiu ver ali, de fato, um país em que qualquer um gostaria de ver o Brasil um dia espelhado. Mas já se vão quase trinta anos dessa segunda viagem e o espelho parece ter se partido para sempre. Os canadenses se dão ao luxo de ter um Trudeau jovem, contemporâneo e respeitado no Poder. Os Estados Unidos, no lugar disso, têm um Trump paleozóico. Já nós brasileiros que tínhamos tudo a *Temer*, alcançamos o inominável... E assim chegamos onde estamos, a anos luz de exemplos civilizados, com tristeza e vergonha cada vez maior. No Canadá, apesar das mudanças globais, os imigrantes, pelo que sabemos, ainda são acolhidos e respeitados; nos EUA enfrentam um muro simbólico e já em fase de se tornar concreto; aqui começam a ser molestados pelos *bossais-natos*.

Como dizia o mestre Rosa: *o mundo não muda nada; apenas vai ficando piorzinho*. Espero que o Canadá continue sendo uma exceção...

NA VELHA INGLATERRA

Assim como em 1970 e 1990, datas de viagens marcantes que fiz aos EUA e Canadá, em 1993 estive por quinze dias na Inglaterra, desta vez em missão de trabalho, pelo Ministério da Saúde. Se houve resultados práticos para o SUS desta viagem não sei ao certo, pois estávamos em época de troca-troca de ministros (para variar) e não muito tempo depois mudou também o governo, de Itamar a FHC. Ainda me pergunto se alguma coisa teria sobrado desse contato, feito através de uma agência britânica de cooperação técnica *overseas.* Eu, pelo menos, espero que minha viagem tenha produzido resultados, pois não desejo carregar para o juízo final a culpa de ter gasto dinheiro em vão, seja ele brasileiro ou britânico. Mas o que quero falar agora é das descobertas e espantos de um brasileiro no Reino de Elizabeth.

A tal viagem teve um início momentoso. Eu havia passado o final de semana na Chapada dos Veadeiros, em meu sítio no Moinho, recém adquirido e era necessário estar em Brasília na

segunda feira, para comprar moeda e tomar outras providências relativas à viagem, cujo embarque se daria às três horas da tarde. Mas acontece que meu carro teve uma pane elétrica e assim tive que pegar emprestado de meu amigo Uiles Rosa um Chevette já vintenário – e assim só consegui sair de lá tarde da noite. Foi ainda preciso fazer escala técnica em São João da Aliança, pois o tal carrinho, apelidado carinhosamente pelo dono de *Jerry Gonça*, tossia e engasgava tal qual um portador de megaesôfago, de modo que achei mais prudente dormir no meio do caminho e prosseguir a viagem com o dia claro, já temendo o pior...

Com as primeiras luzes da segunda feira finalmente partimos, eu Luiza e Jerry, para chegar em Brasília ainda a tempo de fazer tudo o que era necessário e arrumar a mala, em minutos contados um a um. Finalmente, às três da tarde embarquei, fiz escala no Galeão e tomei o vôo da Iberia rumo a Heathrow, com breve parada e troca de avião em Madrid. Em Londres demorei quase uma hora para encontrar minha bagagem, em meio a uma multidão multicolorida, dentro da qual circulavam cidadãos cor de azeitona, louros quase albinos, amarelos orientais e negros de diversas tonalidades e vestimentas. Alguma coisa me evocou os tempos vitorianos, pois no conjunto dos países natais de quem estava ali o sol realmente nunca se punha.

Encontradas as malas, tomei a van da agência de cooperação, junto com um etíope e um egípcio que estavam ali pelo mesmo motivo que eu e finalmente pude conhecer uma parte de Londres, que me agradou muito, aliás, com seus prédios de tijolinhos, ônibus de dois andares e aqueles taxis pretos. Mas esta passagem foi bem curta para minha expectativa curiosa, durando apenas o trajeto de Heathrow à Victoria Station. E desembarcando nesta última nem pude apreciar direito sua magnífica arquitetura novecentista em aço, pois o trem para Manchester sairia, como pontualmente saiu, em breves minutos.

E assim, depois de um périplo por Alto Paraíso, Brasília, Rio de Janeiro e Londres pude respirar e conhecer a cidade berço da Revolução Industrial. Melhor dizendo, apenas ver alguma coisa pela janela do velho Austin, aquele simpático taxi negro inglês, porque depois de viajar por mais de vinte horas eu estava simplesmente esbodegado. E assim me recolhi aos aposentos de um hotel charmoso, embora velho e barato, onde me abrigaram. Ali achei que fazia jus a um bom banho de banheira e do pensamento passei à ação.

Quando finalmente relaxei na água quente pude me dar conta de que meu corpo era pasto de inumeráveis carrapatos, trazidos diretamente das macegas secas do Moinho. Eles já abandonavam o barco, de modo que não me foi difícil acabar de separá-los de mim, um a um. Quando terminei e me enxuguei é que percebi que eu tinha uma coceira dos diabos, coisa que até então não tinha percebido, dado o dia tão agitado. E deixei aqueles carrapatos ali mesmo, a rodopiarem na água que escoava pelo ralo da banheira, o que mais eu poderia fazer? Seria o caso de convocar a *Scotland Yard* sanitária deles?

Manchester é uma cidade velha e sem muitos prédios altos, apesar de ser uma das maiores da Inglaterra. Depois vi que isso é parte da paisagem deles. A conversação me foi um pouco difícil, pois o pessoal de lá carrega um *accent* da pesada, o tal do *cockney*, impenetrável para os menos esclarecidos, como eu. E na base dos gestos fui me virando, seja na portaria do hotel ou com os *bobbies* nas ruas, sempre simpáticos.

Minha companheira de missão, que havia embarcado uma semana antes de mim, para um seminário em York, *a velha,* era Patrícia Tavares, psicóloga carioca, que trabalhava junto comigo no Ministério da Saúde, de quem fiquei muito amigo. A maioria das atividades que desenvolvi na Inglaterra foram realizadas na agradável companhia dela. Era a primeira vez que Patrícia

estava no Reino de Dona Elizabeth, assim como eu, mas dominava a língua muito bem, do que muito me vali.

Em Manchester, visita obrigatória é ao museu da Revolução Industrial. Todas aquelas máquinas a vapor e mesmo suas sucessoras elétricas ou movidas a petróleo estão ali, praticamente em suas versões originais. Tudo dentro da fórmula que eu já havia visto nos museus do Canadá, ou seja, em mostruários interativos onde era possível, a maioria das vezes, tocar e fazer funcionar os objetos expostos. Prato cheio para um curioso como eu. No pátio das locomotivas me deleitei. Um exemplo da criatividade de tal museu era uma usina hidroelétrica instalada dentro de uma privada – isso mesmo! Você puxava a descarga de cordinha e a turbina geradora, instalada sobre o vaso, fazia acender uma lâmpada por alguns instantes. Mesmo alguém muito cru em compreensão de tecnologias seria capaz de sacar, de imediato, o mecanismo de um dispositivo assim.

Depois de uma das reuniões que tivemos em Manchester, com autoridades sanitárias locais, pegamos uma carona até o hotel com o diretor do hospital regional de lá, figura que no *National Health Sistem* tem grandes responsabilidades na política de saúde, mesmo em termos extra-municipais. Era um senhor simpático e falastrão, nada *british*, muito interessado no Brasil (muito além das bundas, ao que parecia...) e que nos crivou de perguntas sobre o SUS. Em dado momento, perguntei o que ele fazia na vida, antes de ser diretor de hospital. Sua resposta me surpreendeu: ele disse que era dono de um banco, ligado ao partido no poder (*Tory*), que por força de suas ligações políticas tinha agora um cargo de direção na saúde. Para um brasileiro, nada de anormal, em princípio, pois bem conhecemos, em nosso dia a dia, os muitos casos de militantes partidários que são premiados com cargos públicos. O que não se vê por aqui é um banqueiro aceitar algo assim, certamente com remuneração muito inferior ao que seria normal para ele.

Mas de toda forma nos tocou a sinceridade daquele homem, que garantiu estar cumprindo em sua missão no NHS apenas como um dever cívico e partidário, mas que gostaria de voltar a seus negócios tão logo fosse liberado. O fato é que o homem nos pareceu honesto e, no meu caso, só não fiz com ele um contato mais próximo porque me via um tanto assustado, assentado como estava no banco da frente do seu BMW, em posição que até então só tinha frequentado como motorista, ou seja, do lado esquerdo. E o tal banqueiro falastrão era um furacão no volante! Quem nunca passou por isso não pode imaginar como é estranho, procurar – sem achar – o freio ou o volante a cada arrancada ou curva do veículo...

Hotel St. Gilles, em Londres. O ponto é nobre, quase na Oxford Street, com suas muitas livrarias, restaurantes e lojas chiques, inclusive especializadas em guarda-chuvas (coisa de ingleses), além de entradas para o *underground* (metrô). É preciso cuidado para atravessar, não só esta rua como todas as demais no Reino Unido, pois os carros sempre vêm do lado pelo qual não são esperados. Eu mesmo quase fui atropelado. No St. Gilles um daqueles brasileiros furões, padrão Jean Charles, nos saldou já no primeiro café da manhã e cuidou de nós como se nos conhecesse desde sempre. E ainda admoestava seu colega paquistanês ou indiano: *Ahmed, take care of the brazilian people*! Na madrugada tocou um alarme de incêndio no hotel, o que fez minha amiga Patrícia sair sobressaltada e descabelada pelos corredores e correr até o meu quarto, para nos safarmos juntos. Mas era alarme falso, embora traduzindo a verdadeira neurose com incêndios que os ingleses têm. Devem ter suas razões, sem dúvida.

Marca registrada de Londres é a gravação monótona e repetitiva que se ouve no *underground*, quando você entra nos vagões: *mind the gap, mind the gap, mind the gap*, que lembra um bingo modorrento. O formato dos trens e dos túneis, que se referem ao seu outro nome local, *The*

Tube, associado à cantilena a respeito dos espaços entre os vagões e as plataformas, não tornam o ambiente muito acolhedor, ali debaixo do solo. Como minha amiga um dia se recusasse a *entrar pelo cano* daquela maneira, tive que lhe prestar ajuda não muito cortês, aplicando-lhe um bom empurrão seguido de uma puxada para dentro do vagão, caso contrário ela se partiria ao meio quando o trem se movesse. Mas fui perdoado após alguns minutos de amuo (compreensível).

Na Oxford Street fiz duas das compras mais significativas de minha excursão britânica: o disco de trinta anos de carreira de Bob Dylan, que ainda não havia sido lançado no Brasil e uma *hurricane lamp* naval legítima, que ainda hoje enfeita minha coleção de lampiões. No mercado de Camdem Lock comprei uma camisa pólo de manga comprida, de marca Gap que me acompanha até hoje, mais vinte e cinco anos depois. Deve ser legítima.

Em viagem de trem a Souhthampton, ao sul de Londres, para um encontro de trabalho, pude ver com mais detalhe uma das maravilhas da ilha: o campo inglês. Verde como o mar da Bahia, segundo Gil. Disposto em colinas suaves, com graciosos muros de pedra, casinhas brancas de telhado alto e janelas quadriculadas, pequenos canais de navegação cortando a planura por toda a parte, repleto de ovelhinhas – uma graça. Vê-se que mora muita gente ali, mas sempre em casas afastadas umas das outras ou em aldeias minúsculas. Eu já conhecia tal paisagem dos romances de A. J. Cronin e foi um prazer ter este contato "pessoal" com ela.

No nosso último dia na capital, Patrícia me convidou para acompanhá-la a visitar dois de seus ídolos, Freud e Marx. A casa do primeiro e o túmulo do segundo. O tempo, de chuva fria já ameaçando um *fog,* não ajudava muito, mas fomos assim mesmo. Depois de diversas trocas de estações *in the tube*, desembarcamos na esquina freudiana. Para desgosto de minha amiga, a casa estava fechada para reformas e totalmente coberta de tapumes. O remédio era ir agora ao cemitério marxiano, conhecido como Highgate. E depois de voltas e mais voltas no *underground* lá chegamos. Mas era tarde e o lugar já estava fechado para visitas, permitindo só a permanência dos moradores àquela altura do dia. Da porta pudemos vislumbrar a paisagem belíssima em que o velho Marx descansava de sua vida sofrida e laboriosa. Fazer o quê? Voltar à *City* foi a nossa decisão e por sorte vimos que a linha do metrô tinha agora uma parada na Oxford Street, próximo ao nosso hotel. Lá chegando, ao voltar à superfície, constatamos que estávamos frente a um pub dos mais simpáticos e tradicionais – *The Red Lion Tavern*. Entramos, tomamos mesa para saborear uma Guiness e verificamos que a um metro acima de nossas cabeças um senhor de cabeleira farta e cenho carregado nos observava, de dentro de um grande quadro na parede. E em uma pequena placa de bronze vinha a explicação: *Just in this tavern, Karl Marx wrotes The Communist Party Manifesto.* Precisaria de algo melhor para completar o dia?

***

Esta história tão singela ainda me trouxe alegrias e surpresas quase vinte e cinco anos depois de ocorrida. Foi o seguinte: logo depois de escrever o texto, me bateu uma enorme saudade de Patrícia Tavares, a quem não vejo pessoalmente faz alguns anos (embora volta e meia tenha notícias dela e até mesmo trocamos alguns comentários nas "redes"). Resolvi, então, compartilhar com ela o escrito e algumas horas depois já tinha a resposta, que me emocionou muito. A seguinte:

Querido, amei!!! Tenho tão boas recordações daquela viagem. Uma delas é quando estávamos acho que no National Museum e novamente soou o alarme de incêndio. Eu como sempre apavorada fui atrás de você para sairmos do prédio. Quando te encontrei, você falou: "Agora

que cheguei na galeria do Rembrandt não saio nem morto". E lá fui eu apavorada para fora do Museu, constatar minutos depois que era um alarme falso. E assim eu perdi o prazer de contemplar as obras do Rembrandt...

Outro momento que não sei se te contei foi, acho, que no último dia da viagem. Decidimos nos separar porque queríamos aproveitar os últimos minutos com atividades diferentes e marcamos de nos encontrar depois. Creio que foi nesse dia que ao nos reencontrarmos, fizemos uma caminhada a beira do Rio, onde havia várias obras de artistas expostas ao ar livre. Depois daquela caminhada em paz, lado a lado, sentamos num café e ficamos apreciando a paisagem e as pessoas. Naquele momento vivi uma sensação típica de momentos de plenitude, que tive algumas vezes nessa já longa vida, em que penso: "se morresse nesse minuto, morreria feliz". Obrigada pelas lembranças dessa viagem que consolidou nossa amizade e por suas manifestações de afeto que dela resultaram em momentos muito importantes da minha vida. Beijos e estou louca para ler o livro.

CONHECENDO O MAR

Eu me lembro, ali pelos meus doze ou treze anos do dia em que meu pai nos comunicou, bem feliz, que havia ligado para seu parente (distante) Joaquim Machado, morador em São Paulo, comunicando-o que ia levar toda a família para passar uns dias na casa dele, a fim de que nós, crianças (já éramos nada menos do que cinco), conhecêssemos, além das belezas da Paulicéia, nada mais que ele mesmo: o *mar,* em Santos.

E arrematava: *ele estava tão feliz com a notícia que até ficou mudo, de surpresa.* Já na época eu achei que tal fato poderia ter provocado no primo Joaquim uma baita *surpresa*, mas quanto a *felicidade*, tenho minhas dúvidas...

E lá fomos nós, agora em uma reluzente Vemaguete, novinha quase-em-folha, pela Fernão Dias, igualmente nova e pouco trilhada na ocasião. Tudo era novidade para nós, que por tal caminho ainda não havíamos passado de Betim, bem nas cercanias de BH. E assim fomos desbravando o vasto Sul de Minas, passando por cidades ainda não sonhadas, como Oliveira, Perdões, São Gonçalo do Sapucaí, Extrema, Camanducaia, Bragança Paulista e muitas outras. Cito assim nominalmente porque fazia parte do roteiro entrar em cada uma delas, para que meu pai especulasse se havia parentes ou colegas de colégio extraviados por ali.

Em Perdões, por exemplo, fomos visitar uma moradia que era alvo de romarias desde que um desenho natural na madeira de uma cama, usada por uma velhinha já falecida, figurava uma Nossa Senhora, de cuja face escorria uma espécie de lágrima avermelhada. Em Bragança, aproveitamos para cortar o cabelo. Afinal, alguma coisa prática tinha que suceder naquelas visitas.

Apoteótica foi a chegada a Sampa. Nós nunca tínhamos visto prédios tão grandes, ruas tão movimentadas, pessoas tão agasalhadas, tantos túneis e viadutos por todo lado, além de um jeito prá lá de esquisito de falar. E mais um estranho refrigerante chamado simples e misteriosamente de “7Up”. Mais ainda nos extasiamos ao chegar à casa de Joaquim e Germana, com seu mimado filho único Joaquim Carlos. Aquilo era um paraíso de consumo, mostruário de objetos extraordinários, onde havia até – imaginem! – sorvete na geladeira, à disposição de quem quisesse experimentar, a qualquer hora. Uau! É claro que tal luxo, oferecido assim de mão cheia, nos foi vedado de imediato por minha mãe, apesar da oferta gentil da dona da casa.

E o show de maravilhas continuou, com visitas ao Pacaembu, às lojas Mappin, ao Anhagabaú, às avenidas Paulista e São João, ao Ibirapuera e a uma sessão de Cinerama, para não falar do mar em Santos, que merece um novo parágrafo. Aquela cidade era realmente extraordinária, embora não houvesse, ainda, para nenhum de nós, a sua *mais completa tradução,* Rita Lee...

Ir a Santos, até hoje, acho um espetáculo maravilhoso, principalmente quando olhamos, não pelas janelas laterais dos ônibus ou dos automóveis, mas para frente. Com efeito, é melhor fingir que não se vê as chaminés e as favelas do ABC ou de Cubatão, para se concentrar no que realmente interessa, o glorioso espetáculo do mar, principalmente quando se o observa pela primeira vez; mar que já nos toca e sensibiliza desde os altos daquele Planalto de Piratininga.

E fomos todos para a praia, os sete mineirinhos e mais o casal paulistano com seu filho, espremidos (não sei como, só sei que foi assim...) em um único carro, desta vez o Chevrolet Bel Air de Joaquim Machado.

A primeira lembrança que tenho do mar não é exatamente sua visão de perto, mas sim de seu cheiro, que parecia nos entrar não apenas pelas narinas, mas por todo o corpo. A sensação, ainda hoje presente em mim, é a de que nossa pele condensa aquele ar especial e o faz penetrar pelos poros e só assim chegando às narinas, numa autêntica subversão da fisiologia. Algo pegajoso, mas totalmente bem-vindo, pelo menos na primeira vez que é sentido. Mas sem nenhuma *fisiolosofia*: não dá para esquecer de um momento como aquele! E logo em seguida, além de cheirá-lo e senti-lo com todo o corpo, pudemos também prová-lo. No fundo, no fundo, mesmo sabendo de tudo, não há quem se espante de sentir, com a língua, que o tal mar é realmente ... salgado.

E que importavam aquelas manchinhas de óleo que nos grudaram na pele e nem mesmo o tom de camarões fritos que adquirimos ao fim de algumas horas de sol forte. Que doesse! Se o preço que o mar nos cobrava para conhecê-lo era só esse, estávamos quites e satisfeitos. E que viesse mais.

E ainda vieram a visita à Ilha Porchat, a circulada pela avenida costeira, o aquário, a vista dos navios no porto, os velhos prédios centrais. Era muita novidade para um bando de mineirinhos.

Na volta, pela mesma Via Anchieta, parecíamos personagens daquele quadro duplo de Norman Rockwell, que retrata uma família na ida e na volta de um dia no campo. Cada um tombado em seu canto. Só faltou o cãozinho preto. Mas também nem havia lugar para tal personagem.

APENAS UMA FOTOGRAFIA NA PAREDE

Frequentei Itabira na minha primeira infância, por volta de 1954 ou 1955, passando dias memoráveis na casa de meus tios Virgílio e Marita. Depois, talvez pelos compromissos de meu pai, iniciando negócio próprio no ramo do transporte coletivo, ficamos alguns anos sem aparecer por lá. Em 1961 ou 62, retornamos.

O velho Oldsmobile – aliás, nem tão velho assim, talvez nem tivesse uma década de serviços prestados na ocasião – foi convocado e seguimos pela BR-262, recém-inaugurada, família completa, casal e cinco pimpolhos. A viagem foi *sopa*, como se dizia então. Com efeito, as penosas seis ou mesmo oito horas dos tempos antigos, agora, pelo asfalto se resolviam em duas horas, ou até menos, dependendo de quão afoito fosse o motorista. Assim, a meros sessenta

quilômetros de BH, ao se dobrar a Serra do Espinhaço, no município de José de Melo, já era possível avistar o Pico da Conceição, um dos marcos de Itabira, que a Vale não conseguiu demolir. Daí, em pouco mais de quarenta minutos, já se adentrava em minha cidade natal.

Uma cena da chegada me marcou a memória. Já havíamos passado pela entrada da Mina da Conceição, onde meus pais e eu mesmo, com menos de um ano de idade, moramos por algum tempo, quando minha mãe exclamou: *céus, o Cauê desapareceu!* Com efeito, o pico que dominava o cenário da cidade ainda nos anos próximos ao meu nascimento, havia simplesmente *sovertido*. O que havia em seu lugar era uma vasta plataforma, meio tapada pela poeira levantada pelos poderosos caminhões off-*road,* em seu afã de remover o minério até depositá-lo estrepitosamente nos longos trens da Vitória-Minas. Tudo em modo *titânico*.

Eu que ainda poucos anos antes estivera várias vezes na cidade, já tinha dificuldades em reconhecê-la. É bem verdade que a casa de meus tios ainda estava como dantes, no mesmo caminho da Água Santa, com seu açude minimalista onde Virgílio criava suas rãs. Mas aquelas velhas ruas guarnecidas por vistosos casarões, com seus calçamentos de pedras vivas e brutas de hematita que se enferrujavam depois das chuvas, já eram agora asfaltadas. E me impressionei com o fato de meu pai ainda ser reconhecido por onde passava, pois eu o achava completamente diferente daquelas fotografias que o mostravam nos anos da juventude.

Acho que foi um grande reencontro para mim, que transformei aquela cidade antes remota em algo mais próximo e familiar, idealizando-a como *aldeia ancestral*, algo que talvez já me fizesse falta, por algum traço profundo de personalidade ou por ser um canceriano – sei lá... Mas o que sei é que apreciei a experiência de tal forma que, nos anos seguintes, já liberado para viajar sozinho e acossado pelos hormônios da adolescência, passei a cultivar tais *doces lembranças itabiranas*, fazendo da cidade uma *praça de convites* (conforme disse Drummond) , ou seja, palco de ingênuas namoricos e paqueras, celebrados naquele *footing* entre a praça de Batistinha e o Clube Atlético Itabirano.

Mas como acontece na vida de muitos, um dia me cansei daquilo tudo. Eu já tinha meus dezoito anos e agora frequentava Itabira na companhia de dois irmãos, meus amigos, que também ali tinham raízes, Lulu e Taquinho Bretas. Estes eram dois caras vividos, enturmados, namoradores. Iam com frequência à cidade, onde tinham primos e principalmente primas, além de diversos amigos. Eu, na ocasião, só tinha lá meu tio Heraldo, com bons primos-amigos, mas com cuja mãe eu não me dava muito bem. E foi assim que em um jogo de vôlei na rua, com as incontáveis amigas dos Bretas, uma delas se riu com as minhas *furadas* com a bola, objeto este, aliás, com o qual eu nunca tive qualquer intimidade, fosse com os pés ou com as mãos. Ofendido, me retirei dali, passei na casa de meu tio, peguei minhas coisas e me mandei para BH, para somente voltar a Itabira muitos e muitos anos depois.

Hoje prefiro cultivar esta cidade como uma fotografia na parede. E não dói nada...

ME IN USA

Em 1970 entrei numa seleção de uma tal Associação Universitária Interamericana (AUI) para uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, com direito a seminários em Harvard e, contra todas as expectativas, inclusive as minhas, fui aprovado. Isso virou minha cabeça. Até então eu não havia saído do Brasil e nem tomado um avião. Aconteceu tudo de uma vez só. Tampouco falava

inglês, a não ser rudimentarmente e entendia menos ainda. Mas me virei por lá e até recebi elogios com as pessoas com que convivi, do tipo *fine*, *handsome, good guy*.

Esta AUI organizava estas iniciativas anualmente, desde os anos 60. O que se dizia, na época, é que era um projeto apoiado por fundações americanas, com as bênçãos do *New Left* abrigado no Partido Democrata, visando "fazer a cabeça" de jovens brasileiros no sentido da boa democracia liberal, que os americanos viam ameaçada em toda a América Latina depois da Revolução Cubana. Entre outros brasileiros ilustres que lá estiveram com a mesma bolsa, em épocas diferentes, cito Marco Maciel, Cristóvão Buarque e Alceu Valença, além de um punhado de pessoas que depois se tornaram ministros, embaixadores, juízes, desembargadores, políticos etc.

Durante os primeiros dez dias, fiquei hospedado na casa de uma família americana, em Fall River, nos arredores de Boston. Junto comigo um outro bolsista, este carioca. Gente boa os nossos hospedeiros, tanto os pais, na faixa dos 35 a 40 anos, como os filhos adolescentes ou pré-adolescentes. Quem não era lá essas coisas, ou melhor, um sacana completo, era o meu companheiro carioca, que dividiu o quarto comigo, e que logo que criou intimidade na casa passou a chamar para se deitar com ele debaixo das cobertas, de manhãzinha, uma das meninas da casa, de no máximo 12 anos. E a inocente atendia. Os pais não viam. Cheguei a falar com ele que isso não estava correto, ia dar bode. O bandido me respondeu algo como: *por que não experimenta, você também vai gostar...* A questão não teve maiores consequências, visíveis pelo menos, ao que parece, mas me deixou um sentimento ruim. Felizmente, na próxima etapa da viagem, em Cambridge, o safado ficou longe de mim, e sem acesso a meninazinhas como aquela de Fall River, que ele pudesse molestar.

Aqueles garotos de *Fall River* eram realmente da pá virada. Logo se afeiçoaram aos dois hóspedes brasileiros e passaram a nos acompanhar nos passeios pela cidade, nos apresentando à patota deles como verdadeiros troféus – e eu bem que me divertira com isso. Para me homenagear, roubaram uma placa de rua e me ofereceram. Ela está comigo até hoje e diz: *Meadow Road*, referindo-se a um nome de pássaro. Na casa vizinha morava uma família portuguesa, bem situada financeiramente (era um bairro de classe média alta), cujo pai se chamava Milton Rodrigues e os filhos, já na faixa dos 15 a 20 anos, tinham nomes portugueses também. O ramo de negócio deles era um *Funeral Services* e todos os membros davam expediente lá, num regime de total normalidade. Alguém tem que fazer tal serviço, afinal de contas. A curiosidade maior é que apenas Mr. Rodrigues falava português – e mal por sinal – pois já faziam parte, mesmo o chefe da família, de uma geração nascida na América. Tive a satisfação de conhecer, lamentavelmente apenas de forma superficial, uma lindíssima aeromoça da TAP, esta portuguesa legítima, hospedada com a família.

Nos EUA, eu e meus colegas bolsistas, vindos de todas as partes do Brasil, nos dedicamos a explorar o lado B americano. Bebíamos todas – e alguns de nós foram bem além disso! Mas a verdade é que da primeira Budweiser a gente logo esquece... Experimentei também umas coisinhas menos publicáveis, "fumáveis" em cachimbos de cerâmica, "*the grass*". Isso nos era trazido pelos adolescentes da casa onde eu me hospedara nos primeiros dias. Era tudo novidade para mim, pobre mineirinho inocente, inclusive isso! Mas na ocasião, já em Cambridge, tive a cautela e o bom senso de recusar um convite para um *mescal party*, que seria celebrado num apartamento nas alturas. Voo por voo eu já estava satisfeito com aquele da Varig.

A turma da AUI foi com sede ao pote. Garotas americanas disponíveis não faltavam. Afinal, lá a revolução dita sexual havia se antecipado à nossa em uma década ou mais. Mas havia também uma enorme transação entre nacionais mesmo, levando, inclusive, a algumas garotas bolsistas menos liberadas (ou mais ciosas de sua privacidade), a se assustarem e se revoltarem diante dos

estranhos movimentos rítmicos percebidos pelas madrugadas, no outro andar dos beliches que compartilhavam com colegas. De tais tertúlias juro que não participei, não por virtude, talvez, mas por falta de oportunidade. Mas de toda forma fiquei orgulhoso quando duas colegas, uma gaúcha e outra pernambucana, que algumas vezes me chamavam para sairmos juntos, me disseram que o faziam porque viam em mim uma pessoa educada, confiável, além de "civilizada" no quesito assédio. Sem esquecer da fábula da raposa diante das uvas (verdes), afianço que tal afirmativa foi para mim um grande elogio, pois fazia justiça a algo que eu exercia de forma intrinsecamente consciente, sem grande esforço.

Um belo dia, numa festa oferecida a nós por um grupo de brasileiros que já residiam em Boston, uma garota ítalo-americana, meio gordinha, se interessou por mim. E bem que rolaram uns beijinhos, mas nada mais. Chegando ao Brasil fiz questão de contar tal fato para minha namorada (e até hoje acho que não devia ter contado, pois tive muitos problemas com isso). Muito barulho por nada: Eliane era muito ciumenta.

Nos *States* conheci de perto o que era consumo. Só para dar um exemplo: na loja Macy's, de Nova Iorque, me deparei com uma estante de café, com caixinhas de vidro, onde o produto que para nós brasileiros era uma coisa só, ali estava organizado por origem, altitude, grau de torrefação, variedade etc. E tinha umas trinta caixinhas diferentes! Uau! Ali se podia comprar, também, mangas frescas do Himalaia e tâmaras do Egito. Aliás, acho que se podia comprar qualquer coisa que se pensasse.

Aproveitando o impulso, comprei também roupas diversas, dentro do padrão americano, que faziam grande sucesso no Brasil, tipo camisas xadrez, malhas, calça Lewi's. Em Nova Iorque, adquiri também uma bela bota, de couro camurçado, sola de borracha, de um tipo considerado sofisticado por aqui. Quando fui calçá-lo, já no alojamento da Columbia University, é que vi o selo de fabricação: *Made in Brazil*, mais exatamente em Franca, São Paulo. Viajar para tão longe para comprar um sapato brasileiro, vejam só...

Entre as minhas peripécias americanas, duas são de se contar para filhos e netos: assisti a um show de Tina & Ike Turner em Boston e, mais importante ainda, do quinteto de Dave Brubeck em pleno Central Park. Para quem nunca havia saído de BH...

A viagem, que se estendeu por Boston/Cambridge, onde participei de um seminário de três semanas na Universidade de Harvard, Nova Iorque e Washington, foi de fato uma coisa extraordinária para mim. O certificado que recebi da tradicional instituição há muito orna minha parede, mas muito mais do que isso eu trouxe de lá, o que poderia resumir como o contato com um mundo que não era de longe aquele que eu conhecida até então, mal saído da minha BH provinciana. Voltei de lá firmemente decidido a fazer uma pós-graduação no país, mas as circunstâncias me impuseram outros roteiros. Tudo bem, é a vida, é a vida e é a vida.

Trouxe alguma decepção também, não ligada ao *American Way of Life* diretamente, mas da própria convivência com a verdadeira horda de brasileiros que tive por companhia, para dizer pouco: ruidosos, pouco respeitosos, vandálicos às vezes. E aquela nata talvez fosse o que de melhor este pobre país tinha a oferecer, afinal, foram os oitenta que se sobressaíram entre milhares e milhares de inscritos no Edital da AUI. Moralismo à parte.

O DIA EM QUE CONHECI BRASÍLIA

O acontecimento culminante da década dos sessenta foi minha ida a Brasília, para ver a inauguração da cidade. Eis como eu contei o fato muitos anos depois, com o orgulho incontido de quem esteve lá, no estilo *meninos, eu vi*.

Entoando nosso hino, o "Rataplã do Arrebol", de cujas palavras ignorávamos o exato significado, nos arrancamos de BH em uma manhãzinha de abril de 1960. O caminhão Chevrolet *tinia* de novo (uma gíria da época) e levava nossa tropa, o Grupo Escoteiro do Colégio Estadual, para participar da inauguração de Brasília. Dentre nós, talvez, os mais viajados mal haviam passado de Lagoa Santa, ou adjacências, sempre em companhia dos pais.

Era tudo aventura, a começar pelo vento, que já à altura de Sete Lagoas havia destruído o toldo de lona posto sobre o caminhão e dispersado alguns dos chapéus de feltro, o que deixou seus donos inconsoláveis.

Em Três Marias paramos para comer, de marmita, pois naquele tempo não se conhecia *fast-food*, palavra que, aliás, soaria como um palavrão em língua gringa. Ali constatei, para meu dissabor, que a comida preparada com carinho por minha mãe, de véspera, simplesmente azedara, irremediavelmente. Um colega caridoso me ofereceu uma banana, com a casca já preta, a qual comi com gosto, o que fazer?

Chegamos esbodegados em Paracatu, já a tempo de dormir. Um Grupo Escolar foi nosso abrigo e ali o chão nos serviu de cama, sem direito a travesseiro e chuveiro, além daquela puxadinha de coberta, privilégio que ainda usufruíamos de parte de nossas mães. De madrugada, o Planalto Central logo nos mostrou sua inclemência, quase nos congelando.

E aquela estrada, meu Deus! Parecia que por mais que viajássemos, estávamos sempre no mesmo lugar... Repetiam-se, monotonamente, aqueles morrinhos em forma de mesa, o horizonte plano e distante, sem nossas montanhas familiares; e mais aquela vegetação retorcida e meio acinzentada do cerrado. Aqui e ali pessoas vendiam frutas estranhas, cascudas, coloridas, de cheiro ativo, que por vezes nos entrava pelas narinas mesmo na carroceria do Chevrolet, a toda velocidade.

Lembrança de Cristalina: filas de carros com os parabrisas quebrados pelo impacto dos cristais do cascalho fino que cobria o asfalto. E filas de vendedores de vidros automotivos, recém descobridores daquele filão de ganhar dinheiro, coisa rara naquele tempo e naquela região.

Brasília nos recebeu lá pelas onze horas da manhã, num calor de rachar, que nos fez sentir saudades do frio de Paracatu. Com os chapéus restantes e o nosso grito escoteiro – *arrê, arrê, arrê* – saudamos os Fuzileiros Navais que vinham a pé do Rio de Janeiro. A estátua gigantesca e esquisita, hoje conhecida como "Chifrudo", na entrada do DF, não nos augurou boa coisa.

Acampamos logo abaixo do Palácio do Planalto, monumento então tingido pela poeira vermelha, no meio do cerrado. Não havia banho. Para as necessidades mais imperiosas, o hediondo WC de uma cervejaria instalada num galpão provisório, ao lado do Palácio. Acabamos descobrindo uma adutora furada, ao lado da qual, meio atolados na lama, lavávamos as panelas, as cuecas e o corpo. No acampamento sem árvores já no primeiro dia estávamos à beira de uma insolação. À noite, um frio siberiano. Como se não bastasse, um "enxame" de carrapatos nos assolou, propiciando o intenso afazer de nos coçarmos, dia e noite.

Por muita teimosia voltei a Brasília - e para morar - muitos anos depois. Na adolescência, entretanto, só não corremos, eu e meus companheiros, de volta ao regaço materno, porque nossa querida BH ficava muito longe do terrível Planalto Central.

***

Brasília, onde já passei um terço da minha vida, já tem quase 60 anos. Constato com certa melancolia que muitos planos e ideais dos anos sessenta – tantos nossos como do Brasil – ficaram, definitivamente, para trás. Estar presente na cidade recém-nascida e ter vivido tal aventura foram algo épico para mim, que sobrevivi a essa viagem maluca e ainda tenho o lucro de poder contar esta história. Isso me faz pensar também no destino dessa cidade, muito querida, por vezes nem tanto. Onde e quando foi que ela capotou? Os anos sessenta nos trouxeram coisas marcantes, como a Bossa Nova, os Beatles, Che Guevara, além de algumas que já ficaram esquecidas, como a Vemaguete e o Renault Gordini... Outras, entretanto, permanecem presentes talvez para nos lembrar que nossos sonhos já foram mais generosos, como esta maltratada e agressiva Brasília de hoje.

Do escotismo guardo boas lembranças, embora minha carreira *sempre alerta* tenha sido curta, apenas dois anos ou menos. O grande evento foi, sem dúvida, a ida a Brasília, mas houve outros acampamentos memoráveis, na floresta de eucaliptos que havia – ou talvez ainda esteja lá – no entorno do Zoológico de Belo Horizonte. A nossa "tropa" era do bem e foram inesquecíveis aqueles *fogos de conselho* às noites, dos quais ainda sou capaz de repetir algumas brincadeiras e cânticos (por exemplo, o *kri-kré-krof*, que repassei aos meus filhos mais velhos e que eles ainda sabem de cor). As barracas precárias, de lona, sem o fundo contínuo com as paredes como aquelas que se vende até em supermercados hoje, mal afastavam o frio das noites, mas davam a seus habitantes a sensação de uma aventura sem precedentes.

UM GAROTO FORA DA PROVINCIA

Em meados da década dos 60, tive oportunidade de fazer duas viagens que, por assim dizer, ampliaram tremendamente o horizonte aberto pela ida a Brasília, para a monumental inauguração em 1960.

A primeira delas foi a São Paulo, em 1965. Alguma coisa aconteceu, de fato, para mim – e não foi só andar pela esquina da Ipiranga com a São João (a canção de Caetano ainda não tinha sido escrita ou, pelo menos, não era conhecida). Peguei um Cometa em Belo Horizonte, e – detalhe importante! – sozinho, cheguei a Sampa nas regulamentares nove horas depois. Na velha rodoviária da cidade, na região da Praça Tiradentes, lugar onde hoje ninguém, muito menos um menor, pode andar sem estar prevenido contra "fel, moléstia ou crime", desci do Cometa e entrei no ônibus para Mogi das Cruzes. A casa de meus tios Cicida e Alfredo Froes era meu destino, em São Miguel Paulista. Cheguei de noite e fui muito bem recebido, como não poderia deixar de ser. Meu tio Alfredo era um sujeito especial, mesmo com a idade que eu tinha já me tratava com honras de adulto – era tudo o que eu queria. Com poucos dias na casa deles, já familiarizado com o ambiente um tanto tosco de São Miguel, resolvi ampliar meus limites. Além disso, o casal já tinha três de seus cinco filhos, uma escadinha, todos pequenos e eu começava a querer respirar uma atmosfera mais descomprometida com querelas infantis e aquelas demandas reiteradas ao primo que veio de longe. Assim, depois de estudar com profundidade um mapa da cidade, devidamente amparado por Alfredo, um belo dia tomei um trem da Central do Brasil e parti da periferia para a Estação D. Pedro e depois o Anhagabaú.

Comecei pelo reconhecimento do terreno. Da Estação, explorei o grande parque e rumei ao Vale, registrando cuidadosamente o trajeto daquelas ruas estreitas que acabaram por me conduzir a Santa Ifigênia e ao Viaduto do Chá. Atravessei o soterrado riacho para conhecer o Teatro Municipal, o Largo do Arouche e a famosa esquina depois cantada por Caetano. Segui São João, subi Consolação e São Luiz, virei a Paulista. Achei que valia a pena voltar e o fiz também em outros dias, mudando meu objeto, da geografia urbana paulistana para a exploração cinematográfica. Juntei meus parcos trocados e assisti a uma maratona de filmes. Aquilo era encher a alma de cultura e informação.

Um dos filmes que assisti em Sampa, *Hatari*, de Howard Hawks, grande sucesso nos anos 60, de repente me provocou a fúria de ser do contra, pois era elogiadíssimo como comédia e como transposição do ambiente western para a África. John Wayne em um de seus papéis magistrais. Ao voltar a BH, dias depois, expus minha crítica ao cinéfilo Mario Alves Coutinho, que fazia trinca comigo e Tiago Veloso. O céu, simplesmente, ruiu sobre minha cabeça! Para meus amigos, *HatarI* era obra prima; para mim, porcaria. Não teve acordo possível, por pouco rompemos nossa forte amizade. Tenho vontade de ver a tal fita de novo. Quem sabe mudei de ideia?

Mas devo ter voltado a BH mais culto e mais sabido, com certeza.

Um ano depois, já com 17 anos (impressionante como um ano faz diferença nessa época de nossas vidas) fui conhecer o Rio de Janeiro. Obrigação de mineiro que se prezasse, claro. Ai, da primeira vez no Rio ninguém esquece! Achei a cidade pouco convidativa em matéria de odores e temperatura, mas o resto me encantou profundamente. Fiquei hospedado no apartamento, em Laranjeiras, de meus tios Aucélia e Roberto. Ali eu dispunha de mordomias e tenho especial lembrança da coleção de long-plays de clássicos que meu tio possuía e que foram logo colocados à minha disposição. De quebra, ainda tinha o proprietário dos discos, na volta para casa, como interlocutor qualificado a comentar comigo as obras que eu escutara antes dele chegar. Como todo bom iniciante, me amarrei em Vivaldi, não só nas Quatro Estações mas também nos *Concerti Grossi*, que eu logo trauteava com gosto e ardor de um velho conhecido. Inesquecível!

Eu já não estava tão ligado em cinema como no ano anterior. É bem verdade que agora tinha cinema à minha disposição – e sem sair de casa! Televisão? Não – algo muito melhor! É que meus tios moravam em uma rua estreita do bairro das Laranjeiras, General Glicério se não me falha a memória, e seu apartamento, em andar elevado, se situava numa muralha de edifícios que por sua vez ficava de frente (e de costas) para outras muralhas. Se você chegasse a uma janela qualquer, tinha visão imediata de algumas centenas de outras janelas, a partir de todos os ângulos do imóvel. E meu tio Roberto, militar reformado da FAB, era proprietário de um extraordinário binóculo. Assim…

Resumo da ópera, ou melhor, do filme: eu que nunca havia visto sequer uma dama de roupa íntima ao vivo, tinha agora à minha disposição dezenas delas, inclusive sem qualquer vestimenta, em total intimidade…

Se o Rio me marcou como um todo nessa primeira visita, as cenas paradisíacas que eu assisti marcaram mais ainda. Realmente não dá para esquecer.

PEQUENA HISTÓRIA CUBANA

Era 1982 um brasileiro ir a Cuba era uma aventura arriscada. Mas mesmo assim fomos, eu e Eliane, minha mulher, numa viagem sinuosa, passando primeiro pelo México. O visto, então, era um procedimento totalmente clandestino para nós brasileiros. Nada de carimbos! As próprias marcas do grampeador usado para prender em nossos passaportes um papelucho eram vistas com suspeita pelos agentes da ditadura. Ouvi mesmo falar de gente que teve que se explicar à Polícia Federal, já no desembarque, por conta daqueles dois furinhos...

A experiência exótica já começava no avião da Cubana de Aviación, um Tupolev russo de velha cepa, com rodas que incluíam, além dos três trens de pouco habituais, mais um extra, traseiro, que só tocava o chão quando o avião já estava quase parando na decolagem. No banco da frente um escritor uruguaio famoso, creio que Mario Benedetti, comunista, perseguido em seu país e certamente bem acolhido em Cuba. Boa parte dos passageiros era formada por cubanos de Miami, beneficiários de uma medida de boa vontade do regime, visitando parentes que ficaram para trás. O almoço era carne de porco em arroz, com muita banha, bem no estilo do interior do Brasil. As aeromoças não depilavam as axilas, sem deixar de ser bastante simpáticas.

Mas tudo isso é folclore, e não tem nada a ver com tal pequena história prometia no título desta crônica...

Um dos passeios obrigatórios em Havana, pelo menos na visão dos agentes de turismo, era uma visita ao Parque Lênin, nos arredores da capital. Um belo espaço, sem dúvida, com mata tropical e lagos, além de prédios para eventos culturais. Bustos diversos por toda parte, de Marx, de Lenin, de Martí, de Ho Chi Minh e outros nomes da esquerda mundial. Mas um tanto abandonado, sem uma barraquinha, por exemplo, onde se pudesse tomar uma água mineral ou uma cerveja. Isso foi em 1982; as coisas devem ter melhorado desde então, no esforço de tornar Cuba em lugar mais atrativo para turistas.

Chegar ao Parque Lênin foi fácil, pois uma van da agência de turismo nos deixou lá. Voltar foi um pouco complicado, pois o pacote só oferecia transporte de ida, coisas de Cuba na ocasião.

Assim, nos conformamos em caminhar um pouco, em pleno sol de meio dia de Havana, até um ponto coberto onde a *guagua* (ônibus) passaria, sabe-se lá quando. Tudo deserto em volta, não só na pista da grande avenida como na calçada onde estávamos. Mas eis que surge, do nada, um homenzinho mulato, com uma sacolinha a tiracolo, bem no estilo daquela que os trabalhadores brasileiros usam para levar suas marmitas. Ele nos olha de alto a baixo e, à maneira habitual dos cubanos, sempre muito amistosos e "dados", logo puxa conversa, querendo saber em que língua estávamos conversando.

Sem deixar de acolhê-lo, também, amistosamente, continuamos a falar em português, desafiando-o a descobrir qual seria nosso idioma, afinal tão próximo do dele. Com mais um pouco seu rosto se iluminou e ele: *portugués, lo he visto*! Aí, já estávamos amigos.

Contou-nos que era pedreiro, prestes a se aposentar, e que já havia trabalhado em *misiones internacionales* na África, em Moçambique e Angola, onde aprendera um pouco do português. Mas gostaria de ter aprendido mais, para melhor conversar com estes dois brasileiros, que honravam o país com sua visita.

Tinha algumas informações sobre o Brasil, não sobre futebol, que não era a sua praia – e nem da maioria dos cubanos, diga-se de passagem. Mas em matéria de música, tinha boas

informações: seus ídolos, confessados com entusiasmo, eram Roberto Carlos e Nelson Ned... Lembrava-se também daquela *guapa muchacha*, que usa saias aqui (apontando o meio das coxas) e tinha um longo cabelo *rojo* e encaracolado. Elba Ramalho! acudimos – e seus olhos brilharam mais uma vez. E nos brindou, num português até aceitável, cantarolando o refrão: *oi tum tum tum, bate corazão*...

Falamos de tudo um pouco, menos de política, o que poderia não ser de bom tom. Falou dos filhos, da mulher e nós contamos das nossas crianças, cujo nome ele até quis saber. Falamos do tempo, do calor que fazia – antigamente não era assim – ele comentou. O capítulo das comidas, quase se transforma num tratado de gastronomia comparativa intercultural. Muito agradável o tal sujeito.

Lá pelas tantas, o pudor foi vencido e resolvemos arriscar: o que você acha de Fidel? Gosta dele?

Ele nos olhou sério, muito sério. Pensei: pronto, desandou a conversa... Antes que me arrependesse de vez de tal indagação, talvez capciosa, ele completou, ainda sério e já meio emocionado, em palavras que tentarei reproduzir em espanhol, por terem se fixado em minha memória, estando ainda presentes trinta e tantos anos depois.

- Amigo, Yo vendia mi fuerza de trabajo em los cañaverales. Ahora, tengo empleo, comida, casa. Mis hijos van a la universidad. Y usted pregunta se me gusta Fidel?

Pano rápido. A *guagua* já chegava e ele iria tomar outra direção.

EPÍLOGO

Minha história acabou? Por certo que não. Até este 30 de julho de 2020, dia em que escrevo estas linhas, ela continua firme e forte. E pretendo que se prolongue.

Mas devo dizer que, por muito tempo, achei a chegada aos 70 anos suficiente para mim, dadas as minhas condições de diabético e pessoa pouco afeita, como Churchill, aos esportes. Não levei em conta o fator genético, entretanto. Meu pai continua vivo aos 101 anos, relativamente bem e minha mãe, com 92, parece apetrechada, apesar de sua fragilidade, a ainda viver por um bom tempo. Mas esta história de eu aspirar chegar apenas aos 70 aconteceu antes de eu conhecer Flavinho e Sophia e também Francisco, Martim e Gonçalo – e isso veio a fazer toda diferença.

Hoje quero mais, bem mais. Mas também quero dignidade e autonomia, além de qualidade de vida, embora tenha dúvidas de que seja possível acumular tudo isso.

A esta altura dos acontecimentos, vivendo ou não mais uma década ou duas – não importa – algumas perguntas certamente se impõem a quem chega a tal etapa da vida: valeu a pena? Fez o que pôde? Não poderia ter feito mais? Deixou amigos verdadeiros? As pessoas terão de você mais as boas do que as más lembranças?

De certa forma, ter escrito tudo isso que aqui se encerra representa uma tentativa de me justificar perante um interrogatório neste suposto tribunal. Mas antes há outra pergunta mais forte do que todas as que estão acima, impertinente esta: alguém vai se lembrar de mim? Pode ser que nem se reúna tal tribunal, portanto.

Mas o certo é que vivi e confessei aqui as minhas vitórias e alegrias, não deixando de incluir alguns pecados menores também. Os grandes pecados certamente embarcarão comigo, secretamente, rumo ao incógnito.

Assim, fazendo um balanço de minha vida, vejo que posso valorizar alguns aspectos dela, os quais, se não respondem às perguntas que fiz acima, certamente ajudam a esclarecer respostas a estas e outras questões que nem consegui formular ainda. Que tal pensar então, nestas palavras finais, em quais foram as pessoas que mais tiveram significado para mim, os acontecimentos mais marcantes em minha vida e também aquilo que realmente tenha significado *boas realizações para o coletivo* que eu tenha feito ou participado?

A lista das pessoas marcantes começa, sem dúvida, por meu avô Altivo. Não sei se ele representa para os demais netos, os que o conheceram pelo menos, o mesmo que para mim. Afinal eu era o primeiro da linha e certamente fui beneficiário de carinho e atenção que não chegaram a ser distribuídos aos restantes. Natural, isso. Mas vovô Altivo foi para mim não só um membro da família presente e carinhoso, mas também uma pessoa que me despertava respeito e admiração, nos seus afazeres de chacareiro, botânico amador, intelectual, patriarca e isso ainda me acompanha, aliás.

Dentro da família a lista continua em meus tios Virgilio e Roberto. Como dizia este último, devo-lhes *finezas*. Para resumir em uma só ideia: me trataram como adultos e iguais desde que eu era pouco mais do que uma criança. Roberto foi presença marcante em minha vida até seu falecimento, em 2006.

Mas atenção, eu tenho na família, nos dois ramos de que faço parte, outras pessoas importantes e influentes sobre minha personalidade. Mas aqui cito apenas aquelas no topo da pirâmide.

Fora da família: José Garcia Brandão e sua filha, Maria Helena. Com o primeiro tive uma amizade de que sempre me orgulhei muito, tendo ele me dedicado não só atenção como compartilhado lições de vida, de uma forma que eu sinceramente gostaria de ter aproveitado mais. A segunda me ensinou coisas como ninguém, em termos de vida e de trabalho. Com ela estou completando no presente momento 40 anos de amizade.

Eliane. O fato de ele ser a pessoa mais citada no índice remissivo destas Memórias já diz bem da importância que ela teve e continua tendo em minha vida. Ela não é só a mãe de Daniela, Mauricio e Fernanda. É uma das pessoas mais inteligentes e perspicazes que já conheci. Seus defeitos são irrelevantes perto de suas qualidades.

Luiza de Paiva Silva. Com ela tive um ápice de vida amorosa que poucas pessoas no mundo talvez tenham experimentado. Infelizmente deixei perder. Precisava de um Goethe ou um Guimarães Rosa para narrar um amor como este. Luiza é a prova de que beleza, inteligência, cultura, sensibilidade podem andar juntas.

Mauro Márcio de Oliveira. Um cara que enche os baldios de sua fazenda com poemas impressos em posters imensos. Preciso dizer mais alguma coisa? Amigo desde e para sempre, não canso de ter insights e epifanias inspirados por ele.

Zaire Rezende, numa só palavra, não precisa fazer força para ser bom. Político fracassado? Jamais! Apenas derrotado por excesso de qualidades.

Flavinho, de repente deste meu filho mais novo mais velho me sai esta figura sagaz, inteligente, estudiosa, curiosa, sensível, acolhedora. Ele me protege dia e noite! Agora estou me preparando para inverter papéis com ele: serei seu filho, tanto que ele me cuida na velhice que avança.

Acontecimentos, não foram poucos, claro, afinal são 72 anos de vida. Mas importantes mesmo foram: meu comparecimento à inauguração de Brasília em 1960; minha opção para o Colegio Universitário em 1966, deixando prá trás a verdadeira zona de conforto do Colégio Estadual; minha bolsa de estudos nos *States*, em 1970; minha opção, junto com Eliane, de deixarmos outra zona de conforto, em BH, para ir para o Oeste, para o interior, em 1974; ser Secretário Municipal de Saúde em Uberlândia, em 1983 e depois em 2003; a opção por morar em Brasília, em 1991; minha participação, hoje meio esquecida, no Movimento Municipalista de Saúde nos anos 80; a construção de minha casa "definitiva" nas Taboquinhas, 2010-11; além, é claro – e principalmente – do nascimento de cada um dos meus cinco filhos, Daniela (1974); Mauricio e Fernanda (1976); Flavinho (2003) e Sophia (2006).

Mas o que produzi de importante, em termos de, digamos, alcance social ao longo de minha vida? Não se trata de modéstia, foram poucas coisas mesmo. Mas em três delas ninguém me tira o orgulho de ter participado, diretamente, com muita crença e afinco. Primeiro, o tal movimento municipalista, no qual ajudei a fundar duas entidades hoje da maior relevância na política de saúde no Brasil, os Conselhos de Secretários Municiais de Saúde de MG e Nacional (Conasems). Tem também o estágio dos alunos de Medicina da UnB em Ceres, depois de três décadas de afastamento da Faculdade deste tipo de atividade; lá encontrando a pessoa certa para viabilizá-lo, meu amigo Vitor Machado (que também pode ser incluído entre aquelas pessoas notáveis citadas alguns parágrafos acima). Por último a criação e operação do blog Saúde no DF, cujo slogan é *A Saúde no Distrito Federal tem jeito*!, no qual, em dois anos

ininterruptos de funcionamento, já botei para circular quase duzentas matérias, todas de minha autoria. Só não me perguntem pela real repercussão e influência disso na politica de saúde desta cidade. Um dia, quem sabe...

E assim encerro. Obrigado a todos que trouxeram a leitura até aqui e mesmo aos que apenas leram este Epílogo, o que já me honra muito.

FIM?

INDICE REMISSO ONOMÁSTICO

1. ADIB JATENE	148 – 303
2. ADOLFO CHORNY	161
3. AFFONSO ROMANO DE SANTANA	283
4. AGENOR MAFRA	216
5. AGENOR (COLÉGIO ESTADUAL)	171
6. AGNALDO PERES	78
7. AGNELO GOULART	17 – 18 – 206
8. AIDA PORTUGAL	209
9. AJAX FERREIRA	184
10. ALCENI GUERRA	148
11. ALCIDES ALVES PIMENTA	108 – 109
12. ALEXANDRE REZENDE	250
13. ALEXSANDER AZEVEDO	320
14. ALFREDO DEMÉTRIO JORGE	130
15. ALFREDO FROES (PAI)	343
16. ALFREDO SILVA	112
17. ALOISIO PIMENTA	46
18. AMARO LUIZ ALVES	223
19. AMAURY FERREIRA	196
20. ANA LUCIA MAGALHÃES PINTO	40
21. ANA MARIA COSTA	157
22. ANA MAZUR SPIRA	329
23. ANDRÉ JACOBINA	295
24. ANDRÉ MENDONÇA	84
25. ANGELITA ANDRADE ALMEIDA CUNHA	38 – 39 – 42 – 204
26. ANTONIO (TOTÔ) MACHADO	246
27. ANTONIO CANDIDO DE MELO CARVALHO	76 – 174
28. ANTONIO CARLOS CEZARIO	153
29. ANTONIO CARLOS MIZIARA	109 – 176
30. ANTONIO CELSO DE MELO CHIARI	78
31. ARNALDO CATHOUD	202
32. ARNALDO GODOY DE SOUSA	218
33. ATHENEIA	234 – 235
34. AUCELIA GOULART	18 – 68 – 344
35. AUGUSTA ROSA GONÇALVES	249
36. AUREA GOULART VELOSO	49 – 185
37. AURESLINDO MACHADO	93
38. AYMORÉ DA BARROCA	45
39. BENEDITO GUILHERME DE MACEDO	72
40. BETÂNIA QUEIROZ ANDRADE	201
41. BOGÓ DA BARROCA	45
42. BRUNO CARLOS ALMEIDA CUNHA	42 – 211
43. CAIO MOREIRA	72 – 226
44. CALIL PORTO	196
45. CARLO AMÉRICO FATTINI	182
46. CARLO GORETTI ZANETTI	163 – 179 – 219
47. CARLOS CATÃO PRATES LOYOLA	148

48. CARLOS DE PAULA ANDRADE	12 – 28 – 208
49. CARLOS DINIZ	82
50. CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	11 – 13 – 56 – 68 – 197 – 295
51. CARLOS GENTILE DE MELLO	114 – 142 – 179
52. CARLOS VAZ DE MELO (PADRE)	24 – 55
53. CARMEN ARAUJO	339
54. CARMEN LAVRAS	296
55. CARMEN LUCIA SOARES AZEVEDO	239 – 240 – 241 – 307 – 309
56. CÉLIA GUERRA	130
57. CELIO (COLEGA)	170
58. CÉLIO DE CASTRO	71
59. CESAR AUGUSTO BARROS VIEIRA	63
60. CHRISTIANE MORELI MACHADO	247
61. CICIDA ANDRADE FROES	33 – 39 – 211 – 343
62. CID VELOSO	49 – 185
63. CIDINHA PIMENTA	296
64. CLARA ANDRADE COSCARELLI	18 – 42
65. CLARA GRIMALDI	57
66. CLAUDIA ANDRADE GOULART	26 – 31 – 38 – 39 – 52 – 205
67. CLAUDIA LUCIA CARNEIRO DE MATOS	142
68. CRISTIANO ANDRADE TEIXEIRA	67 – 268
69. CRISTINA MOORI ANDRADE	201
70. CURUCA	28
71. DALTON LUIZ FERREIRA ALVES	66 – 78 – 213 – 214 – 215
72. DALTON MARIO HAMILTON	161
73. DANIELA GUIMARÃES GOULART	161 – 187 – 242 – 269 – 276 – 328 – 347
74. DANILO COSCARELLI	42 – 48
75. DARIO PASSOS	130
76. DAVI CAPISTRANO	187
77. DEBORA COSCARELLI	18
78. DILMA ROUSEFF	40 – 198 – 265 – 271 – 295
79. DIRCE GOULART	68
80. DIRCEU WAGNER CARVALHO SOUZA	72 – 76
81. DOLORES DUTRA DE MORAES	68
82. DOM ANTONIO SANTOS CABRAL	58
83. DOM ESTÊVÃO CARDOSO AVELAR	142 – 228 – 297
84. DOM MAURO MORELI	144
85. DOMINGOS RADE	196
86. DÔRA (SÃO GONÇALO DO RIO PRETO)	318
87. DUILIO OLIVEIRA SANTOS	11 – 18 – 30 – 202
88. DURVAL GARCIA	319
89. EDGAR GOULART	18 – 211
90. EDIPO MONTEIRO	250
91. EDMILSON CAMINHA	260
92. EDUARDO AZEREDO	295
93. EDUARDO COSTA	77
94. EDUARDO LEVCOVITZ – DADÁ	149 – 162
95. EDUARDO PINHEIRO GUERRA	137 – 225 – 269 – 328

96. ELIANE MACHADO GUIMARÃES	50 – 59 – 67 – 73 – 76 – 88 – 91 – 93 – 115 – 117 – 140 – 161 – 183 – 218 – 224 – 226 – 230 – 237 – 243 – 319 – 341 – 345 – 347
97. ELEONOR CONILL	328
98. ELIZABETH BORGES RODRIGUES	226
99. ELKE MARAVILHA	35 – 37
100. ELMIRA ALFRADIQUE	113
101. ELY DA CONCEIÇÃO	71
102. ENEAS FALEIROS	130
103. ENNIUS MARCUS OLIVEIRA SANTOS	11
104. ERIX CURI MAFRA	46 – 60 – 215 – 216 – 268
105. ESTHER ALVARENGA	218
106. ETEOCES BRANDÃO MONTEIRO	243 – 250
107. EUGENIO MARCOS DE ANDRADE GOULART	14 – 18 – 20 – 23 – 25 – 29 – 37 – 71 – 208 – 255 – 266 – 320
108. EUGENIO VILAÇA MENDES	143 – 297
109. EVANDO QUEIROZ	165 – 218
110. EVANDRO GUIMARÃES DE SOUZA	111 – 128
111. FAMÍLIA ALVES DO VALLE	28
112. FAMÍLIA BARROCA MARINHO	28
113. FAMÍLIA CASTILHO SANTOS	30 – 67 – 202
114. FAVITA	17 – 20 – 25 – 27 – 38 – 47 – 51 – 54 – 59 – 247 – 319 – 347
115. FERNANDA GUIMARÃES GOULART	52 – 161 – 229 – 243 – 244 – 347
116. FERNANDO FIGUEIREDO GOULART	320
117. FERNANDO PIMENTEL	295
118. FERNANDO SABINO	295
119. FLAVIO MORELI GOULART	127 – 130 – 181 – 223 – 239 – 246 – 255 – 268 – 278 – 288 – 328 – 347
120. FRANCELINA PIRES	20
121. FRANCISCO ASSIS MACHADO – CHICÃO	113 – 151
122. FRANCISCO GOULART MONTEIRO	243 – 250 – 269 – 328 – 347
123. GASTÃO WAGNER	138 – 301
124. GERALDO MAGELA (ADVOGADO)	50
125. GERALDO VELOSO (PAI)	49 – 185
126. GERMANA MACHADO	337
127. GETULIO MORATO	127
128. GIGLIOLA MENDES	245 – 249
129. GILBERTO DA NOBREGA SCHWANTES	78
130. GILLES DUSSAULT	329
131. GILSON CARVALHO	154 – 187
132. GLADSTONE RODRIGUES DA CUNHA	183
133. GLADSTONE RODRIGUES DA CUNHA FILHO	90 – 183 – 328
134. GLAUCIA GALANTE BUISSA	130
135. GLAUCIA LANNA	319
136. GONÇALO GOULART REZENDE	245 – 347
137. HAROLDO FERREIRA	196
138. HELCIO LINS WERNECK	46
139. HELENITA TRAVAGLIA	109

140. HELIO TEIXEIRA	184
141. HENRIQUETA CAMAROTTI	100 – 236
142. HERALDO SANTOS ANDRADE	16 – 17 – 203 – 339
143. HÉSIO CORDEIRO	142 – 144
144. HILTON ROCHA	73
145. HIRON DE OLIVEIRA SANTOS	47
146. HOMERO SANTOS	91 – 113 – 128
147. HUMBERTO WERNECK	12 – 58 – 260
148. ILVIO ANDRADE	319
149. INÉS DE CASTRO	226
150. IRIS FERRARI	108
151. ISMAEL FERREIRA DE REZENDE	130
152. ISRAEL PINHEIRO	15 – 50
153. JAMIL HADDAD	147
154. JANSEN CUNHA LIMA	111
155. JAYME ARAUJO OLIVEIRA	141
156. JAYME NEVES	174
157. JERÔNIMO FOGUETEIRO	270
158. JOÃO AMILCAR SALGADO	64 – 183
159. JOÃO BATISTA DOMINGUES	130
160. JOÃO CARLOS PINTO DIAS	179
161. JOÃO DE QUEIROZ ANDRADE	201
162. JOAO FERREIRA GOULART	14 – 16 – 20 – 26 – 38 – 50 – 57 – 59 – 73 – 199 – 208 – 266 – 320 – 321
163. JOÃO LUIZ MONTEIRO	187
164. JOÃO MAURICIO DE ANDRADE GOULART	20 – 22 – 25 – 38 – 50 – 59 – 73 – 199 – 208 – 266 – 320 321
165. JOÃO PEDRO GUSTIN	128
166. JOÃO ROBERTO PIASS	156
167. JOÃO VIRGILINO	120
168. JOAQUIM CARDOSO DE MELO	162
169. JOAQUIM CARLOS MACHADO	337
170. JOAQUIM FONSECA GUIMARÃES	74
171. JOAQUIM MACHADO	337
172. JOFRAN FREJAT	122
173. JORGE MACHADO GUIMARÃES	230
174. JOSÉ CARLOS (SECRETÁRIO)	44
175. JOSÉ DA SILVA GUEDES	149
176. JOSÉ DE OLIVEIRA CAMPOS	184
177. JOSÉ DRUMMOND DE ANDRADE	207
178. JOSÉ ERI MEDEIROS	297
179. JOSÉ EUGÊNIO DINIZ BASTOS	319
180. JOSÉ EUSTÁQUIO BRETAS	339
181. JOSÉ GARCIA BRANDÃO	192 – 224 – 347
182. JOSÉ GOMES TEMPORÃO	162
183. JOSÉ JOAQUIM GOULART (JUCA)	19 – 205
184. JOSÉ MARCOS DUMMOND ANDRADE	18 – 39 – 42 – 204 – 210
185. JOSÉ MARIA BORGES	113
186. JOSÉ MARIA CANÇADO	69
187. JOSÉ MARIA RIBEIRO BASTOS FILHO	78

188. JOSÉ MURILO R. ZEITUNE	66
189. JOSÉ OLYMPIO FREITAS AZEVEDO	218
190. JOSÉ OSMANO – ZÉ LAPICHO	221
191. JOSÉ PEREIRA DE REZENDE	196
192. JOSÉ REINALDO	28
193. JOSÉ SARAIVA FELIPE	144
194. JOSÉ TEUBNER FERREIRA – ZECÃO	111 – 141
195. JOSÉ VIRGILIO MINEIRO	92 – 175 – 180 – 186
196. JOSUÉ IRFFI	48
197. JULIETA AUGUSTA DRUMMOND ANDRADE	12
198. JULIO MULLER NETO	232
199. JUSCELINO KUBISTCHECK	20 – 187
200. KARSTEN MONTAG	227 – 326
201. KLEBER LUIZ DA SILVA	95
202. LAURO GOULART	17 – 18 – 30 - 206
203. LECIO VELOSO	49 – 185
204. LEONARDO DINIZ	109 – 187
205. LETA PIMENTA	109
206. LIA RIBEIRO DIAS	66 – 333
207. LIGIA SANTOS CATHOUD	11
208. LINDIONEZA ADRIANO RIBEIRO	126 – 176
209. LISE GRAVEL	329
210. LOURDINHA GARCIA	319
211. LUCAS CARVALHO	263
212. LUCIA FIGUEIREDO HORTA	224 – 320
213. LUCIA FOSCARINI	187
214. LUCINEIA MORELI MACHADO	239 – 267
215. LUCY MORELI MACHADO	246
216. LUIZ ALBERTO RODRIGUES	116
217. LUIZ CARLOS LEMOS PRATA	195
218. LUIZ OTÁVIO SAVASSI ROCHA	83
219. LUIZ SIQUEIRA FILHO	128
220. LUIZA DE PAIVA SILVA	232 – 233 – 334 – 347
221. LULU BRETAS	339
222. MACRINO	79
223. MAIRA FIGUEIREDO GOULART	320
224. MANOEL TEIXEIRA DE SOUSA	90
225. MARCELA GUEDES	130
226. MARCOS DE OLIVEIRA SANTOS	11
227. MARCOS GOULART	207
228. MARCOS QUEIROZ ANDRADE	18
229. MARCUS MARES GUIA	82
230. MARIA ALVES RIBEIRO	23 – 24
231. MARIA CECILIA DE SOUSA MINAYO	161
232. MARIA DA CONSOLAÇÃO SANTOS	23
233. MARIA HELENA BRANDÃO OLIVEIRA	142 – 151 – 224 – 268 – 347
234. MARIA JOSÉ	161
235. MARIA MACHADO (MARIA DO JUCA)	205
236. MARIA MACHADO GUIMARÃES	319

237. MARIA NAZARÉ ABREU OLIVEIRA	216
238. MARILENA MORELI MACHADO	247
239. MARINA NARCISO	14 – 18
240. MARINA UMBELINA	220
241. MARIO ALVES COUTINHO	43 – 49 – 215 – 344
242. MARITA GUERRA DE ANDRADE	69 – 198 – 225 – 338
243. MARIZA GUERRA DE ANDRADE	67 – 68 – 199
244. MARTIM GOULART REZENDE	245 – 347
245. MATEUS QUEIROZ ANDRADE	18 – 42 – 210
246. MAURICIO GUIMARÃES GOULART	26 – 161 – 204 – 229 – 243 – 266 – 347
247. MAURO MARCIO DE OLIVEIRA	46 – 60 – 215 – 223 – 347
248. MELICÉGENES RIBEIRO AMBRÓSIO	120 – 130 – 176 – 180
249. MESSIAS DA BARROCA	45
250. MICHELE LESSA OLIVEIRA	163 – 178
251. MIGUEL TANNUS JORGE	176
252. MIRON DE MENEZES	180
253. MONICA KAUT	268
254. MOURAD IBRAHIM BELACIANO	125
255. MOZART DE ABREU LIMA	113
256. MYRIAM GOULART OLIVEIRA	13 – 25 – 38 – 205
257. NARCISO JOSÉ DE MELO TEIXEIRA	67 – 68
258. NEIDINHA MONTEIRO	250
259. NELSON RODRIGUES DOS SANTOS – NELSÃO	140 – 145 – 187 – 297
260. NINA CASTILHO SANTOS	202
261. NINA FONSECA	178
262. NIZA LUZ	117
263. OLINTO TRAVAGLIA	109
264. OSCAR VERSIANI CALDEIRA	50 – 77 – 174
265. OSWALDO COSTA	83 – 185
266. OTTO KAUT TEIXEIRA	268
267. PARACATU DA BARROCA	45
268. PATRICIA TAVARES	334 – 336
269. PAULO DANTAS	297
270. PAULO ERNESTO	28
271. PAULO KLEBER AVELAR ARAUJO	73
272. PAULUS CICERO HORTA PESSOA	215
273. PEDRO AUGUSTO DRUMMOND GRAÑA	260
274. PEDRO BRANDÃO OLIIVEIRA	224
275. PEDRO DONATI DO PRADO	192
276. PEDRO GUERRA (TIO)	17
277. PEDRO LUIZ TAUIL	76 – 83 – 107 – 181
278. PEDRO SAMPAIO GUERRA	137 – 225
279. PUBLIO OLIVEIRA SANTOS	11
280. RADUAN NASSAR	285
281. RAMON COSENZA	60
282. RAQUEL ASSAD	220
283. REGINALDO HOLLANDA DE ALBUQUERQUE	74
284. RENATO PATRÃO	196
285. RENATO SOLOGUREN ACHÁ	184

286. RICARDO BORGES	181
287. RICARDO DE FREITAS SCOTTI	151 – 217
288. RICARDO SANTOS ANDRADE	18 – 209
289. ROBERTO MENEZES DE OLIVEIRA	68 – 344
290. ROBERTO REZENDE	250
291. ROBERTO SANTOS ANDRADE	18 – 41 – 200 – 210 – 216 – 321 – 347
292. ROGÉRIO FERREIRA	130
293. ROMULO PAES	28 – 39
294. RONAN TITO DE ALMEIDA	116
295. ROSALI BEZERRA DE SIQUEIRA	249
296. ROSÂNGELA GUERRA DE ANDRADE	42 – 199
297. ROSELI MUNIZ	130
298. ROSENI CHOMPRÉ	186
299. ROSUITA FRATARI BONITO	130
300. RUBENS GALVÃO	130
301. RUBENS ROMANELLI	57
302. SALIM TANNUS	196
303. SAMOEL DE CASTRO	181
304. SANDRA PIRES	20
305. SÃOZINHA GUERRA	225
306. SAULO DA MATTA VIANA BARBOSA	46
307. SÉRGIO AROUCA	142 – 144 – 161 – 298
308. SERGIO MACHADO GUIMARÃES	230
309. SIMONE ARDENGHI COELHO	178
310. SONIA TERRA	190 – 328
311. SOPHIA MORELI GOULART	223 – 239 – 246 – 249 – 266 – 276 – 288 – 328 – 347
312. SUELI NOZELA	130
313. SYLVIA MONTAG	227 – 326
314. TANIA ROSA	127
315. TAVITO DE MELO CARVALHO	174
316. TERESA JULIETA SANTOS ANDRADE	54 – 160 – 208 – 211
317. TEREZINHA DE QUEIROZ ANDRADE	11 – 41 – 200 – 210
318. TIAGO VELOSO	43 – 49 – 185 – 344
319. UILES ROSA	334
320. VANIZE MACEDO	125
321. VILMAR DIAS DA SILVA	82
322. VIRGILIO SANTOS ANDRADE	18 – 42 – 50 – 69 – 198 – 203 – 208 – 338 347
323. VIRGÍNIA BASTOS	319
324. VITOR MACHADO	127 – 217 – 347
325. VOVÔ ALTIVO	11 – 14 – 16 – 18 – 20 – 31 – 38 – 49 – 52 – 56 – 202 – 347
326. VOVÓ DODORA	11 – 17 – 31 – 38 – 52 – 70 – 184 – 198 – 221
327. VOVÓ ERMELINDA	13 – 18
328. VOVÓ TEREZINHA	18
329. VOVÔ ZEZÉ	13 – 17 – 22
330. WALDEMAR (BARBEIRO)	68
331. WALDIR ARCOVERDE	113
332. WALDIR GOULART	18
333. WALTER SIDNEY DA MATTA RIBEIRO	105
334. WILLER GOULART	19 – 45 – 211

335. ZAIRE REZENDE	92 – 118 – 129 – 133 – 142 – 229 – 347
336. ZEZÉ POLESSA	162
337. ZULMIRA HARTZ	327